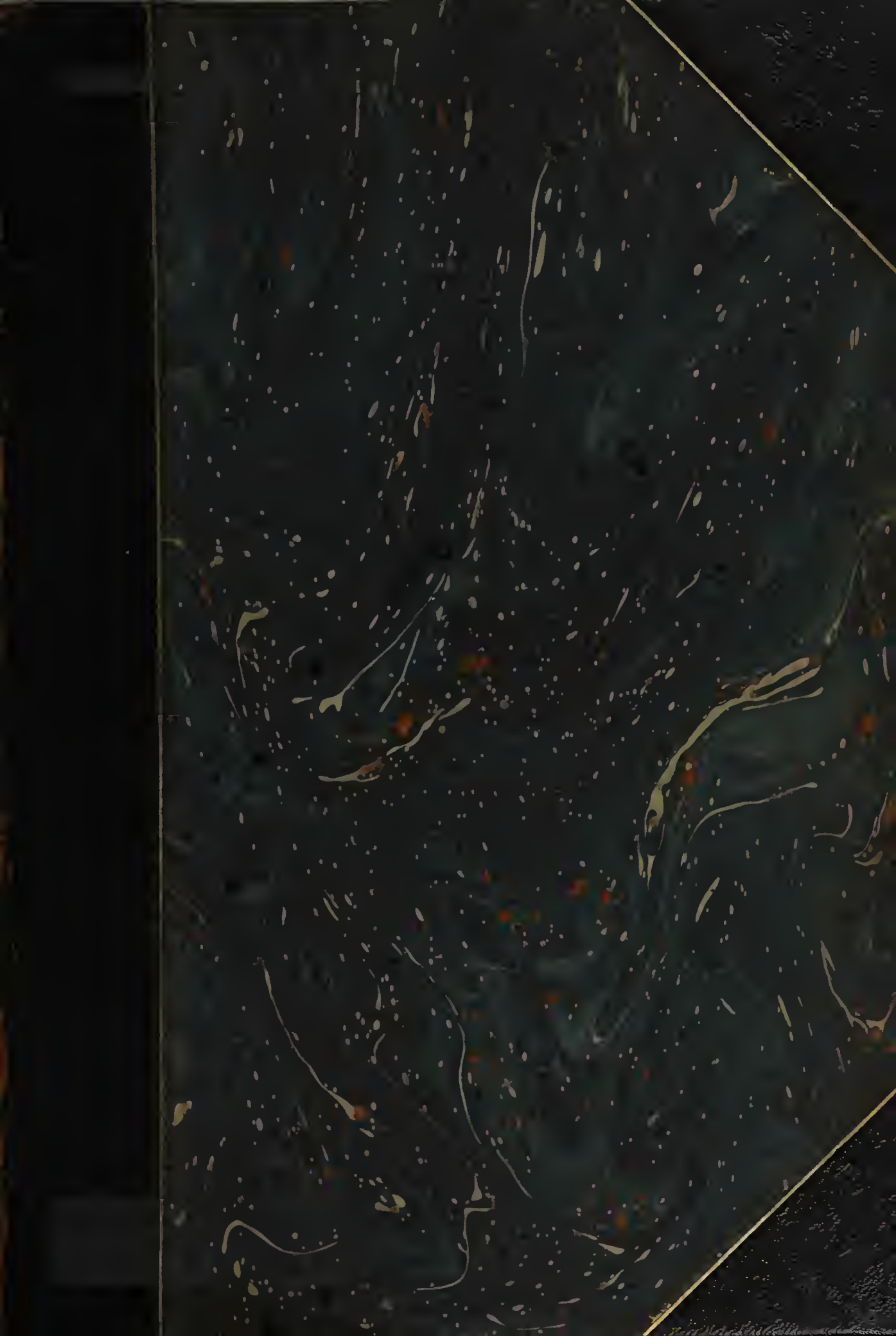
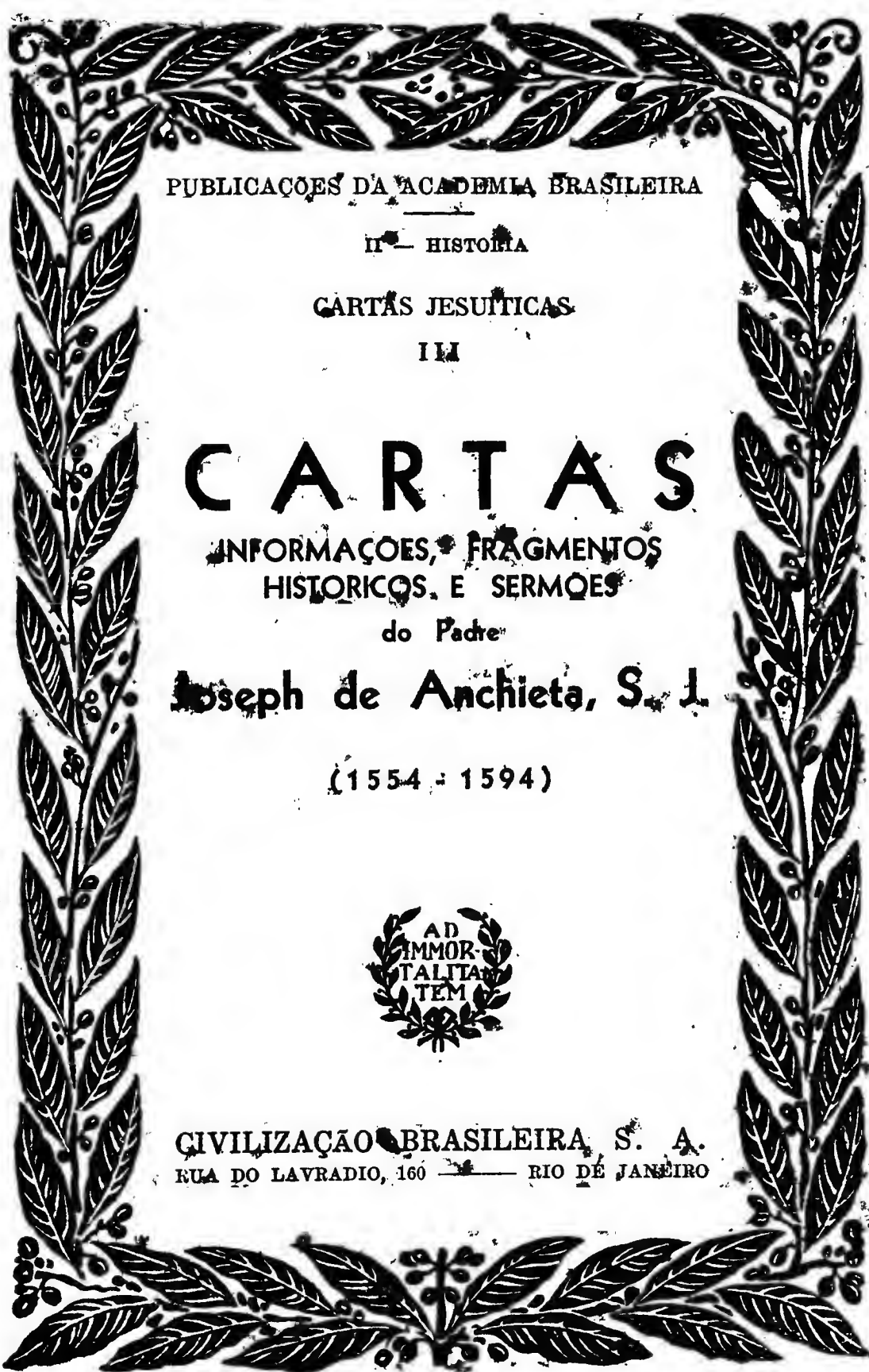




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

II — HISTÓRIA

CARTAS JESUITICAS

III

CARTAS

INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS
HISTÓRICOS, E SERMÕES

do Padre

Joseph de Anchieta, S. J.

(1554 - 1594)



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S. A.

RUA DO LAVRADIO, 160 — RIO DE JANEIRO



A Paulo Prado
com admiração e respeito
do afanisklix04

C A R T A S ,

**Informações, Fragmentos Historicos e Sermões
do PADRE JOSEPH DE ANCHIETA, S. J.**

COLEÇÃO AFRANIO PEIXOTO

(nome dado às suas publicações pela Academia Brasileira, decisão unânime de 25 de Junho de 1931)

BIBLIOTECA DE CULTURA NACIONAL

I — LITERATURA

Publicados:

- PROSOPOPEIA, de Bento Teixeira, 1923.
PRIMEIRAS LETRAS (Cantos de Anchieta. O Diálogo, de João de Léry. Trovas indígenas), 1923.
MUSICA DO PARNASO. — A ILHA DE MARÉ — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.
OBRAS, de Gregorio de Matos: I — *Sacra*, 1929; II — *Lírica*, 1923; III — *Graciosa*, 1930; IV, V — *Satírica*, 2 vols., 1930.
DISCURSOS POLITICO-MORAIS, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, (prefacio de Alberto de Oliveira), 1930.

A publicar-se:

- OBRAS, de Gregorio de Matos: VI — *Ultima*, 1 vol., 1933.
O PEREGRINO DA AMERICA, de Nuno Marques Pinheiro, 2 vols.

II — HISTORIA

Publicados:

- TRATADO DA TERRA DO BRASIL. — HISTORIA DA PROVINCIA SANTA CRUZ — de Pero de Magalhães Gandavo (notas de Rodolfo Garcia), 1924.
HANS STADEN — VIAGEM AO BRASIL (revista e anotada por Teodoro Sampaio), 1930.
DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL (notas de Rodolfo Garcia), 1930.
CARTAS DO BRASIL, de Manuel da Nobrega (notas de Vale Cabral e R. Garcia), 1931.
CARTAS AVULSAS DE JESUITAS (1550-1568), (notas de Afranio Peixoto), 1931.
CARTAS, INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS HISTORICOS E SERMÕES, de Joseph de Anchieta (1554-1591), (notas de A. de Alcantara Machado), 1933.

A publicar-se:

- HISTORIA DOS COLEGIOS JESUITAS DO BRASIL, (notas de Rodolfo Garcia e Afranio Peixoto).
TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL, EM 1587, de Gabriel Soares de Sousa (notas de M. Pirajá da Silva).

III — BIO-BIBLIOGRAFIA

Publicados:

- CASTRO ALVES, por Afranio Peixoto, 1931.
EUCLIDES DA CUNHA, por F. Venancio Filho, 1931.
ALVARES DE AZEVEDO, por Homero Pires, 1931.
JUNQUEIRA FREIRE, por Homero Pires, 1932.

IV — INÉDITA

A publicar-se:

- PEDRO LUIS, por Afranio Peixoto, 1933.



*Retrato de José de Anchieta que se acha na casa matriz da Companhia
no Gesù, em Roma.*

CARTAS JESUITICAS

III

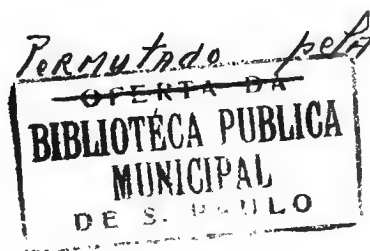
CARTAS,

ormações, Fragmentos Historicos
e Sermões

do

Padre Joseph de Anchieta, S. J.

(1554 - 1594)



1933

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA DO LAVRADIO, 160 — RIO DE JANEIRO



NOTA PRELIMINAR

Reunir suas cartas, seus escritos
varios... é uma dívida que não admite
moratoria.

CAPISTRANO DE ABREU.

Assim terminava o Mestre um dos seus últimos escritos, publicado n'O Jornal, do Rio, em 31 de agosto de 1927, sobre a "A obra Anchietã no Brasil", representando, com autoridade, a consciencia nacional, nestes quatro seculos: uma confissão, uma penitência, uma esperança. Vimos hoje, a Academia Brasileira, havendo reunido essa obra, pagar essa dívida, pelo Brasil.

Com efeito, essa obra estava dispersa, escondida ou inédita.

No livro "Copia de diversas cartas de algunos Padres y Hermanos de la Compañia de Jesus. Recebidas en año MDLV... Barcelona vendese en casa de Claudio Bornat 1556", saiu, em castelhano, uma carta de 1555, (a nossa IV).

Nos "Diversi avisi particolari dall'Indie di Portogallo, ricevuti dall'anno de 1551 fino al 1558 dalli Reverendi padri della Compagnia de Gesù... in Venetia per Michel Tramerzzino, 1559"... saíram, vertidas para o italiano, duas cartas de 55 e 65 (as nossas V e VII).

Nos "Diversi nuovi avisi... terza parte, id. id., 1562", appareceu versão italiana da parte final da importante carta de 1560 (a X das nossas).

Nos "Nuovi avisi... quarta parte, id. id., 1565", ainda em italiano, veio uma de 1562 (a nossa XII).

Na "Vita R. B. Joseph Anchietæ", pelo Padre Sebastiano Be-

NOTA PRELIMINAR

retario, Coloniae Agrippinae, 1617, traduzida do latim em castelhano pelo Padre Esteban Patermina, "Vida del Padre Joseph de Anchieta", Salamanca, 1618, como na "Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta" pelo Padre Simão de Vasconcelos, Lisboa 1672, saíram pequenas cartas de edificação (as nossas XXII, XXIII, XXIV). Em Beretario e Patermina tambem a nossa XXV. Em Vasconcelos, tambem as nossas II, XVIII, XXI.

Publicou o conselheiro Diogo de Toledo Lara Ordoñez, na "Coleção de Noticias para a historia e geografia das Nações Ultramarinas", da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1812, com anotações, o texto integro e original latino da grande carta de 1560 (a nossa X), da qual fizeram tiragem a parte: "Joseph de Anchieta Epistola."... Lisboa, 1799.

O mesmo Conselheiro Lara Ordoñez oferecera á incipiente Biblioteca Nacional, ainda ao tempo do principe regente D. João, o precioso Códice que lhe déra o Marquez de Pombal, livro de Registro de Cartas dos Padres Jesuitas, escritas do Brasil á casa de São Roque de Lisboa, hoje cotado na secção de Manuscritos I, 5, 2, 38, ao qual se refere o catalogo de 1878, t. I, p. 16. Dêle, Vale Cabral e Capistrano de Abreu copiaram "Cartas" de Nobrega e "Cartas avulsas" de Jesuitas, como Teixeira de Melo as de Anchieta.

Nos "Annaes do Rio de Janeiro", de Baltazar da Silva Lisboa, Rio, 3184-5, t. VI, saíram as nossas cartas XI, XII, XVI.

Na "Revista do Instituto Historico", o Conego Januario da Cunha Barbosa publicou, no tomo II, a nossa carta XIV e, no t. III, a XVI.

Teixeira de Melo tentou, pela primeira vez, uma coleção das "Cartas" de Anchieta, tiradas sobretudo do livro de "Registro" aludido acima, e publicou-a nos "Anais da Biblioteca Nacional", t. I, II, XIX e são elas as nossas cartas I, III, VI, VII, VIII, IX, X, XIII, XV, XVII, XXVI, XXVII, XXVIII. Mais tarde, quando Capistrano de Abreu e Vale Cabral empreenderam a coleção de "Materiais e Achegas", a Teixeira de Melo coube as Cartas de Anchieta, anunciadas na capa do primeiro volume da coleção (as

NOTA PRELIMINAR

“Cartas do Padre Manoel da Nobrega”, publicadas e anotadas por Vale Cabral), a saber:

“Cartas do Padre Joseph de Anchieta (1554-1569) publicadas por Teixeira de Melo (em preparação)... De facto no “Diario Oficial”, onde primeiro se publicaram os originaes, que terminariam em volume, começaram a sair, desde 30 de novembro, 1, 2, 5, 7, 9, 13, 16, 17, 22, 24, 26 de dezembro de 1887, 2, 7, 8, 17, 24, 27, 28 e 29 de janeiro, 3, 6, 14, 15, 16, 17, 19 e 27 de fevereiro, 7, 8 e 17 de março de 1888, traduzidas as cartas em português, escoimados os erros, porém mutiladas nas expressões, e até longos periodos, e mesmo paginas, quando a crueza de linguagem podia ofender á decencia dos leitores officiaes do “Diário”. A publicação em volume, porém, nunca appareceu..

Capistrano de Abreu, perto de morrer, já, ha muito, desaparecidos os seus colaboradores, tornou ao proposito. Disso é prova um Códice, que se encontrou no seu espólio literario, e que contém cópia datilografada das publicações do “Diario Oficial” e são, com as omissões aludidas, as nossas Cartas I, II, IV, V, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI. Esse códice de Capistrano que enfeixa as publicações de Teixeira de Melo no “Diario Oficial”, prôva que — ou não conheciam outras cartas — ou só estas iam publicar, como as de Anchieta. Ha a limitação de datas 1554-1569. A limitação diz isso. Será um depoimento ainda mais do valor do nossa volume, muito mais rico de documentos, que vão até 1594.

Em 1897, celebraram-se, em S. Paulo, festas anchietanas e, posteriormente saiu o livro do “Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta”, Aillaud, Paris-Lisboa, 1900, de algumas conferencias, onde vem, em reproducção fac-similar, uma pequena Carta de Anchieta (a nossa XIX). Tambem em 1900, pelo Centenario da Descoberta do Brasil, retraduziu-se a nossa X (a publicada em latim pelo Conselheiro Lara, — vertida em tempo para o português por Teixeira de Melo com o concurso de Martinho Corrêa de Sá, agora pelo professor João Vieira de Almeida): tambem adiante se acha a nossa VII, nesse fasciculo, das “Cartas ineditas”, S. Paulo, 1900.

De Catálogo de Maggs Bros., os conhecidos livreiros de Lon-

NOTA PRELIMINAR

dres, o de n. 429, conheceu-se carta á venda, por iniciativa de Paulo Prado adquirida pela revista paulistana "Terra roxa e outras terras", simbolicamente obtida com café, e oferecida ao Museu Paulista, cujos "Anais", t. III, p. I, a publicaram, em seguida a Gentil Moura, que primeiro o fizera, na "Revista do Brasil", n. XXIII (S. Paulo): é a nossa XX. Dela, e da nossa XVII, já pbl. nos "Anais da Bibl. Nac.", t. XIX, deu notícia Afonso de E. Taunay, no seu opusculo "Antigos aspectos paulistas", S. Paulo, 1927.

Está aí o que havia sobre as cartas: dispersas, escondidas, inéditas algumas em português, a que todas foram trasladadas: temos 28 cartas, numero que dobra o da coleção de Teixeira de Melo-Capistrano de Abreu, apenas de 13. Não é pequena a vantagem.

Quanto ás outras obras em prosa, a história será menos delongada. Da Biblioteca de Evora tirára preciosas cópias F. A. Varnhagen, que as oferecêra ao Instituto Historico e Geografico Brasileiro, para a sua "Revista" (t. VI, etc.). Capistrano de Abreu, de cópias mais fieis, constituiu o primeiro volume da coleção de "Materiais e Achegas para a Historia e Geografia do Brasil", attribuindo-as, deliberadamente, a Anchieta, sob o título: "Informações e Fragmentos Históricos do Padre Joseph de Anchieta (1584-1586), com introdução e notas de Capistrano de Abreu, Rio, 1886".

Consta de "Informação do Brasil e suas capitânias"; "Informações da provincia do Brasil para Nosso Padre"; e "Fragmentos históricos", excerptos recolhidos das "Anotações" de Anchieta, a que se refere Simão de Vasconcelos e que Antonio Franco aproveitou na "Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Colegio de Coimbra": são esses os nossos números XXIX, XXXII, XXXVI.

A "Revista do Instituto Historico", no seu tomo VIII, publicou a "Informação dos casamentos dos indios do Brasil", segundo copia de Evora, obtida por Varnhagen, e attribuida a Anchieta: é o nosso número XXXIII.

Tambem nesta revista saiu "Trabalhos dos primeiros jesuitas no Brasil", t. LVII, que Capistrano, de uma sua cópia, intitulou "Informação dos primeiros aldeamentos da Baía", sem ou-

NOTA PRELIMINAR

sar attribuí-la a Anchieta, o que faz, com as razões apresentadas, o sr. Antonio de Alcantara Machado, o nosso anotador: é o nosso n. XXX.

No t. XIX dos "Anais da Biblioteca Nacional" apareceram a "Informação do Padre Gonçalo de Oliveira" e a "Resposta do Padre Joseph de Anchieta": são os nossos ns. XXXIV e XXXV; e também a "Breve Narração das coisas relativas aos collegios e residencias da Companhia nesta provincia brasilica no ano de 1584", em latim, vertida para o vernaculo pelo professor João Vieira de Almeida e publicada no fasciculo das "Cartas inéditas", S. Paulo, 1900: é o nosso n. XXXI.

Finalmente, os Sermões. Um, de 1568, (nosso n. XXXVIII) foi publicado na "Revista do Instituto Histórico", t. LIV, pelo Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, segundo fotografias tomadas do original (então em Antuerpia), oferecidas ao Instituto pelo Barão do Rio Branco.

O outro é "inédito" (nosso n. XXXVII) e joia desta publicação, graças á caridade do revmo. padre Luiz Gonzaga Cabral S. J., que nos deu tal primazia, cópias fotográficas por ele tomadas na Belgica, em Bruxelas, no "Archives Générales du Royaume", onde se acha o original "Archives Jesuitiques Province Flandro-Belge, Carton n. 1431-1437": nunca lhe agradecerei bastante este favor, de insigne a humilde anchietano, a quem assim gratificou.

Isto, a obra em prosa: a obra em verso, o que podemos conseguir, em vernaculo, tudo o que até hoje se tem attribuido e se pôde attribuir a Joseph de Anchieta, já a publicamos nas "Primeiras Letras", Rio, 1923, primeiro volume de nossas publicações (*).

(*) Os "Cantos de Anchieta", neste livro, constam das seguintes poesias: "Ao Santissimo Sacramento", "Carta da Companhia de Jesus ao Serafico S. Francisco"; "Da Resurreição"; "De S. Mauricio"; "S. Ursula"; "Villa"; "Poesia": "Entraí ad altare Dei..."; "Cantos"; "Poesia": "Para que queres andar"...; "Poesia": "Muito ha que desejamos"...; "Poesia": "Soberano principal"...; "O Pelote Domingueiro"; "Recebimento que fizeram os Indios de Guaraparim ao Padre Provincial Marçal Belliarte"; "Dansa de Dez Meninos"; "Assumpção"; "Dia da Assumpção"; "Seis Selvagens que dançam os Chatis"; "Reritiba"; "Cantiga": "Nós, que perdidos estavamos, vos amamos"; "Cantiga": "Mãe de Deus mui formosa"; "Poesia": "Nós também somos amantes"...; "Outra Poesia": "Quem conhece a Deus"...; "Tu

NOTA PRELIMINAR

Eis aí tudo o que podemos lograr: o disperso, reunido; o escondido, descoberto; o inédito, publicado. E' a dívida, já sem moratoria, paga finalmente. Outros pagarão os juros, de novas contribuições, é possível; mas o principal, o devido, aqui está.

Quando a gratidão, aos santos da Companhia de Jesus, — porque disse o nosso Anchieta, dos seus: “Convem ser santo para ser da Companhia” — que educaram e criaram o Brasil infante — nos levou á publicação dos tomos das “Cartas Jesuíticas”, tivemos o propósito, simbolicamente, de interessar, na empresa, a todo o Brasil.

A Rodolfo Garcia, pois que já nos faltava Capistrano de Abreu, pdi as anotações das “Cartas do Padre Manuel da Nobrega”, (o primeiro daquelles santos,) pois representa, o sabio historiador, a escola tradicional de seu mestre, fundadora dos estudos jesuiticos no Brasil: êle renovou a obra de Vale Cabral, no I tomo das nossas publicações jesuíticas.

O II tomo, o das “Cartas Avulsas”, coube á Academia Brasileira, que promovera tais publicações e, por faltar outro, o mais humilde dos seus empreendeu, por contraste, anotar os escritos desses vinte e tantos Apostolos da Companhia, no Brasil: o essencial, a obra d'Eles, foi enfim publicada.

A nova geração, não podia esquivar-se, e, por isso, um joven anchietano, — anchietano já de quarta geração, — pois que pai, avô e bisavô, Alcantara Machado, Brasilio Machado e J. J. Machado d'Oliveira já eram devotos do santo — o Sr. Antonio de Alcantara Machado, consagrado pela Sociedade Capistrano de Abreu com um premio, á sua memoria, “Anchieta na Capitania de São Vicente”, foi escolhido, para as anotações deste volume: não esqueci que era a sua terra de São Paulo que devia tal oblação a Anchieta. Ele, como mestre que se revela, cumpriu o seu mandato, nas mais

pinambá”; “Dos Mystérios do Rosario de N. Senhora”; “Jesus na festa de S. Lourenço”; “Dança que se fez na procissão de S. Lourenço de 12 meninos”; “Poesia”: “Menino muito formoso”. (pags. 23-201). Foram os materiaes escolhidos principalmente de Mss. do Inst. Historico, do Rio de Janeiro, ns. 2105 e 2106, copias do Dr. João Franklin Massena, obtida em 1863 em Roma, nos arquivos de Gesù, matriz dos Jesuitas, além de outra copia do Barão de Arinos comunicada a Mello Moraes Filho. Op. cit., p. 19-22.

NOTA PRELIMINAR

de 700 exaustivas e sábias anotações deste livro: além disto, traslados e traduções de cartas, tudo perfeitamente feito. Ao merito de se juntar tal volume, êste de o esclarecer e agora o de publicá-lo: encarecemos nosso contentamento.

Além da caridade do Padre Luiz Gonzaga Cabral, S. J., nunca bastantemente louvada, nos agraciou a do Padre Cesar Dainese S. J., com a da "Bibliografia de Anchieta", por Sommervogel-Rivière, haurida na sua livraria do Colegio Anchieta, de Friburgo; o Padre Murilo Moutinho S. J. nos favoreceu com uma nota ás "Informações", de Capistrano. Afonso d'Escragnolle Tauxay, sábio historiador e academico, buscou-nos, no seu Museu Paulista, alguns valiosos documentos iconográficos. A todos vai o reconhecimento da Academia Brasileira, que acredita, mais que nunca, representar o Brasil. Em posfácio, A. de Alcantara Machado nos dá preciosa suma da vida do apóstolo.

Joseph de Anchieta, já Veneravel, talvez seja Santo da Igreja, para 1934, data do IV Centenario de seu nascimento terreno. Será o primeiro santo nacional.

Como bons romeiros, muito de propósito, para chegar primeiro, chegamos de véspera, nesta homenagem, que é uma oração pela nossa Patria, a quem Ele deu a vida, o apostolado, a santidade.

Rio, 1933.

A. P.

A OBRA DE ANCHIETA NO BRASIL

(Artigo de Capistrano de Abreu, alludido e citado, que saiu n' "O Jornal", do Rio, de 31 de agosto de 1927).

José de Anchieta (escrevia-se tambem, Anxeta e Anxieta, o que fixa a pronuncia), aportou á baía de Todos os Santos, em julho de 1553, na companhia de D. Duarte da Costa, segundo governador do Brasil, do padre Luiz da Grã, futuro provincial dos Jesuitas, de varios padres e irmãos da ordem.

Natural de Tenerife, filho de pai biscainho e mãe guanche, incidentes desconhecidos levaram-no cedo á Coimbra, aonde começou

A OBRA DE ANCHIETA NO BRASIL

os estudos. Seduziu-o a fragancia da recém-fundada Companhia de Jesus, e, aos 17 anos, alistou-se na milicia de Loiola. Vinte contava ao ser expedido para o Brasil, mais propicio, no entender das autoridades de além-mar, ao seu estado valetudinario.

Na cidade da Baía estavam apenas o padre Salvador Rodrigues, moribundo que só esperava a permissão do superior para passar á vida melhor e Vicente Rodrigues, irmão da primeira leva de 49, que servia de enfermeiro e ensinava a rezar. Um semestre bastara ao padre Manoel da Nobrega para prever os tristes sucessos que não tardariam a provocar o novo bispo e sua clerezia. Assim aproveitara-se do navio em que Tomé de Sousa ia visitar as capitancias de baixo e deixou-se ficar na de São Vicente.

Pouco depois chegou á capital, o padre Leonardo Nunes, que por mandado de Nobrega conduziu a Anchieta e quasi todos os outros para o sul.

Na sua ausencia Nobrega tinha transposto a serra de Parana-piacaba e escolhido logar para seus subditos se recolherem e trabalharem na conversão dos Indios sem os inconvenientes da marinha. Deixando a borda da mata, com a vila de Santo André, erigida pelo governador geral, procurou os campos de Piratininga, já conhecidos de Martim Afonso. Atraia-o a proximidade do rio Tieté, caminho do Paraguai, sobre o qual fundara e algum tempo nutriu esperanças, levado de informações favoraveis quanto á docilidade do gentio e facilidades de catequizá-lo.

No dia da conversão do apóstolo do gentio, a 25 de janeiro de 1554, lançaram-se os fundamentos da actual cidade de São Paulo, em Piratininga. Anchieta esteve presente.

Em breve começaram a aparecer os quilates de noviço. As solidas humanidades que adquirira indicaram-no para a redacção das cartas quadrimestres. Fez-se professor de primeiras letras, de latim, não só de irmãos como de sacerdotes, o padre Manoel de Paiva, por exemplo, superior da missão. Para suprir a falta de livros de ensino perdia parte da noite a trasladá-los. Fazia peças manuais proprias ao escambo com os vizinhos que ajudaram a minguar a fome. Sua actividade fisica e sua actividade intelectual não conheciam fadiga.

Se em sua casa de Tenerife o basco era a lingua de familia fica explicada a facilidade com que aprendeu o tupí, lingua de estructura congenere e reduziu-a á gramatica.

O mesmo succedera ao padre João de Aspilcueta Navarro. “O padre reza uma carta de Nobrega, de 10 de agosto de 1549, menos de um semestre depois da chegada com Tomé de Sousa, “o

A OBRA DE ANCHIETA NO BRASIL

padre já sabe, a lingua deles, que, ao que parece, se conforma com a biscainha, de modo geral que com eles se entende”.

A arte da lingua ainda manuscrita, foi tornada, revista, obrigatoria desde 1560, pelo padre Luiz da Grã. Revista diuturnamente por entendidos, foi impressa a primeira vez em 1595; no ultimo quartel do seculo passado reimprimiu-a e traduziu-a Julius Platzmann, benemerito alemão a quem os estudos americanistas tanto devem.

O prestigio de Anchieta junto a Nobrega, já Provincial da Companhia de Jesus, manifestou-se no chamado armistício de Iperoig. As hostilidades entre os moradores de São Vicente e os Tamoiós, Comarcãos do Norte, subiram a tal ponto que Nobrega, devidamente autorizado pelos da governança da terra, foi se estabelecer entre eles, como refem, a ver se os pacificava. Tropego, gago, ignorante do falar indigena, precisava de auxiliar que lhe realçasse a figura veneranda e levou consigo Anchieta. As negociações depois de cinco meses deram resultado satisfatorio. A este episodio prende-se o poema latino que Anchieta, refem unico, isolado, nos ultimos meses, pois Nobrega julgou oportuno dirigir as negociações de São Vicente, fez voto de consagrar á Virgem se conseguisse atravessar incolume as tentações da carne.

O poema foi impresso e reimpresso nos livros de Simão de Vasconcelos. Este pinta o poeta escrevendo na areia com uma varinha: “compunha os versos e logo, virando-os á praia, fazia dela branco papel em que os escrevia para melhor metê-los na memoria.” Dispensa-nos de calcular o tamanho das letras e da caneta a narrativa singela de Pedro Rodrigues, segundo o qual Anchieta fazia os versos passeando á beira-mar, decorava-os e assim ao voltar para o povoado não lhe custava passa-los em papel. O feitiço mnemonico dos metros facilitava a passagem.

No ano seguinte de 64, consumiu Nobrega e portanto seu imprescindivel auxiliar, em organizar a empresa de Estacio de Sá, mandado sem recursos suficientes, a fortificar o Rio de Janeiro, abandonado depois da derrota dos franceses em 1560. A armada, quasi inteiramente devida aos seus esforços, o Provincial juntou dois Jesuitas: Gonçalo de Oliveira, sacerdote e José de Anchieta, irmão. A este quiz fazer superior, mas cedeu ás suas observações e a despedida, perante a comunidade, declarou: o padre por ser sacerdote, será superior, mas lembrar-se-á, pois o irmão foi seu mestre, do respeito e reverencia que lhe deve ter e de tomar seus conselhos.

A eficacia do armistício de Iperoig, patenteou-se logo aos mais septicos; de Bertioga á barra da Guanabara não apareceram

inimigos; os Tamoios das cercanias, realmente, pacificados, preferiram retirar-se para o sertão a fazer causa comum com os parentes do Rio de Janeiro e Cabo-Frio.

Depois de assistir aos primeiros dias da instalação da futura cidade, do que uma carta sua, infelizmente muito mutilada pelo tempo, é o unico documento conhecido, Anchieta seguiu para a Baía a tomar ordens sacras. De caminho visitou a casa e as aldeias do Espirito-Santos, segundo ordem do superoír.

Da Baía, já clérigo de missa, voltou com Mem de Sá, terceiro governador, com o bispo, d. Pedro Leitão, seu antigo colega de Coimbra, com Inacio de Azevedo, primeiro visitador da Companhia. Com esta armada Mem de Sá esmagou os Tamoios, ainda resistentes e os Franceses espalhados pelas aldeias e mais perigosos agora que na derrocada da fortaleza de Villegaignon. Da entrada da barra transferiu a cidade para a mata secular do morro do Castelo, de pitoresca memoria.

Nesta estadia autores jesuitas inserem a historia de Boulés, o Jean Cointa da narrativa de Léry, francês, fidalgo e hereje condenado á pena ultima. O carrasco mostrava-se bisonho no officio: o hereje reconciliado de fresco ,podia explodir em blasfemias e reincidir nas mesmas erronias. Anchieta, para evitar a perda de uma alma que conquistara, substituiu o corrascó. Desta historia pouco edificante, têm-se aproveitado os inércus e protestantes. Será verdadeira? Manca pelo menos num ponto capital: Boulés não morreu no Rio, mas na India, para onde foi mandado depois de anos de vida ruidosa no Brasil e de um processo rigoroso no Santo Officio de Lisboa. Se vitima houve não foi certamente ele.

No Rio ficou Manoel da Nobrega como reitor do novo Colegio e poucos anos mais viveu. Anchieta seguiu para o Sul, nos anos seguintes aparece como superior de São Vicente ou Piratininga ou simples sacerdote, descendo rios encachoeirados como o Tieté, de que um salto ainda perpetúa sua lembrança, perambulando na infindavel praia de Itanhaem, que ainda hoje guarda o aspecto sob que Anchieta a conheceu, ideando e representando autos, especie de antecipação de cinema, literatura para quem não sabia ler, poetando em quatro linguas tupí, latim, português e castelhano.

A Companhia possuía embarcação propria para os Provinciaes inspecionarem a provincia e os superiores locais irem ás congregações da Baía. Naturalmente assistia a uma dessas congregações na cidade de Salvador, quando recebeu a nomeação de provincial em 1577.

A nomeação só surpreendeu a ele.

Em toda a provincia ninguem o ingualava em credito. A Roma

A OBRA DE ANCHIETA NO BRASIL

chegaram como pregoeiros suas proprias cartas, tão instrutivas sempre que podia forrrar-se dos padrões obrigatorios e as impressões levadas por Inacio de Azevedo, deixaram-no assinalado.

No decurso de seu provincialato chegou ao Brasil o segundo visitador dos Jesuitas, Cristovão de Gouvêa. Com este veio Fernão Cardim que assim descreveu o Provincial em uma carta para o reino: “o padre vinha de traz, a pé, com as abas da cinta, descalço, bem cansado; é este padre um Santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma coluna grande desta provincia e tem feito grande cristandade e conservado um grande exemplo: de ordinario anda a pé, nem ha retirá-lo de andar sendo muito cnfermo. Enfim, sua vida é *verê* apostolica”.

Concluido o provincialato, em que o substituiu Marçal Beliar-te, foi-lhe permitido escolher a residencia que quizesse, mas educado na escola da obediencia preferiu ficar ás ordens de Fernão Cardim, feito reitor do Rio de Janeiro. Convenceram-se então que não era o invalido que supunham, e do Rio passaram-no á capitania do Espirito Santo, como superior e depois como simples missionario.

Este periodo aproveitou em escrever apontamentos sobre as missões da Companhia e alguns dos missionarios já falecidos. Conhecem-se apenas excertos, conservados em Pero Rodrigues, Simão de Vasconcelos e Antonio Franco, verdadeiramente admiraveis. Se o livro não estiver definitivamente perdido e vier algum dia á luz, será um regalo, ver-se-á que psicologo penetrante era o apostolo do novo mundo. — Que pena soubessem melhor, ao paladar da época, as gemadas de Simão de Vasconcelos!

José de Anchieta morreu a 9 de julho de 1597, em Reritiba (*Reritiba*, ostreira), crismada Benavente na reação pombalina, hoje Anchieta, Estado de Espirito-Santo.

A fama do taumaturgo que já tinha em vida, acompanhou-o ao tumulto; desde logo começaram a ser notados e autenticados seus milagres. Numerosas biografias foram escritas, das quais a mais antiga, a de Pero Rodrigues, foi publicada pela Bibliotheca Nacional.

A historia postuma de José de Anchieta merece vir á luz.

Reunir suas cartas, seus escritos varios, em prosa e verso, é uma divida que não admite mais moratoria.

INTRODUÇÃO

BASTARIA talvez o artigo de Capistrano de Abreu, que reproduzimos, no fim da precedente nota preliminar, para introdução deste volume: ele resume “a obra de Anchieta no Brasil”. O nosso escôpo, aqui, é mais modesto: apenas o da apresentação da obra literaria subsistente, de que este livro é maior parte, nunca reunida.

*

Anchieta... Foi Capistrano de Abreu quem rectificou a pronúncia que, antes dele, ainda pelo fim do seculo passado, era aqui *Anquiêta*. Insistia então, no que repetiu no primeiro periodo desse último escrito, sobre o Apostolo: “Anchieta (escrevia-se tambem *Anxeta* e *Anxieta*, o que fixa a pronúncia)”. Ficou “*Anxiêta*”.

Entretanto não é tudo. Primeiro, o “ch” basco tem som de “tx”; portanto será “*Antxieta*”. Mas, ha mais: os que escreviam pela ortografia, escreviam “*Anchieta*”, mas, os que escreviam pela prosódia escreviam “*Ancheta*” ou “*Anxeta*”, sem “i”. Esse “i”

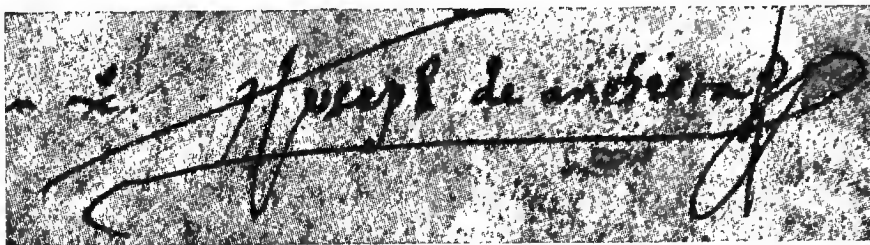


Fig. 1 — Ampliação da assinatura de Anchieta, que escreveu *Anchiêta* (Carta XIX), segundo o fac-simile pbl. no Livro do “Centenario do P. Joseph de Anchieta, Paris-Lisboa, 1900.

que nos faz hoje fechar o “e”, circunflexo, “*Anchiêta*”, é que parece errado, porque é o proprio Apóstolo que acentúa, com acento grave, esse “e”, como para não fechá-lo expressamente, ao que o “i”

INTRODUÇÃO

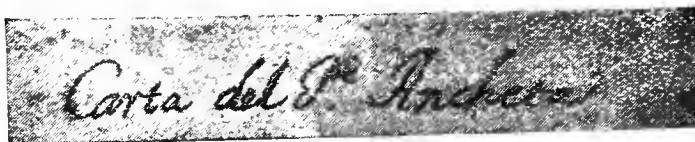


Fig. 2 — Cota do manuscrito de Anchieta, que está no Museu Paulista, onde mão contemporânea escreveu "Ancheta"

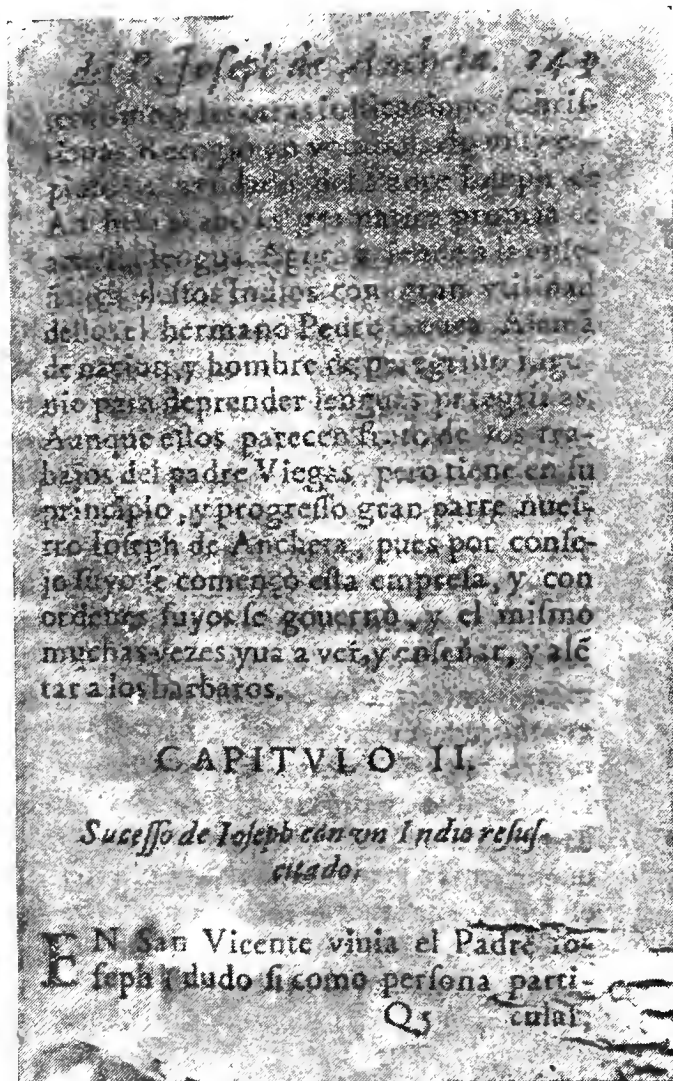


Fig. 3 — Pagina do livro "Vida del Padre Joseph de Ancheta", Salamanca, 1618, do P. Esteban Patermina, no qual, nem uma vez, se escreve o nome do Veneravel, de outra maneira: sempre, e aqui mesmo, nesta amostra, tres vezes: "Ancheta".

INTRODUÇÃO

parece conduzir. De onde, talvez outros escrevessem, como pronunciavam: “*Anchieta*” ou “*Anxeta*”. Portanto: “*Antxeta*” nos parece a maneira de pronunciar o nome do Veneravel, pelos seus contemporaneos.

Dessa reivindicação ortoépica, completando a de Capistrano, temos varios documentos. Primeiro, a assinatura de Anchieta, na sua carta a Schetz (a nossa XIX). Segundo, a nota do verso de uma das cartas autógrafas do Museu Paulista, onde mão contemporanea escreveu “*Ancheta*”. Finalmente, em livros espanhóis contemporaneos, dos quais um é muito significativo. Na “Vida” do padre Beretario, em latim, é sempre “*Anchieta*”. Na tradução, em castelhano, desse livro, o padre Patermina escreve sempre, não como lia, mas como ouvia: “*Ancheta*”. Como quer que seja, não é possível, escrevendo “*Ancheta*”, ler “*Anchieta*”, como nós pronunciamos, e não devemos mais pronunciar.

Anchieta sim, escreve-se, mas é “*Antxeta*” que se deve pronunciar.

*

Refere Teixeira de Melo que o pai de Anchieta saíu foragido de Espanha, a acoutar-se das perseguições do Imperador Carlos V, nas ilhas Canarias, vindo da provincia de Biscaia. “Incidentes desconhecidos levaram-no cedo (ao filho) a Coimbra, aonde começou os estudos”, diz Capistrano de Abreu.

E’ óbvio que procurasse para o filho estudo em Portugal, se, em Espanha, fôra perseguido. Daí a lenda “lusitana”, referida por Simão de Vasconcelos, que o quisera nascido no Reino, e não em Tenerife...

Nas “*Cartas Avulsas*” mostramos que João de Azpilcueta Navarro, era primo de São Francisco Xavier, cuja mãe fôra Dona Maria de Azpilcueta, e cujo irmão mais velho tinha o mesmo nome do nosso Padre Navarro. Simão de Vasconcelos pretende, para Anchieta, o parentesco com Inacio de Loiola, primo de Xavier; portanto, o nosso santo parente de dois santos.

E’ verdade. Recentemente, Adolphe Coster, no seu livro *Juan de Anchieta et la famille de Layola*, Paris, 1930, conta, documentadamente, as relações dificeis e intrincadas, inimigos e reconciliados, entre os Anchieta e os Loiola, personagens nobres, abastados e parentes. Juan de Anchieta, musico de talento, chantre da Capéla Real sob Fernando e Isabel, mestre do Infante Don Juan, conego prebendado, influente reitor, — ambicioso, e, por isso, abastado, — era primo germano de Beltran de Oñas y Loyola, pai de Santo Ignacio. Quando Juan de Anchieta morre, em 1523, no seu

INTRODUÇÃO

testamento se preocupa com outro Juan de Anchieta, "*mi hijo*"... e lhe deixa bens "*com que se crie y se alimente y tenga con qual estudar e para su casamiento...*" (Ob. cit., p. 290). E' esse joven, em 23, que, em 34, bem moço ainda, vai ser o pai de José de Anchieta?

Depois da morte do reitor, o primeiro João de Anchieta, — e por causa de sua sepultura e legados religiosos, — interminaveis, multiplos, complicados e esviscerados processos se realizaram, terminados com a vitória dos parentes inimigos, da familia Loiola, humilhados os Anchieta. Inácio Oñas de Loiola já não era do século, e sim da penitência, antes de ser da Companhia. A Azpeitia, cidade natal das familias contendoras, vencedores e vencidos, não poderia tornar o rebento ausente destes, talvez, por isso, até afastado de Espanha, em Tenerife. João de Anchieta se casa com D. Mencia Dias de Claviko Llerena, de nobreza local; em Laguna, lhes nasce, terceiro filho, no dia de S. José, (19 de março) de 1534 o nosso José de Anchieta.

Daí, se assim foi, os estudos deste em Portugal, e não em Espanha. Em Coimbra os Jesuitas haviam de atraí-lo. E na mesma ordem, por diferentes caminhos, se ajuntaram os primos "inimigos", "algum tempo encontrados", diz Vasconcelos, (como diríamos hoje "desencontrados", os dois ramos Anchieta e Loiola) agora para sempre, juntos, em Cristo. As linhas tortas por que, dizem, Deus escreve certo.

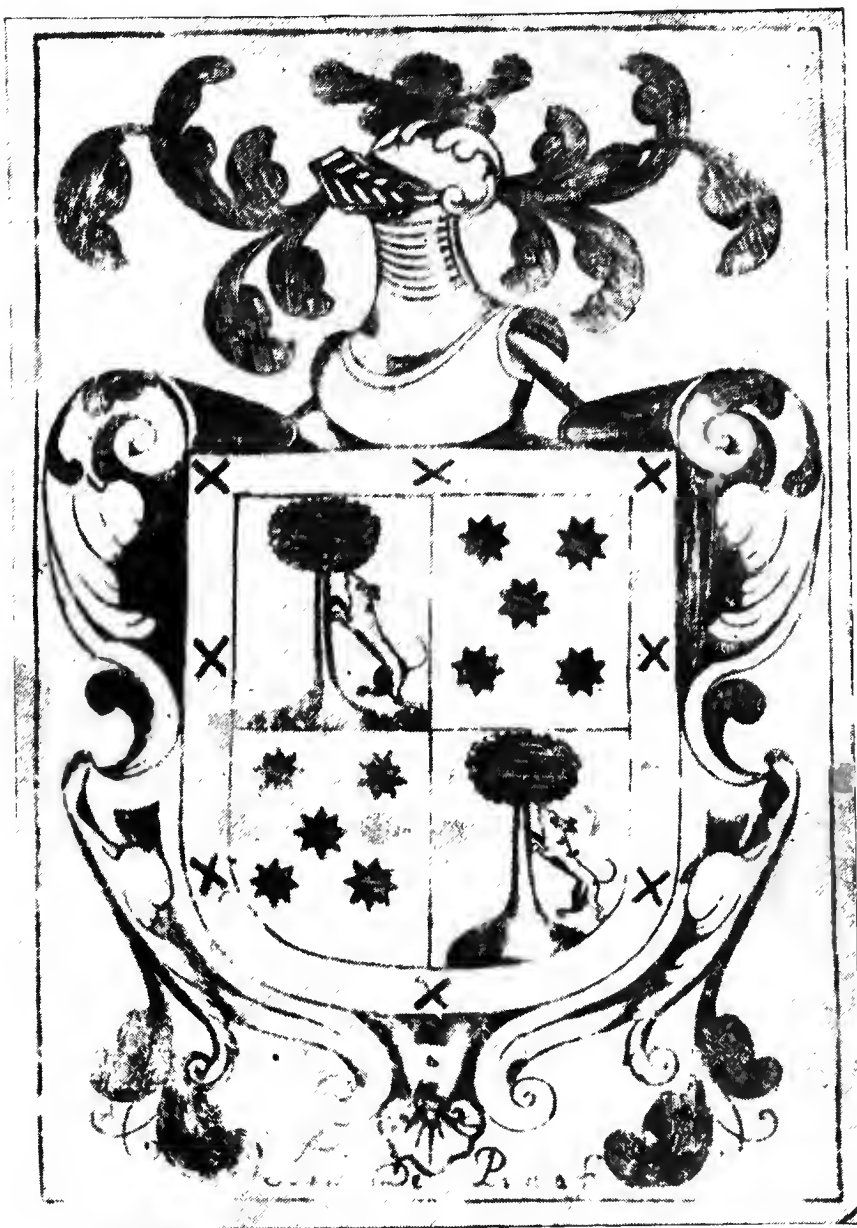
*

De compleição franzina e doentia, o Brasil lhe foi destinado, pelo bom clima, de que já tinha fama e que viria a encarecer, em cartas e informações. Os talentos precoces, em castelhano e português, haviam de fazê-lo escrivão de cartas, redactor de informações, a mando dos superiores; de latino, dariam para poetar á Virgem e para ensinar a padres e irmãos; na lingua da terra ia ser maravilha. Pretende Capistrano, arrimado em Nobrega para Navarro, que o ser biscoinho lhe facilitaria a tarefa, linguas de estrutura congênere. Facilitar não é tudo.

As orações, a doutrina, as perguntas de confissão... que o Padre Azpilcueta primeiro, com bons linguas de Porto Seguro, verteu em tupi, seriam redigidas, e Anchieta, e, depois dêle, outros acrescentaram e aperfeiçoaram a obra comum, destarte coletiva, pela colaboração.

Assim, até o Catecismo Jesuita de catequese.

Entretanto, a obra pessoal de Anchieta sobrava, e, muito mais



Brazão da família de José de Anchieta

No 1º e 4º quartéis: em campo de ouro uma árvore de sinople (verde) e um lobo saltando da sable (preto).

No 2º e 3º cinco estrelas de ouro com santos e em campo de Olan (azul).

Na bordadura com campo de goles (vermelho) oito cruzetas de ouro.

INTRODUÇÃO

que versões e traslados, ia ele empreender: foi a gramática da lingua geral.

Quando, em 1560, o Padre Luiz da Grã torna á Baía e dá novo alento á catequese, ao ensino dos brancos, ás leituras dos pa-



Fig. 4 — Reprodução da primeira pagina da Artinha de Anchieta (exemplar da Biblioteca Nacional)

INTRODUÇÃO

dres e irmãos, diz, numa carta, Rui Pereira: "Alem disto ordenou em casa que houvesse cada dia uma hora de lição da lingua brasílica, que cá chamamos "grego"; e ele é o mestre dela pola saber entender e explicar suas regras melhor que todos, posto que sejam mui boas lingoas." (*Cartas Avulsas*, XXXIX). Dissera o Padre João de Melo: "Logo que o Padre aqui chegou, ordenou que em casa se lêsse a arte da lingua brasílica, que compôs o irmão Joseph; o mesmo Padre é o mestre e está tão exercitado e instruido nela que leva a vantagem nas cousas da arte aos mesmos lingoas. Desta lição nem reitor, nem prégador, nem uma outra pessoa é isenta. Vai a cousa tão devéras que ha quem diga que dentro de um ano se obriga, desocupado, falar a lingua: nem eu com ser dos mais inhabeis perco a esperança de sabê-lo." (*C. Avulsas*, XXXVIII).

Essa artinha composta pelo irmão Joseph de Anchieta, que já se lia ou ensinava em 60, em traslados, pelos collegios do Brasil, servia á instrução dos missionarios: quando, em 1595, foi impressa, já o seu préstimo estava certificado e, por muitas décadas, auferido.

A "artinha" ou a grammatica, é obra scientifica; com ela, e entertanto, a obra de arte, os versos e autos em tupí, tudo para a conversão e a edificação. Nos arquivos de Gesù, em Roma, matriz dos Jesuitas, jazem os originaes de Anchieta, muitos em lingua aborigene. O Padre D. João da Cunha, em 1732, disse no-los ter traduzido, mas a sua tradução, por não satisfazer a Batista Caetano, até de impostura foi taxada.

Não importa a versão; taes versos e autos tupís, no original, exerceram sua utilidade, de edificação. Rezas e misterios na lingua dos Indigenas, como orações, catecismo, letras, foram a taboada em que o Brasil começou a soletrar a civilização. Autor e mestre, Anchieta.

Em portuguez, para reinóis, mamalucos ou mestiços, tambem indios, poesias sacras, autos ou misterios, representados e hoje perdidos, inauguraram a literatura nacional, com a finalidade sublime de evangelizar, domesticar, polir, á barbara gente grossa da terra, entretendo-os, divertindo-os, bondade pela arte: Anchieta foi o nosso primeiro artista, o iniciador da literatura brasileira.

Mas nem tudo desapareceu ou é inaproveitavel. Ficou isto. O melhor, talvez.

Nestas cartas e outros papeis, aqui reunidos, não ha só relação, mas documentos inapreciaveis de historia, historia do Brasil, de primeira mão, e palpitante, por quem a fez e a escreveu.

O informante da terra, das plantas, dos bichos, dos Indios, compara-se e excede aos melhores, antes e depois. Pero Vaz, Ves-

INTRODUÇÃO

pucio, Pero Lopes, Hans Staden, Gandavo, Nobrega, os Jesuitas das *Cartas Avulsas*, Fernão Cardim... têm em Anchieta um competidor, em observação, descrição, interpretação, que os hombreia e sobreleva, só mais tarde excedido por um tratado sistematico, o inventario descritivo de Gabriel Soares: até o seu tempo nenhum excedeu, descrevendo o Brasil e os Brasís, a Anchieta.

Mas, esse muito é, por êle mesmo, excedido. A Carta XIV, de 1563, contando ao Padre Geral Diogo Lainez o assalto dos Indios a Piratininga, é tão vivida e expressa, que o leitor brasileiro, com o coração batendo, ainda sabido o resultado, se confrange aflito pelo termo da peleja, como se vacilasse, um instante, a sorte da civilização latina e cristã em S. Paulo. Quaisquer que tenham sido outros ofêgos de respiração, coração apertado, alma aflita que a sorte de São Paulo tem dado, aos brasileiros que sabemos querer devidamente o melhor de nossa Patria, foi o Padre Joseph de Anchieta quem, comunicando, pela primeira vez, êste estado de transe, deu também a confiança da vitória final, na fé e na certeza. Épica esta página de história do Brasil.

Outra página, longa como um pesadêlo, entrecortada de susto e de esperança, entre a incerteza, a desconfiança, o medo, que inspira a barbárie, e a serenidade, a expectativa, a segurança que dá a fé, é esta outra Carta XV, de 1565, que relata a paz difícil com os Tamoios. Para que lêr Varnhagen, o Historiador? ou Magalhães, o Poeta? Anchieta viu, foi o refém, sentiu e sofreu, esperou e alcançou: leiam nas escolas essas cartas XIV e XV, para estimular o patriotismo nacional!

Mas ha mais, se é possível... Ha a "historia" nascendo, renascendo á nossa vista. Nunca, como nessa Carta XVI, também de 65, será tanto "a historia, uma ressurreição". Assiste-se á fundação do Rio de Janeiro... E' a certidão de batismo do Rio, esta carta. Não sei como ela não é lida nas escolas publicas, cada 20 de Janeiro ou 1º de Março... O que, espontaneamente, sem designio, conta esta carta de ha quatro seculos, revive, comove, e se assiste, naquelas paginas, nascer, senão o Brasil — parte dele, senão o coração, — o rosto da Patria... Nasce o Rio de Janeiro, nas paginas de Anchieta.

Essas cartas não são apenas documentos de história, são alguma coisa mais, que ainda vive: a História, que não passou, que não é apenas recordação, pois que vive na emoção de um testemunho, um actor, — José de Anchieta.

Estas linhas, que chamam a atenção dos Brasileiros para elas, valem por todo o esforço e por toda a pena que êste livro representa.



Padre José Anchieta S. J. Ilustre por santidade e milagres. Morreo no Brasil a 9 de Junho de 1594 (sic) com 64 anos de idade. A meio corpo, em pé, escrevendo. Lit. por Anon. S. d. (Estampa catalogada sob o nº 17645, da Biblioteca Nacional). A mesma, apenas com um distico latino, partindo da Virgem para o Veneravel: Tu mihi perpetuo tempore servus eris se encontra no livro "Compendio de la vida de el Apostol de el Brasil... V. P. Joseph de Anchieta... por Don Baltasar de Anchieta, Xerez de la Frontera 1677, (Exemplar do Museu Paulista).

INTRODUÇÃO

Informante, naturalista, etnógrafo, moralista... Mais que isto, historiador da própria história, que viveu, ajudou a viver... Será preciso mais? Há mais.

Pelos seus versos remanescentes, seus autos perdidos, sua artimanha da língua geral, suas escolas e lições, Joseph de Anchieta era o iniciador da literatura brasileira. Escrevera, insisto, a cartilha em que os primeiros brasileiros soletraram a Civilização.

Abertos os olhos do espírito á luz da razão, os Brasís iriam ser o Brasil. Aos velhos, os que ignoravam a própria cultura que traziam, abriu também Anchieta os olhos do espírito á latinidade, curso superior já no Brasil desse tempo: o bom Padre Manuel de^a Paiva, um dos fundadores de S. Paulo e outros, foram, em S. Paulo, alunos de latim do irmão Joseph de Anchieta: “o primeiro nestas partes”, são palavras do biógrafo Padre Pedro Rodrigues. Portanto, Anchieta poeta, dramaturgo, linguista, mestre. Mas isto é história, é recordação...

Mais que isto. O nosso livro tem dois sermões do Padre... Leiam-nos... Toquem na substancia deles. Um século depois haverá o genio-solar de Vieira. Sim. Mas não sei se, em todo Vieira, haverá uma ideia tão profunda, tão íntima, tão certa como a de Anchieta, comemorando a fundação de São Paulo, que foi dia da conversão do seu orago, o Apostolo das Gentes. Depois de descrever a peleja de Cristo ofendido, e de Paulo perseguidor: “Paulo, Paulo, porque me persegues?”, o orador que não recorda apenas, mas lembra para edificar, passa a descrever o caminho de Damasco da vida, em que nós pecamos, isto é, perseguimos a Deus, e Deus que no fundo de nossa consciência nos murmura, piedosamente: “Porque me persegues?”... E’ a tragedia única de Paulo, transposta para o quotidiano incessante do mundo... E’ o drama perene da consciência, invocado para comover, edificar e reformar. E se Paulo, com ser Paulo, não resistiu, porque, misero pecador miseravel, has de continuar perseguidor? E’ sublime. Ha quatro séculos, numa igreja de palma, em S. Paulo, Anchieta achara este simbolo, transcendente: Deus e o Demonio dentro de nós... E quando pecamos, cedendo a um, vem-nos da consciência, a voz do Outro que nos pergunta: “Pecador, pecador, porque me persegues?”.

Estes sermões contam, literariamente, foi o que quis dizer. Cartas e informações foram genero trivial, desde o descobrimento, e Anchieta se confunde com os outros, entre os melhores, que disseram bem do Brasil. Mas, antes de 1567 e 68, não ha, propriamente, literatura brasileira, em prosa. Ha agora os sermões do Padre José de Anchieta. O seu poema á Virgem é latino, e nos escapa á auto-ridade; os seus catecismos, gramatica, autos, em tupí, também já

INTRODUÇÃO

nos são, senão estranhos, hoje esquecidos. Ha os remanecentes de seus versos que publicamos nas “Primeiras Letras”; ha os seus “Sermões”, que hoje publicamos, com as suas outras grandes obras em prosa.

O Missionario, o Apostolo, o Santo José de Anchieta tem outras corôas gloriosas no mundo, de Mestre, de Linguista, de Historiador, de Iniciador da Literatura Brasileira...

AFRANIO PEIXOTO.

BIBLIOGRAFIA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA S. J.,

extractada da *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, por Carlos Sommervogel S. J., tomo I, pags. 310-312, Bruxelles-Paris, 1890 e VIII, pags. 1631, Bruxelles-Paris, 1898 e *Suplemento: Corrections et additions à la Bibliothèque de la Compagnie de Jésus* — Por Ernest Rivière S. J. — Fascículo II, pag. 64, Toulouse, 1912-1930 (*).

1. — *Arte de gramatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*. Feyta pelo Padre Joseph de Anchieta, da Cõpanhia de Jesu. En Coimbra, por Antonio de Mariz, 1595, 8º ff. 58. — ...de Anchieta publicada por Julio Platzmann. Edição facsimiliaria stereotipa. Leipzig, Trubner, 1874, 16º ff. 58.

— Jos. de Anchieta, *Arte de gramatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, novamente dado á luz por Julio Platzmann. Leipzig. Trubner, 1874. 8º pp. XII-82.

— *Grammatica der Brasilianischen Sprache*, mit Zugrundlegung des Anchieta, herausgegeben von Julius Platzmann. Liepzig. B. G. Tlubner, 1874, 8º, pp. XIII, 178.

— MARGRAVIUS (G.) — *De lingua Brasiliensium e grammatica*, P. Josephi de Anchieta; — p. 274 de *Historiæ rerum Brasilæ*.

— RELAND (Hadr.) *De lingua Brasilica ex Grammat. Anchieta*; — dans *Dissertationes Miscellanoæ*, t. III, p. 175.

No colegio dos Jesuitas de Palermo havia um exemplar msc. desta gramatica: ...*novamente acrescentada, e reduzida á ordem da arte de gramatica latina*. Pelo Padre Luiz Figueira, da mesma Companhia. Ano 1620. In-4º de 108 págs.

(*) Pbl. no Livro *III Centenario do Veneravel José de Anchieta*, Paris-Lisboa, 1900, pags 343-348, revista pelo original da Bibl. do Colegio Anchieta, de Nova Friburgo, pelo revmo. Padre Cesar Dainese S. J. que acrescentou os aumentos do Padre E. Rivière.

2. — *De Beata Virgine Dei Matre Maria.*

E' um poema de 2086 disticos, insertos de pág. 481 á 528 na *Crônica do Brasil*, do P. Simão de Vasconcelos, S. J., e na *Vida do Ven. P. Joseph de Anchieta*, pelo mesmo autor, ps. 443-593.

— *Vita Beatissimæ Virginis Mariæ*, a Josepho Anchieta, Lusitano societatis Jesu, ex-voto composita. Msc. do seculo XVII, 12º com uma aprovação do P. J. Renaudain (*Catal. Boulard*, 4ª parte, p. 131, n. 26).

— *Poema Marianum* Autore Venerabili P. Josepho de Anchieta Lacunensi, Sacerdote Professo Societatis Jesu, Apostolo Brasiliensi nuncupato. Ano MDCCCLXXXVII. Typis Vicentii a Bonnet. In Urbe Sancta Crucis (Tenerifa), 8º pp. 176 slt. 1 fotogr.

— *Breve oficio de la Immaculada Concepcion de la SS. Virgen*, escrito en versos sáficos latinos por el V. P. José de Anchieta, S. J., traducido al Euskarra en el mismo metro por el P. Jos. de Arana; — na *Euskal-erria*, revista bascongada, t. VIII (San Sebastian, 1883), p. 415-418.

3. — *Informações e fragmentos historicos do Padre Joseph de Anchieta* (1584-1586), publicados por Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886, 8º pp. XVI-84.

Em tom. I de: *Materiais e achêgas para historia e geografia do Brasil, publicados por ordem do Ministerio da Fazenda*. Na mesma coleção acham-se:

4. — *Cartas do P. Joseph de Anchieta* (1554-1567) (*), publicadas por Teixeira de Mello.

a) Duas cartas em: *Cartas de unas cartas de algunos padres y hermanos de Compañia de Jesus, que escrevieron de la India, Japon y Brasil a los padres y hermanos de la misma Compañia en Portugal, trasladadas do portugues en castelhano. Fueron recibidas el año de mil y queinientos y cincuenta y cinco*. Lisboa, por Juan Alvares, 1555, ff. 33 uch.

As cartas do Padre Anchieta foram reproduzidas no t. III, p. 316-323 dos *Anais da Bibliotheca Nacional do Rio-de-Janeiro*.

(*) A proposito destas cartas o "Suplemento" informa:

a²) Carta escripta de S. Vicente sobre a morte do P. Pedro Corrêa: 15 de março de 1555; acha-se nos "Diversi avisi particolari dall'Indie". (Venezia, 1558), fol. 242r-245v.

a³) Carta a Ignacio de Loyola: de Piratininga (1555?); ibidem, fl. 248r-249v.

b) Esta carta acha-se: fol. 150r-172v.

c) Esta carta acha-se: fol. 182v-189v.



P. Joseph Anchieta Soc. Jesu (O P.^o José de Anchieta em corpo; incolume entre índios bravos e bestas feras; em uma paisagem. Alegoria). Gb por Frezza (João Jeronymo), segundo Lesma (Antonio). S. d. E' o n.º 1531 da Coleção Barbosa Machado, que está na Biblioteca Nacional (cotado sob o n.º 17648).

b) *Copia d'alcuni capitoli della lettera del Brasille del mese di Maggio 1560*, scritta da Joseph, che tratta degli animali, et piante, et d'altre cose notabili dell'Indie; — p. 150-171 de *Nuovi avisi particolari dell'Indie*... 3ª parte. Venetia, 1562, 8º.

c) *Copia di una del fratello Josepho*, scritta dal Brasil per il padre general da Compagnia di Giesù alli 30, di Lluglio del 1561; — *ibid.*, 4ª parte, Venetia, 1565, p. 182.

d) Na *Josephi Anchietae... Vita... a Seb. Beretario* (Lugduni 1617) ha cinco cartas. Citamos as pags., onde se acham as cartas, segundo a edição de Colonia (1617).

Ad Antonium Ribeirum Societatis Fr. (pp. 391-395). — *Ad Franciscum Escalantium* (pp. 396-398). — *Ad eumdem* (p. 399). — *Ad eumdem* (pp. 400-403); e um extrato da sua carta *Ad Ignatium Tolosam* (pp. 407-409).

e) *Carta para os Enfermos de Portugal; Carta a hum Cacerdote*; inseridas a págs. 52-54, e 302-308 da *Vida do V. P. Joseph de Anchieta*, do P. Simão de Vasconcelos, S. J., Lisboa, 1672.

f) *Epistola quam plurimarum rerum naturalium, quæ S. Vincentii (nunc S.-Pauli) provinciam incolunt, sistens descriptionem, a Didaco de Toledo Lara Ordonhez adjectis annotationibus edita*. Olisipone. Tip. Acad. 1799, 4º, pp. 6-46. — Foi inserida a p. 127-178, t. I da *Coleção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas* (Lisboa, 1812, 4º). *Ibid.* 1856, 4º, vol. VII.

Foi trasladada para português (pela primeira vez) e publicada nos "Anais da Bibliotéca Nacional" (do Rio de Janeiro), I, pp. 275-305.

g) *Copia de uma carta de S. Vicente*, do Irmão José de Anchieta, para o Padre mestre Diogo Laynes, preposito Geral, 16 de Abril 1563; — no t. II pp. 538-552 da *Revista trimensal do Instituto Historico e Geografico Brasileiro* (Rio de Janeiro, 1840), 8º *ibid.* 2ª edição, pp. 541-555.

h) *Copia de uma carta do Padré Joseph*, da Baía de Todos os Santos, que escreveu ao doutor Jacomo Martins, provincial da Companhia de Jesus, de Julho de 1565; — *ibid.*, t. III, pp. 248-258. — 2ª edição, p. 254-262.

i) *Informação dos casamentos dos Indios do Brasil; informação do Brasil e de suas capitánias*, 1584. *Ibid.*, t. VI, p. 404 e *Cat. dos Mss. de Evora*, I, p. 16.

j) *Carta do P. Manoel da Nobrega a el-rei*, escrita de S. Vicente a 1 de Junho de 1560; excertos de uma carta de Anchieta ao seu geral da mesma data e logar... — p. 115, t. I, 2ª serie do *Brasil Historico* de Melo Morais (1866).

BIBLIOGRAFIA DO PADRE ANCHIETA, S. J.

k) *Uma carta da Baía*, de 7 de Junho de 1578, que se encontra em *Une Sucrerie Anversoise au Brésil*, par le P. Kieckens, S. J. (Anvers, 1883, 8º) (*).

As poesias (*Cantos*) de Anchieta foram impugnadas pelo Dr. Batista Caetano de Almeida Nogueira nos 5 artigos successivos que a êste respeito publicou o "Diario Oficial" de 11 a 15 de dezembro de 1882, sob o título "Cantos do Padre Anchieta".

Nos mesmos artigos (*Diario Oficial* de 14 de dezembro de 1882) Batista Caetano classifica de impostura — a tradução do P. Juan da Cunha.

Melo Morais filho, no seu "Parnaso Brasileiro (B. L. Garnier, editor, 1885)" publicou de Anchieta as poesias seguintes (em português):

Ao Santissimo Sacramento (Inedito);

Santa Ursula (Dialogo entre um Anjo e Satanaz); e

O pelote domingueiro (Ineditos).

5. — *Poesias do veneravel padre José d'Anchieta*, escritas em tupí, castelhano, latim e português, ff. 64. (*Cat. dos Mss. do Instituto Historico e Geogr. Brasileiro*). Rio de Janeiro, 1884, p. 146, número 40.

— *Poesias del venerable P. José de Anchieta*, escritas en lengua Tupy. (Seguidas de una traduccion portuguesa, del p. Juan da Cunha). Copiadas de un msc. autentico existente en los Archivos de la Compañia de Jesus en Roma por el Dr. José Franklin Massena y Silva. Roma 1863. 8º, pp. 18.

E' um drama em dois atos, intitulado: *Jesus na festa de São Lourenço*.

O mesmo Melo Morais filho, no seu "Curso de Literatura" (2ª edição, Rio, 1882), publicou:

Da ressurreição e outras poesias de Anchieta.

— *Poesia en lengua Tupi*, por el P. Joseph de Anchieta. Copar J. Franklin Massena. Roma, 6 de Diciembre de 1863. Traducida al português por el P. D. Juan da Cunha. 8º, pp. 8.

Contém: "*Dança que se fez na procissão de S. Lourenço*, Poesia." Vid. Conde de la Vinaza: *Bibliographia española de lenguas*

(*) Al Señor Gaspar Schetz
en Antvers

A carta foi escrita da Baía e traz a data seguinte: "7 de Junio 1578". Acha-se no "Bulletin de la Société royale de Géographie d'Anvers", tom. VII pag. 471.

indigenas da America. Madrid, 1892, pp. 211-212). Na mesma obra, p. 243, cita-se a seguinte peça: Poesias del venerable P. Joseph de Anchieta escritas en lengua Tupy. Tres codices originales existentes en la Bibliotheca de la Compañia de Jesus, de Roma.

As copiadas por Franklin Massena estão reunidas sob o seguinte título:

Canções de José de Anchieta. — A Nossa Senhora dos Prazeres. — Santa Inês. — Vaidades das cousas do mundo. — Da morte. — Carta (*em verso*) da Companhia de Jesus para o Seráfico S. Francisco. Conforme copias de um manuscrito de Pedro Andreoni. Provincial que foi da Companhia de Jesus, extraídos em Roma, no ano de 1863, por Franklin Massena, socio correspondente do Instituto Histórico Brasileiro, e pertencentes á Bibliotéca do Imperador.

6. — *Sermão sobre a Conversão de S. Paulo.* No t. LIV (1892) da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geografico.*

Sotwel dá a seguinte lista das obras do P. Anchieta:

1. — *Ars grammatica linguæ Brasilicæ.* — In Lusitania typis excusa. — 2. *Dictionarium ejusdem linguæ brasilicæ.* — 3. *Doctrina Christiana pleniorque catechismus eadem lingua explicatus.* — 4. *Dialogi de Religionis mysteriis scitu dignis.* — 5. *Institutio ad interrogandos inter Confessionem pœnitentes.* — 6. *Syntagma monitorum ad juvandos moribundos.* — 7. *Cantines sacræ linguis Latina, Lusitanica, ispanica et Brasilica.* — 8. *Drama ad extirpanda Brasilicæ vitia.* — 9. *Poema de B. Virginis Vita. Versu elegiaco quod ad bis mille et octoginta distica excurrit.* — 10. *Brasilica Societatis Historia et Vita Clarorum Patrum qui in Brasilia xixerunt.*

Foi sem duvida do n. 10, inédito, que o P. Franco extraía as Vidas dos P. Manuel de Paiva, Salvador Rodrigues, Fr. Pires e Gregorio Serrão que se acham no t. II, pp. 212-214 e 215-219 da *Imagem da Virtude em o Noviciado de Coimbra.* A p. 205 cita o P. Franco, do Padre Anchieta: "Apontamentos ácerca das primeiras cousas e primeiros Padres da provincia do Brasil."

O *Suplemento* traz mais esta adição:

Concio B. P. Josephi Anchieta ipsius manu scripta. Missa ex Brasilia Baya 7 Januarii 1629 et accepta Montibus in Aprili 1631. In-4º, pp. 19; com uma carta do P. Agostinho Coelho (Baía, 7 de Janeiro de 1629) ao Padre Antonio de le Becque, annunciando-lhe a remessa do ms. Archives Générales du royaume, à Bruxelles; Archives Jésuitiques, Flandro-Belgique, n. 1437.

Cartas

I

QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO DE 1554, DE PIRATININGA* (1)

Partida do Padre Leonardo Nunes. — Residencias da Companhia no Brasil. — Padres Manuel da Nobrega, Luiz da Grã, Antonio Pires e Irmão João Gonçalves. — Morte de Domingos Pecorella. — Porto Seguro. — Padre Ambrosio Pires e Irmão Antonio Blasquez. — Espirito Santo. — Padre Braz Lourenço e Irmão Simão Gonçalves. — São Vicente. — Padres Manuel da Nobrega, Manuel de Paiva, Francisco Pires, Vicente Rodrigues, Afonso Braz, Leonardo Nunes, e Irmãos Diogo Jacome, Gregorio Serrão, Pero Corrêa, Antonio Rodrigues, Manuel de Chaves, Fabiano, Antonio, Mateus Nogueira, João de Sousa e Gonçalo Antonio. — Trabalhos e frutos da catequese em Piratininga. — Carijós. — Guerras do gentio. — Os mamalucos de João Ramalho. — Ida de Pero Corrêa e mais dois Irmãos á terra dos Ibirajáras. — Espera do Padre Luiz da Grã.

A PAZ de N. S. Jesus Cristo esteja sempre nos nossos corações. Amen.

Nestas cartas passadas creio que se explicou satisfatoriamente o que nestes lugares, maximè nesta nova habitação dos Cristãos, se passou: porque porém julgamos ser-te pelo menos pouco conhecido, Reverendo Padre, o estado singular do que se passa junto de nós; induzidos tambem pelas tuas cartas, que ha pouco recebemos, cuidaremos de te fazer sabedor de todas as cousas, cujo conhecimento dizes ser-te necessario, posto que pelo Padre Leonardo (2), que ha poucos dias dentre nós para aí partiu, mais claramente as conheças.

Vivemos nesta India Brasilica sob a obediencia do Reverendo

em Cristo Padre Manuel da Nobrega, espalhados em quatro partes. Na Baía de Todos os Santos, também chamada Cidade do Salvador, onde reside o proprio Governador (3) com os principais, está o Padre Luiz da Grã (4) com o Irmão João Gonçalves (5) e o Padre Antonio Pires (6), que não ha muito chegou da cidade de Pernambuco, distante da primeira 300 milhas. Prêga o mesmo Irmão e occupa-se com o ensino dos meninos.

Outro Irmão, porém, de nome Domingos Pecorella (7), intérprete dos Indios, aqui recebido na Companhia, passou-se não ha muito para o Senhor, privado do uso da razão pouco antes da morte.

Na outra Capitania, separada desta última pelo espaço de 180 milhas (a que chamam Porto Seguro), reside o Padre Ambrosio Pires (8) com o Irmão Antonio Blasquez (9). Esta divide-se em quatro habitações de Portugueses (10), distantes entre si umas, três, e outras, seis milhas: a todas elas, cada semana, não sem grande trabalho, ele ministra o alimento espiritual, ora celebrando missas, ora fazendo prêdicas; é também necessario frequentemente que não só se digam duas missas, como que haja duas prêgações nos dias de domingo e também ir algumas vezes á outra aldeia, distante vinte milhas destas; assim, grande fruto se espera daí, não só por causa do amor com que todos o cercam, como ainda pela boa opinião que fazem da sua virtude e doutrina. Ao Irmão (segundo cremos) se entregou a doutrina dos meninos nos rudimentos da fé e o que diz respeito ao estudo dos elementos e á escrita. Nenhum negócio têm eles com os Indios, que são indomitos e ferozes, e nem se contêm bastante pela razão.

Nas cartas quadrimestrais, que serão enviadas da Cidade do Salvador, se referirá mais largamente o que ali e aqui se tem feito (como foi ordenado aos mesmos Irmãos), porque mais facilmente e com mais rapidez, pela maior vizinhança, poderão eles ir e vir de umas povoações para outras.

A estas duas segue-se a terceira Capitania, distante da Baía de Todos os Santos 360 milhas e que se chama Espirito Santo, na qual trabalha na prêgação da palavra de Deus o Padre Braz Lourenço (11) com o Irmão Simão Gonçalves (12), aqui recebido na Companhia: do que se colhe abundantissimo fruto; porquanto alguns

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

casam com suas escravas concubinas, por lei de matrimonio, e outros, abandonando-as, adotam um modo de viver salutar: no que principalmente brilha a nobre virtude de um certo principal, que, repudiada a manceba, com quem vivera por muitissimo tempo e da qual tivera filhos, se voltou para salutifera e reta forma de vida. Não aparece na verdade pouca emenda e correção em extirpar outros vicios: para que os homens se dissuadissem dos juramentos, estabeleceu-se uma como Confraria de caridade; os que a ela se filiaem, se, quando jurarem, a si mesmos se acusarem, pagam uma determinada quantia de dinheiro para o casamento de alguma órfã; acusados, porém, por outros, pagam o dôbro; assim, raramente se pronuncia o nome de Deus com irreverencia: se, porém, chegando a outra parte, juram por ignorarem estas coisas, repreendidos de continuo pelos outros, acautelam-se para o futuro (13).

As habitações dos Indios estão longe destas; os escravos, porém, de que ha aqui grandissima multidão, são instruidos na doutrina cristã.

Quatro ou cinco meninos órfãos, dos nascidos de pai português, mas de mãe brasileira, que viviam em casa e sob o regimen do pai, foram recolhidos por algum tempo ao Collegio, e subministra-se a todos alimento, á mesa de Cristo. Estas e outras cousas que ali se fazem, pelas cartas do mesmo Padre largamente e em particular se conhecerão.

O sustento para todos vem de esmolas; o vestuario, porém, é o mesmo que a nós e aos Irmãos em Portugal é fornecido pelo serenissimo rei de Portugal (14); em lugar de cama, usa a maxima parte dos Irmãos de uns panos tecidos á maneira de rede, suspensos por duas cordas e traves; todavia, os que padecem de enfermidade de corpo por algum tempo, usam de camas como em Portugal.

Resta a quarta e última morada dos Cristãos, 720 milhas distante da Cidade do Salvador; esta está dividida em seis aldeias (15): em uma delas (cujo nome é São Vicente) estão os Irmãos da nossa Companhia, a saber: o Reverendo em Cristo Padre Manuel da Nobrega (16), o Padre Manuel de Paiva (17), o Padre Fran-

cisco Pires (18), o Padre Vicente Rodrigues (19), o Padre Afonso Braz (20), e o Padre Leonardo (21), que partiu êste ano para Portugal, para que se tivesse conhecimento mais exato e seguro do que aqui se pratica; e os Irmãos Diogo Jacome (22), Gregorio Serão (23) e eu, que fomos todos mandados de Portugal. Aqui foram recebidos na Companhia o Irmão Pero Corrêa (24), dos principais dêste reino e grande sabedor da lingua dos Indios, que nos trouxe valioso auxílio para a conversão dos infieis, não só pela muita autoridade, que tem entre eles, como pelo exatissimo conhecimento da lingua; os Irmãos Antonio Rodrigues (25), Manuel de Chaves (26), Fabiano (27), Antonio (28), todos intérpretes dos Indios; Mateus Nogueira (29), João de Sousa (30) e Gonçalo Antonio (31).

Todos êstes (como acima disse), residiam com os Portugueses em São Vicente, onde ajuntaram de diversas partes muitos dos filhos dos Indios, e os instruiam otimamente nos rudimentos da fé cristã, no estudo dos elementos e no escrever.

Para a sustentação dêstes meninos trazia-se da região mediterranea, de 30 milhas na distância, farinha de pau, o que lhes custava grande trabalho e dificuldade, por causa da ardua aspezeza do caminho; pareceu mais conveniente ao Padre *in Domino* (32) que nos passassemos para esta habitação dos Indios, e isto por muitas causas: primeiro, seguramente, pela falta de viveres; depois, porque pouco aproveitava aos Portugueses, embora logo em princípio grande resultado trouxe aos mesmos a frequencia dos Padres, como a do Padre Leonardo, primeiro da Companhia que para aqui veio, facil será saber; maximè, finalmente, porque se patenteava por esta parte entrada a inumeras nações, sujeitas ao jugo da razão. Assim, alguns dos irmãos mandados para esta aldeia, que se chama Piratininga (33), chegámos a 25 de Janeiro do ano do Senhor 1554, e celebrámos em pauperrima e estreitissima casinha a primeira missa, no dia da Conversão do Apostolo São Paulo e, por isso, a ele dedicámos a nossa casa. De tudo isso falei mais longamente nas passadas cartas escritas até o mês de Junho; do pouco que falta e que depois ocorreu tratarei brevemente.

Moramos aqui presentemente oito Irmãos applicados na dou-

trina destas almas e pedindo a infinita misericórdia divina, para que finalmente nos conceda por algum tempo acesso para combater outras muitas gerações com a palavra de Deus, ás quais todos cremos que, se lha prègamos, se converterão á fé.

Êstes, entre os quais vivemos, trazem-nos voluntariamente seus filhos para os ensinarmos, os quais, sucedendo depois a seus pais, tornem o povo agradável a Cristo; dentre eles quinze batizados e muitos outros catecumenos frequentam a escola otimamente instruídos, tendo por mestre o Irmão Antonio Rodrigues; antes do meio dia, depois da lição, recitam juntos na igreja a ladainha e depois do meio dia, entoado o cantico *Salve-Rainha*, se dispersam; em cada sexta-feira, disciplinando-se com summa devoção até fazerem sangue, saem em procissão.

Nesta aldeia, cento e trinta de todo o sexo e idade foram chamados para o catecismo e trinta e seis para o batismo, os quais são todos os dias instruídos na doutrina, repetindo as orações em português e na sua propria lingua; o concurso e frequencia das mulheres é maior; em cada domingo celebra-se missa para os mesmos; sendo muitos catecumenos despedidos gravemente depois do ofertorio, com dificuldade e gravemente o toleram, e nos rogam incessantemente que os promovamos ao batismo, o que é de cautela que se não faça, para que não voltem ao êrro dos antigos costumes; porquanto, julgamos que não se lhes deve conceder o batismo senão depois de uma longa prova.

Vendo o Senhor por esse tempo que êstes se chegavam para o verdadeiro estado e culto da fé, começou a privar a muitos desta vida, e (segundo cremos) a chamá-los para a eterna, no que se tem cuidado com diligência e applicação, para que morram esta-veis e firmes na fé; entre eles não poucos inocentes, depois de batizados, se foram para o Senhor.

Um certo dos principais que viera para nós com Pero Corrêa, deixada a patria, distante daqui mais de 300 milhas, para aprender os preceitos da lei divina e a doutrina da fé cristã, dirigindo-se um dia para uma habitação de Portuguezes, situada longe de nós nove milhas, convidando-o a beber um dos Cristãos, respondeu-lhe que já tinha deixado os antigos costumes, e que

nós lhe havíamos proibido que o fizesse. O outro porém disse-lhe “Nada receies porque isso não chegará ao conhecimento deles.” Vencido assim pela longa importunação, acedeu ao convite e entregou-se á bebida, pelo que caiu em gravissima languidez, a que se seguiu a morte. Confessado e arrependido, morreu, tendo recebido o batismo. Esse costumava dizer-nos fôra convidado muitas vezes do céu por um seu filho inocente que tinha morrido depois de batizado, e incitado a vir a nós, que de modo nenhum duvidava que fôra guiado para aqui pelo mesmo.

Outro, que já havia muito tempo se tinha feito cristão com os Portuguezes que outrora moraram nesta aldeia, e se apartara de nós para que mais licenciosa e livremente pudesse viver á maneira dos gentios, oprimido por grave enfermidade (manifesto juizo de Deus) não pôde aproveitar-se do socorro dos Irmãos, pois quando nos aproximámos dele já tinha perdido o uso da palavra; privâmo-lo, para terror dos outros, de sepultura eclesiastica, de maneira que, quem vivera como pagão, também como pagão se sepultasse.

Nem pareça digno de menor admiração que ordenando o Padre, que certos Indios (chamados *Carijós*), que viviam já havia muito tempo entre nós, fôsem por nós levados para sua patria, para que, com auxílio e favor deles, pudessem os restantes converter-se á fé de Cristo, acometeu-os uma enfermidade repentina, da qual morreram quasi todos.

Êstes depois conhecemos que não nos eram muito afeiçoados e estavam determinados a, quando estivessem na patria, retirar-se da nossa sociedade ou a fazer-nos algum outro mal mais grave. Sem o auxílio dêstes, se em algum tempo nos chegaremos áquella nação e a muitas outras suas vizinhas, o maior fruto, esperamos, se colherá delas.

Aqueles com quem vivemos trazem antiquissimas inimizades com outros da mesma nação, e por isso de uma e outra parte se declara e se aceita frequentissimamente a guerra, para a qual concorrem muitos de diversos lugares; assim também estando nós entre eles, partiram contra os inimigos.

Um dia antes de entrarem em combate, os que vinham de ou-

tra parte (como é costume entre eles) começaram a oferecer sacrificio a seus feiticeiros (a que chamam *pagés*) em uma casita para isso construida, interrogando-os eles sôbre o que lhes sucederia no conflito: ao que, não só os nossos catecumenos, mas também outros, entre os quais a palavra de Deus fôra já semeada pelos irmãos da Companhia, perguntados se queriam dar crédito áquelas mentiras, responderam que não, e que traziam o seu Deus no coração, em cujo auxílio confiados alcançariam maior vitória do que os mesmos com seus imundos sacrificios.

Tendo eles, pois, entrado em combate e aparecendo a imensa multidão dos inimigos, êstes, abalados pelo medo e terror, começaram a perder o ânimo; vendo isso a mulher, já batizada, do capitão dessa aldeia, que partira com seu marido para a guerra, aconselhou a todos com valor varonil que fizessem nas frentes o sinal da cruz para perder o temor; e assim, dois só, que se desdenharam de o fazer, foram feridos e um sucumbiu; os inimigos foram desbaratados e dispersados pelos restantes; dos nossos catecumenos nenhum foi feito prisioneiro, os quais dantes com maxima alegria e suma solenidade de cantares costumavam comê-los: os mortos, porém, segundo o costume dos cristãos, foram sepultados: a êstes, ainda ha pouco deixados, vêem os inimigos, encontram-nos enterrados, desenterram-nos, julgando serem dos contrarios, e levam-nos para comer.

Quando voltaram da guerra, um certo, como não encontrasse a mulher, e ouvindo dizer que fôra por ela repudiado, veio á Igreja, onde a mesma assistia á doutrina, arrancou-a pelos cabelos á vista de todos com murros e bofetadas, tratou-a com modos indignos; ao qual o capitão sabendo disso prendeu, rogando-nos que consentissemos em se lhe pôrem algemas, porquanto todos os facinorosos, e maximè êste que cometêra tão grande desacato no templo, deviam ser postos a ferros. Contudo, sôlto a rogos nossos, pediu-nos perdão, pois que não pelo seu, mas induzido pelo conselho de uns certos malvados fizera aquilo; essa submissão é digna de não mediocre admiração, porquanto êstes a nenhuma lei, a nenhuma autoridade se submetem, nem ao imperio de ninguém obedecem.

Aqueles feiticeiros de que já falei são tidos por eles em grande estimação, porquanto chupam aos outros, quando são acometidos de alguma dôr, e assim os livram das doenças e afirmam que têm a vida e a morte em seu poder.

Nenhum deles comparece deante de nós, porque descobrimos os seus embustes e mentiras; a um, porém, que aqui viera com outros para a guerra, um dos catecumenos se apresentou para que o curasse, do que vindo a saber o filho, que frequenta a nossa escola, o repreendeu asperamente, dizendo que seria assado pelo demónio, e não entraria mais na igreja, quem, dando crédito ao feiticeiro, recusaria crer em nós.

Uma criança de quatro ou cinco anos de idade, assaltada de grave enfermidade, rogava muitas vezes em prantos á mãe que a trouxesse ao templo, e a mesma criança, gemendo deante do altar, dizia na sua propria lingua: "O' Padre cura-me!" Esta, interrogada por seu pai, se porventura queria que lhe chamassem aquele feiticeiro para lhe aplicar o remédio, chorando com grandes lamentos lançou-se por terra, dizendo que, não com o dele, mas com o auxílio de Deus lhe seria restituído o antigo vigor: o que o mesmo Senhor operou, pois, aplicado pelos nossos Irmãos um certo remédio, recobrou a não esperada saúde.

Esperamos que se colherão com a graça e o favor divino copiosissimos frutos pelos obreiros que Deus envie para esta sua tão fecunda vinha: por agora não pouco fruto, antes, o maior beneficio de Deus, julgamos ser só livrarmos dos dentes e dos manjares dos proximos a estas poucas ovelhas dentre tanta multidão de infieis.

Aqui, pois, habitamos presentemente com o Reverendo em Cristo Padre Manuel da Nobrega sete irmãos separados da convivencia dos Portugueses, applicados sòmente á doutrina dos Indios. Temos tambem em casa comnosco alguns filhos dos Gentios, que atraímos para nós de diversas partes, e êstes até abominam os costumes paternos a tal ponto que, passando por aqui para outro lugar o pai de um e vendo o filho, êste longe de mostrar para com ele o amor de filho, pelo contrário só lhe falava rarissimamente e de má vontade, e compelido por nós. Outro, estando já

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

de ha muito separado do contato dos pais, passando com os nossos Irmãos pela aldeia em que morava a mãe, dando-lhe os mesmos licença para ver sua mãe, não a saudou no entanto e passou além; assim, antepõem em tudo ao amor dos pais o nosso. Louvor e glória a Deus, de quem todo bem procede.

De Janeiro até o presente tempo permanecemos, algumas vezes mais de vinte, em uma pobre casinha feita de barro e paus, coberta de palhas, tendo quatorze passos de comprimento e apenas dez de largura, onde estão ao mesmo tempo a escola, a enfermaria, o dormitorio, o refeitório, a cozinha, a dispensa; todavia, não invejamos as espaçosas habitações, de que gozam em outras partes os nossos Irmãos, pois N. S. Jesus Cristo se colocou em mais estreito lugar, e dignou-se nascer em pobre mangedoura entre dois brutos animais e morrer em altíssima cruz por nós. Os Indios por si mesmos edificaram para nosso uso esta casa; mandamos agora fazer outra algum tanto maior, cujos arquitetos seremos nós, com o suor do nosso rosto e o auxílio dos Indios (34). Em tantas estreitezas nos achamos na verdade colocados, que é muitas vezes necessario aos Irmãos explicarem a lição de gramatica no campo, e como ordinariamente o frio nos incomoda da parte de fóra, e, dentro da casa, o fumo, preferimos sofrer o incômodo do frio de fóra, do que o do fumo de dentro. Já os meninos que frequentam a escola, cujo ânimo não se abala expostos ao vento e ao frio, agora também, aquecendo-se ao calor da fogueira, em pauperrima e antiquissima, porém, decerto, feliz cabanazinha, vemos que se aplicam á lição.

O principal alimento nesta terra é a farinha de pau, feita de umas certas raizes que se plantam (a que chamam mandioca), as quais, se se comerem cruas, assadas ou cozidas, matam; é preciso serem deixadas nagua até que apodreçam; apodrecidas porém que sejam, convertem-se em farinha, que se come, depois de torrada em vasos um tanto grandes, feitos de barro; isso substituí entre nós a farinha de trigo. Constituem a outra parte da alimentação as carnes selvaticas, como sejam os macacos, as corças, certos outros animais semelhantes aos lagartos, os pardais, (?), e outras feras; também os peixes dos rios, mas esses raramente. A parte mais im-

portante, porém, do sustento consiste em legumes e favas, em aboboras e outras que a terra produz, em folhas de mostarda e outras ervas cozidas: usamos, em lugar de vinho, de milho cozido em agua, a que se ajunta mel, de que há abundancia; é assim que sempre bebemos as tisanas ou remedios; e se isto temos com fartura, quasi que não nos parecemos a nós mesmos pobres.

O que pois pertence á conservação da nossa vida, adquirimos com o trabalho das nossas mãos, como o bemaventurado apostolo Paulo, para que não sejamos pesados a ninguem. O que, porém, principalmente nos abastece é o trabalho de ferreiro de um Irmão (35), ao qual, como nada pede em paga do que para eles faz, os Indios oferecem farinha, e legumes e algumas vezes tambem carnes e peixes, ao que se ajuntam as esmolas, que os mesmos nos trazem movidos pelo amor de Deus, e assim, muitas vezes, o Senhor, a cujo cuidado nos entregamos, nos provê de todas as cousas de que carecemos, até de onde menos esperavamos.

O que, sendo assim, não podemos admirar com demasiado ardor, a suma bondade de Deus para conosco, o qual como careçamos inteiramente de todos os refrescos e as cousas necessarias ao sustento sejam insipidissimas e de pouca estimação, contudo, nos conserva perfeitamente a saúde do corpo, na verdade mais delicadamente do que a propria terra o permite; porquanto, um Irmão chegou de Portugal sofrendo na saúde, como vivesse em uma aldeia distante desta nossa 90 milhas, tendo por alimento diario uma galinha que, com bastante trabalho, e todavia por baixo preço, se ia procurar a diversos lugares, o seu estomago não a podia conservar e logo vomitava; veio para junto de nós e, com as pauperrias comidas de que usamos, se fez mais robusto.

Em outra aldeia (36) de Indios estão os Padres Francisco Pires e Vicente (37), com outros irmãos, semeando a palavra de Deus entre os mesmos Indios; colhendo, todavia, pouco fruto por causa da sua dureza.

Esta parte da região brasilica que habitamos está situada em 24 graus para o Sul; toda ela porém é costa de mar; desde Pernambuco (que é a primeira habitação dos Cristãos) até além, que não abrange o espaço de 900 milhas, é povoada por Indios que

usam todos comer em seus banquetes carne humana, no que mostram achar tanto prazer e doçura, de modo que comumente caminham mais de 300 milhas para a guerra; se reduzem ao cativeiro quatro ou cinco dos inimigos, voltam sem mais outro motivo e os comem com grande festa de cantares, e copiosissima libação de vinhos (que fabricam de raízes), de modo que nem as unhas perdem; alegram-se toda a vida com o desvanecimento da singular vitória; os prisioneiros no entanto julgam ser assim tratados excelentemente e com distinção, e pedem uma morte tão (como eles mesmos imaginam) gloriosa; porquanto, dizem que só os medrosos e fracos de ânimo é que morrem e vão, sepultados, suportar o pêso da terra, que eles crêem ser gravissimo.

Estes entre os quais vivemos estão espalhados 300 milhas (segundo nos parece) pelo sertão; todos eles se alimentam de carne humana e andam nus; moram em casas feitas de madeira e barro, cobertas de palhas ou com cortiças de árvores; não são sujeitos a nenhum rei ou capitão, só têm em alguma conta os que alguma façanha fizeram, digna do homem valente, e por isso comumente recalcitram, porque não ha quem os obrigue a obedecer; os filhos dão obediencia aos pais quando lhes parece; finalmente, cada um é rei em sua casa e vive como quer; pelo que nenhum ou certamente muito pouco fruto se pôde colher deles, se a fôrça e o auxilio do braço secular não acudirem para domá-los e submetê-los ao jugo da obediencia.

O que faz com que, como vivam sem leis nem governo, não possam conservar-se em paz e concordia, tanto que cada aldeia contém somente seis ou sete casas, nas quais se não se interpusessem o parentesco ou aliança, não poderiam viver juntos e uns e outros se devorariam; bastantes vezes e em muitos outros lugares vimos fazerem isso, e não moderam a insaciavel raiva nem com o sentimento do parentesco.

Ajunta-se a isso que, contraído o matrimonio com os mesmos parentes e primos, se torna difficilimo, se porventura queremos admiti-los ao batismo, achar mulher que, por causa do parentesco de sangue, possa ser tomada por esposa. O que não pequeno embaraço nos traz; porquanto, não podemos admitir a receber o batis-

mo á que se conserva manceba. Por isso, parece grandemente necessario que o direito positivo se afrouxe nestas paragens, de modo que, a não ser o parentesco de irmão com irmã, possam em todos os graus contrair casamento, o que é preciso que se faça em outras leis da Santa Madre Igreja, ás quais, se os quizermos presentemente obrigar, é fóra de dúvida que não quererão chegar-se ao culto da fé cristã; pois são de tal fórmula barbaros e indomitos, que, parecem aproximar-se mais á natureza das feras do que á dos homens.

O que não é tanto para admirar como a detestavel maldade dos proprios Cristãos, nos quais acham não só exemplo de vida como favor e auxílio para cometerem delitos; porquanto, uns certos Cristãos, nascidos de pai português e de mãe brasilica (38), que estão distantes de nós nove milhas, em uma povoação de Portugueses (39), não cessam, juntamente com seu pai, de empregar continuos esforços para derrubar a obra que, ajudando-nos a graça de Deus, trabalhamos por edificar, persuadindo aos proprios catecumenos com assiduos e nefandos conselhos para que se apartem de nós e só a eles, que tambem usam de arco e flechas como eles, creiam, e não dêem o menor crédito a nós, que para aqui fômos mandados por causa da nossa perversidade. Com estas e outras semelhantes fazem que uns não acreditem na prègação da palavra de Deus, e outros, que já viamos entrarem para o aprisco de Cristo, voltem aos antigos costumes, e fujam de nós para que possam mais livremente viver. Tendo os irmãos gasto um ano quasi inteiro no ensino de uns certos, que distam de nós 90 milhas e tinham renunciado a costumes pagãos, estavam determinados a seguir os nossos, e haviam-nos prometido que nunca matariam aos contrários, nem usariam de carne humana em suas festas; agora, porém, induzidos pelos conselhos e palavras dêstes Cristãos e pelo exemplo da nefanda e abominavel ignominia dalguns deles, preparam-se não só para os matar, mas tambem para os comer.

Tendo, pois, um dêstes Cristãos cativado um dos inimigos na guerra de que acima fiz menção, trouxe-o a um seu irmão para que o matasse, o qual o matou, pintando-se de encarnado nas pernas e tomando o nome do morto por insigne honra (como é de uso entre

os gentios); se não comeu, deu certamente a comer aos Indios, para os quais, e não para si mesmo, o matára, exortando-os para que não o deixassem escapar, mas antes o assassem e levassem consigo para comer. Tendo outro, irmão dêste, usado de certas práticas gentílicas, sendo advertido duas vezes que se acautelasse com a Santa Inquisição, disse: “Acabarei com as Inquisições a flechas” (40). E são cristãos, nascidos de pais cristãos! Quem na verdade é espinho, não pode produzir uvas.

Este atravessou por quasi cincoenta anos esta região, tendo por manceba uma mulher brasilica, da qual teve muitos filhos, em cuja saúde os Irmãos da nossa Companhia puseram o maior cuidado e trabalho, rogando-lhes com toda a mansidão e convidando-os com o espirito da brandura a que se deixassem da má vida, de tal modo que o Padre Manuel de Paiva, conhecendo o parentesco de sangue que havia entre eles, cuidou em firmemente ligá-los, julgando por esse modo fazer alguma cousa por ele.

Nenhum fruto, porém, tirando disso, mas antes observando que continuavam os maiores escandalos por causa do indecoroso e dissoluto modo de viver, não só do pai como dos filhos, que estavam amancebados com duas irmãs e parentas, começaram a exercer algum rigor e violência para com eles, expelindo-os sobretudo da comunhão da Igreja, os quais, devendo com isso mudar de vida, de tal modo se depravaram que nos perseguiram com o maior odio, esforçando-se em fazer-nos mal por todos os meios e modos, ameaçando-nos também com a morte, mas especialmente trabalhando para tornar nula a doutrina com que instruimos e doutrinamos os Indios e movendo contra nós o odio deles. E assim, se não se extinguir de todo êste tão pernicioso contagio, não só não progredirá a conversão dos infieis, como enfraquecerá, e de dia em dia, necessariamente desfalecerá. Toquei nessas cousas de passagem: torno, porém, ao proposito.

Além dêstes ha outra casta de Indios grandemente disseminada por toda a parte (á qual chamam *Carijó*), em nada diferente dêstes no alimento, no modo de viver e na lingua, todavia muito mais mansos e mais propensos ás cousas divinas, o que claramente conhecemos pela conversação de alguns que conhecemos aqui entre

nós, bastante firmes e constantes. Êstes estão sob a jurisdição dos Castelhanos, cujas casas fazem de boa mente, comprando-lhes o necessario para o uso da vida e com quem vivem em amigavel disposição.

A êstes seguem inumeraveis gerações para o ocidente pelo sertão, até a provincia do Perú, que um nosso Irmão percorreu; as quais são na verdade muito mansas e facilmente se chegam á razão; são todas sujeitas a um principal, vive cada um separadamente em sua casa com mulher e filhos, não se alimentam por maneira alguma de carne humana, e aos quais, se se annunciar a palavra de Deus, não é duvidoso que mais se aproveitará em um mês com eles, do que com êstes em um anno.

El tambem ha, vizinho destas, outra infinita multidão de nações (que propriamente se dizem "escravos"), pelas quais se vai até o Amazonas, e cremos que vivem em outra parte do mar da Etiopia.

Mandou-se agora o Irmão Pero Corrêa com dois outros Irmãos (41) a umas povoações de Indios, que estão situadas perto do mar, a prègar entre eles a palavra de Deus, e maximè se se puder, a manifestá-la em certos povos, a que apelidam *Ibirajáras*, os quais cremos que se avantajam a todos êstes, não só no uso da razão, como na intelligencia e na brandura de costumes. Obedecem todos êstes a um unico senhor, têm grande horror á carne humana, vivem satisfeitos com uma só mulher, e resguardam cuidadosamente as filhas virgens (o que outros não curam) e a ninguem, senão ao proprio marido, as entregam. Se a mulher cai em adulterio, o marido mata-a; se porém ésta, evadindo-se das mãos do marido, foge para a casa do principal, é recebida benignamente e conservada por êste, até que se abrande a colera do marido e ele se apleque. Se alguem faz sua, por furto, a cousa alheia, é levado á presença do principal, e êste ordena que seja açoutado pelo algoz. Não creem em idolatria alguma ou feiticeiro, e levam vantagem a muitissimos outros em bons costumes, de sorte que parecem aproximar-se da lei mais conforme á natureza. Só uma cousa pode parecer merecedora de repreensão neles, é que, quando algumas vezes entram em guerra,

matam os prisioneiros e guardam-lhes as cabeças como troféus de honra.

Esperamos agora a chegada do Padre Luiz da Grã (42), para que se delibere com o seu conselho o que se deva finalmente fazer, e se enviem ao mesmo tempo alguns dos Irmãos áquelas nações, contanto que sobejem, pois tanta falta sentimos deles que, de todos os que acima mencionei, apenas um sabe a lingua latina; como, pois, bastará para acudir-se a tal e tanto trabalho? Maximè por esse motivo, Reverendo Padre, cumpre que mandes obreiros para tão fecunda seára, o que confiadamente esperamos que faça, pois que esta região está ao cuidado do Senhor Onipotente, e cuja especial administração está a ti mesmo confiada.

Acresce tambem a isso que, como todas as orações e gemidos dos nossos Irmãos, depois que aqui estão, se afadigam pedindo contínua e fervorosamente a Deus Otimo e Maximo que enfim se digne algumas vezes mostrar e descobrir algum caminho em que para aqui se dirijam os gentios a receberem a sua fé, agora finalmente se descobriu uma grande cópia de ouro, prata, ferro, e outros metais, (43) até aqui inteiramente desconhecida (como afirmam todos), a qual julgamos otima e facilima razão, de que já por experiencia estamos instruidos. Porquanto, muitos dos Cristãos, que aqui têm vindo, submetem os mesmos ao jugo de Cristo, e sejam eles assim obrigados a fazer por fôrça o que não se resolveriam a fazer por amor. Resta que, Reverendo Padre, nos encomendemos humildemente á tua e ás orações de todos os nossos Irmãos.

Piratininga, na Casa de S. Paulo, 1554.

O minimo da Sociedade de Jesus.

NOTAS

(1) Copiada no livro de registro, codice manuserito, letra do seculo 16, 226 fls. numeradas 26×15, sem título, que possúi a Biblioteca Nacional, onde é cotado Cod. LXXVII, 6-22, e intitulado *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil, desde o ano de 1549 até ao de 1586*, fls. 199, em latim (*Cat. de Mss.*, 1878, I, p. 16). Pbl. vertida para o português, por Teixeira de Melo, nos "Anais da Biblioteca Nacional", Rio, I, p. 60-75, e no "Diario Oficial", do Rio, de 30 de novembro, 1 e 2 de dezembro de 1887.

(2) *Leonardo Nunes* nasceu na vila de São Vicente, bispado de Guarda, e entrou para a Companhia em 1548. No ano seguinte, já ordenado de missa, veio para o Brasil na primeira missão chefiada por Nobrega e foi enviado, com o irmão Diogo Jacome, a Ilhéus. A 18 de julho estava de novo na Baía, regendo o côro na missa solene celebrada por Nobrega nesse dia (*Cartas Jesuíticas I — Cartas do Brasil de Manuel da Nobrega*, pbl. da Academia Brasileira, Rio, 1931, III). Em princípios de agosto, sempre acompanhado por Diogo Jacome, já havia voltado para Ilhéus, devendo ser engano de Nobrega, ou então êrro de cópia, a afirmação de que a 1 de novembro partiu com eles, Nunes e Jacome, da Baía, pois acrescenta logo a seguir que encontrou êste último doente em Ilhéus (Nobr., l. c., III, VI, e nota 29 de Vale Cabral). Fosse como fosse, o fato é que de Ilhéus e por essa epoca Leonardo Nunes e Diogo Jacome seguiram com Nobrega para Porto Seguro, de onde Leonardo Nunes com dez ou doze meninos partiu para São Vicente, antes de janeiro de 1550 (Nobr., l. c., VI). Aí os reinois, que viviam em “alguns cinco lugares” e “em parte eram peores que os mesmos brasís”, movidos pelo zêlo de Leonardo Nunes, “edificaram casa e igreja” para a Companhia, trazendo os “principais da terra” a “madeira do mato ás costas e contribuindo todos com suas esmolos” (Baltazar Teles, *Cronica da Companhia de Jesu na Provincia de Portugal*, Lisboa, 1645, I, p. 477). Em sua passagem pelo Espirito Santo, Leonardo Nunes acolheu na Companhia o irmão Mateus Nogueira e em São Vicente recebeu outros, europeus e mestiços, entre os quais Pero Corrêa, Manuel de Chaves, Leonardo do Vale e Gaspar Lourenço (Simão de Vasconcelos, *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*, Lisboa, ed. de 1865, l. I, n. 70). Na catequese mostrou-se incançavel: formou um seminario em São Vicente; entrou repetidas vezes sertão a dentro em visita aos tamoiós e carijós, tendo por intérpretes os irmãos; com a provisão que Tomé de Sousa lhe dera na Baía, restituiu á liberdade os carijós escravizados pelos portugueses; enfrentou João Ramalho, a quem certa vez expulsou da igreja de São Vicente, o que lhe valeu uma tentativa de agressão por parte de um dos filhos do Patriarca; e a todas as coisas de seu mister acudiu com tanta solícitude, percorrendo velozmente as povoações portuguesas e indigenas, que foi chamado *Abarêbebê* (“Padre que voa”). Em 1553 recebeu Nobrega, que pela primeira vez visitava a Capitania, e, por ordem dêste, partiu para a Baía em busca de “mais número de obreiros” (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 134). Ao desembarcar na cidade do Salvador, já encontrou instalada no Colegio a missão vinda com d. Duarte da Costa. E em outubro tornou para o Sul com o socorro pedido por Nobrega, do qual fazia parte Anchieta. A chegada a São Vicente foi a 24 de dezembro. Na Capitania ficou Leonardo Nunes até 1554, quando, a mandado de Nobrega, embarcou para a Europa afim de “dar conta” a d. João III e a Loiola “das cousas destas partes” (Nobr., o. c., XIII). Naufragando na viagem, morreu a 30 de junho. De seus companheiros poucos se salvaram (B. Teles, o. c., I, p. 478). São dele duas das *Cartas Avulsas* (*Cartas Jesuíticas II*, pbl. da Academia Brasileira, Rio, 1931, II e III).

(3) D. Duarte da Costa, com quem Anchieta chegou ao Brasil a 13 de julho de 1553.

(4) *Luiz da Grã*, filho de Antonio Taveira, de familia nobre, nasceu em Lisboa, cêrca de 1523 (*Primeira Visitação do Santo Ofício — Denúncias da Baía*, S. Paulo, 1922, p. 329). Em 1543, quando estudante da Universidade, entrou para o Colegio de Coimbra. Ordenado padre, foi reitor dêsse Colegio de 1547 a 1551. Veiu para o Brasil com d. Duarte da Costa, em 1553, chefiando a terceira missão, de que participou Anchieta e encarregado do governo da

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

provincia como colateral de Nobrega. Perante êste, fez sua profissão solene dos 4 votos em São Vicente, onde chegou a 15 de maio de 1555. Aí recebeu, em dezembro de 1559, a patente de provincial, trazida pela leva que veio para o Brasil com o bispo d. Pedro Leitão, exercendo esse cargo até 1570. Na Capitania vicentina, de acôrdo com Nobrega, transformou em “perfeito collegio”, primeiro da Companhia no Brasil, a escola de São Paulo de Piratininga (1556) e, quatro anos mais tarde, com auxílio de Mem de Sá, mudou-o para São Vicente (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 202, e l. 2, n. 84). Enfrentando Bolés, cuja influência junto aos moradores era crescente, por duas vezes denunciou-o ao ouvidor eclesiastico, o vigario Gonçalo Monteiro: a primeira devassa se perdeu e a segunda, feita em 1560, terminou com a absolvição do acusado (v. nota 179). Aos esforços de Grã e Nobrega, no dizer de Anchieta (v. carta XII), deve-se a transferencia em 1560 da vila de Santo André da Borda do Campo para Piratininga, determinada por Mem de Sá. Ainda em 1560, a 25 de junho, seguiu Luiz da Grã em companhia do governador para a Baía, onde chegou a 29 de agosto. Aí ativou extraordinariamente a catequese, restaurando a aldeia de São João e promovendo a fundação das de Santo Antonio (Erembé), Santa Cruz (Itaparica), Bom Jesus (Tatuapara), São Pedro, Nossa Senhora da Assunção (Tapepitanga), São Miguel (Taperaguá) e Santo André, ao mesmo tempo que visitava as antigas povoações indígenas (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 99 e s.; cf. *Inf. dos Prim. Aldeiam. da Baía*). Conhecia perfeitamente a lingua brasilica, de que foi mestre na Baía, tendo ordenado em 1560 que no Collegio se lesse a arte composta por Anchieta (*Cart. Av.*, XXXVIII). A 21 de janeiro de 1561, achando-se na aldeia de São Paulo, depôs no auto de culpas instaurado contra João de Bolés, prêso na Baía desde dezembro do ano anterior. Empreendendo uma entrada até o rio São Francisco, foi obrigado a voltar “pelos muitos assaltos dos indios” (*Cart. Av.*, nota 165 de Afranio Peixoto). Em julho de 1563, por ordem do visitador padre Inacio de Azevedo, seguiu com outros religiosos para Pernambuco, afim de estabelecer ali definitivamente a residencia da Companhia. Em 1571, já tendo deixado o provincialato, da Baía tornou a embarcar com o bispo d. Pedro Leitão para Pernambuco, onde salvou o padre Amaro Gonçalves das acusações do “clerigo nigromatico” Antonio de Gouvêa (*Hist. dos Colégios do Brasil*, nos “Anais da Biblioteca Nacional”, XIX, p. 80). Nos primeiros dias de julho de 1572, com o recémchegado provincial Inacio de Tolosa, mais uma vez partiu da Baía com destino a Pernambuco, estando de volta em outubro do mesmo ano (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 96). E a 20 de novembro acompanhou o provincial na sua visita às Capitâneas de Porto Seguro (onde chegaram em dezembro), Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente, tornando á Baía a 9 de outubro de 1573. Aí foi reitor do Collegio. Em 1575, a mandado do provincial Inacio de Tolosa, esteve no rio Real com o irmão Francisco Pinto. Dirigiu depois o Collegio de Pernambuco, em substituição ao padre Agustin del Castillo. Em 1584, quando lá esteve o visitador Cristóvão de Gouvêa, ainda exercia esse cargo. Pela mesma epoca, era tambem coadjutor do bispo d. Antonio Barreiros, na comissão passada a êste e aos padres da Companhia para aqui exercerem o Officio de Inquisição. Sete anos mais tarde, precisamente a 14 de agosto de 1591, denunciou Jorge Fernandes e outros perante o Tribunal instalado na Baía (*Den. da Baía*, p. 329). Daí tornou para Pernambuco, onde, em junho de 1594, em sua denúncia á Inquisição, Antonio de Brito informa haver se aconselhado com Luiz da Grã quatro ou cinco meses antes, no Collegio da Companhia (*Primeira Visitação do Santo Officio — Denúncias de Pernambuco*, S. Paulo, 1929, p. 297). E em Pernambuco faleceu a 5 de maio de 1613, já nonagenario portanto (nota de Rodolfo Garcia a Fernão Cardim,

JOSEPH DE ANCHIETA

Tratados da Terra e Gente do Brasil, Rio, 1925, p. 400). E' dele 'uma das *Cart. Av.* (XLII).

(5) *João Gonçalves*, castelhano, era ainda irmão quando veio para o Brasil na missão de Luiz da Grã (1553). Foi durante três anos cozinheiro do Colegio da Baía (*Cart. Av.*, nota 87 de Afranio Peixoto). A 15 de agosto de 1556, ordenando-se, disse sua primeira missa, estando presente o governador d. Duarte da Costa (*Cart. Av.*, XX). Em 1556-7 ensinava latim e, por ordem de Nobrega vinda de São Vicente, foi incumbido de "contratar com os índios", visitando as aldeias, de onde trazia meninos para o Colegio da Baía (*Cart. Av.*, XXII). Aí morreu a 21 de dezembro de 1558.

(6) *Antonio Pires*, natural de Castelo Branco, bispado de Guarda, veio em companhia de Nobrega, já sacerdote de missa. No Colegio de Coimbra foi discípulo do padre Gonçalo da Silveira e exerceu o cargo de porteiro, talvez ao tempo em que era reitor Luiz da Grã, a quem deveu sua permanência na Companhia, o que indica ter isso ocorrido em 1547 ou então em 1548 (*Cart. Av.*, XIII). Entre 1549 e 1550, durante a ausencia de Nobrega em Ilhéus e Porto Seguro, substituiu-o como reitor na Baía. Em 1551, acompanhou Nobrega a Pernambuco, aí chegando a 27 ou 28 de julho. Em Olinda, Antonio Pires deu início á residencia da Companhia, graças a Duarte Coelho que lhe confiou a ermida de N. S. da Graça. Trabalhou "por suas proprias mãos em officio de pedreiro", edificando várias casas de taipa (B. Teles, o. c., I, p. 476-7), officio esse que, com o de carpinteiro, já exercera na Baía, sendo, no dizer de Nobrega, "nosso official de tudo" (*Cart.*, III). Com provisão do bispo d. Pedro Sardinha, visitou a Capitania em 1552. Segundo S. de Vasc. (o. c., 1.1, n. 132), esteve em 1553 em São Vicente, residindo na aldeia de Manicoba. Mas deve haver aí confusão com Francisco Pires, nesse ano chegado a São Vicente em companhia de Nobrega. Em 1554 Antonio Pires tornou á Baía. E no ano seguinte conseguiu resolver, mas não por muito tempo, as desavenças surgidas entre o bispo, de um lado, e o governador d. Duarte da Costa e seu filho d. Alvaro, de outro (*Cart. Av.*, XVII). Dois anos depois, 1557, residiu com Áspicuelta Navarro na aldeia do Tubarão e foi designado por Nobrega para uma missão a São Vicente (Nobr., o. c., XVIII). Mas se de fato aí esteve, o que parece pouco provavel, tornou logo para a Baía, pois ainda em 1557 foi reitor do seu Colegio (Nobr., o. c., XVIII). Residiu depois na aldeia de São João, voltando em 1559 para a Baía, onde adoeceu gravemente: "foi tão grande e perigosa sua enfermidade que eu o tive por morto", escreve Nobrega (o. c., XIX). Em 1561 assistia na aldeia de Santa Cruz, Ilha de Itaparica, então fundada com seu auxílio. Mestre de noviços no Colegio da Baía em 1564, era seu superior quando assumiu o cargo de vice-provincial, por morte de Nobrega (outubro de 1570), que pela segunda vez fôra nomeado provincial. No exercicio dêsse cargo, em que se manteve nove meses, encampou ao governador geral Mem de Sá as povoações dos jesuitas na Baía, á vista dos agravos que contra os índios da aldeia de São João fizera Fernão Cabral e da lentidão da justiça em apurá-los e puni-los. A encampação, feita a 9 de setembro de 1571, não foi recebida, tendo Antonio Pires dela desistido, diante das explicações do governador (v. *Inf. dos Prim. Aldeiam.*). Faleceu na Baía a 27 de março de 1572. Das *Cart. Av.*, quatro são dele (V, XIII, XXV e XL).

(7) *Domingos Pecorella* foi recebido por Nobrega na Baía, como co-adjutor temporal. *Dominguesanes*, assim o chama a *Hist. dos Col.* (1. c., p. 86), morreu, segundo S. de Vasc. (o. c., 1. 1, ns. 188-91), "de um aci-

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

dente extraordinario de pedra” a 24 de dezembro de 1554. A carta de Anchieta demonstra, porém, que a morte do suave e humilde Pecorella foi anterior a junho desse ano, talvez a 24 de dezembro de 1553.

(8) *Ambrosio Pires* já era padre quando chegou ao Brasil em 1553, no socorro chefiado por Luiz da Grã. Logo a seguir, foi enviado a Porto Seguro com o irmão Antonio Blasquez. De Porto Seguro tornou á Baía, onde já se encontrava em junho de 1555 e foi reitor do Collegio, tendo sido em 1556 destituído por Nobrega desse cargo e designado para cozinheiro (*Cart. Av.*, XX). Repetiu, assim, Nobrega na Baía o que no Collegio de Coimbra vira fazer o padre Simão Rodrigues de Azevedo, transferindo, em 1547, da reitoria para a cozinha o ilustre e fidalgo Luiz Gonçalves da Camara (B. Teles, o. c., I, p. 371-4). Em 1557, Ambrosio Pires, já dispensado do officio de cozinheiro, ensinava latim no Collegio e tinha “a seu cargo as prêgações da cidade” (Nobr., o. c., XVIII), misteres de que se ocupava ainda em 1558 (*Cart. Av.*, XXIII). Nêste último ano, porém, embarcou com d. Duarte da Costa para Portugal, “por ordem da obediencia” (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 82). Afranio Peixoto, com apoio na *Synopsis* de Antonio Franco, dá o motivo da partida do missionario bem como de seu afastamento da Companhia em Portugal: Ambrosio Pires não tinha a humildade necessaria para ser jesuita (*Cart. Av.*, notas 12, p. 41, e 82, p. 145). E foi, com certeza, para experimentar essa humildade que Nobrega, como já se viu, o tirou da reitoria para colocá-lo na cozinha do Collegio da Baía. Ao contrário do que aconteceu no caso de Luiz Gonçalves da Camara, a experiencia não provou bem. Afastado da Companhia, Ambrosio Pires, reduzido á miseria, morreu em Portugal. E’ dele uma das *Cart. Av.* (VI).

(9) O castelhano *Antonio Blasquez* era irmão quando veio na missão de Luiz da Grã. Foi logo enviado com Ambrosio Pires a Porto Seguro, onde ensinou doutrina cristã aos indios, escravos e meninos. Deve ter voltado para a Baía com o mesmo Ambrosio Pires. Aí, já em 1555, exercia seu officio de professor. Em 1562, sempre ensinando no Collegio, foi ordenado padre pelo bispo d. Pedro Leitão, provavelmente ao mesmo tempo que Gregorio Serrão, Diogo Jacome e Manuel de Chaves, nesse ano chegados de São Vicente. Em 1591, residia no Collegio da Baía (*Primeira Visitação do Santo Officio — Confissões da Baía*, S. Paulo, 1922, p. 98). Dele são declaradamente nove das *Cart. Av.* (XIX, XXII, XXIX, XXXV, XLV, LIII, LIV e LV). Mas há motivos para crer sejam tambem suas outras que não trazem assinatura, como as de ns. XX e XXI. O fato de ser indicado para redigir quadrimestres prova, por si só, o bom conceito em que era tido por seus superiores.

(10) S. de Vasconcelos dá o nome de três: Porto Seguro, Santa Cruz e Santo Amaro (*Cron.*, l. 1, n. 142).

(11) *Braz Lourenço*, português, veio em 1553 na missão de Grã, sendo já ordenado. Em outubro desse ano, partiu da Baía para o Sul com Leonardo Nunes, ficando no Espirito Santo como substituto do padre Afonso Braz, que seguiu para São Vicente. Em 1555, a conselho de Luiz da Grã, conseguiu do donatario Vasco Fernandes Coutinho que atraísse para o Espirito Santo o chefe indigena *Maracayaguaçu* (“Grande Gato”), principal dos temiminós, que nas partes do Rio de Janeiro viviam em luta encarniçada com os tamoiós (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 204). Localizados na aldeia de N. S. da Conceição os temiminós do “Grande Gato”, que no batismo recebeu o nome do donatario (como Tibiriçá em Piratininga), vieram a seguir Pirá Obyg (“Peixe Verde”) com seus indios e, de Porto Seguro, grande número de tupinaquis

JOSEPH DE ANCHIETA

(S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 205). Logo começaram as desavenças sangrentas dos índios entre si e as revoltas contra os portugueses, o que fez com que os temiminós em grande número se embrenhassem pelo sertão. Braz Lourenço se esforçou quanto pôde para remediar esse estado de cousas, tendo conquistado a amizade e confiança do "Grande Gato". Em 1558 socorreu os índios por ocasião da "mortindade" que assolou a costa desde o Rio de Janeiro (*Cart. Av.*, XXVII e nota 123 de A. Peixoto) e em 1562, quando duas naus francesas vindas do Rio de Janeiro atacaram a capitania, encorajou os moradores, aos quais a inferioridade em armas e número tirava o ânimo de combater (*Cart. Av.*, XLVIII). Em princípios de 1564, seguiu para a Baía, sendo substituído no Espírito Santo pelo padre Manuel de Paiva (*Cart. Av.*, LVIII). No ano seguinte, o provincial Luiz da Grã levou-o para Porto Seguro, onde o deixou como reitor da casa de São Pedro, em lugar do padre Francisco Viegas (*Cart. Av.*, LX). Em dezembro de 1572, o provincial Inácio de Tolosa, de passagem por Porto Seguro, levou-o consigo para o Rio de Janeiro (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 97), aí chegando em janeiro de 73. No Rio de Janeiro ficou Braz Lourenço como reitor durante alguns anos. A ele refere-se de passagem o jesuíta Antonio Dias em sua denúncia perante o Santo Ofício (*Den. da Baía*, p. 338).

(12) *Simão* ou *Simeão Gonçalves* deve ter sido recebido por Nobrega, em 1549, na Baía, sendo então muito jovem. Aí ensinava os meninos na casa da Companhia. Em 1551, já se encontrava no Espírito Santo auxiliando o padre Afonso Braz (*Cart. Av.*, V). Em 1561, na Baía, foi escolhido por Grã para restabelecer, com o padre Gaspar Lourenço, a casa da aldeia de São João. S. de Vascellos ainda o dá como irmão nessa época (o. c., l. 2, p. 102), o que não faz Antonio Blasquez, seu contemporâneo, que o chama padre Simeão Gonçalves (*Cart. Av.*, XLV). Mas como, em 1564, o mesmo Blasquez o nomeia irmão, é difícil fixar a data exata em que foi ordenado (*Cart. Av.*, LIV). Nesse ano, 1564, a 29 de junho, esteve presente ao segundo jubileu havido no Brasil, em São Tomé de Paripe, povoação distante três leguas da Baía, antiga aldeia de Tubarão, assistindo, com os índios da residência a seu cargo, à missa pontifical resada pelo bispo d. Pedro Leitão (*Cart. Av.*, LIV e nota 217 de Afranio Peixoto). Em 1567 já residia em Piratininga, onde morreu em julho de 1572 (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 127; *Cart. Av.*, nota 34 de Afranio Peixoto; Anch., carta XVII).

(13) Igual "Confraria de caridade" estabeleceu Braz Lourenço quando superior em Porto Seguro (*Cart. Av.*, LX).

(14) Determinando a vinda dos primeiros jesuítas ao Brasil, d. João III lhes concedeu "os mesmos favores e despezas reais, com que mandara à Índia o padre Francisco Xavier, e com que depois continuou com todos seus missionários" (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 28). Consistiam tais favores em "mantimentos e vestuário", recebendo a princípio cada jesuíta "um cruzado em ferro, que saía pouco mais de dois tostões em dinheiro, para a manutenção" e anualmente "cinco mil e seiscentos réis para vestido" (Nobr., *Cart.*, XII). Dos *Documentos Historicos*, pbl. da Biblioteca Nacional (v. XIII da série e XI dos docs., Rio, 1929, p. 355, 401, 417, 441 e 453) constam varios pagamentos mensais de dois mil e quatrocentos réis, feitos em 1550-1551 ao "Padre Manuel da Nobrega, Maioral dos Padres da Ordem da Companhia de Jesus", para o "mantimento de seis Padres... a quatrocentos réis cada um". Com o correr do tempo, tiveram os jesuítas o seu "mantimento" grandemente aumentado, além do que recebiam para sustento dos Colegios (Varnhagen, *Historia Geral do Brasil*, S. Paulo, 4ª ed., I, p. 392, e notas 33 a 35 de R. Garcia).

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

(15) As seis “aldeias” vicentinas, a que se refere Anchieta, eram com certeza São Vicente, Santos, Santo André da Borda do Campo, São Paulo de Piratininga e Itanhaen.

(16) Nobrega, chegado a São Vicente com Tomé de Sousa em 1553, aí ficou até 3 de maio de 1556, quando embarcou de volta á Baía.

(17) *Manuel de Paiva*, natural de Aguada, bispado de Coimbra, entrou para a Companhia em 1548, “já sacerdote de boa idade” (Anch., *Frag. Hist.*; B. Teles, o. c., I, p. 492). Em 1550, veio na segunda missão chefiada por Afonso Braz. Chegado á Baía, submeteu-o Nobrega a um exercício de mortificação e obediência, mandando-o “vender a prêção pelas praças” (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 82). Logo depois foi enviado a Ilhéus, de onde voltou para a Baía em 1551, afim de na direção da casa substituir a Nobrega, durante a ausencia dêste em Pernambuco, de julho de 1551 a janeiro de 1552 (*Cart. Av.*, nota 61 de A. Peixoto). O cargo de superior não o impedia de trabalhar como pedreiro e carpinteiro (*Cart. Av.*, XI). No mesmo ano de 1552 seguiu para o Sul com três meninos, que deixou no Espírito Santo, de onde embarcou pouco tempo depois para São Vicente. Aí foi dos jesuitas acusados em 1553, por João Ramalho e seus filhos, perante Nobrega, que, em inquerito a que procedeu, verificou a improcedencia das acusações, salvo na parte referente a um mestiço noviço, logo expulso da Companhia (S. de Vasc., o. c., l. 1, ns. 126-8). Aliás, de um trecho desta mesma carta de Anchieta pode-se deduzir que Manuel de Paiva era parente de João Ramalho, ambos naturais de Coimbra (Paulo Prado, *O Patriarca*, na “Revista Nova”, S. Paulo, I, p. 543). A 25 de janeiro de 1554, como superior dos missionarios vindos de São Vicente, para fundar a casa de Piratininga, disse a primeira missa na “pauperrima e estreitissima casinha” de que fala Anchieta. Homem de poucas letras, aprendeu latim com o canarino e, embora se esforçasse por saber a lingua da terra, “não chegou a mais que saber ensinar a doutrina por escrito, ajudando os naturais por intérpretes com práticas e confissões, segundo relata o canarino na biografia que dele traçou (v. *Frag. Hist.*). Forte na guerra como na catequese, participou com Gregorio Serrão de duas expedições contra os tamoios, impedindo que uma delas culminasse na destruição de Iperuig. Dava exemplo de coragem aos portugueses, “indo sempre diante nos seus exercitos, contra os barbaros e gentios tamoios, com uma cruz arvorada deante de todos, sendo o primeiro em acometer (porque era homem robusto, de grandes forças, que a nenhum trabalho se negava) e ficando sempre o último em se recolher” (B. Teles, o. c., I, p. 494). Em 1562 partiu para a Baía, onde desembarcou em setembro, levando consigo os irmãos Manuel de Chaves, Diogo Jacome e Gregorio Serrão (*Cart. Av.*, L). Na entrada de 1564, chegou ao Espírito Santo, com Diogo Jacome e Pedro da Costa, para substituir a Braz Lourenço na reitoria da casa (o. c., LVIII). Aí morreu a 21 de dezembro de 1584, sendo então na idade o mais velho da Companhia no Brasil. Foi sepultado na igreja de S. Tiago.

(18) *Francisco Pires*, já padre, veio na missão de 1550. Enviado a Porto Seguro, deu aí início á casa da Companhia e edificou a ermida de Nossa Senhora da Ajuda. Era ele o oficiante da missa durante a qual, junto ao altar-mór, rebentou a fonte que logo tornou famosa a igrejainha (B. Teles, o. c., I, ps. 467-9 e 492; *Cart. Av.*, nota 70 de A. Peixoto). Em 1552 se encontrava de novo na Baía. No ano seguinte, partiu para São Vicente com Nobrega, na frota de Tomé de Sousa. Foi aí dos religiosos caluniados por João Ramalho e é possível que tenha participado da fundação de S. Paulo. Com

JOSEPH DE ANCHIETA

Vicente Rodrigues residiu em Maniçoba e com Nobrega tornou á Baía, partindo de São Vicente a 3 de maio de 1556. Esteve depois no Espirito Santo (*Cart. Av.*, XXVII). Em 1559, de novo na Baía, tinha a seu cargo a escola de meninos e visitava continuamente a aldeia de São Paulo, apesar de doente (*Cart. Av.*, XIX e XXXVII). Nesse mesmo ano, pela segunda vez foi superior da casa de Porto Seguro (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 70). Depois da partida de Nobrega para o Sul em 1560, ficou como reitor do Collegio da Baía. Em 1563 residiu na aldeia de Santa Cruz. Em 1564, partiu como superior para Ilhéus, de cuja casa foi o primeiro residente (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 47). Francisco Pires, que não chegou a saber a lingua da terra (*Anch.*, *Frag. Hist.*), morreu ético no Collegio da Baía, em janeiro de 1586. Devia ter sido prégador muito prolixo, pois Gaspar de Fontes em sua denúncia ao Santo Offício (*Den. da Baía*, p. 348) declarou constar em Ilhéus que Antonio Gavião "dizia que se ele havia de esperar tanto á porta do Paraíso quanto o padre Francisco Pires estava no pulpito a prégar, antes não queria ir ao Paraíso". São de Francisco Pires cinco das *Cart. Av.* (XIV, XXIV, XXXIV, XXXVI e XXXVII). — V. *Frag. Hist.*

(19) *Vicente Rodrigues*, natural de Fonte da Talha, arrabalde de Lisboa, entrou para a Companhia no Collegio de Coimbra. "Muito achacoso e sujeito a grandes dôres da cabeça", foi enviado para a casa de S. Antão, onde, peiorando cada vez mais seu estado de saúde, recebeu a visita do padre Simão Rodrigues de Azevedo. Disse-lhe éste: "Confiai, irmão, que não haveis de morrer desta". Mais não foi preciso para que recuperasse immediatamente a saúde, segundo B. Teles (o. c., I, ps. 618-9). Não era ainda sacerdote quando veio para o Brasil com Nobrega. Na Baía, no ano de sua chegada (1549), ensinou a doutrina aos meninos e teve "escola de ler e escrever" (*Nobr.*, *Cart. I*). Além disso, cuidava como ermitão da horta da casa, da qual, embora simples irmão, ficou como superior durante a ausencia de Nobrega em Ilhéus e Porto Seguro (*Nobr.*, o. c., III). Em 1550 foi o prégoeiro da venda simulada de Manuel de Paiva e aprendeu o officio de tecelão (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 80; S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 83). Esteve doente de febres quartãs por espaço de um ano (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 93) e foi enviado com Aspicuelta Navarro para Porto-Seguro. Aí ficou com Francisco Pires, voltando á Baía em 1551. No ano seguinte residiu em Itapoan (*Cart. Av.*, nota 73 de A. Peixoto). Em outubro de 1553, recém-ordenado, seguiu para o Sul com Leonardo Nunes, chegando a São Vicente a 24 de Dezembro. Co-fundador em 1554 da casa de São Paulo, logo depois residiu com Francisco Pires na aldeia de Maniçoba. Já era superior de Piratininga, em 1562, quando do grande ataque dos Indios, e nesse cargo ainda se mantinha em 1567. Em 1570 (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 128; S. de Vasc., *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchietta*, Lisboa, 1672, l. 3, n. 8-11), acompanhou Anchietta na expedição pelo Anhembi, durante a qual se deu o naufragio do canarino, tido por milagroso, e que Machado d'Oliveira (*Quadro Historico da Provincia de S. Paulo*, São Paulo, 1864, p. 58) fixa em 1560, durante a permanencia de Mem de Sá na Capitania. Em abril de 1573 seguiu para o Rio de Janeiro com o provincial Inacio de Tolosa e daí para a Baía, com escala pelo Espirito Santo. Porém, no mesmo dia, em que os jesuitas deixaram Vitória, 28 de abril, sofreram um naufragio de que conseguiram escapar, alcançando a terra. A 8 de maio estavam de novo na casa do Espirito Santo, onde permaneceram quasi cinco meses por falta de embarcação, só chegando á Baía no dia 9 de outubro (*Hist. dos Col.*, l. c., ps. 131-5). Vicente Rodrigues voltou mais tarde ao Rio de Janeiro, onde morreu a 9 de junho de 1598. Era irmão do padre Jorge Rijo, professor de Anchietta no Collegio de Coimbra. Daí o nome que lhe dá Nobrega:

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

Vicente Rijo (*Cart.*, I). Três das *Cart. Av.* são dele (XI, XII e XV). Grande amigo de Anchieta, testemunhou vários de seus milagres (*Hist. dos Col.*, l. c.).

(20) *Afonso Braz*, já sacerdote de missa, chegou ao Brasil em 1550, chefiando a segunda missão que veio na armada de Simão da Gama de Andrade. Em 1551, foi enviado para o Espírito Santo com o irmão Simão Gonçalves. No ano seguinte, esteve em Porto-Seguro, onde comunicou a Aspi-cuelta "casos de conciencia", tornando logo ao Espírito Santo (*Cart. Av.*, IX). Em 1553, quando Leonardo Nunes voltava da Baía para São Vicente com o socorro pedido por Nobrega, embarcou, ficando Braz Lourenço em seu lugar. Co-fundador de São Paulo de Piratininga, dirigiu a construção da casa e igreja, trabalhando de pedreiro e carpinteiro, ofícios que exerceu também em São Vicente. Com o provincial Inácio de Tolosa, seguiu em 1573 para o Rio de Janeiro, onde ficou encarregado das obras do Colegio, "por ser grande carpinteiro" (*Hist. dos Col.*, l. c., ps. 130-1). Ainda vivia em 1586 (*Anch.*, *Frag. Hist.*).

(21) Leonardo Nunes (v. nota 1).

(22) *Diogo Jacome*, recebido na Companhia em 1548, no ano seguinte veio para o Brasil na missão chefiada por Nobrega. Foi o primeiro que aqui soube um "ofício mecanico" (B. Teles, o. c., I, p. 479): "levantou um tórno de pé", fabricando coroas e rosários de páu que distribuía aos índios ou vendia aos devotos em proveito da Companhia (S. de Vasc., *Cron.*, l. 1, n. 72). Enviado com Leonardo Nunes para Ilhéus, esteve na Baía em julho do mesmo ano de 1549, tornando para Ilhéus em agosto. Seguiu depois, em companhia de Nobrega e Leonardo Nunes, para Porto-Seguro, onde ficou. Em 1551, já estava em São Vicente, auxiliando com grande zelo Leonardo Nunes. Aí, como mais tarde em São Paulo de Piratininga, de que foi co-fundador, e no Rio de Janeiro, trabalhou de carpinteiro na construção das casas e igrejas da Companhia (*Anch.*, *Frag. Hist.*). Em 1562 partiu com Manuel de Paiva para a Baía, onde chegou em setembro e foi ordenado padre pelo bispo d. Pedro Leitão, seguindo logo para a aldeia do Espírito Santo (*Cart. Av.*, L). Em 1563, residiu em Ilhéus com o padre Luiz Rodrigues. Em princípios de 1564 chegou ao Espírito Santo com Manuel de Paiva e teve a seu cargo a aldeia de Nossa Senhora da Conceição. Socorreu os índios durante a peste de bexigas que dizimou os moradores da capitania. Ele e o irmão Pero Gonçalves, que morreu contaminado, eram "os sangradores, os cirurgiões, os médicos, e juntamente os parocos e recoveiros" (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 70). Adoecendo de febres quartãs, foi chamado a Vitória, onde passou alguns meses, tornando á aldeia de Nossa Senhora da Conceição, apesar de não restabelecido, "por ordem da obediencia" (*Cart. Av.*, LVIII). Agravando-se seu estado, veio de novo para Vitória, onde faleceu em abril de 1565, sendo sepultado na igreja de São Tiago. Das *Cart. Av.*, a de n. X é sua. — V. *Frag. Hist.*

(23) *Gregorio Serrão* foi recebido em 1550 no Colegio de Coimbra. Aí serviu de enfermeiro, sendo escolhido por Diogo Mirão para cuidar do padre-mestre Gonçalo de Medeiros, falecido na casa de S. Antão de Lisboa em abril de 1552, a quem acompanhou na "última peregrinação que fez a São Gonçalo de Amarante, donde tornou a Lisboa", segundo informa Anchieta nos *Frag. Hist.* Adoecendo gravemente, foi enviado para o Brasil "quasi por incuravel" (*Anch.*, l. c.), na missão de Grã (1553). Enfermo quasi toda a viagem, seguiu, logo depois de chegado á Baía, para Porto-Seguro, onde esteve

cêrca de cinco meses sem experimentar nenhum alívio. Em outubro do mesmo ano, partiu para São Vicente com Leonardo Nunes. Fez parte da missão que fundou São Paulo, onde "teve quasi sempre o cuidado de soto-ministro, cozinheiro, dispenseiro e finalmente de toda a casa" (Anch., l. c.). Aprendeu o latim bem como a lingua geral e residiu durante muito tempo em Jeribatiba com Manuel de Chaves. Servindo de intérprete a Manuel de Paiva, acompanhou os portugueses em duas expedições contra os tamoios. Em 1562 seguiu para a Baía, com outros religiosos, e foi aí ordenado pelo bispo d. Pedro Leitão. Em 1564 teve a seu cargo a aldeia de Santiago e depois a de Paripe. No ano seguinte já era reitor do Colegio da Baía, cargo esse que, com interrupções, exerceu até 1584. Em fins de 1575 foi eleito procurador a Roma, ficando, em seu lugar na reitoria do colegio, primeiro Luiz da Grã e depois Quiricio Caixa. Depois da morte de Antonio Pires (27 de março de 1572), assumiu o cargo de provincial até a chegada de Inacio de Tolosa, a 23 de abril (*Hist. dos Col.*, l. c., ps. 92-3). Em Roma e em Portugal expôs a conveniencia da fundação de um terceiro Colegio da Companhia em Pernambuco, o que foi feito, logo em 1576. Em 1578 tornou para o Brasil, trazendo 16 missionarios, o maior socorro recebido pela provincia no primeiro seculo. Reassumiu na Baía o cargo de reitor, tendo por auxiliar o padre Luiz da Fonseca, que afinal o substituiu definitivamente em 1584. Narra Anchieta (l. c.) que Serrão "indo uma noite em um barco a fazer uma obra de serviço de Deus e misericórdia como costumava, lhe deu o ar na cabeça, de que começou a enfermar, e pouco a pouco se foi alienando". Enviado por Cristóvão de Gouvêa ao Rio de Janeiro, afim de obter melhoras para sua saúde, parou no Espirito Santo e aí morreu demente a 23 de novembro de 1586, sendo enterrado na igreja de S. Tiago. — V. *Frag. Hist.*

(24) *Pero Corrêa*, em 1549, foi o primeiro irmão recebido por Leonardo Nunes em São Vicente. Português, dos principais moradores e grande lingua da terra, antes de entrar para a Companhia como noviço "gastou muitos anos de sua vida acomodando-se ao modo de viver do lugar, salteando e cativando indios" (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 179). Tendo obtido ao tempo do capitão-mór Gonçalo Monteiro, a terra "que era dada a um mestre Cosme, bacharel", além de outra situada em Peruibe, requereu em 1542 a Antonio de Oliveira, loco-tenente do donatario, carta de confirmação, pois a primeira "lhe caíra no mar". Por essa carta, passada a 25 de maio do mesmo ano, conseguiu ainda a concessão da maior das três ilhas "que estão defronte da dita terra de Peruibe para seu aposentamento de carga e descarga das naus". A 20 de março de 1553, declarando-se co-fundador da casa de São Vicente, fez doação de todos os seus bens á Companhia (Nobr., *Cart.*, XV; M. E. de Azevedo Marques, *Apostamentos Historicos*, Rio, 1879, II, p. 98). Ainda em 1553, foi enviado por Nobrega a Paranaitú, de onde trouxe para São Vicente alguns castelhanos cativos dos tupis. Em 1554 participou da missão fundadora de São Paulo de Piratininga e foi aí aluno de gramatica de Anchieta. Nesse mesmo ano, pelo Natal, Pero Corrêa e João de Sousa morreram ás mãos dos Carijós, quando se dirigiam á terra dos ibirajáras, conforme narra Anchieta nas cartas IV e V (v. notas 72 e 75). São de Pero Corrêa cinco das *Cart. Av.* (VII, VIII, VIII-bis, IX e XVI).

(25) *Antonio Rodrigues*, natural de Lisboa, antigo soldado no Paraguai e grande conhecedor dos costumes dos carijós, foi recebido por Nobrega em São Vicente, no ano de 1553. E com Nobrega, nesse mesmo ano, entrou quarenta leguas pelo sertão até a aldeia de Japiuba ou Maniçoba (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 130). Muito provável que, em 1554, tenha sido dos

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

fundadores de S. Paulo (Antônio de Alcântara Machado, *Anchieta na capitania de S. Vicente*, Rio, 1929, p. 22, nota 11). A 3 de maio de 1556, embarcou para a Baía, em companhia de Nobrega, chegando a 4 de agosto. Na escala pelo Espírito Santo, ensinou doutrina em português e na língua da terra (*Cart. Av.*, XIX). Na Baía, em 1557, construiu a igreja de Nossa Senhora na aldeia do Rio Vermelho e aí residiu com Nobrega (*Nobr.*, o. c., XVIII) e depois Ambrosio Pires (*Cart. Av.*, XX). Em 1558 tomou parte na expedição de Mem de Sá contra certos índios inimigos (S. de Vasc., o. c., l. 2. n. 56). Em 1559, com o padre João Gonçalves, deu início à igreja da aldeia do Espírito Santo (*Nobr.*, o. c., XIX). Visitou também Itapuan, de onde levava meninos para a de Espírito Santo (*Cart. Av.*, XXX e XXXI). Deve ter recebido ordens sacras por essa época, pois em 1560, quando passou a residir no Collegio da Baía, já o chamava padre o jesuíta Rui Pereira (*Cart. Av.*, XXXIX). Em agosto de 1561, fundou a aldeia de Bom Jesus (*Cart. Av.*, XLIII, XLIV e XLVIII) e logo depois tornou para a Baía por ordem de Grã (*Cart. Av.*, XLV). Em 1562 e 1563 residiu na aldeia de São Pedro (*Cart. Av.*, XLVIII e L). Em 1564 assistia na aldeia do Espírito Santo novamente (*Cart. Av.*, LIII). Foi professor de flauta dos meninos que em 1565 tocaram na festa de Jesus realizada no Collegio da Baía (*Cart. Av.*, LV). Em novembro de 1566, seguiu para o Sul na frota de Mem de Sá, em companhia do visitador Inácio de Azevedo e do provincial Luiz da Grã. Participou da fundação do Collegio do Rio de Janeiro e aí morreu a 20 de janeiro de 1568, contando 52 anos de idade. Dele são seis das *Cart. Av.* (XXX, XXXI, XXXII, XXXIII, XLVIII e XLIV).

(26) *Manuel de Chaves*, grande língua da terra e dos principais moradores de São Vicente, foi aí recebido por Leonardo Nunes, em 1549, juntamente com Pero Corrêa. Figurou entre os jesuitas injustamente acusados perante Nobrega por João Ramalho e seus filhos, em 1553. Co-fundador de São Paulo de Piratininga, residiu com Gregório Serrão na aldeia de Jeribatiba. Em 1562 partiu para a Baía em companhia de Manuel de Paiva e aí foi ordenado pelo bispo d. Pedro Leitão. Em 1567 residia de novo em São Paulo.

(27) E' o irmão *Fabiano de Lucena*, recebido em São Vicente, muito provavelmente por Leonardo Nunes. Em 1554 seguiu com João de Sousa e Pero Corrêa na expedição em que estes encontraram a morte, tendo porém voltado a meio do caminho (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 174). A 3 de maio de 1556 embarcou para a Baía, com Nobrega, aí chegando a 4 de agosto. Foi dispenseiro do Collegio (*Cart. Av.*, XX) e em 1558 residia no Espírito Santo, onde foi ordenado padre e ainda se encontrava em 1562. Das *Cart. Av.* é provável que seja sua a de n. XLVII (nota 183 de Afrânio Peixoto).

(28) Pergunta Afrânio Peixoto (*Cart. Av.*, nota 44, p. 45) se este irmão Antonio, a que se refere Anchieta, não é Antonio de Autogüia, que em 1556 residia com Braz Lourenço no Espírito Santo (*Cart. Av.*, XIX). Mais provável, ao nosso ver, que seja Antônio de Sousa, que em 1556 seguiu de São Vicente para a Baía em companhia de Nobrega (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 4). E' verdade que Rui Pereira (*Cart. Av.*, XXXIX) dá Antônio de Sousa como chegado a 29 de agosto de 1560 na Baía, vindo de São Vicente com Luiz da Grã para se ordenar. Caso não se trate de engano de S. de Vasconcelos, Antônio de Sousa teria, portanto, entre 1556 e 1560 tornado a São Vicente.

(29) *Mateus Nogueira*, português, foi soldado na Africa, tornando depois para a sua patria. Desgostoso por descobrir que sua mulher, durante a

JOSEPH DE ANCHIETA

ausencia dele “tinha vivido erradamente”, veio para o Brasil, feito soldado, numa leva de povoadores, ficando no Espirito Santo. “No tempo que lhe sobejava da guerra”, exercia o ofício de ferreiro. Quando Leonardo Nunes, passou pelo Espirito Santo em 1549, vindo de Porto Seguro para São Vicente, recebeu Mateus Nogueira na Companhia. Em São Vicente, continuou ele a trabalhar como ferreiro, “fazendo anzois, cunhas, facas e o mais genero de ferramenta, com que acudia grandemente ao sustento dos meninos e da casa”. Foi dos fundadores de São Paulo de Piratininga, ajudando a sustentar a casa com seu ofício, apesar de doente e velho. Durante o ano que antecedeu sua morte, já gravemente enfermo, andava amparado em muletas que ele mesmo fabricara, assim como um tiracolo ao pescoço para ter as mãos erguidas na oração. Faleceu a 29 de janeiro de 1561, sendo sepultado na igreja do Collegio de São Paulo (S. de Vasc., o. c., l. 1, ns. 61 e 72, e l. 2, ns. 117 a 123; Nobr., o. c., XV; Anch., carta XII). E’ um dos interlocutores do *Diálogo* de Nobrega (o. c., p. 229 e s.), que o chama de “ferreiro de Jesus Cristo”.

(30) *João de Sousa*, aparentado com Tomé de Sousa, foi dos primeiros povoadores de São Vicente, onde Nobrega o recebeu na Companhia em 1553. Deve ter feito parte da missão que fundou São Paulo (A. de A. Machado, o. c., p. 22, nota 11). Morreu com Pero Corrêa pelo Natal de 1554, flechado pelos carijós (v. nota 24 e cartas IV e V, notas 72 e 75).

(31) Além desta carta de Anchieta, não há nenhum documento ou cronica, ao menos de nosso conhecimento, que contenha qualquer referencia a Gonçalo Antônio.

(32) Manuel da Nobrega.

(33) Treze foram os jesuitas que em janeiro de 1554, passada a Epifania, deixaram São Vicente, para fundar São Paulo de Piratininga. Deles podem ser apontados com certeza nove: padres Manuel de Paiva (superior), Afonso Braz, Vicente Rodrigues e irmãos José de Anchieta, Gregorio Serrão, Manuel de Chaves, Pero Corrêa, Diogo Jacome e Leonardo do Vale. Mas é provavel que os quatro restantes fossem o padre Francisco Pires e os irmãos Mateus Nogueira, Antônio Rodrigues e João de Sousa (A. de A. Machado, o. c., p. 22, nota 11). — *Piratininga*, “c. *pirá-tininga*, o peixe a secar; o seca-peixe. Designa rio que, por efeito dos transbordamentos, deita peixe fóra e o deixa em sêco, exposto ao sol. E’ a explicação de Anchieta. Alt. *Piratinim, Piratiny*” (Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, 3ª ed., “Rev. do Inst. Geogr. e Hist. da Baía”, n. 54). — Sobre as várias fórmulas por que era designada a povoação, depois vila, no século 16, v. Ermelindo A. de Leão (*O vilejo de Piratinim*, “Revista Nova”, São Paulo, II, página 49).

(34) A casa e igreja novas, construidas sob a direção de Afonso Braz, só foram inauguradas a 1 de novembro de 1556 (v. carta VIII, nota 84).

(35) Mateus Nogueira (v. nota 29).

(36) Provavelmente Maniçoba.

(37) Vicente Rodrigues.

(38) São os filhos de João Ramalho, que tinha por mulher uma filha

I. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

de Tibiriçá, Martira (ou Burtira, ou ainda *Mbcy*), batizada com o nome de Isabel.

(39) Santo André da Borda do Campo.

(40) A frase do mamaluco é ás vezes citada como dirigida a Anchieta, o que porém não se pôde deduzir das palavras dêste. '

(41) V. cartas IV e V, e notas 72 e 75.

(42) Luiz da Grã chegou a São Vicente em 15 de maio de 1555.

(43) A descoberta, a que se refere Anchieta, era certamente atribuída á expedição de Francisco Bruza de Espiñosa, na qual tomou parte o padre João de Aspicuelta Navarro, iniciada em 1553. Boatos iguais a esse, recolhido pelo canarino, é que levaram Tomé de Sousa a organizar a entrada de Espiñosa, como em 1550 a de Miguel Henriques (Afonso d'Escragnole Tournay, *História Geral das Bandeiras Paulistas*, I, p. 54).

II

AOS IRMÃOS ENFERMOS DE COIMBRA, DE SÃO VICENTE, 1554 (44)

Partida do Padre Leonardo Nunes. — Saúde de Anchieta. — Notícias de Gregorio Serrão e Manuel da Nobrega. — Estudos da lingua geral. — Trabalhos dos missionarios no Brasil.

P_{AX} Christi.

A graça de Nosso Senhor vos console, carissimos Irmãos enfermos, e vos dê obras conforme ao nome que tendes. Amen.

Já escrevi outras, principalmente pelo Padre Leonardo Nunes (45), depois de cuja partida chegaram as vossas, e nos deram grande consolação. As novas que ha por cá nas quadrimestres se verão largamente. Nesta quero sómente dar-vos uma nova e é que *virtus in infirmitate perficitur*; a qual foi para mim assás nova todo o tempo que aí estive.

Muito tendes, carissimos Irmãos, que dar graças ao Senhor, porque vos fez participantes de seus trabalhos e enfermidades, em as quais mostrou o amor que nos tinha: rezão será que'o sirvamos algum pouco, tendo grande paciencia nas enfermidades e, nestas, aperfeiçoando a virtude.

A larga conversação que tive nessas enfermarias me faz não me poder esquecer de meus carissimos coenfermos, desejando vê-los curar com outras mais fortes mezinhas, que as que lá se usam; porque sem dúvida pelo que em mim experimentei, vos posso dizer que as mezinhas materiais pouco fazem e aproveitam. Por outras cartas vos tenho já escrito de minha disposição, a qual cada dia se renova, de maneira que nenhuma differença ha de mim a um são, ainda

II. — CARTA DE S. VICENTE (1554)

que algumas vezes não deixo de ter algumas reliquias das enfermidades passadas, porém não faço mais conta delas que se não fossem (46).

Até agora sempre tenho estado em Piratininga, que é a primeira aldeia de Indios, que está 10 leguas do mar, como em outras cartas tenho escrito, em a qual estarei por agora, porque é terra mui bôa; e porque não tinha purgas nem regalos de enfermaria, muitas vezes era necessario comer folhas de mostarda cozidas com outros legumes da terra e manjares que lá podeis imaginar, junto com entender em ensinar gramatica em tres classes diferentes; e ás vezes estando dormindo me vêm a despertar, para fazer-me perguntas; e em tudo isto parece que saro, e assim é, porque em fazendo conta que não estava enfermo comecei a estar são, e podeis ver minha disposição pelas cartas que escrevo, as quais parecia impossivel poder escrever estando lá.

Toda quaresma comia carne, como sabeis, e agora a jejua toda. O mesmo digo do Irmão Gregorio (47), o qual ainda que não está tão são como eu, por ser de mais fraca compleição, todavia não quer ele dar-me a vantagem: ao menos vos sei dizer que para um negócio de importancia ir daqui a Piratininga mui depressa, que é caminho mui aspero e segundo creio o peor que ha no mundo (48) dos atoladeiros, subidas e montes, o escolheram a ele como mais rijo, havendo outros mais são em casa, e assim foi, dormindo com a camisa ensopada em água, sem fogo, entre montes; "*et vivit et vivimus*".

Neste tempo que estive em Piratininga servi de médico e barbeiro, curando e sangrando a muitos daqueles Indios, dos quais viveram alguns de quem se não esperava vida, por serem mortos muitos daquelas enfermidades (49). Agora estou aqui em São Vicente, que vim com nosso padre Manuel da Nobrega para despachar estas cartas. Demais disso tenho aprendido um officio que me ensinou a necessidade, que é fazer alpergatas, e sou já bom mestre e tenho feitas muitas aos Irmãos, porque se não pode andar por cá com sapatos de couro pelos montes (50).

Isto tudo é pouco pera o que Nosso Senhor vos mostrará quando cá vierdes. Quanto á lingua eu estou adiantado, ainda

que é mui pouco, pera o que soubera se me não occupara em ler gramatica; todavia tenho coligido toda a maneira dela por arte, e pera mim tenho entendido quasi todo seu modo; não o ponho em arte porque não ha cá a quem aproveite (51); só eu me aproveito dela e aproveitar-se-ão os que de lá vierem e souberem gramatica. Finalmente, carissimos Irmãos, sei dizer que se o padre Mirão (52) quizer mandar-vos a todos os que andais opilados e meio doentes, a terra é mui bôa e ficareis mui sãos. As medicinas são trabalhos e tão melhores quanto mais conformes a Cristo.

Tambem vos digo que não basta com qualquer fervor sair de Coimbra, senão que é necessario trazer alforge cheio de virtudes adquiridas, porque de verdade os trabalhos que a Companhia tem nesta terra são grandes e acontece andar um Irmão entre os Indios seis, sete meses no meio da maldade e seus ministros e sem ter outro com quem conversar senão com eles; donde convem ser santo para ser Irmão da Companhia. Não vos digo mais, senão que aparelheis grande fortaleza interior e grandes desejos de padecer, de maneira que ainda que os trabalhos sejam muitos, vos pareçam poucos. Fazei um grande coração, porque não tereis lugar para estar meditando em vossos recolhimentos, senão *in medio iniquitatis et super flumina Babylonis*, e sem dúvida porque em Babilonia *rogo vos omnes ut semper or etis pro paupere fratre Joseph*. A meus carissimos Padres e Irmãos em suas orações, e particularmente a meu carissimo padre Antonio Corrêa (53) e aos Padres que foram e são meus pais, rogo e peço se lembrem deste pobre que engendraram em Cristo *et nutuerunt, opto vos omnes bene valere*.

Pauper et inutilis.

NOTAS

(44) Pbl. por Simão de Vasconcelos (*Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, l. 1, p. 52-4) e no "Diario Oficial" do Rio, número de 5 de dezembro de 1887. A data, de São Vicente, é indicada no texto, e o ano de 1554 se infere da referencia á partida do padre Leonardo Nunes para a Europa (v. nota 42).

(45) Das palavras de Anchieta se conclui que a carta ou foi escrita antes de 30 de junho de 1554, data da morte de Leonardo Nunes, ou, se

II. — CARTA DE S. VICENTE (1554)

depois, quando ainda não havia chegado a São Vicente a notícia do naufragio do *Abarébebê*.

(46) Ao tempo em que Anchieta era noviço em Coimbra, já com o corpo maltratado pelas longas orações e vigílias, uma escada caindo lhe ofendeu seriamente os rins. Doente por espaço de quasi dois anos, veio para o Brasil em busca de melhoras para sua saúde.

(47) Gregorio Serrão, também enviado para o Brasil por motivo de doença (v. nota 21). Chegados em 1549, Nobrega e seus companheiros de missão logo escreveram para Portugal louvando o clima brasileiro. E varios foram os jesuitas que vieram, como Anchieta e Serrão, fiados na salubridade da terra, sempre decantada, apesar das pestes de bexigas e do impudismo. Assim, confirmando as cartas do canarino os dizeres dos primeiros missionarios, embarcaram doentes para o Brasil, o padre Dicio, o irmão Luiz de Carvalho (ambos, aliás, não se dando bem com os ares do Brasil, tornaram logo para Portugal), o padre Ruí Pereira e outros.

(48) Sôbre o caminho de Paranapiacaba, "que põe assombro aos que hão de subir ou descer" (S. de Vasc., *Cron.*, l. 1, n. 149-50), "o peor que nunca vi" (F. Cardim, l. c., p. 353), v. Paulo Prado, *Paulística*, pag. 1-42.

(49) As "enfermidades", a que se refere Anchieta, foram "uma como peste de priorizes, com tal rigor, que era o mesmo acometer que derribar, privar dos sentidos, e dentro de três ou quatro dias levar á sepultura". Como não houvesse "na terra médico, ou sangrador, nem ainda lancetas, começaram alguns, e o irmão Joseph o primeiro, a aguçar seus canivetes de aparar penas", sangrando os Índios. E como surgisse da parte dos jesuitas "algum escrupulo" em servirem de sangradores "pelo perigo da irregularidade", Loiola, consultado, respondeu: "Quanto ás sangrias, digo que a tudo se estende o bojo da caridade". Assim autorizados, "com mais resolução o faziam dali em deante, até o mesmo padre Nobrega por sua mão em casos de necessidade" (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 162). — Sôbre a falta de fisicos e cirurgiões, nos primeiros anos de Piratininga, e providencias da Camara para remediá-la, v. Alcantara Machado (*Vida e morte do bandeirante*, 2ª ed., S. Paulo, 1930, p. 95 e segs.).

(50) As alpargatas eram feitas de "certos cardos ou caragoatás bravos", que os jesuitas traziam dos campos e lançavam "na água por 15, ou 20 dias, até que apodreciam". Tiravam depois "estirgas grandes como de linho, e mais rijas que linho e delas faziam as ditas alpargatas" (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 72).

(51) Em 1560 no Collegio da Baía, e provavelmente desde 1555 no de Piratininga, já se estudava a lingua da terra na gramatica de Anchieta. Mas por exemplares manuscritos, pois só em 1595 foi ela impressa em Coimbra (*Cart. Av.*, XXXIX, e nota 143 de Afranio Peixoto).

(52) Diogo Mirão, aragonês, provincial de Portugal, depois de haver sido reitor dos Collegios de Coimbra e Valença.

(53) O *padre Antonio Corrêa*, natural do Porto, recebido na Companhia em 1542, foi mestre de noviços no Collegio de Coimbra. Publicadas em 1553 as Constituições da Companhia e instalada a casa professa de São

JOSEPH DE ANCHIETA

Roque, passou aí a exercer o mesmo cargo. Habil no ensinar e mortificar, sabendo como nenhum outro quebrar a vontade dos noviços, sua severidade chegou a tal ponto que o padre Diogo Mirão, então provincial, se viu obrigado a intervir, ordenando-lhe que modcrasse o rigor excessivo dos exercicios. Magro, doente, lançando muito sangue pela bôca, Antonio Corrêa foi mestre de noviços em São Roque até 1569, quando, por motivo da peste de Lisboa, os seus discipulos se transferiram para Coimbra e Evora. Morreu nesse mesmo ano, "de uma febre tísica em umas casas fóra da cidade" (B. Teles, o. c., II, p. 171-6).

III

AO PADRE MESTRE INACIO DE LOIOLA, PREPOSITO GERAL DA CÔMPANHIA DE JESUS, DE PIRATININGA, JULHO DE 1554 (54).

Meninos órfãos. — Luxuria das Indias. — Troca de mestiços da terra por Irmãos de Coimbra. — Ida do Padre Leonardo Nunes. — A expedição de que participou Aspilcueta Navarro.

JESUS, Maria.

A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em nossas almas. Amen.

Mui Reverendo em Cristo Padre.

Todo êste tempo que aqui temos estado nos hão mandado de Portugal alguns dos meninos órfãos, os quais havemos tido e temos connosco sustentando-os com muito trabalho e dificuldade (55); o que nos moveu que aqui também recolhessemos alguns órfãos principalmente dos mestiços da terra, pera assim os amparar e ensinar, porque é a gente mais perdida desta terra, e alguns peores que os mesmos Indios.

Como disse na quadrimestre de Agosto e durante esse tempo pretendemos conquistar um dêstes como um Indio, porque neles está muita parte da edificação ou destruição da terra como também porque como linguas e intérpretes para nos ajudarem na conversão dos Gentios e dêstes os que fossem aptos e tivessem boas qualidades recolhê-los para Irmãos e os que não fossem tais dar-lhes vida por outro modo. Agora quis Nosso Senhor por sua misericórdia dar-nos a conhecer que não é gente de que se deva fazer caso pera a conversão dos Infieis. Porque um deles que era casado e outros daqueles de que faziamos alguma conta ten-

tados do espirito de fornicção no mês de Julho fugiram. Pôs-se logo muita segurança e diligencia e foram pegados, o que nos deu conhecimento bem claro deles. Por isso pareceu a Nosso Padre (56) junto com todos os irmãos, a quem tudo comunicou encomendando-o a Nosso Senhor, que será mui grande serviço de Deus tê-los e criá-los na mesma conta que os Indios e quando chegarem, a anos de discreção mandá-los a Espanha, onde há menos inconvenientes e perigos para serem ruins que aqui, onde as mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguem, mas até elas mesmas cometem e importunam os homens, jogando-se com eles nas redes porque têm por honra dormir com os Cristãos. E assim prouvera a Nosso Senhor, que daqui a oito ou nove anos sendo eles o que devem e tendo as qualidades, que se requerem para a Companhia, se vieram a estas partes façam grande fruto nos Gentios, o que agora não fazem, porque não têm nenhuma autoridade entre eles.

E assim mesmo se se fizessem aqui casas da Companhia seria bom, que fizessemos troca com os Irmãos do Collegio de Coimbra, de maneira que nos mandassem para cá os indispostos de lá, desde que tenham propensão á virtude, os quais aqui se curariam com os trabalhos e bondade da terra, como temos experimentado nos enfermos que de lá vieram, e aprenderiam a lingua dos Indios; e de cá lhes enviariamos dêstes mestiços, dos quais alguns, que tivessem qualidades para ser Irmãos, recolhessem nos Collegios e os que não, pusessem nas casas dos órfãos como agora se faz a alguns deles e isto é grande serviço de Deus, porque êstes (como tenho dito) se são ruins destroem o edificado. A superintendencia dêstes se devia exercer pelos Padres da Companhia, apartados dos Irmãos; a resolução do que V. R. P. juntamente com o Padre provincial de Portugal deveria negociar com o Rei, porque é grande honra de Deus e proveito de seu Reino, e porque destas e outras cousas por cartas não se pode dar bastante informação. Mandou Nosso Padre êste ano o Padre Leonardo Nunes (57), o qual leva tudo apontado, para praticar com V. R. P. e Sua Altesa.

Estando Nosso Padre na Baía de Todos os Santos, determi-

III. — CARTA DE PIRATININGA (1554)

nou Sua Alteza mandar doze homens pelo sertão a descobrir ouro que diziam que havia para o que o governador Tomé de Sousa pediu um Padre, que fosse com eles em lugar de Cristo para que não fossem desamparados e por Nosso Padre não poder negar e principalmente para descobrir muitas gerações, que sabia por informação que naquelas partes havia mui boas e vendo tão boa ocasião, por serem aquelas grandes linguas e escolhidas, mandou com eles o Padre Navarro. Eles vão buscar ouro e ele vai buscar tesouro de almas, que naquelas partes ha mui copioso e por aquelas partes cremos se entra até ao Amazonas. Agora temos novas de que no mês de Março de 1554 entraram pela capitania chamada Porto Seguro (58). E o que mais succeder da Baía se escreverá.

Do mês de Julho de 1554, de Piratininga.

Por comissão do Reverendo em Cristo Padre Manuel da Nobrega.

O minimo da Sociedade de Jesus.

Pode vê-la o Padre Provincial de Portugal.

NOTAS

(54) Pbl., em castelhano, nos "Anais da Biblioteca Nacional", XIX, p. 53-4.

(55) Desde os primeiros trabalhos dos jesuitas no Brasil, de Portugal eram enviados meninos órfãos que aqui auxiliavam a catequese (Nobr., *Cart.*, VII). Os mais aptos entravam para a Companhia, como aconteceu com Antonio de Pina e João Pereira (*Cart. Av.*, LIV).

(56) Padre Manuel da Nobrega.

(57) Anchieta, portanto, não tinha ainda conhecimento da morte de Leonardo Nunes, ocorrida a 30 de junho (v. nota 2).

(58) Afranio Peixoto (*Cart. Av.*, nota, p. 24-5), aproximando a informação constante de uma nota de Capistrano a Varnhagen (*História Geral do Brasil*, 4ª ed., S. Paulo), I, p. 338) do que o proprio Aspilcueta declara em sua carta de 24 de junho de 1555 (*Cart. Av.*, XVIII), dá como coisa decidida a partida da expedição em 1553. E com razão, porque entre o depoimento de Aspilcueta e o de Anchieta não ha escolher: aquele deve prevalecer evidentemente. Como chefe da expedição, seguiu o castelhano Francisco Bruza de Espiñosa, comandando doze homens. Resumindo o que se sabe acêrca do roteiro seguido pela expedição, diz Afranio Peixoto que ela

JOSEPH DE ANCHIETA

entrou pelo sertão de Porto Seguro, "alcançando as cabeceiras do Jequitinhonha e o vale do rio São Francisco, descendo, de torna-viagem, ao litoral pelo rio Pardo". Afonso de E. Taunay (*Hist. Ger. das Band.*, V, p. 226-39), entretanto, considera a citada carta de Aspilcueta um documento "obscuro e cheio de insolúveis indeterminações". Com a grande autoridade que todos lhe reconhecem, julga que nada de positivo se pode afirmar sobre o itinerário da bandeira de Espiñosa, apesar dos estudos de Orville Derby, Capistrano de Abreu, Francisco Lobo Leite Pereira e Pandiá Calogeras, baseados todos nas informações do jesuíta. Ao seu vêr, a única suposição bem fundada é a de que a volta da expedição se tenha efetuado pelas margens do rio Pardo, identificado assim com o "rio das Orinas" a que se refere Aspilcueta.

— Sobre Francisco Bruza de Espiñosa e detalhes de sua expedição, v. Capistrano (*Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, ed. da Soc. Capistrano de Abreu, Rio, 1930, p. 151 e s.).

IV

AOS PADRES E IRMÃOS DA COMPANHIA DE JESUS EM PORTUGAL, DE
PIRATININGA, 1555 (59).

Residencias da Companhia no Brasil. — A catequese em Piratininga. — Guerras do Gentio. — Os Pagés. — Carijós. — Expedição do Padre Aspilcueta Navarro. — Missão dos Irmãos Pero Corrêa, João de Sousa e Fabiano de Lucena aos Ibirajáras. — Volta de Fabiano de Lucena. — Morte de Pero Corrêa e João de Sousa.

ESTAMOS, Padres e Irmãos carissimos, em esta India do Brasil, debaixo da obediencia do nosso Reverendo em Cristo Padre Nobrega, repartidos em quatro partes: em a cidade do Salvador, onde reside o Governador e o Senhor Bispo (60), e aí se tem cuidado de ensinar os meninos. Em a Capitania do Porto Seguro, donde um Padre nosso (61) visita quatro povoações (62) com muito trabalho e algumas vezes vai a uma que está daí a seis leguas, de que se espera muito fruto. Tambem aí ha um Irmão (63) que ensina a doutrina e a ler e escrever aos meninos. Esta Capitania do Porto Seguro está da cidade do Salvador 60 leguas. Em a Capitania do Espirito Santo ha tambem uma casa da Companhia, donde por graça do Senhor se faz fruto em o prégar. Aí ha muitos escravos e ensina-se-lhes a doutrina cristã. Esta Capitania está 120 leguas da cidade do Salvador. Em a capitania de S. Vicente, que está da cidade do Salvador 220 leguas, ha mais gente da Companhia que em nenhuma outra parte, donde se fez ajuntar o padre Nobrega muitos meninos filhos de Indios, ensinaram-lhes a doutrina e a ler e escrever. Agora nos hemos

passado a esta povoação de Indios que se chama Piratininga, donde estamos entre os Indios. Dia da conversão de São Paulo dissemos a primeira missa em êste lugar.

Agora com a ajuda de Nosso Senhor nos ocupamos em a doutrina dêstes Indios e em rogar ao Senhor que abra a porta para a conversão de muitas nações de que temos novas e em que parece se fará muito fruto por não haver entre elas costume de comer carne humana (64). Estes Indios, entre quem estamos agora, nos dão seus filhos para que os doutrinemos e por a manhã, depois da lição, dizem ladainhas na igreja e á tarde a *Salve*; aprendem as orações em português e em a sua propria lingua; e por graça do Senhor vêem muitos, assim homens como mulheres, os domingos, á missa, e os que são catecumenos se saem depois do ofertorio. Importunam muito por o santo batismo, mas tem-se muito aviso de não batizá-los até haver deles muita experiencia para que se tem desta terra. Alguns inocentes hão passado aqui desta vida batizados, os quais esperamos roguem por nós e por seus pais a nosso Senhor. Um Indio principal que veio aqui de mais de cem leguas, a converter-se á nossa santa fé, morreu com sinais de bom cristão, recebida a água do batismo: êste nos dizia muitas vezes que um filho seu inocente, o qual havia falecido batizado, lhe havia muitas vezes do Céu dito que deixasse os horrores da gentilidade e por sem dúvida tinha que o havia trazido aqui (65).

Estes Indios têm grandissimas guerras entre si, umas nações contra outras, o que é comum em toda a India do Brasil; e depois que aqui estamos foram á guerra e um dia antes da batalha fizeram uma cabana, segundo seu costume, onde puzeram uma cabaça cheia ao modo de rosto humano, ataviada com plumas. Os feiticeiros que fazem isto chamam Pagés, para sacrificar-lhe e perguntar-lhe do sucesso da guerra, e como chamassem a nossos catecumenos, eles responderam que tudo aquilo era grande falsidade e que eles esperavam a vitoria de seu Deus; e ao dia seguinte aparecendo grande multidão de inimigos, começaram a desmaiar, e uma mulher já batizada do capelão desta povoação, que havia ido com seu marido, os começou a animar admoestando-lhes que fizessem o sinal da cruz em a frente e fazendo-o assim, os

IV. — CARTA DE PIRATININGA (1555)

inimigos foram vencidos. Os catecumenos deram grande sinal de ser inteira a sua intenção, porque aos inimigos que mataram, que dantes soiam comer com grandissimas festas, deixaram enterrados; os quais desenterraram e comeram os mesmos de sua parte, porque tornaram ao lugar da batalha, como eles costumam, pensando que esses eram dos contrarios. Os que fazem estas feitiçarias, que disse são mui apreciados dos Indios, persuadem-lhes que em seu poder está a vida ou a morte; não ousam com tudo isto apparecer deante de nós outros, porque descobrimos suas mentiras e maldades.

Esperamos em a infinita misericordia de Cristo Nosso Senhor que assim por os que cá estão, como por os que a santa obediencia enviará, se porá remédio á cegueira em que estão tantas nações de Indios, e creiam, carissimos Irmãos, que ainda que em estas partes ha faltas das cousas exteriores, que Nosso Senhor, a quem as quer assim, por seu amor dá muita alegria interior, o que se vê bem aqui, que desde Janeiro até agora estamos, sendo algumas vezes 20 pessoas, em uma casa feita de madeira e palha, a qual terá de comprido 14 passos e 10 de largo, que nos serve de escola, dormitorio e refeitório, enfermaria e cozinha e despensa e com recordar-nos que N. Senhor Jesus Cristo nasceu em um poppe presepe, entre dous animais e morreu em outro lugar mui mais estreito, estamos mui contentes nela e muitas vezes lemos a lição de gramatica no campo.

O principal mantimento desta terra é uma farinha de pau, que se faz de certas raizes, que se chamam mandioca, as quais são plantadas e lavradas a êste fim, e se se comem cruas ou assadas ou cozidas matam, porque é necessario deixá-las em água até que apodreçam, e depois de apodrecidas se fazem em farinha: êste é o principal mantimento, com alguns legumes e folhas de mostarda. Tambem os Indios nos dão algumas vezes alguma carne de caça e alguns peixes e muitas vezes Nosso Senhor, de onde menos esperavamos nos socorre, e somos muito obrigados á sua bondade que em tanta falta das cousas corporais nos dá sanidade e fôrças.

Estes são os lugares em que estão pessoas da Companhia, e em outro lugar dos Indios estão dois Padres nossos, com outros

Irmãos semeiando a palavra de Deus. Esta Piratininga, em que agora estamos, está 24 grãos para o meio-dia e toda está, desde a primeira habitação dos portugueses, que é em Pernambuco, até aqui e ainda mais adeante, é de 300 leguas povoada de Indios que têm por sumo deleite comer-se uns aos outros, e muitas vezes vão á guerra e havendo andado mais de 100 leguas, se cativam três ou quatro, se tornam com eles e com grandes festas e cantares os matam, usando de muitas ceremonias gentílicas, e assim os comem, bebendo muito vinho, que fazem de raizes, e os miseraveis dos cativos se têm por mui honrados por morrer morte, que a seu parecer, é mui gloriosa.

Esta nação de Indios daqui cremos que se estende muito por a terra a dentro. Fóra destas nações que hei dito, ha outra nação em o Brasil mui estendida que se chama "Carixos" (Carijós), mui mais mansa e capaz das cousas de Deus; estes estão já debaixo do poder do Imperador (65-A); temos experiencia deles por alguns que tivemos aqui, instruindo-os na fé.

Seguem-se depois destas outras nações inumeraveis por a terra a dentro, para o ocidente, até o Perú, e a maior parte delas ha corrido agora o Padre Aspilcueta, como sabereis por sua carta (66).

Entre estes, por não se comer carne humana e por ser mais chegados á razão, esperamos em o Senhor que quando forem visitados se fará maior proveito e mais firme. A estas nações estão juntas outras muitissimas de Indios que por nome proprio se chamam escravos, e que se estendem até o rio das Amazonas.

O Irmão Pero Corrêa, (67), que sabe mui bem a lingua do Brasil e tem muita autoridade entre os Indios por o muito tempo que gastou em esta terra antes de ser da Companhia, foi com dois irmãos (68) a ver se poderia abrir caminho a um genero de Indios que chamam Ibirajáras, dos quais temos noticia são mui chegados á razão, porque obedecem a um senhor e não têm mais de uma mulher, nem comem carne humana, nem têm idolatria nem feitiçaria alguma, e, segundo ouvimos, assim em isto como em outras cousas se diferenciam muito dos outros Indios; e para descobrir êste caminho foi a umas povoações de Indios, de onde nos escreveu que havia sido recebido mui bem e que determina-

vam aqueles Indios de fazer uma grande povoação ,para que nos-
 sos Irmãos que lá fossem ensiná-los, fizessem com mais facilidade,
 e para prova dêste seu desejo ser verdadeiro lhe entregaram um
 Indio cristão a quem já aparelhavam suas miseraveis solenidades
 para daí a pouco tempo comê-lo. Tambem soltaram um Castelhana
 que tinham cativo. Deixando, pois, o Padre (69) aqui um Irmão
 que os ensinasse (70), se partiu a seis de Outubro para efetuar o
 que disse. Agora hemos sabido umas novas, as quais devem ser de
 grandissima consolação para todos, e se queremos ser agradecidos
 devemos de dar á Suma Bondade muitas graças por elas, e por isso
 escreverei largo.

O Padre Manuel da Nobrega enviou o Irmão Pero Corrêa a
 descobrir os Ibirajáras e tambem havia outra cousa de muita im-
 portancia que haviam de fazer, que era procurar passada a uns
 Castelhanos de qualidade que com suas mulheres, nobres e delica-
 das, aportaram aqui (71), indo á cidade do Pargay, que é sujeita
 ao Imperador, e como não pudessem ir por terra depois de alguns
 anos constrangidos de pobreza, determinaram ir-se por mar até
 umas aldeias de Indios: o Irmão Pero Corrêa os havia de esperar
 para fazer que os Indios não lhes fizessem mal: partiu, pois, com
 outros dous Irmãos dia de S. Bartolomeu (72), depois de rece-
 bido o Santissimo Sacramento, e com muitos trabalhos e fomes che-
 garam a um rio que se chamava Cuparagay, donde se presumia que
 haviam de ir os Castelhanos, e em o caminho lhe succedeu o que disse
 atrás; e não achando-os aqui, depois de haver prêgado a palavra de
 Deus, como havia feito por as aldeias atrás por o caminho, deixou
 os Indios mui pacificos, não sòmente determinados de não fazer
 mal aos Castelhanos quando viessem, mas ocupados em fazer-lhes
 mantimentos; e assim se partiu adeante, deixando um Irmão para
 curar o Castelhana cativo, que disse atrás, que estava maltratado,
 e depois de ele sarar, enfermou o Irmão. Os Indios ao princípio o
 favoreciam; mas aconteceu que mataram um contrário com suas
 festas costumadas, e o Irmão assim enfermo como estava trabalhava
 com muitas razões a apartá-los disto, dizendo-lhes quantas cousas
 Deus Nosso Senhor havia creado em o mar e a terra para seu man-
 timento, e depois se foi a suas casas e lhes tomou um pedaço de

carne que achou posta ao fumo. Eles lhe tomaram por isso grande odio, o enfermo como estava se veiu. Louvores ao Senhor que no-lo restituiu.

O Irmão Pero Corrêa passou adeante com o Irmão João de Sousa; o demonio persuadiu áqueles Indios, havendo mostrado ao princípio muita benevolencia e amor aos Irmãos, e querendo-se eles já volver, que cressem que iam por espias de outros Indios seus inimigos e assim despedindo-se se saíram com eles 10 ou 12 Indios principais, e estando apartados já das povoações, começaram a flechar o Irmão Sousa, que (segundo dizem) se pôs de joelhos louvando ao Senhor, e assim o mataram.

O Irmão Pero Corrêa, vendo isto, lhes começou a falar, e a resposta deles era flechadas; ele todavia esteve falando com eles um pedaço, recebendo-as, até que, não podendo mais sofrê-las, deixou o bordão que trazia e se pôs de joelhos, encomendando sua alma ao Senhor, e assim morreram nossos dois Irmãos: bemdito seja o Senhor. A nós outros muita consolação nos causou sua morte e pedimos outra semelhante ao Senhor, e agora cremos que quer fundar aqui sua Igreja, pois lavra pedras desta maneira para o fundamento.

Com esta consolação temos misturado assás de dor e de saudade que nos deixa de sua suave conversação. O Irmão Pero Corrêa era um homem dos principais Portugueses que havia em o Brasil e andava em um navio salteando estes Indios, pensando que em isto fazia grande serviço a Deus, porque os tirava de suas terras e os trazia á lei dos Cristãos, e por ser nobre e mui prudente era mui temeroso de Deus, e assim foi o primeiro que em esta terra entrou na Companhia, e em cinco anos que esteve nela aproveitou muito com a lingua, que ele sabia mui bem, e com o bom talento que Deus Nosso Senhor lhe havia dado e muito crédito que em esta terra tinha com os Indios, até que morreu em serviço de suas almas; e bem mostraram aqui os Indios em lástimas que disseram. Entre outros prantos foi notavel o que fez êste principal de Piratininga, que se chama Martim Afonso, que, desde a meia noite até a manhã, andou ao derredor de suas casas (segundo eles costumam), dizendo lástimas que nós outros ouvimos, *scilicet*: “Já morreu o senhor do falar, aquele que sempre nos falava a verdade,

IV. — CARTA DE PIRATININGA (1555)

aquele que com o coração nos amava; já morreu nosso pai, nosso irmão, nosso amigo”, — e outras cousas semelhantes.

O Irmão João de Sousa também foi dos primeiros que aqui entraram na Companhia, donde nos deu a todos mui bom exemplo; e assim do ofício de cozinheiro, o chamou o Senhor a tão gloriosa morte. Não podemos deixar de nos envergonhar, vendo que dois Irmãos recebidos no Brasil correram mais que nós outros que viemos de Portugal. Praza a nosso benignissimo Jesus dar-nos a todos sua graça com sua santissima vontade.

Uma cousa desejamos cá todos e pedimos muito a Nosso Senhor, sem a qual não se poderá fazer fruto no Brasil, que desejamos, e é que esta terra toda seja mui povoada de Cristãos que a tenham sujeita, porque a gente é tão indomita e está tão encarniçada em comer carne humana e isenta em não reconhecer superior, que será mui dificultoso ser firme o que se plantar, se não houver êste remédio, o qual continuamente pedem cá os Padres e Irmãos a Nosso Senhor e estão mui consolados por haver quasi certeza que pola terra a dentro se descobrem muitos metais, porque com isto se habitará muito esta terra, e êstes pobres Indios, que tão tiranizados estão do demonio, se converterão a seu Creador. Ele nos tenha sempre a todos de sua mão.

Desta Piratininga.

NOTAS

(59) Pbl. no livro “Copia de diversas cartas de Alguns Padres y Hermanos de la Compañia de Jesus. Recebidas en año de MDLV... Barcelona, vendense en casa de Claudio Bornat 1556.” Nêste livro ha que nos interessem duas cartas: uma do Padre Juan de Azpilcueta (a XVIII, de “Carta Avulsas”) e esta de Anchieta, em castelhano, que pudemos conferir com o nosso texto graças aos livreiros Maggs Bros., de Londres-Paris, que nos favoreceram com o respetivo traslado. Pbl. igualmente no “Diario Oficial” do Rio, de 6 e 7 de dezembro de 1887. A data deve ser 1555, pois noticia a morte de Pero Corrêa e João de Sousa, que ocorreu depois do Natal de 1554 (v. nota 75) e já vem no livro aludido acima, como desse ano de MDLV.

(60) O governador era d. Duarte da Costa e o bispo d. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro do Brasil, chegado em 1552 e morto pelos caetés em 1556.

(61) Ambrosio Pires (v. nota 8).

(62) V. nota 10.

JOSEPH DE ANCHIETA

(63) Antonio Blasquez (v. nota 9).

(64) Refere-se Anchieta aos ibirajáras ou bilreiros, como eram chamados pelos portugueses e de que volta a falar mais adiante, a proposito da expedição de Pero Corrêa e João de Sousa.

(65) Este "índio principal" trouxe-o Pero Corrêa para São Vicente (v. carta I).

(65-A) Carlos V, rei da Espanha e imperador da Alemanha, que nesse mesmo ano abdicou.

(66) E' a famosa, apesar de infelizmente mal esclarecida, entrada de João de Aspilcueta, que andou 350 leguas pelo sertão (v. nota 58).

(67) V. nota 24.

(68) João de Sousa e Fabiano de Lucena.

(69) Como se vê do texto, o "Padre" a que alude Anchieta é o irmão Pero Corrêa.

(70) Fabiano de Lucena, que ficou em Cananéa doutrinando os índios e tratando do espanhol ferido.

(71) Os nobres castelhanos foram trazidos para São Vicente por Leonardo Nunes, que os encontrou no Porto dos Patos de onde pretendiam alcançar o Rio da Prata (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 172).

(72) Pero Corrêa, João de Sousa e Fabiano de Lucena partiram pois a 24 de agosto, dia de São Bartolomeu. Chegados a Cananéa, onde Fabiano ficou, Pero Corrêa e João de Sousa daí seguiram viagem a 6 de outubro, segundo informa Anchieta nesta e na carta seguinte, e não dia 5, como escreve S. de Vasconcelos (o. c., l. 1, n. 174). Quanto á data da morte de Pero Corrêa e João de Sousa, v. nota 75.

V

DE SÃO VICENTE, A 15 DE MARÇO DE 1555 (73)

A escola de Piratininga. — Projetada missão de Nobrega aos Carijós. — Padre Luiz da Grã. — Morte de Pero Corrêa e João de Sousa.

CREIO que sabereis estarmos alguns da Companhia em uma terra de Indios, chamada Piratininga, cêrca de 30 milhas para o interior de São Vicente, onde Nosso Senhor favorece, com a sua glória, a salvação desta almas; e ainda que a gente seja mui demandada, algumas ovelhas ha do rebanho do Senhor.

Temos uma grande escola de meninos Indios, bem instruidos em leitura, escrita e em bons costumes, os quais abominam os usos de seus progenitores. São eles a consolação nossa, bem que seus pais já pareçam mui diferentes nos costumes dos de outras terras; pois que não matam, não comem os inimigos, nem bebem da maneira por que dantes o faziam. No outro dia em uma terra vizinha foram mortos alguns inimigos, e alguns dos quais nossos conversos por lá andaram, não para comer carne humana, mas por beber e ver a festa. Quando voltaram não os deixámos entrar na igreja, senão depois de disciplinados; estiveram por isso, e no primeiro de Janeiro entraram todos na igreja em procissão, batendo-se com a disciplina e só assim os houveramos aceitado.

Ocupamo-nos aqui em doutrinar êste povo, não tanto por êste, mas pelo fruto que esperamos de outros, para os quais temos aqui abertas as portas.

Está comnosco um principal dos Indios chamados Carijós (*carijis*), o qual é senhor de uma vasta terra, e veiu com muitos dos

seus servidores só á nossa procura, afim de que corramos ás suas terras, para ensinar, dizendo que vivem como bestas feras, sem conhecer as cousas de Nosso Senhor. Digo-vos, carissimos Irmãos, que é um mui bom cristão, homem mui discreto e nem parece ter cousa alguma de Indio. Com ele resolveu-se o nosso Padre Manuel ir ou mandar alguns, e só espera a chegada do Padre Luiz da Grã (74).

Além desta, outras nações ha, inumeraveis e mui melhores, pelo que dizem pessoas que as têm frequentado, principalmente uma, a que chamam Ibirajáras; a esses desejando enviar um, o nosso Padre Manuel escolheu o Irmão Pero Corrêa, para que fizesse, demais, outros trabalhos do serviço divino na mesma viagem, e especialmente ajudasse certos Castelhanos que tinham de se passar para o Paraguai, aos quais o dito Pero Corrêa dêsse socorro, se os visse em grande necessidade, de matalotagem, e lhes dêsse companhia para irem com segurança. E começou pelos Indios dessas paragens, que mui bem receberam a palavra de Cristo e determinaram reunir-se e viver em uma grande terra, onde pudessem mais facil ser ensinados nas cousas da Fé. Tinham os Indios em prisão para comerem, um Cristão, que era dos Carijós, e pedindo-o Pero Corrêa, logo lhe fizeram entrega sem taxar preço algum e o mesmo obteve acêrca de outro prisioneiro inimigo, o que não é pouco, como sabeis, porquanto nisto põem os Brasis toda a sua honra.

Estavamos a 6 de Outubro de 1554 quando Pero Corrêa com outro chamado João de Sousa, tambem nosso, e os dois Indios que tinham livrado, partiram para essas terras dos Carijós e se internaram muitos dias pelas terras mencionadas prègando o Evangelho de Jesus Cristo, nosso Senhor, passando muitos trabalhos, as mais das vezes fome, não tendo que comer e estando enfermo João de Sousa. Isto seria talvez em Novembro quando appareceu nessas terras um intérprete dos Castelhanos e outro Português; escreveu-lhes Pero Corrêa para se reunirem todos em um lugar, afim, de que conformemente prègassem a mesma cousa, por ser uma só a verdade, do que fizeram pouco caso: todavia, veio visitá-lo o Português e esteve uma noite com os nossos e ouviu Pero Corrêa prègar grandes cousas de Nosso Senhor e tambem que fizessem a paz com os outros. O intérprete Castelhano, que grã tempo estivera entre os

Carijós e vivera em seus costumes deles, prègava o contrário, que fizessem guerra, que os ajudaria; e tais intérpretes, obreiros da iniquidade, soem muitas vezes prègar cousas semelhantes. Ouviu-o também o Português dizer muitas palavras que patenteavam a malícia daquele coração, e entre outras dizia aos Carijós, que o nosso Irmão Pero Corrêa abria a estrada pela qual haviam de vir os inimigos para matá-los e outras cousas para incitá-los (contra os padres).

Querendo, pois, no tempo marcado da obediencia, que era o Natal, havendo semeiado a palavra de Deus naquelas nações que tão bem dispostas estavam, o que fez dizer a Pero Corrêa para o Português que nunca vira igual, acompanharam-o 10 ou 12 Carijós dos principais até ás fronteiras dos seus inimigos. Do que é testemunha de vista o Português que nomeei acima; o qual assim o narrou ao padre Manuel e a mim, estando doente em perigo de vida, já confessado e comungado; pelo que se presume, outra cousa não direi a não ser a verdade. Estando, pois, êste intérprete dos Castelhanos e o outro Português em certas terras, viram descer por um rio alguns Indios Carijós, movidos como se crê por aquele intérprete, que os concitava á guerra com muitas mentiras, e que nos tinha em odio por não lhe darmos uma sua concubina India, mataram logo dois Indios que vinham com os nossos e depois voltaram-se contra o nosso Irmão João de Sousa, que andava enfermo, e começaram a atirar-lhe flechas; êste, porém, caiu de joelhos louvando o Senhor e dêste modo o mataram. Vendo assim nosso irmão Pero Corrêa que assim maltratavam a João, começou a arrazoar com os Indios, não sabemos sôbre que assunto, mas cremos que se tratava de Nosso Senhor. A resposta que lhe davam eram flechadas e com recebê-las não cessou de clamar por um pouco de tempo, vindo a termos de não mais poder suportar deixou cair o bordão que trazia e ajoelhou-se encomendando sua alma a Deus e assim acabaram de matá-lo, despiram-o e deixaram-o no caminho. O mencionado intérprete que tudo moveu foi o mesmo que estando prêso entre os Indios, foi libertado pelos da Companhia, sem o que seria morto e comido por aqueles, de modo que pagou com o mal o bem que se lhe fizera; ainda que tenhamos de enco-

mendá-lo a Deus pelo bem que a nossos Irmãos fez, qual o de lhes deparar a morte, pela obediencia e pela prègação do Evangelho de Jesus Cristo e pela paz e amor de seu proximo; e para que lhes não faltasse em sua corôa esta pedra preciosa, morreram pela verdade e justiça e finalmente pela exaltação da nossa fé, que andavam a prégar (75).

Bemaventurados esses que mereceram lavar a estola no sangue do cordeiro imaculado, dando-lhe a ele e ao proximo a vida, que maior caridade não podiam exercer.

Procuraremos haver os corpos deles ou parte. Não foi pequena consolação essa que nos causou tão gloriosa morte, porque semelhante morte queremos todos e continuamente pedimos ao Senhor. E até cremos, que quer Jesus Cristo fundar aqui uma grande igreja, havendo posto por alicerces estas duas pedras. Quisera a bondade divina que fosse eu a terceira, o que já teria sucedido se o não tivera impedido o meu muito pecado: porque quasi me quis mandar com eles o nosso Padre, bem que não se resolvesse.

Nosso irmão Pero Corrêa entrou na Companhia aqui no Brasil; era dos principais Portugueses que estavam nesta terra e andava em uma nau, por toda a parte, matando Indios ou aprisionando-os, parecendo-lhe que fazia um grande serviço a Nosso Senhor e por sua prudencia, edificante bondade e nobreza de sangue era dos que mais temiam a Deus entre os Cristãos que aqui encontrámos. E logo que a trombeta de Cristo começou a soar pelos da Companhia, foi ele o primeiro que dobrou o colo ao jugo dela; e dizia muitas vezes, e de tal se persuadira, que se queria salvar-se, era mister que todo se dêsse ao serviço dêstes Indios, até morrer pela alma deles, não achando nenhuma satisfação com que reparasse o mal que lhes havia feito.

Assim, em cinco anos que estive em nossa Companhia, prègou sempre o Evangelho de Cristo aos mesmos Indios, por ser dos melhores linguas da terra e de mais autoridade, com grandissimos trabalhos, por muitos matos e campos e desertos, afadigando-se fielmente na prègação, até que conseguiu o feliz termo que tanto desejava morrendo em serviço de suas almas.

Sempre entre nós conversou sem ofensão, mui humilde, mui

obediente, sempre desejoso da perfeição, mudando a prudencia da carne, que primeiro tinha, naquela que é verdadeira segundo Cristo.

Pelo seu bom exemplo de vida e prègação na lingua desta terra havia mais edificado do que nenhum outro, de maneira que todo êste povo de S. Vicente, de Indios, havia fundado, reformado e ensinado a viver segundo Cristo; e bem o hão mostrado todos porque fizeram em toda a terra geral pranto por ele.

Era cousa de grande compaixão ver as muitas lamentações de homens e mulheres, que relatavam as suas virtudes, e não é de maravilhar, porque cada um sabia que o lume que tinha e notícia do seu Creador e Redentor Jesus Cristo, por meio da sua prègação e caridosas exortações, o havia recebido de Deus.

O outro nosso Irmão, João de Sousa, foi dos primeiros que entraram para a Companhia, sendo ainda no mundo no meio da iniquidade; era pessoa santa, jejuava todas as semanas, a quarta-feira, a sexta e o sabado, e não consentia deante de si que se fizesse ofensa a Deus Nosso Senhor. E sendo desprezado daqueles que eram de má vida, o suportava com muita virtude. E desde que entrou na Companhia a todos excedia na penitência, humildade, simplicidade e caridade. E assim, e detrás das panelas da cozinha, porque era o nosso cozinheiro, tirou-o o Senhor e o elegeu para tão grande corôa.

Não podemos não nos confundir de ver que os recebidos aqui no Brasil correram mais do que nós que viemos de Portugal, e foram dignos de alcançar aquele premio, ao qual todos corremos. Praza a Nosso Senhor de dar-nos graça, que nos conformemos, vivendo com sua santa vontade, de modo que mereçamos receber da sua bondade na morte tal corôa.

De S. Vicente, a 15 de Março de 1555.

Por comissão de nosso Padre Manuel da Nobrega. Servo indigno da Companhia.

NOTAS

(73) Traduzida do livro *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo*, Venetia, 1559, fls. 242-5. Pbl. no "Diario Oficial" do Rio, em 9 e 13 de dezembro de 1887.

(74) O principal carijó, que veiu de suas terras em busca dos jesui-

JOSEPH DE ANCHIETA

tas, chamava-se Antonio de Leiva. No mesmo dia, 15 de maio de 1555, em que Nobrega devia partir com ele e alguns irmãos, chegou a São Vicente o padre Luiz da Grã. E como os tupis se achavam em guerra, dificultando assim a passagem para as partes do Sul, Nobrega desistiu da viagem (S. de Vasc., *Cron.*, l. 1, ns. 189 e 199).

(75) Este trecho de Anchieta demonstra que a morte de Pero Corrêa e João de Sousa ocorreu depois do Natal de 1554, e não a 8 de junho desse ano (*Cart. Av.*, nota 40 de Afranio Peixoto) ou no mesmo dia de 1555 (Nobrega, *Cart.*, nota 52 de Vale Cabral). Aliás existe uma carta de Pero Corrêa (*Cart. Av.*, XVI), que foi publicada com a data de 8 de junho de 1554 nos *Diversi Avisi Particolari*, p. 239-42, sendo aí vertida para o italiano, bem mais extensa que nas *Cart. Av.* De acôrdo com as informações de Anchieta, nesta e na carta anterior, bem como de S. de Vasconcelos (o. c., l. 1, ns. 171 a 184), os sucessos da expedição, que terminou com o martírio de Pero Corrêa e João de Sousa, podem ser assim resumidos: Manuel da Nobrega, desejando iniciar a catequese dos ibirajáras ou bilreiros, estabelecer a paz entre tupis e carijós e assegurar a livre passagem para o Rio da Prata de uns castelhanos que Leonardo Nunes anos antes encontrara no porto dos Patos e trouxera para São Vicente, encarregou dessa triplice missão os irmãos Pero Corrêa, João de Sousa e Fabiano de Lucena. Partiram os três a 24 de agosto de 1554 para Cananéa, principal porto dos tupis. Aí doutrinarão os índios e livraram da morte um castelhano e um índio cristão. A 6 de outubro, Pero Corrêa e João de Sousa, deixando Fabiano de Lucena como enfermeiro do castelhano que se achava ferido, seguiram para a terra dos carijós. Estavam eles entre os índios prêgando o Evangelho e a paz quando, em novembro, apareceram dois intérpretes, um espanhol e outro português. Aquele já era conhecido dos jesuitas de São Vicente, por haver sido salvo, tempos atrás, por Manuel de Chaves, quando, com uma sua concubina carijó, estava cativo entre os tupis. Apesar de livrado de morte certa pelos jesuitas, o espanhol lhes tinha odio pelo fato de o haverem separado da concubina, que se casou com outro em São Vicente. De maneira que começou logo a embaraçar a missão de Pero Corrêa e João de Sousa, incitando os carijós á guerra contra os tupis. No Natal, que parece ter sido a data marcada por Nobrega para deixarem a terra dos carijós e procurarem a dos ibirajáras, Pero Corrêa e João de Sousa, acompanhados de dez ou doze principais até os limites da região que ocupavam com sua gente, se embrenharam pelo sertão. E aí morreram flechados por alguns carijós, que o odio do intérprete castelhano instigara. — Cf. B. Teles (o. c., II, p. 501-6) e Bartolomeu Guerreiro (*Gloriosa Coroa d'Esforçados Religiosos da Companhia de Jesus*, etc., Lisboa, 1642, p. 306-10).

VI

CÓPIA DE OUTRA, OU COMPLEMENTO DA ANTERIOR, DA MESMA DATA (76)

Grande escola de meninos em Piratininga. — Vinda de um principal Carijó.

A GRAÇA e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em nosso contínuo favor e ajuda. Amen.

Caríssimos Padres e Irmãos, grande creio que será o desejo que lá terão de saber de nós outros, porque, se lho medimos por o que nós outros cá temos de saber deles, não poderá deixar de ser mui grande; mas é necessario que tenhamos paciencia, pois de ano em ano apenas parte um navio; será isto ocasião de mais intimamente nos amarmos e unirmos espiritualmente, pois nem ainda por cartas podemos corporalmente, em o qual não lhes damos vantagem, porque não se pode apartar de nossos corações a contínua memoria que dos caríssimos Irmãos temos de sua vida para colher algum fruto do muito que por falta de obreiros se perde em estas grandissimas terras da gentildade, que estão mui sêcas por falta da água saudavel da palavra de Deus.

Estamos, como lhes hei escrito, em esta aldeia de Piratininga, onde temos uma grande escola de meninos, filhos de Indios, ensinados já a ler e escrever, e aborrecem muito os costumes de seus pais, e alguns sabem ajudar a cantar a missa: êstes são nossa alegria e consolação, porque seus pais não são mui domaveis, posto que sejam mui diferentes dos das outras aldeias, porque já não matam nem comem contrarios, nem bebem como dantes. Dia de S. Lourenço se

JOSEPH DE ANCHIETA

deram algumas roupas a alguns deles do pano que El-Rei dá de esmola (77), cousa com que folgam muito; e assim as mais das noites se ajuntam a cantar cousas de Deus em sua lingua. Alguns de outras aldeias se vêm aqui a pousar em esta com suas casas.

Da maneira dos Carijós de que outras vezes escrevi, e de outras nações, para as quais ha por aqui aberta entrada, temos mui boas novas e muita esperança que ha o Senhor de fazer em elas muito fruto, e ainda agora temos mais novas, porque ha vindo aqui um principal dêstes Indios que chamam Carijós (78), que é senhor daquela terra, com muitos criados seus, e não veio a mais que a buscar-nos para que vamos a suas terras a ensinar-lhes; dizem-nos sempre que eles estão lá como bestas, sem saberem as cousas de Deus, e afirmo-lhes, carissimos Irmãos, que é bom Cristão e mui discreto, que nenhuma cousa tem de Indio. Nosso Senhor por sua infinita misericordia plante em toda a terra sua santa fé, livrando-a do grande cativoiro em que está do demonio, o que todos, carissimos Irmãos, devem pedir com muita instancia a Nosso Senhor cada dia em suas orações, recordando-se nelas de nós outros.

A 15 de Março de 1555.

NOTAS

(76) Pbl., em castelhano, nos "Anais da Biblioteca Nacional", III, p. 322-3.

(77) V. nota 14.

(78) V. nota 74.

VII

TRIMENSAL DE MAIO A AGOSTO DE 1556, DE PIRATININGA (79)

Doutrinação dos Indios. — Assistencia aos doentes. — Instrução dos meninos. — Notícias de Jeribatiba. — Padre Luiz da Grã.

JESUS Maria.

A paz de Jesus Nosso Senhor esteja sempre connosco.

Nas passadas quadrimestres, foram já detalhadamente narradas as cousas que se passam entre nós, agora tocarei de leve nas que se me oferecem.

Na doutrinação dos Indios guardamos a mesma ordem: duas vezes por dia são chamados á igreja, pelo toque da campainha, ao qual acodem as mulheres daqui e dali, e lá recitam as orações no proprio idioma, recebendo ao mesmo tempo contínuas exortações, e se instruindo em tudo quanto respeita ao conhecimento da fé.

Algumas se mostram de tal maneira dedicadas, que não passam um só dia sem que vão duas vezes á igreja, e de lá se não apartam, nem mesmo com o rigor do frio, que é intensissimo nesta quadra do ano, algumas se confessam todos os anos, duas ou três vezes, e outras tantas se aproximam da mesa eucaristica.

Certa mulher uma vez se admirou de que nós não applicassemos os remedios de que usamos, no curativo de um individuo, atacado de doença contagiosa, que parecia lepra; e tambem porque não tratavamos de lhe restituir a saúde, nós que ensinavamos que se devem praticar as obras de misericordia. Para com esta mulher que tais cousas pensava e desejava, nós nos desculpavamos, dizendo que isso nos parecia acontecer por culpa dos proprios Indios que, mui-

tas vezes, em ocasiões de grandes enfermidades e mordeduras de cobras, prometiam pautar a sua vida pela lei de Deus e pelos costumes cristãos e que, restituídos á saúde, persistiam nos maus costumes, o que ela julgava que nos afastava dos curativos desta especie, capacitando-se de que dependia de nós a restituição á saúde, porque ocnhecemos e prègamos a Deus.

Esta e uma outra que estava doente eram visitadas por nós e uma delas se restabeleceu, após alguns dias, e perguntando-lhe a mãe como estava, ela respondeu que ia mui bem, e que não havia que admirar, visto que o padre lhe tinha imposto a mão; por isso é que as mulheres nos demonstram extraordinaria estima.

Alguns homens tambem assistem, aos Domingos, á celebração da Missa, e nessa ocasião, depois do ofertorio, se lhes prèga alguma coisa a respeito da fé, da observancia dos mandamentos e além disso, o que é pouco, atendendo á sua rude natureza, nenhum dia deixamos passar, sem que vamos a sua casa, exortando ora uns, ora outros a aceitar a fé, tomando parte na sua conversação, e tratando com eles na maxima familiaridade; com especialidade aqueles a quem êste encargo é imposto pela obediencia; pois que as conversações particulares os impressionam muito, ao verem o nosso esfôrço e o nosso cuidado, não podem deixar de admirar e reconhecer o nosso amor para com eles, principalmente, porque vêm que empregamos toda a diligência no tratamento de suas enfermidades, sem nenhuma esperança de lucro. E fazemos isto, na intenção de preparar para o recebimento do batismo, caso haja necessidade, os seus espiritos, em tais circunstancias mais redutíveis e mais brandos: por igual motivo é que desejamos assistir ás parturientes, afim de batizar mãe e filho, se o caso exigir. Assim acontece atender-se á salvação do corpo e da alma.

Certo rapaz, tendo vindo de outra parte para aqui, tão ardente desejo demonstrava em abraçar a fé cristã, que abandonando seus parentes se juntou a nós, e se reunindo aos meninos para aprender os primeiros elementos, queria se converter todo ao culto de Deus; esforçava-se por aprender as orações e muitas vezes, em noite de frio, deixando a casa dos parentes, dormia debaixo de uma especie de portico, pedindo que se lhe concedesse o batismo, o qual

em seguida foi admitido como catecumeno, admoestado entre os perseverantes, e depois levado ao batismo.

No que diz respeito á doutrinação dos meninos, suficientemente me explanei nas cartas antecedentes. Duas vezes por dia se reúnem na escola, e todos eles, principalmente de manhã, porque depois do meio dia, cada um precisa de provêr á sua subsistencia, caçando, ou pescando; e se não trabalharem, não comem. O principal cuidado que deles se tem, consiste no ensino dos rudimentos da fé, sem omitir o conhecimento das letras, ás quais tanto se afeiçoam, que se nessa ocasião se não deixassem seduzir, talvez outra se não pudesse encontrar. Em materia de fé, respondem por certas fórmulas que se lhes ensinam: alguns mesmo sem elas.

Muitos se confessaram este ano, o que fizeram já muitas outras vezes, do que nos resulta não pequena alegria: pois alguns se confessam tão santa e discretamente, não omitindo as menores cousas, que facilmente póde a gente censurar os filhos dos cristãos, um dos quais que se preparavam com eles para receber êste sacramento, me respondeu, quando o admoestei, que tão grande era a virtude da confissão, que depois de feita, parece que queremos vôar para o céu com toda a velocidade.

Se por acaso algum deles se entrega a qualquer ato, que saiba aos costumes gentios, ainda que em proporções minimas, quer nos trajes, quer na conversação, ou qualquer outra cousa, immediatamente o censuram e o escarnecem.

Como eu encontrasse um deles, tecendo um cesto ao Domingo, no dia seguinte o levou para a escola e, na presença de todos, o queimou, porque o começára a tecer no Domingo: muitos conhecem tão bem tudo quanto respeita á salvação, que não podem alegar ignorancia perante o tribunal do Senhor. Contudo tememos que eles, quando chegarem a idade adulta, condescendendo com a vontade dos pais, ou no tumulto da guerra, a qual dizem que frequentemente se faz, e quebrada a paz entre eles e os cristãos, voltem aos antigos costumes.

Isto quanto ao que se passa entre nós.

Em Jeribatiba (80), porém, daqui a seis milhas, da qual já tratei nas cartas passadas, a doutrina cristã marcha em bôa ordem,

e onde tambem duas vezes por dia as mulheres vão á igreja e igualmente alguns homens, entre os quais não faltam os que, contando muito bem os dias, se por acaso se empregam na cultura das terras, em chegando o sabado, deixam o trabalho e procuram o povoado.

No dia seguinte, vão assistir á Missa cantada: nos dias em que é proibido comer carne, dela se abstêm mesmo que estejam ausentes na aldeia, onde no tempo da quaresma, estando longe de seus irmãos, como uns se alimentassem de carne, outros, que tinham já adotado os costumes cristãos, por meio de boas razões os afastaram dos alimentos proibidos.

Como os Irmãos (81) que têm a seu cargo o ensino da doutrina a eles, se demorassem aqui alguns dias, por causa da celebração das festas da Pascoa, alguém não podendo suportar o relaxamento dos costumes, duas vezes convocou o povo á igreja, onde desempenhando as funções, um de mestre e outros de discipulos, recitaram, por sua ordem, a doutrina cristã.

Depois que para aqui voltaram os irmãos, se queixaram, um de que fossem deixados sózinhos nas grandes solenidades; outro de que faltavam quem lhes indicasse os dias que deviam ser guardados. Por ignorancia dessa materia, quando trabalhava no mato em dia santo, ficou todo espicado pelas ferroadas dos mosquitos, e se viu obrigado a voltar para a casa.

Trabalha agora entre eles o Padre Luiz (82), empregando minucioso cuidado na sua doutrinação, não só aí, mas tambem em outra aldeia, daqui a duas milhas, lançando os alicerces da fé, visitando-a frequentemente, mas residindo em Jeribatiba, onde alguns suficientemente instruidos na fé se uniram pelo sagrado vínculo do matrimonio.

Muitos inocentes se batizam, dos quais alguns emigram para o Senhor.

Especial cuidado se emprega no ensino dos meninos.

Estes são os assuntos que se oferecem para tratar no presente trimestre.

Pedimos pelo amor de Deus que todos se lembrem de nós em suas orações, e que nenhum esquecimento invada os nossos Irmãos a respeito desta nação, perante o Senhor.

VII. — CARTA DE PIRATININGA (1556)

Em Piratininga, na casa de S. Paulo da Companhia de Jesus.
Infimo da Companhia de Jesus.

NOTAS

(79) Pbl. em parte, traduzida para o italiano, nos *Diversi Avvisi Particolari dall'Indie di Portogallo*, cit., fl. 248-9; e em português, traduzida pelo prof. João Vieira de Almeida, no fascículo *Padre José de Anchieta — Cartas Ineditas*, pref. do dr. A. C. de Miranda Azevedo, S. Paulo, 1900, p. 51-6.

(80) Aldeia do chefe Caubi ou Caiubi, batizado pelos jesuitas com o nome de João. As terras de Jeribatiba ficavam entre a serra de Paranapiacaba e o litoral. Nas vertentes orientais da serra nasce o rio cuja designação o vulgo modificou para Jurubatuba (Azevedo Marques, *Apontamentos Historicos*, Rio, 1879, I, p. 94 e 168). — *Jeribatiba, Jaraibatiba, Jeribatuba, Jiribatuba* ou *Jerivatuba*, corr. *Yaritibá-tyba*, significa o sitio dos *jiribás*, o palmar de *jiribás*, segundo T. Sampaio (o. c.).

(81) Gregorio Serrão e Manuel de Chaves.

(82) Luiz da Grã.

VIII

DE PIRATININGA, FIM DE DEZEMBRO DE 1556 (83)

Trabalhos e frutos da catequese. — Inauguração da igreja nova.
— *Padre Afonso Braz. — Doenças do Padre Luiz da Grã e*
Irmão Gregorio Serrão. — Jaraibatiba.

A PAZ e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre em
nossos corações. Amen.

Como quer que poucas vezes aconteçam cousas dignas de notar, Reverendo em Cristo Padre, é difficil achar sempre cousas novas que se escrevam, e repetir o mesmo muitas vezes gera fastio, mas contudo tratarei brevemente o que se passa.

Procedemos pela mesma ordem que em outras se ha dito, em a doutrina e solitos exercicios, ensinam-se todos os que vêm á igreja de sua vontade, aos que nós outros trazemos por fôrça, batizam-se os inocentes que seus pais oferecem, dos quais alguns deixada a morte se partem á vida, e porventura que esse é o maior fruto que desta ainda se pode colher, o qual não é pequeno pois que nascendo como rosas de espinhos regenerados pela água do batismo, são admitidos em as moradas eternas, porque não sòmente os grandes, homens e mulheres, não dão fruto não se querendo aplicar á fé e doutrina cristã, mas ainda os mesmos muchachos que quasi criamos a nossos peitos com o leite da doutrina cristã, depois de serem já bem instruidos, seguem a seus pais primeiro em habitação e depois nos costumes; porque os dias passados, apartando-se alguns dêstes a outras moradas levaram comsigo bôa parte dos moços, e agora a maior parte dos que ficaram se mudou a outro lugar, onde possa viver livremente como soia, aos quais necessariamente hão

de imitar os filhos assim divisos, nem se podem ensinar, nem eles mais o desejam, e ainda sobretudo não ha quem queira ser ensinado. E se muitas vezes não viessem á igreja alguns escravos de Portuguezes que aqui vivem, tocar-se-ia a campainha por demais e não haveria nenhum dos Indios que se ensinasse. De maneira que os meninos que antes aprendiam, andam de cá para lá, e não sòmente não aprendem nada de novo, mas antes perdem o já aprendido; mas não é isso maravilha porque quasi é natural dêsses Indios nunca morar em um lugar certo, senão que depois de haver aqui vivido algum tempo se passam a outro lugar, e daí a outro. Alguns dos que vivem no campo, em suas fazendas, os dias de festa vêm ás missas.

Alguns se passam desta vida (e bem, segundo cremos) confessados primeiro e chamando sempre o nome de Jesus, principalmente um moço de doze anos dos que ensinamos na escola, o qual depois de uma longa enfermidade, chegando á última hora, nos mandou chamar para se confessar, e daí a três dias morreu, deixando-nos grandes sinais de sua fé, porque nunca deixava de invocar a Jesus maximè já no fim, e assim uma vez, antes de cantar o galo, nos mandou chamar; fômo-lo visitar, e ouvîmo-lo, ainda no caminho, que estava gritando a Nosso Senhor e depois que entrámos pedia-nos com muita instancia que lhe dissessemos as orações, o que ele fazia e em sua lingua dizia estas e outras semelhantes cousas: “Senhor Jesus Cristo, sois senhor da vida e de todas as cousas, ajudai-me”. E assim chegando a manhã sem nenhum trabalho deu o espirito a Cristo. Outro de dez ou doze anos, chegando ao último artigo disse: “Já tenho mui boas e fermosas vestiduras”, e daí a pouco expirou. Tambem algumas velhas, depois de batizadas se passaram desta vida.

Antes do dia do Nascimento do Senhor procurámos que se confessassem, o qual fizeram muitas mulheres e alguns homens, os quais diligentemente examinámos nas cousas da fé e o que principalmente pretendemos é que saibam o que toca os artigos da fé, *scilicet* ao conhecimento da Santissima Trindade e aos misterios da vida de Cristo que a Igreja celebra, e que saibam, quando lhes fôr perguntado, dar conta destas cousas, o qual temos em mais que saber

as orações de memoria, ainda que nisto se põe muito cuidado e diligência, porque duas vezes cada dia se lhes ensina na igreja; a nenhum batizamos senão assim instruido, e ainda depois da confissão lhes pedimos conta dessas cousas, a qual muitos, maximê das mulheres, dão bem que não ha dúvida, senão que levam vantagem a muitos nascidos de pais Cristãos, de maneira que muitos são assás aptos para receber o Santissimo Sacramento da Eucaristia, principalmente dos que chamam Carijós, dos quais muitos se ajuntaram aqui por amor da nossa doutrina: nestes reluz mais fervor e prontidão ás cousas divinas, e são muito mais aparelhados para todas as cousas que êstes com que vivemos, os quais não por ignorancia porque assás capacidade de juizo ha neles, senão por malicia e pelo longo costume que têm em os males, se deixam de chegar á fé.

Alguns velhos que não podem saber as orações de memoria, como em o demais não tenham impedimento, e entendam o que toca aos artigos da fé, se recebem ao batismo. Assim que um, já de dias catecumeno, pedindo mui instantemente que o batizassem, não sòmente trabalhou em aprender o necessario, mas tambem sua mulher velha, a qual ainda que muitas vezes a ensinavamos, quasi nada podia aprender. Um domingo na igreja, deante de todos, antes de o batizar, o examinámos, e ele respondeu a cada questão mui bem, e com muito fervor de maneira que nos deu muita consolação; depois disto o batizámos e casámos. Neste mesmo tempo do Nascimento do Senhor se confessaram e comungaram muitas mulheres mestiças com muita devoção, o qual em outros tempos muitas vezes fazem.

O primeiro de Novembro nos passámos e entrámos com procissão em nossa igreja nova, feita com os trabalhos dos Irmãos, maiormente com o suor do Padre Afonso Braz (84), e ao seguinte dia, de finados, trouxeram as mulheres suas ofertas á igreja como é costume dos Cristãos.

Assim que trabalhamos quanto podemos em os doutrinar, procurando de os apartar de seus antigos costumes; alguns crêem; a maior parte ainda permanece neles, ainda que todos dizem que crêem em Deus porque nenhum deles ha que não diga que crê e

VIII. — CARTA DE PIRATININGA (1556)

tem nossa fé; se concordarem as obras com as palavras, o Senhor de quem todo bem mana, lhes dará graça para que tornando em si se tornem a seu Pai, do qual tanto tempo ha que se apartaram, dissipando sua substância.

Nós outros todos estamos bem; procedemos conforme as Constituições em a via do Senhor, guiando-nos o Padre Luiz da Grã, o qual os dias passados teve grave enfermidade porque se lhe fizeram umas postemas nos peitos, com perigo da vida. Mas nem por isso deixava de dizer as orações frequentemente, ensinando uns e outros, e o que é mais, indo-se ao mar, entre os Portugueses daqui a dez leguas (85) por bosques mui asperos, onde esteve algum tempi prêgando, e tornando a nós outros, não sòmente não cresceram as postemas, como temíamos, mas ainda parece que quis o Senhor usar dessa mezinha para se sarar. Tambem o Irmão Gregorio Serrão teve umas agudas febres, mas como quer que falta a mezinha corporal e terrena, superabunda a celestial com a qual se curam as enfermidades ainda que perigosas, assim que em breve convalesceu e se foi para suas ovelhas que estão em Jaraibatiba, a duas leguas daqui, com outro Irmão intérprete (86), e cada sabado vai daqui um dos sacerdotes a lhes dizer missa.

Tambem visitamos outros lugares de Portugueses e Indios semeando em todas as partes a palavra de Deus, a qual para que dê fruto abundante, roguem nossos Irmãos continuamente a Nosso Senhor, e tenham assidua memoria de nós outros para que não deixemos de semear porque em seu tempo colheremos.

Em Piratininga e casa de S. Paulo da Companhia de Jesus, em o fim de Dezembro de 1556.

Minimus Societatis Jesu.

NOTAS

(83) Copiada no livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil*, cit., fls. 32. Pbl. nos "Anais da Biblioteca Nacional", t. II, p. 266-9, e no "Diario Oficial" do Rio, de 5 de Dezembro de 1887.

(84) Ainda em 1554, ano da fundação de São Paulo, resolveram os jesuitas substituir a palhoça, que ali se edificara, por uma casa confortavel

JOSEPH DE ANCHIETA

e a construir uma igreja de taipa de pilão. Quando Nobrega, a conselho de Luiz da Grã, transformou em "perfeito collegio" a escola primitiva, as obras já estavam quasi terminadas. Dirigiu-as o padre Afonso Braz, mestre de alvenaria e carpintaria, auxiliado pelos alunos de Anchieta que "pera a obra traziam ás costas os cestos de terra e potes de água, no tempo que podiam poupar de seu estudo" (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 202).

(85) Santos e São Vicente.

(86) Manuel de Chaves.

IX

QUADRIMESTRE DE SETEMBRO ATÉ O FIM DE DEZEMBRO DE 1556, DE
PIRATININGA, ABRIL DE 1557 (87).

Doutrinação dos meninos. — Ida do Padre Luiz da Grã ás vilas do mar. — Notícias dos catecumenos. — Os pagés. — Ataque dos Indios. — Destruição de três aldeias pelos castelhanos do Paraguai. — Entrada para a Companhia de um Irmão intérprete.

EM as cartas passadas escrevi brevemente o que se oferecia, agora em poucas palavras o que ocorre. Guarda-se a mesma ordem de doutrina que dantes aqui e em Jaraibatiba e peculiar cuidado acêrca da instituição dos meninos, dos quais alguns perseveram, outros se mudam com seus pais a outras moradas, aonde sossegam, o que parece haver de produzir fruto, porque como dos pais nenhuma ou mui pequena esperança haja (porque não faltam alguns que queiram seguir os costumes dos Cristãos), tudo se converte em os filhos, dos quais alguns inocentes se vão para o Senhor, os outros que são mais grandes se instruem e ensinam sempre diligentemente na fé. Assim que insistimos com os continuos sermões aqui e em outros lugares ao derredor; agora é ido o Padre Luiz da Grã ao mar a ensinar os escravos de Portugueses e prègar aos senhores, aonde sem cessar os ensina, colhendo muito fruto de confissões, e admoestações, maximè dos escravos com os quais principalmente entende, aos quais quasi todos traz á confissão, ensinando-lhes os rudimentos da fé de que carecem; movem-se eles a isto com grande fervor e devoção, e alguns deles há

que sabem dar melhor conta das cousas, que tocam á fé, que os mesmos senhores.

Baptizamos todos os pequenos, e algumas moças, as quais depois que crescerem possam casar com os moços que se ensinam na escola. Um desses Catecumenos pediu-nos uma destas moças cristãs por mulher, negamos-lha porque ele já tinha outra, e filhos dela, e não tinha nenhum aparelho para se poder batizar. Mas ele (como têm por costume) foi-se ao irmão da moça, pediu-lha e houve-a, a qual depois que esteve com ele sete, ou oito dias, reprechida por nós outros, arreprechida se apartou dele, e saiu-se de casa para nunca mais tornar a ele. Ele tomando-a por fôrça, a tosquiu e como não quisesse consentir com sua má vontade a queimou, e lhe fez muitas chagas, a qual, deitando-o de si, se acolheu á casa de uns Cristãos, querendo antes morrer que consentir no pecado. E como ele a quisesse tirar e levar por fôrça, acudimos nós outros esforçando-a a que estivesse firme, e reprechendo ao outro, porque queria ter por manceba esta que era já batizada, tendo ele outra mulher, e não sendo Cristão. Vencido com as nossas palavras se foi e depois nos ameaçou que nos havia de matar; a moça tomou-lhe tanto aborrecimento que o fez cessar de seu danado proposito e vontade.

E não sòmente êste mas outros dos catecumenos nos ameaçaram com a morte, mas não são para tanto, que perfeiçõem tais obras. Nós outros aparelhados para tudo o que vier, tendo ao Senhor por defensor, nada tememos. E eles amansando sua ira nos mostram amor e nos fazem esmolas de seus frutos. A maior parte dêstes (como nas cartas passadas disse) fez outras moradas não longe daqui, onde agora vivem, porque ultra de eles não se moverem nada ás cousas divinas, persuadiu-se-lhes agora uma diabolica imaginação, que esta igreja é feita para sua destruição, em a qual os possamos encerrar e aí ajudando-nos dos Portugueses, matar aos que não são batizados e aos já batizados fazer nossos escravos, isto mesmo lhes dizem outros Indios, *scilicet* que os ensinamos para que a eles, filhos e mulheres, façamos cativos e são eles de tal natureza e condição que mais crêem a qualquer mentira dos seus, que a quanto lhes prêgamos, e se lhes diz isto al-

IX. — CARTA DE PIRATININGA (1557)

gum de seus feiticeiros a que chamam Pagés nenhuma cousa têm por mais verdadeira ainda que dêstes nenhum ousa vir aqui senão occultamente porque os repreendemos mui gravemente. Polo sertão anda agora um ao qual todos seguem e veneram como a um grande santo. Dão-lhe quando têm, porque se isto não fazem crêm que ele com seus espiritos os matará logo. Este, metendo fumo pela bôca, aos outros lhes dá seu espirito, e faz seus semelhantes; aonde quer que vai o seguem todos, e andam de cá pera lá, deixando suas proprias casas. Contudo alguns dos mesmos Indios o têm por mentiroso, como nos disseram de dois Catecumenos, que daqui foram, em cuja casa o santo com os seus ousou entrar. Diz ele que há de passar por aqui a guerra aos contrarios, e que da tornada ha de destruir esta igreja cuja fama anda por todo o sertão, do qual nenhum medo temos, senão ele desta maneira quer ser temido dos seus.

Porque se ofereceu fazer menção dos contrarios, direi algumas cousas, não fora do proposito. Veiu, poucos dias ha, grande cópia deles, e combatendo um lugar de Portugueses, o roubou; acolheram-se á fortaleza, sete ou oito Portugueses, que se acharam presentes, e como quisessem entrar com eles os inimigos foram mortos muitos deles; por outra parte acometeram uma casa onde estavam dois Cristãos e saltando como simios no telhado, derribando as telhas, os tomaram por fôrça e levaram com muitos dos escravos e demais prêsa. Não muito depois se seguiu uma peste de que morreu grande número dos contrarios, tiravam os mortos de casa e deitavam-os ás onças, as quais de noite vinham e os comiam. Desta maneira os castigou a dextra do Senhor, e depois indo a eles os Portugueses em navios, tomaram mais de 50, que estavam fazendo grandes festas com muito vinho e cantos sôbre a morte dos dois Portugueses Cristãos que já tinham comido. Depois de tornados ao porto sentenciaram dois á forca, os quais o pastor que tem as vezes do Bispo, pouco ha defunto (88), que pouco antes tinha chegado, consolou e instruiu na fé (porque não estava presente nenhum de nossos Irmãos) e assim recebidos a baptismo, chamando sempre o nome de Jesus, foram enforcados.

Torno aos nossos, os quais estão divididos em três habitações,

para que possam livremente beber, porque êste costume de beber, ou, por melhor dizer, natureza, mui dificultosamente se lhes ha de extirpar, o qual permanecendo, nem se poderá plantar a fé de Cristo.

Aconteceu pouco ha em uma delas uma veronica, ou por melhor dizer diabolica façanha. Convidava um a seu irmão mais moço que fosse a seguir e acabar (?) aquele grande feiticeiro que anda pelo sertão; êste outro, que já era Catecumeno, tendo aquilo por mentira, não quis ir, pelo qual se indignou muito seu irmão. E assim achada ocasião, em anoitecendo, depois de haver bebido, começou a pelejar com seu irmão, e tomando um manchil o feriu mui mal, e dando-lhe três feridas, o deixou meio morto. Por isso a mãe deles, já Catecumena, começou a pelejar mui gravemente com uma nora, mulher do que ferira, a qual cuidava haver sido causa desta discórdia; pôs-se em meio delas um mancebo pera as desapartar, mas a velha tomando duas flechas lhas meteu pelo estomago, e deu a ele em terra, o qual, ao canto do galo, expirou. Depois disto tomando um tição em a mão deu a fugir, mas não foi muito adeante, que logo não tornou a seus filhos dizendo-lhes que não na deixassem estar muito tempo solícita, e triste, mas que logo a matassem. Ao dia seguinte seu filho mais velho que tinha ferido ao outro, fez uma cova pera enterrar o morto, e tomando a sua mãe pela mão, lhe deitou uma corda ao pescoço, e a enforcou, a enterrou, e pôs em cima dela ao que ela tinha morto. Nenhum de todo o povo lho impediu, não lhe falou uma só palavra, porque assim soem vingar os semelhantes homicídios, porque não façam guerra os parentes do morto, e se comam uns aos outros.

Ao outro dia nos fomos lá mui depressa, para curar o ferido e aparelhá-lo para o batismo, e encontrando-o em caminho, que o traziam a nós outros para que o curassemos, nos tornámos, curámos-lhe as feridas até sarar, e entretanto por remediar as chagas de sua alma o instruímos em os rudimentos da fé. Aprendeu ele de boa vontade boa parte, e determina daqui adeante viver segundo o que Deus manda, de maneira que por mui féra que seja a sua natureza, trabalharemos com todo cuidado pola domar, pois não estão cerradas aquelas entranhas de misericórdia, em as quais



IX. — CARTA DE PIRATININGA (1557)

nos visitou o Senhor nascendo do alto, para que também a êstes abra caminho para entrar no tabernaculo do Senhor.

Em Jaraibatiba se ensinam pola mesma ordem, onde alguns inocentes batizados se passam ao Senhor; na doutrina dos outros se tem diligente cuidado, e peculiar na instrução dos meninos, mas também êstes se dividiram em tres moradas, onde não se podem ensinar com tanta facilidade.

Não me pareceu bem calar uma cousa, que fez um dêstes já batizados. Não ha dias que alguns Castelhanos daqueles que moram em a cidade do Paraguai, da qual em as passadas se fez menção, não podendo sofrer a malícia e soberba dêstes Indios, que já em diversos tempos têm mortos muitos Cristãos, os acometeram e destruíram três aldeias, matando alguns e cativando os outros com mulheres e filhos; e tornaram-se por rogos de alguns Portugueses, que em aquella sazão andavam pelo sertão, mas ameaçando e determinando de tornar a destruir esta brava nação. Por esta cousa os Indios mui enojados, vendo que não se podem vingar dos Castelhanos, tornam-se aos Portugueses, os quais dizem que todos são uns e assim roubaram cinco ou seis que andavam entre eles, em diversos lugares, e agora novamente mataram um, ao qual despiando, arrastaram pelo campo, e deitaram em um bosque, e acometendo um seu companheiro não puderam matar, mas roubaram, tomando-lhe os escravos e quanto trazia. A êste acompanhava um Indio já batizado dos que se ensinam em Jaraibatiba, e vendo uma imagem mui fermosa de Nossa Senhora em mãos dos ladrões, arremeteu com eles, pondo-se em perigo de vida e tomou-lha das mãos e guardou-a, e não sòmente em isso se mostrou sua fé mas também em outras cousas, sendo deshonrado e injuriado dos seus, que lhe chamam escravo dos Portugueses. Se disto nascer alguma discordia entre os Indios e Cristãos não será pequeno impedimento para a doutrina e conversão deles, mas, por agora, não se ha procedido com o negócio, mais adeante.

Pouco ha que o Padre Luiz da Grã recebeu um Irmão intérprete que dá boas mostras de si. Todos estamos bem e louvamos ao Senhor, o qual nos deu graça e fortaleza interior, para que com

JOSEPH DE ANCHIETA

nenhuma adversidade nos apartemos da conversão dêstes para o qual não será pequena ajuda a oração de nossos Irmãos.

Em Piratininga e casa de S. Paulo da Companhia de Jesus, em o fim de Abril de 1557.

Minimus Societatis Jesu.

NOTAS

(87) Copiada no livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil*, cit., fls. 29 v. Pbl. nos "Anais da Biblioteca Nacional", I, p. 270-4, e no "Diario Oficial", do Rio, em 17 de dezembro de 1887.

(88) D. Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil. Viajando para Portugal na nau *Nossa Senhora d'Ajuda*, naufragou nas imediações da fóz do rio Coruripe e foi morto, bem como seus companheiros, na margem esquerda do rio São Miguel, pelos selvagens das Alagôas, a 16 de junho de 1556 (Varnh., *Hist. Geral*, 4ª ed., I, p. 349, e II, nota de R. Garcia, p. 29).

X

AO PADRE GERAL, DE SÃO VICENTE, AO ULTIMO DE MAIO DE 1560 (89)

Descrição das coisas naturais da Capitania de São Vicente. — Divisão das partes do ano. — Tempestades. — Disputa com um feiticeiro. — Enchentes dos rios. — Saída dos peixes. — Boi marinho. — Narração de uma tempestade no mar. — Entrada dos peixes. — Sucuriuba. — Jacaré. — Capivara. — Lontras. — Caranguejos. — Modo indigena de curar o cancro. — Jararaca, cascavel, coral e outras serpentes. — Piolho de cobra. — Aranhas. — Tatoranas. — Panteras. — Tamanduá. — Anta. — Preguiça. — Gambá. — Ouriços. — Macacos. — Tatú. — Veados. — Gatos monteses, gamos e javalis. — Lhama do Perú. — Bicho da taquara. — Formigas. — Abelhas. — Moscas e mosquitos. — Papagaios, beija-flores e outros passaros. — Guará e outras aves marinhas. — Aves de rapina. — Anhi-ma. — Galinhas silvestres. — Mandioca e “Yeticopê”. — Erva viva. — Arvores medicinais. — Pinheiros. — Raizes medicinais. — Pedra elastica. — Conchas e perolas. — Espectros noturnos ou demonios. — Raras deformidades entre os Brasis. — Criança monstruosa. — Um porco hermafrodita.

A PAZ DE CRISTO seja connosco.

Pelas tuas cartas, que ha pouco nos chegaram ás mãos, vimos, Reverendo Padre em Cristo, que desejas (para que se atenda ao voto e desejos de muitos) que escrevemos acêrca do que succeder connosco que seja digno de admiração ou desconhecido nessa parte do mundo. Conformando-me com tão salutar mandado, cumprirei diligentemente, quanto me fôr possível, a prescrita obrigação.

Em primeiro lugar certamente (o que fiz de passagem nas anteriores cartas) tratarei desta parte do Brasil, chamada São Vicente, que dista da Equinocial vinte e três gráus e meio medidos de Nordeste a Sudoeste, na direcção do Sul, na qual a razão da aproximação e do afastamento do sol, as declinações das sombras e como se fazem, as diminuições e crescimentos da lua, não me é facil explicar; por isso, não tocarei nessas cousas, nem vejo nelas razão para que sejam diferentes do que aí se observa.

Na divisão, porém, das partes do ano é cousa inteiramente diversa: são na verdade de tal maneira confusas, que não se podem facilmente distinguir, nem marcar o tempo certo da primavera e do inverno: o sol produz com os seus cursos uma certa temperatura constante, de maneira que nem o inverno é demasiadamente rigoroso, nem o verão incomoda pelo calor; em nenhuma quadra do ano faltam os aguaceiros, pois de quatro em quatro, de três em três, ou de dois em dois dias, uns por outros, alternativamente, se sucedem a chuva e o sol; costuma contudo em alguns anos a cerrar-se o céu e a escassearem as chuvas, de tal modo que os campos se tornam estereis e não dão os costumados frutos, não tanto pela fôrça do calor, que não é excessivo, como pela carencia de água; algumas vezes, tambem, pela muita abundancia de chuvas, apodrecem as raizes que temos para alimento. Os trovões no entanto fazem tão grande estampido, que causam muito terror, mas raras vezes arremessam raios; os relampagos lançam tanta luz, que diminuem e ofuscam totalmente a vista, e parecem de certo modo disputar com o dia na claridade; a isto se ajuntam os violentos e furiosos pègões de vento, que sopra algumas vezes com ímpeto tão forte, que nos leva a ajuntarmo-nos alta noite e correremos ás armas da oração contra o assalto da tempestade, e a sairmos algumas vezes de casa por fugir ao perigo de sua quèda; vacilam as habitações abaladas pelos trovões, caem as árvores e todos se aterram.

Não ha muitos dias, estando nós em Piratininga, começou, depois do pôr do sol, o ar a turvar-se de repente, a enublar-se o céu, a amiudarem-se os relampagos e trovões, levantando-se então o vento sul a envolver pouco a pouco a terra, até que, chegando ao Nordeste, de onde quasi sempre costuma vir a tempestade, caiu

com tanta violencia que parecia ameaçar-nos o Senhor com a destruição: abalou as casas, arrebatou os telhados e derribou as matas; a árvores de colossal altura arrancou pelas raizes, partiu pelo meio outras menores, despedaçou outras, de tal maneira que ficaram obstruidas as estradas, e nenhuma passagem havia pelos bosques; era para admirar quantos estragos de árvores e casas produziu no espaço de meia hora (pois não durou mais do que isso), e, na verdade, se o Senhor não tivesse abreviado aquele tempo, nada poderia resistir a tamanha violencia e tudo cairia por terra. O que, porém, no meio de tudo isso, se tornou mais digno de admiração, é que os Indios, que nessa ocasião se compraziam em bebidas e cantares (como costumam), não se aterraram com tanta confusão de cousas, nem deixaram de dansar e beber, como se tudo estivesse em completa tranquillidade (90).

Vou entretanto referir um fato, que por si mesmo julgarás se mais digno de dôr do que de riso; lamentarás certamente a cegueira e escarnecerás da loucura. Poucos dias depois de se passarem estas cousas, em uma certa aldeia de Indios, a que vim com alguns sacerdotes aplicar a medicina da alma e do corpo a um enfermo, encontrámos um feiticeiro de grande fama entre os Indios, o qual, como o exortassemos muito que deixasse de mentir e reconhecesse um só Deus, Creador e Senhor de todas as cousas, depois duma (por assim dizer) longa disputa, respondeu: “Eu conheço não só Deus, como o filho de Deus, pois ha pouco, mordendo-me o meu cão, chamei o filho de Deus que me trouxesse remédio; veio ele sem demora e, irado contra o cão, trouxe consigo aquele vento impetuoso, que soprou ha pouco para que derrubasse as matas e vingasse o dano que me causara o cão”. Assim falou ele, e respondendo-lhe o sacerdote: “Tu mentes!”, não puderam conter o riso as mulheres já cristãs ás quais ensinámos as cousas da fé, escarnecendo de certo da estulticia do feiticeiro. Omito outras cousas porque não são para aqui; menos aquilo que não fôra fôra de proposito para advertí-lo, nem a frase “tu mentes” parece proferida com menos reverência, pois os Brasis não costumam usar de rodeio algum de palavras para explicar as cousas; assim, a palavra “mentes” e outras nesse sentido são ditas

sem ofensa alguma; pelo contrário, pronunciam claramente, sem nenhum vexame, as palavras que significam os órgãos secretos de um e outro sexo, a cohabitação, e outras da mesma natureza.

A divisão das estações do ano (se se considerar bem) é totalmente oposta á maneira por que aí se comprehende; porque, quando lá é primavera, aqui é inverno, e vice-versa; ambas, porém, são de tal modo temperadas, que não faltam no tempo de inverno os calores do sol para contrabalançar o rigor do frio, nem no estio, para tornar agradaveis os sentimentos, as brandas aragens e os humidos chuveiros, posto que esta terra, situada (como já disse) á beira-mar, seja regada em quasi todas as estações do ano pelas águas da chuva.

Todavia, em Piratininga, que fica no interior das terras, a 30 milhas do mar, e é ornada de campos espaçosos e abertos, e em outros lugares que se lhe seguem para o Ocidente, a natureza procede de tal maneira que, se os dias se tornam extremamente calidos por causa do calor abrasador (cuja maior fôrça é de Novembro a Março), a vinda da chuva lhes vem trazer refrigerio: cousa que aqui acontece agora. Para explicar isso em breves palavras: no inverno e no verão há grandes chuveiros, que servem para temperar os ardores do sol, de sorte que ou precedem de manhã ao estio, ou vêm á tarde. Na primavera, que principia em Setembro, e no estio, que começa a vigorar em Dezembro, as chuvas caem abundantemente, com grande tormenta de trovões e relampagos.

Então, há não só enchentes de rios, como grandes inundações dos campos; nessas ocasiões, uma imensa multidão de peixes, que saem da agua para pôr ovas, deixam-se apanhar sem muito trabalho entre as ervas, e compensam por algum tempo o dano causado pela fome que trouxera a subversão dos rios. Assim, êste tempo é esperado com avidez, como alívio da passada carestia: a isto chamam os Indios *pirâcema*, isto é, “a saída dos peixes”; porquanto, duas vezes cada ano, quasi sempre em Setembro e Dezembro, e algumas vezes mais frequentemente, deixam os rios e se metem pelas ervas em pouca água para desovar; mas no estio, como é maior a inundação dos campos, saem em mais consideraveis

cardumes e são apanhados em pequenas redes e até mesmo com as mãos, sem aprêsto algum (91).

Finalmente, os grandes calores do verão são moderados pela muita abundancia de chuvas; no inverno, porém (passado o outono que, começando em Março, acaba numa temperatura agradável), cessam as chuvas; a força do frio torna-se horrível, sendo maior em Junho, Julho e Agosto; nesse tempo vimos muitas vezes não só as geadas espalhadas pelos campos a queimarem árvores e ervas, como também a superficie da água toda coberta de gelo. Então esvasiam-se os rios e baixam até o fundo, de sorte que se costuma apanhar á mão, entre as ervas, grande porção de peixes.

Aos 13 de Dezembro, completando o sol sua carreira em Piratininga, chega a maior altura; esse dia que é muito longo e em que não há declinação alguma de sombras, dura 14 horas e não passa além do Sul; daí, porém, volta para o Norte, em cuja retirada sóe ser mais rigoroso o calor e febres agudas com dôres de lado molestam os corpos. O undecimo dia de Junho, que é curtissimo, e no qual o sol está muito afastado de nós, dura (segundo creio) cêrca de dez horas desde o romper do dia até o ocaso (92).

Até aqui falámos do movimento do tempo; passo agora a tratar de outras cousas.

Ha um certo peixe, a que chamamos *boi marinho*, os Indios o denominam *iguaraguã*, frequente na Capitania do Espirito Santo e em outras localidades para o Norte, onde o frio ou não é tão rigoroso, ou é algum tanto diminuto e menos que entre nós; é êste peixe de um tamanho imenso; alimenta-se de ervas como o indicam as gramas mastigadas prêsas nas rochas banhadas por mangues. Excede ao boi na corpulencia; é coberto de uma pêle dura, assemelhando-se na côr á do elefante; tem junto aos peitos uns como dois braços, com que nada, e embaixo deles têtas com que aleita os proprios filhos; tem a bôca inteiramente semelhante á do boi. E' excelente para comer-se, não saberias porém discernir se deve ser considerado como carne ou antes como peixe: da sua gordura, que está inerente á pêle e mórmente em tórno da cauda,

levada ao fogo faz-se um mólho, que pode bem comparar-se á manteiga, e não sei se a excederá; o seu óleo serve para temperar todas as comidas: todo o seu corpo é cheio de ossos solidos e durissimos, tais que podem fazer as vezes de marfim (93).

Convem relatar aqui algumas cousas que vêm a proposito e que, escritas há mais de dois anos, pelo máu exito da incerta navegação, julgo não terem chegado aí.

Tendo eu e quatro Irmãos (94) saído da cidade do Salvador (que tambem é chamada Baía de Todos os Santos), depois de fazermos 240 milhas por um mar tranquilo á feição do vento, chegámos a uns bancos de areia que, estendendo-se para o mar na distância de 90 milhas, e oferecendo uma como muralha em linha réta, tornam difficil a navegação; aí deitando a cada passo a sonda, gastámos todo o dia e, fundeada a embarcação, pelo meio de estreitos canais entrincheirados por montes de areia, por onde se costumava navegar; no dia seguinte, porém, reunidos felizmente todos á tarde, os marinheiros, julgando-se já livres de perigo, tranquilizaram-se e não pensaram mais nele, quando, de repente, sem ninguem o esperar, o leme salta fóra dos eixos e encalha o navio; sobrevem ao mesmo tempo uma repentina tempestade de vento e aguaceiros, que nos atira para apertados estreitos; o navio era arrastado sulcando areias e, por causa dos frequentes solavancos, temíamos que se fizesse todo em pedaços.

Entretanto, levados para um lugar baixo e inclinando-se a embarcação toda para um lado, lembrámo-nos de implorar o socorro divino, expondo as reliquias dos Santos, que comnosco trazíamos, e lançando ás ondas um Agnus Dei, aplacou-se a tormenta; caímos em um pégo mais fundo, onde, deitando-se a cada passo a ancora e colocado o leme em seu lugar proprio com pequeno trabalho e com grande admiração de todos nós, esperavamos ficar tranquilos até o romper da aurora. Era um lugar fechado de todas as partes por cachopos e monticulos de areia e sómente para o lado da prôa havia uma estreita saída; quando no entanto se começava a descansar, eis que tudo se perturba na ameaçadora escuridão da noite, os ventos sopram com violencia do Sul, caem

imensos aguaceiros, e, revolvido em todos os sentidos, o mar abalava violentamente a embarcação, a qual, já gasta pelo tempo, pouca resistencia oferecia: aberta embaixo para as ondas, estava tudo coberto dagua; exgotava-se o porão em cima para as chuvas quatro ou cinco vezes por hora e, para dizer a verdade, nunca se esvasiava; ninguém podia conservar-se a pé firme, mas andando de gatinhas e para dizer corriam uns pelo tombadilho, outros cortavam os mastros, aqueloutros preparavam as cordas e amarras: neste comenos, a lancha, que estava atada á extremidade do navio, foi arrebatada pelo mar, partindo-se o cabo que a prendia; então começámos todos a tremer e a sentir veemente terror: via-se a morte diante dos olhos; toda a esperança de salvação estava posta em uma corda e, quebrada esta, a nave ia inevitavelmente despedaçar-se nos baixios que a cercavam pela pôpa e pelos lados; corre-se á confissão: já não vinha cada um por sua vez, mas dois a dois e o mais depressa que cada qual podia. Em uma palavra, fôra fastidioso contar tudo que se passou; rompeu-se a amarra: “Está tudo acabado”! gritaram todos. Todavia, no meio de tudo isso não deixavamos de confiar com toda a fé em Deus, se bem que cada um contasse com certeza morrer ali, e mais curasse salvar a alma do que o corpo; confiavamos não só nas reliquias dos Santos, como também no patrocínio da Santissima Virgem Maria, na vespera de cuja Apresentação tinham acontecido estas cousas.

Muitas vezes (creio) nos veio isto ao pensamento; a mim, de certo, e muita consolação me dava a idéa de que, naquela mesma ocasião, muitos dos nossos Irmãos que andavam por diversas regiões, tinham todos o espirito alçado para Deus, e cujas orações, subindo á presença divina, pediam auxilio para nós outros, e que, por seus suspiros e gemidos, finalmente movida, a divina piedade pudesse trazer-nos os beneficios da sua costumada misericórdia. Entretanto, não nos servindo das velas nem de auxílio algum humano, eramos levados sãos e salvos pelo meio dos escolhos, para onde a corrente nos arrebatava, e esperando a todo o momento que se despedaçasse a embarcação, expostos á chuva, flagelados por tremenda tempestade, vendo a morte a cada instante, passámos toda aquella noite sem dormir. Ao romper do dia, recobrando al-

gum alento, concertámos da melhor maneira as velas e, procurando a terra, desejavamos ao menos encalhar o navio na praia; mas, levados por uma corrente mais favoravel do que esperavamos, chegámos a um porto bastante seguro, habitado por Indios, onde nos acolheram eles benignamente, e nos trataram com humanidade. Finalmente, quão grande fôra a misericordia do Senhor para conosco, a qual não duvidamos que nos fosse propícia, não só pelos merecimentos e preces da bemaventurada Virgem, como dos Santos, cujas reliquias traziamos conosco, ficou bem manifestado pelo desgraçado naufragio de outro navio que nos precedera, o qual, depois de ter saído para lugares de vau, impellido por um vento próspero, arrebatado todavia não só pelo vento Sul, mas tambem pela violencia do mar, encalhara na praia e se despedaçara; com seus aparelhos e utensilios nos ressarcimos dos que havíamos perdido, e concertámos o nosso já meio despedaçado navio.

No dia seguinte ao da nossa arribada, visitando eu com alguns Irmãos as habitações dos Indios, foi-nos apresentada uma criancinha quasi prestes a expirar e falando nós a seus pais para batizá-la, eles anuíram de boa mente a isso; batizámo-la, e algumas horas depois foi levada para o céu. Feliz naufragio que conseguiu tal resultado! Aí demorámo-nos oito dias por causa dos ventos contrarios que reinavam; e como pouca provisão nos sobrasse para o resto da viagem, lançaram os marinheiros a rede ao mar, e colheram de um só lanço dois dos tais *bois marinhos*, os quais, apesar de serem tão grandes não romperam a rede, quando um só deles era sufficiente para rasgar e despedaçar muitas redes: e assim, provendo-nos com fartura a munificencia divina, fizemos o resto da viagem.

Falo, porém, disso só de passagem; torno de novo ao proposito e, como começara a fazer menção de peixes, prosseguirei.

Em certa quadra do ano apanha-se uma infinita quantidade de peixes; a isso os Indios chamam *pirá-iquê*, isto é, “entrada dos peixes”; porquanto vêm inumeros deles de diversas partes do mar, entram para os lugares estreitos e de pouco fundo do mar, afim de pôrem as ovas (95).

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

O que vou agora referir é admiravel, mas unanimemente comprovado e verificado por notoria experiencia: dez ou doze dos maiores sobem á tona dagua como exploradores, e olhando e examinando o lugar todo, se porventura lhes fazem alguma offensa, voltam, como que pressentindo a traição, para conduzir a outra parte o seu rebanho. Se porém (o que já foi acautelado, para que com certeza nenhum mal façam aos que têm de entrar) tudo lhes parece estar em segurança e vêem que o lugar é apropriado, introduzem, voltando, uma innumera multidão de peixes por estreitas entradas (pois que já todo o sítio está cercado, deixando apenas uma pequena abertura, a qual se póde com facilidade fazer, por causa da pouca porção de agua); encurralados aí, e embriagados com o suco de um certo lenho que os Indios chamam *timbó* (96), são apanhados sem o minimo trabalho muitas vezes mais de doze mil peixes grandes. Isso é de tal sorte comum em muitos lugares que, quando os apanham em abundancia, os deixam atirados na praia. Os peixes são mui saudaveis nesta terra e podem-se comer todo o ano sem prejudicar á saúde, e até na doença, sem receio da sarna, que aqui não existe em parte alguma.

Encontram-se no interior das terras cobras a que os Indios denominam *sucuryúba*, de maravilhoso tamanho: vivem quasi sempre nos rios, onde apanham para comer os animais terrestres, que a miudo os atravessam a nado; saem porém ás vezes para a terra e os acometem nos atalhos, em que costumam correr daqui para ali. Não é facil acreditar-se na extraordinaria corpulencia destas cobras; engolem um veado inteiro e até animais maiores; isto tem sido observado por todos; alguns dos nossos irmãos o viram com espanto, e até um deles vendo uma serpente a nadar no rio, pensou que era um mastro de navio. Dizem que não têm dentes e só se enroscam nos animais, matam-os introduzindo-lhes a cauda pelo anus, e triturando-os com a bôca os devoram inteiros. A êste respeito contarei cousas estupendas e não sei se serão criveis; mas, tanto os Indios, como os Portugueses que passaram muitos anos de sua vida nesta parte do globo, *uno ore* as afirmam. Estas cobras engolem, como disse, certos animais grandes, que os Indios

chamam *tapiiara*, de que tratarei ao deante; como porém o seu estomago não os pode digerir, caem por terra como mortas, sem poderem mover-se, até que apodreça o ventre juntamente com a comida: então, as aves de rapina rasgam-lhes a barriga e a devoram toda com o seu conteúdo; depois a cobra, disforme, meio devorada, começa a reformar-se, crescem-lhe as carnes, estende-se-lhe por cima a pele, e volta á antiga fôrma (97).

Ha igualmente lagartos que vivem do mesmo modo em rios, e a que chamam *jacaré* (98). São êstes animais de excessiva corpulencia, de modo que podem engulir um homem; cobertos de escamas durissimas e armados de agudissimos dentes; passam a vida na agua; ás vezes sobem até as ribanceiras, onde acontece serem mortos enquanto dormem, não todavia sem bastante custo e perigo, como succede com o elefante. As suas carnes, que são boas de comer-se, cheiram a almiscar, maximè nos testiculos, que é onde está a maior fôrça do cheiro.

Ha tambem outros animais do genero anfíbio, chamados *capiyûara*, isto é, “que pastam ervas”, pouco diferentes dos porcos, de côr um tanto ruiva, com dentes como os da lebre, exceto os molares, dos quais alguns estão fixos nas mandibulas e outros no meio do céu da bôca; não têm cauda; comem ervas, donde lhes provém o nome; são proprios para se comer; domesticam-se e criam-se em casa como os cães: saem para pastar e voltam para casa por si mesmos (99).

Ha muitas lontras (100), que vivem nos rios; das suas peles, cujos pelos são muito macios, fazem-se cintos. Ha tambem outros animais quasi do mesmo genero, designados no entanto por nome diverso entre os Indios e que têm identico uso (101). Ha pouco tempo tendo um Indio atravessado com a flecha a um deles e saltando na agua para apanhá-lo, appareceu uma multidão de outros que estavam debaixo dagua, acometeram-o com unhas e dentes, de tal maneira, que trazendo com dificuldade o que havia morto, saiu quasi em pedaços, e passaram-se muitos dias primeiro

que lhe sarassem as feridas. Êstes animais são quasi pretos, pouco maiores que os gatos, munidos de dentes e unhas agudissimas.

Seria fastidioso referir os generos dos caranguejos, e suas variedades e diversas fórmas. Deixo de falar dos que são terrestres, que vivem em cavernas subterraneas, que para si mesmos cavam; em toda a parte são frequentes, exceto entre nós; de côr verde-mar e muito maiores do que os aquaticos (102). Alguns dos aquaticos estão sempre debaixo d'agua: a natureza deu-lhes os últimos braços planos proprios para nadar; os mais cavam cavernas para si nos braços de mar (mangues); dêstes, alguns têm as pernas vermelhas e o corpo negro; outros são um tanto azulados e cheios de pelos; outros ainda têm duas cabeças, uma quasi do tamanho do corpo todo e outra proporcional a êste (103).

O “cancro” (que é aí de tão difficil cura) é facilmente curado aqui pelos Indios. Dão a essa doença o mesmo nome que entre nós; curam-a, porém, dêste modo: aquecem ao fogo um pouco de barro bem amassado, com que se fazem vasos, e tão quente quanto a carne possa suportar o applicam aos braços do cancro, os quais morrem pouco a pouco, e tantas vezes repetem êste curativo até que, mortas as pernas, o cancro se solta e cai por si. Isto foi ha pouco provado com experiencia em uma escrava dos Portugueses, a qual sofria desta doença (104).

Até aqui tenho falado dos animais que vivem na agua; tratarei agora dos terrestres, alguns dos quais são desconhecidos dessa parte do mundo. Primeiramente direi das diversas especies de cobras venenosas.

Algumas, chamadas *jararacas* (105), abundam nos campos, nas matas e até mesmo nas casas, onde muitas vezes as encontramos: a sua mordedura mata no espaço de vinte e quatro horas, posto que se lhe possa aplicar remédio e evitar algumas vezes a morte. Isto acontece com certeza entre os Indios: se forem mordidos uma só vez e escapam á morte, mordidos daí por diante, não só não correm risco de vida, como sentem até menos dôr, o que tivemos mais de uma vez ocasião de observar.

A outra variedade denominam *bóicininga*, que quer dizer, “cobra que tine”, porque tem na cauda uma especie de chocalho, com o qual sôa quando assalta alguém. Vivem nos campos, em buracos subterraneos; quando estão ocupadas na procreação atacam a gente; andam pela grama em saltos de tal modo apressados, que os Indios dizem que elas voam; uma só vez que mordam, não ha mais remédio: paralizam-se a vista, o ouvido, o andar e todas as ações do corpo, ficando sòmente a dôr e o sentimento do veneno espalhados pelo corpo todo, até que no fim de vinte e quatro horas se expira (106).

Entretanto, quasi todos os Indios torram ao fogo e comem dessas cobras e de outras, depois de lhes tirarem a cabeça; assim como tambem não poupam aos sapos, lagartos, ratos e outros animais dêsse genero (106-A).

Ha tambem outras admiravelmente pintadas de várias côres, de preto, de branco, de encarnado semelhante ao coral, as quais os Indios apelidam *ibibobóca*, isto é, “terra cavada”, porque elas no rojarem fendem a terra á maneira de toupeiras; estas são as mais venenosas de todas, porém mais raras (107).

Ha tambem outras, que são denominadas pelos Indios *bóigua-tiára*, isto é, “cobras pintadas”, por causa das suas diversas variedades de pintura; estas são igualmente mortíferas (108).

Ha tambem outras quasi semelhantes, chamadas *jararáca* e tambem *bóipeba*, isto é, “cobras chatas”, porque, quando feridas, contraem-se e ficam mais largas; a mordedura dessas é tambem mortal (109).

Ha ainda outras, que se chamam *bóiroiçanga*, isto é, “cobras frias”, porque a sua mordedura comunica ao corpo um grande frio; estas, conquanto maiores do que as outras, são menos venenosas (por isso que não causam a morte); têm toda a bôca armada de dentes agudos, o que não se dá com as outras, pois as outras têm apenas quatro dentes curvos, tão subtis e ocultos que, se não se observã com cuidado, poder-se-há supor que os não têm; neles é que está a peçonha (110).

Todas estas, porém, exceto as que são venenosas, das quais ha, não só grande cópia, mas tambem grande diversidade, são tão fre-

quentes, que não se póde viajar sem grande perigo: vimos cães, porcos e outros animais sobreviverem quando muito seis ou sete horas á mordedura delas. Não raro temos caído em semelhantes perigos, tendo-as encontrado muitas vezes correndo pelos caminhos de um lado para outro em alguns povoados, a que nos tem chamado o nosso dever. Uma vez, voltando eu para Piratininga de certa povoação de Portugueses, para onde a obediencia me fizera ir com outro irmão a ensinar a doutrina, encontrei uma cobra enroscada no caminho; fazendo primeiramente o sinal da cruz, bati-lhe com o bastão e matei-a. Pouco depois começaram três ou quatro pequenos filhos a andar pelo chão; e admirando-nos de onde aquelas que antes não apareciam tinham saído tão de repente, eis que começaram a sair outros do ventre materno: e sacudindo eu o cadaver, apareceram outros filhos ainda, em numero de onze, todos animados e já perfeitos, exceto dois. Ouvi tambem contar, por pessoas dignas de crédito, de uma outra em cujo ventre foram encontradas mais de quarenta (111). Todavia, no meio de uma multidão tão grande e frequente delas, o Senhor nos conserva incolumes, e confiamos mais nele do que em contra-veneno ou poder algum humano; só descansamos em Jesus, Senhor nosso, que é o unico que póde fazer com que nenhum mal soframos, andando assim por cima de serpentes.

Ha tambem outras como pequenos escorpiões, que habitam em certos montes de terra feitos pelas formigas: a estas chamam os Indios *bóiquiba*, isto é, “cobras de pés pequenos”, piolhos de cobras; são vermelhas, pouco maiores que aranhas: têm duas cabeças, como os caranguejos, e a cauda recurvada, na qual têm uma unha tambem curva, com que ferem. Não matam, mas incomodam extraordinariamente, de maneira que a dôr que produzem não passa antes de vinte e quatro horas (112).

O que direi das aranhas, cuja multidão não tem conta? Umas são um pouco ruivas, outras côr de terra, outras pintadas, todas cabeludas; julgarias que são caranguejos, tal é o tamanho do seu corpo: são horriveis de ver-se, de maneira que só a sua vista parece trazer deante de si veneno (113).

Um certo animalejo do genero dos vespões, inimigo destas, persegue-as encarniçadamente, mata-as com o ferrão, leva-as para pequenos buracos que cava para si, e aí as come (114).

Ha aqui umas aranhas de genero diverso, tendo tambem um nome diferente do destas, e que exalam muito mau cheiro: são frias por natureza, não saem das casas, senão quando o sol está muito ardente; por essa razão os que bebem delas, pois as mulheres brasicas muitas vezes soem preparar bebidas envenenadas, são acometidos de um excessivo frio e tremor; para isso o vinho é excelente remédio.

Ha outro bichinho quasi semelhante á centopeia, todo coberto de pelos, feio de ver-se, de que ha vários generos, diferem entre si na côr e no nome, tendo todos a mesma fórmula (115). Se alguns deles tocarem no corpo de alguem, causam uma grande dôr que dura muitas horas; os pelos de outros (que são compridos e pretos, de cabeça vermelha) são venenosos e provocam desejos libidinosos. Os Indios costumam applicá-los ás partes genitais, que assim incitam para o prazer sensual; incham elas de tal modo que em três dias apodrecem, donde vem que muitas vezes o prepucio se fura em diversos lugares, e algumas vezes o mesmo membro viril contrai uma corrupção incuravel: não só se tornam eles feios pelo aspeto horrivel da doença, como tambem mancham e infeccionam as mulheres com quem têm relações (116).

Encontram-se tambem entre nós as panteras, das quais ha duas variedades: umas são côr de veado, menores essas e mais bravias; outras são malhadas e pintadas de várias côres: destas encontram-se em todos os lugares (117); os machos, pelo menos, excedem no tamanho a um carneiro, embora grande, pois as femeas são menores; são em tudo semelhantes aos gatos e boas para se comerem, o que experimentámos algumas vezes; são de ordinario medrosas e acometem pela retaguarda; dotadas porém de grande fôrça, com um só golpe das unhas ou uma dentada dilaceram tudo quanto apanham; escondem as prêsas debaixo da terra, segundo afirmam os Indios, e aí as vão comendo até consumirem. São de extrema fero-

cidade, o que, conquanto possa ser comprovado por muitos fatos, que sucessivamente e de quando em quando se dão, bastará referir dois ou três para mostrá-lo.

A' beira de um rio, estando alguns Cristãos descansando uma noite em pequenas cabanas, dormia um Índio debaixo da cama, ou antes na rêde de um, que aqui se suspende sustentada por duas cordas; eis que sobrevem um tigre alta noite e agarrando-o por uma perna, que por acaso tinha estendida, arrebatou-o, não podendo a multidão, que ali se achava reunida, arrancar-lho das garras e dos dentes; o que aconteceu com muitos outros, que as mesmas onças arrebatam no primeiro sono do meio de muita gente; dêste fato poderiam ser apresentados muitos testemunhos.

Quarenta homens armados de balas, arcos e lanças, tencionando matar um tigre que tinha feito muitos estragos trucidando com grande ferocidade e devorando a muitos, a féra, não se temendo de tão grande fôrça de homens armados, acometeu a um deles, e matá-lo-ia com as unhas enterradas pela cabeça e pelo peito, se, dirigida com a ajuda do Senhor ao coração, uma flecha não a tivesse deitado por terra.

Passando dois Índios por um caminho perto de Piratininga, por onde sempre vamos e voltamos, saiu-lhes ao encontro uma pantera e investiu contra ambos; um dos homens fugiu, o outro, repilindo os ímpetos da féra, combateu valorosamente não só com flechas, mas também com a agilidade do corpo, até que trepou em uma árvore, porém nem mesmo êste meio é bastante seguro contra tais féras, pois são dotadas de grande destreza; esta ficou junto da árvore, vendo se achava alguma subida; labutou toda a noite (porque isso se passou quasi ao entrar do sol), e bramiu, até que, subindo á árvore, ou derribou o homem, ou ele mesmo cansado de tão grande luta e cheio de pavor, caiu. Em baixo era um lugar alagadiço, coberto de lôdo, no qual ele ao cair afogou-se, de maneira que não pôde ser apanhado pela féra, a qual gastou debalde o resto da noite em diligências para tirá-lo dali; afinal cansada, deitou-se. Ao amanhecer, chegando os outros, que já tinham vindo inutilmente na vespera em auxílio do homem, mataram a féra, que já não podia mais mover-se pelo excessivo trabalho que tivera, e acharam-lhe no

ventre o dedo polegar do referido Indio, que se supõe que ela devorara quando ele subia á árvore: viam-se ainda nesta os vestigios das suas unhas.

Existem aqui tambem outros animais (querem que sejam leões), do mesmo modo ferozes, porém mais raros.

Ha tambem outro animal de feio aspeto, a que os Indios chamam *tamanduá* (118). Avantaja-se no tamanho ao maior cão, mas tem as pernas curtas e levanta-se pouco do chão; é, por isso, vagaroso, podendo ser vencido pelo homem na carreira. As suas cerdas, que são negras entremeiadas de cinzento, são mais rijas e compridas que as do porco, maximé na cauda, que é provida de cerdas compridas, umas dispostas de cima a baixo, outras transversalmente, com as quais não só recebe, como rechassa os golpes das armas; é coberto de uma pele tão dura que é difficil de se atravessar pelas flechas; a do ventre é mais mole. Tem o pescoço comprido e fino; cabeça pequena e mui desproporcionada ao tamanho do corpo; bôca redonda, tendo a medida de um ou, quando muito, dois aneis; a lingua distendida tem o comprimento de três palmos só na porção que pode sair fóra da bôca, sem contar a que fica para dentro (que eu medi), a qual costuma, pondo-a para fóra, estender nas covas das formigas, e logo que estas a encham de todos os lados, ele a recolhe para dentro da bôca, e esta é a sua refeição ordinaria: admira como tamanho animal com tão pouca comida se alimente. As patas deanteiras são robusticissimas, de grande grossura, quasi iguais á coxa de um homem, as quais são armadas de unhas muito duras, uma das quais principalmente excede em comprimento ás de todas as demais féras; não faz mal a ninguem, senão em sua defesa própria: quando acontece ser atacado pelos outros animais senta-se e, com as patas deanteiras levantadas, espera o ataque, de um só golpe penetra-lhes as entranhas e mata-os. E' saborosissimo; dirias que é carne de vaca, sendo todavia mais mole e macia (119).

Ha outro animal, bastante frequente, proprio para se comer, chamado pelos Indios *tapiúra* (120) e pelos espanhois "anta"; julgo que é o que em latim se chama "alce" (121).

E' uma féra semelhante á mula, um pouco mais curta de pernas; tem os pés divididos em três partes; a parte superior do beigo é muito proeminente: de côr entre a do camelo e a do veado, tendendo para o preto. Levanta-se-lhe pelo pescoço, em vez de crinas, um musculo desde as cruces até a cabeça, com o qual, como é um tanto mais alto, arma toda a fronte e abre caminho por espessos bosques, separando os ramos daqui e dali. Tem a cauda muito curta, desprovida de crinas; dá um grande assobio em vez de grito; de dia dorme e descansa, de noite, corre de um lado para outro; nutre-se de diversos frutos, e, quando não os ha, come as cascas das árvores. Quando perseguida dos cães, faz-lhes frente a dentadas e coices, ou lança-se ao rio e fica por muito tempo debaixo dagua; por isso vive quasi sempre perto dos rios, em cujas ribanceiras costuma cavar a terra e comer barro.

Do seu couro, endurecido apenas pelo sol, os Indios fabricam broqueis completamente impenetraveis ás flechas (122).

Ha outro animal que os Indios chamam *aig* (123) e nós “preguiça”, por causa da sua excessiva lentidão em mover-se; na verdade preguiçoso, pois é mais vagaroso que um caracol; tem o corpo grande, côr de cinza; a sua cara parece assemelhar-se alguma cousa do rosto de uma mulher; tem os braços compridos, munidos de unhas tambem compridas e curvas, com que o dotou a natureza para poder trepar em certas árvores, no que gasta uma bôa parte do dia e alimenta-se das suas folhas e rebentos (124): não se pôde dizer, ao certo, quanto tempo leva em mover um braço; tendo porém subido, ali se demora finalmente, até que consuma a árvore toda; passa depois para outra, algumas vezes tambem antes de chegar ao cume; com tanta tenacidade se agarra no meio da árvore, com as unhas, que não se pôde arrancá-lo dali, senão cortando-lhe os braços.

Ha tambem outro semelhante a uma pequena raposa e ao qual os Indios chamam *sariguéa* (125), que exala muito mau cheiro e gosta muito de comer galinhas; tem na parte inferior da barriga uma especie de sacco dividido de cima a baixo, em que estão escondidos os seios, e entrando para ele os filhos quando os pare, agarra

cada um em sua teta e dali não saem até que, não precisando mais do auxílio materno, possam ficar em pé e andar por si; mas antes, depois da morte da mãe, só com muita dificuldade podem ser arrancados vivos de suas tetas. Já matámos muitas e entre elas uma com sete filhos encerrados na mencionada bolsa.

Existem também certos pequenos animais do genero dos ouriços (126), cobertos de cerdas compridas e mui agudas, pela maior parte sôbre o palido, pretas na ponta, as quais, se tocarem em alguma cousa, principalmente carne, entram pouco a pouco por si, sem ninguem as empurrar; as mulheres brasílicas costumam servir-se delas para furarem as orelhas, sem sentirem dôr. Eu vi um couro dobrado, de não pequena grossura, transpassado de lado a lado no espaço de uma noite por uma cerda dêsse modo introduzida por si mesma.

Ha uma infinita multidão de macacos, dos quais se contam quatro variedades (127), todas elas mui proprias para se comer, o que muitas vezes provámos; é comida mui saudavel para doentes (128).

Vivem sempre nos matos, saltando em bandos pelos cumes das árvores, onde se, por causa da pequenez do corpo, não podem passar desta árvore para aquella que é maior, o chefe da tropa, curvando um ramo, que ele segura com a cauda e com os pés, e segurando outro macaco com as mãos, dá caminho aos restantes, fazendo uma especie de ponte, e assim passam com facilidade todos.

As femeas têm mamas como as mulheres; os filhos pequenos agarrados sempre ás costas e ombros das mães, correm daqui para ali, até que possam andar sôzinhos. Contam-se deles cousas maravilhosas, que omito por incriveis.

Existe também outro animal muito comum entre nós, chamam-o *tatú* (129), que habita pelos campos em covas subterraneas, e quasi semelhante aos lagartos pela cauda e cabeça. Tem o corpo todo coberto da parte de cima por uma concha muito dura, impenetravel ás flechas, semelhante á armadura de um cavalo.

Cava com muita velocidade a terra para se esconder; quando se

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

mete em sua toca, se não lhe arrancares a perna, debalde te cansarás em puxá-lo para fóra: agarra-se á terra com as conchas e os pés com tanta fôrça que, embora lhe segures a cauda, mais facil será destacar-se esta do corpo, do que a ele da cova: é de delicioso sabor.

Dois generos ha de veados; uns como os nossos de chifres; êstes, são, porém, raros, outros, de côr branca, sem chifres, e que nunca entram nos matos, antes pastam sempre em magotes pelas planicies. (130)

Ha abundante multidão de gatos monteses muito ligeiros (131), de gamos, de javalis (132), dos quais ha várias especies.

Longe daqui no interior da terra, para os lados do Perú, a que chamam Nova Espanha, ha umas ovelhas selvagens (133), iguais ás vacas no tamanho, cobertas de uma lã branca e linda, das quais se servem os Indios para levar e trazer cargas, como jumentos. Um dos nossos Irmãos, que andou muito tempo por aqueles lugares, afirma que, não só vira comer, mas tambem comêra da carne delas. Trata-se largamente dessas ovelhas nas cronicas do Perú, vulgarmente escritas em espanhol.

Nascem entre as taquaras certos bichos roliços e compridos, todos brancos, da grossura de um dedo, aos quais os Indios chamam *rahú* (134), e costumam comer assados e torrados. Ha-os em tão grande porção, indistintamente amontoados, que fazem com eles um guizado que em nada difere da carne de porco estufada; serve não só para amolecer o couro, mas tambem para comer-se. Dêstes insetos uns se tornam borboletas, outros saem ratos, que constroem a sua habitação debaixo das mesmas taquaras, outros porém se transformam em lagartas, que roçam as ervas.

Encontram-se muitos outros animais de diversos generos, que entendi dever omitir, por não serem dignos de saber-se, nem de contar-se.

Seria muito difficil representar por palavras as diversas especies de formigas, das quais ha várias naturezas e nomes; o que,

di-lo-ei de passagem, é muito usual na lingua brasilica, por isso que dão diversos nomes ás diversas especies e raras vezes os generos são conhecidos por uma denominação propria; assim, não ha nome generico da formiga, do caranguejo, do rato e de muitos outros animais; das especies, porém, que são quasi infinitas, nenhuma deixa de ter o seu nome proprio, de maneira que com razão te admirarias de tão grande cópia e variedade de palavras. No entanto, das formigas só parecem dignas de comemoração as que destroem as árvores; estas são chamadas *içã* (135); são um tanto ruivas, triturdas cheiram a limão; cavam para si grandes casas debaixo da terra. Na primavera, isto é, em Setembro, e daí em diante, fazem sair o enxame dos filhos, quasi sempre no dia seguinte ao de chuva e trovoadas, se o sol estiver ardente; os pais vão adeante e, correndo com a bôca aberta de um lado para outro, enchem todos os caminhos, e pregam mordidelas mais crueis do que em outro qualquer tempo, até fazer sangue; seguem-lhes os filhos com asas (136), de corpo maior, e logo voam á procura de novas casas para si, tão numerosos muitas vezes que formam uma nuvem no ar; em qualquer parte que caiam cavam imediatamente a terra, construindo cada um a sua habitação; depois, porém, de pouco tempo morrem, e de seu ventre geram-se inumeros outros filhos, de maneira que não admira haja tão grande multidão de formigas, quando de uma só nascem tantas.

Para ver quando elas saem de suas cavernas ajuntam-se as aves, ajuntam-se os Indios, que ansiosamente esperam êste tempo, tanto homens, como mulheres; deixam as suas casas, apressam-se, correm com grande alegria e saltos de prazer para colher os frutos novos, aproximam-se das entradas dos formigueiros e enchem de agua os pequenos buracos que elas fazem, onde, estando, se defendem da raiva dos pais e apanham os filhos que saem das covas, e enchem os seus vasos, isto é, certas cabaças grandes, voltam para casa, assam-as em vasilhas de barro e comem-as; assim torradas, conservam-se por muitos dias, sem se corromperem.

Quão deleitavel é esta comida e como é saudavel, sabêmo-lo nós, que a provámos (137). Mas umas aves semelhantes ás andorinhas, das quais ha três variedades, aglomeram-se quasi sem conta no ar, e cortam pelo meio com admiravel celeridade aquelas formigas que

saem voando, devoram-lhes os ventres, deixando a cabeça com as asas e pernas, e assim acontece que mui poucas escapam (138).

Encontram-se quasi vinte especies diversas de abelhas (139), das quais umas fabricam o mel nos troncos das árvores, outras em cortiços construidos entre os ramos, outras debaixo da terra, donde succede que haja grande abundancia de cera. Usamos do mel para curar as feridas, que saram facilmente pela proteção divina. Havendo porém, como disse, muitas especies de mel, falarei unicamente de um, que os Indios chamam *eiraaquãyetã*, quer dizer, “mel de muitos buracos”, porque estas abelhas têm muitas entradas nas colmeias. Logo que se bebe dêste mel, toma todas as juntas do corpo, contrai os nervos, produz dôr e tremôr, provoca vomitos e destempera o ventre.

Ha pelo mato grande cópia de moscas e mosquitos, os quais, sugando-nos o sangue, mordem cruelmente, maximé no verão, quando os campos estão alagados; uns têm o ferrão e as pernas compridas e subtilissimas; furam a pele e chupam o sangue, até que, ficando com todo o corpo muito cheio e distendido, mal podem voar; contra êstes é bom remédio a fumaça com a qual se dispersam (140).

Outros chamados *mariguê*, e que habitam á beira-mar, são uma praga terrivel; são tão pequenos que mal os podes perceber com a vista; és mordido, e não vês quem te morde; sentes-te queimar e não ha fogo em parte alguma; não sabes de onde te veio repentinamente semelhante incômodo; se te coças com as unhas, maior dôr sentes; renova-se e aumenta por dois ou três dias o ardor que deixaram no corpo (141).

Em verdade, não é facil dizer quanta diversidade ha de aves ornadas de várias côres. Os papagaios são mais comuns aqui do que os corvos, e de diferentes especies, todos bons para se comerem; alguns deles produzem prisão de ventre; outros imitam a voz humana; outros ha que, comendo o milho quando está granado, voam em bandos e quando estão nesse trabalho, fazem de maneira que, quando descem para comer, fiquem sempre um ou dois no alto de

uma árvore, como de vigia, os quais, espiando o lugar por todos os lados, em vendo alguém aproximar-se, tocam rebate e fogem todos; mas se não houver perigo algum, quando os outros fartos sobem, descem os vigias por sua vez para comer (142).

Ha tambem avestruzes, que não podem voar por causa do extraordinario tamanho do corpo (143).

Ha ainda outros passarinhos, chamados *guainumbi* (144), os mais pequenos de todos; alimentam-se só de orvalho (145); dêsses ha vários generos, dos quais um, afirmam todos, que se gera da borboleta (146).

Ha outro passaro semelhante ao corvo, parecido com o ganso por causa do bico, o qual mergulhando nos rios, está muito tempo debaixo d'agua a comer peixes.

Ha tambem outro, de menor corpo, mas, quando sacode as asas faz tanto barulho, que as árvores parece que caem por terra (147).

Ha ainda uma ave marinha, por nome *guará* (148), igual ao mergulhão, porém de pernas mais compridas, de pescoço igualmente alongado, de bico comprido e adunco; alimenta-se de caranguejos e é muito voraz. Passa por uma metamorfose, como que perpétua, pois na primeira idade cobre-se de penas brancas, que depois se transformam em côr de cinza, e, passado algum tempo tornam-se segunda vez brancas, de menos alvura todavia das da primeira; por fim ornam-se de uma côr purpúrea lindissima; estas penas são de grande estimação entre os Indios, que usam delas para enfeitar os cabelos e braços em suas festas.

Ha ainda outra ave marinha semelhante á ádem, que, em lugar de asas, tem pequenos membros, vestidos de macia penugem; tem os pés quasi na cauda, de maneira que não podem sustentar o corpo e só lhe servem para nadar, quando ela não pôde voar nem andar (149).

Das aves de rapina ha muitas especies, das quais algumas são de tal tamanho que matam e despedaçam até veados, maximè uma,

para a qual, quando está no ninho, não só seus pais que têm com ela particular cuidado, mas todas as outras aves que vivem da rapina, trazem comida como a um príncipe: têm isto comsigo, que mesmo que passem muitos dias sem comer, mal nenhum isso lhes faz (150).

Ouvi falar de outro genero ainda de aves de prêsa, a qual, quando está aquecendo os filhotes recém-nascidos no ninho, que constroi no mais alto da árvore, se o caçador sobe para tirá-los, não voa, mas, abrindo as asas para protegê-los, conserva-se imóvel, consentindo antes que a apanhem, do que em desamparar os filhos.

Ha outra ave que se chama *anhima* (151), muito grande; quando grita parece o zurrar de um asno. Tem em cada asa como que três cornos (152), um tambem na cabeça, iguais aos esporões dos galinaceos, porém muito mais rijos; quando acossada pelos cães, não foge, ainda que a grandeza do corpo não a embarace de voar; antes os afugenta, ferindo-os gravemente com as asas assim armadas.

Ha ainda galinhas silvestres, das quais se contam três espécies: perdizes; faisões; e outras aves todas côr de purpura, outras verdes, outras pardacentas, vistosas na sua multiplice variedade de côres (153).

Isto quanto aos animais.

Das ervas e árvores não quero deixar de dizer isto, que as raízes a que chamam *mandioca* (154), de que nos utilizamos como alimento são venenosas e nocivas por natureza, se não forem preparadas pela indústria humana para se comerem; comidas cruas matam a gente, assadas ou cozidas comem-se; todavia, os porcos e os bois as comem cruas impunemente; se porém beberem o suco que delas se expreme, incham de repente e morrem.

Ha outras raízes chamadas *yeticopê* (155), semelhantes ao rabão, de agradável sabor, muito apropriadas para acalmar a tosse e molificar o peito. A sua semente, que se assemelha a favas, é um violentissimo veneno.

Entre outras, ha aqui certa erva espalhada por toda a parte e que muitas vezes vimos e tocámos, a que chamamos *viva* (156), porque parece ter tal ou qual sentimento: pois, se a tocares de leve com a mão ou com qualquer outra cousa, immediatamente as suas folhas, fechando-se sôbre si mesmas, se ajuntam e como que se grudam; depois, daí a pouco tornam a abrir-se.

Das árvores uma parece digna de notícia, da qual, ainda que outras haja que distilam um líquido semelhante á resina, util para remédio, escorre um suco suavissimo, que pretendem seja o balsamo, que a princípio corre como oleo por pequenos furos feitos pelo caruncho ou tambem por talhos de foices ou de machados, coalha depois e parece converter-se em uma especie de balsamo; exala um cheiro muito forte, porém suavissimo e é otimo para curar feridas, de tal maneira que em pouco tempo (como dizem ter-se por experiencia provado) nem mesmo sinal fica das cicatrizes (157).

Ha tambem outras árvores que enchem por toda a parte os esteiros do mar, onde nascem, cujas raizes, algumas brotadas quasi do meio do tronco, outras do ponto em que os ramos que rebentam se dirigem para cima, quasi do comprimento de uma lança, se inclinam pouco a pouco para a terra, até que no fim de muitos dias chegam ao chão (158).

Na povoação que se chama Espirito Santo é muito comum uma certa árvore muito alta, cujo fruto é admiravel. Este é semelhante a uma panela, cuja tampa, como que trabalhada a tórno, com que está pendente da árvore, se abre por si mesma quando está maduro: aparecem então dentro muitos frutos semelhantes a castanhas, separadas por delgadas tiras como interpostos septos, muitissimo agradaveis ao paladar. O vaso ou urna, em que estão encerrados, não é menos duro que a pedra, e pode-se facilmente julgar do seu tamanho pelas castanhas que contém, que passam de cincoenta (159).

Ha, além disso, pinheiros (160) de altura estupenda; propagam profusamente ocupando o espaço de seis ou sete milhas.

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

Os Indios dão aos seus frutos, por antonomasia, o nome especial de *ibá*, isto é, fruto (nome aliás comum aos demais frutos); são compridos como os nossos, mas muito maiores, de casca mole, semelhantes á amendoa das castanhas. Os lugares que ficam para o sententrião não produzem destas árvores.

Ha diversas árvores de frutos excelentes para comer-se, muitos de suavissimo cheiro, e de mui delectavel sabor.

Uteis á medicina não ha só muitas árvores, como raizes de plantas; direi, porém, alguma cousa, maximè das que são proveitosas como purgantes.

Ha uma certa árvore, de cuja casca cortada com faca, ou do galho quebrado, corre um líquido branco como leite, porém mais denso, o qual, se se beber em pequena porção, relaxa o ventre e limpa o estomago por violentos vomitos: por pouco, porém, que se exceda na dose, mata. Deve-se, emfim, tomar dele tanto quanto caiba em uma unha e isso mesmo diluido em muita água; se não se fizer assim, incomoda extraordinariamente, queima a garganta e mata (161).

Ha uma certa raiz, abundante nos campos, utilissima para o mesmo fim; raspa-se e bebe-se misturada com agua; esta, se bem que provoque o vômito com bastante violencia, todavia bebe-se sem perigo de vida (162).

Ha tambem outra, chamada vulgarmente *marareçô*; as suas folhas parecem as do bordo, a raiz pequena e redonda, que se come assada ou bebe-se esmolda com agua, exposta por uma noite ao sereno.

Descobriu-se ultimamente outra, que é tida em grande estima e com razão. Esta é oblonga e delgada, contundida e deixada de infusão em agua pelo espaço de uma noite, bebe-se de manhã sem dificuldade, não causa nausea, nem produz fastio; desembaraça, porém, o ventre com abundante fluxo, que cessa logo que se tome algum alimento, o que é comum ás de que falei ha pouco.

Ha, além destas, várias outras que servem muito para soltar o ventre, quanto para o prender. Exceto os frutos de certas árvores, quasi que nenhum remédio eficaz se encontra.

Até nas pedras se encontra o que admirar e com que exaltar a onipotencia do supremo e otimo Deus, maximè em uma que serve para afiar espadas; mas tem isto de maravilhoso, que qualquer parte dela que tocares em as mãos se torna flexivel como o couro e a moverás como cousa apertada por um nó, de maneira que não parece uma pedra só, mas sim muitas reunidas por diversas juntas (163).

Encontram-se em certo rio habitado pelos inimigos, a umas 50 milhas de Piratininga, muitas conchas, nas quais se criam certas pedrinhas transparentes, que querem sejam perolas: têm o tamanho do grão de bico e algumas maiores.

Isto é quanto me ocorre dizer das árvores, plantas e pedras. Acrescentarei agora poucas palavras acêrca dos espectros noturnos ou antes demonios com que costumam os Indios aterrar-se.

E' cousa sabida e pela bôca de todos corre que ha certos demonios, a que os Brasis chamam *corupira*, que acometem aos Indios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-os e matam-os. São testemunhas disto os nossos Irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os Indios deixar em certo caminho, que por asperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras cousas semelhantes, como uma especie de oblação, rogando fervorosamente aos *curupiras* que não lhes façam mal (164).

Ha tambem nos rios outros fantasmas, a que chamam *Iggu-piára* (165), isto é, que moram n'agua, que matam do mesmo aos Indios. Não longe de nós ha um rio habitado por Cristãos, e que os Indios atravessavam outrora em pequenas canôas, que fazem de um só tronco ou de cortiça, onde eram muitas vezes afogados por eles, antes que os Cristãos para lá fossem.

Ha tambem outros, maximè nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados *baetatá* (166), que quer dizer "cousa de fogo", o que é o mesmo como se se dissesse "o que é todo fogo". Não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo daqui para ali; acomete rapidamente os

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

Indios e mata-os, como os *curupiras*: o que seja isto, ainda não se sabe com certeza.

Ha tambem outros espectros do mesmo modo pavorosos, que não só assaltam os Indios, como lhes causam dano; o que não admira, quando por êstes e outros meios semelhantes, que longo fôra enumerar, quer o demonio tornar-se formidavel a êstes Brasis, que não conhecem a Deus, e exercer contra eles tão cruel tirania.

Dêstes Brasis direi, em último lugar, que quasi nenhum se encontra entre eles afetado de deformidade alguma natural; achase raramente um cego, um surdo, um mudo ou um coxo, nenhum nascido fóra de tempo (167). Todavia, ha pouco tempo, em uma aldeia de Indios, a uma ou duas milhas de Piratininga, nasceu uma criancinha, ou antes um monstro, cujo nariz se estendia até ao queixo, tinha a bôca abaixo dêste, os peitos e as costas semelhantes ao lagarto aquatico, cobertas de horrendas escamas as partes genitais perto dos rins; a qual seu pai, assim que nasceu, fez enterrar viva. A esta morte condenam tambem os que suspeitam terem sido concebidos em adulterio.

Não é talvez menos para admirar o ter nascido em Piratininga um porco hermafrodita que, segundo creio, ainda está vivo.

Narrei essas cousas brevemente, como pude, posto que não duvidas que haja muitas outras dignas de menção, que são desconhecidas a nós, ainda aqui pouco praticos. Rogamos entretanto aos que achem prazer em ler e ouvir estas cousas, queiram tomar o trabalho de orar por nós e pela conversão dêste país.

Escrito em São Vicente, que é a última povoação dos Portugueses na India Brasilica voltada para o Sul, no ano do Senhor 1560, no fim do mês de Maio.

O minimo da Companhia de Jesus.

NOTAS

(89) Copiada no livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil* cit., fl. 85, em latim. Pbl. em italiano nos *Diversi nuovi*

JOSEPH DE ANCHIETA

avisi, Venetia, 1565, parte III, fl. 150-72, e, no original anotado, na *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1812, pelo conselheiro Diogo de Toledo Lara Ordoñez, que tirou edição a parte, *Joseph de Anchieta Epistola quamplurimarum rerum naturalium quæ S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem*, datada de Lisboa, 1799, in 4º, 3 fl. não numeradas e 46 p., sendo uma de errata. A versão portuguesa feita por Teixeira de Melo, com o concurso de Martinho Corrêa de Sá, foi primeiro pbl. nos "Anais da Biblioteca Nacional", I, p. 275-305, e depois, corrigida, no "Diário Oficial", do Rio, de 22, 24 e 26 de dezembro de 1887 e 2 e 7 de janeiro de 1888. Novamente traduzida pelo prof. João Vieira de Almeida, foi pbl., com um prefácio do dr. A. C. de Miranda Azevedo e as anotações de Lara Ordoñez, no fascículo *Carta fazendo a descrição das inumeras coisas naturais que se encontram na provincia de S. Vicente, hoje S. Paulo, seguida de outras cartas ineditas escritas da Baía pelo veneravel Padre José de Anchieta*, S. Paulo, 1900. — As notas que se seguem, da autoria do dr. Afranio do Amaral, diretor do Instituto do Butantan, dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, assistente do Museu Paulista, e sr. Pio Lourenço Corrêa, transcritas sem nenhuma indicação de obra, foram especialmente escritas para esta edição, a pedido nosso. Outras, ainda, submetemos á revisão de um tecnico do Instituto Biologico de São Paulo, graças á gentileza do dr. Adalberto de Queiroz Teles. Ao concurso dêsses competentes devemos, assim, em grande parte, o comentario ou esclarecimento do que de mais curioso ou menos claro contém a admiravel carta de Anchieta.

(90) A essa tempestade volta a se referir Anchieta na carta seguinte (XI), ressaltando os serviços que por essa ocasião prestaram aos indios o padre Luiz da Grã e o irmão Manuel de Chaves. — Cf. S. de Vasconcelos (*Cron.*, l. 2, n. 86).

(91) *Piracema* ou *piracê*, "monção em que saem os peixes", conforme definição de B. Caetano (*Vocabulario da Conquista*, nos "An. da Bibl. Nacional", VII). De *pirá*-peixe e *cê*-sair ou *cema*-saindo. — Observação de Oliverio Mario: "Propriamente não ha o que retificar na descrição de Anchieta; apenas não se poderá dizer com inteira propriedade que os peixes "saem d'agua para pôrem ovos", senão que sobem o curso dos rios, á procura das cabeceiras, de aguas mais rasas e remançosas, em que de fato "se metem pelas ervas em pouca agua para desovar", ao abrigo relativo das causas naturais de destruição". — V. Agenor Couto de Magalhães (*Monografia brasileira de peixes fluviais*, S. Paulo, 1931, p. 66).

(92) Nota de Lara Ordoñez (l. c.): "Esta maneira de calcular o verão e o inverno é conforme o antigo Calendario, o qual depois, isto é, no ano de 1582, Gregorio XII, Pontifice Maximo, corrigiu, suprimindo dez dias e providenciando para o futuro. Porque, como o ano civil excedesse o solar em 11', desde o ano 325, no qual se marcou o tempo da celebração da Pascoa no Concilio de Nicea, o 1º Ecumenico, os solsticios precediam outros tantos dias, os quais caíram realmente, no ano de 1559, a 12 de junho e a 12 de dezembro. Por isso, por causa do comprimento dos dias 11 de junho e 13 de dezembro, ou dos passados, ou dos seguintes, similarmemente, Anchieta julgou solsticiaes os dias 11 de junho e 13 de dezembro. Realmente eles duram, considerando a refração da luz, no tempo do verão, 13 h. 24'; no inverno, porém, 10 h. 36'."

(93) *Boi-marinho* é o *peixe-boi*, sirenio da familia dos Triquequideos,

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

de que ha duas especies brasileiras. Chamado pelos indios *iguaraguá* (Anch.), *goáragoá* (G. Soares, *Trat.*, ed. 1879, p. 257), *goáraguá* ou *guarabá* (Varnhagen, nota 203 a G. Soares), R. Garcia declara melhor “*guaraguá*, que se traduz por *guára-guára*, come-come, comilão, ou ainda por *yguá-riguá*, morador em enseadas” (nota a F. Cardim, *Trat.*, p. 136). Os portugueses da Africa Oriental o conhecem por *peixe-mulher*, segundo Lara Ordoñez (l. c.). — Observação de Oliverio Mario: “A especie referida por Anchieta é indubitavelmente *Trichechus manatus* Lin., 1758, peculiar ao litoral atlantico da America Meridional e ás Antilhas. Uma especie vizinha (*Manatus inunguis* Matterer) vive nas bacias do Orenoco e do Amazonas, ao passo que as costas e grandes rios da Africa Occidental são frequentadas por uma outra (*Manatus senegalensis* Desmarest). No Oceano Índico e nas costas da Africa Oriental encontram-se duas especies pertencentes a um genero afim; a alguma delas (talvez *Helicore dugung* Erxleben), senão a ambas, aplicar-se-á o apelido dado pelos portuguezes, segundo Lara Ordoñez”.

(94) Da Baía, em outubro de 1553, partiram para São Vicente, com escala pelo Espirito Santo, os padres Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues e Braz Lourenço com os irmãos José de Anchieta, Gregorio Serrão e (segundo é corrente) um terceiro, cujo nome se ignora. Anchieta, entretanto, diz “eu e quatro irmãos”. E’ assim muito provavel que fossem realmente cinco os jesuitas que embarcaram na Baía, e não seis, como pretende S. de Vasconcelos (o. c., l. 1, n. 143). Com a tempestade, que na noite de 20 para 21 de novembro surpreendeu a missão nos Abrolhos, a embarcação de Anchieta ficou bastante danificada e a de Leonardo Nunes inteiramente perdida. E’ esse o successo que Anchieta narra.

(95) *Piraiquê*, “corr. *pirá-ikê*, o peixe entra. Designa o estuario ou esteiro aonde o *peixe entra* para a desova ou para comer. Alt. *Piraiquê*, *Pe-requê*, S. Paulo” (T. Sampaio, *O tupi na Geogr. Nac.*, 3ª ed.). — Observação de Oliverio Mario: “*Piraiquê* é nome cuja tradição dir-se-á perdida na linguagem vulgar. Não existe até, ao que parece, nenhum vocábulo para designar na fala usual o curioso fenomeno da entrada dos cardumes de peixes potamotocos (assim são chamados os peixes marinhos que desovam nos rios) pelo estuario dos rios acima. No número destes peixes contam-se no Brasil, como os seus mais importantes representantes do ponto de vista economico, as *tainhas* e *curimãs*, de que ha muitas especies: *Mugil brasiliensis* Agassiz, *M. abbula* (? — *M. cephalus*), *M. incilis* Hancock, *M. curema* Cuv. & Val., etc. A estes peixes se referirá com toda probabilidade o trecho de Anchieta. A observação do jesuita sobre o tino admiravel de proteção e de defesa posto em prática pelos peixes no ato de procurarem lugar adequado á desova, em que pese a maneira antropomorfica por que é narrada e interpretada, conta forçosamente algum apoio na realidade, pois é sabido que os animais, ainda aqueles cujo psiquico se nos mostra mais embotado e rudimentar, frequentemente nos maravilham pela clarividencia dos seus instinctos relacionados com a procreação”. — A procura “de aguas salobras ou mesmo perfeitamente doces” para a desova, justifica-se “em determinadas especies, porque, dadas as exigencias biologicas, acham nos rios meio tranquilo e farto de alimentação para a futura prole”, sendo de notar que muitas “permanecem nos rios litoreanos indefinidamente” e outras, “logo após os meses de procreação, voltam para o mar” (A. Couto de Magalhães, o. c., páginas 66-7).

(96) *Timbó*, da familia das Sapindaceas (*Paulinia pinnata* L.). O nome

JOSEPH DE ANCHIETA

tupi é de difícil explicação, segundo R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 135). — Ao sumo "extraído de cipós batidos para matar o peixe nos rios e lagoas", chamavam os índios *tingui* (T. Sampaio, o. c.).

(97) *Sucuryúba* (Anch.), *giboiossú* (Gandavo, *Tratado da Terra do Brasil*, pbl. da Acad. Bras., Rio, 1924, p. 56), *sucuriuba* (F. Cardim, o. c., p. 100), *sucuriú* (G. Soares, o. c., p. 239), *sucurijú*, *sucuriuva*, *sucuri*, *socori*, e também *arygboia* (centro e litoral), *boiuna* (Amazonia), *boissú*, *boi-assú* ou *boiguassú* (Amazonia e centro) e *viborão* (Alto Amazonas e Acre), da família dos Boideos (*Eunectes murinus* L.). *Sucuri*, "corr. *çuú-curi*, morde rápido, atira o bote": *sucuriú*, "corr. *çuucuri-yú*, forma contrata de *çuucuriyuba*, a *sucuri* amarela" (T. Sampaio, o. c.). — Observa Afranio do Amaral: "A *sucuriuba* é dotada de 4 séries de afilados e recurvos dentes na parte superior da bôca e de 2 na inferior. As 4 séries superiores são formadas de 68 dentes, distribuídos pelos 2 maxilares e pelo par palatino-pterigoideu: as inferiores são constituídas por 34 dentes inseridos na mandíbula direita e esquerda. Todos esses dentes diminuem de tamanho para o fundo da bôca, para onde também são dirigidas todas as pontas. Esta orientação dos dentes, que se encontra em todos os ofídios, serve, na defesa das espécies, ao duplo fim de apreensão fácil da vítima e sua melhor retenção: a presa, quanto mais tenta escapar, mais profundamente fica implantada nos dentes da cobra. A suposta ausência, referida por Anchieta, deve ser, não de dentes propriamente ditos, pois a *sucuri* tem ao todo 102 dentes, mas de presas chanfradas ou ocas que no Brasil só ocorrem, respectivamente, nas corais verdadeiras e nas crotalídeas. — Ao que eu tenho observado, a *sucuriuba* não introduz a cauda pelo anus da vítima para matá-la. A informação no particular deve ser lendária, pois esta espécie causa a morte dos animais por simples enroscamento ou conrição progressiva, partindo-lhes os ossos, desconjuntando-os e estourando-lhes o ventre e o tórax. Dessa forma consegue reduzir-lhes rapidamente a grossura ou diâmetro transversal e engulí-los com mais facilidade. — O apodrecimento do ventre da *sucuriuba* alimentada e a consequente intervenção das aves de rapina parecem-me deturpação fantástica do longo período digestivo, que se caracteriza por extrema imobilidade do réptil. O processo de reparação tecidual assinalado não é possível, pois a cicatrização entre os ofídios é sempre muito precária, imperfeita e seguida de deformações mais ou menos profundas".

(98) Nota de R. Garcia a F. Cardim (o. c., p. 143): "*Jacaré*, réptil emidosaurio da família dos Crocodídeos, representada no Brasil pelos gêneros Caiman e Jacaretinga. O jacaré do papo amarelo é o mais comum da Baía para o Sul. Deve ter sido esse o que o autor mais particularmente conheceu". E Anchieta também. — *Jacaré*, "corr. *ya-caré*, aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, *y-echá-caré*, aquele que olha de banda" (T. Sampaio, o. c.).

(99) *Capyúara* (Anch.), *capijuara* (F. Cardim, o. c., p. 103), *capi-bara* (G. Soares, o. c., p. 230), *capyuare* (C. D'Abbeville, *História da missão dos Padres Capuchinhos*, Paris, 1922, fl. 248 v.), *capiquara* ou *capivara*, roedor da família dos Caviídeos (*Hydrochoreus hydrochoreus* L.). Escreve R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 144): "O nome tupi vem de *capyi*, erva, o capim, e *guára*, participio do verbo *ú*, comer: o que come capim, o herbívoro". Portanto, que pasta ervas, como diz Anchieta. — Observação de Oliverio Mario: "As descrições de Anchieta, nada ha a estranhar, amiúde

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

encerram verdadeiras enormidades em materia de zoologia. Escusa criticar a asserção de que a *capivara* apresenta, afóra as series laterais de dentes, alguns "outros no meio do céu da bôca", disposição esta que não existe em nenhum mamifero, e apenas encontradiça nos vertebrados poecilothermicos. Sem serem propriamente do mesmo feitio, os molares da *capivara* assemelham-se perfeitamente aos das lebres e aos da maior parte dos roedores".

(100) Nota de Oliverio Mario: "Lontras ha no Brasil de duas especies e de dois generos diferentes. A' especie maior ou *ariranha* (*Pteronura brasiliensis* Zimm.), aplicar-se-ia tambem, segundo Goeldi (*Mamiferos do Brasil*, p. 71) a denominação indigena de *jagoacaca*. A lontra pequena ou simplesmente lontra (*Lontra paranensis* Rengger) é especie muito menor, propria do Brasil meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul, inclusive Mato Grosso), Paraguai e Argentina".

(101) Nota de Oliverio Mario: "O outro animal, quasi do mesmo genero (sic) da lontra é provavelmente o ratão do banhado ou nutria (*Myocastor coypus*), ás vezes tambem chamado impropriamente lontra; não ha opôr-se, no caso, a circumstancia de ser este animal um roedor e não um carnívoro".

(102) Deve ser o *guanhumig* de F. Cardim (o. c., p. 92), *ouégnon-moin* de C. D'Abbeville (o. c., fl. 248), *guayamum* ou *guaiamã*, crustaceo braquiuro da familia dos Gecarcinideos (*Cardisoma guanhumi* Latr.), cuja côr é azul, e não verde-mar, como diz Anchieta.

(103) Nota de Oliverio Mario: "Os caranguejos aquaticos, de que diz Anchieta que "a natureza deu-lhes os ultimos braços planos proprios para nadar", outros decididamente não podem ser senão os *siris*, cujas eximias qualidades de nadadores inspiraram ao zoologista a denominação generica de *Callinectes* (*calós*, belo e *nêctes*, nadador), de que ha nos mares brasileiros mais de uma especie (*C. sapidus*, *C. ornatus*, *C. larvatus*, *C. tumidus*, etc.)". — Aliás, o nome tupi do crustaceo *siri*, quer dizer "o que corre, ou desliza" (T. Sampaio. o. c.). R. Garcia (nota a D'Abbeville. p. 60) dá mais o significado de "afastar-se, andar para trás". — No mesmo trecho, refere-se Anchieta ao *uçá* (F. Cardim, o. c., p. 91), *ussá* (G. Soares, o. c., p. 267) ou *oussa* (D'Abbeville, o. c., fl. 248), crustaceo braquiuro da familia dos Gecarcinideos (*Ucides cordatus* L.), bem como ao *aratú*, da familia dos Grapsideos (*Aratus pisoni*, M. Edw.), e outros caranguejos descritos por F. Cardim, G. Soares e D'Abbeville.

(104) Nota de Oliverio Mario: "E' quasi certo que Anchieta, como ainda hoje o fazem os menos entendidos em coisas de medicina, confundia o *cancer* da patologia, isto é, os diferentes neoplasmas malignos que a tecnologia médica especifica sob os nomes de epiteliomas, sarcomas, etc., com afecções outras de natureza inteiramente diversa, muitas delas perfeitamente curaveis, como as neoformações sifiliticas, etc. Mas não padece nenhuma dúvida de que ha mais do que abuso no processo curativo a que o catequista attribui tão maravilhosas quanto estupefacientes virtudes. E' o processo das curas por *simpatia*, tão do gôsto e da credulidade do povo, que com tanto mais convicção acredita na lenda quando mais milagrosas e occultas se lhe aparecem as causas dos fatos nela contados. No caso, ao destacamento do corpo do martirizado crustaceo, corresponderia *pari passu* o desprendimento paralelo da massa tumoral cuja extirpação se intentava. Carece de grande interesse a indetificação zoologica do "cancro" referido por Anchieta. Será

talvez o caranguejo *Oedipleana cordata* L., ao qual, como á generalidade dos crustaceos, é facil o destacamento dos membros, por um reflexo inconciente de defesa, fato em que consiste a *autotomia* dos fisiologistas”.

(105) *Gereraca* de G. Soares (o. c., p. 240), da familia dos Crotalideos (*Bothrops jararaca* Wied; *Bothrops atrox* L.; *Bothrops Neuwiedii* Wagl.). Segundo B. Caetano, “pode derivar-se o nome de *yara-roág*, que envenena a quem agarra” (nota de R. Garcia a F. Cardim, o. c., p. 117) ou, nas palavras de T. Sampaio (o. c.), “que tem o bote venenoso”. Afranio Amaral (*Boletim do Museu Nacional*, VII, n. 2, p. 25) dá: “Tupi *yára-ag*, o que envenena mordendo, ou tupi *yararáca*, cobra muito má (Montoya)”.

(106) *Boicininga*, *boicununga*, *boicununga*, *boicinunga* ou *boiteninga* é a cascavel, da familia dos Crotalideos (*Crotalus terrificus* Laur.). De *bói-cininga*, cobra de chocalho. Tambem descrita por F. Cardim (o. c., p. 48), Gandavo (o. c., p. 57) e G. Soares (o. c., p. 241). — Observação de Afranio Amaral: “A *boicininga* não pode andar “pela grama em saltos de tal modo apressados, que os Indios dizem que elas voam”. A reptação da cascavel é das mais lerdas que se conhecem, em virtude de lhe ser pequena a força muscular em relação ao volume do corpo. Com esta serpente costuma-se até exemplificar o fato biologico de a involução do sistema muscular coincidir com o aparecimento de qualquer meio especial de defesa da especie, o que, no caso, é representado pelo aperfeiçoamento do aparelho venenifero: o ser torna-se aparentemente tanto menos agil quanto maior confiança parece depositar em sua nova arma. Questão, naturalmente, de mera coincidência, cuja explicação ainda escapa, no estado atual de nossos conhecimentos...”

(106-A) Cf. F. Cardim (o. c., p. 165), Nicolas Barré (carta reproduzida por Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*, Paris, 1878, p. 381), Thevet (*Singularitez*, ed. 1878, p. 148) e Léry (*Histoire d'un voyage*, ed. 1880, I, p. 163 e s.). Este último bastante apreciou a carne do lagarto: “Vrai est que du commencement i'avois cela en horreur, mais apres que i'en eus tasté, en matiere de viandes, ie ne chantois que de lezarda.” A carne de cobra, entretanto, lhe pareceu “fort fade et douçastre”.

(107) *Ibibobóca* (Anch.), *igbigboboca* (F. Cardim, o. c., p. 48), *utuboca* (G. Soares, o. c., p. 240), *ibiboca*, *biboca*, ou *cobra-coral*, da familia dos Colubrideos (*Micrurus leniscatus* L.; *Elaps Marçgravii* Wied). B. Caetano “deduz o nome de *mbói-iby-pebabac*, cobra enroscada no chão” (nota de R. Garcia a F. Cardim, p. 118). Afranio Amaral (l. c., p. 21) dá: “Tupi *ibi-boca* ou *boboca*, o que fura a terra”. Segundo T. Sampaio (o. c.), *ibiboca*, além de “terra rachada ou fendida” (“terra cavada”, como diz Anchieta), significa “saído ou tirado do chão”. — Observação de Afranio Amaral: “As corais verdadeiras são chamadas de *ibiboboca*, porque furam a terra e penetram em galerias, onde encontram pequenos lagartos ápodos, vermes e larvas de insetos, de que se nutrem”.

(108) *Bóiguatiara*, *boicoatiara*, *boicotiara*, *boicutiara*, *cutiara*, da familia dos Crotalideos (*Bothrops cotiara* Gomes). Do tupi *mbói-quatiara*, cobra pintada (T. Sampaio, o. c.; A. Amaral, l. c., p. 21).

(109) *Boipeba*, *boipeva* ou *boipeua*, da familia dos Colubrideos (*Xenodon merremii* Wagl.). Do tupi *mbói-peua* ou *peba*, cobra chata (A. Amaral, l. c., p. 21), “que tem a propriedade, quando acuada, de se achatar”

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

(T. Sampaio, o. c.). A *jararaca* também chamada *boipeva* é a *jaracambeva* ou *jararacambeva* (A. Amaral, l. c., p. 25) ou ainda *jararacopeba* de F. Cardim (o. c., p. 47).

(110) Havendo comunicado a Afranio Amaral a suposição nossa de que a *bóiroçanga* referida por Anchieta e chamada pelos portugueses *boiroy*, segundo Lara Ordoñez (l. c.), seja a *boiru'*, *boiuru'*, *beiru'* ou *bairu'*, da família dos Colubrideos (*Pseudoboa cloelia* Daud.), ou ainda, como é mais conhecida no Centro do país, a *musurana*, que não é venenosa e tem hábitos ofiofagos, observou o diretor do Instituto do Butantan: "Parece antes que *boiroçanga* se aplica a qualquer cobra desprovida de presas deanteiras (colubrideo áglifo ou opistóglifo ou mesmo boideo), cujo contato dá sempre a sensação de frio ou cuja picada pode provocar frio, por efeito psíquico, dada a dificuldade de seu rápido reconhecimento até por parte dos indígenas. Dêsse modo, a *musurana* ou *boirú* seria uma *boirussanga*". Isto é: cobra fria.

(111) Nota de Afranio Amaral: "As nossas serpentes são ovíparas ou ovo-vivíparas. Entre as primeiras se encontram: todas as colubrideas áglifas com exceção das cobras d'agua, género *Helicops* e outros afins: as opistóglifas, com exceção da *corredeira* e da *ubiracoá*, géneros *Tomodon* e *Dryophylax*; as elapídeas ou corais verdadeiras (A. Amaral, *Colect. Inst. Butantan*, II, 187 — 1921); e a crotalídea *Lachesis muta* ou *surucutinga* (Amaral, "Rev. do Museu Paulista", XV, 44 — 1927). Entre as ovo-vivíparas se encontram, além das colubrideas acima excetuadas, as boídeas (*gibóias*, *ararambóia*, *sucuri* e *salamantas*) e crotalídeas em geral (*cascavel*, *jararacas*, *urutú*, *jararacussú*, *cotiara*, *uricana* e outras). Os ovos do primeiro grupo são postos, uma vez por ano, pelo fim da primavera e em número de 2 a 40 ou mais. Os filhotes do segundo grupo nascem já bem desenvolvidos e em ninhadas de 12 a 40 e até 60, este último número tendo sido registrado em relação á *sucuri*".

(112) Nota de Afranio Amaral: "*Boiquiba* devem ser os escorpiões, únicos animais venenosos a que se pode aplicar a descrição de Anchieta: "têm duas cabeças, como os caranguejos, e a cauda recurvada, na qual têm uma unha também curva, com que ferem". Neste caso, as "duas cabeças" seriam as pinças ou tentáculos, usados na apreensão das vítimas. E' bem verdade que o etimo pareceria antes indicar as lacraias ou escolopendras, "cobras de pés pequenos" ou "piolhos de cobra", conforme diz Anchieta, mas a estes os indígenas costumavam distinguir pelo nome de *boissó*. Os escorpiões mais comuns entre nós pertencem aos géneros *Tityus*, *Centrurus* e *Bothriurus*, sendo *Tityus bahiensis* a mais espalhada e abundante de todas as espécies".

(113) Refere-se Anchieta á *nhanduaçu* (G. Soares, o. c., p. 247), *nhandú-guassú* ou *nhandú* (J. E. Wappaeus, *Geografia Física*, trad. bras., Rio, p. 388) ou *caranguejeira*. Por esse nome de *caranguejeiras* são conhecidas no Brasil as *Migalomorphae*. As espécies indígenas se subordinam a quatro famílias: *Paratropidae*, *Ctenisidae*, *Dipluridae* e *Theraphosidae*. As espécies maiores, de que fala Anchieta, pertencem aos géneros *Grammostola*, de que existem no Brasil quatorze espécies já descritas, e *Lasiodora*, de que há dezoito espécies brasileiras conhecidas, só encontradas no Centro e Norte do país (Vital Brasil e J. Vellard, *Contribuição ao estudo do veneno das aranhas*, nas "Memórias do Instituto do Butantan", III, p. 243 e segs.).

JOSEPH DE ANCHIETA

(114) Nota de Pio Lourenço Corrêa: "A' familia dos Pompilideos (ordem dos Himenopteros, super-familia Vespoidea) pertencem os mais notaveis caçadores de aranhas existentes no Brasil: mais notaveis pelo seu tamanho (aparentam enormes vespas) e tambem pelo seu número. Da sua biologia extraio de Comstock (*An introduction to entomology*, Ithaca, 1930, p. 934) o seguinte: "Most of the Pompilidae make their nests in the ground. The wasp first finds a spider and stings it until it is paralyzed, and then digs a burrow which is enlarged at the lower end, forming 'a cell for the reception of the spider: the spider is then dragged down into the cell and an egg attached to it: then the passage leading to the cell is filled with earth. (...) Among the giants of this family are the well-known tarantula-hawks of the genus *Pepsis* of the Southwest, which store their burrows with tarantulas. Many a hard-fought battle do these spider-wasps have with these enormous spiders, and sometimes they are conquered and ignominiously eaten. (...) More than one hundred species belonging to this family have been described from our fauna. A classification of the family was published by Banks (1911)". Assim Anchieta conheceu um dos cem insetos, a que se refere Comstock, aludindo á classificação de Banks. Ou talvez não viu nenhum dêses, que são todos do hemisferio norte; e alguns, pelo menos, dos nossos de cá, não estarão representados naquele hemisferio. Ha a notar, ainda, que ás vezes é o vespão que vem a ser comido. E, quando vitorioso, não come a aranha: esta é sempre destinada a alimento da larva do vespão. Ha outros caçadores de aranhas entre os himenopteros, notadamente os Sfe-gideos (J. H. Fabre, *Moeurs des insects*, Paris, 1924, p. 111 e segs.), de que o Brasil possui muitas especies, em geral menores que os Pompilideos".

(115) As lagartas. "cujos pêlos produzem dôr, têm o nome brasileiro de *tataurana*, isto é, que queima como fogo" (Lara Ordoñez, l. c.); *tatorana* ou, melhor, *tatarana*, de tatá-rana, "semelhante a fogo" (T. Sam-paio, o. c.).

(116) A *tatarana* que provoca "desejos libidinosos" é a *socauna* (lagarta preta) a que se refere G. Soares (o. c., 246 e 286-7) e cujo pêlo os tupinambás, "tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem sous appetites, com o membro genital como a natureza o formou", sôbre êste colocavam, "que lho faz logo inchar, com o que tem grandes dôres, mais de seis meses, que se lhes vão gastando por espaço de tempo, com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer".

(117) As duas especies de Felideos, mencionadas por Anchieta, são a onça parda ou *sussuarana* (*Felis concolor* L.) e a onça pintada ou *jaguar* (*Felis onça* L.). Além dessas, que são as maiores, ha mais sete na fauna brasileira.

(118) Pelo nome generico de *tamandúá* são conhecidas as quatro especies de desdentados da familia dos Mirmecofagideos, existentes no Brasil, a saber: *tamandúá bandeira* (*Myrmecophaga tridactyla* L.), *tamandúá nírím* (*Tamandua tetradactyla* L.), *Cyclothurus didactylus* L. e *Tamandúá sellata* Cope, as duas últimas encontradiças apenas na Amazonia. O étimo é assim explicado por R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 113): "De *ta*, contração de *tacy* formiga, e *monduar* caçador: caçador de formigas. Batista Caetano prefere derivar o vocabulo de *tama* de pêlos, e *uguai* cauda, fácil de mudar-se em *nduai*. O primeiro étimo, porém, condiz melhor

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

com o modo de viver do animal". — V. ainda a nota de R. Garcia a D'Abbeville (o. c., p. 63).

(119) Segundo F. Cardim (o. c., p. 40), "não se comem nem prestam mais que para desençar os formigueiros" No dizer de G. Soares (o. c., p. 227), só os índios velhos comem a carne do tamanduá, "que os mancebos têm nojo dela". Informação confirmada por D'Abbeville (o. c., folha 249v.-50): "Et quoy qu'il soit bon & que les plus Anciens d'entre les Indiens en mangent, les ieunes neanmoins font difficulté d'en user, disans que s'ils mangioient de set animal qui se nourrit de Fourmis, ils deuiendroient foibles & n'auroient point de force ny de courage à la guerre". Na realidade, é pessima a carne de qualquer das quatro especies.

(120) *Tapira* (Anch.), *tapyretê* (Piso e Marcgrav), *tapyre-été* (D'Abbeville, o. c., fl. 250), *tapira-etê*, *tapira*, *tapir* ou *anta*, da familia dos Tapirideos (*Tapirus terrestris* L.). Diz R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 111): "O nome tupi é suscetivel de várias explicações, mas nenhuma satisfatoria: o sufixo *etê*, verdadeiro, legitimo, serviu para differencar o ungulado do bovino, que os tupis só conheceram depois do contato europeu, e ao qual chamaram *tapyra*". Segundo T. Sampaio (o. c.), o nome guarani é *tapii*. E o que lhe davam os castelhanos (*ante* e *danta*), explica Varnhagen (nota 168 a G. Soares, o. c.), "derivado do arabigo que é semelante" (*lanta*), vem do fato de assim designarem a êsse tempo as especies dos generos *Bison* e *Buffelus* "que havia na Africa e no Sul da Europa, e cujas peles curtidas de côr amarela, que muito se empregavam nos vestuarios e armaduras no seculo XVI, puderam substituir pelas do nosso tapir, com mais vantagem ao menos no preço". — A *anta* é também descrita por Thevet (o. c., p. 254), sob o nome de *tapihire*, e Léry (o. c., I, p. 157), sob o de *tapiroussu*.

(121) Aliás *alces*, *alce* e *grã-besta* em português, nome com que os latinos designavam as especies maiores de cervos do Norte da Europa, sendo portanto erronea a suposição de Anchieta. Ao *alces* se referem Cesar (l. VI, XXVII) e Plinio (15 e 16). Dele dá Saraiva no seu *Dic.* esta descrição estapafúrdia: "quadrupede semelhante ao asno no tamanho e á cobra na forma".

(122) Cf. F. Cardim (o. c., p. 37) e G. Soares (o. c., p. 224).

(123) *Aig* (Anch. e S. de Vasconcelos, *Cron.*, l. 2 das *Not.*, n. 100), *ahy* (G. Soares, o. c., p. 236) ou *preguiça*, nome generico dado ás quatro especies de desdentados da familia dos Bradipodideos, das quais Anchieta deve ter conhecido melhor as duas que ocorrem no Sul do Brasil: *Bradypus tridactylus* L. e *Bradypus torquatus* Illg. A' especie maior, *preguiça-real* (*Choloepus didactylus* L.), D'Abbeville chama *unaü* e Marcgrav *unáu* (nota de R. Garcia a F. Cardim, p. 116). Thevet grafa *haüt*. *Ai* é voz cnomatopaica, explicando Von Tschudi "que esse nome procede do grito do animal que articula um a fechado muito prolongado, seguido de um i curto e aspirado" (T. Sampaio, o. c.).

(124) A *preguiça* vive na *ambaua* (varias especies do genero *Cecropia* L.), cujas folhas e brotos constituem seu principal alimento.

(125) *Seriguêa* (Anch.), *sarigué* (F. Cardim, o. c., p. 39), *cerigoê* (Gandavo, *História da Provincia Santa Cruz*, na mesma ed. do *Tratado* cit.,

pbl. da Acad. Bras., Rio, 1924, p. 105, sendo que a ed. de 1858 registra *carigão*), *serigoé* (G. Soares, o. c., p. 228), *sarigueya* (Maregrav) *garigüé* (S. de Vasconcelos, o. c., l. 2 das Not., n. 101), *cerigão* (Lara Ordoñez, l. c.). *sarique*, *serigüé*, *sarigüê*, *mucura*, *micuré* (Rio da Prata) ou *gambá*, são os nomes genericos "das espécies maiores de marsupios da familia dos Didelfiideos, particularmente o *Didelphis aurita* L." (nota de R. Garcia a F. Cardim, p. 113). E é ainda R. Garcia quem ensina vir o nome tupi de "*coó-r-igüê*, animal de saco ou bolsa, com referencia á particularidade anatomica que caracteriza essa classe de mamiferos, acrescentando: "O *sarigüê* foi assinalado desde o ano de 1500. Vicente Yañez Pinson, em sua viagem de principios daquelle anno, achou nas costas da Guiana uma *sarigüê* fêmea com seus filhos, e levou-a para a Espanha. O fato foi referido por Grinoeus, em seu *Novus Orbis* (1532); Oviedo, na *Historia natural y general de las Indias* (1535), descreveu o animal, que desde logo passou a figurar com o seu nome indigena em todos os tratados das regiões americanas" As designações *mucura* e *gambá* aludem tambem ao fato do *sarigüê* carregar os filhos na bolsa que tem no ventre (T. Sampaio, o. c.). — A carne do *sarigoy*, como ele o chama, pareceu a Léry (o. c., I, p. 161-2) "*tendre et bonne*".

(126) E' o *ourico cacheiro* ou *porco espinho* dos portugueses, roedor da familia dos Coendideos, de que existem nove especies no Brasil. A três delas, *coandú*, *cuiú* e *queiroá*, sendo a primeira a maior da familia (*Coendú villosus* Lich.), refere-se G. Soares (o. c., p. 237). F. Cardim descreve duas especies, com o nome de *canduaçu* e *candumiri* (o. c., p. 40-1). Entretanto, quer com o aumentativo *açu* quer com o diminutivo *mirim*, "não se conhece esse animal na nomenclatura vulgar" (nota de R. Garcia, p. 113).

(127) Como é sabido, orçam por cêrca de cincoenta as especies de simios brasileiros, das quais a maioria habita o Norte.

(128) Segundo Wappaeus (o. c., p. 270), os "indios comem a carne de algumas especies de macacos e particularmente da especie *Cebus macrocephalus* Spix, vulgarmente conhecido pelo nome de *macaco de prego*. A carne do *sanhu*, passa por saborosa iguaria entre os selvagens". Note-se, entretanto, que *macaco-prego*, *macaco-aranha*, etc., são denominações peculiares aos genero *Ateles*, de que ha várias especies, algumas ocorrendo de São Paulo ao Amazonas, outras só nesta região. Sob a denominação *mico* são designadas vagamente as especies menores de macacos, muitas das quais pertencentes aos genero *Cebus*.

(129) *Tatú*, nome generico dos desdentados da familia dos Dasipodiideos, de que ha cêrca de dezeseis especies brasileiras. Vocabulo tupi, de *ta-tu*, casco encorpado, denso, grosso, segundo Batista Caetano (nota de R. Garcia a F. Cardim, o. c., p. 113; T. Sampaio, o. c.).

(130) No Estado de São Paulo têm sido registradas as seguintes especies de veados: *veado-galheiro*, *cuguaçu-apára*, *veado dos mangues* (*Odocoelus suaçuapara*); *guaçu-pucú* (*Dorcephalus dichotomus* Illg.); *guaçu-pita*, *guaçu-etê*, *guatá-pará*, *veado mateiro*, *veado pará*, etc. (*Mazama americana* Exl.); *veado-virá*, *catigueiro*, *suaçu-catinga*, *virote*, *guaçu-bira*, etc. (*Mazama simplicicornis* Illg.); e *bororó*, *mão-curta*, etc. (*Mazama rufina* Baur.).

(131) Pela denominação geral de *gatos do mato* são conhecidos vulgarmente os pequenos felideos do Brasil. Dentre eles se destaca, pelo seu

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

porte acentuadamente maior, a *jaguatirica* ou *maracajá* (*Felis pardalis* L.). — Cf. F. Cardim (o. c., p. 43) e G. Soares (o. c., p. 227).

(132) *Javali* (Anch.), *porco montês* (F. Cardim, o. c., p. 37), *tajaçu* (G. Soares, o. c., p. 229), *tayaçu*, *tanhaçu* ou *porco do mato*, é o ungulado artodactilo da família dos Suideos, genero *Taiacu*, de que existem duas especies brasileiras: a *queixada* (*Dicotyles pecari* L.) e o *caitatu*, *caitêtu*, *catête* ou *cateto* (*Tayassu tajacu* L.), sendo a primeira maior. A essas especies F. Cardim dá o nome de *tayaçutirica* (*tajaçutirica* de G. Soares), porco medroso, e *tayaçupigta*, porco vermelho (nota de R. Garcia, o. c., p. 112). — Léry (o. c., I, p. 160) refere-se também ao *taiassou*.

(133) E' a *lhama* (*Camelus glama* L.).

(134) Por *bichos da taquara* são conhecidas as formas imaturas da mariposa *Pyralidae* — *Myelobia amerinha*. Existem três especies dêsse genero. Ao seu emprêgo como alimento e narcotico, entre os indios, e como sucedaneo da manteiga, depois de derretido, entre os portugueses, refere-se Saint-Hilaire (*Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris, 1830, I, p. 432-4, e II, p. 169), cujas observações são reproduzidas por F. Denis (*L'Univers, ou Histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, coutumes, etc.* — Brésil, Paris, 1863, p. 83). A propriedade narcotica do *bicho da taquara*, escreve Saint-Hilaire, "résiderait uniquement dans le tube intestinal", no dizer dos indios, que o comem "lorsque l'amour leur cause des insomnies (...) et alors ils tombent dans une espèce de sommeil extatique qui dure plusieurs jours. Celui qui a mangé un ver desséché du bambou raconte, en se réveillant, des songes merveilleux; il a vu des forêts brillantes, il a goûté des fruits exquis. Mais avant de manger le *bicho da taquara*, on a grand soin d'en ôter la tête, que l'on regarde comme un poison dangereux".

(135) Explica T. Sampaio (o. c.): "O vocabulo *yçá* é contração de *yçaba*, significando gordura, pois tinham os indios por tal o que se contém no abdomen desta formiga". Os guaranis a denominavam *tanajura*. G. Soares (o. c., p. 250) escreve *ican*.

(136) Nota de Oliverio Mario: "A descrição de Anchieta é neste ponto sobremodo impropria. Com chamar de "filhos" os individuos alados da *saúva*, nada informa com respeito á sua verdadeira significação de individuos reprodutores, machos (*bitús* ou *vitús*) e femeas (*içás*), enquanto que os outros destituidos de asas (*saúva*, no sentido restrito), cuja qualidade de pais é virtualmente insinuada, não passam de operarios, isto é, individuos inferteis, de sexualidade abortada".

(137) Cf. G. Soares (o. c., p. 25): "...a estas formigas comem os indios torradas sôbre o fogo, e fazem-lhe muita festa; e alguns homens brancos que andam entre elles, e os mestiços têm por bom jantar, e o gabam de saboroso, dizendo que sabem a passas de Alicante".

(138) Diz G. Soares (o. c., p. 217) que o *suiriri* (ou *bemtevi*) "se mantem com bichinhos e formigas, das que tem asas, a que em Portugal chamam agudes". Entre os passaros que se alimentam de formigas, citam-se muitas especies de *Erioridae*, das quais a *Myiothera domicella* é a mais voraz, e o *Tanagra auneapilla*, da familia dos *Tanagradidae*, entre outros (Wappaeus, o. c., p. 325 e 327).

JOSEPH DE ANCHIETA

(139) Nota de Oliverio Mario: "As abelhas, que formam a familia dos Apídeos, dividem-se em dois grandes grupos naturais: Solitarias e Sociais. As últimas, ou mais precisamente ao grande genero *Melipona* (com que foi fundido por A. Ducke o genero *Trigona*) de que conta o Brasil mais de sessenta especies e muitas variedades, reportam-se as observações de Anchieta".

(140) Nota de Oliverio Mario: "Refere-se Anchieta aos *pernilongos* (*moriçocas* na Baía, *carapanãs* na Amazonia), dipteros da familia dos Culiídeos, representada no Brasil por grande cópia de generos e numerosissimas especies. A ação malefica destes hematofagos junto á especie humana, a que transmitem, entre outras molestias, o paludismo (as sezões, as maleitas, as intermitentes da lingua popular) e a febre amarela, era então e durante ainda mais de três seculos completamente insuspeita".

(141) *Mariguê* é o *margui* de G. Soares (o. c., p. 222), *maragui*, *marauim* ou *maruim*, nome aplicado indistintamente a grande número de dipteros Quironomídeos, a que tambem pertence o *mosquito-polvora*, genero *Culicoides*.

(142) Nota de Oliverio Mario: "Sob a denominação generica de *papa-gaios*, Anchieta refere-se evidentemente a todos os membros da grande familia dos Psitacídeos, de que ha em todo o orbe perto de 600 especies, cabendo ao Brasil aproximadamente uma oitava parte (73 para Miranda Ribeiro, "Rev. do Mus. Paul.", XII, parte II, p. 4)".

(143) *Nhandugoassú* (F. Cardim, o. c., p. 56), *nhandú* (G. Soares, o. c., p. 206), *nandu-guassú* ou *nandú* é a *ema* (*Rhea americana* L.). De *nhã-dú*, "corre com estrépito, a corredora" (T. Sampaio, o. c.). O mesmo vocabulo designa tambem a aranha (v. nota 113).

(144) *Guainumbi* (Anch.), *gavinumbig* (F. Cardim, o. c., p. 52), *gainambú* (G. Soares, o. c., p. 216), *guanumby*, *guanamby* ou *gainambí* é o *chupa-flor*, *pica-flor* ou *beija-flor*, nome generico da familia dos Troquilídeos. De *gua-nũ-oby*, "individuo preto azulado" (T. Sampaio, o. c.). Era tido pelos indios, ainda segundo T. Sampaio, "como mensageiro da outra vida".

(145) Nota de Oliverio Mario: "E' das afirmações mais pitorescas esta de que os beija-flores vivem á custa do orvalho, isto é, de agua, tanto mais pura quanto é ela no caso o fruto da condensação recente da humidade atmosférica, sob a baixa temperatura da manhã. Em verdade, mau grado não desprezarem eventualmente o mel das flores, como querem os poetas, os beija-flores alimentam-se principalmente de pequenos insetos, que sabem procurar tambem em outros sitios, como nas teias de aranha, etc." — G. Soares, observador admiravel, afirma isso mesmo: "...comem (os beija-flores) aranhas pequenas e fazem os seus ninhos das suas teias; têm as asas pequenas e andam sempre bailando no ar, espreitando as aranhas" (o. c., p. 216).

(146) Era essa a crença do etmpo (cf. F. Cardim, o. c., p. 52), assim explicada em Wappaeus (o. c., p. 383): "E' interessante a observação de Bates de que ao lado de uma das maiores borboletas esfingídes, a *Macraglossa annulosa*, esvoace o pequeno beija-flor, *Lophornis Gouldii*, em busca das mesmas flores. Por tal forma se iludiu este observador, que algumas vezes em sua caçada atirava sôbre uma borboleta, supondo apontar para um pequeno passaro. E' dêste fato que resulta a crença dos indigenas de que as borboletas se transformam em passaros".

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

(147) Segundo Lara Ordoñez (l. c.), Anchieta “parece falar da pomba do mato, chamada *juruty*”.

(148) *Guará*, da família dos Ibidídeos (*Eudocimus ruber* L.). O nome tupi é “de etimo discutível”, segundo R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 142), observando T. Sampaio (o. c.) que é “frequente a troca de *guirá*, passaro, ave, por *guará*”.

(149) Nota de Oliverio Mario: “A ave a que se refere Anchieta é visivelmente um Podicipedídeo, provavelmente *Podilymbus podiceps* L., conhecido, como os seus afins, pelo nome de *mergulhão*, na onomastica popular. Ainda hoje a nomenclatura vulgar aplica o termo a várias aves mergulhadoras, embora muito diferentes nos seus caracteres morfológicos, de maneira que não ha estranhar que Anchieta houvesse se referido linhas acima a outro mergulhão, provavelmente *Sula leucogastra* Bodd.; apenas se depreende que os Podicipedídeos eram naquela epoca anônimos, ou de nome vulgar desconhecido do autor”.

(150) Nota de Oliverio Mario: “Refere-se Anchieta aos *gaviões de penacho* ou *reais*, *Morphnus guyanensis* Daud. ou *Thrasaëtus harpya* L. Nada a acrescentar quanto á valentia da ave; mas na observação biologica ha preconceito absurdo e evidente”.

(151) *Anhima* (Anch.), *anhigma* (F. Cardim, o. c., p. 56), *anhuma* ou *inhuma*, da família dos Palamedídeos (*Anhima cornuta* L.), “de etimo difficil de explicar” (R. Garcia, nota a F. Cardim, p. 122).

(152) Nota de Lara Ordoñez (l. c.): “Engana-se Anchieta, attribuindo a estas aves três esporões em cada uma das asas: têm unicamente dois em cada uma”.

(153) Nota de Oliverio Mario: “Faz-se aqui alusão ás aves Tinamiformes (*perdiz*, *codornas*, *inambús*, *jaós*, *macucos*) e Galiformes (*urús*, *jacús*, *jacutingas*, *mutuns*)”.

(154) A’ *mandioca* (*Manihot utilissima* Pohl) refere-se Anchieta mais detalhadamente na *Inf.* de 1585.

(155) Segundo Miranda de Azevedo (pref. á trad. cit. de Vieira de Almeida, p. XII), “da descrição bem evidencia-se que se aplica tudo ao *jacatope*, *Pachyrrhizus angulata*, raiz bulbifera grossa, produzindo 10 % de fécula saborosa e apreciada”.

(156) E’ a *sensitiva*, leguminosa da sub-família das Mimosaceas.

(157) Trata-se da *cupaigba* (F. Cardim, o. c., p. 62), *copaiba* (G. Soares, o. c., p. 183), *copiiba* (Maregrav), *copayva* (Lara Ordoñez, l. c.), *copahyba*, *copauva*, *cupay*, *copiuba* ou *cupahyba*, nome comum a várias especies da família das Leguminosas, divisão das Caesalpiniaceas, das quais as mais importantes são a *copaiba do Pará* (*Copaifera guianensis* Desf.), *Jutaí* (*Copaifera Martii* Hayne), *Marimary* (*Copaifera reticulata* Ducke), *verdadeira* (*Copaifera officinalis* L.), e *vermelha* (*Copaifera Langsdorffii* Desf.), conforme se vê em M. Pio Corrêa (*Dicionario das Plantas Uteis do Brasil*, II, Rio, 1931). De “etimo incerto”, segundo R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 124). Para T. Sampaio (o. c.), “corr. *cupa-yba*, a árvore de depósito, ou que tem jazida”.

JOSEPH DE ANCHIETA

(158) *Mangues*, referindo-se Anchieta ao *mangue vermelho*, da família das Rizoforaceas (*Rhizophora mangle* L.). *Canapaúba* de G. Soares (o. c., página 199).

(159) E' a *jaçapucaya* (F. Cardim, o. c., p. 59), *zabucaes* (Gandavo, *Hist.*, p. 97), *sabucái* AGL Soares, o. c., p. 172), *çapucaya* (S. de Vasc., o. c., l. das *Not.*, n. 86), *çapocaia* (Lara Ordoñez, l. c.) ou *sapucaia*, nome generico das várias especies de Lecitidaceas, genero *Lecythis*.

(160) *Pinho do Paraná*, da família das Coníferas (*Araucaria brasiliana* Rich.).

(161) Talvez seja a árvore a que se refere Gandavo (o. c., p. 100), com o nome indigena de *obirá paramaçací*, indagando Miranda Azevedo (l. c., p. XI): "Será a *gameleira*, *Ficus doliaria* de Martius, bela árvore de dez a doze metros de altura, que no mês de agosto fornece em mais abundancia o suco lactescente pelas incisões que sofre? Ou será o *jaracatiá*, *Carica dodecophylla* de Veloso, com propriedades terapeuticas semelhantes, e tão usada ainda no Interior em várias infecções?"

(162) Talvez se refira Anchieta, como sugere Lara Ordoñez, á *ipeca-cuanha*, *igpecacóaya* de F. Cardim (o. c., p. 73), *pecacuem* de G. Soares (o. c., p. 187) ou *poaia*, da família das Rubiaceas, de que ha várias especies.

(163) Nota de Lara Ordoñez (l. c.): "*Arenarius flexilis*, L., vulgo *pedra elastica*. E' de certo flexivel, mas não me pareceu de modo algum elastica, nem muito flexivel. E Anchieta, dizendo-a "maleavel como couro", fala hiperbolicamente; a que vi mais flexivel, presentemente guardada no Museu da Academia Real, com cêrca de 16 polegadas de comprimento e 4 linhas de altura, tomou a forma de um arco de 20°".

(164) Escreve Couto de Magalhães (*O selvagem*, ed. 1913, p. 157): "O *curupira* é o deus que protege as florestas. As tradições representam-o como um pequeno *tapuió*, com os pés voltados para trás e sem os orificios necessarios para as secreções indispensaveis á vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é *muçico*. O *curupira* ou *currupira*, como nós lhe chamamos no Sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no Norte como no Sul do Brasil. No Pará, quando se viaja pelos rios e se ouve alguma pancada longinqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é o *curupira* que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para soffrerem a ação de alguma tempestade que está proxima. A função do *curupira* é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou de qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar por tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar até aos seus." Ermano Stradelli (*Vocabulários da lingua geral português-nheêngatú e nheêngatú-português*, na "Rev. do Inst. Hist.", t. 104, v. 158), serve-se quasi das mesmas palavras de Couto de Magalhães. Acrescenta, porém, que não só a floresta mas tambem a caça se acha sob a "guarda direta" do *curupira*. Este "é sempre propício ao caçador que se limita a matar conforme as suas necessidades" e castiga o que "mata por gôsto", persegue as femeas e "os pequenos ainda novos". Para Spix e Martius (*Reise in Brasilien*, III, p. 1109), o *curupira*, menos terrivel que o *jurupari*, é um espirito-do-mato caçoista, que, encontrado sob diversas formas, entra em conversa com os indios, desperta ou entretem sentimentos de inimizade entre individuos e com malícia observa as desgraças humanas". Maregrav e Nieuhofs, escreve A. Métraux (*La religion des*

X. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

tupinamba, Paris, 1928, p. 65), “qualifient *curupira* d’esprit des passions (*numen mentium*), je ne sais trop pourquoi”. Batista Caetano (nota a F. Cardim, o. c., p. 237-8), igualmente não achou “saida etimologica” para a significação dada por Maregrav. Segundo o autor do *Vocabulario da Conquista*, *curupira* pode “ser traduzido literalmente por sarnento, de *curub* sarna, e *pir* pele”. T. Sampaio, por sua vez, dá (o. c.): “*Curupira*, s., *curupya*, o chagado, o individuo coberto de pustulas. Nome de um genio da mitologia selvagem, que presidia aos maus sonhos e pesadelos”. E. Stradelli, finalmente, faz derivar o vocabulo de *curu* abreviação de *curumi*, menino, e *pira*, corpo: corpo de menino.

(165) *Igpupiára* (Anch. e F. Cardim, o. c., p. 89), *hipupiara* (Gandava, *Hist.*, p. 123), *upupiara* (G. Soares, o. c., p. 256), *ypupiapræ* (Barlaeus, p. 134) ou *ipupiara*, “genio das fontes, animal misterioso que os indios davam como o homem marinho, inimigo dos pescadores, mariscadores e lavadeiras”, de acôrdo com a definição de T. Sampaio (o. c.). A proposito do etimo, escreve R. Garcia (nota a F. Cardim, p. 139): “O nome tupi serve de prova de que a idéa era familiar ás gentes dêsse grupo importante. Sua etimologia consigna Batista Caetano em *upypeara*, ou *y-pypiára*, em que aparecem os elementos *y* agua, e *pypiára* de dentro, do íntimo: o que é de dentro dagua, o que vive no fundo dagua, o aquatico; o nome era tambem atribuido a peixes, especialmente á baleia”. E’ o “monstro marinho” que em 1564 se matou em São Vicente, segundo Gandavo.

(166) *Baetatá*, *maetatá* ou *boitatá*, um dos genios da mitologia selvagem, é o fogo fatuo, a fosforescencia, e traduz-se por “coisa que é toda fogo, luzeiro” (T. Sampaio, o. c.). A mesma significação tinha o vocabulo *macaiêra*.

(167) Na carta XV, Anchieta explica a ausencia de deformidades entre os indios, que enterravam os nascidos “com alguma falta ou deformidade, e por isso mui raramente se acha algum coxo, torto ou mudo em esta nação”. — V. A. Métraux (o. c., p. 102).

XI.

AO PADRE GERAL, DE SÃO VICENTE, A 1 DE JUNHO DE 1560 (168)

Resistencia dos Brasis á catequese. — Conversões na hora da morte. — Padre Afonso Braz e Irmão Gaspar Lourenço. — Visitas ás povoações. — Práticas abortivas entre o Gentio. — Irmão Diogo Jacome. — Offícios dos Jesuitas. — Castidade das Indias Cristãs. — Padre Luiz da Grã. — Chuva de granizo. — Irmão Manuel de Chaves. — Batismo de dois cativos condenados á morte. — Irmão Gonçalo 'd'Oliveira. — Guerras com os Indios do sertão. — Os Franceses do Rio de Janeiro. — Jean des Boulez em São Vicente. — Sua disputa com Luiz da Grã e partida, prêso, para a Baía. — Expedição de Mem de Sá contra os Franceses do Rio. — Socorro enviado de São Vicente. — A tomada do forte de Coligny. — Vinda de Nobrega. — Grã recebe a patente de Provincial.

No ano de 1558, no fim do mês de Maio escrevi, Reverendo em Cristo Padre, o que se passou, assim acêrca de nós outros, como da conversão e doutrina dos Indios, e de então a esta hora, nunca achámos occasião de poder escrever, visto neste último tempo não partir daqui navio algum, porque mais é para se compadecer de nós outros, que para se irar, que tanto tempo carecemos das cartas dos nossos Irmãos, e vimos a tanta falta, que até para dizer missa, nos faltou vinho por alguns dias.

Darei agora conta do que depois succedeu, e primeiramente que recebessemos grande alegria com as cartas que agora recebemos, maximè em as de Vossa Paternidade, em as quais se mostrava o paternal amor e singular cuidado, que tem de nós outros, porque além de Vossa Paternidade não cessar de nos oferecer á Divina Mages-

tade em suas orações, ordenou que todos nossos Irmãos nos encomendem mui particularmente a Nosso Senhor, do que está claro que nos há de vir muita ajuda e proveito. Porque como era possível que pudessemos sofrer tanto tempo, e com tanta alegria, tanta dureza de coração dos Brasis que ensinamos, tão cerrados ouvidos á Palavra Divina, tão facil renunciando dos bons costumes, que alguns não desaprendido, tão pronto relaxo aos costumes e pecados de seus maiores, e finalmente tão pouco e nenhum cuidado de sua propria salvação, se as contínuas orações da Companhia nos não dessem mui grande ajuda?

Ha tão poucas cousas dignas de se escrever, que não sei que escreva, porque, se escrever a Vossa Paternidade que haja muitos dos Brasis convertidos, enganar-se-á a sua esperança, porque os adultos a quem os maus costumes de seus pais têm convertido em natureza, cerram os ouvidos para não ouvir a palavra de salvação, e converter-se ao verdadeiro culto de Deus, não obstante, que continuamente trabalhamos pelos trazer á Fé; todavia, quando caem em alguma enfermidade, de que parece morrerão, procuramos de os mover, a que queiram receber o batismo, porque então comumente estão mais aparelhados; mas quantos são os que conhecem e queiram estimar tão grande beneficio? Não são por dois outros exemplos que isto se póde entender.

Adoeceu um destes catecumenos em uma aldeia nos arrabaldes de Piratininga e fomos lá para lhe dar algum remédio, principalmente para a sua alma: diziamos-lhe, que olhasse para a sua alma, e que deixando os costumes passados, se preparasse para o batismo: respondeu, que o deixassemos sarar primeiro, e esta resposta somente nos dava a tudo que lhe diziamos nós outros: declaravamos abreviadamente os artigos da Fé, e os mandamentos de Deus, que muitas vezes de nós outros tinha ouvido, e respondido, como enjoado, que já tinha os ouvidos tapados, sem ouvir ao que lhe diziamos, em todas as outras cousas fóra deste proposito, respondia prontamente, que bem parecia não ter tapados os ouvidos do corpo, e somente os do coração.

Adoeceu outro em outro lugar, e como muitas vezes o admoestavamos, o mesmo dizia, crendo que se sanaria; mas aumentando-

se cada dia a enfermidade, visitei-o, e vendo por outra parte estar já *in extremis*, com palavras brandas o persuadia a tomar o batismo, e ele mui indignado, levantou a voz, que não podia, gritando que o não molestasse, e que estava são: irava-se com tudo por todas as vias: dêste já alguns Irmãos haviam tentado ganhá-lo para o Senhor, trabalhando nisto com muitas palavras, que parecia já haver dado consentimento, e disse: “Pois que assim é, te batizarão e alcançarás a eterna salvação”; mas não sòmente não consentiu, que cobrindo a cara me deixou, sem dizer mais palavra, e no outro dia, permanecendo na mesma obstinação, morreu.

Que direi de outro, que voltando da guerra com flechadas e quasi para morrer, curâmo-lo com toda a diligência, o que fazemos a todos, até que cobrem a saúde? Aquele com a dôr das chagas prometia de receber o batismo, e de viver bem conforme os mandamentos de Deus, e ele não menos se tornou aos costumes antigos, como se nenhum mal houvera acontecido. Deixo outros que fazem da mesma maneira, para os quais seria mister longa oração, que nenhum cuidado têm das cousas futuras, para que não dê em nossas cartas a Vossa Paternidade maior motivo de dôr, que de alegria, vendo que aqueles que o piedoso Senhor de tão inumeravel multidão sujeita ao jugo do demonio, não os deixou trazer á sua Igreja, e vestidos de gloria imortal nos Céus, não falando nos inocentes, que morrem muitos batizados, e vão gozar da vida eterna, os mesmos adultos tinham tambem muita ocasião de irem para o Senhor, receber grande consolação.

Havia um Cristão, casado legitimamente, que havia muito tempo estava enfermo: fomos visitá-lo ao lugar cinco milhas de Piratininga; consolou-se muito, confessou-se com muita dôr e contrição, e voltámos para casa: chegou um benzedor do sertão: o enfermo, assim por leviandade do coração, como pelo desejo da saúde, se deixou esfregar por aquele, e chupar segundo o rito dos Gentios; mas como não sentisse sinal de saúde que esperava, arrependido com grande dôr, uniu-se a nós outros a confessar o seu pecado, e estando junto da Igreja, onde com frequentes confissões pôde limpar a sua alma dos pecados, curâmo-lo, e, daí a alguns dias, achando-se melhor, se tornou para sua casa, onde caiu

em uma doença incuravel, pela qual se fez trazer a Piratininga, para aí acabar de expirar. Os dias que aí viveu não os passou ociosamente, mas antes confortando-se com assiduas orações, confissões e admoestações saudáveis dos Irmãos, se aparelhava para passar o restante da vida: chegando depois o termo dela, mandou chamar os Irmãos, e pedindo um Sacerdote com um intérprete, disse-lhes: — “Assentai-me um pouco, em quanto me dura o uso da razão, para procurar o que pertence á salvação de minha alma; encomendai-me a Deus quando tiver falecido, enterrando-mê na Igreja; mulher e filhos morem aqui para aprender as cousas da Fé e bons costumes —”, e dizendo estas e outras muitas cousas semelhantes com muita devoção, daí a pouco se partiu para a eterna, segundo cremos.

Uma catecúmena que havia dois anos estava enferma de calenturas, fez-se trazer a Piratininga pelos seus parentes, para que a curassemos: fizemos-lhe os remedios que podíamos, mas como a febre já estava arraigada, curâmo-la mais da saúde da alma, incitando-lhe os desejos da eterna vida, a qual ela abraçando com todo o afeto do coração, rogava e pedia o batismo. Daí a alguns dias foi a uma aldeia vizinha, fazendo-nos saber primeiro, para que aí uma irmã tivesse cuidado dela; ali a visitámos muitas vezes, e perseverando no mesmo bom proposito de seu coração, depois de mui larga doença, esteve quasi meio dia fóra de si, e tornando em si já tarde, como que acordava de algum sono, mandou logo uns moços a chamar-nos: fomos sem tardança, sendo o sol posto, e achámo-la em *extremis* já, e dando-lhe de comer, a admoestamos que se aparelhasse para o batismo: respondeu ela que estava aparelhada e que o desejava muito; logo nessa hora a trouxemos a Piratininga de noite, aonde um irmão e outro que lá havia diziam, que se deferisse para outras: instruimo-la mais compridamente na Fé, o que ha muitos meses havíamos feito, e a batizámos: logo parece que se lhe mudou o rosto e se tornou mais alegre, quando antes pelas angustias da dôr estava afligida sem nenhum sossego: começou logo a repousar, e a duas ou três horas se passou para a vida.

Depois de muitos dias duas de suas irmãs caíram em uma grande enfermidade; uma delas morren em Piratininga, cristã e

casada: sangrei-a duas vezes, e ficou melhor; a outra, que ainda era catecúmena, e morava em outro lugar, bem instruída nas cousas da Fé, e que na bondade natural parecia exceder a todas as outras, adoecendo de febre no-lo fez saber: até que passaram quatro ou cinco dias fomos visitá-la, sangrâmo-la, e juntamente lhe ensinámos, e depois da sangria ficou melhor: depois de alguns dias, agravando-se mais a doença, mandou-me chamar para que a tornasse a sangrar: fui bem depressa, mas quando cheguei não tinha os sentidos, nem sinal de vida, e o corpo estava já frio, de maneira que parecia morta; mas como se lhe lançasse agua na cara, começou a mover os olhos; emfim tornando a si lhe perguntei se queria que a batizasse: mas porque não queria al, que toda sua vida nenhuma outra cousa mais desejava, assim que a batizei, e pronunciei ás duas horas da manhã o Santissimo Nome de Jesus, foi confessando a verdadeira Fé, até que deu o espirito ao seu Creador para ir receber o premio eterno. Depois de alguns meses succedeu a outra irmã, que acima falei, mui firme na Fé, e confessada muitas vezes.

Um só exemplo contarei por me não demorar em cada cousa particular, e que não será causa de menor alegria. Faleceu ha pouco uma velha que havia sido manceba de um Português quasi quarenta anos, e ainda gerando muitos filhos; esta como os nossos Irmãos houvessem muito admoestado, que olhasse para si, e não quisesse ir-se ao inferno por aquele pecado, logo arrependida, e conhecendo a maldade com que havia vivido, aborreceu o pecado perseverando na castidade, e trabalhava de purgar seus pecados com muitas esmolas que nos fazia. Agora, ferida de uma longa e incuravel enfermidade, foi a Piratininga, onde deixou uma casa para seus filhos e escravos. Entendia sòmente as cousas tocantes á salvação de sua alma, confessava e comungava muitas vezes, e dando-nos muitas esmolas, aparelhava eternos tabernaculos na vida. Visitavam-a muitas vezes os Irmãos, confortavam-a nas divinas palavras, principalmente quando já no último, tendo corruptos os membros secretos, (esta era sua enfermidade, que é mui comum nestas mulheres do Brasil, ainda virgens), mas o Padre Afonso Braz, e o Irmão Gaspar Lourenço intérprete, tendo mais ânimo

ao odor que sua alma havia de dar, vencêram o fedor que aos outros era intoleravel, estiveram toda a noite sem dormir, esforçando-a com divinas palavras, em que ela muito se deleitava, até que expirou com ditoso fim, como é de crer.

De outros muitos podia contar, maximè escravos, dos quais alguns morreram batizados de pouco, e outros já ha dias que o foram: acabando sua confissão iam para o Senhor. Pelo que, quasi sem cessar, andamos visitando varias Povoações assim dos Indios como de Portugueses, sem fazer caso das calmas e chuvas, grandes enchentes dos rios, e muitas vezes de noite por bosques mui escuros a socorrer os enfermos, não sem grande trabalho, assim pela aspereza dos caminhos, como pela incomodidade do tempo, maximè sendo tantas estas Povoações, estando longe umas das outras, que não somos bastantes a acudir tão varias necessidades como ocorrem, e, mesmo que fomos muito mais, não poderíamos bastar. Ajunta-se a isto, que nós outros que socorremos as necessidades dos outros, muitas vezes estamos mal dispostos e fatigados de dôres, desfalecemos no caminho, de maneira que apenas o podemos acabar, e assim ainda que mais parece termos necessidade ainda de médico que os mesmos enfermos. Mas nada é arduo a quem tem por fim sòmente a honra de Deus, e a salvação das almas, pelas quais não duvidamos dar a vida. Muitas vezes nos levantamos do sono, ora para os enfermos e os que morrem, ora para as mulheres de parto, sôbre as quais pômos as reliquias dos Santos (169), e parem, e o que elas não ignoram, começando a sentir as dôres, logo as mandam pedir, havendo-se primeiro confessado. Entre estas cousas acontece que se batizam e mandam ao Céu alguns meninos que nascem meio mortos, e outros movidos, o que acontece muitas vezes mais por humana malícia que por desastre, porque estas mulheres brasilicas mui facilmente movem: ou iradas contra seus maridos, ou os não têm por medo; ou por outra qualquer ocasião mui leviana matam os filhos; ou bebendo para isso algumas beberagens; ou apertando a barriga; ou tomando alguma carga grande, e com outras muitas maneiras que a crueldade deshumana inventa (169-A).

Isto me têm dito os doentes, porque o que se ha de julgar

verdadeiro fruto que permanece até o fim, porque dos sãos não o fazem contar nada a ninguém, por ser tanta a inconstancia em muitos, que não se pôde nem se deve prometer deles cousa que haja de durar. Mas bemaventurados aqueles que morrem no Senhor, que livres das perigosas águas dêste mudavel mar, abraçada a Fé, mandamos ao Senhor, trasladados á vida, soltos das prisões da morte! E assim os bemaventurados exitos dêstes nos dão tanta consolação, que pôde mitigar a dôr que recebemos da malícia dos vivos, e com tudo trabalhamos com muita diligência em a sua doutrina, os admoestamos em públicas prèdicas, e particulares práticas, que perseverem no que têm aprendido, confessando-se e comungando muitos cada domingo.

Vêem tambem de outros lugares onde estão dispersados a ouvir as Missões e confessar-se, maximè quando querem ir á guerra. A' confissão e mais sacramentos têm muita reverência, e tanto, que muitas vezes afirmam os enfermos que se lhes abrandam as dôres depois da confissão. Assim não ha dúvida, que se acharia muito fruto neles se estivessem juntos, onde se pudessem doutrinar, de que se fez agora experiencia na Baía (170), onde juntos em umas grandes aldeias por mandado do Governador, aprendem mui depressa a doutrina e rudimentos da Fé, e dão muito fruto, que durará em quanto houver quem os traga a viver naquela sujeição que temos.

Nas Festas principais, maximè quando se celebra o Nascimento, a Paixão do Senhor, concorrem a Piratininga de todos os lugares, comarcas, quasi todos muitos dias antes; estão presentes aos Divinos Officios e Procissões, disciplinando-se até derramar sangue, para o que muito antes aparelham disciplinas com muita diligência. O mesmo fazem em outros tempos, quando por alguma necessidade se fazem procissões. O Officio das Trevas fazemos na Igreja sem canto, que concluimos tomando uma disciplina com tres *miserere*. Tambem prègamos a Paixão, infundindo grande devoção e muitas lágrimas nos ouvintes, as quais tambem derramam em abundancia nas confissões e comunhões. Tambem se lhes ensina a rezar particularmente, e para isto lhes damos rosarios, para que dizendo muitas vezes Ave Maria tenham principal amor e de-

voção a Nossa Senhora. Estes rosarios fez Jacome (171), ao tórno, mui polidos, o que ele nunca aprendeu, nem exercitou esta arte, porém constrangido pela obediencia e caridade, sendo esta obra nunca antes dele usada, e ainda se fez de mestre de alguns escravos que gastam nisto algumas horas, maximè em fazer rosarios, os quais distribuidos, assim aos Indios, como a nós outros Cristãos, não são pequenos incitamentos de devoção.

Para não deixar de dizer, pois, o que vem a proposito, quasi nenhuma arte das necessarias para o comum uso da vida deixam de fazer os Irmãos; fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpercatas de um fio como canhamo, que nós outros tiramos de uns cardos lançados n'agua e curtidos, cujas alpercatas são mui necessarias pela aspereza das selvas e das grandes enchentes dagua (172): é necessario passar muitas vezes por grande espaço até a cinta, e algumas até ao peito, barbear, curar feridas, sangrar, fazer casas e cousas de barro, e outras semelhantes cousas não se buscam fóra, de sorte que a ociosidade não tem lugar algum na casa.

Prosseguindo, pois, o meu proposito, procedem os Indios na doutrina da Fé, e em lugar dos catecumenos, que de Piratininga se foram, vieram outros de diversos lugares, que se vieram unir segundo a vida Cristã, fizeram casas de táipa para sempre morarem, para os quais deu grande ajuda o Padre Afonso Braz com incangavel trabalho.

Vêm-se em muitos, maximè nas mulheres assim livres como escravas, mui manifestos sinais de virtude, principalmente em fugir e detestar a luxuria, e que como seja comum ruina do genero humano, nesta gente parece que teve sempre não só imperioso senhorio, mas tambem tirania a mais cruel, que como seja verdade, é para espantar e digno de grande dôr, quantas vitórias e triunfos alcançam dela: sofrem as escravas que seus senhores as maltratam com bofetadas, punhaladas, açoutes por não consentirem no pecado, outros desprezando-as, as oferecem aos mancebos deshonestos, a outras por fôrça querem roubar sua castidade, defendendo-se não sòmente, repugnando com toda a vontade, mas com clamores, mãos e dentes, fazendo fugir aos que tentam forçá-las. Uma que foi por um acometida, perguntada de quem era

escrava, respondeu “— De Deus sou, Deus o meu Senhor, a quem te convém falar, se queres alguma cousa de mim”, — e com estas palavras ficou vencido, confundido, contando a outros com grande admiração.

Indo outras a trabalhar por mandado do senhor, seguidas de um moço desavergonhado, como quisesse levar por fôrça a uma delas, correram as outras depressa, exortando-a a propulsar aquela injúria, livrando a sua conserva, acharam ao homem em empurões, de lodo em lodo, e pó, em que bem se poderá considerar a facilidade da torpeza e maldade que queria cometer. Podia acrescentar a êstes muitos outros exemplos, que cada dia achamos, pelo que se pôde claramente ver, quanto vale ácêrca de muitos pela Divina Bondade, as exortações contínuas dos Irmãos, mas disto facil cousa será conhecer quanto seja a fôrça e virtude da palavra Divina, que pôde fazer correr das pedras copiosas fontes dagua que alegrem a soberana Cidade de Deus.

Assim, nas cousas da doutrina se trabalha com muito estudo e cuidado, assim em Piratininga, onde ultra da comum ordem em que cada dia dos meses são chamados á Igreja, de noite se ajuntam muitos machos em casa, dando-lhes sinal para isto, cujas mulheres e escravas trabalham com muita diligência em aprender o que conduz para a sua salvação, confessando-se muitos, e communhando todos os Domingos, vindo aos Sermões e Offícios Divinos. No que trabalham os Irmãos que têm a seu cargo, principalmente o Padre Luiz da Grã, com um trabalho incançavel e contínuo, procurando a salvação das almas; tres, quatro e cinco vezes reparte o pão da doutrina aos famintos, e tão alegremente se ocupa em ensinar dois ou três, como se estivesse a Igreja cheia, pondo grande cuidado em visitar os enfermos, admoestar particularmente a uns e a outros, e ouvir confissões.

Os dias passados, depois do sol posto, veio um grandissimo vento com chuva de granizo (173), que fazia tremer as casas, arrebatou os telhados, e fez grande estrago nos bosques: mandou o Padre que se ajuntassem os escravos, e o solito confugio da oração, e tomando comsigo ao Irmão Manuel Chaves intérprete, andava de casa em casa visitando a todos, para saber se havia acontecido al-

gum desastre com a caída das casas, acudindo com a medicina corporal e espiritual, e a todos fez ajuntar na Igreja, que parecia lugar mais seguro, admoestando-os, que pedissem a Divina ajuda: alguns velhos doentes e meninos fez trazer á casa até o outro dia, que finalmente em todos se viu também um sinal da Divina Sabedoria, que parece que nenhuma cousa se podia, e devia fazer melhor do que se fez. Pelo que, não sem razão, estiveram todos com o Padre, assim Indios como os Portugueses, a quem também prêgou mui a miudo aqui, e em outras povoações com grande edificação dos ouvintes.

Muita cousa parece que se conta dos Indios, ás quais ajuntei algumas, de suas guerras, nas quais como tinham posto quasi todos os seus pensamentos e cuidados, e neles se se pudesse ver, quão vagas são a virtude e doutrina da vida Cristã, os dias passados sendo encontrados os inimigos vieram a um lugar, e tomáram muitos cativos. Um deles dizia haver de se matar em uma povoação perto de Piratininga; com seus cantos vimos as festas como é costume: sabendo o Padre Luiz da Grã foi a ela, para batizar aos moradores, que não quizessem cometer aquela maldade, prometeram-lhe que não haviam de deixar sujar seu lugar em que havia tantos Cristãos com derramamento de sangue inocente. Mas como houvesse fama que se aparelhava todo o necessario para a morte, tornou lá uma e outra vez, estando aquela aldeia quatro milhas de Piratininga, e os que já eram batizados promettessem que tal não se faria, todavia um só cativo infiel, que havia ali, vindo doutra parte para ganhar aquela misera e torpissima honra, induzido por conselho de algumas velhas, determinou matá-lo, e tomar o seu nome e insignias de honra. Sabendo nós outros que assim estava determinado, fomos lá, como quem iam negociar em outra cousa, porque nos escondessem como costumam, para que o batizassemos, e a sua alma inocente fosse participante dos gozõs eternos. Era um menino inocente até tres anos, mui elegante e formoso, que fizemos trazer deante de nós outros, e batizamos, pesando-nos, uma parte por se haver de matar um menino inocente com tanta crueldade, e em cuja morte tantos vi, já batizados, haviam gravemente pecar, e por ou-

tra parte alegramo-nos muito, porque logo sua inocente alma havia de ir passar-se á vida eterna. Isto acabado, e já a causa estava segura, e não havia perigo de esconder: começamos diante de muitos a detestar aquela maldade, e notar-lhes de cobardes e frouxos que queriam em meninos pequenos vingar as injurias e mortes que recebiam dos inimigos, e ameaçar-lhes com o Divino Juizo, e com a morte, se fossem comer o menino já batizado. Depois de alguns dias estando nós outros ausentes, o matáram com as costumadas solenidades, mas não o comêram, estando presentes alguns dos moradores; e outros que já haviam deixado mais altas raizes na Fé, foram para outros lugares, não querendo manchar os olhos com tal espetaculo (174). E' tambem muito para espantar e dar muitas graças ao Todo Poderoso Deus, que nem estes, nem os outros dos lugares vizinhos que já em algum tempo ouviram de nós outros, e ainda agora muitas vezes ouvem a palavra de Deus, não comam carne humana, não tendo eles sujeição alguma, nem medo dos Cristãos.

Ainda contarei outro exemplo que dará muita alegria. Pouco ha que cativáram outro, que leváram a um lugar para matar, e detendo-se uma noite em Piratininga, foram os Irmãos a combatê-lo com as armas da palavra Divina, a ver se podiam tomar aquela Fortaleza, que ha tanto tempo havia estado occupada de Satanaz, e convertê-lo ao senhorio de nosso Salvador. Logo ao primeiro combate fugiu o demonio, que estava na sua alma, querendo perdê-lo para a Fé: era um moço que parecia ter quinze anos, de um bom natural, e respondia com tanta prontidão e fervor de coração ás cousas da Fé, que lhes perguntavam, que parecia havê-las aprendido: instruido pois pelos Irmãos, foi advertido que se oferecesse com bom coração ás injúrias que os Indios lhe fizessem. No seguinte dia foi levado a outro lugar, e o seguiu o Padre Afonso Braz á tarde, e os Irmãos Manuel de Chaves e Gonçalo d'Oliveira (175), intérpretes. Perguntando-lhe depois o Irmão Gonçalo, que tomou o cuidado de o instruir, como o haviam tratado, respondeu: "Uma vez sòmente me deram uma punhalada, mas recordando-me das tuas palavras, não a senti". Tomáram então os Irmãos a seu cargo de o instruir mais perfeitamente na

Fé, e defendê-lo dos que lhe quisessem fazer algumas injúrias, que naquele tempo costumavam fazer aos moços. Davam-lhe também uma moça, como era costume, para manceba e guardadora; mas os Irmãos não o consentiram, e o mesmo o aborreceu muito, dizendo que nunca fôra encasado com o pecado. Não faltaram Índios que queriam o sacassem do poder dos escravos, e o enviassem para as casas a bailar toda a noite, e como não quisessem os escravos, lhes falaram palavras insolentes e injuriosas. Outros, passando junto do moço, lhe diziam: — “Morrerás”, — que era palavra solene daquele tempo, o que ele não sentia; e como os Irmãos o quisessem proibir, diziam-lhes que o deixassem, e já ele não sentia aquela cousa. A’ meia noite o batizáram, estando mui bem instruido na Fé, e admoestado que se entregasse todo a Deus, e se esquecesse desta vida em que tão pouco havia de estar: mas o Senhor que o havia predestinado, *ab eterno*, estava já tão apoderado da sua alma, que não lhe deixava pensar nem dizer outra cousa. E porque o Irmão Manuel de Chaves perguntasse que determinavam os inimigos, se nos queriam fazer guerra, como soiam, respondeu-lhe: — “Oh, meu avô, deixa agora isso, que me quero ir para Deus.” Um pouco antes da manhã em que o haviam de matar, um Indio de Piratininga, Cristão mui estimado entre nós, fez uma fala ao redor dele e casas (como é costume) admoestando aos seus que deixassem aos Irmãos fazer com o inimigo tudo que julgasse ser necessario para a sua alma, sem o que o teriam por inimigo e destruidor. Vindo a alva, quando a sua alma havia de ser vestida dos resplendores do Sol da Justiça, o levaram para o terreiro, estando presente uma grande multidão, atado pela cintura com cordas compridas, pegando muitos por uma parte, e a outra toda solta, chegou-se a ele, o que o havia de matar, usando primeiro das suas ceremonias e ritos com a solene palavra — “Morrerás”. — Gritáram-lhe os Irmãos que se pusesse de joelhos, o que logo cumpriu, levantando os olhos e as mãos para os Céus, chamando pelo Santissimo Nome de Jesus, lhe quebrou a cabeça com um pau, e vôou a alma ditosa da gloria imortal dos Céus. Praza ao Senhor que tal morte nos dê, sendo-nos quebrada a cabeça por amor de Cristo. Ao morto lhe tiráram as cordas, o

deixáram sem fazer mais cousa alguma, e os Irmãos o meteram em uma rede, e trazendo-o ás costas para Piratininga, o enterráram na Igreja para se entoar canticos justos pela vinda do Senhor (176). Bemdito seja Deus, cuja infinita sabedoria chama de diversas partes os seus escolhidos, para que ocupem o número daqueles que hão de ser admitidos á sorte dos filhos de Deus.

Dos moços que falei no princípio foram ensinados não só nos costumes Cristãos, cuja vida quanto era mais diferente da de seus pais, tanto maior ocasião dava de louvar a Deus e de receber consolação, não queria fazer menção por não refrescar as chagas, que parecem algum tanto estar curadas; e daqueles direi somente, que chegando aos anos da puberdade, começaram a apoderar-se de si, vieram a tanta corrupção, que tanto excedem agora a seus pais em maldade, quanto antes em bondade, e com tanta maior senvergonha e desenfreamento se dão ás borracheiras e luxurias, quanto com maior modestia e obediência se entregavam dantes aos costumes Cristãos e divinas instruções. Trabalhamos muito com eles, para os reduzir ao caminho direito, nem nos espanta esta mudança, pois vemos que os mesmos Cristãos procedem da mesma maneira.

Quanto aos Indios do sertão, muitas vezes estamos em guerra com eles, e suas ameaças sempre padecemos: matáram ha poucos dias a alguns Portuguezes que vinham do Paraguai, ficando ensoberbecidos com esta maldade, ameaçando-nos com a morte. Tambem os inimigos com continuos assaltos que dão nos lugares, destróem os mantimentos, e levam a muitos cativos. No ano passado deram em uma casa aqui junto da Vila, e cativaram muitas mulheres que tinham saído de casa, e iam fugindo: embarçando-se nas canôas as leváram, mas entre aqueles uma mestiça, que frequentava aqui a doutrina e confissões, com animo varonil resistiu aos inimigos para a não levarem, e como trabalhassem muito para a embarcar, e não podiam conseguir, a matáram com feias feridas, e é de supôr que ela obraria com aquella intenção, que muitas vezes dizia ás outras que andavam na mesma doutrina, principalmente um dia antes que a matassem, quando se despedira delas, a quem costumava dizer, que, se os contrarios dessem

em casa de seu Padre e a cativassem, não havia de se deixar levar viva, para que a não tomassem por manceba, como faziam a todas as outras, porque se havia de deixar antes matar do que ir com eles, pois sabia de certo que corria perigo padecer fôrça a sua castidade.

Antes disto vieram outros, e, com eles, quatro Franceses, que, com o pretexto de ajudar aos inimigos na guerra, se queriam passar para nós outros, o que não puderam fazer sem muito perigo. Estes, como depois se supôs, apartaram-se dos seus, que estão entre os inimigos em uma povoação que chamamos Rio de Janeiro, daqui a cincoenta leguas, e têm trato com eles; fizeram casas, e edificaram uma torre mui provida de artilheria, e forte de todas as partes, onde se dizia serem mandados por El-rei de França asenhorearem-se daquela terra (177). Todos eles eram hereges, aos quais mandou João Calvino dois que lhes chamam Ministros (178), para lhes ensinar o que haviam de ter e crer. Daí a pouco tempo, como é costume dos hereges, começaram a ter diversas opiniões uns dos outros, mas concordavam nisto que servissem a Calvino e a outros letrados, e logo que eles respondessem isto, guardariam todos. Neste mesmo tempo um deles (179) ensinava as artes liberaes, grego e hebraico, e era mui versado na Sagrada Escritura, e por medo do seu Capitão que tinha diversa opinião, ou por querer semear os seus erros entre os Portugueses, uniu-se aqui com outros tres companheiros idiotas, os quais como hospedes e peregrinos foram recebidos e tratados mui benignamente. Este que sabe bem a lingua espanhola, começou logo a blasonar que era fidalgo e letrado, e com esta opinião, e uma facil e alegre conversação que tem, fazia espantar os homens para o estimarem. Escreveu tambem uma breve carta ao Padre Luiz da Grã, que então estava em Piratininga, na qual lhe dava conta de quem era, e o que havia aprendido, dizendo que depois que o mestre de sua adolescencia, varão singular, o havia metido nas escolas das *Pierides* (180), havia bebido da fonte cabalina amenissimos arroios de sabedoria, e se havia passado ao estudo da Sacra Teologia e Divina Escritura, a qual para mais facilmente poder alcançar, havia aprendido a lingua Sacra, isto é a hebrêa, dos mesmos

Rabís, dos quais tinha ouvido de muitos peritos, e que praticaria com o Padre quando se vissem. Estas consas quasi comprehendia no fim da Epistola, que concluiu com um distico. Passáram-se muitos dias quando começou a arrotar do seu estomago cheio de fedor dos seus erros, dizendo muitas cousas sobre as imagens dos Santos, e o que aprovava a Santa Igreja do Sacratissimo Corpo de Cristo, do Romano Pontifice, das Indulgencias, e outras muitas que adubava com certo sal de graça, de maneira que ao paladar do povo ignorante não só não pareciam amargas, mas mesmo doces.

Sabendo isto o Padre Luiz da Grã, veio logo de Piratininga a opôr-se á pestilencia, e arrancar as raizes inteiras dêste mal que começava o brotar. Tendo receio disto, e pensando que tal bastasse para indignar o Padre, e torná-lo suspeito, se porventura fugisse dele, mandou-lhe logo uma invectiva, cujo princípio era este: *Adeste mihi cœlitos, afferte mihi gladios ascipites ad faciendam vindictam in Ludovicum Dei osorem &c.*, na qual o acusava e reprehendia mui grandemente porque não repartia o pão da doutrina com os Portugueses, por trabalhar na conversão dos Infieis, e disto se nos amontoou muitas outras cousas, com que esperava se exasperaria o Padre. Mas o Padre que tratava da causa de Deus não fugiu, tendo mais respeito á comum salvação de todos, que á sua propria glória; foi ao Vigario, requerendo que não deixasse ir adeante esta peçonha luterana, e com sermões publicos admoestasse ao povo que se acautelasse daqueles homens, e dos livros que trouxeram cheios de heresias. Porém o vulgo imperito, em frequentes práticas, louvava aos Franceses, maravilhando-se de sua sabedoria e eloquencia, apregoando os conhecimentos que tinham dos atos liberais, e pelo contrario caluniava ao Padre Luiz da Grã, dizendo, que enojado pela invectiva que lhe mandára, o perseguia. E o que é mais, já a pestilencia pouco a pouco grassava nos corações incautos da imperita multidão, que sem dúvida muitos se infeccionáram da peçonha mortal, sem haver a menor resistencia. Tanto valeu de repente a sua autoridade deante de todos, que muito se diminuiu a do Padre, que todos tinham em muita reputação, por seu exemplo de vida e singular doutrina. Depois

XI. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

disto o mandáram para a Baía, para lá se conhecer mais amplamente da sua causa, e o que lá e aqui se fez ácerca dele, e para que por cartas particulares se saiba e não é cousa que convenha para carta geral, calarei: sómente direi que se tratou a cousa de maneira, que terá Vossa Paternidade ocasião de grande dôr, considerando quão pouco caso se fez entre os Cristãos fieis da causa da Fé.

Dêste, soube o Governador os projetos dos Franceses e com naus armadas veio combater a fortaleza (181). Daqui foi socorro em navios e canôas (182), e nós outros demos o costume socorro de orações, além das particulares que fazia cada um: diziam-se cada dia umas litâneas na Igreja, acabada a missa: também se mandou daqui um Padre (183), com o Irmão intérprete (184), a rogos do Governador, para que se occupasse em confessar os soldados, e ensinar aos Indios que com eles haviam vindo. Voltou o Irmão mui doente de febres e cameras de sangue, pelo muito trabalho e frio que sofreu, mas logo sarou pelo favor da Divina Bondade.

Era a fortaleza mui forte, assim pela natureza e situação do lugar, toda cercada de penhas, que se não podia entrar senão por uma subida estreita e alta por rochas, como pela muita artilharia, armas, alimentos, e grande multidão de barbaros que tinha, de maneira que pelo juizo de todos era inexpugnável. Acometeram (185) com tudo isto por mar e por terra, confiados no Poder Divino e no seu proprio: defendiam-se os Franceses com os inimigos, travando-se grande e cruel peleja: de ambas as partes morreram muitos, e os mais deles dos nossos, e veio a tanto, que já tinham perdida a esperança da vitória, e tomaram conselho como sem perigo se poderiam embarcar e transportar as munições que estavam em terra, como pelos perigos, o que por certo não puderam fazer sem morrerem muitos; mas tendo os nossos cometido cousa tão árdua, e ao parecer de quasi todos temeraria, pela justiça e fé foram ajudados do Senhor dos Exercitos, e quando já nos navios não havia polvora, e os que pelejavam em terra estavam desfalecidos pelo muito trabalho, fugiram os Franceses, desampararam a torre, recolhendo-se ás Povoações dos barbaros em canôas, de maneira

que é de crêr que muitos fugiram mais com o espanto que lhes pôs o Senhor que com as fôrças humanas. Tomou-se, pois, a fortaleza, em que se achou grande cópia de cousas da guerra e mantimentos, mas cruz alguma, imagem de Santo, ou sinal algum de catolica doutrina se não achou, mas grande multidão de livros hereticos, entre os quais (se por ventura isto é sinal de sua reta Fé) se achou um Missal com imagens roidas. Socorra o Senhor as suas ovelhas.

Com o Governador veio o Padre Manuel da Nobrega (186), mui doente, magro, com os pés e cara inchada, pernas cheias de postemas, e com outras muitas enfermidades, das quais, como aqui chegou, começou a se achar melhor, e esperamos na bondade do Senhor que pouco a pouco lhe irá dando saúde. Os Irmãos tambem adoecem ás vezes, mas em breve tempo convalescem; os quais com entender com a saúde dos proximos muito mais trabalham pela sua, servindo ao Senhor com alegria, dando-se aos solitos exercicios da oração, obediencia e humildade, e exortando-se com muitas práticas á virtude. A maior parte está sempre em Piratininga, onde alguns filhos de Portugal aprendem gramatica: aqui estão sempre dois sacerdotes. O Padre Luiz da Grã não tem assento firme para melhor acudir a todos: agora está em Piratininga, onde har muitos Portugueses com toda a sua familia, e aí e em outros lugares vizinhos trabalha na doutrina dos Indios, agora aqui, e em outros lugares ao derredor procurando o proveito espiritual dos Portugueses e seus escravos. Ha pouco recebemos cartas em que se lhe encomendava o cargo desta Provincia (187), o que ele disse aos Irmãos, chamando a todos na Igreja, e mandando-os sentar, posto ele de joelhos (188), acusando-se gravemente, afirmando não ser apto para tal cargo, e depois prostrado por terra, beijando os pés a todos os Irmãos. Isto é, Reverendo em Cristo Padre, o que queria saber daqui; resta que com assiduos rogos encomende a Nosso Senhor êstes minimos filhos da Companhia, para que possamos conhecer e perfeitamente cumprir sua Santissima Vontade.

Colegio da Ilha de São Vicente, ano de 1560, o 1º de Junho.

Minimo da Companhia de Jesus.

XI. — CARTA DE S. VIOENTE (1560)

NOTAS

(168) Copiada no livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil*, cit., fl. 79, em castelhano. Pbl., vertida para o português, nos *Anais do Rio de Janeiro*, de Baltazar da Silva Lisboa, VI, páginas 111-139, e reproduzida no “Diário Oficial”, do Rio, de 8, 17 e 24 de janeiro de 1884, por Teixeira de Melo, que tomou com o texto a liberdade de suprimir os trechos mais realistas. Antonio de Alcantara Machado pbl., no original castelhano, cêrca da quarta parte final desta carta, na sua memória *Anchieta na Capitania de São Vicente*, Rio, 1929, p. 83-6.

(169) Superstição universal essa, ainda hoje subsistente, de colocar sobre a parturiente reliquias e imagens de santos, sobretudo a cintura de Santa Catarina.

(169-A) Cf. Gandavo (*Trat.*, p. 51-2) no trecho em que se refere ao costume indígena de dar, ao cativo, condenado á morte, “uma india moça, a mais fermosa e honrada que ha na aldeia, pera que durma com ele”: “E se a moça que dormia com o cativo fica prenhe, aquela criança que pare depois de criada, matam-a e comem-a (...). E porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que morra” (ou “mova”, como registra a ed. das *Notícias Ultramarinas* e escreve Anchieta, dando a mover o sentido de abortar).

(170) Em 1558, logo depois de tomar posse do govêrno, Mem de Sá, a conselho de Nobrega, para estabelecer a paz entre os Índios da Baía e facilitar a sua catequese, promulgou três leis, “sob graves penas”: “Primeira, que nenhum de nossos confederados ousasse dali em diante comer carne humana. Segunda, que não fizesse guerra, senão com causa justa, aprovada por ele e os de seu conselho. Terceira, que se juntassem em povoações grandes, em fórrna de repúblicas, levantassem nelas igrejas, a que acudissem os já cristãos a cumprir com as obrigações de seu estado, e os catecumenos á doutrina da Fé; fazendo casas aos Padres da Companhia pera que residissem entre elles, a fim da instrução dos que quisessem converter-se”. Assim, foram fundadas “quatro poderosas aldeias”: São Paulo, São Tiago, São João e Espirito Santo (S. de Vasc., *Cron.*, l. 2, ns. 50-2). — Cf. *Inf. dos Prim. Aldeiam.*

(171) Diogo Jacome (v. nota 22).

(172) V. nota 50.

(173) Of. S. de Vasc. (o. c., l. 2, n. 86) e v. Carta X.

(174) Cf. S. de Vasc. (o. c., l. 2, n. 87).

(175) V. nota 660.

(176) Cf. S. de Vasc. (o. c., l. 2, n. 88).

(177) Villegaignon chegou ao Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1555. Depois de tratar se estabelecer na ilha da Lage, construiu na então Seripe (hoje Villegaignon) uma torre a que deu o nome de Coligny.

(178) Com a expedição de Bois le Comte, sobrinho de Villegaignon, chegaram ao Rio de Janeiro, em 7 de março de 1557, quatorze enviados da

JOSEPH DE ANCHIETA

Igreja de Genebra, entre os quais dois pastores, Guillaume Chartier e Pierre Richier, e o estudante de teologia Jean de Léry (J. de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil*, ed. Gaffarel, 1880, I, p. 42-4).

(179) Jean des Boulez ou Jeanes de Bolés, o Jean Cointa de Léry (o. c., I, p. 90). Vindo com Bois le Comte em 1557, foi expulso do forte de Coligny por Villegaignon e refugiou-se com outros franceses na aldeia de Olaria. Em 1558 ou 1559 chegou á fortaleza da Bertioiga (São Vicente), com a notícia da invasão dos tamoios chefiada por artilheiros franceses, denúncia que foi a sua vingança contra Villegaignon e lhe valeu o reconhecimento dos vicentinos. Turbulento, inteligente, falando perfeitamente o espanhol, começou logo a hostilizar os jesuitas e escreveu uma invectiva que mandou a Luiz da Grã, que descera de Piratininga para desmascará-lo. Entregue á justiça eclesiastica, foi remetido para o Norte. Esteve em Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco e Baía, onde pôs Mem de Sá ao par dos acontecimentos do Rio de Janeiro. Em 1560, tornou ao Sul na armada do governador que desalojou os franceses da fortaleza de Coligny, tomando parte no combate, que auxiliou grandemente com suas informações. Seguiu depois para Santos, onde o vigário Gonçalo Monteiro, na qualidade de ouvidor eclesiastico e a requerimento do padre Luiz da Grã, ordenou uma devassa, afim de apurar as heresias de que era acusado Bolés. Alegava Luiz da Grã que a devassa feita, por ocasião da primeira estada do francês na Capitania vicentina, se perdera. Na segunda depuseram os jesuitas Nobrega, Anchieta, Fernão Luiz e alguns moradores, entre os quais José Adorno. Absolvido pelo ouvidor eclesiastico, que não achou nos depoimentos prova de "coisa importante nem que obrigue" e apelou da sentença para o bispo d. Pedro Leitão, embarcou Bolés na náu de Estacio de Sá, que voltava para Portugal. Ao arribar a nau na Baía, a 28 de dezembro de 1560, foi prêso, a mandado do bispo, e recolhido ao carcere. Instaurado o auto de culpas, tomaram-se, entre outros, os depoimentos de Estacio de Sá e dos jesuitas Gaspar Pinheiro e Adão Gonçalves. Finalmente, já em meados de 1563, advocada a causa pelo cardeal d. Henrique, Bolés foi remetido para o Reino, na nau *Barrileira*, de que era "mestre e senhorio" Gonçalo Dias da Ponte. Entregue, a 23 de outubro do mesmo ano, ao alcaide do carcere da Inquisição de Lisboa, respondeu a processo, durante o qual requereu uma justificação dos serviços prestados no Rio de Janeiro. O Tribunal, por acórdão de 12 de agosto de 1564, recebeu-o na Santa Madre Igreja, como pedia, sob condição de abjurar seus "hereticos errores" e condenou-o "em pena e penitencia" ao carcere, "pelo tempo que parecer aos Inquisidores". Recolheu-se então Bolés ao mosteiro de São Domingos, onde não chegou a ficar três meses por lhe ter sido logo permitido cumprir em liberdade o resto da penitencia. Mas tarde foi desterrado para a India. E', assim, redondamente falso que tenha sido executado em 1567 no Rio de Janeiro, com Anchieta feito seu assistente espiritual (Anch., *Inf.* de 1584; *Cart. Av.*, XLVIII, e nota 192 de Afranio Peixoto; *Processo de João de Bolés e justificação requerida pelo mesmo*, "An. da Bibl. Nac.", XXV, p. 215-308; *Instrumento dos serviços de Mem de Sá*, l. c., XXVII, p. 129 e seg.; *Den. da Baía*, nota de R. Garcia, p. 331; Candido Mendes, "Rev. do Inst. Hist.", XLII, parte II, p. 141-205; Ramiz Galvão, "Revista Brasileira", Rio, I, p. 283; Capistrano, nota a Varnh., o. c., 3ª ed., I, p. 454-5, e *Prol.* ao l. III de frei V. do Salvador, o. c., 3ª ed., p. 140-1; Celso Vieira, *Anchieta*, 2ª ed., Rio, 1930, p. 76-86). — Sôbre a vida de Jean Cointa ou Cointat (também conhecido pelo nome de Hector e doutor em teologia pela Sorbonne) no Forte de Coligny, a sua conversão com Villegaignon ao protestantismo, seu casamento com

XI. — CARTA DE S. VICENTE (1560)

uma francesa e as disputas teologicas que tornado sinceramente ou não ao catolicismo, sustentou contra os pastores de Genebra, v., além do livro citado de Léry, o capítulo por este escrito para a obra de Jean Crespin, *Histoire des Martyrs persécutez et mis à mort pour la vérité de l'Evangile, etc.* (que teve várias edições a partir de 1554, sendo mais completa a datada de Genebra, 1619) e a *Histoire du Brésil Français au seizième siècle* de Paul Gaffarel (Paris, 1878), onde aliás vem reproduzido em appendice o capítulo que Léry escreveu a pedido de Crespin. Note-se que, segundo Gaffarel, Cointa veio ao Brasil com Villegaignon, em 1555 portanto. Mas as declarações, não só de Léry, como do proprio aventureiro e das testemunhas por ele anotadas na justificação constante do seu processo perante a Inquisição, provam que Cointa chegou em 1557, na frota de Bois le Comte. Leia-se ainda a carta de "Villegaignon, reproduzida pelo mesmo Gaffarel (o. c., p. 401), em que o fundador da França Antartica se refere a "un iacobin renyé, nommé Iehan Cointat, homme d'entendement prompt e versatile", que em Paris se reuniu aos enviados de Calvino, que Bois le Comte trouxe ao Rio de Janeiro. A carta é bastante curiosa, revelando que Bolés "voulut suivre une doctrine à part": "il se mist à deffendre et publier la confession d'Auguste, et sans dissimuler, impugner la doctrine de Calvin". Acrescenta Villegaignon que Cointa acompanhou os calvinistas, quando estes, deixando o forte de Coligny, habitaram durante dois meses a aldeia de Olaria, antes de seu embarque para a Europa, em 4 de janeiro de 1558.

(180) Nome dado ás filhas de Pierus, rei da Macedonia, como também ás Musas. ou porque vencessem aquelas no torneio a que se refere Ovidio (*Met.*, l. V), ou porque residissem no monte Pierus ou Pierius, na Tessalia (*Mitol.*).

(181) Em novembro de 1559 aportou á Baía, sob o comando do capitão-mór Bartolomeu Vasconcelos da Cunha, a armada enviada de Portugal para combater os franceses do forte de Coligny. Nos primeiros meses de 1560, Mem de Sá com duas naus e oito embarcações menores chegou á barra do Rio de Janeiro, onde ficou á esprea do refôrço de São Vicente.

(182) O socorro se compunha de um "fermoso bergantim artilhado, com algumas canoas de guerra, e soldados destros em semelhante genero, mamaluco e indios" (S. de Vasc. o. c., l. 2, n. 77).

(183) Fernão Luiz, por alcunha *Carrapeta*, de quem muito pouco se sabe. Foi recebido em São Vicente provavelmente, devendo ser ele o irmão Fernando, "moço de 15 até 18 anos", a que se refere Pero Corrêa em carta de 1551 (*Cart. Av.*, VII). Em 1561, na vila de Santos, sendo já ordenado de missa, depôs na devassa aberta para apurar as heresias de que era acusado João de Bolés (v. nota 179).

(184) Gaspar Lourenço, que foi recebido em São Vicente por Leonardo Nunes, no ano de 1549. Seguiu, como declara Anchieta, no socorro enviado em 1560 para tomar parte no combate ao forte de Coligny, de onde tornou enfermo a São Vicente. Restabelecido, seguiu para a Baía, a 25 de junho, com Luiz da Grã e outros irmãos, na frota de Mem de Sá. Chegado á Baía a 29 de agosto, aí se ordenou e, como "Cicero na lingua brasilica" (*Cart. Av.*, LIII) que era, grandemente auxiliou a obra de catequese. Quando irmão, "serviu sempre de intérprete das confissões ao padre Luiz da Grã" e foi por este escolhido em 1561, já padre, para em companhia do irmão Simão Gonçalves restaurar a casa de São João (*Cart. Av.*, XLV).

JOSEPH DE ANCHIETA

Com esse fim partiu da cidade do Salvador a 15 de março daquele ano, com escala pela aldeia de São Tiago, onde prêgou. Em 1562, acompanhou Luiz da Grã na visita às aldeias de São Pedro e Santo André. Ainda com o provincial, esteve depois na de Santa Cruz de Itaparica, onde os padres se demoraram cinco semanas. Voltando dessa ilha para a Baía, jogou-se ao mar com os índios afim de salvar a jangada em que faziam a travessia. Dois anos mais tarde, 1564, residiu de novo na aldeia de São João, com o padre Baltazar Alvares, e visitou com Grã a de São Paulo. Em janeiro de 1575, pelo provincial Inacio de Tolosa foi enviado com um irmão para iniciar a catequese do gentio do Rio Real, em cujas terras levantou as igrejas de São Tomé, Nossa Senhora da Esperança e Santo Inacio (esta na aldeia do principal Curubi). Passou em seguida ao Cirigi, onde construiu a igreja de São Paulo. Com a destruição das igrejas, em virtude da revolta dos índios deante dos agravos que lhes faziam os reinos, tornou o padre Gaspar Lourenço à Baía, com 1.200 almas. Indo depois ao sertão do Arabó, "trouxe outro golpe de gente" (*Inf. dos Prim. Aldeiam.*).

(185) O ataque se deu a 15 de março de 1560.

(186) Ao contrário do que afirma S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, numero 77), Nobrega, como observa Capistrano (nota a Varnh., I, p. 385), esteve presente ao combate contra o forte de Coligny. Para São Vicente, só soguiu, em companhia de Mem de Sá, depois de terminada a luta contra os franceses, segundo se depreende de suas proprias palavras na carta dirigida ao cardeal d. Henrique (*Cart.*, XXI).

(187) A patente de provincial trouxe-a a leva jesuita vinda com o bispo d. Pedro Leitão e que chegou à Baía a 9 de dezembro de 1559 (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 63-4).

(188) Era assim de joelhos que os jesuitas de Portugal recebiam sua indicação para as missões, costume inaugurado pelo padre João da Beira no Collegio de Coimbra em 1545, quando escolhido para seguir na primeira leva dali enviada para a India (B. Teles, o. c., I, p. 221-4). E foi tambem de joelhos e "beijando os pés a todos", como ele narra de Grã, que Anchieta em 1578 recebeu sua patente de provincial (Pero Rodrigues, *Vida do Padre José de Anchieta*, "An. da Bibl. Nac.", XXIX, p. 221).

XII

AO PADRE GERAL DIOGO LAINEZ, DE SÃO VICENTE, A 12 DE
JUNHO DE 1561 (189).

Partida do Padre Luiz da Grã para a Baía. — Nobrega em Piratininga. — O caminho de Paranapiacaba. — Visita ás aldeias dos antigos discipulos. — Morte de Caiubi e de um seu filho. — Notícias de Santos e Itanhaen. — Substituição do capitão-mór. — Mudança de Santo André da Borda do Campo para Piratininga. — Gregorio Serrão. — Assaltos dos Indios e desfôrço dos Portuguezes. — Pestilencia de camaras de sangue. — Morte do Irmão Mateus Nogueira.

No ano passado escrevi por duas vias o que o Senhor teve por bem obrar nestas partes, onde andamos na salvação das almas. Agora darei conta do que quererá saber Vossa Reverendissima para a consolação dos Irmãos, que desejam saber novas de nós outros, como nós outros as desejamos deles.

Depois da partida do Padre Luiz da Grã para a Baía de Todos os Santos, com o Governador, no mês de Junho, um dia depois de S. João Batista (190), se foi o Padre Manuel da Nobrega á Piratininga a visitar os Irmãos, os quais depois que chegou da Baía ainda não havia visitado por suas muitas enfermidades, de que se estava curando, que depois que um pouco convalesceu, se partiu logo, passando assás trabalho, por ter as pernas todas chagadas, lançar sangue pela bôca, e os caminhos serem mui asperos e despovoados, onde não ha conversação senão dos tigrés, cujas pisadas achamos muitas vezes frescas, por onde passamos; e é necessario onde se ha de pousar, fazer casa, ou por me-

lhora dizer, a cabana de novo de paus e ramos de palmas, e buscar lenha para fazer fogo de noite, porque não ha outras mantas para o frio, que é tão grande, que ás vezes somos forçados atizar o fogo mais de doze vezes, e assim passamos a noite, e nela sem poder dormir, e o que é melhor, que acontece ás vezes não ter fogo, nem na cabana, e passar toda a noite no bosque ao frio e chuva, cobertos sòmente do divino amparo, por cujo amor isto se padece; ajunta-se a isto os homens, que por êstes caminhos desertos sempre acompanham os caminhantes.

Depois de estar em Piratininga alguns dias, nos mandou o Padre visitar as povoações dos Indios nossos antigos discipulos, os quais como que ha muito tempo tomando os costumes do Demonio, estão já afeiçoados a êste ruim mestre, que mui pouco querem aprender de nós outros. Porque ainda que ao princípio, quando estavam todos juntos algum fruto se fazia neles, maximè nas mulheres e meninos, depois que se dispersaram por diversas partes (como pelas letras passadas consta) nem se pode acudir com a doutrina, nem (o que é peor) eles a querem, e assim quando os visitamos por suas aldeias, parte pelos rios parte por terra, com não pequeno trabalho, recebem-nos como aos outros Cristãos Portuguezes, que querem tratar, e resgatar com eles como amigo, sem ter nenhum respeito á salvação de suas almas, ou doutrina de seus filhos, totalmente remetidos aos seus antigos e diabolicos costumes, exceto o comer carne humana, do que por bondade do Senhor parece que estão alguma cousa desarraigados, entre êstes a quem ensinamos verdades: que fazendo ainda grandes festas na matança dos seus inimigos, eles e seus filhos, ainda os que sabiam ler e escrever, bebendo grandes vinhos como antes eram acostumados, se não os comem, dão a comer a outros seus parentes, que de diversas partes vêm, e são convocados para as festas. Tudo isto vem deles não estarem sujeitos, e em quanto assim estiverem, difficil cousa será afastá-los do jugo de Satanaz, que se tem deles senho-reado. Praza ao Senhor que chegue já o tempo desejado, como aconteceu aos da Baía, com cuja conversão se podem nossos Irmãos consolar, e entretanto rogará Nosso Senhor pela conversão dêstes.

Não deixa porém o Senhor de chamar algum deles que tem

escolhido para o seu Reino, assim agora, ora de uma aldeia, ora de outra, vêm alguns a confessar-se, outros a batizar-se e morrer bem, e outros que não podem vir, mandam a pedir remédio de confissão, outros trazem seus filhos inocentes, de maneira que sempre se colhem alguns manipulos misturados com *fletu et labore*, assim em Piratininga, como quando os vamos a visitar pelas suas aldeias, e destas tais visitas, quando outro não achasse, se tira êste proveito, que se padece alguma fome, com cansaço e trabalho, por amor de Nosso Senhor.

Uma vez, depois de termos corrido todas as Igrejas, partimos delas por terra mui de manhã, por poder vir á missa, que era Domingo, e um Irmão saiu adeante, o qual assim por saber mal o caminho, como pela grande escuridade das nuvens, que muito tempo do ano duram quasi até 10 horas e são frigidissimas, pensando caminhar para a casa, tomou o caminho em contrário e perdeu-se, andando de campo em campo, de vale em vale, de monte em monte, sem achar caminho até quasi meio dia, que se desfez de todo a nevoa, e Nosso Senhor o encaminhou, sem ele saber o caminho que levava, direito á casa, bem molhado do frio, roxo e assás suado do trabalho e mui alegre no Senhor.

Contarei aqui de um manipulo, que poucos dias ha (segundo esperamos), se recolheu no granel celestial; êste era um velho (191), de mais de cem anos, que sendo morador em um outro lugar, duas leguas de Piratininga, como o disseram os Padres que se viesse a Piratininga para aprneder as cousas de Deus, logo deixou quanto tinha, e foi o primeiro que começou a povoá-la, vindo de certos a certos dias a buscar de comer com a sua gente a outro lugar, que pelo amor de Deus tinha deixado, onde tinha suas roças e fazendas, e quando havia de partir, vinha primeiro á Igreja dar conta a Nosso Senhor da sua partida, dizendo-lhe em sua lingua, posto que de joelhos: — “Senhor, eu vou a buscar de comer, hei de tardar tantos dias, guardai-me, que não me aconteça algum mal,” e outras muitas cousas desta maneira, as quais falava com tanta simplicidade, fazia com Deus como falava com os outros, a quem sempre pedia licença quando havia de ir á jornada; entrava primeiro que todos na Igreja a dar graças a Nosso Senhor, e a dizer,

o como tinha vindo, como prometera. E nesta fé e simplicidade permaneceu sempre, ouvindo cada dia missa, e prégando continuamente a seus filhos e netos, que tinha muitos, para que fossem bons, e cressem em Deus, e guardassem o que lhes ensinássemos. Trazia um bordão com uma cruz, que nós outros lhe demos, e tinha muita fé e esperança, e quando ia fóra, aquele era o seu arco e flechas que levava, e pelo qual dizia que o guardava Deus do mal, e dava larga vida: e certo que era para maravilhar, ver um homem de tanta idade, que se espantavam todos como tanto vivia, ser tão rijo e são, que parecia que cada vez se fazia mais mancebo, o que tudo (como era verdade) ele attribuia a Nosso Senhor, e seus desejos não eram outros senão de estar com seu Pai, que assim chamava a Deus. Chegando depois sua última enfermidade, recebida como dada da mão do Senhor, pondo nele toda a sua esperança, e desejo que sempre teve, chamando o sacratissimo nome de Jesus, até que não podendo falar a bôca, os olhos levantou ao Céu, chamando-o no coração, o que com a bôca já não podia, e assim se foi para ele, que tanto sua alma desejava. Deixou em testamento a seus filhos, que com ele estavam, que nunca se apartassem da Igreja e da doutrina dos Irmãos como havia feito, o que cumpriu muito bem um de seus filhos, que desde menino se havia criado com a doutrina dos Padres, que enfermado de uma longa doença, ia prostrar-se depois de muitas vezes se haver confessado, nos encomendou sua mulher e filhos para que vivessem e morressem em Piratininga junto da Igreja como havia vivido, e pediu o Sacramento da Extrema-Unção; e porque houvesse alguma pouca tardança em lhe trazer, tornou-me a dar pressa, dizendo que viessem logo, para que não morresse sem ele, e acabando de o receber com muita fé e devoção, rogou aos circunstantes, que o encomendassem a Deus, e daí a duas horas deu a alma a Deus.

Dêstes podia contar outros muitos mais dos escravos, que por ser de geração tão bestial, parece que dão maior ocasião de louvar a Deus, com sua muita fé e grande conhecimento que mostram e amor a Nosso Senhor. Praza a ele com sua Divina Bondade de chegar a tempo, em que, de dois a três meses, de todos se dê grande glória a Sua Magestade, e nós outros recebamos consolação. Deixo

XII. — CARTA DE S. VICENTE (1561)

de contar de muitos, que Nosso Senhor no estado de inocencia leva a seu Reino cada dia.

Com as mulheres e escravos dos Portugueses se faz muito fructo, e nisto nos occupamos muito, porque lhes é tão necessaria a doutrina das cousas da Fé, ao menos aos escravos e aos Indios; dêstes se batizam e confessam muitos, e se lhes dá estado de vida, casando-os, porque é quasi geral o costume da terra, não se lhes dando nada os senhores que tenham os seus escravos amancebados, e querendo mais o serviço deles, que a sua salvação, não têm conta com a sua doutrina, e os têm por suas fazendas espargidos, sem os fazer vir á Igreja, e não é de maravilha assim a maior parte deles estarem rudes nas cousas da Fé, e que mal sabem que ha Deus, de maneira que é tanta a negligência dos senhores, e nisto é tanta a perdição dos escravos, que temos por mui grande proveito occuparmos em sua doutrina.

Aqui em S. Vicente ha sempre concurso deles á doutrina e confissões, como é pelos outros Irmãos sabido; na outra Vila (192) se tem posto um Padre e um Irmão intérprete com que se faz muito fructo, doutrina e confissões. E' mui grande o concurso dos escravos *utriusque sexus*, de noite e de dia, a aprender e confessar-se, de maneira que quasi todo o dia se gasta em confissões, e se mais intérpretes houvera, muito mais se confessavam, e não é pequena desconsolação vê-los estar todo o dia esperando na Igreja. Em outro lugar de Portugueses, seis a sete leguas pela praia (193), se acode algumas vezes, porque quasi todos se confessam e comungam quando lá vamos, e os escravos nos não dão vagar nem de repousar de noite, posto que muito antes de manhã nos vêm a pedir confissão, desde então até a noite não cessamos. Seja o Senhor por tudo louvado.

Tambem de ida e vinda se colhe algum fructo, porque por toda aquella praia estão fazendas dos Portugueses, e sempre se acham por elas alguns escravos enfermos á morte, que se confessam, e apreciam bem morrer. Aqui se ordenou outra casa, que eles mesmos querem fazer por sua devoção, para quando os Irmãos lá fôrem, e para quando houver algum enfermo, por ser lugar são e aprazivel.

Aos engenhos de assucar se provê tambem com doutrinas e con-

fissões quando é possível, de maneira que, toda a gente da Capitania recebe serviço de nós outros, a quem eles correspondem com o amor que nos têm, o que muito se mostra neste segundo caso. Havendo os dias passados vagado o cargo de Capitão-mór e Ouvidor desta Capitania, por se acabar o tempo daquele que o era (194), e não prover El-Rei nem o Senhor da terra, foi necessario que o povo o elegesse, e como nêstes casos costumam haver parcialidade, bandos, e desasossêgo na terra, e nêste tambem se começava, porque um o pretendia ser com pouca razão, sem ser canonicamente eleito, por se evitar o que se temia, juntos todos os principais da terra, em que está o Governo, acordaram de comum consentimento, que um Padre da Companhia se achasse presente a tomar os votos, porque cessasse toda a suspeição, porque dele só confiavam, não permitiria fazer-se cousa injusta, e pedindo todos isto ao Padre Manuel da Nobrega, se achou ele presente, de que toda a terra queria ficar quieta e sossegada, crendo que ele havia vindo por vontade do Senhor, como é de crer, porque foi pedido com missas, orações, jejuns e disciplina.

De Piratininga, ainda que se apartassem os Indios dela, para viver mais livremente á sua vontade, todavia deixaram alguns, maximè da geração daquele velho de que arriba se disse, os quais perseveraram na fé firmes, e confessando a miudo aqueles, que creio muitos são salvos, e se salvaram. Além desta uma povoação de Portugueses, que estavam tres legoas apartados, se mudou para Piratininga por mandado do Governador a instancia dos Padres (195), porque estava em mui grande perigo dos inimigos corporais, dos quais estava já espiada, por caminhos que haviam aberto pelos bosques, donde sua terra temia-se cada dia a vir a destruir, ou ao menos saltear e matar alguns deles, ou seus escravos, como costumavam, e muito mais pelo grandissimo perigo em que estavam dos inimigos espirituais, pelos quais não só espiada, mas salteada e roubada estava muitas vezes, porque não tinham sacerdote, que lhes administrasse os sacramentos, e ainda que em suas enfermidades os socorriamos, e de noite por silvas muito espantosas; todavia sempre o diabo levava muitos dos seus escravos, aos quais muitas vezes não se podia remediar, que primeiro não morressem. Por estas causas

trabalhavam muitos os Padres que se passassem para Piratininga, onde agora estão muitos deles, quasi sujeitos á vontade e disposição dos Padres, no que toca ás suas almas, confessando-se e comungando nas Festas e Domingos do ano, e suas mulheres e escravos, e é para louvar a Deus ver o desejo e fervor que têm em aprender duas vezes cada dia, ensinados na sua lingua, onde se lhes declara as cousas mais importantes da sua salvação. E' pelo Irmão Gregorio Serião, que ao presente tem a seu cargo aquella Vila, por saber a lingua dos Brasileiros, e confessar a muitos a miudo, e tanto que se não póde satisfazer ás vezes aos seus desejos.

Está Piratininga posta em fronteira dêstes numerosos Indios, os quais muitas vezes se arruinam pelo pouco temor que têm dos Cristãos, e tanto que ha poucos dias vimos a uns poucos em uma fazenda dos Portugueses, e levaram, e mataram quatro ou cinco escravos, e de melhor vontade o fariam aos senhores, se os ajudassem a isso os outros seus parentes, os quais não querem consentir, porque parece, segundo mostram, que estimam a amizade e trato que têm com os Portugueses. Por outra parte têm os contrarios, que é uma grande geração daquela lingua e costumes dêstes, os quais estão tão perto, que em quatro ou cinco dias se pode vir de suas terras. Êstes nunca cessam por mar e por terra de perseguir aos Cristãos, levando os seus escravos, e matando-os, e a alguns deles mesmos, de maneira que sempre se vive em contínua inquietação e temor âeles, maximè agora que pelos matos mais bravos, e montanhas mui espantosas e desertas têm aberto caminhos por diversas partes, pelos quais vêm de suas terras a saltar as fazendas dos Portugueses sem haver quem lhes impida.

Por estas causas determinaram os moradores de Piratininga, com alguns mestiços, vendo que não se acudia a êstes males, fazer guerra a um lugar dos inimigos fronteiros, para que pudessem viver com alguma paz e sossêgo, e juntamente começassem a abrir algum caminho para se poder prègar o Evangelho, assim aos inimigos, como a êstes Indios, sôbre os quais já temos sabido, que por temor se hão de converter mais que por amor, e para isto se preparassem todos confessando e comungando, mais zelosos da honra de Deus e dilatação da Fé, que amigos de seus proprios interesses: foi com

eles um dos sacerdotes dos nossos, para lhes dizer Missa e prègar, e ir adeante levando a cruz (196), e um Irmão intérprete (197) para os Indios batizados, que com eles iam.

O seu caminho é desta maneira: vão primeiro por um rio algumas jornadas com armadilhas, as quais não são mais cada uma que o amago de uma árvore, mas tão grandes que numa cabem vinte a vinte e cinco pessoas com seus mantimentos e armas. Chegados ao ponto do primeiro rio para onde vão, saem fóra delas, e as levam ás costas por quatro ou cinco leguas dos bosques de mui maus caminhos, e que aí descarregados vão seguindo a jornada a entrar em outro rio, que está já em guerra com os inimigos. Partiram, pois, de Piratininga, onde então estavam esta Quaresma passada, dizendo o Padre cada dia missa, e prègando-lhes antes de chegar aos inimigos; tornaram-se a confessar e comungar muitos dêles, fazendo Igreja daqueles bravos e espantosos matos, e com isto lhes deu Deus Nosso Senhor grande vitória, destruindo o lugar, sem escapar mais que um só; sendo-lhes a cousa mais forte que até hoje se tem visto nesta terra de inimigos: e bem se pareceu nos muitos dêstes Indios que morreram e foram flechados, e dos Portugueses, que logo ao entrar os tomaram quasi todos, e mataram três, de maneira que só dez ou doze homens, com ajuda da Real Bandeira da Cruz que o Padre trazia adeante, animando-os, queimaram e assolaram o lugar, do qual virão muitos inocentes, que estão já metidos no gremio da Santa Igreja pelo batismo.

Enquanto eles andavam em guerra, meu ofício consistia em ajudá-los com orações públicas e particulares, repartindo a noite de maneira, que sempre havia oração até de manhã, e acabada a oração cada um tomava sua disciplina, e o mesmo faziam muitas mulheres devotas, e as mestiças fazendo sua disciplina, vigilia, e oração; e ordenou Nosso Senhor que a batalha se dêsse em dias de sua paixão, nos quais eram tantos os gemidos, chôros, e disciplinas no fim dos officios, de joelhos, assim os de casa como os de fóra, que toda a Igreja era uma voz de pranto que não podia deixar de penetrar os Céus, e mover ao Senhor a ter misericórdia de nós outos, tendo padecido assás trabalho dos homens que cansaram pelos caminhos desertos.

XII. — CARTA DE S. VICENTE (1561)

Depois da guerra hão tomado os Cristãos tão grande ânimo, que estão determinados a fazer guerra a êstes inimigos, até que eles vencidos se sujeitem, como se fez na Baía, e está agora aprêgoada a guerra, em que vai o Capitão com toda a mais gente da Capitania. Esperamos em Nosso Senhor, pois êste é o remédio com esta brava geração, se querem que favoreça aos Cristãos, para que não tenhamos inveja aos da Baía.

Êste ano nos castigou a Divina Justiça com muitas enfermidades, principalmente com camaras de sangue, que deram máximè nos escravos, de que morreram muitos, e tanto que parecia pestilência. Dois, três, quando muito quatro dias duravam com elas, que não morressem alguns, que outros escapavam. Isto nos tem dado muito trabalho, porque de dia e de noite não cessavamos de os confessar, e acudir com os remedios que podiamos, maximè em Piratininga, em que os Irmãos são médicos espirituais e corporais, e tudo pende deles, onde não havia casa sem doentes, e em algumas havia três e quatro, de maneira que bem se havia mister, dia e parte da noite, para os sangrar, curar, e confessar, e pela mesma diligência que os Irmãos nisso punham, não morreram ali tantos, como em outras povoações onde isto faltava: morreram muitos sem se confessar por as povoações serem muitas e nós outros poucos, e não poder acudir a todos.

Depois que tivemos curado a todos, o Senhor começou a dar-nos o galardão dos trabalhos, e isto foi fazer-nos participantes da mesma enfermidade das camaras de sangue, mas com elas e com febres, que sempre as acompanharam; foi necessario acudir uma noite a confessar uma India, que delas estava já quasi no fim. Deram primeiro em um Irmão, e como delas convalescesse, deram logo em outro, mas bexigas, e de que pensamos não escapasse; mas por bondade do Senhor já está bom. Esperavamos que como sarasse e dêsse em outros, e assim corresse a todos, mas o Senhor não nos teve por dignos de tanto bem com a enfermidade, maximè nesta terra, onde tão poucos remedios e consolações ha por ela. Os mais Irmãos passam bem pela bondade do Senhor, ainda que frequentemente sejam vexados com diversas enfermidades, qual de cabeça, do estomago, de febres e outras dôres, que das muitas aguas que passam frequente-

mente se geram; mas andam já tão acostumados a sofrê-las e dissimulá-las, que parece por não haver médico, que as encareça, não deixam de fazer o seu officio de ajudar aos proximos com doutrinas e confissões, ainda que com assás trabalho, do qual não pouco se edificam os proximos, maximè aqueles que são assíduos á frequentação dos Sacramentos, que nos têm grande amor, e que sabendo estas mulheres mestiças de S. Vicente, que um Irmão que aqui costumava ensinar, estava em Piratininga mui mal de caméras de sangue, não se puderam conter, que na Igreja não fizessem um grande pranto, e toda a semana de Pascoa que isto succedia, que elas costumavam gastar em suas recreações e saidas, não quizeram receber nenhuma consolação, antes em jejum, orações e tristeza, passaram em chôros a Semana Santa, pedindo ao Senhor lhes concedesse aquele Irmão para proveito e salvação de suas almas, e bem creio que suas orações juntas ás dos nossos carissimos que lá têm particular memoria de nós outros, lhe alcançaram logo do Senhor a saúde.

O dia de Janeiro de S. Paulo Eremita (198), quis Nosso Senhor levar para si o nosso Irmão Mateus Nogueira ferreiro, que era homem de idade, e muito mais velho por contínuas enfermidades que padecia, em as quais nunca deixava de trabalhar, sendo contínuo na oração, com mui especial zêlo da conversão dêstes Brasis, pelos quais continuamente rogava a Deus, porque ignorando sua lingua não podia prègar: morreu de uma dôr de colica e pedra que muitas vezes padecia, e com que esteve padecendo cinco dias até que deu a alma ao Senhor, conhecendo a sua morte antes de falecer. Não foi necessario acordar a caridade dos Irmãos para rogar a Deus por um homem santo, assim pelos vivos, como pelos mortos.

O Padre Manuel da Nobrega, pela misericordia do Senhor está melhor, e pôde acudir ás confissões e sermões, onde se acha como outro qualquer, e andar os caminhos visitando a todos, e com isto se faz mais são que quando repousa, salvo se as aguas tratam mal os corrimentos.

Nos trabalhos e occupações não se esquece do exercicio da oração, e por ele é que o Senhor lhe comunica fôrças. Fez uma casita em Piratininga mui a proposito, onde se recolhem os Irmãos por

XII. — CARTA DE S. VICENTE (1561)

sua ordem, e cada um tem ali seus dias de recolhimento em que se renova de novo o fervor, e conheça suas faltas e castigo (199).

O estudo da gramatica se continúa com os Irmãos das casitas, de que temos boa espectação, que agora se receberam por eles alguns de fóra.

Dê-nos N. S. Jesus Cristo sua copiosa graça, para conhecer sua santissima vontade, e saber perfeitamente cumprir.

Dêste Colegio de S. Vicente, a 12 de Junho de 1561.

Minimo da Companhia de Jesus.

NOTAS

(189) Copiada no livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil*, cit., fl. 125, em castelhano. Pbl., vertida para o português, nos *Anais do Rio de Janeiro*, de Baltazar da Silva Lisboa, VI, p. 46-63, e reproduzida no "Diario Oficial", do Rio, de 27 e 28 de Janeiro de 1888, por Teixeira de Melo.

(190) Dia 25.

(191) Confrontando o que diz Anchieta com o que informa S. de Vasconcelos (o. c., l. 1, n. 160), esse velho de mais de cem anos, falecido em 1561, é sem dúvida nenhuma Caubi, principal de Jeribatiba, batizado pelos jesuitas com o nome de João. Auxiliou os jesuitas na fundação de São Paulo, localizando-se com sua gente "no extremo sul, proximo do sítio que depois se chamou Tabatagoera (hoje Tabatinguera)", onde tinha "sob sua guarda o caminho que do alto do espigão descia para a varzea e tomava para São Vicente por Santo André" (Teodoro Sampaio, "São Paulo no tempo de Anchieta", no v. do *Centenario do Padre Joseph de Anchieta*, Paris-Lisboa, 1900, página 127).

(192) Santos.

(193) Itanhaen, distante de São Vicente 8 leguas. — De *itá-nhaen*, bacia de pedra e, também, vaso de metal, panela de ferro (T. Sampaio, *O tupi na geogr. nac.*, 3ª ed.).

(194) Refere-se Anchieta a Francisco de Moraes Barreto, capitão-loco-tenente da Capitania de São Vicente, provido nêsse cargo por Martim Afonso pelo prazo de três anos. Tendo tomado posse a 30 de abril de 1558, recusou-se entretanto a deixar o govêrno a 1 de maio de 1561. Daí uma reclamação dos camaristas de São Vicente, datada dêsse mesmo dia, intimando-o a exhibir nova provisão, sob pena de elegerem quem o substituisse de acôrdo com os camaristas de Santos. Não a exhibiu Moraes Barreto, sendo imediatamente eleito Pedro Colaço Vieira, um dos fidalgotes com que Martim Afonso povoou sua donataria (Frei Gaspar, *Relação dos capitães loco-tenentes que governaram a Capitania de S. Vicente*, na "Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo", v. V, p. 159-76; B. Calixto, *Capitanias Paulistas*, S. Paulo, 1924, p. 186-7).

JOSEPH DE ANCHIETA

(195) Mem de Sá, depois da tomada do forte de Coligny, veio a São Vicente, onde chegou a 31 de março de 1560. Então, a pedido de Grã e sobretudo de Nobrega, extinguiu a vila de Santo André da Borda do Campo, mudando para São Paulo o pelourinho, que foi plantado deante do Colegio. Sôbre os provaveis motivos determinantes da extinção de Santo André, v. Frei Gaspar (*Mem.*, 3ª ed., p. 222-3), Afonso d'E. Taunay (*Na era das bandeiras*, 2ª ed., S. Paulo, 1922, p. 56) e A. de Alcantara Machado (*Anch. na Cap. de São Vicente*, p. 49-54).

(196) Padre Manuel de Paiva (v. nota 17 e *Frag. Hist.*).

(197) Gregorio Serrão (v. nota 23 e *Frag. Hist.*).

(198) 29 de janeiro. Sôbre Mateus Nogueira, v. nota 29.

(199) Um dos exercicios a que se submetiam os irmãos da Companhia de Jesus era o de se recolherem a um lugar isolado, onde oravam e liam livros sagrados, sob a direção de um padre (B. Teles, o. c., I, p. 176-9). A "casita" mandada construir por Nobrega serviria para êsse fim.

XIII

AO GERAL DIOGO LAINEZ, DE PIRATININGA, MARÇO DE 1562, RECEBIDA
EM LISBOA A 20 DE SETEMBRO DO DITO ANO (200).

Grandes trabalhos e pouco fruto da catequese. — Atividade de Nobrega, apesar de gravemente enfermo. — Transferência da aula de gramática de São Vicente para Piratininga. — Perversão dos antigos discípulos.

P_{AX} *Christi.*

O ano passado de 61, no mês de Julho, se escreveu largamente por a segunda via em êste mesmo navio, havendo já sido a primeira enviada por outro antes, mas êsse não pôde chegar pelos ventos contrários, e por isso tornou a arribar (201). O que depois acresceu escreverei brevemente, mais por cumprir com o mandamento da santa obediência do que por haver cousa digna de ser escrita.

Nossa conversação com os proximos é a costumada: ocupamos na doutrina das cousas da fé e mandamentos de Deus com as mulheres dos Cristãos, e seus escravos e escravas, nêstes lugares em que dispargidos sempre se colhe algum fruto pela bondade do Senhor, assim em apartá-los de pecados, como em algum pouco sua grande dureza em o conhecimento de Deus nosso Creador e Senhor, e ajudando-os a bem morrer, para o qual comumente somos chamados, assim para os brancos como para seus escravos, aos quais é necessario acudir a diversos lugares, por mar e por terra, onde fazem suas habitações. Em o qual ás vezes o trabalho é grande, que se dobra com a pouca consolação que se recebe do pouco fruto que dão campos lavrados com tantos suores. Mas basta-nos salvar uma só

alma, ou, para melhor dizer, ser cooperadores de Deus em sua salvação. E quando nem isso houvesse, seja o Senhor servido em nossos fracos e pequenos trabalhos recebidos por seu amor.

Em S. Vicente se visitam os engenhos com doutrinas e confissões e três povoações dos Portuguezes (202), que estão cinco e seis leguas distantes entre si, fazendo mora em cada uma delas, segundo a necessidade o pede. Prêga o Padre Manuel de Nobrega a miúdo em todas elas, ainda que com muito trabalho de sua pessoa por suas muitas e contínuas enfermidades que cada dia padece, se lhe vão acrescentando, ordenando-o assim a divina disposição, para maior merecimento seu. Esta quaresma esteve algum tempo em uma das povoações, que é a principal, chamada Santos, prêgando três vezes em a semana, e confessando muitos dos escravos por intérprete. E perseverou em êste ministerio até que mais não pôde, pon-do sua alma por seus Irmãos, porque adoeceu tão gravemente que foi necessario trazê-lo ás costas até S. Vicente, á nossa Casa, por ele não poder vir por seus pés: a enfermidade é perigosa. Cumprase a vontade de Cristo Nosso Senhor em ele e em todos nós outros. Alguns outros Irmãos são tambem visitados do Senhor com enfermidades, como febres, pleurizes e camaras, mas Ele, que as dá, as cura por sua misericórdia, que em a terra poucas medicinas ha para isso. Bemdito seja Ele por tudo.

O estudo da gramatica se continuou até o mês de Novembro em S. Vicente com o número de estudantes de que em as letras passadas faço menção; mas foi tanta a esterilidade dos mantimentos que nem por muito trabalho que em isto se pôs pôde haver provisão bastante de farinha e pão da terra, nem os moradores o tinham para si nem para nós outros, pelo qual foi necessario que nós viessemos a esta Piratininga, onde é a abundancia maior (203). Aqui se prossegue o estudo com os nossos que são recebidos para escolares, e com alguns de fóra, os quais continuam suas confissões (como é costume) cada quinze dias e cada oito dias; seu proveito em o estudo pouco é, ainda que por outra parte se pôde dizer muito, considerada com a rudeza dos engenhos brasílicos e criados em o Brasil, que tanto monta. Tambem aqui nos ocupamos em a doutrina dos escravos e mulheres dos Portuguezes, a qual sempre se continúa duas vezes

XIII. — CARTA DE PIRATININGA (1562)

por dia com confissões a miudo e comunhões algumas vezes. Acudimos a todo genero de pessoa, Português e Brasil, servo e livre, assim em as cousas espirituais como em as corporais, curando-os e sangrando-os, porque não ha outro que o faça, e principalmente as sangrias são aqui mui necessarias, porque é mui sujeita esta terra a priorises, maximè em os naturais dela, quando o sol torna a declinar para o Norte, que é em o mês de Dezembro, e daí por diante, e se não acudissemos com sangrias, não havia dúvida se não pereceriam muitos, assim com isto temos melhor entrada com eles para lhês dar a entender o que toca á saude de suas almas.

Com os Brasis, nossos antigos discipulos, que com tanto afã e trabalho andavamos criando, não temos conta alguma, e digo não temos, porque eles se hão feito indispostos para todo bem, dispersando-se por diversas partes (204), onde não podem ser ensinados, e assim tornam-se todos aos costumes de seus pais; mas contudo não deixamos de visitá-los de quando em quando, trazendo-lhes á memoria o batismo que hão recebido e os mandamentos de Deus, e sempre se batizam alguns de seus filhos inocentes, que levam ao céu em sua inocencia, e alguns dos grandes vêm algumas festas do ano á Igreja e a confessarem-se pela Quaresma e quando vão ás suas guerras; mas o mais deles vivem como dantes, maximè aqueles que tiveram melhor conhecimento das cousas da Fé, como os moços e moças que se criaram de pequenos na doutrina, os quais todos são perdidos; mas Nosso Senhor não deixa de castigá-los com doenças e mortes, porque os que se apartaram de nós outros não fazem senão morrer aqui e acolá, por suas malditas habitações, sem confissão, uns amancebados, outros com os feiticeiros, que pensam lhes dão saúde, á cabeceira; outros levados e comidos de seus contrarios: não nos fica entre tantas consolações outro consôlo senão tornarmos a Deus e pôr-lhe diante esta causa com orações, encomendando-a á sua Divina Magestade e piedade, e esta achamos que é a mais saudavel prêgação que podemos fazer, trabalhar em chorar nossos peccados e os seus, pedindo a Deus misericordia, porque na verdade assim Portugueses como Brasis Indios são peores seguindo os caminhos da carne e deixando os de Deus: e praza á Divina bondade não nos vamos nós outros por nosso descuido declinando como eles, do

JOSEPH DE ANCHIETA

qual nos guardará Nosso Senhor, se V. R. P. com contínuos sacrificios e orações, assim proprias como de todos nossos carissimos Padres e Irmãos, rogarem por nós outros minimos filhos da Companhia e creia sem dúyida se alguns são necessitados, mendigos somos nós outros, com o qual bem creio haverá dado Nosso Senhor a sentir mui de verdade em sua ajuda a V. R. P.

Não se oferece outro ao presente. *Christo Jesu Salus Nostra* nos dê sua mui copiosa graça para perfeitamente conhecer e cumprir sua santissima vontade.

Desta casa de S. Paulo de Piratininga da Capitania de S. Vicente, desde o mês de Julho de 61 até o mês de Março de 62.

Mínimo da Companhia de Jesus.

NOTAS

(200) Copiada no livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil*, cit., fl. 129 v., em castelhano. Pbl., em italiano, nos *Nuovi Avvisi*, cit., p. 182-9; em português, nos "An. da Bibl. Nac.", I, p. 205-8; e, em português, no "Diario Oficial", do Rio, de 28 de janeiro de 1888.

(201) As cartas jesuíticas, como todos os documentos enviados para Portugal, "seguiram em muitas vias e cópias por diferentes navios e canais em razão dos riscos grandes naquele tempo" (Eduardo Prado, *Manuel de Moraes*, na "Revista Nova", S. Paulo, II, p. 22, nota 27).

(202) São Vicente, Santos e Itanhaen.

(203) Quando, em 1560, Mem de Sá esteve na Capitania, auxiliou Nobrega e Grã no seu proposito de mudarem para São Vicente o Colegio de São Paulo de Piratininga. Anchieta lecionou nas classes então abertas (S. de Vasconcelos, *Cron.*, l. 2, n. 84). Segundo o mesmo cronista, os cursos do Colegio de São Vicente só se suspenderam quando o visitador Inacio de Azevedo, em 1567, mandou fossem continuados no do Rio de Janeiro. Mas esta carta de Anchieta demonstra que em novembro de 1561 o estudo da gramatica tornou a ser feito em Piratininga.

(204) A mudança dos moradores da extinta Santo André da Borda do Campo para São Paulo fez com que os indigenas de Piratininga abandonassem a vila e fundassem as aldeias de Nossa Senhora dos Pinheiros e São Miguel (Frei Gaspar, *Mem.*, 3ª ed., p. 223). Como sempre, os brasis fugiam á aproximação dos portugueses. E não é improvavel que para essa debandada tenham contribuido, mais do que os reinois, os mamalucos de João Ramalho (A. de Alcantara Machado, *Anch. na Cap. de S. Vicente*, p. 49-54).

XIV

AO GERAL DIOGO LAINEZ, DE SÃO VICENTE, A 16 DE ABRIL.
DE 1563 (205).

Ataque dos Indios contra Piratininga. — Fidelidade de Tibiriçá. — Assaltos pelos caminhos. — Bens que resultaram da guerra. — Morte de Tibiriçá. — Padre Manuel da Nobrega. — Missão a Santos e Itanhaen. — Batismo de um Indio centenário. — Notícias dos Tamoios. — Nobrega e Anchieta se preparam para a viagem a Iperoig.

P_{AX} *Christi.*

Um ano ha, e passa, que se escreveu desta Capitania pelo mês de Março de 1562 a V. P., do que fazem os Irmãos em seus ministerios em serviço de Nosso Senhor e socorro destas almas; resta dar conta do que mais succedeu, segundo manda a santa obediencia.

Nas cartas passadas fiz menção de que ficavamos na casa de S. Paulo de Piratininga com alguns estudantes nossos, e forasteiros, ocupando-nos em ensiná-los, e na doutrina dos Indios, juntamente com os escravos dos Cristãos, em nossos costumados ministerios espirituais, instruindo e preparando para o batismo os que não são batizados, confessando os que são, e ajudando-os em suas enfermidades corporais, curando-os, sangrando-os e acudindo-os, maximè no tempo de morrer, para que consigam o fim de sua creação; e nisto nos ocupamos esperando sempre os embates dos inimigos, de uma parte dos contrários dêstes com quem vivemos (206), e de outra dos nossos mesmos (207, que estão espavoridos pelo interior da terra, como muitas vezes tenho escrito; e dêstes nossos temiamos mais por serem ladrões de casa, e haver muitos anos que nos têm

ameaçado com guerra, maximè aos que estamos em Piratininga, que é fronteira deles, e como que chave das povoações dos Cristão situadas nêstes portos de mar.

Havendo, pois, êstes Indios morto muitos dos Cristãos Portugueses em diversos tempos e lugares por suas terras onde iam a resgatar suas cousas, como é costume, acrescentaram agora sua maldade matando outros dos Cristãos, um dos quais era homem mui virtuoso, que se confessava e comungava quasi de oito em oito dias, cuja mulher, que era India, da geração dêstes Indios, e tinha muitos irmãos e parentes entre eles, não era menos amiga de Nosso Senhor, continuando os mesmos exercicios que seu marido, confessando-se por intérprete, e comungando muito a miudo. Esta, que então ia em companhia de seu marido, depois da morte tornando-se mui triste para os Cristãos, com alguns seus escravos e Indios de Piratininga, que a iam sempre acompanhando, foi p̃rêsa e detida dos seus mesmos pelo Principal de uma aldeia, para que os Cristãos lhe déssem resgate por ela, e entretanto tê-la por manceba, por haver sido mulher de Português, o que eles têm por grande honra. Mas ela que tinha outro conhecimento e amor de Deus Nosso Senhor e de sua santa fé, se tinha determinado antes morrer que em tal consentir, ainda que lhe fosse preciso matar-se a si mesma; e foi o caso, que aquelle dia em que a prendêram saiu de noite da casa dos Indios secretamente, e nunca mais appareceu, posto que fosse muito procurada: pelo que eles mesmos dizem que acreditam que se enforcou, ou se lançou em algum rio por não consentir em ser manceba de algum infiel. Mas a nós parece que eles mesmos a mataram pelo mesmo caso, e depois lançaram essa fama; e porque tinhamos mui bem conhecida sua inocente vida de muitos anos, que frequentou os sacramentos em nossa casa, não podemos pensar outra cousa, nem crer que havia Nosso Senhor de permitir que, quem tão bem vivêra sempre, no fim de sua vida se perdesse.

Acabado isto começaram logo a aprègoar guerra contra Piratininga, a qual já tinham na vontade e ha muito tempo, porque esta gente é tão carniceira, que parece impossivel que possam viver sem matar. E ainda que eles determinavam fazê-lo mui secretamente, todavia deu-nos aviso Nosso Senhor, porque castigando-nos

nos não matassem; e ao seguinte dia depois do da visitação de Nossa Senhora, tivemos aviso por um Indio (208), que tinha sua gente entre nós, o qual, apartando-se dos malfeitores, veio correndo por outro caminho a nos fazer aprestar. Muitas particularidades havia que contar, que se passaram neste caso; mas sòmente direi as grandes misericórdias de que Deus usou para connosco, das quais a principal foi mover o coração de muitos Índios dos nossos catecumenos e Cristãos a nos ajudar a tomar armas contra os seus; os quais, sabida a notícia e verdade da guerra, vieram de sete ou oito aldeias, em que estavam esparzidos, a meter-se connosco, não todos, mas sòmente aqueles que amam a Deus, e ele quis escolher para nos defenderem da fôrça dos inimigos carnicieiros; e era de maneira que de noite com fachos vinham tremendo de frio (que então é cá muito grande) a chamar á porta da vila, não por medo que tivessem dos seus, mas forçados como parece pelo poder de Deus, sem saber quasi o que faziam. Outros misturaram-se com eles, pensando que á sua grande multidão não pudessem resistir os poucos que estavam em Piratininga: outros houve, que não podendo meter-se connosco, afim de não os tomarem de subito, se esconderam pelas silvas, não os querendo ajudar, e depois de passados com as cabeças quebradas para suas terras, se uniram a nós.

O que deu maiores demonstrações de Cristão e amigo de Deus foi Martim Afonso, Principal de Piratininga (209), de quem em muitas cartas tenho feito menção, o qual juntou logo toda a sua gente, que estava repartida por três aldeias pequenas, desmanchando suas casas, e deixando todas as suas lavouras para serem destruidas pelos inimigos; e era tanto o cuidado que tinha de todos os Portugueses, que nunca outra cousa fez em cinco dias que estivemos á espera do combate, senão dar-lhes avisos e esforços porque eram mui poucos, e dêstes muitos tolhidos e enfermos: prêgando continuamente de noite e de dia aos seus pelas ruas (como é costume) que defendessem a igreja que os Padres haviam feito para os ensinar a eles e a seus filhos, que Deus lhes daria vitória contra seus inimigos, que tão sem razão lhes queriam dar guerra: e ainda que alguns de seus irmãos e sobrinhos ficaram em uma aldeia sem o querer seguir, e um deles (210) vinha juntamente com os inimigos, e lhe man-

dou incutir grande medo, que eram muitos e haviam de destruir a vila, todavia teve em mais o amor de nós outros e dos Cristãos do que o dos seus próprios sobrinhos, que tem em conta de filhos, levantando logo bandeira contra todos eles, e uma espada de pau mui pintada e ornada de penas de diversas côres, que é sinal de guerra.

Chegando pois o dia, que foi o oitavo da visitação de Nossa Senhora (211), deram de manhã sôbre Piratininga com grande corpo de inimigos pintados e emplumados, e com grandes alaridos, aos quais saíram logo a receber os nossos discipulos, que eram mui poucos, com grande esforço, e os trataram bem mal, sendo cousa maravilhosa que se achavam e encontravam ás flechadas irmãos com irmãos, primos com primos, sobrinhos com tios, e o que mais é, dois filhos que eram Cristãos, estavam connosco contra seu pai, que era contra nós: de maneira que parece que a mão de Deus os apartou assim e os forçou, sem que eles o entendessem, a fazerem isto. As mulheres dos Portugueses e meninos, ainda dos mesmos Indios, recolheram-se a maior parte delas á nossa casa e igreja, por ser um pouco mais segura e forte, onde algumas das mestiças estavam toda a noite em oração com velas acesas ante o altar, e deixaram as paredes e bancos da igreja bem tintos do sangue que se tiravam com as disciplinas, o qual não duvido que pelejava mais rijamente contra os inimigos do que as flechas e arcabuzes.

Tiveram-nos em cêrco dois dias sòmente, dando-nos sempre combate, ferindo muitos dos nossos Indios, e ainda que eram flechadas perigosas, nenhum morreu por bondade do Senhor, pois que se recolhiam á nossa casa, e aí os curavamos do corpo e da alma, e assim fizemos depois, até que de todo sararam. Mas dos inimigos foram muitos feridos e alguns mortos, dentre os quais foi um nosso catecumeno (212), que fôra quasi capitão dos máus, o qual sabendo que todas as mulheres se haviam de recolher á nossa casa, e que aí havia mais que roubar, veio dar combate pela cêrca da nossa horta, mas aí mesmo achou uma flecha, que lhe deu pela barriga e o matou, dando-lhe a paga que ele nos queria dar pela doutrina que lhe havíamos ensinado, e pelas boas obras que lhe tínhamos feito, tendo-o já curado, e no tempo que estava connosco a ele e a seus irmãos, de feridas mui perigosas de seus contrarios.

Ao segundo dia do combate, vendo-se mui feridos e maltratados, e perdida a esperança de nos poderem entrar, deram-se a matar as vacas dos Cristãos, e mataram muitas, destruindo grande parte dos mantimentos dos campos, e puseram-se a fugir já sôbre a tarde, com tanta pressa qse não esperava pai por filho, nem irmão por irmão, em cujo alcance saíram os nossos discipulos e tomaram dois deles, um dos quais quis ter padrinhos os padres chamados por ele, dizendo que o haviam ensinado e catequizado, que seria seu escravo, mas pouco lhe aproveitou, pois sem nos dar conta disso Martim Afonso lhe quebrou logo a cabeça com sua espada de pau pintada e emplumada, que para isso tinha já erguida com a bandeira, e assim fez para *omnimo* apartar-se dos seus, que tão injustamente vinham para o matar, e a nós outros, se Deus o permitisse.

Depois disso fez Deus Nosso Senhor muitas mercês aos nossos discipulos e a nós, em diversos assaltos que os inimigos nos vinham fazer pelos caminhos, nos quais sempre levaram a peor; e porque os inimigos haviam levado muitos dos que estavam esparzidos pelas aldeias antes que se pudessem recolher, e os tinham em suas terras quasi como cativos, para que não fossem por nós, juntaram-se uns poucos de nossos discipulos Cristãos e catecumenos com três Portugueses, e entraram quasi vinte leguas pela terra dos malfeitores, e trouxeram 40 pessoas, homens, mulheres e meninos, os mais deles Cristãos, dos quais uns tinham seus filhos em Piratininga, outros as mulheres, e algumas seus maridos. Mas não os tiraram tanto a seu salvo que não fossem assaltados dos inimigos, ainda que por seu mal foram mortos três delès, e os outros deitaram a fugir, deixando morto um menino inocente batizado, e um nosso discipulo com tantas flechadas, e tão perigosas, que ninguem julgou que vivesse, tendo-se por melhor mercê do Senhor escapar com vida quasi sem cura e tão brevemente, que mais parece que obrou o Senhor da vida, do que outra qualquer medicina, por ser êste um dos melhores Cristãos que se tem feito nesta terra, e mais amigo das cousas de Deus, e o que mais peleja por defender os Cristãos, ficando, depois de sua saúde quasi inesperada e súbita, com grande conhecimento da mercê que lhe fez Nosso Senhor e com proposito de melhor viver.

Esta guerra foi eausa de muito bem para os nossos antigos discipulos, os quaes são agora forçados pela necessidade a deixar todas as suas habitações em que se haviam esparzido, e recolherem-se todos a Piratininga, que eles mesmos cercaram agora de novo com os Portuguezes (213), e está segura de todo o embate, e desta maneira podem ser ensinados nas cousas da fé, como agora se faz, havendo contínua doutrina, de dia ás mulheres, e de noite aos homens, a que concorrem quasi todos, havendo um alcaide que os obriga a entrar na igreja; tem-se já batizado e casado alguns deles, e prossegue-se a mesma obra com esperança de maior fruto; porque estes não têm para onde se apartem, sendo inimizados com os seus, e estando sempre juntos de nós como agora estão, não podem deixar de tomar os costumes e vida Cristã, ao menos pouco a pouco, como já se tem começado. Parece-nos agora que estão as portas abertas nesta Capitania para a conversão dos Gentios, se Deus Nosso Senhor quizer dar maneira com que sejam postos debaixo de jugo, porque para êste genero de gente não ha melhor prègação do que espada e vara de ferro, na qual mais do que em nenhuma outra é necessario que se cumpra o — *compelle eos intrare* (214). Vivemos agora nesta esperança, ainda que postos em perigo, por estar toda a terra levantada; e como são ladrões de casa, em cada dia vêm assaltar-nos pelas fazendas e caminhos. Entre outros bens, que a Divina Bondade soube tirar desta guerra, foi um, que se batizáram e ajudáram a bem morrer alguns escravos dos Portuguezes, que destas povoações marítimas nos vieram dar socôrro, mas já depois de acabada a contenda, os quaes enfermaram de graves febres (215), e acudindo a os sangrar achavamos uns que tinham nome sòmente de Cristãos sem o ser, por grande descuido de seus senhores; outros que em toda a sua vida nunca haviam sido confessados, nem ensinados nas cousas que haviam de crer e obrar, e assim teriam morrido, se por êstes meios não lhes procurasse Deus a sua salvação, levando-os a Piratininga, onde, pela graça do Senhor, têm os Irmãos grande vigilancia sôbre estas cousas.

Tambem dos Indios, que por fôrça haviam sido levados dos seus, regressaram alguns para nós, e parece de muitos que não viham mais que a buscar sua salvação, porque dentro de poucos dias

morriam, recebido o batismo, tanto inocentes como adultos. Morreu também o nosso principal, grande amigo e protetor Martim Afonso, o qual depois de se haver feito inimigo de seus próprios irmãos e parentes, por amor de Deus e da sua Igreja, e depois de lhe haver dado Nosso Senhor vitória de seus inimigos, estando ele com grandes propositos, e bem determinado a defender a causa dos Cristãos, e a nossa casa de S. Paulo, que bem conhecia ter sido edificada em sua terra por amor dele e de seus filhos, quis dar-lhe Deus o galardão de suas obras, dando-lhe uma doença de camaras de sangue, na qual como não houvesse sinal de melhora, mandou chamar um Padre (216) que todos os dias o visitava e curava; confessou-se, e no outro dia se tornou a reconciliar com grande sentimento de sua vida passada, e de não haver bem guardado o que lhe havíamos ensinado, e isto com tanto senso e madureza que não parecia homem do Brasil. Fez seu testamento, e deixou recomendado á sua mulher e filhos que seguissem nossas palavras e doutrina; e em dia da Natividade de N. S. Jesus Cristo morreu, para nascer em vida nova de glória, como esperamos (Dezembro 25 de 1562). Foi enterrado em nossa igreja com muita honra, acompanhando-o todos os Cristãos Portugueses com a cêra de sua confraria. Ficou toda a Capitania com grande sentimento de sua morte, pela falta que sentem, porque êste era o que sustentava todos os outros, conhecendo-se-lhe muitos obrigados pelo trabalho que tomou em defender a terra; mais que todos creio que lhe devemos nós os da Companhia, e por isso determinou dar-lhe em conta não só de bemfeitor, mas ainda de fundador e conservador da casa de Piratininga e de nossas vidas; porque havendo ele ajudado a fazê-la com suas proprias mãos, e havendonos ajudado a sustentar logo em princípio de sua fundação, quando não haviam Portugueses alguns, agora o quis fazer Deus nosso defensor, e pôs em sua mão a vida de dez Irmãos, que no tempo da guerra nos achavamos em Piratininga, e todo o mais povo dos Portugueses; e pôs em suas mãos, digo, porque quasi todos os daquela Comarca, que se recolheram connosco, dependiam dele; e se quisesse consentir na maldade dos seus (como eles mal pensavam) pouco houvera de fazer em nos matar e comer. Creio que basta isso para dar a entender a obrigação que temos todos de o encomendar

a Nosso Senhor. Praza á sua Divina Bondade de nos abrir porta para se fazer algum proveito na conservação de tanta gentildade que ha nesta terra.

Temos prosseguido em nossos costumados ministerios de doutrinas e confissões com os Indios e escravos, assim em Piratininga como em outros lugares maritimos, ocorrendo a umas e outras partes segundo as necessidades presentes, do que sempre se colhe algum fruto: prègando tambem o Padre Manuel da Nobrega aos Portugueses, empregando nestes e outros trabalhos em serviço de Deus Nosso Senhor a saúde, que sua Divina bondade se digna comunicar-lhe, a qual ao presente é muita, e mais do que esperavamos que fosse, segundo as graves enfermidades em que estava, como já se terá sabido pelas cartas anteriores. Bendito seja o Senhor em seus dons.

Nesta quaresma se tem socorrido a Vila de Santos, que é a principal habitação desta Capitania, com um Sacerdote e um Irmão intérprete para a doutrina e confissão dos escravos, onde estiveram quinze dias sòmente para poderem acudir a outras partes; os quais foram tão bem empregados, que desde manhã até grande parte da noite se ocupavam em confissões, fazendo-se doutrina de manhã e de tarde, a todos os homens e mulheres, quantos vinham; e de noite em especial aos escravos. Logo que souberam que eramos chegados para os ensinar e confessar, concorreu grande multidão deles das fazendas, com grandes desejos de confessar-se. E o melhor é, que como não sabem usar de muitas cortezias, nem haver respeito mais que á sua devoção, pouco se lhes dá se estamos cansados, se temos necessidade de sono ou não; e assim se confessaram muitos deles nos quinze dias que ali estivemos, com muito proveito de suas almas: e como não tenham tantos embaraços, nem curem de mais que de servir a seus senhores, alguns deles já casados, guardando bem e estimando muito as leis do matrimonio, outros solteiros vencendo muitos encontros de tentações de diabos encarnados, e dando muito crédito ao que lhes ensinamos, não duvido de antepô-los a seus senhores, os quais comumente cada vez mais se embaraçam com diversos generos de impedimentos, com o que não podem, nem querem admitir o remedio que se inclinam a dar-lhes os da Companhia, e as-

XIV. — CARTA DE S. VICENTE (1563)

sim recorrem a outros meios, que lhes cicatrizem as chagas por cima, deixando dentro a sanie corrosiva, que penetra até as entranhas. Alguns ha contudo, que se confessam e comungam amiudadamente com os Padres, seguindo em tudo seu parecer e saudaveis conselhos para suas almas.

Completo quinze dias, que estivemos na Vila de Santos, onde se confessou grande parte dos escravos e mulheres dos Portuguezes, que são sempre mais devotas que seus maridos, voltámos a este Collegio de S. Vicente, e daqui partimos logo a outro lugar chamado Itanhaen, 6 ou 7 leguas pela praia, que é fronteira dos Indios que agora se levantaram, onde tambem se mudaram para morarem com os Cristãos das aldeias de Indios, matando alguns dos malfetores, que tambem vinham sobre aquella povoação, e agora têm casas feitas de novo junto aos Portuguezes, desejando ser ensinados e batizados; mas por falta de intérprete nada se pode fazer ao presente; e nesta Vila temos estado outra parte da quaresma, ocupando-nos nos mesmos exercicios de ensinar e confessar senhores e escravos, de noite e de dia com grande trabalho, porém mesclado de muita consolação de vêr a diligência que têm, e os escravos em acudir das fazendas em que estão derramados, a se confessarem, quanto bom cuidado têm em guardar os mandamentos de Deus.

Entre estes Indios, de que falo, está um (217), que creio passa de cento e trinta anos, ao qual todos os que ha muito tempo que o conhecem dão testemunho de haver sempre vivido *sine querella* esse tempo que o conheceram, assim com os seus como com os nossos Portuguezes. Outra vez que fomos áquella Vila pela festa da Conceição de Nossa Senhora (218), a quem é dedicada a sua igreja, falamos-lhe que o queriamos batizar para que sua alma se não perdesse, mas que por então não podiamos ensinar-lhe o que era necessario por falta de tempo, e que estivesse preparado para quando voltassemos. Folgou ele tanto com esta notícia, como vinda do Céu, e teve-a tanto em memoria, que agora quando viemos e lhe perguntámos se queria ser Cristão, respondeu com muito alegria que sim, e que já desde então o estava esperando. Tomando-o, pois, entre mãos, e começando a ensinar-lhe as cousas mais essenciais da nossa fé, pensavamos que já não pudesse ter tino em nada por sua grande

velhice, por ter já perdido o vêr e ouvir, e seus membros todos pouco mais que os ossos cobertos com pele muito enrugada; mas foi o contrário, que o que a muita idade lhe negava, supria nele a grande vontade e desejo que tinha de ser Cristão, maximè depois que lhe demos a entender quanto via nele, e de tal maneira tomou o que lhe ensinavamos, que não me recordo, entre muitos que se têm instruído pequenos e grandes, ter achado tal disposição e prontidão como neste velho. Dando-lhe pois a primeira lição de ser um só Deus todo poderoso, que criou todas as cousas, etc., logo se lhe imprimiu na memoria, dizendo que lhe rogava muitas vezes que criasse os mantimentos para a sustentação de todos, mas que pensava que os trovões eram êste Deus; porém agora que sabia haver outro Deus verdadeiro sôbre todas as cousas, que a ele rogaria chamando-o Deus pai e Deus filho; por que dos nomes da Santa Trindade êstes dois sômente pôde tomar, pela razão de que se podem dizer em sua lingua; mas o Espirito Santo, para o qual nunca achamos vocabulo proprio, nem circunloquio bastante, ainda que o não sabia nomear, sabia-o contudo crêr como nós lhe diziamos.

Tornei depois a visitá-lo, perguntando-lhe por sua lição ele a repetiu toda dizendo, que a maior parte da noite (que por sua muita velhice não pôde dormir) estava pensando e falando consigo aquelas cousas, desejando que sua alma fosse para o Céu. Quando lhe vim a declarar o misterio da Encarnação, mostrou grande espanto e contentamento de Nossa Senhora parir e ficar virgem, perguntando algumas particularidades ácerca disto (o que é bem alheio dos outros, que nem sabem duvidar, nem perguntar nada); e falando palavras afetuosas de amor de Nossa Senhora, nunca mais se olvidou nem do misterio nem do nome da Virgem. O nome de Jesus teve mais trabalho em reter; e para isso chamava seus filhos e netos, que tambem nos rogavam que o batizassemos; uns diziam: “Batizai meu avô, para que não vá sua alma ao inferno”; outros: “Batizai meu pai, para que vá sua alma para o Céu”; e assim cada um com o que podia o ajudava. O que mais se lhe imprimiu foi o misterio da Ressurreição, que ele repetia muitas vezes dizendo: “Deus verdadeiro é Jesus, que saiu da sepultura e subiu ao Céu, e depois ha de vir, muito irado, a queimar todas as cousas.” Finalmente

depois de ter sufficiente conhecimento das verdades da nossa santa fé, e aborrecimento da vida passada com mui grande desejo do baptismo, levâmo-lo um dia á igreja, para onde foi com seus pés, sustentando-se em um bordão, e ajudado de seus netos por um monte acima, assás aspero para aquella idade; mas o grande ardor da sua alma dava fôrças aos membros já desfalecidos. Chegando á porta da Igreja o assentámos em uma cadeira, onde estavam já seus padrinhos com outros Cristãos a esperá-lo. Aí lhe tornei a dizer que dissesse deante de todos o que quera; e ele respondeu com grande fervor que quera ser batizado, e que toda aquella noite estivera pensando na ira de Deus, que havia de ter para queimar todo o mundo, e destruir todas as cousas, e de como havíamos de ressuscitar todos; detestando tambem sua vida passada, dizendo que por falta de conhecimento da verdade comera carne humana, e fizera outros peccados no tempo de sua mocidade, mas que agora tudo isso aborrecia, e que bastava que as almas de seus passados estavam no inferno, mas a sua quera que fosse para o Céu a estar com Jesus, de quem todos os presentes davam glória a Deus. Fazendo-se-lhe, pois, os exorcismos um pouco antes da benção d'agua, começou a chorar e esfregar os olhos mui pensativo: e a causa disto depois direi, como ele me contou. Batizado, e feito todo o officio, tornámos a assentá-lo em sua cadeira, dizendo-lhe seus padrinhos e outros que estavam presentes, que se alegrasse, pois de novo era nascido; e como lhe dissessem seus netos que se fosse, perguntou ele muito espantado: "Para onde?" Parece que pensou não havia mais de tornar da Igreja, mas que dali subiria ao Ceu, e tendo voltado á sua casa começou a chorar, e seus filhos e netos com ele. Ao outro dia, tornando nós para êste Collegio, fui despedir-me dele, e disse-me, sem lhe perguntar, que nunca se havia de esquecer de minhas palavras; dizendo-me mais: "Mui alegre estou porque ha de ir minha alma ao Céu, e por isso chorava eu ontem quando me batizavam, recordando-me de meus pais e avós, que não alcançaram esta bôa vida que eu alcancei." Com isto nos despedimos dele mui consolados, deixando-o recomendado a seus padrinhos. Maravilhas são estas que sabe fazer a suma bondade de Nosso Senhor com seus escolhidos, tornando êste de tanta velhice á infancia e innocencia do

batismo, e em tempo que já ele parecia mais menino que velho, sem ter ocupação interior nem exterior alguma, pelo que esta, que tão necessaria lhe era, tanto se lhe imprimiu no coração. Pouco tempo pode viver naturalmente, e parece-nos que Deus não lhe dilatava a vida senão até chegá-lo a esta hora, em que recebesse a vida de graça, para ser participante da eterna. A Deus seja dada a glória por tudo.

Partindo dali voltámos pela praia buscando almas perdidas e desamparadas dos escravos dos Cristãos que estão guardando suas lavouras; e achámos em diversos lugares cinco ou seis, e algumas em extrema necessidade de medicina espiritual, uma aqui, outra ali, em pobres cabanas metidas pelas selvas, onde fazem seus mantimentos; a uns confessámos de toda a sua vida, porque nunca o haviam feito, sendo já de mui longa idade, e sangrámos juntamente. A dois inocentes batizámos, que se Deus Nosso Senhor não os fôra buscar desta maneira, não sei se achariam entrada para a vida eterna, um dos quais achámos só com uma menina de menos idade que ele, em uma choça da praia junto de um bosque muito ao cabo, e com pouca esperança de vida; e sabendo dele que não era Cristão, e que o queria ser, conduzímo-lo a um rio, onde lembrando-nos de S. Felipe quando batizou o eunuco, o metemos no rio e o batizámos, chamando-o Felipe. Êstes pequenos manipulos colhem-se por êstes caminhos com assás trabalho e cansaço, calores, e chuvas. Sirva-se de tudo Jesus Cristo Nosso Senhor, que com imensos trabalhos de sua vida e morte nos andou buscando, que de todo estavamos perdidos.

Desta outra banda do Norte temos os contrarios (219), inimigos tambem dêstes nossos Indios, dos quais muitas vezes tenho escrito. Êstes parece que têm justiça contra os Portugueses, pelas muitas injustiças e sem razões que deles têm sempre recebido, e por isso os ajuda sempre a Divina Justiça, porque vêm mui a miudo por diversas partes, por mar e por terra, e sempre levam escravos dos Cristãos, matando os mesmos homens; e agora e no tempo que os Indios se levantaram, deram em umas fazendas, tomaram e mataram mais de quarenta Cristãos, tanto escravos como filhos de Portugueses, e de envolta três mulheres casadas das mestiças, uma das quais fugiu de noite núa, e as outras foram levadas, e temos notícia

de que são vivas. Estão só umas duas irmãs, que aqui sempre ouvem a doutrina, confessam-se, e comungam muito a miudo, ás quais deu Nosso Senhor esforço, maximè a uma delas, de quem os mesmos contrarios nos contaram em particular, que querendo o que a cativara tê-la por manceba, nunca o consentiu nem com afagos nem com ameaças; basta que determinou matá-la, ao que ela se ofereceu de boa vontade por não ofender a Deus; e estando já seu senhor para o pôr por obra, impediram-no outros seus parentes, dizendo que a deixasse, que a tornariam a resgatar os Cristãos, e com isso a deixou. Toquei neste ponto para que de tudo se dê glória a Deus, o qual ainda das mulheres Brasilicas tem quem de grado queira receber a morte por guardar castidade.

Vendo o Padre Manuel da Nobrega os grandes trabalhos e inquietação de toda esta Capitania com os continuos incursos dêstes contrarios, e a muita justiça que têm de sua parte, se determinou encomendar-se muito a Nosso Senhor, e ir tratar pazes com eles, se êstes povos dos Portugueses quisessem aí ficar entre eles, e eles virem cá, havendo assim comunicação e concordia; e sendo já passados dois anos ou mais que Nosso Senhor lhe dá isto a sentir, e faltando sempre oportunidade, agora quís Deus abrir caminho para isto, e é, que indo lá um barco a saber destas mulheres cativas, foram mui bem recebidos deles, e souberam como os contrarios conheciam os nossos desejos de pazes, e como se levantaram muitos Indios contra nós outros: pelo que desejam que se efetuem as pazes, maximè sabendo que os Portugueses hão de ir morar entre eles, dos quais ha muito que têm notícia, assim por informação de muitos escravos Cristãos, que daqui fogem, e lhas levam, como dos seus mesmos, que nós outros impedimos a êstes Indios nossos discipulos que não comam nem matem; pelo que mostram grandes desejos de nos ter comsigo, para lhes ensinar os filhos. E' esta uma notícia de grande alegria para toda esta terra, e muito mais para nós outros, que esperamos que por ali se nos abrirá alguma porta para se ganharem muitas almas ao Senhor. Agora estão aparelhados dous navios, em que havemos de ir o Padre Manuel da Nobrega e eu (220) por intérprete, por falta de outro melhor, porque os mais Irmãos são mandados á Baía a tomar ordens (221), onde têm em que em-

pregar seus talentos em serviço de Deus Nosso Senhor, e ajuda das almas. Querendo os contrarios dar refens que cá venham, havemos de ficar em suas terras, e com isto esperamos que terá algum sossego esta Capitania, que anda deles tão infestada, que já quasi não pensam os homens senão em como se hão de ir e deixá-la, e juntamente se poderão amansar e sujeitar êstes nossos Indios, para se poder fazer algum proveito em suas almas, e assim nos mesmos contrarios, nos quais se lançará agora êste pequeno fundamento, sôbre o qual depois se poderá edificar grande obra; e quando mais não fosse já poderia ser que por ali se nos abrisse alguma porta, para ir mais presto ao Céu. Estamos já de caminho para esta jornada, entregando-nos á Divina Providência, como homens *morti destinados*, não tendo mais conta com morte nem vida, que quanto fôr mais glória de Jesus Cristo Nosso Senhor e proveito das almas, que ele comprou com sua vida e morte. Nós santos sacrificios e orações de V. P. e de todos os nossos carissimos Irmãos desejamos e pedimos muito ser encomendados a Deus Nosso Senhor, para que nos dê graça, com que conheçamos e cumpramos perfeitamente sua santissima vontade.

Dêste Collegio de Jesus, de S. Vicente, hoje 16 de Abril de 1563 anos.

Minimus Societatis Jesu.

NOTAS

(205) Copiada no livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sôbre o Brasil*, cit. fl. 139 v., em castelhano. Pbl. na "Revista do Instituto Historico", II, p. 538-52, traduzida do espanhol pelo conego Januario da Cunha Barbosa, e reproduzida no "Diario Oficial", do Rio, de 29 de janeiro. 3 e 6 de fevereiro de 1888. por Teixeira de Melo.

(206) Os tamoios, inimigos dos tupis.

(207) Num ataque que fizeram aos tamoios, os reinois foram vencidos e desbaratados, o que, diz S. de Vasconcelos (*Cron.*, l. 2, n. 130-1), assanhou "os indios tupis do sertão confederados nossos"

(208) A noticia do ataque foi, portanto, recebida a 3 de julho de 1562, na casa de Piratininga. Aí se encontravam dez religiosos, sendo superior o padre Vicente Rodrigues (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 133).

(209) Martim Afonso Tibiriçá. — *Tibiriçá* ou, melhor, *Tibireçá*, "corr. t-yby-reçá, contração de *tyby-reçaba*, a vigilancia da terra; o maioral ou prin-

XIV. — CARTA DE S. VICENTE (1563)

cipal. Não se deve escrever *Tebirecá*, que tem mau sentido" (T. Sampaio, *O tupi na geogr. nac.*, 3ª ed.).

(210) Entre os índios sublevados figurava um irmão de Tibiriçá, cujo filho Jagoanharo procurou sem resultado demover o tio do propósito de defender Piratininga (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 134). Esse principal, irmão de Tibiriçá, é chamado *Araraig* por S. de Vasconcelos (l. c.), *Ururay* por Machado d'Oliveira (*Quadro Hist.*, p. 60), *Araray* por T. Sampaio (conf. no v. do *Cent.*, p. 135). Ha aí, entretanto, segundo João Mendes de Almeida ("Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo", VII, p. 456), uma confusão, atribuindo os autores citados ao principal Piquerobi o nome da sua taba (*Yruaray*, ou *Ururay*, ou ainda *Araray*). Piquerobi, portanto, teria sido o chefe que comandou o ataque contra Piratininga.

(211) 10 de julho.

(212) Este catecumenos foi, segundo S. de Vasconcelos, (o. c., l. 2, numero 136) o já citado sobrinho de Tibiriçá, "chamado por sua valentia Jagoanharo, que vem a dizer, o Cão bravo". T. Sampaio (l. c.) grafa Jagoanharô.

(213) A cêrca, informa S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, n. 137), "a toda a pressa" foi feita "de taipa de mão a modo de muralha". Nas *Atas da Camara da Vila de S. Paulo* (1562-1596, pbl. do Arquivo Municipal de São Paulo, I, S. Paulo, 1914), são frequentes as referencias aos "muros e baluartes" que fortificavam Piratininga.

(214) E' o que o proprio Anchieta já reconhecia em 1554 (v. carta I). E, como ele, Nobrega em 1559 (*Cart.*, XX).

(215) "Pestilente desinteria de sangue perigosa", diz S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, n. 137).

(216) Padre Fernão Luiz (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 138).

(217) Chamado *Piririgoá Obyg*, segundo S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, n. 141), "todo enrugado, só com a pele sôbre os ossos, com mostras que fôra antigamente pintada, e galanteada, indícios de indio prncipal".

(218) 8 de dezembro.

(219) Os tamoios.

(220) Nobrega e Anchieta partiram de São Vicente a 18 de abril, dois dias depois de escrita esta carta.

(221) Em 1562 seguiram para a Baía, em companhia do padre Manuel de Paiva, os irmãos Gregorio Serrão, Diogo Jacome e Manuel de Chaves, que lá chegaram em setembro e foram logo ordenados pelo bispo d. Pero Leitão (*Cart. Av.*, L). S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, n. 127) fixa a data da chegada á Baía em julho, confundindo-a talvez com a da partida de São Vicente.

XV

AO GERAL DIOGO LAINEZ, DE SÃO VICENTE, JANEIRO DE 1565 (222).

Missão de Nobrega e Anchieta a Iperoig. — Paradas na Bertioga e na ilha de S. Sebastião. — Chegada a Iperoig. — A razão por que os Tamoios queriam a paz. — Partida de refens para S. Vicente. — Doutrinação dos meninos. — Projetado ataque dos Tamoios ás povoações portuguesas. — Chegada de Pindobuçú. — José Adorno. — Chegada de Aimbiré e de um Francês luterano. — Notícias dos Franceses do Rio de Janeiro. — Partida de Adorno e alguns Tamoios para S. Vicente. — Chegada de um filho de Pindobuçú. — Visita á aldeia de Cunhambeba. — Nobrega volta para S. Vicente. — Domingos de Braga. — Batismo de um marabá. — Amizade de Pindobuçú. — Padre Francisco Cardoso. — Nobrega e Cunhambeba assentam as pazes com os Tupis. — Ida a Piratininga dos Tamoios do Paraíba. — Anchieta socorre os enfermos. — Chegada de Cunhambeba e partida de Domingos de Braga. — Cunhambeba e Anchieta embarcam para S. Vicente. — Assaltos dos Tamoios do Rio de Janeiro. — A armada de Estacio de Sá chega ao Rio. — Nobrega e Anchieta seguem ao seu encontro. — Vinda da armada a S. Vicente. — Peste de variolas. — Anchieta em Piratininga.

A GRAÇA e amor do Espirito Santo seja sempre em nosso contínuo favor e ajuda. Amen.

E' chegada esta terra a tal estado que já não devem esperar dela novas de fruto na conversão da gentilidade, a qual pois falta parece consequente superabundar as tribulações que se passam, com esperança de poder colher algum, que se guarde nos celeiros do Senhor, o qual, pois se dignou de nos comunicar algo delas, determinou com elas algo me dilatar, pois o mesmo disse que o verdadeiro

fruto nasce da paciencia, para que com tudo seja seu santo nome glorificado.

Em as letras passadas toquei algo das grandes opressões que dão a esta terra uns nossos inimigos chamados *Tamuya* (Tamoios), do Rio de Janeiro, levando continuamente os escravos, mulheres e filhos dos Cristãos, matando-os e comendo-os, e isto sem cessar, uns idos, outros vindos por mar e por terra; nem bastam serras e montanhas mui asperas, nem tormentas mui graves, para lhes impedir seu cruel ofício, sem poder, ou por melhor dizer, sem querer resistir-lhes, de maneira que parece que a Divina Justiça tem atadas as mãos aos Portugueses para que não se defendam, e permite que lhes venham êstes castigos, assim por outros seus pecados, como maximè pelas muitas semrazões que têm feito a esta nação, que dantes eram nossos amigos, salteando-os, cativando-os muitas vezes com muitas mentiras e enganos.

Pelo que determinou o Padre Manuel da Nóbrega de tratar pazes com eles, com aprazimento de todos êstes povos, para que algum pouco cessassem tantos incursos e opressões, ou ao menos quando eles não quisessem, nos deixassem nossa causa justificada deante de Deus Nosso Senhor, e abrandasse o rigor de sua Justiça, querendo dar sua vida em sacrificio, entregando-a em mãos de seus inimigos, ficando-se com eles em suas terras, mandando tambem eles cá alguns dos seus em refens e assim tratando-se pouco a pouco até soldar a amizade e paz, *ut unus aut duo morientur homines pro populo, et non tota gens periret*, esperando daqui tambem outros frutos da conversão dos mesmos ou, em sua falta, ganhar algumas almas de seus filhos inocentes com a agua do santissimo batismo, como mais longamente em as letras passadas hei referido.

Movido pois com tantas e tão justas causas, e confiando em a virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo, que das pedras duras tira abundantes rios d'agua, empreendeu êste caminho, determinado de se partir em dois navios bem aparelhados á terra dos contrarios, e depois de renovados os votos á primeira oitava da Pascoa (223) do ano passado de 1563 (223-A) nos partimos antes que os navios, e eu indo-os esperar a uma fortaleza daqui a quatro leguas chamada Beriguioca (224), em uma canoa, onde logo começámos a experimentar a

doçura da Divina Misericórdia e Providência, á qual totalmente nos havíamos entregado e foi que, havendo nós outros chegado á terra, e desembarcado, veio tão grande tempestade de vento e chuva, que se nos tomara em mar, como a canôa era pequena, teríamos grande perigo de nos perder, a salvo conduziu-nos; bendito seja o Senhor doador de todo bem.

Nesta fortaleza estivemos cinco dias confessando os moradores dela e seus escravos e comungando aos que eram capazes do santo Sacramento, enquanto se aparelhavam os navios, e daí nos partimos aos 23 de Abril (225), com bom vento; mas logo se nos mudou, e houvera de dar com nós outros á costa em uma ilhota pequena, mas, ajudando-nos Nosso Senhor, chegámos a uma ilha chamada de S. Sebastião, despovoada, mas cheia de muitos tigres, onde, o dia de S. Felipe e S. Tiago (226), dissemos missa, e logo no seguinte, que era domingo, também encomendando a Deus nosso caminho, dali nos partimos e com próspero vento chegamos aos primeiros lugares dos inimigos, que estavam vinte leguas destas povoações dos Portugueses, pouco mais ou menos, chamados Iperoig (227), onde logo saíram a receber-nos alguns deles bem longe de terra, e sabendo ao que iam se meteram nos navios sem temor, e depois de serem de nós outros recebidos com paz e amizade, se foram a dar conta do que passava a seus principais, os quais ao outro dia, que foi de S. João *ante portam latinam* (228), vieram todos em três canoas a tratar sôbre as pazes. Mas porque temiam que se entrassem todos juntos nos navios os salteassem (como outras muitas vezes haviam feito os nossos) pediram que fossem dois dos nossos á terra e que dos seus ficariam nos navios em refens, para deles saberem mais largamente a verdade, e assim se fez, deixando eles três ou quatro dos seus, levando dois dos nossos, um a um lugar e outro a outro, onde dormiram uma noite e praticaram largamente até ficarem satisfeitos, sem suspeita de nenhuma mentira, sabendo que iam os Padres, dos quais eles têm notícia que não tratam, senão de ensinar a palavra de Deus, parecendo-lhes que tinham bôa prenda em nós outros se ficássemos em suas terras, e para mais segurar-se ao outro dia trouxeram uma mulher comsigo que havia já estado entre nós outros, para que soubesse de certeza se eramos

os Padres, a qual em nos vendo nos conheceu e disse aos seus como o Padre Nobrega era nosso superior e que se confiassem seguramente de nós outros, e desejando eles que saíssemos á terra a ver seus lugares, para se acabarem de assegurar, saímos e com nós outros oito ou nove Portugueses, ficando muitos dos inimigos nos navios, já não como refens, mas de sua propria vontade, como em casa de seus amigos. Chegados á praia pusemo-nos de joelhos dando graças a Nosso Senhor e desejando abrir-se já alguma porta, por onde entrasse sua graça a esta nação que tanto tempo está apartada dela.

Visitámos ambas as aldeias e, entre eles, eu falando em voz alta por suas casas como é seu costume, dizendo-lhes que se alegrassem com a nossa vinda e amizade: que queríamos ficar entre eles e ensinar-lhes as cousas de Deus, para que ele lhes dêsse abundancia de mantimentos, saúde, e vitória de seus inimigos e outras cousas semelhantes, sem subir mais alto, porque esta geração sem êste escalão não querem subir ao céu, e a principal razão que os moveu a quererem a paz não foi o medo que tivessem aos Cristãos, aos quais sempre levaram de vencida fazendo-lhes muitos danos, nem necessidade que tivessem de suas cousas, porque os Franceses que tratam com eles lhas dão em tanta abundancia, assim roupas, como ferramentas, arcabuzes e espadas, que as podem os Cristãos comprar a eles, mas o desejo grande que têm de guerrear com seus inimigos Tupis, que até agora foram nossos amigos, e pouco ha se levantaram contra nós outros (salvo uns poucos de nossos discipulos, como mais largamente hei referido em outras), dos quais, porque sempre foram vencidos e maltratados com favor dos Portugueses, queriam eles agora com o mesmo favor ser vencedores e vingar-se bem deles, matando e comendo á sua vontade, dizendo que até agora nos haviam feito muito mal, com seus saltos contínuos, porque lhes estorvavamos a passada a seus inimigos. Que deles desejavam vingar-se, e não de nós outros, mas daqui em diante não nos lembrassemos mais das guerras passadas, pois tambem lhes haviamos morto muito dos seus, mas que todo o nosso furor se convertesse contra os Tupis, que tão sem razão se haviam alevantado contra nós outros, etc. (229). A primeira e principal condição das pazes foi que eles

tambem haviam de ser amigos de nossos discipulos (que por nos defender se haviam apartado de seus parentes e haviam já morto deles para o qual levavamos alguns com nós outros nos navios), que tambem lhes disseram o mesmo. O que eles concederam de grado, porém depois nos foi isto causa de muita tribulação, mas mui bôa e suave porque, por defensão deles nos oferecemos depois muitas vezes á morte, como eles haviam feito por nós outros, como adeante contarei.

Mostraram todos, homens e mulheres, folgar muito com nós outros, e assim assentadas todas as cousas, sacámos em terra nosso fato. Despedindo-se os nossos de nós outros com muitas lagrimas, como que nos deixavam entre dentes de lobos famintos, e na verdade a todos os Cristãos desta costa e ainda a nossos Padres, que conhecem esta brava e carniceira nação, cujas queixadas ainda estão cheias de carne dos Portugueses, pareceu isto não só grande façanha, mas quasi temeridade, sendo esta gente de maneira que cada um faz lei para si, e não dá nada pelos pactos e contratos que fazem os outros. Mas nós outros em terra, ordenou a Divina Providência que se metessem doze mancebos das duas aldeias em um navio como refens, sem nós outros esperar que fossem tantos, os quais partidos logo ao outro dia vieram a estas vilas, e foram mui bem tratados dos Cristãos, e em o outro navio se meteram cinco dos mais estimados, e se foram caminho do Rio de Janeiro, onde está a maior fôrça dos seus, e o contrato dos Franceses para acabar as pazes com eles, dando testemunho como já ficavamos de assento em suas terras, de cuja viagem depois referirei.

Nós outros nos ficámos em terra, o Padre Manuel da Nobrega e eu, e pousámos em casa de um Indio principal que havia muito tempo que haviam salteado, por engano dos Portugueses com outros muitos, e haviam escapado fugindo do navio, com uns ferros nos pés, e andando toda a noite, e ainda que tinha razão por isto de ter-nos grande odio, determinou de olvidar-se dele e convertê-lo todo em amor, mostrando-se como um dos principais autores desta paz, movido tambem por palavras de uma India que tinha em sua casa, a qual em o mesmo tempo fôra salteada e vendida por escrava contra toda razão e justiça, a qual tinha dado grandes novas de

nós outros, que não queríamos consentir que os que eram salteados fossem cativos, e não queríamos confessar a seu senhor dela, até que a pusesse em sua liberdade, e outras muitas cousas de nossos costumes e maneira de vida, com que deu algum conhecimento e crédito de nós outros áqueles indios seus parentes, e ela tinha cuidado de nos dar de comer e procurá-lo com muito amor e diligência e ainda de avisar-nos de algumas cousas, se porventura os seus maquinavam contra nós outros.

Logo começámos a ajuntar os meninos e meninas do lugar, com os quais também se achegavam algumas mulheres e homens, e lhes começámos a ensinar as cousas da fé, annunciando Nosso Senhor Jesus Cristo áqueles que dele nunca haviam ouvido, e os rapazes aprendiam de boa vontade; de maneira que em espaço de uma semana estavam aptos para receberem o santo batismo, se estivessem em terra de Cristãos, aos quais em público e em particular admoestávamos, especialmente que aborrecessem o comer da carne humana porque não perdessem suas almas no inferno, ao qual vão todos os comedores dela e que não conhecem a Deus seu Creador, e eles nos prometiam de nunca mais comê-la, mostrando muito sentimento de ter mortos, sem êste conhecimento, seus antepassados e sepultados no inferno. O mesmo diziam algumas mulheres em particular, que pareciam folgar mais com nossa doutrina, as quais prometiam que assim o fariam; aos homens em geral falámos nela, dizendo-lhes como Deus o defende, e que nós outros não consentíamos em Piratininga aos que ensinavamos que os comessem a eles, nem outros alguns, mas eles diziam que ainda haviam de comer de seus contrarios, até que se vingassem bem deles, e que devagar cairiam em nossos costumes, e na verdade, porque costume em que eles têm posta sua maior felicidade não se lhes ha de arrancar tão presto, ainda que é certo que ha algumas de suas mulheres que nunca comeram carne humana, nem a comem, antes ao tempo que se mata algum, e se lhe faz festa no lugar, escondem todos seus vasos em que comem e bebem, porque não usem deles as outras, e junto com isto têm outros costumes tão bons naturalmente que parecem não haver procedido de nação tão cruel e carniceira.

Os Indios nos faziam todo o bom trato possível á sua pobreza

e baixeza, e como têm por grande honra quando vão Cristãos a suas casas dar-lhes suas filhas e irmãs para que fiquem por seus genros e cunhados, quizeram nos fazer tal honra, oferecendo-nos suas filhas, insistindo muitas vezes; mas como lhes dessemos a entender que não sòmente aquilo que era ofensa a Deus aborreciamos, senão que não eramos casados, nem tinhamos mulheres, ficaram eles e elas espantados, como eramos tão sofridos, e continentes, e tinhamos muito maior crédito e reverência. As mais particularidades neste caso, não é possível, nem expediente; basta entender-se que é necessaria graça mui especial e fogo do Espirito Santo a quem houver de viver entre gente que põe nisto uma das essenciais partes de sua felicidade, cujos pensamentos, palavras e obras, que quasi necessariamente ha de ouvir-se, e ainda ver-se, todos finalmente vêm parar nisto. Bemdita seja a Suma Bondade que tanto cuidado tem daqueles que são membros desta sua minima Companhia.

Em o primeiro domingo (230) depois que saímos fizemos um altar em um bosque junto ao lugar e dissemos a primeira missa naquella terra, e depois aos 14 de Maio dentro do lugar nos aposentaram em uma casa, saindo-se todos dela, porque assim o deixou mandado seu dono, que era um principal dos cinco que foram no navio ao Rio de Janeiro, como acima disse, e nela celebrámos missa, aspergindo-a primeiro toda com agua benta por estar mui contaminada de mortes e outros pecados que nela seriam metidos; o qual foi o dia dos Santos Martires Vitor e Corona, em que pedimos a Nosso Senhor nos dêsse vitória contra o demonio para concluir-se e efetuar-se estas pazes, das quais se esperava resultar tanto bem e salvação de tantas almas, assim de escravos e mulheres dos Cristãos que cativam continuamente e têm por mancebas, e depois as matam e comem, como dos seus mesmos, dos quais tem Nosso Senhor muitos predestinados para sua glória; e daí em diante sempre dissemos missa, comumente antes do dia, por não ser perturbados dos Indios, os quais se queriam sempre achar presentes por curiosidade e era-nos causa de alguma inquietação, e ainda com tudo isto nunca pudemos fazê-lo tão secretamente que não concorressem alguns, e não se contentavam senão com chegar-se mui perto do altar e mirar mui bem a imagem do Crucificado que ali tinhamos.

Desta maneira viviamos entre eles gastando uns poucos de dias em um lugar, e outros poucos em outro, por contentar a todos, ensinando sempre as cousas da fé a quantos as queriam ouvir, e eramos mui amados de todos, quanto se podia conjecturar por palavras e obras exteriores, maximè porque tinham eles determinado em conselho que o primeiro Cristão que tomassem o entregassem ás velhas, que são as mais carniceiras, e elas o matassem á sua vontade a estocadas e pancadas de paus agudos, e depois de assim morto, um deles lhe quebraria a cabeça e tomaria novo nome,* como é seu costume, e isto porque lhes haviam morto os nossos, pouco havia, um seu grande principal, mas que então estavam já fóra do tal proposito.

Mas porque Nosso Senhor aos que ama castiga e dá tribulações, não quis que passasse muito tempo sem nos dar algum dos semelhantes regalos; ainda que na verdade já anteriormente os começavamos a experimentar e sempre os haviamos com contínuos sobresaltos que tinhamos dos grandes encontros, que nos estavam aparelhados, porque ao tempo que saímos naquela fronteira de inimigos tinham os Indios desta Nação grande guerra junta sobre os lugares dos Cristãos, para o qual tinham aparelhadas duzentas ou mais canôas, que fazem de uma cortiça só de uma árvore cada uma, pondo-lhes outros pedaços da mesma cortiça por bordos, mui bem atados com vimes, e são tão grandes que levam cada uma delas vinte e vinte e cinco e mais pessoas, com suas armas e vitualhas; e algumas mais de trinta, e passam ondas e mares tão bravos que é cousa espantosa e que não se pode crer, nem imaginar, senão quem o vê e muito melhor quem as passa e se se lhes alaga, lançam-se todos á agua, e tiram-a fóra á praia, ou no mesmo mar a exgotam e se tornam a meter nela, e vão seu caminho, e cresce muitas vezes que a grande furia da tempestade se lhas faz em pedaços, e eles em o caminho vão-se á terra. Pois com êstes seus navios assim juntos tinham determinado de dar nos Cristãos, não com guerra descoberta, senão de saltos, uns em uma parte e outros em outra, uns idos, outros vindos, de maneira que nunca a carreira estivesse sem eles, e junto com isto os que deles moram pelo sertão haviam de vir por terra com a mesma continuação, até des-

truirem tudo, se pudessem, e é de crer segundo a pouca indústria que os Cristãos têm em se defender, que em êste ano se havia de assolar grande parte desta Capitania, se não intervieram estas pazes.

Assim que nós outros em terra, cada dia esperavamos por alguns dêstes, porque todos vêm aportar áquela fronteira, dos quais bem criamos que trariam mui bôa vontade de nos matar, como soubessem que estavamos em suas terras, e logo aos 23 de Maio chegaram duas canôas; em uma delas vinha um grande principal da mesma aldeia em que estavamos, que chamavam Pindobuçu (231), que quer dizer "folha grande de palma"; na outra vinha um irmão daquele em cuja casa pousamos, os quais ainda não sabiam de nós outros, e entrando êste em casa, como lhe deram conta do que se passava, dissimulou por então e mandou que lhe desembaraçassem sua casa, e como estivesse dentro fazendo lavar nosso fato a outra casa, chegou um seu genro, que vinha com ele, e vendo-me dentro não pôde passar da porta, mas antes ali parado com uma espada na mão, perguntou a seu sogro: "Quem é êste?" Respondeu-lhe: "O Português". Disse o outro: "Português?" como homem que havia achado cousa mui natural para executar seu odio mortal, que todos nos têm. Eu disse-lhes: "Eu sou vosso amigo, que hei de estar com vós outros daqui em diante". Mas ele mui indignado e soberbo respondeu: "Não quero sua companhia" e outras cousas asperas; mas não lhe permitiu Deus Nosso Senhor fazer mal.

Mas como os outros lhes deram conta do que se passava, logo se assossegaram, maximè Pindobuçu, o qual mostrava grande prazer das pazes, dizendo que muito tempo havia que as desejava, e que queria durassem para sempre, praticando com nós outros muitas cousas, assim das tocantes á paz, como de nossa vida. Nós outros lhes mostrámos as disciplinas com que se domava a carne, falando-lhe tambem dos jejuns, abstinencias e outros remedios que tinhamos, e que tudo isto faziamos por não ofender a Deus, que manda o contrário; e ele replicou: "E Deus que lhes ha de fazer? Por que tendes medo dele?" Então lhe falámos do inferno e glória, etc., do que ele ficou maravilhado, e tendo-nos grande crédito,

porque nossa vida era tão apartada da dos homens, e que não tratavamos senão em cousas de Deus e de bons costumes, e logo começou a pôr por obra o crédito que nos tinha, porque ao tempo que entrou o outro em a casa de seu irmão, em que pousavamos, e tirando nós outros dela nosso fato, não nos podendo empecer em outra cousa, escondeu a campainha com que chamavamos á doutrina, e nunca a quis descobrir, ainda que a foram buscar muitas vezes, até que sendo informado disto o Pindobugú, começou a prégar por as casas, que descobrissem logo a campainha, e não fizessem cousa por onde lhes viesse algum mal, dizendo: “Se nós outros temos medo de nossos feiticeiros, quanto mais o devemos de ter dos padres, que devem ser santos verdadeiros, e teriam poder para nos fazer vir camaras de sangue, tosse, dôr de cabeça,” das quais palavras o outro ficou tão espantado, que logo descobriu que ele tinha a campainha.

Aos 27 de Maio começaram a vir os que tinham a guerra junta, e o primeiro foi um principal (232), com dez canoas de gente, o qual já sabia a nova de nossa saída e logo determinou de nos tomar e matar, e que os que eram vindos em refens ficariam entregues com nós outros, e isto por ser grande inimigo dos Portugueses, por causa dos Franceses, de quem é grande amigo, e tem a um deles por genro amancebado com uma sua filha, de que tem uma neta, e êste seu genro ficava atrás com quatro canoas, que também vinham á guerra a nós outros, e ordenando assim a Divina Providência, encontrou com um navio que ia tratar as pazes ao Rio de Janeiro, de que era capitão José Adorno (233), tio de nosso irmão Francisco Adorno, e sabendo que não era Português entrou no navio abraçando-o e mostrando muito contentamento das pazes, e deu aviso de como os Indios que vinham com ele determinavam de tomá-los ás mãos, e matá-los, aos quais ele já tinha tirado de seu mau proposito e dali se tornou levando cartas do capitão aos Franceses moradores do Rio, em que lhes pedia déssem favor para o cumprimento da paz que se tratava, e o mesmo aconselhou a José Adorno que se tornasse, porque se fosse adeante punha-se em grande perigo de ser morto com todos os seus, e mandou dizer a seu sogro por um Indio seu irmão, que ia em o navio, que

consentisse nas pazes; com isto se tornou o navio e chegou aonde nós outros estávamos em o mesmo dia que as dez canôas.

Ao tempo que êstes chegaram, ordenou Nosso Senhor para que entendessemos que todo nosso bem e salvação nos vinha dele, que a maior parte dos Indios dos lugares em que tínhamos alguma confiança que nos defenderiam dos seus, se quisessem fazer-nos mal, estivessem ausentes; chegando pois aquele principal com suas dez canoas veio logo falar-nos com danado ânimo, o qual era homem alto, sêco, e de catadura triste e carregada e de quem tínhamos sabido ser mui cruel. Êste, pois, entrou com muitos dos seus com um arco e flechas na mão, vestido numa camisa, e assentado em uma rêde começou a tratar das pazes, e a tudo o que lhe dizíamos se mostrava incredulo e duro, trazendo á memoria quantos males lhe haviam feito os nossos, e como a ele mesmo haviam já prendido em outro tempo com pretexto de pazes, mas que ele por sua valentia, com uns ferros nos pés, saltára do navio e havia escapado de suas mãos, e com isto arregaçava os braços e bulia com com as flechas, contando suas valentias. Estando nisto, chegaram os Indios que vinham no navio e deram-lhe novas como seu genro, o Francês, havia feito já pazes, com o qual parece que se abrandou algum pouco, e se foi, por ser já tarde, dizendo que ao outro dia trataríamos mais de espaço, e aquela noite determinaram alguns dos seus de ir por a manhã, com pretexto de resgate, a tomar o navio, e outros a matar aos que estivessem em terra, e puderam fazê-lo muito a seu salvo, se Nosso Senhor o permitira, porque ao outro dia, pola manhã desejando Pindobugú que se efetuassem as pazes, disse-me que fosse aos navios e trouxesse o capitão á terra para concertar como haviam de ser, e indo eu por ele, foram lá cinco canôas mui cheias de gente e começaram uns a resgatar, outros a falar sôbre as pazes, enchendo-se o navio deles e por fim chegou um mui depressa dizendo que fosse asinha o capitão, dizendo que estava já o principal com os seus esperando, para tratar das pazes, que ele iria logo, e êste era o principal autor da traição, ainda que não o sabíamos, mas todavia temendo-nos de que poderia ser, não quisemos sair até que se apartaram as canôas, e, elas idas, o capitão, temendo-se do que em verdade se tratava,

contudo, por ser grande nosso amigo e devoto, não duvidando de morrer onde nós outros morressemos, deixando no navio um irmão de Pindobugú, em refens por si, se saiu á terra commigo, e em saindo se chegou um menino dos da aldeia, que eu ensinava, a mim, e me disse: Já são chegados á casa os Indios e falam sôbre nossas cabeças, e nem com tudo isto se quis o capitão tornar ao navio, que o pudera mui bem fazer, que as casas ainda estavam longe em um monte alto, mas foi-se commigo á aldeia e aquele principal entrou logo em nossa pousada com muitos dos seus, os quais nos cercaram com arcos e flechas, outros com espadas, outros com punhais nas mãos, como homens que não esperavam mais que a primeira palavra do Capitão, o qual, assentado em meio de todos, com uma boa espada na mão e vestido com um saio preto bem fino, antes de tratar com nós outros, praticou com um Francês luterano que trazia comsigo, informando-se dele quem era o Capitão, ao qual o Francês disse que era homem que sabia bem a lingua francesa e dizia haver-se criado em França, mas que não era seu parente, e que vinha a tratar pazes com ele e juntamente com todos os Franceses do Rio; o principal, ouvindo dizer que não era Francês, parece que se alegrou para poder executar sua ira e disse: “Assim? Português é êste?” — Eu, porque o capitão não entendia a lingua brasilica, avisei-o do que praticavam, e ele disse ao Francês que lhe dissesse a verdade, que ele não era Português, mas Genovês e grande amigo dos Franceses, com o qual se aplacou um pouco aquela besta brava e começaram a tratar com nós outros sôbre as pazes; insisti muito que lhe havíamos de dar a matar e comer dos principais de nossos Indios que se haviam apartado dos seus, assim como em outro tempo havíamos feito a eles, e como dissessemos que nenhum deles lhe havíamos de dar, por serem nossos amigos e discipulos, que Deus não queria isso, e que assim o havíamos concertado com os da fronteira, respondeu ele: “Os contrarios não são Deus; vós outros sois os que tratais as cousas de Deus, haveis de no-los entregar.” E como nisso altercassemos um pouco, concluiu ele em poucas palavras: “Pois que sois escassos dos contrarios, não tenhamos pazes uns com outros.” E pouco faltou para logo as quebrar e com quebrar-nos a cabeça, se Deus Nosso Senhor lhe dêsse

licença, a quebrariamos mui de grado por causa tão justa, porque não só nos pediam carne humana para comer, mas ainda aos inocentes que por nos defender se haviam feito inimigos dos seus e posto suas vidas pelas nossas. O Capitão vendo-o tão bravo como lobo carniceiro, que não pretendia mais que fartar-se de sangue, e não dava nada pela razão, por se desembaraçar dele, disse-lhe que se viria cá e praticaria aquilo com o Capitão que o havia mandado, porque ele não tinha licença para poder prometer-lho. Nisto interveiu Pindobuçú, que até então se havia calado, e disse que assim seria bem, que bastava o dito, e com isto se foram e nos deixaram, e antes que o Capitão se fosse a embarcar, lhe descobriu aquele Francês todas as maquinações dos Indios que já tenho contadas. Bem-dito seja o Senhor, que amansou aqueles feros leões.

Este Francês se ficou praticando com nós outros na lingua brasileira, e dele soubemos como todos os seus que estão no Rio são fieis e não papistas e não têm missa, antes perseguem e ainda matam aos que a dizem, que eles crêm só em Deus.

Dêste mesmo e dos Indios que de lá vinham soubemos como de França foram ali enviados 12 frades, que segundo parece deviam ser da Ordem de S. Bernardo, os quais fizeram casa e mantimentos um ano que aí estiveram, e vivam apartados dos seus, dos quais eram perseguidos e maltratados, porque eram papistas e diziam missa; mas dos Indios selvagens e crueis eram tratados com muita humanidade, e alguns lhes davam seus filhos a ensinar, e com tudo isso passavam muito trabalho de fome, pelo qual sendo forçados a buscar de comer pelas roças, e não conhecendo bem as raizes, comeram uma vez de mandioca assada, e houveram de morrer, o qual este Francês contava com muito gosto e prazer que disso tinha. Outra vez, andando os fieis do Senhor trabalhando e queimando um pedaço de mato cortado, para nele plantar mantimento, pegou fogo ás casas e queimou toda sua pobreza, que tinham, e ornamentos da Igreja, vendo-se tão perseguidos dos seus, e que com os gentios não podiam fazer fruto algum, como pretendiam, tornaram-se para a França, e ainda é mais de crer que os mesmos Franceses os levaram, porque não seguiam a excomungada seita de Calvino, e segundo me contou um Indio, no caminho mataram alguns deles e em chegando

á França mataram os outros. A vida dos Franceses que estão neste Rio é já não sòmente hoje apartada da Igreja Católica, mas também feita selvagem; vivem conforme aos Indios, comendo, bebendo, bailando e cantando com eles, pintando-se com suas tintas pretas e vermelhas, adornando-se com as penas dos passaros, andando nús ás vezes, só com uns calções, e finalmente matando contrarios, segundo o rito dos mesmos Indios, e tomando nomes novos como eles, de maneira que não lhes falta mais que comer carne humana, que no mais sua vida é corruptissima, e com isto e com lhes dar todo genero de armas, incitando-os sempre que nos façam guerra e ajudando-os nela, o são ainda pessimos (233-A).

Tornando-me agora ao proposito começado, o capitão José Adorno livre de tão grande angústia, a qual nos havia dado maior aflicção que a nossa propria, se embarcou, ao qual dissemos, e assim escrevemos aos regedores destas vilas que de nenhuma maneira se dêsse não só alguns dos Indios inocentes nossos amigos, mas ainda nem algum dos culpados a comer, ainda que a nós outros nos custasse a vida, porque por tal causa de bôa vontade não a queriamos, e ainda desejavamos dar partido, pois teve tão bom vento pela bondade do Senhor, que chegou primeiro cá que os Indios em suas canôas, os quais ainda vinham determinados a combater a fortaleza de Beriquioca, mas o Capitão da terra, sabido o que passava, os estava já esperando com muita gente e lhes tinha mandado ao caminho alguns dos que cá estavam em refens, com cujas palavras aquele principal vinha já manso e entrou em estas vilas, prègando que folgava muito com as pazes, que já cria ser verdade o que lá lhe diziamos, nem queria que lhe dêssem alguns dos nossos Indios a matar, que se nós outros, estando em sua terra e em seu poder, com tanta constancia haviamos resistido á sua petição, dizendo que não se lhes haviam de dar, quanto mais a teriam os Cristãos cá, que o tinham a ele em seu poder, etc.: assim que foi recebido com muita alegria e festas dos nossos, de que ficou mui satisfeito. Nêste tempo que êste chegou aqui, vieram muitos dos Tupis que se haviam rebelado e meteram-se com os Cristãos em uma fronteira chamada Itanhen com proposito de matar os que haviam vindo em refens, para que com isto se quebrassem as pazes

dos Tamújos, que se pudessem também matar dos nossos, o qual sabido do Capitão da terra (234), se foi lá com os Tamújos e tomou alguns deles que os mais fugiram, dos quais os Tamújos levaram suas prêsas e outros que os nossos lhes deram, para confirmação da paz e para que cressem verdadeiramente eram nossos inimigos, com o qual eles se tornaram tão alegres e contentes que mais se não pode dizer, e moveram todos os seus, de maneira que cada qual se dava maior pressa que podia para vir ver se podiam achar outra tão bôa sorte. A nós outros nos pesou muito quando soubemos, porque *ultra* da causa dos Tupis se vinham com traição ou não, não ser bem examinada, bastara quando isso fôra, fazer verdugos de seus contrarios, mas não deixa-los levar a comer.

Neste meio tempo que isto cá se tratava, em que se passaram mais de quinze dias, nós outros nos ficámos postos entre muitas angústias, e vindos os de nossas aldeias que estavam ausentes lhes contámos o que havíamos passado e as traições que os do Rio urdiam contra nós outros e como ainda eram cá vindos com mau proposito, nomeando-lhes os autores do mal, de que eles mostraram ficar mui enojados contra os seus, incitando-se uns aos outros que estivessem aparelhados para quando êstes volvessem, que não consentissem fazer-nos algum mal, ainda que soubessem fazer-se hoje seus inimigos, e junto com isto ficaram espantados, pensando que Deus nos havia descoberto as traições, inclusive o Pindobuçú, o qual nos disse entre outras cousas: “Vós outros sabeis todas as cousas, Deus vos descobre tudo, rogai-lhe que me dê longa vida, que eu me ponho por vós outros contra os meus.” E daí em diante sempre nos ia a visitar logo de manhã, sabendo se havíamos mister alguma cousa para comer, e procurando-a e perguntando-nos muitas cousas de Deus, ao qual contavamos algumas, mostrando-lhe as imagens na Biblia, de que ele ficava espantado e nos dizia que deixassemos o mais para outro dia, que não podia levar tanto junto, e depois tinha cuidado de tornar a perguntar.

Desta maneira viviamos em continuos temores, esperando cada dia por canôas, assim do Rio, como das que eram passadas á Beriquioca, temendo que fossem descontentes ou houvessem recebido algum dano se acometessem a fortaleza, e se quisessem vingar em nós

outros, e o mesmo temor tinham os nossos amigos de Iperuig, entanto que querendo eles ir a trazer uma canôa á selva, aonde se haviam de deter alguns dias, diziam seria bom levar-nos comsigo, porque não viessem estoutros estando eles ausentes como dantes havia acontecido. Mas Nosso Senhor por nos ensinar a verdadeira prática de *maledictus homo que confidit in homine*, e para que só nele pusessemos nossa esperança, ordenou que se fossem aos bosques todos os Indios de uma aldeia e a maior parte da outra, e ficássemos sós, senão quando, aos 9 de Junho, vespera de Corpus Christi, estando nós outros no fim da praia, appareceu uma canôa que vinha do Rio de Janeiro, nós outros tomámos por melhor conselho ir á aldeia de Pindobuçu, porque estando ele presente, nos parecia estariamos mais seguros de qualquer encontro e demos a andar pela praia e ás vezes a correr, porque pudessemos passar antes que a canôa chegasse, por lhes não dar ocasião, se nos achassem sós, de executar sua danada vontade, da qual ainda que não eramos mui certos, todavia estavamos receiosos pelo que já havíamos passado, e êste foi um outro trabalho, o maior, ao menos dos maiores que o Padre Manuel da Nobrega teve em sua vida, porque estando ele mui fraco de suas contínuas indisposições e junto com o da má vida que ali se passava, se queria correr não podia, se não corria punha-se em perigo de vida; todavia correu quanto pôde, e mais do que pôde, até ao fim da praia, onde, antes da aldeia, que está posta em um monte mui alto, corre uma ribeira d'agua mui larga e que dá pela cintura, o Padre ia com botas e calças que comumente traz por as chagas que tem em as pernas, do que ficou mui mal tratado, se se punha a descalçar chegava a canôa, que estava já detrás de uma ponte mui proxima de nós outros, de maneira que o tomei ás costas e o passei; mas em o meio do rio vinhamos já todos molhados, e como minhas costelas ainda cansem e dóem como soíam, e têm mui poucas fôrças, não o pude bem passar e foi forçado o Padre a lançar-se na agua, e assim passou todo ensopado, de maneira que escassamente tivemos tempos para nos poder meter polo monte e encobrir-nos com as árvores, pois polo monte arriba foi cousa de ver, ficou-se o Padre, as botas, calças e roupeta e todo molhado, com toda a sua roupa molhada ás costas e ele em camisa só, com um

bordão na mão, começámos a caminhar, mas ele nem atrás, nem adeante podia ir, emtanto que, vendo o seu trabalho e que era impossível chegar á aldeia, lhe cometi que nos escondessemos no bosque até que passassem os da canôa, os quais estavam já no ribeiro gritando, e se não fôra a tardança que fizeram em tirar a canôa á terra, bem creio que não chegaríamos á aldeia, á qual ainda chegámos, porque encontrámos com um Indio dela, do qual, com muitos rogos e prometer que se lhe pagaria, alcancei que, agora ás costas, agora puxando pelo bordão, levasse o Padre, e assim, quasi sem respiração, chegou ás casas; mas porque nos mostrasse Nosso Senhor quão alta é *salus hominis*, permitiu que Pindobuçú em quem confiavamos não estivesse em casa, e na canôa vinha um seu filho (235), um dos mais insignes em maldade que ha entre aquella gente, com alguns 30 mancebos de sua qualidade, o qual estando com sete ou oito canôas para vir á guerra, ouvindo a fama dos nossos as deixou e se meteu mui depressa em uma delas, qucrendo ser ele quem levasse a honra de nossa morte, e traziam assentado que entrando em casa, sem dizer nada aos seus, porque não os estorvassem, uns aferrassem de nós outros e ele nos dêsse de estocadas e cutiladas, fazendo conta que nem seu pais nem os outros da aldeia os haviam de matar por isso, que se lhes quisessem dar de paus que os sofriam, mas que eles primeiro fariam a sua. Entrando ele, pois, com êste proposito em casa de seu pai que estava ausente, disse-lhe um seu tio como nós outros eramos idos e tratavamos pazes, e quem eramos, com o quê, parece que algum pouco se amansou seu furioso coração, mas não de todo, antes dali a pouco espaço entraram muitos dos seus onde pousavamos, estando nós outros rezando a vespera, a qual acabada, entrou um, que era dos que nos haviam de tomar, com uma espada mui reluzente na mão, e sentou-se em uma rêde com o rosto não mui alegre, olhando-nos de través sem nos falar, e detrás de todos veio seu Capitão, o qual assentado junto de nós outros, não estando em casa mais que só nosso hospede, com cara alegre e grandissima dissimulação nos começou a falar, e praticando mui devagar em cousas diversas, nos repetia muitas vezes: “E’ certo que tratai verdades nestas pazes, olhai que os Franceses nos dizem que não pretendeis senão que vamos muitos juntos a vos-

sas terras, e matar-nos, e que vós haveis de fugir e deixar-nos em branco.” Finalmente, depois de mui longas práticas se foi, com todos os outros, mui brando, e descobriu tudo o que trazia ordenado, dizendo: “Eu vinha a fazer isto e aquilo, mas quando entrei a ver os padres, e lhes falei, caiu-me o coração e fiquei todo mudado e fraco, e pois eu não os matei, que vinha tão furioso, já nenhum os ha de matar, ainda que todos os que vierem hão de vir com o mesmo proposito e vontade”. Louvado seja o Senhor por todas as suas obras.

Se houvesse de escrever todas as particularidades que ali passaram seria nunca acabar, não é mistér mais senão que dali em diante cada dia bebiamos muitos tragos de morte, dos quais ainda hei de contar alguns para glória de Deus. Os Indios que estavam na selva tiveram logo rebate como eram chegados aqueles do Rio e que os Padres eram fugidos pelos bosques com medo deles, de que eles diziam com muita tristeza polo Padre Nobrega: “O Padre velho onde se irá agora por êstes espinhos? Bem diziamos nós outros, que não os deixassemos sós”, e outras semelhantes palavras de compaixão e de boas condições, e o mais desenganado de todos eles, como antes parecêra, chamado Cunhambeba (236), se meteu logo em uma canôa, que ainda não tinha acabada, e se veio já mui alta noite, meio mergulhado por mar mui bravo, a socorrer-nos, e sabendo que estávamos em paz, sossegou aquela noite. Ao outro dia, que foi de Corpus-Christi, nos fomos mui de manhã á sua aldeia, onde ele havia dias que nos havia mandado fazer uma casita pequena, em meio dela, para dizer missa, e quando nos viu, assim ele como todas as mulheres da aldeia receberam tanta alegria, como se ressuscitáramos áquela hora, falando-nos palavras de muito amor, e foi-se logo á outra aldeia a convidar aos outros que viessem a beber á sua, onde lhes tinha grandes vinhos, e andando bebendo e bailando com grande festa, lhes disse que não queria que ninguem nos fizesse mal, nem falasse algumas palavra aspera, e não estorvassem as pazes que ele fazia com nós outros, que determinava de nos defender ainda que soubesse quebrar com eles, e a uns deles mais ruins disse: “Vós outros não me enojeis, que eu já matei um dos vossos e o comi”, o qual dizia que um escravo

dos Portuguezes que era dos do Rio de Janeiro, que havia poucos dias que de cá fugira, e ele o havia morto e então mandou a uma de suas mulheres que tirasse uma canela da perna que tinha guardada, de que sóem fazer flautas. Os outros vendo-a disseram: "Pois tu o mataste e comeste, comamos nós outros tambem", e pedindo farinha, um por uma banda e outro por outra, começaram a roer em ela como perros; assim toda a cousa passou em festa e ficaram grandes amigos. Desta maneira lhes falavam tambem os outros em nosso favor, mas tudo aproveitara pouco se não tiveramos outro maior guardador, porque é esta uma gente tão má, bestial e carniceira, que só por tomar um nome novo ou vingar-se de alguma cousa passada, não tivera em conta qualquer mancebo soberbo matar-nos, como é certo tinham muitos boa vontade de o fazer, maximé sabendo que por isso não havia de ser enforcado, e que todo o castigo passaria com dizer-lhes os outros: "E's um ruim". Para prova do qual é de saber que nêste mesmo tempo os do campo deram pela serra em uma fazenda de um homem, o qual, ainda que tinhamos mandado aviso por cartas, não se quis guardar, parecendo-lhe que, como soubessem que estavam muitos dos seus entre nós outros, já não lhe fariam mal; mas eles, não curando de nada, ainda que lhes disseram que tinhamos já feitas pazes, lhe puseram fogo á casa e a queimaram e mataram a ele e á sua mulher e fizeram logo em pedaços, e outra mulher meio queimada e ferida levaram viva e em sua aldeia a mataram com grandes festas e vinhos e cantares e junto com ela algumas escravas.

Depois disto, aos 20 de Junho, sendo já idos de cá os Tamújos com suas prêsas, e ficando-se muitos em terra com desejo de pelejar com seus contrarios, mandou-nos o Capitão um bergantim para que nos viessemos, parecendo a todos, polo grande contentamento que eles levavam, que já seriam firmes as pazes, e ao dia que chegou lá o bergantim eram partidas para aqui onze canôas, em que vinham muitos do Rio e todos da fronteira, salvo dois ou três principais que ficavam como em nossa defesa com alguns seus criados, e logo nêste mesmo dia chegaram dez canôas do Rio, as quais, com a prêsa que estoutras haviam levado, vinham mui

alegres e se partiram logo a alcançar as onze; mas porque os Indios ainda não estavam de todo seguros, e crendo nossa fé e verdade pela sua, que é mui pouca, não nos deixaram vir a ambos, nem nós outros lhes instamos por isso, todavia pareceu bem que se viesse o Padre Nobrega, e ainda que a ele lhe foi mui caro, por deixar-me só, esperando que ainda nos poderia caber alguma bôa sorte de ser comidos por amor do Senhor, todavia eu lhe instei muito que se viesse e só me deixasse sua benção e mandamento, que lá dêsse minha vida ao Senhor e polo Senhor dela, e com isso se teve de embarcar, despedindo-se de mim com muitas lagrimas, sem eu lhe corresponder com algumas, e mandando-me que com a melhor ocasião que achasse me viesse. Em minha companhia se ficou um homem muito nosso devoto e amigo de Deus (237), cuja mulher, filhos, escravos e uma sua cunhada lhe haviam levado havia quasi um ano, como nas letras passadas hei referido, o qual, depois de haver passado muitos trabalhos por resgatá-las, quis então sair-se em terra com muito resgate, esperando, segundo o bom começo que levavam as pazes, que as poderia tirar de cativeiro e pecado, e se mais não pudesse não duvidando de dar sua vida por causa tão justa, e certo que sua companhia foi para mim não menos boa e suave que se fôra um Irmão da Companhia, a qual me foi ocasião de padecer alguma cousa, mais por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, *cui laus in sæcula*.

Partido pois dela o Padre aos 21 de Junho (238), passou uma noite grave tormenta junto de uma ilhota, entanto que uns dos domesticos já tratavam de tomar ao Padre sôbre uma taboa e levá-lo á terra a nado, se pudessem, mas amansando a Divina Misericordia a tempestade, chegaram cá a salvamento, e foi recebido o Padre com estranha alegria, como quem saia dentre os dentes famintos daqueles tigres féros, e com sua vinda se ordenaram muitas cousas importantes ás pazes, e dois dias antes dele haviam chegado as vinte e uma canôas, ás quais se fez muita festa, mostrando especial favor aos de Iperuig, por causa de nós outros, por quem eles haviam tido tão bom cuidado, e dando-lhes a entender a estima em que eramos tidos de todos, por ser prègadores da pa-

lavra de Deus, com as quais cousas eles mais se asseguraram, e do que mais succedeu logo contarei.

Nós outros começámos logo a ser visitados de Nosso Senhor em tribulações, porque aos 25 de Junho, assim os poucos que haviam ficado da fronteira, como uns do Rio que aí estavam, tendo já determinado de matar um escravo de meu companheiro, fizeram grandesinhos e beberam todo o dia, e dando-me aviso disso umas mulheres, falei eu com um dos Indios que havia pouco que era ido de cá, que viera em refem e era um dos principais autores daquela festa, mostrando-me mui triste e enjoado dele querer consentir tão grande traição, e pois aquilo faziam, também a nós outros quebrariam as cabeças; ele rindo-se muito disto, disse-me que não pensasse tal cousa, que não havia ele ido de cá senão para defender-me de quem me quisesse enojar, e outras cousas com tanta dissimulação que eu fiquei pensando que seria mentira o que me haviam dito. Mas já sôbre a tarde, estando já todos bem cheios de vinho, vieram á casa aonde pousavamos e quiseram tirar logo o escravo a matar; nós outros não tínhamos mais que dois Indios que nos ajudassem, e querendo eu defendê-lo de palarra, dizendo que o não matassem, disse-me um dos dois: “Calai-vos vós outros, não vos matem os Indios, que andam mui irados, que nós outros falaremos por ele e o defenderemos”; e assim o fizeram deitando a todos fóra de casa; mas tornaram logo outros muitos com eles feito um magote, e grande multidão de mulheres, que faziam tal trisca e barafunda que não havia quem se ouvisse, umas gritando que o matassem, outras que não, que estavam cá seus maridos e lhes fariam mal os nossos se o soubessem; os Indios como lobos puxavam por ele com grande furia, finalmente o levaram fóra e lhe quebraram a cabeça, e junto com ele mataram outro seu contrário, os quais logo despedaçaram com grandissimo regosijo, maximé das mulheres, as quais andavam cantando e bailando, umas lhes espetavam com paus agudos os membros cortados, outras untavam as mãos com a gordura deles e andavam untando as caras e bôcas ás outras, e tal havia que colhia o sangue com as mãos e o lambia, espetaculo abominavel, de maneira que tiveram uma boa carniçaria com que se faltar.

XV. — CARTA DE S. VICENTE (1565)

Passada aquella noite com assás amargura, ao outro dia muito antemanhã se levantaram algumas mulheres, daquelas em cuja casa pousavamos, e começaram a prègar pelas casas contra os que haviam morto o escravo, dizendo que os nossos o saberiam e vingariam, com outras cousas, de que eles ficaram tão sentidos que houvera de ser cousa de nos mesclar tambem com o escravo morto, para que os nossos tivessem bem que vingar, assim que nos foi necessario falar em particular com os principais autores daquela morte e dizer-lhes que não se fiassem das palavras de mulheres, que os nossos não haviam de fazer caso da morte de um escravo, etc.; com que eles ficaram algo desassombrados, e porque, *diligentibus Deum video operantem in bonum*, vendo eu por êste caso e conhecendo de todo a grande falsidade daquela gente e sua pouca constancia no bem começado e muita arte para dissimular maldades que determinavam cometer, acabei de persuadir-me que mui pouca cousa bastava para os mover a nos dar a morte, e determinei de me dar mais intimamente a Deus, procurando não só achar-me mais aparelhado para recebê-la, mas tambem desejá-la e pedí-la a Deus Nosso Senhor com continuas orações e inflamados desejos, e confesso minha fraqueza que muito me afligia a carne com continuos temores (239), mas o Espirito pela graça do Senhor estava pronto, e ainda que me contristava muitas vezes a grande tibieza passada, que sempre tive no aproveitamento das virtudes, maximè da obediencia, todavia me dava ainda a esperar que por aquella última obediencia me perdoaria a Suma Bondade por sua infinita misericordia todas as desobediencias passadas, e queira aceitar minha morte em sacrificio e odor de suavidade; prouvera a Deus que então achara, mas ainda desespero, porque não tem uma só benção que dar.

Razão seja que dê conta do fruto que da selva tão inculta daquela nação se ergueu, e é êste. Estando eu, logo depois destas aflições, aos 28 de Junho, em uma cabana de palma, onde o Padre costumava a celebrar missa, junto a uma pousada, e como rezasse as matinas, ouvi junto dela falar e cavar, e como ali as Indias costumavam fazer louça, pensei que seria isso e não me quis distrair; mas, acabadas as orações, o que seria já passada meia hora,

chegou-se ali uma Índia, e lhe perguntei o que faziam, e mo disse, que enterravam um menino. Pensando eu, que haviam morto algum, contou-me ela o que se passara, e era que uma havia parido e fôra tão sem dôr, que não estando mais que a dez ou doze passos de mim, nem gritos nem gemidos lhe ouvi, porque nenhum dera, e acabando de nascer dela um menino mui formoso, o enterrara vivo a velha sua sogra, porque sendo aquela moça prenhe de um que havia por mulher, sendo dele deixada, com outro se casou, de maneira que segundo a opinião desta gente, ficava o menino mestiço de duas sementes (240), e aos tais, em nascendo, logo vivos os enterram com tão grande bestialidade e crueza, que mui menor sentimento tem por ele sua mãe que se lhe morresse um cachorro, porque dizem que os tais são depois debeis e para pouco, e que é grande deshonra, depois, que venham a ser chamados mestiços. Sem nenhuma confiança na vida dele, por haver já tanto tempo que estava debaixo da terra, deixei as matinas e fui correndo molhar um pano em agua e cavando a terra vi que ainda bolia e batizei-o, fazendo tenção de o deixar, parecendo que já expirava, mas dizendo-me umas mulheres que podia ainda viver, porque, ás vezes, estavam tais como êstes todo um dia enterrados, e viviam, determinei retirá-lo, e fazê-lo criar. A êste espetaculo tão novo, concorreram muitas mulheres da aldeia e com elas um Indio com uma espada de pau para quebrar-lhe a cabeça, ao qual disse que o deixasse que eu o queria tomar por meu filho e com isto se foi; desenterrei-o e nenhuma daquelas mulheres lhe quis pôr mão, para lavá-lo, por mais que lhes rogasse, antes se estavam rindo, e, passado tempo, dizendo que já o Padre tinha filho, e lhes ficou isto depois por gracejo, e a todos os Indios. Vendo-os assim, tomei o menino e depú-lo sôbre um pano e comecei a limpar e lavar o melhor que pude; então moveu-se uma delas a me ajudar e como quer que eu soubesse pouco do offício de parteira, e fôra cortar o umbigo junto da barriga, uma velha tomou-me a mão, dizendo-me não o cortasse por aí, que morreria, e me ensinou a cortar finalmente; envolvi-o em uns panos e o entreguei a uma de minhas amas, mulheres de meu hóspede, que mo criasse, e algumas outras mulheres lhe vinham dar de mamar, de

maneira que viveu um mês, e ainda viveria, e cresceria, se não lhe falta a teta, mas por falta dela morreu. Na verdade ele teve siso em fugir de gente tão má e ir-se ao céu gozar de seu Criador, o qual para sempre seja bemdito. Amen.

Outra vez me aconteceu achar-me presente a uma mulher de parto, a qual deu á luz a uma menina, que de todos foi julgada por morta e tendo ainda as páreas no ventre pegadas ao umbigo da menina, sentindo-lhe eu alguns sinais de vida, e batizei, não sendo ainda bem parida, que em semelhantes casos é necessario apressarmo-nos algumas vezes. Começou depois a menina a bolir pouco a pouco e viver e ainda estava viva quando de lá vim, ainda que eu mais quisesa deixá-la no paraíso: o Senhor que a criou e regenerou pelo batismo terá cuidado de sua salvação, seja louvado por todas as suas obras e maravilhas. Depois soube que era falecida e ida a gozar seu Creador.

Logo ao 1º de Julho chegaram cinco (241) canoas do Rio, e ao seguinte dia, que foi da Visitação de Nossa Senhora, nos vieram muitos a visitar, trazendo a mesma intenção de nos matar que os outros, os quais, *ultra* da angústia em que nos puseram cercando-nos, todos, com suas armas, maximè um que entrou mui feroz com sua gente, praticando comigo todo seu intento tinham posto em as casas daquele homem, e falava, de quando em quando, entre dentes, aos seus, um dos quais estava junto de mim armando um arco com uma flecha nele, mas, não passou adeante; *ultra* disto me deram grande trabalho detendo-me em práticas mui importunamente, porque cansando um e ido, vinha o outro, e dizia: Eu sou fulano, tenho tal e tal nome, e fiz tal valentia, matei tantos, e outras cousas semelhantes e com isto nunca acabavam, instando muito com meu companheiro que lhe mostrasse o resgate que trazia, e assim resolveram tudo; ao outro dia tornaram a beber já sôbre a tarde, depois do vinho acabado nos cercaram com mui maior importunação, e alguns deles nos davam algumas consolações insolitas e de pouca consolação, dizendo-me que não tivéssemos medo, que não nos queriam matar. Com isto e com outros muitos sinais que eu havia visto dantes, me persuadi que era já chegada a hora em que nos queria Nossa Senhora visitar, e

disse ao meu companheiro que se aparelhasse; mas depois de mui longas importunações se começaram a sair poucos a poucos e nos deixaram, e um deles, que aquele mesmo dia me havia dito que ele não queria pazes, tornou a entrar em casa mui carrancudo, com uma espada nua, deixando a bainha em outra parte, parece por que não lhe fosse impedimento, e passando per mui perto de mim, devagar, sem falar comigo, nem com outro algum, esteve um pouco quedo, olhando para outra parte, e na verdade ainda que então não era tempo de suspeitar mal do proximo, por não cair em algum juizo temerario, todavia meus olhos estavam bem atentos nele, vendo em que parava, e meu coração lhe estava dizendo: *Quod facis, facimus* e faze o que Deus te permitir que aparelhado estou; ele tornou-se outra vez por donde havia vindo e com o mesmo vagar e semblante, parando-se-me outro momento á mão esquerda mui contemplativo, mas não se estendia sua contemplação mais que até mim; nisto veio um seu irmão a chamá-lo, e foram-se.

E porque não passassem muitos dias sem os semelhantes tragos, logo aos 6 de Julho chegaram as canôas que eram cá vindas quando chegou o Padre Nobrega, os quais iam fugindo, com medo que os matassem cá os nossos, e a razão desta fugida foi que, estando eles alguns dias mui contentes e bem tratados, esperando que amansasse o mar, para com ajuda dos Cristãos ir a dar guerra aos Tupis, seus contrarios, fugindo um escravo de um Cristão, o qual era parente dos do Rio, e porque o levassem consigo á sua terra, urdiu bem de mentiras dizendo-lhes: “Venho-vos a dar aviso, meus parentes, porque lhes quero bem e não queria que vos matassem, sabei que logo de manhã vos hão de matar os Cristãos a todos, que já têm apelidada a terra, e não esperavam senão que viesse Pindobucú, Cunhambéba e os outros principais de Iperuig, para os matar a todos e a fulano, vosso parente, que nos parece já o mataram e lhe mandaram quebrar a cabeça por um contrário” (êste de quem isto dizia era um mancebo dos primeiros que cá haviam vindo, o qual havia desaparecido sem se saber dele); e como dissessem alguns áquele escravo: “Como nos hão de matar se está o Padre?”, respondeu o escravo: “Os Padres não estimam nada suas vidas; de costume têm de fa-

zer semelhantes cousas”; com estas mentiras os do Rio como quer que tinham os corações danados, levantaram-se logo com grande medo, que seriam duas horas antes do dia, e dando rebate aos de Iperuig, que disto nada sabiam, e levando-os quasi por fôrça fugiram, e de caminho quizeram levar a gente da Beriquioca; mas não lho consentiu Pindobuçu, nem os outros, antes o Cunhambéba, vendo-se corrido de se ver assim fugindo pola mentira de um escravo, se ficou ali com muitos dos seus, dizendo que se havia de tornar cá, que a ele só matariam os Cristãos.

Os outros foram-se seu caminho, e entrando nosso hóspede em casa com grande carranca me disse logo ás primeiras palavras: “Vieram fugindo, que nos haviam de matar os seus; mandava-nos á tua terra para que nos matassem a todos?” Eu lhe respondi: “Eu não costumo dizer mentiras, mas trato verdade com vós outros; se os meus porventura vos quizeram fazer traição, para isto estou aqui, eu só morrerei”. Ele então me respondeu: “Não fales em morrer, porque não venho eu cá senão a defender-te. Também dizia que roubassemos a fazenda a teu companheiro, mas eu nem os outros não quisemos consentir nisso, porque temos tudo isso por mentira e engano”. Ele contou a cousa como passava, dizendo que aqui ficava Cunhambéba com muitos outros, que ele e Pindobuçu se haviam de voltar para defender-nos dos do Rio, e assim parece que isto mesmo foi ordenado por Nosso Senhor para ir ao encontro a uns bravos leões que naquele mesmo dia chegaram do Rio em dez canôas, cujo principal intencionava vingar a morte de um seu grande principal que os nossos pouco havia mataram em uma guerra, os quais ao dia seguinte me foram para falar com o mesmo semblante que os passados, e ainda peor, e trataram muitas cousas das pazes, estando seus corações mui pouco pacíficos, e como repetiam todos que lhes haviam de dar a comer seus contrarios, que estavam de nossa parte, eu sempre contradisse, até lhes dizer: “Não faleis mais nisso, nenhum desses se vos ha de dar, aqui estou eu em vossas mãos, se me quereis comer, comei-me que eu nisso não hei de consentir”. Ficaram por uma parte espantados de ver com quanta constancia sempre naquilo lhes resistia, e por outra mui irados, ainda que trabalhavam

de o dissimular; êstes nos puseram em grande angústia, porque se detiveram ali cinco dias, e não faziam senão ir e vir á nossa pousada, e uns queriam todavia vir a dar guerra, sem embargo que estavam cá muitos dos seus, outros aos mais tinham boa vontade de nos matar, ou ao menos roubar a meu companheiro, tendo todos mui certo ser verdade a mentira que o escravo havia dito, e alguns que dantes me haviam falado com mui alegre semblante, então nem ver-me queriam, senão com olhos cheios de ira, o qual mostravam com algumas palavras asperas; mas em meio desta tribulação acudiu o Senhor com sua solícita misericórdia, mostrando como tratavamos verdade, e foi que chegou então á aldeia aquele mancebo, que acima disse haver desaparecido, que o escravo dissera haver sido morto dos nossos (242), o qual mancebo, com um medo que teve sem razão, fugiu de cá, polos bosques e praias, e ao cabo de um mês, tendo já todos perdida a esperança de sua vida, chegou lá em tempo de tanta necessidade, com cuja chegada conheceram ser mentira tudo o que o escravo havia composto, o qual ainda para os de Iperuig, meus amigos, foi causa de grande alegria e de ter muito crédito a minhas palavras.

Como aqueles do Rio não se aquietavam, e desejavam de efetuar sua danada vontade, tanto que os outros, entendendo-se-lhe mui bem, lhes rogavam que se tornassem para suas terras e não quisessem fazer cousas com que estorvassem as pazes. Mas, vendo o Pindobugú que não bastavam rogos, veio ali, vindo os outros um dia á nossa pousada, como soiam, e temendo que nos fizessem mal, se foi lá com uma espada de pau, com que sóem quebrar as cabeças a seus contrarios, nas mãos, e começou a falar com voz mui alta e dizer-lhes, dando palmadas em si, como fazem em som de guerrear, falando: “Não quero que ninguém bula em minha aldeia; os Cristãos fazem pazes comigo que estou fronteiro, e os meus não me vêm a defender, não querem êstes meus parentes senão cabeças de fóra dos Cristãos e não de seus contrarios; não o hei de consentir”; com muitas outras cousas em nosso favor, tão alto que acudiram os de sua casa, pensando que já era a coisa travada; os outros calaram-se e falando ele com um em particular, lhe dizia de mim: “Êste é o que trata as cousas de Deus e o ver-

dadeiro mestre dos Cristãos; se lhe fazem algum mal, logo nos ha Deus de destruir a todos”; e esta era a principal causa que fazia a êste Indio procurar tanto por mim, porque temia, e assim parece que o tinha encaixado em o coração, que não tinham mais vida que enquanto me defendessem e não me permitissem fazer algum mal, e dizia-me muitas vezes: “Filho José, não tenhas medo, que ainda que os teus matem todos os meus parentes, que estão em tua terra, eu não hei de consentir que te matem porque bem sei que falas a verdade; se os teus fizeram mal, neles me vingarei”. Depois: “Bem vês como sempre te defendo e falo por ti, por isso olhe Deus por mim e dê-me longa vida.” E dizendo-me que em a outra aldeia queriam matar um contrario, para com ele fazer festa áqueles do Rio, que ainda não eram idos, determinei eu de ir lá a ensinar-lhe as cousas de sua salvação e ver se queria ser Cristão, e dizendo-o a Pindobugú, me disse, ainda que mui pesadamente, que fôsse, e descendo eu polo monte abaixo, mandou mui depressa uma de suas mulheres atrás de mim dizendo-me que me volvesse, porque queriam saltar e furtar o contrario enquanto estavam ali os do Rio e talvez que eles me matassem. Eu estive em grande dúvida, e temendo ser temeridade ia adeante, depois de recebido êste aviso que me mandava como cousa certa, todavia, parecendo-me que aquele contrario estava em extrema necessidade de ajuda espiritual, porque muitos dos tais em aquele tempo recebem o batismo com muita fé, me determinei a ir, sentindo que seria mui bem empregada minha vida pola salvação de um meu irmão e amigo do Padre Francisco Cardoso (243), o qual occupase da outra aldeia, onde iam muitos meus amigos, e o perigo só ser em o caminho, que não era mui longo, enfim, fui; mas pouco aproveitei, que ele não quis ser Cristão, dizendo-me que os que nós outros batizavamos não morriam como valentes, e ele queria morrer morte formosa e mostrar sua valentia, posto em o terreiro atado com cordas mui longas pola cinta, que três ou quatro manecos têm bem estiradas, começou a dizer: “Matai-me, que bem tendes de que vos vingar em mim, que eu comi a fulano vosso pai, a tal vosso irmão, e a tal vosso filho” — fazendo um grande processo de muitos que havia comido destoutros, com tão grande

ânimo e festa, que mais parecia ele que estava para matar os outros que para ser morto; entanto que não o podendo mais sofrer, não esperando que seu senhor lhe quebrasse a cabeça com sua espada pintada, saltaram muitos com ele, e a estocadas, cutiladas e pedradas o mataram, e estimou ele mais esta valentia que a salvação de sua alma.

Tornarei agora aos nossos, os quais depois da fugida dos Indios, ficaram com grande tristeza, maximè o Padre Nobrega, que houvera de chegar a ponto de morte sem nenhuma consolação por haver me deixado só entre os inimigos, principalmente porque não havia de ser companheiro de minha morte, a qual ele e todos os Cristãos tinham por certo que me haviam de dar os Indios como chegassem a suas terras; mas consolou-os Nosso Senhor com a vinda de Cunhambeba, o qual, como acima hei dito, achando-se ausentado por haver fugido, se tornou da fortaleza da Beriquioca e se partiu logo com o Padre Nobrega á fronteira de Goiaze (Goiáz), para fazer a liga com nossos Tupis, que se haviam posto de nossa parte contra os seus, os quais estavam com grande medo pensando que os queriam dar a Cunhambeba para confirmar as pazes, e o Cunhambeba com os seus pensavam que o queriam entregar aos outros, e assim em ambas as partes andava um mesmo temor. Mas o Padre Nobrega os fez ajuntar a todos na igreja onde se falaram e abraçaram e ficaram grandes amigos (244). Logo no dia seguinte chegou grande multidão dos Tupis inimigos sôbre a vila, aos quais saíram ao encontro os Indios seus parentes com seus novos amigos e alguns mancebos mestiços, e pelejaram todo aquele dia, sem lhes deixar passar o rio, antes flechando muitos deles os fizeram fugir, e não lhes foram ao alcance por ser muita gente, e os nossos mui poucos, e depois indo o Cunhambeba com alguns mancebos dos seus e dos Tupis a correr a praia, tomou um, com a qual prêsa determinou de tornar-se logo a dar certa informação do que passava e pacificar os que haviam fugido, que cada dia esperavam por nova certa, mas não havendo oportunidade para logo partir-se, mandou os mais dos seus a Piratininga, onde tambem se esperava por guerra, aonde depois vieram mais de 300 dos Tamújos moradores no campo, em um rio, mui nomeado, chamado Paraíba, cujo Capitão era

um que havia ido a falar commigo a Iperuig sôbre as pazes, e assegurando-o eu que entrasse em Piratininga, fê-lo assim, mandando adeante uns 20, os quais guiados por um que já ali havia estado, se vieram direitos á nossa portaria, tocaram a campainha, e foram recebidos e acolhidos, onde não usavam sair fóra em meio de seus contrarios, dizendo que eu os mandara ir muitos a nossa casa, até que se asseguraram.

Ali tambem juntaram os Padres uns e outros na igreja para que fizessem as pazes, onde um de nosso discipulos posto sôbre um banco fez grande prática em alta voz dizendo aos Tamújos: “Eu sou fulano, de quem vós outros tanta fama haveis ouvido de assaltar muitos dos vossos e morto, porque sempre fui grande vosso inimigo, e agora, ainda que me apartei dos meus por amor dos Cristãos e de Nosso Senhor Jesus Cristo, posso de minha parte, contudo nem tenho medo de vós outros, porém queria vossa amizade, mas porque estando na casa de Deus e os Padres que nos ordenam nossa vida, foram á nossa terra e ordenam estas pazes, e querem que sejamos amigos, sejámo-lo daqui em deante, e desde já não se nos lembre mais das guerras passadas”; e com estas e outras palavras que se passaram de parte á parte se abraçaram, e contudo estavam nossos discipulos tão tristes e enojados polas novas que lhes vinham dar, que se pensaram e tiveram para si que me haviam morto: desejára eu de saber boa de minha morte, era fato certo por uma vez, e ainda com tudo isto se não andaram os Padres rezando sós, não creio que houvera de esperar por novas certas, mas não obstante isto, tinham muita paciencia sofrendo-lhes muitas cousas e recolhiam-os em suas casas, dando-lhes de comer e beber, porque eu estava lá em suas terras.

Nêste mesmo tempo os Tupis deram no caminho de Piratinin-ga e mataram quatro ou cinco dos seus e três escravos do Colegio, e tambem houveram de matar um Padre nosso, senão que, ordenando-o assim a Divina Providência, havendo ele de vir com eles, se veiu um dia antes e assim escapasse de cair em suas mãos, e com todos esses perigos, que continuamente estão armados nêstes caminhos, não podemos deixar de ir e vir a Piratininga, segundo o pede a necessidade, entregues em as mãos do Senhor, cuja é a nossa vida.

Nós outros todo êste tempo que esteve cá Cunhambeba, que foi mês e meio, esperando oportunidade para sua partida, passámos muito trabalho, assim exterior de fome e enfermidades, como interior de contínua aflicção por ser muita tardança, não porque não entendessemos que bem tratados haviam cá de ser, senão polos contínuos temores que os seus lá tinham de que vinham a imaginar mil mentiras, *maximè* as velhas, e certo que foi muito, sendo aquela gente a mais subtil que ainda houve no mundo para inventar mentiras e facil para as crer, poderia sofrer tanto tempo que não nos fizessem alguma cousa movidos por qualquer e *maximè* por algum seu feiticeiro, e assim sempre falavam com os seus, dizendo como teriam de ser eles salteados e mortos, se foram mortos algum houvera de escapar e vir por terra a dar-lhes novas; outros me diziam: “Não te disse Deus alguma cousa para os matar a eles?” E o Pindobugú, que me tinha mais crédito, *ultra* de me o perguntar muitas vezes, dizia que Cunhambeba e outros pediram-lhe soubesse de mim isso, e uma noite, indo-se á minha pousada não estando eu, perguntou a meu irmão: “Que é do Padre? dorme já?” Respondeu-lhe o outro: “Ele porventura dorme? toda a noite está falando com Deus e não vem a dormir senão já tarde.” “Pois porque não te disse o que passa acêrca dos nossos? perguntaste-lho?” Respondeu o outro: “Tudo o encobre, não me quer dizer nada”. De maneira que era eu forçado de dizer ás vezes: “Eu vos tenho dito muitas vezes que eu não creio em sonhos, nem vós outros o deveis de crêr; sabeis que os vossos estão mui bem tratados e não ha mal algum, como logo vereis”. E assim com semelhantes palavras se satisfaziam, confiando tambem que estando cá o Padre Nobrega, que ainda quando eram inimigos, sabiam eles que não os consentia saltar dos nossos, muito menos consentiria agora, que eram amigos, fazer-se-lhes algum mal.

O outro dia me veio um mui queixoso, dizendo: “Suspeitei que uma de minhas mulheres me fez adulterio e lhe dei uma estocada mas dobrou-se a ponta da espada e não a feriu; venho a saber de ti, se te diz Deus que é verdade, se a matarei?” Respondendo-lhe a última questão disse-lhe: “Não o faças que não quer Deus, antes se aborrecerá muito com isso”, com o que ficou quêdo e sa-

tisfeito e foi-se dizendo: “Vim a te perguntar, porque me parecia que Deus te haveria dito”.

Aconteceu que um contrário que tinham lhes fugiu, e o Pindobuçú um dia mui de manhã, estando eu encomendando-me a Deus, me veio mui angustiado a buscar, dizendo-me: “Venho-te a dizer que fales a Deus que faça ir aquele contrário desencaminhado, para que possamos tomar”. Eu ouvi a sua petição, antes roguei a Deus que o livrasse, e ao outro dia o contrário, parecendo-lhe impossivel passar tantas serras e despovoados, tornou-se para casa, e os Indios começaram a dizer: “Falou o padre com Deus e não dormiu toda a noite, por isso o contrário se tornou”, — e eu não me havia recordado dele; visitando eu o Indio, como soia fazer a todos, começou-se-me a desculpar, dizendo porque me não dava de comer porque não lhe caía caça em uns laços que tinha armados, porquanto uma velha feiticeira os havia deixado a perder, e como eu lhe perguntasse a causa, disse-me: “Porque ao outro dia me caiu uma caça e não lhe dei parte dela e por isso enojada ha feito que não venha a caça por ali.” Eu lhe disse: “Vós outros não acabais de crer vossos feiticeiros, como se eles tivessem poder para nada disso; Deus é Senhor de tudo; crê minhas palavras, que ele a fará cair.” Então ele mui alegre disse: “Faze com Deus que mande vir toda a caça dos montes em meus laços e teremos que comer.” Ficando-se ele com esta confiança quis Deus que logo dali a dois dias lhe caíram dois animais, que são maiores que lébres, e ele com muita alegria manda-me logo chamar, contando-me o que havia sucedido, e deu-me um bom prato de farinha e uns pedaços daquela carne; sabia Deus que havia muitos dias que não tínhamos que comer.

De maneira que os Indios me tinham muito crédito, maximè porque eu lhes ocorria a suas enfermidades, e como algum enfermava logo me chamavam, aos quais eu curava a uns com levantar a espinhela, a outros com sangrias e outras curas, segundo requeria sua doença, e com o favor de Cristo Nosso Senhor achavam-se bem. Entre esses enfermos foi um que aí estava dos do Rio, que porventura tambem veio com intenção de me matar, ao qual se inchou uma mão em tanta maneira que toda se corrompeu, a qual

eu lha abri em duas partes com uma lanceta, e a uma foi quasi em meio da palma, em que podia bem fechar os olhos ás mãos de Cristo Nosso Senhor, e junto com isto se lhe empolou o braço até os ombros de umas inflamações tão feias, que os outros não se ousavam de chegar a ele, mas mirando-o de longe, me diziam que o curasse e fizesse não se estendesse aquele mal pelos outros, e todos o desampararam sem se doer dele, nem dar-lhe de comer, nem houve entre todos seus parentes quem me buscasse um pouco de mel pelos bosques, com que o curasse, e ainda que eu lho pagava; eu rompi uma camisa que tinha e curei-o com azeite, buscando-lhe de comer e dando-lho por minha mão, porque ele não podia, a tudo o qual me ajudava meu companheiro com muita caridade, e ás vezes tiravamos da bôca esse pouco que podíamos haver para lho dar, de que os Indios se edificavam e contavam-o a outros que vinham de fóra; junto com isto trabalhava eu por lhe curar sua alma, incitando-lhe a que quisesse o batismo, para o qual o tinha já instruido, se porventura estivesse propinquo á morte; mas deu-lhe Nosso Senhor saúde ao corpo, porque para a da alma sentia-lhe eu mui pouco desejo e vontade.

Depois disto enfermou meu companheiro; tolheu-se de pés e mãos alguns dias, o qual foi não pequeno trabalho, porque nem havia com que o curar nem que comer; todavia fiz-lhe eu os remédios que pude e de quando em quando ia eu á outra aldeia a lhe buscar alguma galinha; enfim deu-lhe Nosso Senhor saúde, mas porque êste genero de gente não sabe ter constancia no bem começado, começaram-se uns poucos a motinar, maximè contra ele, porque *ultra* de não lhe ter o respeito que a mim, e se alguem lhe tinha era por minha causa, o resgate que tinha era ocasião aos Indios de mal, e medeante foices, machados, contas e outras cousas, havendo-lhes ele já dado muitas e alegavam-nos que lhes haviamos morto dos seus e com tudo isso nos defendiam, e era tanta a importunação, que não faltava senão tomá-lo por fôrça; um dizia: “A mim não deram foice”; outro: “Nem a mim tal”; outro: “Nem a mim tal”; não havia já que esperar senão que dissesse, algum: “E eu não hei feito trôco de meu pai ou irmão, que me mataram; quero fazê-lo em algum dêstes.” E assim não se curavam dar-nos de comer; salvo

Pindobuçú, o qual também não fazia tanto caso de meu companheiro e quando prégava polas casas não falava senão de mim só dizendo: “Não quero que façam mal a êste”; o que me era causa de grande angústia, e tinha determinado, se algo sentisse, de pôr-me por ele em o terreiro e morrer primeiro que ele, e trabalhava muito por o acreditar com todos, maximè com o Pindobuçú, e o melhor caminho, porque ele era pedreiro (245), foi dizer-lhe: “Êste é o que faz as igrejas de Deus; se lhe fazem algum mal, tanto se ha de enojar Deus contra vós outros como se o fizessem a mim”; com as quais palavras movido, me disse: — “Assim? Dize-lhe que não tenha medo, que se venha sempre á minha casa comer.”

E daí em deante começou a olhar mais por ele e dar-lhe grandes esperanças de poder resgatar sua gente que os do Rio lhe tinham. Mas nem isto era bastante para nos poder fazer seguros entre gente que a nada sabe ter respeito nem obediencia, e que quasi sempre anda quente do vinho, no qual gastavam os mais dos dias bebendo e cantando todo o dia e noite, com grandes gritos, homens e mulheres misturados, de maneira que, nem em casa nem fóra podíamos estar sem ouvir e ver suas borracharias; noite me aconteceu, chovendo muito e fazendo grande frio, estar grande parte dela fóra de casa, em pé, mal guardado da chuva e padecendo o frio, até que eles acabassem de beber seus vinhos, e enfim, não podendo mais esperar, tornar-me para dentro a guarecer o fogo e acabar a noite entre eles, e aqueles que andavam amotinados já passavam por nós outros sem nos falar, nem olhar senão de través, como homens que não nos conheciam, e assim todas as noites, maximè quando bebiam e cantavam, nos rescostavamos a dormir oferecendo a cabeça á espada, mas não era digna, ao menos a minha, de a receber sôbre si.

Entre estas fadigas, *tandem* chegou o Cunhambeba, vespera da Assunção de Nossa Senhora (246), com seu contrário que haviam tomado, com que muito se alegraram todos, *etiam* aqueles que pouco havia não nos olhavam com olhos mui direitos, os quais daí em deante se chegavam a nós outros rindo-se e falando mui alegremente, logo se aparelharam todos para vir cá á guerra a seus contrários, com os quais eu trabalhei muito que trouxessem consigo a meu companheiro, porque não podia por então resgatar sua gente e es-

tava ainda enfermo, mas não o pude conseguir, ordenando assim Nosso Senhor que lhe tinha aparelhado melhor caminho, porque uma das canôas em que havia de vir seu resgate se fez pedaços ao sair da barra, o que foi causa se ficasse Pindobugú em terra com muitos outros, esperando outra melhor embarcação, e dali a quatro ou cinco dias veio ali um Indio dos do Rio, o qual vendo, o Pindobugú queria vir e não tinha em que, movido com a bôa nova determinou de trazê-lo em uma sua barca, grande e bem ligeira, que lhe haviam dado os Franceses, com sua vela e remos. Então instei muito com Pindobugú e com todos que o trouxessem, que bastava ficar lá eu que era o que tratava as pazes, fazendo conta que Nosso Senhor moveria a Cunhambeba, que havia logo de vir, que me trouxesse, e quando não, que cada dia se me acrescentaria a corôa com a paciência, resignando-me penitente em as mãos do Senhor *sive ad vitam sive ad mortem*.

Acabei pola bondade de Deus que o trouxessem, ainda que com muito trabalho, porque as mulheres, pensando que eu também me vinha, começaram a entristecer-se, dizendo que não lhes ficava lá ninguém em trôco de seus maridos, que cá eram vindos, em quem se pudessem vingar, se algo lhes acontecesse, mas assegurando-as disso o fiz embarcar com seu resgate aos 5 de Setembro, ficando-me eu só em terra, os quais partidos, vieram a metade do caminho com muito trabalho, com ser o vento contrário e haver-se-lhe quebrado o leme, e faltar-lhes já o mantimento, de maneira que se quiseram tornar, mas o Pindobugú não o consentiu e o pobre de meu companheiro confiado em Nosso Senhor: "Não vos torneis, que amanhã nos ha Deus de dar bom vento com que cheguemos á minha terra", e concertando o leme o melhor que pôde, meteu-se só dentro da barca, encomendando-se de coração á Nossa Senhora e rezando seu rosario, sem dormir até á meia-noite, em que, vindo o vento da terra, chamou os Indios, os quais embarcados, vieram quasi meio caminho, até o golfo, e sendo já passada boa parte do dia encalmou-lhes o vento, de que eles ficaram esmorecidos, vendo-se tão longe de terra, vendo-se sem vento e sem ter que comer nem beber; mas meu companheiro lhes mandou levantar bem a vela até á ponta do mastaréu, dizendo-lhes que logo lhes havia Deus de mandar outro vento

com que aquele dia chegassem; escassamente estava a vela bem em cima quando lhes veio tanto vento á popa quanto queriam, com o qual chegaram em mui breve espaço ao rio Beriquioca, que é o primeiro porto, e ali lhes encalmou o vento e entraram a remos. Bem-dito o Senhor que manda ao vento e ao mar, e lhe obedecem, para que sirvam aos homens que tão mal obedecem á Sua Divina Magestade.

Eu quedei-me em Iperuig encomendando a Deus seu caminho e esperando que endireitasse o meu, e ao outro dia fui-me a falar com Cunhambeba e disse-lhe se determinava de me trazer, como havia prometido ao padre Nobrega. Respondeu ele: “Verdade é que prometi, se os mancebos cá fossem contentes disso.” Disse-lhe então sua mulher: “Queres deixá-lo cá só, que venham os do Rio e do campo e o matem! leva-o.” Falando pois aos da aldeia, que seriam até 20, que os demais eram cá vindos todos, *uno ore* disseram pois não havia já de que se temer, eu por me parecer que havia feito o que era de minha parte, querendo me deixar de todo em as mãos da Divina Providência, para que êstes como meus superiores me regressassem, determinei de não lhes falar mais em isto; mas indo-me á outra aldeia, lhe disse que me mandasse recado quando se houvesse de embarcar, teve ele tão bom cuidado que logo dali a dois dias, que foi o do Nascimento da Mãe de Deus, Nossa Senhora (247), mandou uma sua mulher e tia que fossem por mim, e deixando eu os livros com algumas cousinhas na caixa, como em penhor de minha tornada, e deixando a chave a uma mulher de Pindobucú, que não me queria menos que a um filho, me vim ao lugar de Cunhambeba, aonde ainda estivemos oito dias sem poder partir por estar o mar mui bravo, em o qual muitas das Indias da outra aldeia começaram a andar mui tristes porque me vinha, porque determinavam se a seus maridos acontecesse cá algum desastre, de elas mesmas ser as carniceiras e matar-me e comer-me, e com raiva queimaram uma casinha em que o Padre soia dizer missa: mas outras que eram minhas devotas e desejavam que viesse, rixavam com elas dizendo-lhes: “Queimai a casa em que os Padres falavam com Deus e vereis se viveis muito tempo; não estão lá nossos maridos com os vossos, havemos de dizer a Cunhambeba que o levem”; e com isto lhe vinham

a dizer-lhe que me trouxessem, porque não viessem alguns ruins de fóra e achando-me só me matassem; e esta foi a principal causa que os moveu a me trazer, porque se houvera lá alguns com quem lhes parecera que podia ficar seguro, não sei se me trouxeram, e ainda que êste quisesa, que sempre se mostrou mais desenganado amigo que todos, os outros não houveram de querer, porque bem entendiam que tinham bom penhor em mim e que estando eu lá lhes sofreriam cá os Cristãos muitas cousas, como em verdade lhes sofriam, assim por minha causa como porque não quebrassemos as pazes por sua parte.

Esperando pois por bom tempo nos embarcamos o dia da Exaltação da Santa Cruz (248), em sua canôa, feita de uma cortiça de pau, e eramos 20 por todos, e viemos aquele dia com bom tempo ao primeiro porto, onde para maior prova de Cunhambeba achâmos uma canôa dos do Rio, que se tornava de cá, os quais lhe contaram logo muitas mentiras, dizendo que os Indios de Piratininga lhes haviam morto um dos seus e que os Cristãos fôram correndo detrás deles, tirando-lhes para os matar, com outras cousas, que puderam facilmente mover a constancia de qualquer dêstes, que não é muita. Mas o Cunhambeba depois de lhes ouvir lhes disse: "Bem sei que os Cristãos são bons e tratam verdade, vós outros farieis por onde vos tratassem assim"; e nem ele nem nenhum dos seus dando crédito ás suas palavras, nos embarcamos ao outro dia e viemos outras duas jornadas, com algumas tormentas, e enfim, pela misericordia do Senhor chegamos dia de S. Mateus Apostolo (249) á Beriquioca, mas não foi muito a nosso salvo, porque ao dobrar de uma ponta nos deu tão grande tempestade de vento que estivemos meio afogados, ao menos eu nunca tive por tão certa a morte em todos os transe passados como ali, e ainda agora me espanto como foi possível passar por ali uma só cortiça de um pau por onde um navio tivera muito perigo e trabalho em passar; contudo os Indios esforçavam a mim e assim remando com grande impeto e dizendo-me que não hou-se medo, que eles me tirariam fóra a nado, mas eu em al tinha posta minha confiança e tinha-me com Cunhambeba, o qual ia dizendo: "Padre Deus, oh Senhor Deus, amanse-se o mar." Ouviu-o o Senhor, e ainda que não se amansou o mar, passámos seguros e aco-

lhemo-nos á terra antes de chegar a povoado com a água que nos dava pela cara e bôca já coalhada e feita de sal. Ao outro dia se tornaram a embarcar para entrar na fortaleza, que seria pouco mais de meia legua, e eu me fui pola praia com dois ou três deles e tivemos tanta chuva todo o caminho que me passou e esfriou todo, e segundo a fraqueza que eu trazia, se um pouco mais longe estiveram as casas passára muita pena; assim chegámos a estas vilas, vencidos tantos encontros, e com minha vinda houveram todos muita alegria, como com pessoa que saía de um cativeiro, do qual não esperava outro fim senão a morte. Bemdito seja o Senhor todo poderoso *qui mortificat et vivificat*. Êste foi o fim da minha peregrinação, a qual prouvéra ao bom Jesus que por outra mão fôra escrita e a minha, por amor de seu nome, estivera suspensa ao sumo em Iperuig, e certo que se não pensasse tudo isto haver sido ordenado pola suma e divina disposição e vontade da obediência, que me arrependeria de haver-me de lá vindo e ainda com tudo isto me arrependo e pesa, não porque vim, mas porque não foi digna minha vida que eu desejava de pôr por meu Senhor Jesus Cristo, de ser aceita de Sua Divina Magestade; mas, porque meu pai celestial é mui rico para todos os que o invocam e tem muitas bençãos que dar, ainda não desespere de alcançar esta de sua mão onipotente, confiando que primeiro me faria martir, no cumprimento de meus votos e de toda virtude e depois se dignaria aceitar meu sangue derramado por sua glória em holocausto e odor de suavidade, o qual eu peço humilde e entranhavelmente a todos os Padres e Irmãos, maximé a V. R. P., me alcancem do Senhor.

Quero acabar de escrever o fim desta paz, o qual foi verdadeiramente fim de paz e princípio de nova guerra, qual se podia esperar de gente tão bestial e carniceira, que vive sem lei nem rei; da qual propriamente profetizou David *in Spiritu Sancto, sepulchrum (hominum) patens est guttur eorum linguis suis dolose agebant, celoces pedes eorum ad effundendum sanguinem, viam pacis non cognoverunt*, obreiros de toda maldade *qui devorant pleben meam, sicut escam panis*, e mais que *panis* e que todo manjar.

Ao tempo que eu cheguei eram baixados os Tamújas do Paraíba pelas montanhas que tinham abertas, por donde soiam vir a

fazer seus saltos, e estavam em a vila de Santos, e depois vieram outros por vezes e trouxeram alguns escravos, dos que haviam levado quando tínhamos guerra, a Piratininga também vieram muitos, e nunca mais hão feito salto algum, podendo-o fazer muito a seu salvo por ter todos os caminhos abertos, para todas as fazendas dos Cristãos sem nada lhes poder resistir, porque são como tigres, que agora dão aqui, agora ali, e fogem com a prêsa em os dentes, e eles mesmos nos avisavam que não nos fiassemos dos do Rio de Janeiro, porque estão mui soberbos com as muitas cousas que lhes dão os Franceses; agora são todos tornados a suas terras e creio que também á sua natureza cruel, amiga da guerra e inimiga de toda paz, e a primeira vinda que fizerem será a roubar e matar como soem.

Nêste mesmo tempo estavam êstes meus amigos de Iperuig que antes de mim eram vindos e outros muitos do Rio em Piratininga, onde assim dos Portugueses como dos Tupis discipulos nossos eram mui bem tratados, e dali os levaram ao Campo bem longe a uma guerra, onde tomaram alguns dos Tupis inimigos; mas sabendo de minha vinda ficaram mui amedrontados, pensando que somos como eles, mas logo perderam o medo, vendo que da mesma maneira eram tratados, como quando eu estava em sua terra, e esta foi a principal causa porque o Padre Nobrega me mandou vir dentre eles, para que vendo que eram tão bem tratados, sem ter algum penhor em sua terra, acabassem de crer nossa verdade e se assegurassem e soldassem de todo. Todavia começaram logo de andar mais quietos e mais atentos polas casas dos Cristãos, e com isto ainda lhes sofriam e dissimulavam muitas cousas, porque pudesse o Governador, por quem esperavamos, povoar o Rio de Janeiro em paz. Baste para conhecer esta gente saber que sem estar nenhum de nós outros em suas terras, andam eles em a nossa mui seguros e á sua vontade, e ainda que deles estejam muitos entre nós outros, não póde um só dos nossos andar seguro em suas terras, porque, se não têm cá pai, filho ou irmão, ou cousa que lhes dêa muito, tanto caso fazem de haver muitos como poucos, e é cousa certa que para ser um principal basta ter uma canôa de seu em que se ajuntem doze ou quinze mancebos, com que possa vir a roubar e saltar, de onde parece quão particular

cuidado teve Nosso Senhor o tempo que entre eles estivemos de nos conservar a vida. Glória seja a seu santo nome.

Dos do Rio já quasi tinhamos o desengano que não queriam pazes, porque tinhamos certa notícia que eu havia mui bem alcançado em Iperuig dos mesmos Indios que tinham cerca de 200 canôas juntas, com as quais determinavam com êste título de pazes entrar em nossas vilas, que já muitos deles tinham mui bem miradas, e pôr tudo a fogo e a sangue, se pudessem, e ainda que isto não se soubera por outra via, suas obras o estavam prêgoando, porque, *ultra* deles virem sempre com proposito e vontade de nos matar enquanto estivemos entre eles, em Iperuig, depois de eu vindo, estando cá muitos deles, vieram outros por duas vezes e saltaram, levaram e comeram alguns escravos, depois vinham umas quarenta ou mais canôas, para começar a efetuar sua vontade, mas não chegaram cá mais de dez ou onze, os quais logo descobriram que vinham com determinação de tomar um dos lugares do campo, de nossos discipulos, o qual sabido pareceu bem ao Padre Nobrega, e assim o disse ao Capitão e Regedores da terra em conselho que sôbre isso se fez, que se retivessem os principais daqueles, que eram senhores das mulheres e filhas dos Cristãos, que lá tinham cativas, e haviam morto e comido um rapaz Português depois das pazes, porque êstes retidos, ou de grado ou contra sua vontade, fazendo-se-lhes todo o bom tratamento, não só se houveram as mulheres cativas, mas foram grande parte para se povoar o Rio em paz. Êste conselho não pareceu bem, e eles, ou sentindo-o ou temendo-o, se volveram logo quasi fugindo e fizeram volver as mais canôas que vinham; dali a bons dias, depois de longa dissimulação, vieram outras sete canôas dizendo que nos vinham ajudar, os quais foram recebidos de paz em a fortaleza de Beriquioca, e eles dentro, vendo bôa ocasião, tomaram ás mãos quantos puderam, e atados os levaram, dois deles eram mestiços, um homem e um menino, os mais eram escravos; ao guarda da fortaleza tiveram aferrado, mas quis Deus que teve um montante ás mãos e fez tal estrago neles que se dava por satisfeito dos escravos que lhe haviam tomado; ali ficaram alguns mortos, muitos foram mui mal feridos e deles morreram no caminho; contudo, ele ficou ferido de uma flecha de que agora está tolhido com uma

perna sêca. Este é o fim e remate que deram ás pazes os inimigos da paz, e não é muito para gente que a seus irmãos e parentes, com quem estão comendo e bebendo, matam e comem. Só os moradores dos lugares de Iperuig hão sido constantes até agora e alguns deles ainda estão entre nós outros; mas por fim farão o que a maior parte dos seus fizerem.

Estando a cousa nêstes termos chegou a armada (250) que esperavamos da Baía, a qual vindo-se ao Rio de Janeiro, foi recebida dos contrários como amigos, logo ao princípio, mas entretanto estava-se ajuntando a gente das aldeias, a qual junta, com quasi cem canôas, acometeram uma náu e um barco, que vinham para cá, e puseram-os em tanto apêrto que, se não foram as grandes ondas que faziam, houveram-os de tomar, porque á náu romperam por duas partes com machados junto á água, dando-lhes para isto favor e ardis os Franceses que vinham com eles misturados, e mataram alguns homens e flecharam muitos. Ao barco, depois da gente dele mal ferida acolher-se á náu, lhe puseram as mãos em um bordo para entrar a lhe despojar, mas eram tantos que o trabucaram e meteram ao fundo; mas dos inimigos foram muitos mortos, feridos e queimados com polvora, e assim se houveram de ir, e a náu se veiu seu caminho; tambem outro dia mataram oito homens e feriram todos os mais que tomaram em uma barquinha que se desmandou, e se não lhes fôra socôrro mui depressa, todos os levavam para comer.

O capitão-mór da armada, logo que chegou ao Rio mandou cá um navio pequeno em que fosse o Padre Nobrega, para com o seu conselho assentar o que havia de fazer, em o qual nos embarcámos o Padre e eu com alguma gente, aos 19 de Março, e de caminho fomos a visitar nossos antigos hospedes de Iperuig, como lhes havia prometido que havia de tornar quando me vim, os quais nos vieram a ver ao navio e me trouxeram os livros e tudo o mais que lhes havia deixado em guarda e algum refrêsko. Partimos, donde chegámos ao Rio á sexta-feira santa (251), e entrámos pola barra bem á meia-noite com grande escuridão e tormenta de vento, e estivemos meio perdidos todos nós outros dentro do porto e lançada ancora não vimos os navios dos nossos, e mandando logo á terra a uma ilha (252) que foi dos Franceses, acharam todas as casas onde os nos-

sos pousavam queimadas e alguns corpos de escravos que ali haviam morrido de sua doença desenterrados e as cabeças quebradas, o qual haviam feito os inimigos, porque não se contentam de matar os vivos, mas também desenterrar os mortos e lhes quebrar as cabeças para maior vingança e tomar novo nome (253); êstes sinais nos punham em grande confusão e nos faziam pensar que algum grande desastre havia acrescido á armada, e como amanheceu vimos vir flechas que trazia a água, de maneira que pouco mais ou menos atinavamos o que havia sido e esperavamos o que nos poderia vir, que era ser tomados e comidos, em o qual não punhamos dúvida, entrando por meio da barra, e em nenhuma maneira podíamos sair, mas ali havíamos de aguardar o que Nosso Senhor nos enviasse e assim enviou, que foi sua costumada e fraterna misericórdia, e foi o caso que a armada, vendo que tardavamos tanto e que no porto não havia nada, determinou de vir-se a esta vila a refazer, e havia dois dias (254) que era saída quando nós outros entrámos, e Nosso Senhor, lembrando-se de nós outros que não estávamos mui longe de ser tragados em os ventres dos Tamújas, que são peores de que baleias, mandou-lhes aquele vento de través, que é o mais furioso que ha nesta costa, com o qual nenhuma outra cousa poderia fazer ainda que quisessem senão tornar a entrar em o Rio, e assim entrou logo ao sabado, vespera de Pascoa (255), querendo-nos Nosso Senhor fazer participantes da alegria de sua Resurreição, porque já era passada a sexta-feira da Paixão. Glória seja a ele por tudo. Dia de Pascoa se disse missa em aquela ilha, e determinando todavia a armada, por estar mui desbaratada, de se refazer, nos viemos a êstes lugares de S. Vicente, onde agora se está refazendo, com determinação de tornar a fazer povoação ao Rio de Janeiro, assim por desarreigar dali a sinagoga dos contrarios Calvinos, como porque ali é a melhor fôrça dos Tamújas e seria uma grande porta para sua conversão: o Senhor que tem as chaves lha abra presto, para que lhes entre o conhecimento de seu Creador e Redentor.

Resta agora dar conta dos exercicios dos Irmãos em seus Ministerios, os quais ficaram repartidos aqui e em Piratininga acudindo a todas as necessidades, como sempre soem, e ordenaram que se fizessem algumas procissões por o bom successo das pazes, *ultra* de

privadas orações e disciplinas, a que concorriam muitos devotos, o qual faziam com tanto maior fervor de caridade quanto sabiam ser maiores as tribulações que passavamos entre os Tamújas, tanto que um homem casado nosso especial devoto e irmão de um nosso Padre se agoitou tão fortemente que daí a poucos dias morreu lançando muito sangue pela bôca, parece que do figado, que havia pisado. Mande-o V. P. encomendar a Nosso Senhor. Depois que eu vim de minha peregrinação ha Nosso Senhor visitado e castigado esta terra com muitas enfermidades (256), de que ha morto grande parte dos escravos dos Cristãos *ut residuum locustæ comederet Bracheis*, os que haviam escapado e restado da bôca dos contrarios comesse a enfermidade, o qual é acrescentamento de trabalhos para os Irmãos, que nunca cessam de noite e de dia de os socorrer com o espiritual, confessando-os e batizando-os, e com o corporal, sangrando-os e curando-os, segundo o demanda a necessidade de cada um. A Itaïnae (Itanhaen), que são sete leguas, que vai por uma praia, se ha socorrido por vezes assim aos Portugueses como aos Indios nossos amigos, que se meteram com nós outros, os quais têm continuos combates dos inimigos, seus parentes, e ainda que são poucos sempre levam a melhor com a ajuda de Nosso Senhor. Alguns dos adultos se andam aparelhando para o batismo. Dos meninos inocentes se ha enviado uma boa cópia deles á glória com estas enfermidades. Louvores ao Senhor de todos que de todos tem tanto cuidado.

A principal destas doenças hão sido variolas, as quais ainda brandas e com as costumadas que não têm perigo e facilmente saíram; mas ha outras que é cousa terrivel: cobre-se todo o corpo dos pés á cabeça de uma lepra mortal que parece couro de cação e occupa logo a garganta por dentro e a lingua de maneira que com muita dificuldade se podem confessar e em três, quatro dias morrem; outros que vivem, mas fendendo-se todos e quebra-se-lhes a carne pedaço a pedaço com tanta podridão de materia, que sai deles um terrivel fodor, de maneira que acodem-lhe as moscas como á carne morta e apodrecida sôbre eles e lhe põem gusanos que se não lhes soccorressem, vivos os comeriam. Eu me achei em Piratininga um pouco de tempo, onde fui mandado depois que vim dentre os Tamújas, a visitar nossos discipulos, os quais me desejavam lá muito, porque

me têm por bom cirurgião; ali se encrueleceu muito esta enfermidade, de maneira que em breve espaço morreram muitos e a maior parte foram meninos inocentes, de que cada dia morriam três, quatro, e ás vezes mais, que para povoação tão pequena foi boa renda para Nosso Senhor; dos adultos morreram alguns dos batizados *in ultimis*, e os que já o eram com grandes sinais de fé e contrição, invocando sempre o nome de Jesus; dava em as mulheres pejadas, e morriam elas e os filhos, os quais se batizavam, salvo um, que, porque nasceu sem nariz e com não sei que outras enfermidades, o mandou logo um irmão de seu pai enterrar sem nô-lo fazer saber, que assim fazem a todos os que nascem com alguma falta ou deformidade, e por isso mui raramente se acha algum coxo, torto ou mudo nesta nação.

Assás de trabalho e ocupação tive ali, como sempre, acudindo a todos, sangrando dez, doze cada dia, que esta é a melhor medicina que achamos para aquela enfermidade, e era necessario correr suas casas cada dia uma ou mais vezes, a buscar deles que, ainda que passeis por suas casas, se não a revolveis toda e perguntais por cada pessoa em particular, não vos hão de dizer que estão enfermos. E o melhor é que em pago destas boas obras, alguns deles, como são de baixo e rude entendimento, diziam que as sangrias os matavam, e escondiam-se de nós outros, e mandando fazer umas covas longas á maneira de sepulturas, e depois de bem quentes com muito fogo, deixando-as cheias de brazas e atravessando paus por cima e muitas hervas, se estendiam ali tão cobertos de ar e tão vestidos como eles andam, e se assavam, os quais comumente depois morriam, e suas carnes, assim com aquele fogo exterior como com o interior da febre, pareciam assadas. Três dêstes que achei revolvendo as casas, como sempre fazia, que se começavam a assar, e levantando-os por fôrça do fogo, os sangrei e sararam pola bondade de Deus. A outros que daquele pestilencial mal estavam mui mal e esfolei parte das pernas e quasi todos os pés, cortando-lhes a pele corrupta com uma tesoura, ficando em carne viva, cousa lastimosa de ver, e lavando-lhes aquela corrupção com agua quente, com o que pola bondade do Senhor sararam; de um em especial se me recorda que com as grandes dôres não fazia senão gritar, e gastando já todo o corpo

estava em ponto de morte, sem saber seus pais que lhe fazer, sinão chorar-lhe, o qual, como lhe cortámos com uma tesoura toda aquella corrupção dos pés, e os deixámos esfolados, logo começou a se dar bem e cobrou a saúde.

E' gente miseravel, que em semelhantes enfermidades nem sabem nem têm com que se curem, e assim todos confugem a nós outros demandando ajuda, e é necessario socorrê-los não só com as medicinas, mas ainda muitas vezes com lhes mandar a levar de comer e a dar-lho por nossas mãos, e não é muito isto em os Índios, que são pauperrimos, os mesmos Portugueses parece que não sabem viver sem nós outros, assim em suas enfermidades proprias, como de seus escravos: em nós outros têm medicos, boticarios e enfermeiros; nossa casa é botica de todos, poucos momentos está quieta a campainha da portaria, uns idos, outros vindos a pedir diversas cousas, que só o dar recado a todos não é pouco trabalho, onde não ha mais que dois ou três que atendam a isto e a tudo o mais; isto mesmo é neste Colegio de S. Vicente e finalmente onde quer que achem os Irmãos, os quais ao presente estão bem dispostos pela bondade de Deus, ainda que frequentemente são visitados com várias indisposições. Os devotos continuam suas confissões e comunhões cada oito e cada quinze dias. A' glória de Cristo Senhor Nosso.

Muita necessidade tem toda esta terra, que de todas as partes está cercada com guerras, de ser encomendada a Deus de Vossa Paternidade e de todos os Irmãos, para que a Divina Justiça amanse um pouco seu furor, e mui maior a temos nós outros, que em todos êstes encontros havemos de andar em a deanteira para que *sine effusione* corramos e agrademos a Jesus Nosso Capitão e Senhor, ao qual praza de nos dar sua graça cumprida, para que sua santa vontade sintamos e aquella perfeitamente façamos.

Dêste Colegio de Jesus de S. Vicente, em 8 de Janeiro de 1565 anos.

Minimus Societatis Jesu.

XV. — CARTA DE S. VICENTE (1565)

NOTAS

(222) Copiada no livro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil*, cit., fl. 167 v., em castelhano. Pbl. nos "Anais da Biblioteca Nacional", II, p. 79-123, e, em português, no "Diário Oficial", do Rio, em 14, 15, 16, 17, 19, 27 de fevereiro e 7 de março de 1888, por Teixeira de Melo.

(223) 18 de abril.

(223-A) Datada de 8 de janeiro de 1565, a carta, bastante longa, foi iniciada naturalmente em dezembro de 1564, explicando-se assim a referência ao "ano passado de 1563".

(224) Bertioga, canal que separa a ilha de Santo Amaro do continente. Martim Afonso construiu uma trincheira junto á barra, dando assim início ao forte de São Tiago, depois chamado São João da Bertioga e Santo António. Em 1550 edificou-se o forte de São Felipe (chamado mais tarde São Luiz), do lado da Armação, na ilha de Santo Amaro, de que foi comandante Hans Staden. Nessa mesma ilha, mais para o Sul, Andrés Igino levantou em 1584 o forte de Santo Amaro, só concluído em 1590 (v. nota 362), e mais tarde chamado da Barra Grande. Sobre as primeiras fortificações de Santos, v. Alberto de Sousa (*Os Andradas*, S. Paulo, 1912, I, p. 175 e s.). — *Bertioga (Brikioka*, escreve H. Staden) vem do tupi *piraty-oca*, paradeiro das tainhas, por ser o canal "um excelente abrigo dos cardumes" dêsses peixes, segundo T. Sampaio (nota 39 a H. Staden, *Viagem ao Brasil*, pbl. da Academia Brasileira, Rio, 1930). — A fortaleza da Bertioga servia de presidio, impondo frequentemente a Camara de São Paulo (*Atas*, I), penas de tantos mil réis e tantos anos "de degrêdo para a fortaleza da *Bertyogua*".

(225) Dia 21, diz S. de Vasconcelos (*Cron.*, l. 3, n. 5). Mas tendo caído a Pascoa em 1563 a 11 de abril e declarando Anchieta que a partida de São Vicente foi na sua primeira oitava e a estada na Bertioga de cinco dias, embarcaram os jesuitas efetivamente a 23. Quem os levou a Iperoig, em barco de sua propriedade, foi, segundo S. de Vasconcelos (l. c.), Antonio Franco (*Vida de Nobrega*, no v. das *Cartas*, p. 46), Southey (*História do Brasil*, tr. de L. J. de Oliveira e Castro, Rio, 1862, I, p. 404) e outros, o genovês Francisco Adorno. Entretanto, não só o proprio Anchieta, nesta mesma carta, se refere mais de uma vez a José Adorno, tio do jesuita Francisco Adorno e irmão do de igual nome indicado pelos autores acima citados, como P. Rodrigues (*Vida de Anch.*, l. c., p. 204) declara expressamente que a viagem a Iperoig foi feita no navio de "um homem de muito respeito, e virtude, e grande amigo dos padres, por nome José Adorno, de nação italiano, da principal nobreza de Genova, tio do nosso padre Francisco Adorno, o qual estudou o curso das artes e teologia, no Collegio de Coimbra, e depois veio a ser Provincial da Provincia de Genova".

(226) 1 de maio.

(227) Iperoig, aldeia do principal Caoquiera, entre São Sebastião e Ubaituba, a 155 kms. mais ou menos a Nordeste de Santos. — "*Iperoig*, corr. *ypirú-yg*, o rio ou agua do tubarão. (...) Pode proceder tambem de *iperó-yg*, que se traduz — rio das perobas" (T. Sampaio, *O tupi na geogr. nac.*, 3ª ed.).

(228) 6 de maio.

JOSEPH DE ANCHIETA

(229) Alusão ao ataque contra Piratininga, de 10 de junho de 1562.

(230) 9 de maio (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 8).

(231) Deve ser o mesmo *Pindahousou* que Thevet conheceu e Villegaignon quis batizar (*Les Singularitez de la France Antarctique*, ed. Gaffarel, Paris, 1878, p. 181-2).

(232) Aimbiré (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 10).

(233) José Adorno, em cuja barca Nobrega e Anchieta viajaram até Iperoig (v. nota 225). José Adorno, um dos quatro irmãos dêsse nome, naturais de Genova e de sangue nobre, foi dos primeiros povoadores da Capitania de São Vicente. Casou-se com Catarina Monteiro, filha de Cristóvão Monteiro, deixando numerosa descendencia. Tendo sido contemplado por Martim Afonso "com uma das maiores sesmarias que concedeu", no dizer de Azevedo Marques, fundou o engenho de São João na ilha de São Vicente, engenho de que foi feitor Heliodoro Eoban, em cuja casa se hospedou Hans Staden. E' ele, segundo frei Gaspar, o "homem não tão velho na idade, como envelhecido em vícios da carne", que, conforme escreve S. de Vasc., e com certeza antes de seu casamento com Catarina Monteiro, repreendido por Leonardo Nunes afim de que "largasse a má ocasião de portas a dentro, em que vivia, com muitos filhos", tentou agredir o padre, no que foi impedido por um filho. Arrependido, tornou-se grande amigo da Companhia, á qual de então em diante prestou relevantes serviços. Era provedor da Misericórdia de Santos quando, a 25 de abril de 1560, depôs sôbre as heresias imputadas a Bolés na devassa aberta pelo vigário Gonçalo Monteiro, a requerimento de Luiz da Grã (*Proc. de João de Bolés*, "An. da Bibl. Nac.", XXV). Dois anos depois da viagem a Iperoig seguiu na armada de Estacio de Sá para o Rio de Janeiro, onde com Pero Martins Namorado construiu um poço dentro da cêrca levantada pelos portugueses e recebeu em sesmria as terras do *Guarihi*. Graças a uma carta escrita a Richard Staper por John Whithall, que em 1578 casara com uma filha de José Adorno, cinco mercadores ingleses enviaram um navio que chegou a Santos a 3 de fevereiro de 1581 e aí commerciou com os moradores, sem que as autoridades o impedissem. Em janeiro de 1583, quando Edward Fenton com dois galeões esteve no porto de Santos, José Adorno fez parte da comissão enviada a bordo pelas autoridades afim de obter a retirada dos invasores. A comissão, porém, traindo o mandato, favoreceu os ingleses. José Adorno e sua mulher foram os fundadores da ermida de Nossa Senhora da Graça, na vila de Santos, doada em 1589 aos carmelitas, e da capela de Santo Amaro, na ilha dêsse nome, tendo Adorno em seu testamento imposto "a seus herdeiros, e a quantos possuissem as suas terras, que eram muitas, a obrigação de conservarem a capela do Santo, alimparem o caminho que vai para ela, e mandarem dizer uma missa no dia do mesmo Santo" (frei Gaspar). Morreu mais que centenário e, segundo S. de Vasc., "com bons sinais de salvação": "Um deles foi que, emprestando-se-lhe cópia de cera de umas Confrarias pera seu entêrro, e officio, com condição que depois se pagasse por pêso o dispendio; durou o ato tempo consideravel; e com estar sempre acesa, quando depois veio ao pêso, não houve que pagar, porque pesava mais então (que com tais tochas sabe morrer, o que soube viver com tais obras). Faz menção desta maravilha como milagrosa o padre Joseph de Anchieta, attribuindo-a a sinal da salvação dêsse homem" (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 76; frei Gaspar, *Mem.*, p. 157-8 e 171; A. Marques, *Apont.*, II, p. 31; "Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo", VIII, páginas 466-7; Varnh., o. c., I, p. 356, 414, 473-4, e nota de Capistrano e R. Garcia, p. 481). Na *Vida de Anch.*, por P. Rodrigues (l. c., p. 233),

XV. — CARTA DE S. VICENTE (1565)

José Adorno vem mencionado como “principal bemfeitor” da casa de São Vicente.

(233-A) Villegaignon voltou para a França em 1559, deixando no Rio de Janeiro seu sobrinho Bois le Comte, com o cargo de vice-governador, e algumas centenas de colonos. A vida no forte de Coligny, que as disputas religiosas desorganizaram, é minuciosamente descrita por Gaffarel na sua citada *Histoire du Brésil Français au seizième siècle*.

(234) Pedro Ferraz Barreto, que governou a Capitania vicentina de 1562 a 1567.

(235) Paranapuçu, “que quer dizer mar espaçoso” (S. de Vasc., q. c., l. 3, n. 13).

(236) Este Cunhambeba ou Cunhambebe, amigo de Anchieta, não deve ser confundido com o chefe tamoio de igual nome, a que se refere Thevet, quer na *Cosmographie universelle* como nos *Vrais Portraits et Notices des Hommes Illustres* e nas *Singularitez* (p. 273-5), e a que também alude Hans Staden (o. c., p. 76-9). O famoso *Quoniambec* de Thevet ou *Konyan-Bébe* de H. Stalen foi vitimado pela peste logo após a chegada de Villegaignon ao Rio de Janeiro, como adverte Capistrano (nota a Varnh., o. c. I, p. 355), citando Heulhard (*Villegaignon, roi de L'Amérique*, p. 114). — *Cunhambebe*, “corr. *cû-nhã-béba*, a língua move-se rasteira, para exprimir que fala devagar e manso. E’ o homem de fala mansa” (T. Sampaio, *O Tupi na Geogr. Nac.*, 3ª ed.).

(237) Antonio Dias, que era pedreiro de profissão (S. de Vasc. o. c., l. 3, n. 30). P. Rodrigues (*Vida de Anchi.*, l. c., p. 204) se refere a um Antonio Luiz, que seguiu para Iperoig com os jesuitas. Deve ser o mesmo, sendo “Luiz” erro de cópia, por “Dias”. — Ainda segundo P. Rodrigues (p. 258), por algum tempo esteve com Anchieta entre os tamoios “um amigo seu por nome Aires Fernandes”.

(238) Na noite de 20 para 21 de junho, diz S. de Vasc. (o. c., l. 3, n. 18), “teve Joseph conhecimento sobrenatural de três casos ocultos, que Deus lhe revelou, e ele comunicou ao padre Nobrega por causas justas”: o assassinio naquela mesma noite, do capitão da fortaleza de São Vicente e de sua mulher pelos índios; a morte de um amigo de Nobrega “por desastre de um carro que passou por cima dele”; e a próxima chegada a São Vicente de “um galeão de Portugal carregado de fazendas”. Chegando a São Vicente, Nobrega verificou “serem verdadeiras as duas primeiras profecias”. E a terceira “se cumpriu logo”.

(239) Para salvaguardar sua castidade, dizem os cronistas, Anchieta recorreu á Virgem, fazendo a promessa de lhe compôr a vida em verso. Daí o poema *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, que teria sido primeiro escrito na areia da praia de Iperoig “para melhor metê-lo na memoria” (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 22).

(240) A’ criança assim nascida “de duas sementes” chamavam os índios *marabá*, isto é, “de mistura” (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 27). O mesmo nome designava o filho do prisioneiro ou estrangeiro (T. Sampaio, *O Tupi na Geogr. Nac.* 3ª ed.).

(241) Oito, diz S. de Vasc. (o. c., l. 3, n. 28).

JOSEPH DE ANCHIETA

(242) A pretensa morte dêsse indio, "da companhia de Aimbiré", era atribuida a Domingos de Braga (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 31), certamente o mesmo a que se refere Hans Staden (o. c., p. 55). Filho de Diogo de Braga e de mãe brasileira, edificou, com seus quatro irmãos, cerca de dois anos antes da chegada de Hans Staden a São Vicente, uma "casa forte" de pau a pique que os indios destruíram logo depois. A estada de Domingos de Braga entre os tambois tinha por fim resgatar a mulher e os filhos capturados pelos selvagens durante o ataque, muito embora Hans Staden afirme que todos os cristãos e mamalucos tenham sido salvos. E' possível também que a captura tivesse sido feita por ocasião de outro assalto posterior. — Domingos de Braga tomou parte na luta final do Rio de Janeiro, em 1567 (S. de Vasc., o. c., l. 3, p. 97).

(243) Esta referência de Anchieta é a unica que se conhece sôbre o padre Francisco Cardoso, como já notou Afranio Peixoto (*Cart. Av.*, p. 47, nota 64).

(244) A reconciliação foi feita na igreja de Itanhaen e renovada em Piratininga, onde também se assentou a paz com os tupis daí e de Mairanhaia e os selvagens do rio Paraíba (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 31).

(245) O já nomeado Antonio Dias.

(246) 14 de agosto.

(247) 8 de setembro.

(248) 14 de setembro.

(249) 21 de setembro.

(350) A rainha d. Catarina, a pedido de Mem de Sá, enviou de Portugal sob o comando de Estacio de Sá, sobrinho do governador, dois galeões armados para, com os reforços obtidos no Brasil, serem afinal expulsos os franceses do Rio de Janeiro e iniciada a sua povoação. Chegados os galeões á Baía, Mem de Sá enviou-os logo com algum reforço para o Sul, embarcando com Estacio o ouvidor Braz Fragoso. No Espirito Santo recebeu a frota o auxílio valioso do capitão-mór Belchior de Azevedo e do principal Arariboia. E em fevereiro de 1564 chegou á altura do Rio de Janeiro.

(251) 31 de março.

(252) Ilha de Villegaignon.

(253) "Êstes cadáveres dosenterrados e de cabeças partidas eram evidentemente de companheiros de Estacio de Sá, que resistiu quasi dois meses antes de se decidir a procurar São Vicente", observa Capistrano (nota a Varnhagen, o. c., I, p. 406).

(254) A 29 de março, portanto, deixou a frota pela primeira vez o Rio de Janeiro, e não em dias de abril, quinta-feira santa, como diz S. de Vasconcelos (o. c., l. 3, n. 59) e repete Southey (*Hist.*, I, p. 417), mesmo porque a Pascoa em 1564 caiu a 2 de abril.

(255) 1 de abril.

(256) Essa peste de variola "ou corrupção pestilente", como diz S. de Vasconcelos (o. c., l. 3, n. 38), assolou o Brasil inteiro em 1563, sobretudo a Baía, onde "tirou a vida a três partes dos indios".

XVI

AO PADRE DIOGO MIRÃO, DA BAÍA, A 9 DE JULHO DE 1565 (257)

A armada de Estacio de Sá em São Vicente. — Partida para o Rio de Janeiro. — Sucessos da viagem. — Vinda de três navios da Baía. — Desembarque no Rio de Janeiro. — Construção da cêrca. — Ciladas dos Tamoios. — Tomada de uma nau francesa. — Partida de Anchieta para a Baía. — Padre Gonzalo d'Oliveira. — Elogio de Estacio de Sá. — Necessidade de auxiliar os combatentes do Rio de Janeiro.

DE São Vicente se escreveu largamente o que aconteceu á armada, que da cidade do Salvador foi povoar o Rio de Janeiro êste ano passado de 1564; partiu no fim do ano de 1564 (258), agora darei conta do que mais succedeu.

Depois de passar muito tempo (259) em se reformar a armada de cordas, amarras e outras cousas necessarias, e esperar pelo gentio dos Tupinanguins, com os quais se fizeram pazes, indo duas vezes em navios ás suas povoações a os chamar, para darem ajuda contra os Tamoios do Rio, os quais prometendo de vir, não vieram senão mui tarde e poucos, e tornaram-se logo de São Vicente, sem quererem com os nossos vir ao Rio, a qual foi a principal causa de muita detença que a armada fez em São Vicente; e, finalmente, depois de haver muitas contradições, assim dos povos de São Vicente, como dos capitães e gente da armada, aos quais parecia impossivel povoar-se o Rio de Janeiro com tão pouca gente e mantimentos (260), o capitão-mór Estacio de Sá e o ouvidor geral Braz Fragoso (261), que sempre resistiram a todos estes encontros e contradições, determinaram de levar ao cabo esta

empresa que tinham começado. E confiados na bondade e poder divino assentaram que se ficasse o ouvidor geral em São Vicente, fazendo concertar o galeão e a nau francesa (262), que se achavam comidos de buzanos, e não estavam para poder navegar, e depois se viria com socorro ao Rio, e que o capitão-mór se passasse logo em sua nau capitania e alguns navios pequenos e canôas a começar a povoação.

Partiu o capitão-mór só em sua nau aos 22 de Janeiro de 1565, e no mesmo dia veio ter á ilha de São Sebastião, que está 12 ou 13 leguas de São Vicente, onde esteve esperando pelos navios pequenos que se ficaram aviando, os quais partiram de Bertiooga a 27 do mês (263), e ao seguinte dia vieram com a capitânia; os navios pequenos eram cinco sómente, e os três deles de remos, e com eles vieram oito canôas (264), as quais traziam a seu cargo os Mamalucos de São Vicente, com alguns Indios do Espirito Santo, que o ano passado haviam ido com o capitão-mór, e alguns outros de São Vicente dos nossos discipulos cristãos de Piratininga, de maneira que toda a gente, assim dos navios como das canôas, poderiam chegar até 200 homens, que era bem pouco para se poder povoar o Rio, ao que se ajuntava o pouco mantimento que traziam, que se dizia poder durar 2 ou 3 meses; com tudo isto, como digo, chegámos (265) a Ilha de São Sebastião onde já estava o capitão-mór, e aí dissemos missa, e se confessou e comungou alguma gente; e como comumente vinham com grande alegria e fervor confiados que com aquela pouca fôrça e poder que traziam haviam de povoar, ajudados do braço divino, e que não lhes havia de faltar o mantimento nesta ilha, ordenou o capitão-mór que os navios de remos acompanhassem as canôas que daí por diante entravam já na terra dos Tamoios e era necessario cada dia pou-sarem em terra em algumas ilhas, e para virem mais seguras mandou meter gente em sua canôa, que vinha por pôpa de um navio, dando os seus escravos que a remassem com alguns Mamalucos; e deu-lhe Nosso Senhor tão bom tempo, que sempre os navios de remos chegavam a pousar onde elas estavam, até entrar na Ilha Grande (266), onde estiveram muitos dias esperando pela capitânia, a qual teve muitos ventos contra, até não poder aferrar

pano como os navios pequenos, e foi forçada a arribar a uma ilha com a verga do traquete quebrado, e rendido o mastro grande.

Os Mamalucos e Indios enfadados de esperar tanto tempo pela capitânia, e forçados da fome, que quasi já não tinham mantimentos, determinaram de o ir buscar a uma aldeia de Tamoios, que estava daí a 2 ou 3 leguas, e ajudou-os Cristo Nosso Senhor, que chegaram á aldeia e queimaram-a, matando um contrário, e tomando um menino vivo, e toda a mais gente se acolheu pelos matos; e com esta vitória alegres se mudaram todos ao outro porto da mesma Ilha Grande, onde tinham muita abundancia de peixe e carne; a saber, bugios, cotias, caça do mato, e aí dissemos tambem muitas vezes missa, e se confessou e comungou muita gente, aparelhando-se para a guerra a que esperavam no Rio de Janeiro; porém ainda que muito trabalhámos nós pela nossa parte, e os capitães dos navios pela sua, não pudemos acabar com os Indios que esperassem pelo capitão-mór, como ele tinha ordenado, antes apartando-se dos navios se vieram para dentro de uma ilha chamada Marambaia, por entre aldeias dos Tamoios, caminho do Rio de Janeiro; e porque eram poucos e vinham em grande perigo, pareceu bem se viessem os Mamalucos após eles, e que todos eles juntos esperassem pelos navios numas ilhas que estão uma legua fóra da bôca do rio, ás quais eles chegaram sem nenhum encontro de Tamoios, ou outro perigo algum (267).

Os navios ficaram esperando pela capitânia cinco ou seis dias, e por derradeiro parecendo-lhes que seria já passada de mar em fóra, e temendo o perigo das canôas, partiram-se uma madrugada (268); e saindo pela bôca da ilha viram a capitania que esta noite havia entrado; e assim todos juntos, com muita alegria, começaram com prospero vento a ter vista das ilhas onde as canôas estavam esperando; mas não quis Nosso Senhor que chegassem aquele dia, antes acalmando o vento, e vindo depois outro contrário, junto com as grandes correntes das águas, tomou a capitânia a Ilha Grande, e no caminho esteve em grande perigo de se perder sôbre a amarra em uma baixa (269). Os outros navios andaram com muito trabalho, ora a vela, ora a remos, dois ou três dias, para poderem tomar as ilhas (270), e acudir ás canôas, que

bem adivinhavam seriam tomadas dos contrários, ou tornadas para São Vicente, ou mui perto disso, como em verdade o estavam; porque havendo já seis ou sete dias que estavam esperando, faltando-lhes já o mantimento, comiam sómente palmitos e peixes, e bebiam duma pouca água, de que todos estavam debilitados, e alguns doentes de camaras; e perdendo já a esperança dos navios chegarem tão cedo, determinaram de partir cada um para sua terra, a saber: os Indios do Espirito Santo com três canôas para a sua, e os Mamalucos com os Tupinanguins para São Vicente. E estando já assentados de efetuar esta sua determinação, viram um dos navios, que a fôrça de braços e remos vinham já perto das ilhas, com cuja vista se alegraram, e esperaram alguns dois dias mais, até que chegaram quatro, que foi aos 27 de Fevereiro; e porque nestas ilhas não havia mais que uma pouca d'água, e a gente era muita; e as sêcas grandes, acabou-se e não havia mais que para beber um dia. Mas o Senhor, que tomou esta obra a seu cargo, mandou tanta chuva o dia que os navios ali chegaram, que se encheu o poço, e abastou a todos em quanto ali estiveram; e por nos mostrar que um particular cuidado tinha por nós, permitiu que a capitânia com outro navio que haviam arribado não viessem tão cedo, como todos queríamos, donde nasceu tornarem-se a amotinar não sómente os Indios e Mamalucos, mas tambem alguns dos capitães dos navios querendo entrar dentro do rio, contra o regimento que o capitão-mór tinha dado, e tomavam por achaque, principalmente os Indios, não terem que comer, e que dentro do rio, com os combates que esperavam ter dos Tamoios, sofreriam melhor a fome; e começariam a roçar e cercar o lugar onde estava assentado que se havia de fundar a povoação.

Houve muito trabalho em os aquietar (271), porque em verdade o porto em que estavam era mui perigoso, os navios não tinham breu, e faziam tanta água que era necessario grande parte do dia dar á bomba; os Indios não tinham que comer; os Portugueses não tinham para lho dar; porque havia quasi um mês que com os partidos todos andavam fracos, e muitos doentes; finalmente determinaram os Indios de não esperar mais que um dia, e se a capitânia não chegasse, ou se meterem dentro do rio,

ou se irem para suas terras, o que fôra causa de grande desconsolação. Neste trabalho acudiu a Divina Providência, que logo aquele mesmo dia vimos três navios, que iam de cá da Baía com socorro, de mantimento (272), que era o de que a armada tinha maior necessidade; e ao seguinte (273), chegou a capitânia e outro navio, e assim todos juntos, em uma mesma maré, com grande alegria entrámos pela bôca do Rio de Janeiro, começando já os homens de ter maior fé e confiança em Deus, que em tal tempo socorrera as suas necessidades.

Logo ao seguinte dia, que foi o último de Fevereiro, ou primeiro de Março (274), começaram a roçar em terra com grande fervor e cortar madeira para a cêrca (275), sem querer saber dos Tamoios nem dos Franceses, mas como quem entrava em sua terra, se foi logo o capitão-mór a dormir em terra, e dando ânimo aos outros para fazer o mesmo, ocupando-se cada um em fazer o que lhe era ordenado por ele, a saber: cortar madeira, e acarretá-la aos ombros, terra, pedra, e outras cousas necessarias para a cêrca, sem haver nenhum que a isso repugnasse; desde o capitão-mór até o mais pequeno todos andavam e se ocupavam em semelhantes trabalhos; e porque naquele lugar não havia mais que uma legua de ruim água, e esta era pouca, o dia que entrámos choveu tanto que se encheu, e rebentaram fontes em algumas partes, de que bebeu todo o exercito em abundancia, e durou até que se achou água boa num poço, que logo se fez (276); e como esta esteve em termos de se poder beber, secou-se de todo a lagoa, e além disto se achou uma fontezinha num penedo d'agua muito boa, com que todos se alegraram muito, e se vão firmando mais na vontade que traziam de levar aquela obra ao cabo, vendo-se tão particularmente favorecidos da Divina Providencia.

Os Tamoios começaram logo a fazer ciladas por terra e por mar; mas os nossos não curavam senão de cercar-se e fortalecer-se, parecendo-lhes que não faziam pouco em defender dentro da cêrca; mas Nosso Senhor, não querendo que se contentassem com isso, permitiu que aos 6 de Março viessem quatro canôas dos Tamoios, e fazendo uma cilada junto da cêrca tomassem um Indio, que se desmandou, e indo já muito longe com sua prêsa deitaram

os nossos as suas canôas ao mar, perseguiram os inimigos, e os fizeram saltar em terra e fugir pelos matos, deixando as canôas, arcos, flechas, espadas, e quanto nelas tinham, e o Indio, que escassamente tiveram tempo para os matar; os nossos os perseguiram pelo mato um bom pedaço, e não os podendo alcançar se tornaram trazendo-lhes as canôas e suas armas, que haviam deixado, e que foi um grande triunfo para os nossos cobrarem animo, e os tamoiros enfraquecerem e temerem; assim daí por diante não ousavam aparecer senão de longe, e muitas canôas juntas.

A 10 de Março vimos uma nau francesa, que estava legua e meia da povoação dentro do rio; e ao outro dia (277) foi o capitão-mór sobre ela com quatro navios, deixando na cêrca a gente que parecia necessaria, que ainda não era acabada; e sendo já junto dela, e começando a atirar de sua parte e doutra, os Tamoiros, que aquela cilada tinham assim ordenado, saíram detrás de uma ponta em quarenta e oito canôas cheias de gente, e arremeteram com a cêrca com tão grande ímpeto, e não havendo nela baluarte nem casa alguma feita em que se pudesse a gente recolher. Ajudou-nos Nosso Senhor, de maneira que andando no meio do terreiro descobertos, e chovendo flechas sobre eles, não os feriram, antes mataram alguns dos inimigos, e feriram muitos; e não contentes com isso arremeteram com eles fóra da cêrca, e os fizeram fugir e embarcar em suas canôas bem desbaratados. E esta vitória, a que se houve da nau francesa, a qual se entregou sem guerra aos nossos, e foi desta maneira que vendo vir o capitão-mór as quarenta e oito canôas sobre a cêrca, meteu-se em um navio de remos por lhes ir acudir, deixando mandado aos outros capitães dos outros navios que ficassem em guarda da nau até pela manhã, que tornasse, ou se lhe mandasse recado; esta noite houveram falas dos Franceses, e falando-lhes um seu parente, que estava num dos navios, e dizendo-lhes que cedessem sem guerra, que o fariam de misericórdia com eles, mostraram folgar muito, e disseram que eram uns pobres mercadores que vinham ganhar sua vida, e que estavam já de caminho, levavam alguns Franceses dos que estavam em terra para França; que deixando-os ir se fiassem deles os outros que ficavam em terra. E porque eles tinham

dado uma regueira em terra, e tinham comsigo trinta canôas de Tamoios para despejar a nau, se se vissem em pressa, e queimá-la com dois barris de polvora que tinham desfundados no convês com seus morrões, e eles acolheram-se á terra; porque não fosse o derradeiro êrro peor que o primeiro do ano passado, que se fez em tomar outra nau, e deixar mais Franceses em terra; pareceu bem aos capitães, porque havia perigo na tardança de mandar recado ao capitão-mór, dar-lhes segurança, e prometer-lhes que eles alcançariam do capitão-mór que lho confirmasse e houvesse por bem, e com isto se entregaram e se vieram, porém ficando os Tamoios espantados de saber como se fiavam dos Portugueses; mas os Franceses, que estavam já na nau, e se iam para a França com os seus, temendo que lhes não cumprissem o que prometiam, vendo chegar os nossos navios a ela, lançaram-se ao mar, e a nado fugiram á terra, á vista dos nossos sem se seguir trás deles.

O capitão-mór e todos tiveram isto por grande mercê do Senhor, por ser este grande caminho para se desarraigarem do Rio de Janeiro os Luteranos que nele ficam, que serão até trinta homens, repartidos em diversas aldeias, e todos homens baixos, que vivem com os Indios selvagens, e determinou de cumprir o que seus capitães tinham prometido, ainda que teve algumas contradições de homens, que mais olham seu proprio interesse que o bem comum; mas sendo a maior parte de parecer que os devia deixar ir em paz, e que daquela maneira se fazia maior serviço a Deus e a Sua Altesa, e era caminho para mais facilmente se povoar e sustentar o Rio de Janeiro, lhes deu licença que se fossem, tomando-lhes a polvora e a artilharia que era necessaria para a cêrca, deixando eles escrito aos seus que se fiassem de nós, e se saíssem dentre os selvagens, e se lançassem connosco, contando-lhes o bom tratamento que dos nossos haviam recebido; êstes desta nau eram catholicos, segundo as mostras que traziam, a saber: horas de Nossa Senhora, sinais, contas, e cruces. Pelo que é de crer que lhes fez o Senhor esta misericordia, porque não ficassem em terra, e se viessem com os outros, e aos nossos dessem grandissima opressão favorecendo os Tamoios: determinava o capitão-mór á minha partida de lá, que foi o derradeiro de Março, a falar com os France-

ses (277-A), levando-lhes um seguro real de Sua Alteza, e a carta de seus parentes para poder apartá-los dentre os Tamoios para que esses não sujeitem os Indios e em pouca fôrça na costa do Brasil, se não vem socorro de Sua Alteza, pelo qual todos estão esperando.

Antes que a nau francesa se partisse, fizeram os Tamoios outra cilada de vinte e sete canôas (278), aos quais ela tirou muitos e bons tiros, o que tambem será a ajuda para eles lhes darem pouco credito e amor, e facilmente fazerem pazes com os Portugueses, se fôrem dêste Reino favorecidos, e assim ficar são o Rio; e estas traziam nove ou dez e meteram esses nossos mão com tanto pulso que foi flechada a gente de seis aldeias que se fez em terra para os defender, e alguns dos nossos saíram após eles, e houve uma brava peleja, em que foram feridos dez ou doze dos nossos, e alguns de flechadas mui perigosas, as quais pela misericordia de Deus facilmente saráram; mas dos contrários foram muitos os feridos, os quais os nossos viam levar a rasto pela praia, e meter nas canôas, e assim os foram perseguindo por mar e por terra, quasi até meio caminho de suas aldeias, e tomaram-lhes uma canôa, e tornaram-se com grande vitória: gloria seja ao Senhor!

Ao derradeiro dia de Março parti do Rio de Janeiro para esta cidade, por mando da santa obediencia (279), com um homem tomado da Capitania de Ilhéus, chamado João D'Andrade, o qual havia sido chamado de São Vicente pelo capitão-mór a buscar mantimentos a estas capitancias, e por sua boa indústria e diligência chegou ele, como acima digo, no mesmo dia e maré que a armada chegou de São Vicente, e de caminho levou cinco homens brancos, que resgatou dentre os Tamoios áquem do Cabo-Frio, os quais se haviam perdido em um navio que antes de João D'Andrade fôra mandado a buscar mantimentos; e depois de estar no Rio todo êste tempo, e achando-se nos combates que tenho referido, o tornou o capitão-mór, por se fiar de sua diligência, a mandar a negociar mais mantimento, porque a falta dele é que lhes faz uma maior guerra.

Já á minha partida tinham feito muitas roças em derredor da cêrca, plantados alguns legumes e inhames (280), e determina-

vam de ir a algumas roças dos Tamoios a buscar alguma mandioca para comer, e a rama dela para plantar; tinham já feito um baluarte mui forte de taipa de pilão com muita artilharia dentro, com quatro ou cinco guaritas de madeira e taipa de mão, todas cobertas de telha que trouxe de São Vicente, e faziam-se outras e outros baluartes, e os Indios e Mamalucos faziam já suas casas de madeira e barro, cobertas com umas palmas feitas e cavadas como calhas e telhas, que é grande defesa contra o fogo. Os Tamoios andavam-se ajuntando para dar grande combate na cêrca (281); já havia dentro do Rio oitenta canôas, e parece-me que se ajuntariam perto de duzentas, porque de toda a terra haviam de concorrer á ilha, e dizia-se que fariam grandes mantas de madeira para se defenderem da artilharia e balroarem a cêrca; mas os nossos tinham já grande desejo de chegar áquella hora, porque desejavam e esperavam fazer grandes cousas pela honra de Deus e do seu rei, e lançar daquela terra os Calvinos, e abrir alguma porta para a palavra de Deus entrar os Tamoios: todos viviam com muita paz e concordia; ficava com eles o Padre Gonzalo d'Oliveira (282), que lhes dizia cada dia missa, e confessava e comungava a muitos para a glória do Senhor.

O maior inconveniente que ali havia, *ultra* da fome, é que estão lá muitos homens de todas as capitánias, os quais passa de ano que lá andam, e desejam ir-se para suas casas (como é razão): se os não deixam ir perdem-se suas fazendas, e se os deixam ir fica a povoação desamparada, e com grande perigo de serem comidos os que lá ficarem, de maneira que por todas as partes ha grandes perigos e trabalhos, e se não fosse o capitão-mór amigo de Deus e afaivel, que nunca descança de noite e de dia, acudindo a uns e a outros sendo o primeiro nos trabalhos, e terem todos grande e certa confiança que Sua Altesa proverá, tanto que souber estar já feito pé no Rio de Janeiro, que tão temeroso era, ainda lá nessas partes tão remotas; e que se agora se não leva ao cabo esta obra, e se abre mão dela, tarde ou nunca se tornará a cometer; já creio que houveram rebentados muitos e desamparados quasi todos, maximè tendo novas que deram aqueles homens que saíram do cativoiro dentro os Tamoios, os quais souberam de uma nau

JOSEPH DE ANCHIETA

francesa, que ali estava, que estava o sobrinho de Villegaignon (283), capitão que foi da antiga fortaleza, para vir ao Rio de Janeiro e São Vicente com uma grossa armada; a cêrca que tem feita não é mais que um pé a tomar posse da terra, sem se poder dilatar nem sair dela sem socorro de Sua Altesa, a quem Vossa Reverendissima deve lembrar e incitar que logo proveja, porque ainda que é cousa pequena a que se tem feito, contudo é maior, e basta-lhe chamar-se cidade de São Sebastião para ser favorecida do Senhor, e merecimentos do glorioso martir; e acrescentada de Sua Altesa que lhe tem tanta devoção e obrigação (283-A). Esta é a breve informação do Rio de Janeiro; resta pedir a Vossa Reverendissima nos encomende e faça encomendar muito a Nosso Senhor, e tenha particular memoria dos que residem e ao deante residirão naquela nova povoação, oferecidos a tantos perigos, da qual se espera haver de nascer muito fruto para glória do Senhor e salvação das almas.

Desta cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos, aos 9 de Julho de 1565.

Minimus Societatis Jesu.

NOTAS

(257) Copiada do *Registo das Cartas dos Jesuitas*, da Livraria da Casa de São Roque, p. 190 v. Pbl. nos *Anais da Provincia do Rio de Janeiro*, de Baltasar da Silva Lisboa, p. 166-81 e na *Revista do Instituto Historico*, III, p. 248, com um êrro de enderêço (ao doutor Jacomo Martins), retificado na reprodução feita no *Diário Oficial*, do Rio, em 8 e 17 de Março de 1888, por Teixeira de Melo.

(258) Deve ser êrro de cópia. A armada de Estacio de Sá chegou á barra do Rio de Janeiro em fevereiro de 1564, havendo partido da Baía em principios dêsse ano, segundo S. de Vasc. (*Cron.*, o. c., 1, 3, p. 57-8). Como porém aportou no Espirito Santo, onde recebeu numeroso socorro e portanto se demorou, é possível que a partida da Baía se dêsse em fins de 1563, sendo essa a data escrita por Anchieta. A chegada ao Rio em fevereiro de 1564 é confirmada por B. da Silva Lisboa (*Anais*, cap. 8), que precisa o dia: 6.

(259) A armada partiu do Rio de Janeiro para São Vicente depois da Pascoa (2 de abril) de 1564.

(260) A respeito das "muitas contradicções" havidas em São Vicente, S. de Vasc. (o. c., 1., 3, n. 62) reproduz estas palavras de Anchieta, que

XVI. — CARTA DA BAÍA (1565)

não se encontram em nenhum de seus escritos conhecidos: “O padre Nobrega, como tinha por traçada de Deus esta jornada, e grandissima confiança, por não dizer certeza, que se havia de povoar o Rio de Janeiro, pôs-se contra todos com grande constancia”. E a proposito do que fez então o grande jesuita para apressar a guerra e assegurar-lhe o sucesso, v. ainda S. de Vasc. (o. c., l. 3, n. 63-4).

(261) V. nota 250.

(262) Tomada no Rio de Janeiro.

(263) 20 de janeiro, diz S. de Vasc. (o. c., l. 3, n. 72).

(264) Compunha-se a armada, segundo S. de Vasc. (o. c., l. 3, n. 72), de “seis navios de guerra, alguns barcos ligeiros e nove canoas de mestiços e indios”.

(265) Com os mestiços e indios de São Vicente, enviou Nobrega o padre Gonçalo de Oliveira e Anchieta. No elogio que traçou de Nobrega (*Frag. Hist.*), Anchieta conta que estava determinado ir ele como superior do padre, apesar de simples irmão ainda. Deante da resistencia do canarino, ditada pela sua humildade, Nobrega resolveu assim o caso: “O padre, por ser sacerdote, será superior; mas lembrar-se-á, pois o irmão foi seu mestre, do respeito e reverência que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos”. — V. nota 666.

(266) Segundo presume Capistrano (nota a Varnh., o. c., I, p. 427), a partida de São Sebastião se deu a 1 de fevereiro e a chegada á Ilha Grande a 4 ou 5.

(267) “Seria isso a 10 de fevereiro” (Capistrano, nota a Varnh., o. c., I, p. 427).

(268) A partida da Ilha Grande foi a 15 de fevereiro (Capistrano, nota a Varnh., o. c., I, p. 428).

(269) Passou-se isso a 16 de fevereiro (Capistrano, nota a Varnh., o. c., I, p. 428).

(270) Os navios juntaram-se ás canoas nas ilhas fóra da baía a 21 de fevereiro, segundo supõe Capistrano (nota a Varnh., o. c., I, p. 428).

(271) Foi então que se deu o “caso digno de memoria” de que fala S. de Vasconcelos (o. c., l. 3, n. 73). Para conter os indios “lhes empenhou Joseph sua palavra”, afirmando “que antes que o sol chegasse a tal parte do céu, mostrando-lha, chegariam sem dúvida os mantimentos, e após eles pouco depois a nau capitânia”, o que de fato se deu.

(272) Os mantimentos foram trazidos por João de Andrade, morador de Ilhéus, com quem Anchieta seguiu depois para a Baía, conforme narra páginas adeante.

(273) A 28 de fevereiro.

(274) “Princípio de março”, diz a *Inf.* de 84, e “1º de março”, precisa frei Vicente do Salvador (*Hist.*, 3ª ed., p. 181).

(275) Os portugueses se fortificaram “com trincheiras e fossos, no lugar onde depois chamaram Vila Velha, junto a um penedo altissimo, que

pela forma se diz Pão de Assucar, e outra penedia, que por outro lado cercava, com que ficavam em parte defendidos" (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 74). Quasi textualmente é também o que diz frei Bernardo da Cruz, na *Cronica de D. Sebastião*, p. 351, escrita em 1586 mas só publicada em 1837 (Varnh., o. c., I, nota 4 da p. 410). — V. nota 280.

(276) Esse poço foi construído por José Adorno e Pero Martins Namorado. O último foi nomeado por Estacio de Sá juiz ordinario da cidade que se iniciava, naturalmente por já haver exercido tal cargo em Santos (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 74, e Varnh., o. c., I, p. 413). Ambos receberam em sesmaria as terras de *Guarihi*.

(277) A tomada da nau foi a 13 de março, segundo Varnhagen, ou nesse ou no dia anterior, conforme Capistrano (o. c., I, nota 6 da p. 411 e nota da p. 428).

(277-A) Corrigimos aqui um erro evidente de cópia, contido nas reproduções anteriores desta carta, segundo as quais Estacio de Sá preeidia "falar com os *Portugueses*". Ora, a carta em questão só podia ser a que deixaram os franceses da nau, a que Anchieta alude linhas antes, carta essa dirigida aos patricios que no Rio ficavam, concitando-os a "qua se fiassem" dos portugueses e "se saisssem dentre os selvagens".

(278) Foi esta cilada a 10 de março, segundo S. de Vasconcelos (o. c., l. 3, n. 78), combatendo os portugueses em "dez canoas com duas lanchas de remo".

(279) Anchieta seguiu para a Baía afim de ser aí ordenado pelo bispo d. Pedro Leitão. Ao passar pelo Espirito Santo, visitou a casa da Companhia e as aldeias indígenas, a mandado de Nobrega. Este partiu logo de São Vicente para o Rio de Janeiro com alguns companheiros. Na Baía Anchieta fez ver a Mem de Sá a necessidade de enviar nova armada ao Rio de Janeiro para consolidar a conquista, armada que partiu da cidade do Salvador em novembro de 1566, nela embarcando o canarino em companhia do governador, provincial Luiz da Grã, visitador Inacio de Azevedo e bispo d. Pedro Leitão. A chegada ao Rio foi a 18 de janeiro de 1567.

(280) Estas palavras de Anchieta provam, segundo Varnh. (o. c., 2ª ed., I, nota 1 da p. 304, suprimida na 4ª ed.), que a cêrca construída por Estacio de Sá estava localizada na praia Vermelha e não no morro de São João. Entretanto, a "opinião em contrário é hoje vigorante", tendo-se "por certo que o sítio em que se iniciou a fundação do Rio de Janeiro foi o istmo da península de São João, a varzea que demora entre o morro Cara de Cão e os penedos do Pão de Assucar e Urca", observa R. Garcia (nota a Varnh., l. c., 3ª ed. int., p. 410-1), citando J. Vieira Fazenda ("Rev. do Inst. Hist.", LXXX, p. 532-50).

(281) O ataque, de que Anchieta só chegou a presenciar os preparativos, se deu nos primeiros dias de junho, feito por 3 naus francesas e 130 canoas tamboias (S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 81).

(282) V. nota 660.

(283) Bois-le-Comte se achava na Europa por esse tempo (Capistrano, nota 16 a Varnh., o. c., I, p. 415).

(283-A) D. Sebastião, que reinaria ainda durante treze anos.

XVII

AO GERAL PADRE FRANCISCO DE BORJA, DE SÃO VICENTE,
A 10 DE JULHO DE 1570 (284).

Padre Inacio de Azevedo. — Missionarios da Capitania. — Em São Vicente: Padres Afonso Braz, Adão Gonçalves, Baltazar Fernandes, Manuel Viegas e Anchieta. — Em Piratininga: Padres Vicente Rodrigues, Manuel de Chaves, Simeão, António Gonçalves e Irmão João de Sousa.

JESUS

Mui Reverendo em Cristo Padre.

Pax Christi.

Não tenho pela presente outro fim senão avisar a Vossa Paternidade que estamos, todos os que deixou o Padre Inacio de Azevedo (285) nesta Capitania, bem pela bondade de Deus Nosso Senhor e esperando por ele cada dia com desejo de nos aproveitar em Espirito com seu exemplo e doutrina. Entretanto trabalhamos por nos conformar, quanto o permite a terra, com o que nos deixou ordenado.

Estamos aqui, nestas povoações dos Cristãos portugueses, cinco, a saber: o Padre Afonso Braz, Padre Adão Gonçalves (286), o Padre Baltazar Fernandes (287), Padre Manuel Viegas (288) e eu (289), cujas qualidades já Vossa Paternidade conhece bem. Ocupamo-nos todos ordinariamente em confessar e ensinar assim aos Portugueses como aos naturais. Sempre se colhe algum fruto pela misericórdia do Senhor, e não é tão pouco, que não seja muito para louvar a Deus, em uns e outros como mais largamente se verá pela geral.

JOSEPH DE ANCHIETA

Em nossa casa de S. Paulo de Piratininga estão o Padre Vicente Rodrigues, que é preposito, e o Padre Manuel de Chaves. Padre Simeão (290), o Padre Antonio Gonçalves (291) e o Irmão João de Sousa (292) ocupam-se com os Portugueses e Brasis com algum fruto em Deus. Ha bastante trabalho em visitar tantas povoações como ha e acudir a tantas necessidades em tão diversos lugares distantes três e quatro e até sete leguas, mas para tudo dará fôrças Nosso Senhor que isto manda por meio da santa obediencia, ajudando-nos Vossa Paternidade com suas santas orações e creia que, se em algumas partes tem filhos necessitados, são os destas, especialmente eu que peço mui particular favor de sua paterna caridade, benção e intercessão deante de Nosso Senhor para que persevere até o fim em sua santa Companhia.

De S. Vicente, 10 de Julho, 1570.

De Vossa Paternidade filho indigno em Deus.

NOTAS

(284) Pbl., em castelhano, nos "Anais da Biblioteca Nacional", XIX, p. 57-8, bem como nos "Anais do Museu Paulista", III, p. 386-7; e agora, pela primeira vez, na versão portuguesa.

(285) *Inacio de Azevedo*, natural do Porto, de familia fidalga, filho mais velho de d. Diogo de Azevedo e irmão do vice-rei da India d. Jeronimo de Azevedo, foi recebido no Collegio de Coimbra em 1547, entrando na Companhia a conselho de Henrique de Gouvêa, grande amigo dos jesuitas, pai do visitador Cristóvão de Gouvêa e do padre João de Madureira. Em 1550 foi enviado em missão á Beira e em 1552 assumiu a direção das escolas públicas fundadas em Santo Antão, cargo que exerceu até fins de 1556. Vice-provincial de Portugal e reitor do Collegio de Braga, onde fez amizade com o arcebispo frei Bartolomeu dos Martires, esteve presente em 1565 á congregação geral de Roma, que elegeu Francisco de Borja para sucessor de Diogo de Lainez, na qualidade de procurador das provincias da India e do Brasil. Enviado ao Brasil como visitador, chegou á Baía em 24 de agosto de 1566, trazendo os padres Baltazar Fernandes, Amaro Gonçalves e António da Rocha, os irmãos Pedro Dias e Estevão Fernandes e os noviços Domingos Gonçalves e Antonio de Andrade. Em novembro desse mesmo ano, seguiu para o Sul na armada de Mem de Sá, em companhia dos padres Luis da Grã, António Rodrigues, Baltazar Fernandes, António da Rocha, Anchieta e do bispo d. Pedro Leitão. Chegando ao Rio a 18 de janeiro de 1567, assistiu aos ultimos combates contra os tamoios e franceses. Visitou depois a Capitania de São Vicente, subindo até Piratininga. Resolvida a fundação de um Collegio no Rio de Janeiro, para lá voltou em julho, com d. Pedro Leitão, Grã, Nobrega e Anchieta. Do Rio partiu para a Baía, onde chegou em

XVII. — CARTA DE S. VICENTE (1570)

março de 1568, visitando no caminho as casas do Espirito Santo, Porto Seguro e Ilhéus. Realizada a congregação provincial em junho, embarcou para Portugal a 24 de agosto, indo de Lisboa para Almeirim, onde se encontrava o rei d. Sebastião. Seguiu depois para Roma, aí tratando dos negocios do Brasil. De volta a Portugal, trouxe “muitos sujeitos de outras provincias, parte de letras, parte de officios mecanicos” (B. Guerreiro, *Gloriosa Coroa*, parte 3ª, p. 312). Chegou a reunir para a missão ao Brasil perto de setenta sujeitos e com eles se retirou para a quinta do Val de Rosal, de propriedade do Collegio de Santo Antão. Em 1570 se transferiu com os companheiros para a casa professa de São Roque e embarcou com trinta e nove deles na nau Santiago, cuja metade fretara e que fazia parte da frota do governador d. Luiz de Vasconcelos. Este último acolheu na capitânia o padre Pero Dias com mais vinte (S. de Vasc., o. c., l. 4, n. 18) ou doze religiosos (B. Guerreiro, o. c., parte 3ª, p. 322-4). E na das Orfãs embarcou o padre Francisco de Castro com dois irmãos (S. de Vasc., l. c.) ou dez (Southey, *Hist.*, I, p. 431). Na ilha da Madeira a nau Santiago separou-se da frota, seguindo para as Canárias. A três leguas de Las Palmas, foi atacada pelo corsário Jacques de Soria, que tirou a vida a Inacio de Azevedo e seus companheiros no dia 15 de julho de 1570. Mais tarde, João Capdeville tomou a capitânia, matando o governador e o padre Pero Dias com os seus onze companheiros jesuitas (B. Guerreiro, o. c., parte 3ª, p. 379-80). Uma náu da frota conseguiu alcançar Cuba e Espaniola outra. Dos missionarios de Inacio de Azevedo tão unicamente o irmão Antônio Leão, que por doença ficára nas Ilhas Terceiras, conseguiu chegar ao Brasil (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 91).

(286) *Adão Gonçalves*, morador em São Vicente, “dos mais ricos e poderosos da terra”, teve parte saliente na tomada do forte de Coligny em 1560, seguindo depois para a Baía afim de obter de Mem de Sá certidão dos serviços prestados na luta que o habilitasse a “requerer a el-rei premio dêles”. Na Baía, porém, resolveu entrar para a Companhia, sendo recebido pelo provincial Luiz da Grã. Desistiu então de todos os seus haveres em favor dos jesuitas e confiou seu filho Adão em São Vicente aos cuidados de Nobrega. No Collegio da Baía, a 31 de janeiro de 1561, prestou seu depoimento no auto de culpas instaurado contra Bolés (v. nota 179). Em 1564, por ocasião da grande fome que assolou a Baía, o já padre Adão Gonçalves, que com outros jesuitas trabalhava nas aldeias de Nossa Senhora da Assunção e São Miguel, escapou de ser morto pelos índios, cuja debandada queria impedir. Mais tarde residiu no Collegio do Rio de Janeiro com Anchieta. Seu filho estudou gramática, foi recebido na Companhia e morreu na Baía logo depois do terminar o curso de filosofia, “com alguns principios já da theologia” (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 79-80, e l. 3, n. 40). — V. nota 681.

(287) O padre *Baltazar Fernandes* chegou ao Brasil a 24 de agosto de 1566, na missão chefiada pelo visitador Inacio de Azevedo. Em novembro desse ano seguiu para o Sul na armada de Mem de Sá, com o visitador, o provincial Grã, Anchieta e outros. Terminada a guerra do Rio de Janeiro, foi com Inacio de Azevedo para São Vicente, onde chegou na quaresma de 1567 e permaneceu até abril de 1573, quando seguiu com o provincial Inacio de Tolosa para o Rio de Janeiro e daí para o Espirito Santo. Nesta Capitania ficou, substituindo Antônio da Rocha, como superior da casa dos jesuitas. São dele duas das *Cart. Av.* (LXI e LXIII).

(288) O padre *Manuel Viegas*, que entrou para a Companhia no Brasil, já em 1567 residia na casa de Piratininga (*Cart. Av.*, LXI). Mais tarde,

JOSEPH DE ANCHIETA

muito auxiliou Anchieta na conversão dos maramomís. Residindo entre eles, aprendeu "sua língua com muita diligencia, e nela tresladou toda a doutrina que o padre Joseph tinha composta, pera os da língua da costa, fez vocabulario copioso, e com sua ajuda se compôs arte da gramática, por onde pôde aprender-se com facilidade." (S. de Vasc., *Vida de Anch.*, l. 3, cap. IX).

(289) De 1567 a 1575, foi Anchieta superior da casa de São Vicente. Só em 1577, porém, deixou a Capitania, seguindo para a Baía com o provincial Inacio de Tolosa.

(290) Simeão ou Simão Gonçalves (v. nota 12).

(291) *Antonio Gonçalves*, ainda irmão, chegou ao Brasil em 1560 com Luiz Rodrigues. Já era ordenado de missa, quando três anos mais tarde foi enviado com Francisco Viegas para Porto-Seguro. Aí ficou até 1566 pelo menos. Em 1570, como informa Anchieta, residia em Piratininga. A *Hist. dos Col.* (l. c., p. 138) noticia em 1573 a chegada de um "irmão Antônio Gonçalves" a São Vicente. Certamente é o mesmo padre Antônio Gonçalves, que teria ido ao Rio e de lá voltado nesse ano. Em 1579, residia com os índios de Arariboia na aldeia de São Lourenço. Das *Cart. Av.* é dele a de n. XL.

(292) Este irmão *João de Sousa*, de nome idêntico ao que morreu às mãos dos carijós, já em 1567 residia na casa de Piratininga. Seis anos mais tarde (abril de 1573) seguiu com Inacio de Tolosa e outros para o Rio de Janeiro e daí para a Baía. A 28 de abril, dia em que o provincial e seus companheiros deixaram o Espirito Santo, onde fizeram escala, uma tempestade os surpreendeu, perdendo-se o navio em que iam. João de Sousa e o padre Antônio da Rocha, que nadavam "alguma cousa", quasi morreram tentando salvar Inacio de Tolosa. Alcançada afinal a praia, os jesuitas a 6 de maio tornaram á casa do Espirito Santo, onde permaneceram quasi cinco meses, só chegando á Baía no dia 9 de outubro (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 99, 130, 131 e 132-5).

XVIII

A UM SACERDOTE RECEM-ORDENADO, TODA DE PALAVRAS.
DA SAGRADA ESCRITURA (293).

JESUS Maria.

Jesu Cristo verdadeira luz, que alumia a todo homem existente neste mundo, alumie vosso coração pera que assista sobre vós sua divina luz, e vos guie pelo caminho direito, até chegardes ao monte de sua santificação, monte cheio, e fertil, aonde vos farteis naqueles peitos de toda consolação. Que cousa é o homem, que assi é engrandecido do Senhor? Ontem ereis de menor idade, falaveis como um menino, tinheis pensamentos pueris, porém agora estais feito varão, Sacerdote do altissimo Deus, oferecendo pão e vinho.

Mas que pão é êste? Pão dos Anjos, verdadeiro manjar, que comem os pobres, e ficam fartos, pão vivo que desceu do Céu para encher de todos os bens aos que dele têm fome. Quem come êste pão tem vida pera sempre, pão celeste que em si tem todas as delícias do gôsto, e toda a sua suavidade do sabor.

E que vinho é êste, vinho bom, com ele se nos deu um lavatorio a nossas culpas, reconciliando-nos com o Eterno Pai, alimpando-nos as máculas da filha de Sião; per ele entrou o mesmo Cristo na *Sancta sanctorum*, ganhando a eterna rendenção pera nós, que estavamos em prisões de pobreza, e ferro; com ele sopeou as potencias do Inferno, quebrou o arco, despedaçou o escudo, a espada desfez a guerra, pondo tudo em paz, assi no Céu como na terra.

Eis aqui, Padre, quanto vos quis o Senhor engrandecer; ad-

mirai-vos das riquezas da divina bondade; vossa alma agradeça engrandecendo aquele, que tão humilde vos levantou, que cada dia se entrega em vossas mãos, fazendo do vosso peito morada de seu descanso, elegendo-vos por ministro seu, e despenseiro de seus mysterios. Trabalhai agora, e fazei muito, porque vos ache fiel em seu serviço; sete vezes vos lavai no rio Jordão, pera que não haja em vós mácula, que deslustre tão sagrado ministerio; e ainda que estejais lavado, e puro na consciencia, repeti muitas vezes o lavar os pés, chegando-vos ás fontes das aguas vivas; ponde sentinelas no coração, e guarda nalma, pera que o altissimo Deus vos santifique com o seu tabernáculo, entrando em vós, andando em vossa companhia, e ceiando convosco.

O' que grande ceia! O' que real convite! Que se não prepara só pera sete dias, mas pera nos manter até o fim do mundo; pera ele se manda convidar não sómente o povo de Susan, mas o mundo todo, do maior até o mais pequeno; nesta soberana mesa bebem os convidados abundante vinho (como convém á magnificencia real deste banquete), e o principal é que saem as almas satisfeitas e alentadas: ó quem me dera comer da árvore da vida! Não sois vós, meu bom Jesu, o que só sois vida? Que reinastes na árvore da vera cruz?

Dai-vos logo a mim, bendito fructo do ventre da Virgem, dai-vos a mim, pera que vos ache, e vos coma, e fique farto de uma vez; não fique frustrado este meu desejo, porque minha alma vos appetite. Onde habitais, Senhor? Onde vos recolheis, pera que parte fostes, amado meu? O mais especioso dos filhos dos homens, o mais digno de ser amado, branco, e rosado, escolhido entre milhares, donde vos apartastes de mim? Porventura fugistes para os montes aromaticos, como cervo veloz? De que sorte vos apanharei, se saltais como Gigante, quando correis? Tornai pera mim, Filho de Maria, tornai pera mim, pera que vos veja; ou dai-me azas pera voar como pomba, e descansar em vós pera que tenha mão, e vos não largue, até me não lançardes vossa benção, e minha alma se áte a vós de sorte que as trevas me não apanhem, mas vos siga como lume da eterna vida, e em vosso nome alcance a luz verdadeira.

O' prouvera a Deus, carissimo Padre, que me visse tão limpo de

meus pecados, que não recebesse indignamente o corpo, e sangue do Senhor, mas que com espirito humilde, e coração contrito, entrasse a celebrar no altar de Deus, aonde bebesse as aguas da fonte, que está no meio do Paraíso, fonte viva de agua, que corre pera a vida eterna; mas ai, ai de mim, minha cabeça está cheia de fantasias, que carecem de entendimento, e boa rezão; meu coração se secou como feno do campo; minha língua está pegada á garganta, sem cantar o novo cantico ao Senhor, que obrou tantas maravilhas, a quem deram a comer fel, e a beber vinagre, pera que suas-palavras fossem doces, e suaves á minha garganta; só a meu Deus quisera amar de todo o coração, com todo o entendimento, e alma, tendo tudo o do mundo por vil escória, pera ganhar a Cristo, pondo em seu amor todas minhas delícias.

Mas espero em Deus já que ainda o confesso por tal, que andando pelo caminho de seu serviço sem mácula, que ele virará seu divino rosto pera mim, botando-me sua benção, e que o não fará comigo segundo minhas maldades o merecem, guardando eternamente a ira contra mim, mas perdoará todas minhas dividas; não permitirá que seja lançado nas trevas exteriores, mas dará luz a meus caminhos sua palavra, pera que ande, enquanto tiver sua luz, não tropece, e cáia se andar por trevas. Tratai logo de largar as velas de vossa oração deante o Senhor, assentai-vos á sombra daquele que deseja vossa alma, e como vier habitar em vós ao meio dia, pegai dele, metendo-o no cubículo de sua Mãe, pera que aí vos ensine, quão grandes são os trabalhos de meu coração, e quão multiplicadas as afrontas, que inutil me tenho feito, pondo os olhos vos compadecei de mim em vossas orações, pera que o Senhor me perdoe meus pecados, e me dê espirito bom; mas pera que vos molesto, dizendo estas cousas?

Alegrai-vos no Senhor, carissimo, outra vez vos digo, que vos alegréis, por que vos tem o Senhor plantado em sua casa, como oliveira frutífera, e mui fermosa nos campos, armando-vos contra os Principes dêste mundo, e Governadores destas trevas; fazendo muito fruto, prègando o Evangelho a toda a criatura, entremetendo o nome de Jesu, que é oleo derramado, cujas palavras de sôbre êste

JOSEPH DE ANCHIETA

oleo são as mais fortes arremecções, e penetram mais que uma espada de dois gumes.

Portanto vigiai, fazei obras de Evangelista, andando por caminho fóra de culpa; servi ao Senhor, e não habite no meio de vossa casa, que é o coração, a soberba, mas caminhai pela inocencia da vida, oferecendo a Deus sacrificio santo, e vivo, que tira os peccados do mundo; e quando sacrificardes o santo Isaac sobre o monte de lenha, considerai pera a mão direita, e vereis a Mãe de Jesu, sem consolação, chorando naquela triste noite, em que houve trevas sobre o mundo todo da sexta hora até a nona, na qual vindimou, assi como disse o Senhor, no dia de seu furor. Vale.

NOTA

(293) Copiada da *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, pelo padre Simão de Vasconcelos, l. 5, cap. III, p. 305-8, que dá tambem o original latino da carta. Sem data, nem de lugar, nem de tempo. Mas, referindo-se a ela Simão de Vasconcelos (o. c., l. 3, cap. I), quando trata do tempo em que Anchieta foi superior em São Vicente, é bem possivel que seja dessa época, dirigida a algum discipulo de Piratininga.

XIX

DA BAÍA, EM 7 DE JUNHO DE 1578 (294), A GASPAR SCHET,
EM ANTUERPIA (295).

Projetada viagem a São Vicente. — Pesames pelo falecimento de Melchior Schet. — Notícias do Engenho dos Erasmos e seus feitores.

JESUS.

Pax Christi vobis.

Todo o tempo que residi em S. Vicente (296) procurei de socorrer a casa de V. M. com os ministerios de nossa Companhia, como tambem agora fazem os Padres que lá estão. Resido agora nesta cidade da Baía porque me deitaram ás costas o cargo de Provincial, mas, para Outubro, espero lá volver a visitar aquela terra, com a graça de Nosso Senhor (297).

Jesidro e Luiz, filho de João Batista (298), aportaram aqui o ano passado e já chegaram a S. Vicente. Deram-me notícia que era falecido o sr. Melchior Schet (299), no tempo daquelas turbulencias de Antuerpia. A dôr que todos cá sentimos Nosso Senhor sabe, por faltar lá uma cabeça tão catolica em tal ocasião; e por não faltar de nossa parte a nosso officio e á muita caridade que tem V. M. á nossa Companhia, muitas missas lhe dissemos por toda esta costa, como nos obriga a razão.

Sempre trabalhei por que os feitores de V. M. vivessem conformes, mas, como um se havia casado, não quis o outro sossegar, e já havia alguns dias que não combinavam bem, até que João Martins (300), depois de muitas voltas se casou, com a licença que tinha de V. M., depois de minha partida daquela terra. Como soube

JOSEPH DE ANCHIETA

por cartas, logo se apartou do engenho, e tomou casa, e ainda que a V. M. possa aí parecer outra cousa, eu o tenho pelo melhor, para o mesmo engenho, e ainda que ele sempre serviu com muita fidelidade e amor, contudo duas cabeças em um corpo é monstro.

João Batista agora me escreveu que estava bem toda a família, dizendo-me também como V. M. lhe havia escrito que não podia escrever, pelos muitos trabalhos que o cercavam. Eu o compreendo muito bem, aqui onde estou, e ainda que de uma parte muito me compadeço de V. M., por outra contudo me alegro *in Domino* pois tão particularmente ama a V. M. que o toma por caudilho dos seus e tantos trabalhos lhe comunica, por sua Igreja e pela Republica, aos quais certo está haver-se de seguir muito estimada glória.

Todos cá fazemos preces por essa terra e eu especialmente em meus sacrificios faço memoria de V. M., pedindo a Nosso Senhor gaste seus trabalhos em grande triunfo sobre os inimigos de sua Santa fé e coroa de vida eterna.

Desta cidade da Baía de Todos os Santos do Brasil, a 7 de Junho de 1578.

De V. M. servo em Cristo.

NOTAS

(294) Pbl., em fac-simile, no livro das conferências do *Centenario do Veneravel Joseph de Anchieta*, Paris-Lisboa, 1900, e agora traduzida do original castelhano.

(295) A proposito dos Schetz (Schet, escreve Anchieta, e Esquettes ou Esquetes, dizem alguns escritos antigos), Alcibiades Furtado transcreveu nas "Publicações do Arquivo Nacional" (XIV, p. 5-22) varios documentos que pertenceram aos jesuitas de São Vicente, bem como o resultado das investigações feitas em Bruxelas, a seu pedido, por A. de Ridder. Dos Schetz, originarios da Franconia ou de Maestricht, o primeiro membro conhecido na Belgica foi Conrado, cujo filho Erasmo faleceu em 1550. Este deixou cinco filhos, entre os quais Gaspar, barão de Wesemael e senhor de Grobbendonck, falecido em Mons a 7 de novembro de 1584. E' o destinatario da carta de Anchieta. Erasmo Schetz fundara com seu cunhado Jean Vleminecx e Arnold Proenne uma sociedade comercial, com negocios bancarios, de seguros, minas, etc. Mais tarde, com a entrada de seus filhos Gaspar, Melchior e Baltazar, constituiu-se a firma Erasmo Schetz & Filhos, que, falecido Erasmo, passou a denominar-se Gaspar Schetz & Irmãos. Os Schetz eram proprietarios do engenho dos Erasmos, que exportava assucar para a Europa e foi uma das fontes principais da imensa riqueza que acumularam. Catholicos e de-

XIX. — CARTA DA BAÍA (1578)

votos da Companhia (Pero Rodrigues, *Vida de Anch.*, l. c., p. 228-9), os termos em que Anchieta se dirige ao barão de Wesemael fazem presumir que bem grandes eram as obrigações que lhes deviam os jesuitas. — Sôbre o engenho dos Erasmos ou de São Jorge dos Erasmos, anteriormente denominado do Senhor Governador (por haver sido fundado por Martim Afonso de Sousa, de sociedade com Pero Lopes, João Veniste e Francisco Lobo) e dos Armadores, v. frei Gaspar (*Mem.*, p. 169-70).

(296) Embora deixasse a direção da casa de São Vicente em 1575, Anchieta continuou residindo na Capitania até 1577, quando partiu para a Baía com o provincial Tolosa. Aí fez sua profissão solene dos 4 votos e foi nomeado reitor do Collegio. Não chegou, porém, a exercer esse cargo, pois logo em seguida, no ano de 1578, recebeu patente de provincial do Brasil.

(297) Apesar de Anchieta anunciar a Gaspar Schetz a sua partida para o Sul em outubro, ha quem mencione sua passagem pelo Espirito Santo em agosto, chegando S. de Vasconcelos a afirmar que a 4 dêsse mês se achava o canarino em São Vicente, onde profetizou o desastre de Alcacer-Kebir, ocorrido nêsse dia (*Vida de Anch.*, l. 4, cap. VI). Mas, provando de modo positivo a sua estada no Sul por essa época, só existe a carta que escreveu de Piratininga a 15 de novembro de 1579.

(298) João Batista Maglio chegou a São Vicente em 1556 mais ou menos, enviado por Gaspar Schetz como feitor do engenho dos Erasmos. Muitos anos depois (em 1578 ainda dirigia o engenho, conforme diz Anchieta), foi despedido por tratar mais dos seus interesses do que dos do patrão, entregando Gaspar Schetz a feitoria ao italiano Paulo de Veras, que também não se houve a contento e foi substituído por Jeronimo Maia. Ainda desta vez a escolha não foi feliz, como se deduz de uma carta dirigida pelos filhos de Gaspar Schetz, em janeiro de 1591, ao padre Luiz da Fonseca, então reitor do Collegio da Baía ("Pbl. do Arq. Nac.", cit.). A cura de um filho de João Batista Maglio, criança de onze meses, é citada entre os milagres de Anchieta (Pero Rodrigues, l. c., p. 272).

(299) Irmão de Gaspar, como já vimos na nota 295.

(300) João Martins veio ao Brasil em 1568, enviado por Gaspar Schetz. Serviu no engenho dos Erasmos até 1575 ("Pbl. do Arq. Nac.", cit.).

XX

DE PIRATININGA, EM 15 DE NOVEMBRO DE 1579 (301), AO CAPITÃO
JERONIMO LEITÃO (302), EM SÃO VICENTE.

Preparativos de viagem. — A igreja de Domingos Luiz. — Os índios de Arariboia e o padre Antonio Gonçalves.

DEPOIS que vim até agora andei por estas aldeias negociando gente para a viagem, pouca achei porque toda ela é pouca. E posto que agora com a canoa de Salvador Corrêa (303) se poderão escusar estes trabalhos, porque ela com ajuda de Nosso Senhor bastava para me levar, todavia bem sei que nem com isso V. M. me ha de deixar ir só; e por isso não quero partir de cá até não aviar a gente, e levá-la comigo, porque se a deixar á sua discrição não sei quando partirão. António de Macedo aviou vinte mancebos com seu irmão João Fernandes (304) os quais partirão terça-feira querendo Deus, mas não pude acabar com eles que fossem senão por o caminho velho da Borda do Campo (305). E lá hão de esperar por canoa.

Domingos Luiz estava acabando a igreja (306). Já lhe dissemos missa nela com muita festa. Logo se parte para o Caraguaba; não achei de sua banda gente que tirar, porque não vão desaparecer e contudo daqui e dali me parece que se ajuntaram alguns quinze ou dezaseis entre os quais irá Cairobaca, porque o achei meio amotinado contra Domingos Luiz, e trabalhei polo levar para lá por que não se vá polo caminho de seu irmão. Faço conta de partir terça-feira com eles por agua. Ele se ofereceu para a viagem liberalmente. E até sexta ou sabado ser no Cubatão com ajuda de Nosso Senhor.

XX. — CARTA DE PIRATININGA (1579)

Mando Domingos de Paiva, de escoteiro, a dar êste aviso a V. M. assi para que mande canoas boas aos portos por onde irmos, como para que lá esteja tudo prestes, porque esta gente não levam mais que arcos e flechas, como V. M. mandou. E será necessario ou partir logo pola barra fóra ou buscar-lhes que comam enquanto se detiverem aí.

Eu todavia porque me escreveram que os Indios de Arariboia (307) se carregaram todos nas costas do Padre Antonio Gonçalves, levo-lhes de cá alguma farinha para ajuda da matalotagem do mar e da terra.

Alguns dos Carijós vão, e entre eles o Alonso que está aqui acolhido com medo do Carvoeiro, que ainda me dizem que o ameaça. V. M. o fará lá desembaraçar entretanto.

Tambem me encomendou Cairobaca que lhe fizesse pagar a Antão Nunes o achadego de um escravo que lhe cá tomou, porque não tem roupa e ainda espera ele de achá-la feita quando de cá fôr. Nada mais ao presente, porque o mais ficará quando eu fôr com ajuda de Deus, o qual dê a V. M. muito do seu amor.

De Piratininga, hoje Domingo, 15 de Novembro de 1579.

De V. M. servo infimo.

NOTAS

(301) Estampada, em fac-simile, no catalogo n. 429 dos livreiros Maggs Bros., de Londres, reproduziu-a Gentil Moura na "Revista do Brasil", de São Paulo, XXIII, p. 28-9. Em 1926, mediante uma subscrição em sacas de café, o quinzenario paulistano "Terra roxa e outras terras" adquiriu o original e o ofereceu ao Museu Paulista. Foi então pbl., a 29 de abril dêsse ano, no citado quinzenario, e nos "Anais do Museu Paulista", III, parte I, p. 375-6.

(302) O capitão-mór Jeronimo Leitão por duas vezes governou a Capitania de São Vicente, como loco-tenente do donatario: a primeira de 1573 a 1580 e a segunda de 1583 a 1592. Em 1585 organizou a famosa bandeira contra os carijós do Paranapanema, atingindo Paranaguá em fins dêsse ano, ou principios do seguinte, e assolando durante seis anos as aldeias do Anhembi (Taunay, *Hist. Ger. das Band.*, I, p. 171). Foi grande amigo de Anchieta, de cujos conselhos "sempre fez muito caso" (P. Rodrigues, *Vida de Anch.*, l. c., p. 242).

(303) Salvador Corrêa de Sá, capitão-mór e governador do Rio de Janeiro, que, como se depreende da carta, mandou a São Vicente a canoa, na qual Anchieta devia fazer a viagem até aquela Capitania.

JOSEPH DE ANCHIETA

(304) Nas *Atas da Camara da Vila de São Paulo*, v. I, surge um João Fernandes, como escrivão (1562-4 e 1578) e vereador (1579), provavelmente o mesmo nomeado por Anchieta. As atas da Camara de S. André registram também um João Fernandes, que foi procurador do Conselho em 1555, sugerindo Gentil Moura (l. c.), um confronto entre as assinaturas para averiguar se se trata ou não da mesma pessoa. Entretanto, é muito provável que o João Fernandes de Santo André seja o mesmo, dado como filho de João Ramalho, que em julho de 1580 foi multado em 200 réis, pela Camara de São Paulo, pelo fato de não haver comparecido á procissão de Santa Isabel. Seriam, assim, dois os João Fernandes, ou até três, pois as atas de Santo André se referem ainda a um "João Fernandes, o Gago".

(305) Fundado o Colegio de Piratininga, diz T. Sampaio (conf. no v. do *Cent.*, p. 127), os indios de Caiubi se localizaram "proximo do sítio que depois se chamou Tabatagoera e tinham sob sua guarda o caminho que do alto do espigão descia para a varzea e tomava para São Vicente por Santo André". O "caminho do padre José", assim chamado por ter sido feito, segundo pretendem, pelos indios sob a direção de Anchieta, serviu até 1560, quando Mem de Sá ordenou fosse preferido outro, mandado construir por Nobrega (A. d'E. Taunay, *S. Paulo nos primeiros anos*, Tours, 1920, p. 179 e s.; Paulo Prado, *Paulistica*, S. Paulo, 1925, p. 1-43). — O caminho primitivo, escreve Gentil Moura (l. c.), "subia pelo vale do Paraiquê ou Perequê, atravessando o rio Jurubatuba depois de passar o campo de Ijabapé. Prosseguia até São Paulo, por pontos muito aproximados aos da atual estrada de rodagem. Em 1560, Mem de Sá mandou mudar esse caminho desde o Cubatão até o rio Jurubatuba. Do Cubatão até o Alto da Serra ele seguia por pontos diferentes dos que são atualmente ocupados pela estrada Vergueiro e até hoje ainda é ele visível em algumas passagens. O traçado desse caminho vem assinalado em um mapa apenso ao v. XIV, p. 22, da Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo"

(306) Observa Gentil Moura (l. c.): "A igreja aqui referida é a capela de Nossa Senhora de Guaré, hoje convento da Luz, no arrabalde desse nome. A respeito de sua fundação ha um êrro que é preciso corrigir. A imagem não foi transferida do Ipiranga para aquele lugar como referem os cronistas modernos, entre outros Azevedo Marques. Domingos Luiz, o Carvoeiro, teve sua fazenda no rio Iriripiranga, afluente do rio M'boi e que nada tem com o conhecido bairro da Independencia. Daí é que veio a imagem de Nossa Senhora. No Ipiranga eram situadas as sesmarias de Antonio Pinto, Salvador Pires e Jorge Moreira". A escritura de doação á capela do Guaré ou Guarepe (ou ainda Garepe, como dizem as atas da Camara), feita pelo Carvoeiro e sua primeira mulher, Ana Camacho, a 10 de abril de 1603, foi transcrita por Azevedo Marques (*Apont.*, II, p. 129).

(307) *Arariboia*, chefe temiminó da Capitania do Espirito Santo, batizado com o nome de Martim Afonso de Sousa, grande auxílio prestou aos portugueses na luta do Rio de Janeiro e na fundação da cidade de São Sebastião. Em recompensa de seus serviços, obteve de Mem de Sá, a 16 de março de 1568, carta de sesmaria de umas terras em São Lourenço, distrito de Niteroi, "para ele e para todos os seus herdeiros e sucessores ascendentes e descendentes que após deles vierem" ("Rev. do Inst. Hist.", XVII, p. 301 e s.).

XXI

SUMA DE OUTRA (308), AO IRMÃO ANTONIO RIBEIRO (309).

JESUS fique em vossa alma e nunca dela se aparte, ainda que de muitos inimigos seja combatida. Amen. E a Virgem Maria sua Mãe, e Mãe de piedade, vos dê sempre o leite de sua consolação, de cuja doçura sejais tão cheio, que assi como lhe pedis que seja pera convosco Mãe, assi vós sejais pera com ela filho humilde, casto, obediente até morte. Amen. Esta benção vos deixo por despedida e vos peço que a metais no coração. E quando vos virdes atribulado, lançai mão dêste papel, e presentai-o ao Senhor, e dizei-lhe: “Senhor, o que está em vosso lugar, me deixou esta benção. Cumpri-a vós pelos merecimentos de vossa Paixão, e da Virgem Maria vossa Mãe e Senhora minha.” Eu confio que vos ouvirá e consolará, e isso tambem lhe pedirei sempre. Tende isto em muita estima, como a derradeira manda de vosso Pai, que muito vos ama, e rogai-lhe sempre por êste pobre pecador. Amen.

NOTAS

(308) Pbl. por Simão de Vasconcelos na *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, P. 5, cap. I, n. 7, em seguida á de n. XXII, com a indicação de que a escrevêra anteriormente, “sendo ainda Superior”. Essas palavras de S. de Vasconcelos e as do proprio Anchieta, na carta, fazem presumir tenha sido ela endereçada ao irmão Antonio Ribeiro quando o canarino deixou a direção das casas de São Vicente, ou então por ocasião de sua última visita á Capitania durante seu provincialato.

(309) O irmão coajutor *Antônio Ribeiro* (Antonius Riberius, escreve Beretario; Antônio de Ribera, traduz Patermina) residia em Piratininga e foi aqui recebido na Companhia.

XXII

AO IRMÃO ANTONIO RIBEIRO, DO RIO DE JANEIRÃO,
A 5 DE JUNHO DE 1587 (310).

JESUS.

Irmão em Cristo Antonio Ribeiro.

Pax Christi.

Bem entendo que credes, que pelo amor que vos tenho, e desejo de vosso bem espiritual, folgara de vos ter sempre em minha companhia, mas, pois Nosso Senhor ordena, convém que trabalhemos de ter sempre por companheiro aquele que em todas as partes e em todo o tempo está connosco (311). O qual, ainda que nós ás vezes o engeitemos, contudo sempre está batendo á porta de nosso coração, esperando que lhe abramos pera entrar e fazer morada em nós, vindo juntamente com ele o Padre e o Espirito Santo, pera que nenhuma parte de nós fique que não seja cheia, nem haja outro que em nós possa ter quinhão, nem no mais pequeno escaninho (312) de nossa alma. Porque (como diz o glorioso São Francisco) não quer o diabo de nós mais que um cabelinho, porque logo dele faz uma grande amarra, com que nos prende e tem por seus. Se um dia queremos fazer nossa vontade em cousa alguma, por pequena que seja, outro dia faz que a procuremos de a fazer em outra, e outras, e que perdemos a obediencia que consiste em não fazermos nossa vontade, senão a de Deus, que é interpretada pelos Superiores. Se uma vez nos descuidamos num pensamentozinho da carne, daquelle lança mão, e se contenta com ele, porque trás dele nos leva a outros peores. Se começamos a nos esfriar um tamanino na oração e desejo de tratar com Deus com muita humildade, pedindo-lhe continua-

mente ajuda pera nossas fraquezas, pouco a pouco nos mete tanto regêlo no coração, que vimos não sómente a não desgostar da vida e da Religião, desejando liberdade pera poder ter gostos do mundo.

Assi é em tudo, pelo que, carissimo, esforçai-vos. Muito caminho tendes já andado com a graça do Senhor. Ele sabe quanto vos falta por andar, que porventura será mui pouco, e vos quer ajudar nele, sendo vosso companheiro. Não percais tal companhia, porque ainda que vos pareça peregrino, como parecia aos discipulos de Emaus (313), contudo logo vosso coração arderá quando vós Ele falar, dando-vos suas consolações espirituais, como eu sei que vos deu muitas vezes, principalmente quando vos parte o pão na oração, e quando comungais. E quando vos achardes muito desconso-lado e afligido, tomai por remédio singular puxar-lhe pela capa e dizer-lhe: “Senhor, ficai-vos comigo, que se me faz tarde e a noite da tentação vem sôbre mim”, e pedi licença ao Superior para comungardes. Porque eu confio, que no partir dêste divino pão o conhecereis com tanta alegria e tanto esforço, que não pareis até chegardes á celestial Jerusalém.

Esta podereis comunicar com o Irmão nosso, porque tambem pera ele escrevo, desejando que vós, e ele, e todos os da Companhia sejamos cheios de Espirito Santo, que hoje vem sôbre os discipu-los, e fiquemos confirmados com sua graça, que nunca mais quei-ramos nem possamos offendê-lo, antes tendo tão bom amigo, e tão suave hóspede em nossas almas, perseveremos até o fim em seu di-vino amor. O Senhor com a Virgem Nossa Senhora seja sempre convosco. Amen.

Dêste Rio de Janeiro, hoje, dia do Espirito Santo, 1587 (314).

Vosso Irmão em Cristo.

NOTAS

(310) Pbl. em latim na *Vita R. P. Ioseph Anchietae*, de Sebastiano Beretario, Colonis Agrippinæ, 1617, p. 391-5; em castelhano na *Vida del Padre Ioseph de Anchieta*, de Esteban de Patermina, Salamanca, 1618, p. 380-5; e em português na *Vida do Veneral Padre Joseph de Anchieta*, l. 5, cap. I, de Simão de Vasconcelos, de onde a reproduzimos.

(311) António Ribeiro, estando em Piratininga, desejava, como tantos

JOSEPH DE ANCHIETA

outros, viver na companhia de Anchieta e nêsse sentido lhe escreveu. A carta reproduzida é a resposta do canarino, que, não podendo satisfazer o pedido de Antônio Ribeiro, procura dar-lhe consôlo (S. de Vasc., *Vida de Anch.*, l. 5, cap. I, p. 293).

(312) Corrigimos aqui um êrro de impressão do livro de S. de Vasc., onde saiu "caminho" e não "escaninho", como devera ser evidentemente.

(313) S. Lucas, c. XXIV, 13-32.

(314) A versão de Patertina precisa melhor a data: "Do Rio de Janeiro, e do mês de Junho, a 5, hoje Domingo de Pascoa do Espirito Santo, ano de 1587".

XXIII

DO ESPIRITO SANTO, EM 9 DE DEZEMBRO DE 1587 (315),
AO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE (316).

CARISSIMO Irmão em Cristo.
Pax Christi.

Porque nosso navio, com que pensava escrever-lhe, não ha de partir tão presto, me hei determinado de encomendar outra carta á ventura, rogando a Deus a dê boa aos que levam esta, e no-la dê a nós outros. Boa ventura chamo uma vida conservada na graça de Deus e uma morte que a tal vida corresponda. Pera isto o arrancou Deus do mundo e o inseriu na Religião e nela o tem sustentado e conservado tantos anos. Guarde diligentemente não entre no seu coração desconfiança, ainda mui pequena: porque, ainda que em si e em todas as cousas não ache senão miserias, faltas e grandes fraquezas pera resistir aos encontros dos inimigos, contudo Deus lhe dará fortaleza, Deus lhe dará todos os socorros de sua graça, e favorecido tão poderosamente vencerá e triunfará de seus inimigos.

Já sei que vive contente na Companhia e que rende graças a Deus frequentemente por êste benefício; contudo, tambem entendendo que ha mister cobrar confiança, como o disse, assi em Deus, como no amor de seus Superiores, aos quais ha de estimar em lugar de Deus, pois eles cuidam em primeiro lugar, como é razão, de que alcance sua perfeição e pera isto, de todas as maneiras, procuram ajudá-lo. Guarde-se que nem leves suspeitas lhe toquem da alma êste conhecimento; tracem outros, ou digam o que quizerem; V. se persuada que nêsse Collegio não está pera outra cousa senão pera alcançar de Deus sua salvação. Tenha cuidado de sal-

JOSEPH DE ANCHIETA

var-se, e com isto se contente, de maneira que amando em seu coração e venerando a todos seus Irmãos e julgando, de todos, que são Santos, atrás disso tenha sua amizade e trato especialmente com aqueles cuja vida e costumes conhece que lhe aproveitam mais em virtude. Procure em primeiro lugar ter perpétua advogada, toda sua vida, na Virgem Nossa Senhora e algumas vezes não descuide de encomendar-me a ela, em suas orações.

Da casa do Espirito Santo, donde faço frequente sua lembrança a Deus, em 9 de Dezembro de 1587.

Seu Irmão em Cristo.

NOTAS

(315) Pbl. em latim por Sebastiano Beretario, na *Vita R. P. Ioseph Anchietae*, p. 396-8, e em castelhano por Esteban de Patermina na *Vida do del Padre Ioseph de Anchieta*, p. 385-8, e Simão de Vasconcelos na *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, l. 5, cap. II, p. 4. Muito embora escrita em castelhano, a versão nessa lingua publicada por Patermina (que é reproduzida por S. de Vasconcelos) não deve ser cópia do original. Sendo seu livro mera tradução do de Beretario, Patermina certamente trasladou para o castelhano a tradução latina do original. — No livro de S. de Vasconcelos há um êrro de impressão na data (1507 por 1587) e o lugar (“casa do Espirito Santo”) não vem indicado, afirmando entretanto o biógrafo ter sido a carta escrita da aldeia de Reritiba. Na versão portuguesa, é agora pbl. pela primeira vez.

(316) *Francisco de Escalante*, natural da Biscaia, veio para o Brasil em 1582, na armada de Diogo Flores Valdez, que se destinava ao Estreito de Magalhães. A sua entrada na Companhia é citada pelos primeiros cronistas entre os milagres de Anchieta. Sendo o canarino provincial e achando-se no Rio de Janeiro em principios de 1582, surgiu deante da barra uma esquadra, que os moradores tomaram por inimiga. Anchieta, porém, sossegou-os, declarando, não só que a armada era de paz, como tambem, depois de observá-la de uma das janelas do Colegio, que nela vinha um carpinteiro para entrar na Companhia. De fato: a armada era a de Valdez e o carpinteiro Francisco de Escalante. Este, assim que desembarcou, se dirigiu ao Colegio e pelo porteiro se fez anunciar ao provincial. Anchieta, dizendo saber quem era o visitante e para que vinha, recebeu-o logo. E deante do canarino, sem proferir palavra, Escalante caiu de joelhos, sendo assim recebido na Companhia, conforme ele mesmo depôs no processo de beatificação (Pero Rodrigues, *Vida de Anch.*, l. c., p. 255 e 263; B. Teles, *Cron.*, II, p. 293-4, que dá o fato como ocorrido em 1581; S. de Vasc., *Vida de Anch.*, l. 4, cap. XI; Degli Oddi, *Vita del Venerabile Servo di Dio Padre Giuseppe Anchieta*, Roma, 1738, p. 243-4, onde o nome do carpinteiro vem escrito Pietro d’Escalante; Charles Sainte-Foy, *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, tr. port., S. Paulo, 1878, p. 177). — A armada de Valdez, composta de 17 navios, chegou ao Rio de Janeiro a 25 de março de 1582, ali permanecendo até 2 de outubro (frei V. do Salvador, *Hist.*, 3ª ed., p. 270 e s.).

XXIV

AO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE, DO ESPÍRITO SANTO,
A 7 DE JULHO DE 1591 (317)

IRMÃO em Cristo caríssimo.

Pax Christi.

Quasi me havia esquecido de escrever-lhe em castelhano, contudo não importa muito a linguagem. Todo o ponto está, não em falar, senão em obrar, e em desejar a virtude e não saber outra prática que a que sabe a obediência. Esta é a que Deus com mais gosto entende e esta é propria prática sua. E onde não ha obediência, em vão se fazem prolixos colloquios com ele, que não ouve palavras ditas por desobediente. Daqui entenderá bastantemente que, quando a obediência o ocupar em suas obras de maneira que não lhe fique tempo pera rezar, que então a mesma obediência rezeará por V., e rezeará, por quem obedeceu, até a morte. Confio pela mercê, que Deus lhe fez, que sabe isto bem, e que converte o trabalho de suas mãos em exercicio de oração.

Quando começa e quando continua sua obra, volva a alma a Deus e lhe ofereça, em sacrificio, seu trabalho e, acabada a obra, renda-lhe graças porque o teve por digno de occupá-lo em seu serviço e em cousa que, sabe certo, é vontade dele. E logo tome para si os Domingos e Festas, pera recuperar o tempo passado; ouça muitas missas, e demore então na oração, que nesse tempo satisfaz Deus, com divinos consolos, os trabalhos feitos por obediência.

Contudo quero avisá-lo aqui que, nesse tempo, o obriga uma grande dívida. Perguntar-me-á: Qual? Que rogue a Deus por mim, que esta é a dívida devida á caridade, a qual ainda que mais pa-

JOSEPH DE ANCHIETA

guemos, nunca a dívida tem fim, nem a paga, porque a paga mesma com que pagamos é dívida que, de novo, devemos á caridade e, assi, quanto mais pagas se fazem, tanto mais dívidas ficará por pagar. E não é pera mim cousa de pouco gôzo tê-lo por tal devedor, pois se me paga melhor, e mais do que me deve, e desta maneira é mais seu ganho que seu gasto, pois gastando em pagar-me, cada dia se faz mais rico.

Deus por sua liberalidade lhe acrescente com suas imensas riquezas, pelas quais pode fazer bem a si e a seus Irmãos, delas necessitados. Aos Irmãos Luiz Fernão, Tinozio (318) e a todos os demais que quiser e puder, rogo eu dê saudações minhas no Senhor.

Da Capitania do Espirito Santo, 7 de Julho de 1591.

Seu Irmão em Cristo.

. NOTAS

(317) Pbl. em latim por Sebastiano Beretario na *Vita R. P. Ioseph Anchietae*, p. 400-3, e em castelhano por Esteban Patermina na *Vida del Padre Ioseph de Anchieta*, p. 390-2, e Simão de Vasconcelos na *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta*, l. 5, cap. II, n. 5, cabendo aqui a observação feita a respeito da carta anterior. Como esta, XXIII, foi escrita de Reritiba, segundo S. de Vasconcelos, e na versão portuguesa é agora pbl. pela primeira vez.

(318) Sôbre os irmãos *Luiz Fernando* e *Tinosio* (S. de Vasc., *Vida de Anch.*, l. 5, cap. II), a única notícia que possuímos é essa referência de Anchieta.

XXV.

AO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE, DO ESPÍRITO SANTO (319)

IRMÃO em Cristo Carissimo.
Pax Christi.

Muito fruto na virtude lhe avalio, quando considero comigo nos bens que Deus até êste tempo lhe tem dado; aumente-lhos cada dia e, tão liberal que tem sido até agora, o seja mais ainda por deante. Porque a Deus é natural bem fazer, por ser o sumo bem e infinita bondade, a qual quanto mais se comunica, mais faz digno da glória de Deus. Convem, pois, que dilate os seios do coração pera que possa receber nele tudo o que sua divina Magestade lhe tem preparado, que é muito sem dúvida. Contudo, é necessario que despida todo o amor que não fôr de Deus ou a ele não se encaminhar. Confie muito na divina graça, que, quem lhe deu tão feliz principio e meios, lhe dará, na Companhia, ainda, mais ditoso fim. Pense que êste não está muito longe, pois por muito que viva, e por muito que trabalhe por Deus, tudo é breve, e pouco, para o que merece de serviços tão bom Pai e Senhor. Na Santissima Virgem Nossa Senhora tem propícia e valente advogada. Não se aparte dela e rogue-lha continuamente que o não desampare, que com seu favor tudo poderá. Rogo-lhe que, nas orações que lhe fizer, se recorde dêste miseravel Irmão seu.

NOTA

(319) Pbl. em latim por Sebastiano Beretario na *Vita R. P. Ioseph Anchietae*, p. 399-400, e em castelhano por Esteban de Patermina na *Vida del Padre Ioseph de Anchieta*, p. 388-90. E agora, pela primeira vez, na versão portuguesa.

XXVI

AO CAPITÃO MIGUEL DE AZEVEDO, DA BAÍA, A 1 DE
DEZEMBRO DE 1592 (320)

*Chegada de naus do Reino. — Padre João Pereira. — Congrega-
ção provincial. — Eleição do Padre Luiz da Fonseca para
procurador a Roma. — Padre Fernão Cardim. — Negocios
do Espirito Santo. — Atentado contra a vida do Inquisidor.
— Partida do Padre Luiz da Fonseca para o Reino. — Padre
Marçal Belliarte. — Padres Gavriel e Pedro Soares.*

Ao capitão Miguel de Azevedo (321), meu Senhor em Cristo,
na Capitania do Espirito Santo. *Intus vero.*

Jesus.

Pax Cristi.

Senhor.

Este barco vai direito ao Rio de Janeiro e assim esta vai á ventura, se ele lá arribar á nossa terra, e será breve e quão extensa eu puder com poucas palavras. Chegámos a esta Baía com boa viagem em oito dias (322). Logo a seguir entraram dez ou doze ou mais naus do Reino, mas nem por isso deixaram de valer as cousas o seu pêso em dinheiro: a pipa de vinho a 24\$, e daí a pouco aumentou tanto que agora nem a quarenta mil se acha e neste Collegio bebem agua, e assim vão as mais mercadorias. Boa é lá a nossa terra, mas não o conhecemos.

Esperámos alguns dias pelo Padre João Pereira (323), mas como tardou fez-se a congregação, e foi eleito Procurador para Roma o Padre Afonseca (324) por maioria de votos. Depois de sua eleição até agora, nem ele nem eu temos vida: ele com escre-

ver e outros negócios, e eu com escrever pera o que os dias me não bastam, nem descansarei até que ele se não embarque, digo se embarque. Contudo, furtei ou furtámos ele e eu alguns tempos pera negociar com o Senhor Governador (325) algumas cousas dessa Capitania, com favor do Padre Fernão Cardim (326), Reitor e seu confessor. Mas é o vagar nisto imenso etc.

Temos negociadas duas provisões. Uma, que não vão ao sertão sem primeiro VV. EE. fazerem aqui saber, a qual ele passou de boa vontade e com zelo de não se deixar a terra sem gente em tempo que se esperam Ingleses (327), etc. Outra, é confirmação do largo (327-A) da Senhora Dona Luiza (328) e vossa mercê com ela, que não foi pouco tirar-lha das mãos, porque se lhe ofereciam a ele muitas razões pera duvidar e na verdade todos os letrados, que estimam muito isto, nos aconselharam que as ouvíssemos, porque se ele quizer pode nisso fazer o que quizer sem fazer injustiça contra ninguém, segundo eles dizem, por provisões novas que tem d'El-Rei pera isso e pera dar as serventias dos officios, etc. E já ele oferecia o officio de adjunto a N. dos Ilhéus como a cunhado (*sic*), mas ele foi tão bom que o não quis aceitar.

As embrulhadas da eleição que lá houve andam agora na forja. Espero que tudo sairá acabado e apagado, e não se procederá na devassa, que lá se tirou, porque a todos os letrados e ao proprio ouvidor geral lhes pareceu bem e ajudam nisso, e o Senhor Governador, que é muito amigo de pacificar o povo, tem já dito que assim será. A petição fiz eu de minha letra com ajuda do mesmo ouvidor geral: lá a tem pera a despachar. Eu dizia que se podia lá dar largueza a Rodrigo Garcia e aos mais que por acaso tivessem alguma provisão, ou embaraço, porque tudo se há de consumir aqui e pera isso irão provisões como espero de certeza.

Para Marcos de Azevedo (329) negociámos outra sôbre o caso do Rocha: já está passada. Neste negócio interveiu Manuel de Freitas (330) e Ambrosio Peixoto (331) e eu; e foi o caso que o Rocha era favorecido do Mestre da Capela (332) e lhe dava de comer, disse-nos isto Manuel de Freitas. Com isto Ambrosio Peixoto rogou ao Mestre da Capela que houvesse dele o perdão, isto é, não falar no caso. Eu apertei tanto com o Mestre da Capela

que o não deixei descansar até que houve dele o necessario, e, ainda que ele lhe tinha prometido que faria disso termo por escrito, depois tornou atrás dizendo que sómente de palavra o diria deante do Senhor Governador. Perguntei a Peixoto se bastava e disse-me que sim. Trabalhei que se fizesse logo e assim se fez, tendo eu já prevenido o Senhor Governador o qual me disse que o fizesse logo, como fez, e sôbre isto passou a provisão pera Marcos de Azevedo não ser mais molestado sôbre o caso, pois Rocha não queria dele nada. A qual provisão tinha eu cá feita com o Padre Afonseca pera ele a assinar, e, indo a mostrar a Peixoto pera ver se estava boa, me mostrou ele outra que tinha já aviada, assinada e selada. De maneira que não faltaram cá servidores ao Senhor Marcos de Azevedo.

Isto concluido, daí a muitos poucos dias o Rocha, que diziam estar agravado do Inquisidor (333), lhe atirou duas noites com um arcabuz á sua janela, foi prêso e se os Padres, que são adjuntos do Inquisidor (334), não trabalhavam muito nisso, ele não escapava de morte de fogo, conforme a bula do Papa. Mas eles a interpretaram de maneira que pareceu bem ao Inquisidor dar-lhe a vida. Mas contudo saiu com degrêdo para as galês por dois anos e primeiros cinco Domingos na Sé com grilhão e baraço e cumprir um ano de cadeia e depois de degrêdo (335).

Quis Nosso Senhor que tinhamos já aviada a provisão; porque agora mal se houvera de aviar porque cuida ele que nós o perseguimos sendo nós os que lhe damos a vida. Êste capítulo seja pera o Senhor Marcos de Azevedo pera que entenda que nós não esquecemos dele. E não folgue ninguem com seu mal que bem grande é. Muito deve a Ambrosio Peixoto, posto que ficou muito sentido de tirar ele lá o officio a Luiz Gomes e tomou como agravo feito a si mesmo, que o tinha provido dele segundo ele mesmo me disse ao cabo de três meses da nossa chegada, falando em outras cousas e rogando-me que lho estranhasse lá; e não quis aceitar escusas dele dizendo que, se viessem quaisquer papeis de Luiz Gomes, que logo o houvera a meter de posse dele. Dêste derradeiro ponto dará vossa mercê a conta que lhe parecer a Marcos de Azevedo.

Tambem está queixoso Ambrosio Peixoto de vossa mercê lhe não escrever e eu digo que tem razão se assim é, porque de verdade é amigo de vossas mercês e portanto daqui por deante havendo ocasião não deixe de o fazer. Seu sogro Fernão Cabral saiu agora com sua sentença: foi misericordiosa, segundo todos afirmam, e ele mesmo o reconheceu dando graças ao Inquisidor e a todos os adjuntos da mesa pela mercê que lhe faziam merecendo muito mais suas culpas, e isto de joelhos com muita humildade (336).

O Padre Afonseca partirá no fim dêste mês para o Reino num galeão de Viana. Tem lá aviados muitos papeis da Senhora Dona Iuiza e anda aviando os de vossa mercê. Tudo creio irá bem aviado, porque o Senhor Governador tem prometido de escrever, Bispo (337), provedor-mór, etc. Como se aviarem os papeis do caso da eleição, entenderei nos da tomada do livro da Camara, que toca a banhos, e entendam vossas mercês que pera isto é infinito o vagar do Governador e ando espreitando pera lhe falar em semelhantes cousas, e depois disso o Padre Cardim, que o aperta. No caso da querela, não fará o Governador nada sem perdão da parte; agora espera que venha dos Ilhéus onde o Mamaluco Pedro Gonçalves está e, quando não vier, determino de abalroar com o ouvidor geral, o qual se mostra grande meu amigo, e do Padre Afonseca muito mais, e creio que ele buscará alguma boa saída. Ao menos não irão lá mais papeis sôbre o caso enquanto não houver quem atice. Ao menos o Governador por sua parte os mandará e como lá está a provisão dos outros passados bastará. A querela não foi nula como lá cuidavam, ainda que foi dada por induzimento de inimigos porque a ordenação está clara nisso. Mas a justiça dos papeis, que cá vieram, do caso como passou bastava pera tudo. Enfim tudo se fará bem com a graça de Deus.

O Padre Provincial (338) partirá juntamente com o Padre Afonseca para Pernambuco e de lá logo em chegando diz que mandará o navio pera irem os que hão de ir pera essa banda e parece que tambem irei eu pela promessa que o Padre Provincial fez a vossa mercê; que a não ser isso muito puxavam por mim cá pera Fernambuco, mas quererá o Senhor tornar-me a levar a esta terra

JOSEPH DE ANCHIETA

pera consolação de vossa mercê e dêsses senhores todos meus amigos (339), a quem de cá mando mil encomendas, das quais vossa mercê há de dar em particular a Candida com todo o mais que lhe toca e não falo, porque já isso está sabido. Pera a Senhora Dona Luiza basta esta mesma carta, a letra da qual mostra bem o vagar que tenho. De não vir de lá... varios (339-A) os sucessos do tempo. Haja a paz, saúde e amizade entre todos e principalmente com Deus, e isto basta; e não é necessario encomendar a vossa mercê em particular os Padres, pois é Irmão verdadeiro (e não me engano) e pai de todos. *Vale interim et ora pro me cum tota familia.*

Desta Baía, o primeiro de Dezembro, 1592.

Se vossa mercê quizer dar parte desta ao Padre Gavriel (340) e Pedro Soares (341), se aí estiver, será caridade, porque não lhes posso escrever senão *breviter*. Não ha cá polvora, poupem lá a que houver, e o Padre Afonseca faz conta de levar ao Reino o dinheiro do assucar da Senhora Dona Luiza, que cá se vendeu, pera prover de lá. Na provisão que digo vai vossa mercê por capitão, se nas cousas de guerra, e que com a Senhora Dona Luiza possa dar todas as liberdades que se dão em semelhantes tempos aos homisiados.

De vossa mercê servo em Cristo.

NOTAS

(320) Pbl. nos "Anais da Biblioteca Nacional", XIX, p. 67-70.

(321) O capitão de ordenanças Miguel de Azeredo (ou Azevedo) exerceu o govêrno da Capitania do Espirito Santo, como adjunto de dona Luiza Grinalda, de 1589 a 1593. Retirando-se a viuva de Vasco Fernandes Coutinho para o Reino neste último ano, Miguel de Azeredo continuou no govêrno, com a patente de capitão-mór, até 1620, quando o passou ao quarto donatário Francisco de Aguiar Coutinho. Durante sua administração, em 1594, organizou uma expedição contra os goitacazes (Braz da Costa Rubim, *Notícia Cronologica dos fatos mais notaveis da história da provincia do Espirito Santo*, na "Revista do Instituto Historico", XIX, p. 336 e s.; Cesar A. Marques, *Dicionario Historico, Geografico e Estatistico do Espirito Santo*, Rio, 1878, p. 112). — Miguel de Azeredo testemunhou um dos milagres atribuidos a Anchieta (P. Rodrigues, *Vida de Anch.*, l. c., p. 269).

(322) Anchieta, que desde fins de 1587 se encontrava no Espírito Santo, seguiu para a Baía afim de participar da congregação provincial que elegeu o padre Luiz da Fonseca procurador a Roma. A data em que se realizou a congregação é geralmente fixada em fins de 1591 ou principios de 1592. Mas parece pouco provavel que, eleito para ir a Roma, o procurador se deixasse ficar por um ano na Baía.

(323) João Pereira foi enviado para o Brasil em 1554 ou 55, com António de Pina e outros meninos órfãos. Aqui se educou e foi recebido na Companhia. Criado no meio dos indigenas, aprendeu-lhes a lingua e prestou assinalados serviços na conversão (*Cart. Av.*, LV). Em 1561, já ordenado de missa, acompanhou Luiz da Grã na visita feita ás aldeias da Baía, salvando o provincial quando a pique de se afogar num rio (*Cart. Av.*, XLV). Em 1564, ainda em companhia de Grã, correu as povoações dos indios (*Cart. Av.*, LIII) e quasi morreu ás mãos dos selvagens de Tapepitanga, Taperaguá e Jaguaripe, quando, com outros jesuitas, procurou impedir-lhes a fuga, motivada pela peste que então assolou a Baía (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 89; S. de Vasc., *Cron.*, l. 3, n. 40). Esteve presente ao jubileu nesse mesmo ano realizado na aldeia de São Paulo e, aos domingos e dias santificados, pregava na Vila Velha (*Cart. Av.*, LXV). Em 1571-2 residiu, com o irmão Manuel de Couto, na aldeia de São João (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 95), onde teve de enfrentar Fernão Cabral por ocasião do "rebolicho" a que alude a *Inf. dos prim. aldeiam.* Juntamente com o padre Jorge Velho, em 1574, acompanhou a expedição chefiada por Antonio Dias Adorno, que, por ordem do governador Luiz de Brito e Almeida, percorreu durante quatorze meses, em busca de esmeraldas, a região já explorada em 1572 ou 73 por Sebastião Fernandes Tourinho. De passagem, visitaram os padres as aldeias de Porto Seguro, encontrando em duas delas varios idolos e bruxarias dos selvagens. A expedição de Adorno tornou á Baía, levando, em lugar de esmeraldas, cinco mil indios cativos. Em 1575, a mandado do provincial Tolosa, substituiu Luiz da Grã na missão dos indios do rio Real. Em setembro de 1594, já professo dos 4 votos, residia o padre João Pereira no Colegio do Rio de Janeiro (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 108-9; F. Sachino, *Historiae Societatis Jesu*, cit. por António Henriques Leal, *Apontamentos para a História dos Jesuitas no Brasil*, Lisboa, II, p. 147 e 152; Varnh., *Hist. Ger.*, 4ª ed., I, p. 329 e nota de Capistrano; A. d'E. Taunay, *Hist. Ger. das Band.*, I, p. 54).

(324) Luiz da Fonseca (ou Afonseca) nasceu na vila de Alvalade, Alentejo, em 1550. Em 1569 foi recebido na Companhia e enviado para o Brasil com dois companheiros. Auxiliou Gregorio Serrão na direção do Colegio da Baía e em 1584 assumiu o reitorado. Dois anos mais tarde, serviu de colateral ou secretario do provincial Marçal Belliarte. Em fins de 1591 ou mais provavelmente no decurso de 1592, foi eleito procurador a Roma, na congregação provincial realizada na Baía (v. nota 322). Apon-ta-o Capistrano como possivel autor da memoria sôbre os *Trabalhos dos primeiros jesuitas do Brasil*, pbl. neste v. com o título de *Informação dos Primeiros Aldeamentos da Baía* (v. nota 456). De uma carta sua ao geral Mercuriano, escrita da Baía a 17 de dezembro de 1577 (*Lettres du Iappon, Peru et Brésil*, Paris, 1578, p. 73-9; Barão de Studart, *Documentos para a História do Brasil*, II, p. 17-73), descrevendo a expedição de Antonio de Salema contra os Tamoios de Cabo Frio, aproveitou-se o mesmo Capistrano "para reconstituir magistralmente a narração daquela tragica jornada, em artigo publicado na *Gazeta de Notícias*, de 6 de novembro de 1882, sob o título de *Gravetos da História Patria*" (R. Garcia, nota a F. Cardim, *Trat.*,

JOSEPH DE ANCHIETA

p. 392). Transcreveram-o Macedo Soares (nota á 2ª. ed. do *Regimento das Camaras Municipais*, de Cortines Laxe, Rio, 1885, p. 443-6) e Augusto de Carvalho (*Apontamentos para a História da Capitania de S. Tomé, Campos*, 1888, p. 81-5).

(325) D. Francisco de Sousa, que tomou posse a 4 de outubro de 1591.

(326) *Fernão Cardim*, filho de Gaspar Clemente e sua mulher Inez Cardim, nasceu em Viana de Alvito, arcebispado de Evora, provavelmente em 1548. Era de estirpe "antiga e importante", que, além dele, deu varios membros á Companhia: seus irmãos Lourenço Cardim (morto em 1585 por corsarios franceses quando em viagem para o Brasil) e Diogo Fróes (que lecionou teologia moral no Collegio e Universidade de Coimbra e morreu em Lisboa, vitimado pela peste de 1568-9); e seus sobrinhos João Cardim (de quem o padre Sebastião de Abreu escreveu a *Vida e Virtudes*), Antonio Francisco Cardim (missionario no Japão, autor, entre outras obras, dos *Fasciculus a Japonicis Floribus*) e Diogo Cardim (missionario na India). Em 1582, sendo já professo dos 4 votos, e ministro do Collegio de Evora, foi escolhido para companheiro do visitador Cristóvão de Gouvêa, embarcando em Lisboa a 5 de março de 1583 com o governador Manuel Teles Barreto. Chegando á Baía a 9 de maio, acompanhou Cristóvão de Gouvêa nas visitas feitas ás aldeias da Baía, a Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. Adoecendo gravemente no Rio de Janeiro, curou-se com uma mezinha preparada por Anchieta, cura que foi tida por milagrosa entre os jesuitas (v. nota 545). Em outubro de 1585, já se encontrava na Baía, de volta da viagem ás partes do Sul. Aí exerceu o cargo de reitor do Collegio, até 1593 pelo menos, e foi confessor do governador d. Francisco de Sousa. A 14 de abril de 1591 denunciou perante o Santo Officio a Salvador de Maia e outros (*Den. da Baía*, p. 327). Dirigiu depois o Collegio do Rio de Janeiro e em 1598, na congregação provincial realizada na Baía, foi eleito procurador a Roma. Tendo embarcado em Lisboa, de volta ao Brasil, a 24 de setembro de 1601, foi prêso logo em seguida por corsarios ingleses e levado para a Inglaterra com o visitador João Madureira, que faleceu no mar (5 de outubro). Depois de resgatado, em principios de 1603, provavelmente, esteve em Bruxelas. No ano seguinte tornou ao Brasil com o cargo de provincial, que exerceu até 1609, quando assumiu, pela segunda vez, o de reitor do Collegio da Baía, conjuntamente com o de vice-provincial. Ainda era reitor nesse Collegio, quando os holandeses tomaram a cidade, em 9 de maio de 1624. Sendo interinamente provincial do Brasil, faleceu na aldeia do Espirito Santo (Baía) a 27 de janeiro de 1625. Seus escritos (*Informação da missão do P. Cristóvão de Gouvêa ás partes do Brasil, Do principio e origem dos Indios do Brasil e Do clima e Terra do Brasil*), que tiveram várias edições, sendo os dois ultimos publicados em inglês na coleção *Purchas his Pilgrimes* (IV, Londres, 1625), foram reunidos em 1925 sob o título de *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (ed. J. Leite, Rio), com introduções e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia (R. Garcia, l. c., p. 1-32; Antonio Vieira, *Anua ou Anais da Provincia do Brasil* (1624-5), nos *An. da Bibl. Nac.*, XIX, p. 187; *Pbl. do Arq. Nac.*, XIV, p. 18; *An. da Bibl. Nac.*, XXIX, p. 183-4; *Den. da Baía*, p. 46 e 327).

(327) Na madrugada de 25 de dezembro de 1591, duas embarcações de Thomas Cavendish assaltaram e saquearam Santos, onde permaneceram durante dois meses. Rumaram depois para o Sul e Cavendish, não podendo

XXVI. — CARTA DA BAÍA (1592)

atravessar o Estreito de Magalhães, voltou a atacar Santos, sendo então rechazado. O mesmo aconteceu quando a seguir assaltou o Espirito Santo. Três anos mais tarde, a 31 de março de 1595, James Lancaster saqueou o Recife, onde demorou trinta e um dias.

(327-A) Erro de cópia, com certeza. Teria Anchieta escrito *laudo*, no sentido de laudêmio, ou, melhor, de sentença arbitral, conforme registra Viterbo?

(328) Dona Luiza Grinalda, filha de Pedro Alvares Corrêa e sua mulher dona Catarina Grinalda. Falecendo em 1589 seu marido Vasco Fernandes Coutinho, filho legitimado do primeiro donatário do Espirito Santo, e não possuindo filhos o casal, assumiu o governo, tendo por adjunto o capitão Miguel de Azeredo. Em 1593, adjudicado o direito de senhorio a Francisco de Aguiar Coutinho, dona Luiza retirou-se para Portugal, deixando Miguel de Azeredo como capitão-mór (Cesar A. Marques, *Dic.*, p. 112).

(329) Marcos Antonio de Azeredo Coutinho (era esse o seu nome, segundo conjectura Francisco Lobo), descendente ou colateral de Vasco Fernandes Coutinho, primeiro donatário do Espirito Santo, e filho talvez, conforme sugere Taunay, do capitão-mór e provedor Belchior de Azeredo, que em 1562 defendeu Vitória contra um assalto dos franceses. Entre 1592 e 1612, Marcos de Azeredo fez uma entrada pelo sertão em busca de esmeraldas. Em seguida partiu para a Europa e em Madrid relatou a Felipe III a descoberta das pedras. Em 1619 era provedor do Espirito Santo. Não se sabe ao certo quando e onde morreu: se no sertão de Mapaxós ou então encarcerado no Rio de Janeiro. A. d'E. Taunay (*Hist. Ger. das Band.*, V, p. 247-52) resume a sua biografia, valendo-se de todos os dados até hoje conhecidos.

(330) Manuel de Freitas, cristão, velho, mercador, natural de Guimarães, filho de Francisco de Freitas e sua mulher Maria Braz, casado com Vitória de Barros, denunciou perante o Santo Offício, a 3 de agosto de 1591, contando então quarenta e um anos de idade. A 24 de agosto fez nova denúncia, em que se refere á viagem feita treze anos antes de Portugal para o Brasil, na nau "de que era piloto e senhorio em parte Nuno da Silva", tomada por luteranos ingleses "defronte da cidade de Santiago de Cabo Verde" (*Den. da Baía*, p. 270 e 435). Será esse o Manuel de Freitas nomeado por Anchieta?

(331) Doutor Ambrosio Peixoto de Carvalho, desembargador, provedor-mór dos defuntos e ausentes, natural de Guimarães, filho do desembargador da casa do cível doutor Gonçalo Vaz Peixoto e de dona Madalena de Carvalho, casado com Beatriz de Tayde, filha de Fernão Cabral de Tayde. Denunciado por Antonio Nunes Reimão, confessou-se perante o Tribunal do Santo Offício, a 20 de agosto de 1591, tendo 37 anos de idade, e também, por sua vez, denunciou a pessoas não especificadas (*Den.*, p. 376 e 383, e *Conf. da Baía*, p. 53-4).

(332) Em sua denúncia de 21 de agosto de 1591 contra o desembargador Ambrosio Peixoto, cit. na nota anterior, Antonio Nunes Reimão se refere ao Mestre da Capela Bartolomeu Pires.

(333) Heitor Furtado de Mendonça, escreve R. Garcia (*Den. de Pernambuco*, p. VII), "Capelão fidalgo d'El-Rei, de seu Desembargo e deputado do Santo Offício, foi nomeado para visitador dos bispados de Cabo-

JOSEPH DE ANCHIETA

Verde, São Tomé, Brasil e administração eclesiastica de São Vicente e Rio de Janeiro, por comissão especial, datada de 26 de março de 1591, do cardeal arquiduque Alberto, inquisidor geral dos reinos e senhorios de Portugal". Chegou á Baía, com o governador d. Francisco de Sousa, a 9 de junho do mesmo ano. Concluida a visitação, já se encontrava no Reino, em principios de 1596. Paulo Prado publicou na *Série Eduardo Prado — Para melhor se conhecer o Brasil* os documentos relativos á *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça*, em três volumes: *Confissões da Baía* (pref. de Capistrano de Abreu, S. Paulo, 1922), *Denúncias da Baía* (pref. de Capistrano de Abreu, S. Paulo, 1925) e *Denúncias de Pernambuco* (pref. de Rodolfo Garcia, S. Paulo, 1929).

(334) Entre os varios assessores, que julgaram com o bispo e o visador da Inquisição, constituindo o Tribunal, figurava o padre Fernão Cardim (J. Lucio d'Azevedo, *Historia dos cristãos novos portugueses*, Lisboa, 1921, p. 227).

(335) Caso difficil de esclarecer, conforme acentúa Capistrano (*Den. da Baía*, p. 8). Para Taunay (*Hist. Ger. das Band.*, V, p. 248), o fato se deu no Espirito Santo, onde o Inquisidor andava em devassa. Da carta de Anchieta, entretanto, parece indubitavel que a tentativa de morte ocorreu na Baía, embora Rocha fosse talvez morador no Espirito Santo. Ademais, o Inquisidor Heitor Furtado de Mendonça limitou sua visitação á Baía, Pernambuco e Paraíba, não tendo estado no Espirito Santo (R. Garcia, *Den. de Pernambuco*, p. VII-VIII).

(336) Fernão Cabral de Tayde, natural de Silves (Algarve), filho de Diogo Fernandes Cabral e Ana d'Almada. Era tido por fidalgo e possuia uma fortuna avaliada em 20 mil cruzados. Durante o governo de Manuel Teles Barreto, tomou parte na expedição contra os Aimorés. Alvo de inúmeras e gravissimas denúncias, tinha cincoenta anos de idade e residia na sua fazenda de Jaguaripe do Reconcavo (Baía) quando, a 2 de agosto de 1591, se confessou perante o Santo Officio. Uma de suas culpas consistia em haver admitido que se estabelecessem numa aldeia dentro de sua fazenda e nela construíssem igreja alguns Indios pertencentes á seita chamada Santidade, os quais lá permaneceram três meses e só foram expulsos por ordem do governador Manuel Teles Barreto, acrescentando as denúncias que Fernão Cabral tomava parte nas cerimoniaes dos selvagens. Outra culpa sua era ter dito a dois negros que jogassem numa fôrnalha uma "negra inchada de comer terra", no que foi obedecido. A sentença "misericordiosa", como diz Anchieta, condenou-o a dois anos de desterro fóra do Brasil (*Den.*, p. 251, 264, 275, 276, 280, etc.; e *Conf. da Baía*, p. 35-7, e nota de Capistrano, p. 7 do pref.). Sua mulher Margarida da Costa, natural de Moura, filha de Manuel da Costa e Beatriz Lopes de Gouvêa, tambem se confessou perante o Santo Officio, a 30 de outubro de 1591, declarando contar quarenta anos de idade (*Conf. da Baía*, p. 101-2). V. nota 499.

(337) Frei Antonio Barreiros, que em 1581 fez parte do govêrno, retirando-se por desacôrdo com o ouvidor-geral Cosme Rangel, e de 1587 a 1591 voltou a governar a Colonia com o provedor-mór da fazenda Cristovão de Barros.

(338) Padre Marçal Belliarte, provincial desde janeiro de 1588 (v. nota 343).

XXVI. — CARTA DA BAÍA (1592)

(339) Como era de seu desejo, Anchieta voltou para o Espírito Santo, logo em princípios de 1593 provavelmente (A. de A. Machado, *Anch. na Cap. de S. Vicente*, p. 27, nota 21).

(339-A) "... alhé varios..." (†), reza a cópia pbl. nos *An. da Bibl. Nacional*.

(340) Este padre Graviel, a quem, salvo engano, só se refere Anchieta, foi com certeza recebido no Brasil.

(341) O padre Pedro Soares veio em 1578, na leva de dezeseis jesuitas trazida por Gregorio Serrão. Em janeiro de 1585, era superior da casa de Santos, onde recebeu o visitador Cristóvão de Gouvêa (F. Cardim, *Trat.*, p. 351). Um ou dois anos mais tarde, foi superior da do Espírito Santo (S. de Yasc., *Vida de Anch.*, l. 5, cap. XIII, n. 1-2), onde ainda residia em 1592, como se vê da carta de Anchieta. Em 1594, já professo dos 4 votos, encontrava-se novamente na Capitania vicentina (v. carta XVII).

XXVII

AO GERAL PADRE CLAUDIO AQUAVIVA, DO ESPÍRITO SANTO,
A 7 DE SETEMBRO DE 1594 (342)

Padre Marçal Belliarte. — Missão de Anchieta ás Capitánias do Sul. — Jesuitas despedidos da Companhia. — Padre Melchior de Acosta. — Notícias do Rio de Janeiro. — Padres Francisco Soares e João Pereira. — Espera do novo provincial Pero Rodrigues. — Notícias de São Vicente. — Padres Pero Soares e Domingos Ferreira. — Ataque dos piratas ingleses e insurreição dos Indios. — Notícias do Espírito Santo. — Espera do padre Luiz da Fonseca.

JESUS.

Mui Reverendo em Cristo Padre Nosso.

Pax Christi.

O Padre Marçal Billiarte, Provincial (343), me enviou a estas Capitánias do Rio de Janeiro e São Vicente a visitar. Detive-me nelas o tempo que pareceu necessario, porque o Padre Provincial, por ser tomado dos Franceses (344), não pôde acudir ao tempo que esperavamos, que era mui importante pera o bom govêrno daquelle Collegio e quietação de alguns dos nossos. Daquelle Collegio se enviaram por sua ordem alguns aos da Baía, dos quais creio que alguns foram despedidos pelas causas que o mesmo Padre Provincial haverá já dado a Vossa Paternidade. Em São Vicente se despediu um, recebido para coadjutor: as causas foram mui urgentes e tais que na mora estava o perigo. Outros se enviaram para a Baía pera o mesmo fim e a um, que foi o Padre Melchior de Acosta (345), se deu licença pera a Cartuxa. E de tudo foi advertido mui particularmente o Padre Provincial, que me escreveu sôbre um, que fôra

bem despedido, mas que temia que havia tardado em o ser, e, como êste, não ha que duvidar dos outros que tiveram mui claras e urgentes causas, indignos *omnino vocatione nostra*. Não toco nelas, nem os menciono, porque disso dará informação o Padre Provincial, a quem a dei mui larga.

No Rio de Janeiro queda por Vice-Reitor o Padre Francisco Soares (356). Em sua companhia está o Padre João Pereira, que ha pouco fez profissão de 4 votos, pouco satisfeito de seu modo de proceder e desejoso de mudança pera outra parte; acabei com ele que sobrestivesse, ajudando-o a ele e a todo o Collegio e a toda a terra, até se dar conta ao Padre Provincial. Os mais tambem quedaram quietos, com a esperança da vinda do Padre Provincial, que temos agora, por nova, ser o Padre Pero Rodrigues (347), que foi de Angola e esteve presente á congregação provincial na Baía.

Na Capitania de São Vicente queda o Padre Pero Soares, que agora fez lá profissão de 4 votos, com muita consolação sua e lágrimas dos estranhos que a ela compareceram. Com ele queda o Padre Domingos Ferreira (348), por superior de uma daquelas casas. Faziam bem seus ministerios, ele e seus companheiros, assi com os Portugueses como com os Indios Brasis. Ainda que êstes, como a Capitania por uma parte foi saqueada pelos Ingleses (349) e por outra parte se levantaram os Brasis do sertão e mataram alguns homens (350) não tenham a quietude desejada pera a doutrina, sempre se visitam, confessam e eles ouvem missa e recebem os demais sacramentos, com não pouco trabalho dos nossos que são poucos pera os acudir, a eles e aos Portugueses e escravos.

Nesta do Espirito Santo encontro agora muita perturbação entre os Portugueses, uns com outros, sôbre pretensões de ofícios e honras, e, com os nossos, porque não lhes concedemos que façam dos Indios Cristãos á sua vontade, querendo servir-se deles a torto e a direito. Mas como esta é guerra antiga, e no Brasil não se acabará senão com os mesmos Indios, trabalha-se todo o possivel pela sua defensão, pera que com isto se salvem os predestinados, que, se não se tivesse respeito a isto, era quasi insofrivel a vida dos Padres nas aldeias, *sed omnia sustinemus propter electos*.

Eu, ainda que velho (351) e mal disposto, desenganado estou

JOSEPH DE ANCHIETA

de ter descanso nesta peregrinação; resolvido estou em me entregar todo aos Superiores, que me revolvam como quizerem pera serviço de Deus e dos nossos, não me falte sua graça. *Et omnia potero in eodem*, maximè se Vossa Paternidade tivesse memoria de mim, encomendando-me a Deus Nosso Senhor e abençoando *mihi in eodem Christo Jesu Domino Nostro*.

E porque esperamos pera resolução de muitas cousas a vinda do Padre Luiz da Fonseca (352), não aponto agora cousa em particular.

Desta Capitania do Espirito Santo do Brasil, 7 de setembro de 1594.

De Vossa Paternidade, Filho indigno em Cristo.

NOTAS

(342) Pbl. em castelhano nos "Anais da Biblioteca Nacional", XIX, p. 70-2, e agora, pela primeira vez, na versão portuguesa.

(343) O padre Marçal Belliarte chegou a Pernambuco, em companhia de outros padres e irmãos, a 7 de maio de 1587. Aí se demorou longos meses, só desembarcando na Baía a 20 de janeiro de 1588, para assumir o cargo de provincial. A 28 de julho de 1591, prègou na Sé da Baía, por ocasião da publicação dos dois editos da fé e da graça e da provisão real trazida por Heitor Furtado de Mendonça, visitador do Santo Officio. E nesse mesmo ano, a 19 de agosto, denunciou perante o Santo Officio a Gaspar Curado, capitão de Porto Seguro, que proibia os padres de visitarem as aldeias dos indios. Sendo substituído pelo padre Pero Rodrigues, deixou o provincialato em 1594 (F. Cardim, *Trat.*, p. 365, e nota de R. Garcia, p. 415; *Conf.*, p. 12, e *Den.* da Baía, p. 371).

(344) Alude muito provavelmente Anchieta ás incursões dos franceses no Norte, aliados aos indios. Na Paraíba, Feliciano Coelho, capitão da ilha da Restinga, então Conceição, para lá enviado afim de dar combate aos indios, expulsara os jesuitas das aldeias em 1593, confiando-as aos franciscanos, por sua vez expulsos em 1596. Tais sucessos deviam reter Marçal Belliarte na Baía. Ou, então, a presença das naus francesas tornava perigosa qualquer viagem por mar.

(345) Faltam informes sobre este religioso, talvez entrado para a Companhia no Brasil, pois não consta da lista dos enviados de Portugal, organizada pelo padre Antonio Franco (*Synopsis*, nos *Apont.*, II, de A. H. Leal).

(346) O padre Francisco Soares fez parte da missão que, partindo de Lisboa a 30 de janeiro de 1585 com destino ao Brasil, nesse mesmo dia ou no seguinte, percorridas seis leguas, foi atacada por duas naus de piratas franceses. No combate, faleceu o padre Lourenço Cardim, irmão mais moço do

XXVII. — CARTA DO ESPIRITO SANTO (1594)

autor dos *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, com o craneo despedaçado por uma bala. Depois de saqueado, o navio que transportava os padres arribou á Galicia. Em 1587 tornou a embarcar, em companhia do provincial Marçal Belliarte, chegando a Pernambuco a 7 de maio. Em janeiro do ano seguinte, deve ter acompanhado o provincial á Baía. E, a 20 de maio, tornado com o visitador Cristóvão de Gouvêa a Pernambuco. Daí, a 28 de junho, seguiu com o visitador e o irmão Barnabé Telo para Portugal. A' altura dêste país, a nau em que iam foi aprisionada por piratas franceses, no dia 6 de setembro. Os padres sofreram maus tratos e vexames, tendo sido Francisco Soares duas vezes surrado. Perto de Rochela, foram os jesuitas passados para um barco de pescadores bretões, tomado pelos piratas, e depois de dois dias e meio de viagem chegaram ao porto de Santo André, na Biscaia. Seguiram então para Portugal, por Burgos e Valladolid (F. Cardim, *Trat.*, p. 368-71). Denunciando perante o Santo Officio, a 18 de agosto de 1591, o padre Pedro Moreira dá Francisco Soares como residente por essa epoca no Collegio de Coimbra (*Den. da Baía*, p. 364). Tornado novamente ao Brasil, era ele em 1594 vice-reitor do Collegio do Rio de Janeiro, como informa Anchieta. Nêsse cargo substituiu interinamente o padre Fernão Cardim.

(347) O padre *Pero Rodrigues*, natural de Evora, foi missionario em Angola, assistiu á congregação provincial de 1592 na Baía, e, dois anos mais tarde, voltou ao Brasil com o cargo de provincial, em que substituiu a Marçal Belliarte. A pedido do padre Fernão Cardim, a quem entregou a direção da provincia, em 1604, escreveu a biografia de Anchieta, publicada nos "An. da Bibl. Nac." (XXIX, p. 181-287).

(348) *Domingos Ferreira*, ainda irmão, chegou ao Brasil na leva do provincial Inacio de Tolosa, a 23 de abril de 1572 (*Hist. dos Col.*, l. c. p. 93 e 130).

(349) Alusão aos dois ataques de Cavendish, em 1591-92.

(350) Os indios, que em 1590 haviam assaltado São Paulo, voltaram a ameaçar a vila em 1593 e 1594. Então, a instancias da Camara, o capitão-mór Jorge Corrêa organizou uma entrada contra os carijós e tupinaes, iniciando assim a luta que, continuada por Manuel Sueiro e concluida por João Pereira de Sousa, livrou para sempre São Paulo do Campo das investidas do gentio (A. d'E. Taunay, *Hist. Ger. das Band.*, I, p. 114, e 173-4).

(351) A 19 de março de 1594, completara Anchieta 60 anos de idade.

(352) O padre *Luiz da Fonseca*, eleito procurador a Roma na congregação provincial realizada na Baía em 1592, parece não ter voltado ao Brasil, como esperava Anchieta. Nem na *Synopsis* de Antonio Franco, nem (ao que nos consta) nas cronicas do tempo, se encontra qualquer referencia a respeito.

XXVIII

CARTA (353) AO IRMÃO EMANUEL (354)

IESUS *Christus*.

Pax tibi frater dilecte in Domino Iesu et consolatio Sancti Spiritus, qui omnem tristitiam repellat a corde: vide quam bonus est Deus, quam suavis erga servos suos. Nihil tibi nocebit, quia Dominus tecum est: ponat te ille juxta se et cujus vis manus pugnet contra te, quis te separabit a charitate Dei, quæ est Christo Iesu Domino Nostro? Nec tristitia, nec lætitia, nec vita, nec mors, quia sive tristaris, sive lætaris, Domini es: sive vives sive moreris, Domino vivis, cui te dedicasti et Domino moreris qui pro te mortuus est ut vitam haberes in ipso, factus ei similis per obedientiam usque ad mortem. Ego quidem absens corpore, præsens autem spiritu, apud te gaudeo in donis Domini nostri, quibus te accumulatur, orans pro te in orationibus meis ut adimplearis vera lætitia, quæ in humili patientia labore subjectaque obedientia cum charitate posita est. Modicum laborabis et jam non videbis: si quæris quousque, dico tibi: jam non videbis, labores quos pateris pro Domino, sed exultabis in eo, qui legitime pugnantibus dat coronam. Audi te Domina tua, quam habes semper in corde et ante oculos. Assumpta est in cælum post multos labores et requievit arca mense septimo super montes Armeniæ. O si hoc audires, quum prædicavi in ejus octava, quomodo lætareris, sed et nunca lætare in illa, quæ arca est manu Domini fabricata, in qua animalia pusilla cum magnis, peccatores magni et parvi refugium inveniunt, sed ut possis patrem Vicentium (355) participem facere hujus cibi, dicam tibi materna lingua (356):

XXVIII. — CARTA AO IRMÃO EMANUEL (....)

Acolhem-se todos os animais brutos a esta arca, betumada de dentro e de fóra, e *oc* homens e aves que são os que andam pelo alto com seus espiritos, os quais por derradeiro, por mais santos que sejam, se a esta arca não acorrem *perisuros* no diluvio. Mas eles dentro nem goteira d'água padecem e a boa da arca rechassa de si todas as ondas que a levavam de cá pera lá, dando naqueles sagrados costados de seu coração. Porque, como quer que ela tinha dentro dele a seu filho, sôbre o qual o eterno Padre largou o grande diluvio dos trabalhos e paixões, necessario era dêssem no coração da Virgem onde ele estava guardado. Por estas aguas andou nossa mãe trinta e três anos, enquanto ele viveu, padecendo com ele e guardando-nos a nós. As ondas que a mim me houveram de alagar no abismo do inferno, como me tinham alagado no abismo do pecado embarraram na arca dela, como bem betumada e mais forte que uma rocha, pois era mais que Cristo Jesu que é pedra angular, quebram seu furor, recebendo em si a pena de minha culpa. O' boa mãe; ó suave mãe; ó doce mãe.

Ainda que estas águas foram tão violentas, que lhe tomaram seu precioso, unico e verdadeiro filho e lho mataram, contudo não tiveram poder pera lhe tirarem de dentro os brutos animais dos pecadores, que *Domino* lhe tinha dado por filhos, antes tanto mais os ama quanto por eles mais alagado na paixão foi seu Filho e Senhor. Para quê mais? Ainda depois de subido ele ao céu, livre do mar tempestuoso, ela se ficou cá muitos anos, com os animais dentre de si, querendo ser anatema, e apartada da face divina por seus filhinhos, com uma maior caridade que São Paulo, até que repousou esta divina arca no setimo mês sôbre os montes da Armenia. Armenia quer dizer luz do que corre: esta é a luz eterna, a claridade perpétua, a visão divina de Cristo, resplendor do Padre, o qual *exultavit ut gigas ad currendam viam*, dando tão grandes saltos de virtudes pelo mar dêste mundo, com tanta ligeireza que todos o perderam de vista em sua paixão, perdendo a fé, senão a sua mui bem betumada arca, que sempre o acompanhou até o pé da cruz e, ainda que não correu tanto como ele, todavia sempre lhe foi pelo alcance sem perder a luz da fé. E, por isso, com muita razão o grande corredor Cristo, seu Filho, em trôco dela o alcançar ao pé

da cruz e ali estar recebendo em seu coração embate das ondas que ele recebia em seu corpo, a alevanta sôbre os montes de Armenia com seus Querubins e Serafins, dando-lhe mais clara luz e mais claro conhecimento que a todos os Querubins, e mais incendiado amor e mais suave fruição da divindade que a todos os Serafins.

Outro misterio tem ainda o repousar a arca no mês setimo, e é que, assim como Deus fez todas suas obras em seis dias *et requievit septimo die*, assim a Virgem bendita, arca de Deus, andou com seu Filho obrando a redenção do mundo em uma semana, que são seis dias de trabalho, porque todos os anos que viveu neste mundo foram para ele dias de semana, em que sempre trabalhou, até que chegou o Domingo em que foi folgar pera sempre. De maneira que quem, nêste mundo, da semana faz Domingo, no outro entrará na semana de trabalho eterno. E quem não faz mais caso desta vida que de uma semana de trabalho, da verdadeira com eternidade me- nos ha que tomar cuidado, que quanto padece é pouco por amor de Seu Senhor, e dizendo: *mihi absit gloriari in cruce Domini Nostri Jesu Christo*. Como a Virgem gloriosa, fazia acabada a semana de trabalho pera repousar ao setimo dia, que é o Domingo da eterna fragancia, senão sôbre os montes de Armenia, ao menos entre os coros angelicos, onde alcançará luz de Cristo corredor e da Virgem corredora, após os quais andava, correndo nesta vida segundo seus exemplos de pobreza, castidade e obediencia, dizendo-lhes: *in odorem unguentorum tuorum currimus*.

Se forte interrogas porque se multiplicaram aquelas duas vezes de arriba, *dicam tibi: audi bene et nota in corde tuo*. A Virgem Santissima, como a mais humilde que houve no mundo, nunca quis passar da especie de diminuir, diminuindo-se sempre, anulando-se e tendo-se por escrava, mas porque seu Filho deu lei: *qui se humiliat exaltabitur*, da segunda especie de diminuir, em que a Virgem se tinha posto, a levantava á terceira de multiplicar, subindo á mais alta de todas as três Jerarquias dos anjos, dizendo-lhe: *multiplicabo filios seus sicut stellas cœli et sicut arenam maris*. E, assim, a que se tinha pela mais pequena do mundo foi feita uma arca tão grande de misericordia, em cujos retretes e escaninhos se escondes sem os pecadores da ira de Deus e se salvassem do diluvio do pe-

XXVIII. — CARTA AO IRMÃO EMANUEL (...)

cado, e reina em todos aqueles que não querem ser seus filhos. Multiplicam-se seus filhos como as areias do mar e como as estrêlas do céu, porque os que cá andam desprezados como areia ao longo do mar, considerando a vida da Virgem e imitando-a segundo sua fraqueza, depois se fazem claros no céu como estrêlas, e mais que estrêlas, pois o mesmo sol de justiça *di fulgebant justi sicut sol in regno Patris mei*.

Adhuc dicam tibi unum punctum, porque a verdadeira prova de multiplicar se faz por repartir, que é a quarta especie. Pera qñe os filhos da Virgem se multiplicassem e nós tivéssemos certa prova de seu materno amor, ensinou-lhe seu Filho a quarta e última especie de repartir, fazendo-a repartidora de todos seus bens. E porque, assim como *ascendens in altum accepit dona in hominibus* recebeu do seu Padre eterno ofício de repartir suas graças e dons aos homens, assim também, levando consigo a Virgem sua mãe, deu-lhe poder sôbre todas suas cousas, fazendo-a repartidora pera que, dando ela muitos dons a nós seus pobres filhinhos, nos multiplicássemos em número e virtudes, e nós, vendo tão certa prova do amor de nossa mãe, a amassemos com todo coração e a servíssemos de *fucinhos* (?) todos os dias dessa semana pera folgar ao dominical dia, quando ela nos acabará de repartir não sómente dons e bens, mas dará de todo em todo a seu Filho e Senhor, que é todo e sumo e unico bem. *O pia Mater esto nobis semper mater, amen*.

Accipe frater Emmanuel minusculum hoc, quod non ego sed ipsamet virgo mittit ad te, tu ora eam semper, serva bene hoc epistollium ut servet te beata mater Dei.

P. tuo.

NOTAS

(353) Pbl. nos "Anais da Biblioteca Nacional", XIX, p. 72-4. Sem nenhuma indicação de lugar e tempo.

(354) E' difficil identificar o destinatario da carta. Numerosos foram os irmãos de nome Manuel que vieram de Portugal ou aqui foram recebidos na Companhia, durante o primeiro século. Mas é provavel que se trate de um ex-discipulo ou companheiro do canarino: Manuel de Chaves (ordenado em 63), Manuel Viegas (que já era padre em 67) ou Manuel de Couto, entre outros.

JOSEPH DE ANCHIETA

(355) Talvez o padre Vicente Rodrigues, que residiu em Piratininga até 1573 e anos depois no Rio de Janeiro, onde morreu em 1598. Nessa hipótese, o destinatário da carta seria companheiro de Vicente Rodrigues num desses Colégios.

(356) E' a seguinte a versão do trecho reproduzido em latim: "Paz a ti, querido Irmão em Jesus Nosso Senhor, e consolação no Espírito Santo, que repila toda a tristeza do coração. Vê quanto Deus é bom, quanto é benigno para com os seus servidores. Nada te será fuuesto, pois o Senhor está contigo: que ele te ponha junto de si e que a sua mão forte te defenda. Quem te privará da caridade de Deus, que é Jesus Cristo, Nosso Senhor? Nem a tristeza, nem a alegria, nem a vida, nem a morte, pois sejas tu triste ou alegre, és do Senhor; sejas tu vivo ou morto, vives para o Senhor, ao qual te dedicaste, e morres para o Senhor que morreu por ti para teres vida nele, feito a ele semelhante pela obediência até a morte. Eu, de fato ausente com o corpo, estou porém presente com o espírito, junto de ti alegre-me com os favores de Nosso Senhor, com os quais te brinda, rezando por ti nas minhas orações para que alcances a verdadeira alegria, que se encontra, juntamente com a caridade, na humilde paciência, no trabalho e na submissa obediência. Pouco trabalharás e nada verás já; se queres mais, digo-te: nada verás já dos trabalhos que suportarás por Deus, mas exultarás nele, que dá a vitória aos que legitimamente combatem. Escuta a respeito da tua Senhora, que tens sempre no coração e diante dos olhos. Foi assunta ao céu depois de muitos trabalhos e descansou na arca, ao sétimo mês, sobre os montes da Armenia. Oh se tivesses ouvido isto, quando prêguei na oitava dela, como te terias alegrado; mas ainda agora alegra-te nela, que é a arca construída pela mão de Deus, na qual encontram refúgio os animais pequeninos assim como os grandes, os pecadores grandes e pequenos. Mas para que possas fazer Padre Vicente partícipe desta comida, dir-te-ei na lingua materna:..."

Informações

XXIX

INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS — 1584 (357)

Os primeiros Portuguezes que vieram ao Brasil foram Pedro Alvares Cabral com alguma gente em uma nau (358) que ia para a India Oriental no ano de 1500 e aportou a Porto Seguro, ao qual pôs êste nome porque achou o porto que se diz Santa Cruz muito seguro e bom para as naus. E toda a provincia ao princípio se chamava Santa Cruz; depois prevaleceu o nome de Brasil por causa do pau que nela ha que serve para tintas.

Tem a provincia do Brasil sete capitancias nomeadas, *scilicet*: Pernambuco, Baía, Ilhéus, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente. Posto que em Pernambuco ha outra que chamam Tamaracá, é cousa pequena por agora e não é mais que uma ilha pequena, em que está uma pequena vila, ainda que sua repartição é de 50 leguas, como as outras (359). Da mesma maneira está em São Vicente outra que é outra ilha chamada Guaibe ou de Santo Amaro (360), que tambem tem a mesma repartição de leguas. Foi a princípio povoada com seu capitão e moradores e um engenho de assucar, mas com a perseguição contínua dos Tamoios, Indios do Rio de Janeiro, se despovoou, nem tem justiça particular, tudo se reputa por São Vicente (361). Nela fez agora Diogo Flores de Valdez, general da armada que Sua Magestade mandou ao estreito de Magalhães, um forte com gente e artilharia, porque está da outra banda do Rio que é a barra de São Vicente onde podem entrar naus grossas. Nesta barra estiveram o ano passado de 1583 dois galeões ingleses que queriam contratar com os moradores e, vindo da arribada três naus da dita

armada maltratadas das tormentas, meteram os Ingleses uma delas no fundo com morte de alguma gente e se foram acolhendo (362).

A Baía e Rio de Janeiro são d'El-Rei e cidades e todas as mais capitánias são de senhorios e vilas. De Pernambuco que é a primeira capitania, está em oito graus, até São Vicente, que é a última e está no tropico de Capricornio quasi em 24°, póde haver 350 leguas por costa correndo-se de Norte-Sul, Nordeste-Sudoeste, e de São Vicente até a lagôa dos Patos, onde começa a nação dos Carijós que sempre foram da conquista de Castela, póde haver 90 leguas pelo mesmo rumo.

Todo êste gentio desta costa, que tambem se derrama mais de 200 leguas pelo sertão, e os mesmos Carijós que pelo sertão chegam até ás serras do Perú, teem uma mesma lingua que é grandissimo bem para sua conversão. Entre eles pelos matos ha diversas nações de outros barbaros de diversissimas linguas a que êstes Indios chamam Tapuias, que quer dizer escravos, porque todos os que não são de sua nação teem por tais e com todos teem guerra. Dêstes Tapuias foi antigamente povoada esta costa, como os Indios afirmam e assim o mostram muitos nomes de muitos lugares que ficaram de suas linguas que ainda agora se usam; mas foram se recolhendo para os matos e muitos deles moram entre os Indios da costa e do sertão. Estes, posto que têm alguma maneira de aldeias e roçarias de mantimentos, é contudo muito menos que os Indios e o principal de sua vida é manterem-se de caça e por isso têm uma natureza tão inquieta que nunca podem estar muito tempo num lugar, que é o principal impedimento para sua conversão, porque *alioquin* é gente bem inclinada e muitas nações deles não comem carne humana e mostram-se muito amigos dos Portugueses, dizendo que são seus parentes e por meio deles têm pazes com os Indios que tratam com eles, de que antes eram inimigos. Só uma nação dêstes que chamam Guaimuré, que ao principio foram amigos dos Portugueses, são agora crudelissimos inimigos, andam sempre pelos matos e têm posto em grande aperto a capitania de Porto Seguro e Ilhéus, e já quasi chegam á Baía (362-A).

DOS GOVERNADORES E CAPITÃES

O primeiro capitão da Baía e senhorio dela foi Francisco Pereira Coutinho. Teve guerras com os Indios até que o fizeram despovoar e acolheu-se a Porto Seguro. Depois tornando á mesma Baía o acabaram de matar os Indios (363).

Na éra de 1549, veio Tomé de Sousa, o primeiro governador geral do Brasil, homem muito temente a Deus e muito inteiro na justiça e devoto da Companhia. Chegou em tempo que toda a terra estava cheia de matos e aldeias de Indios; haveria até seis ou sete homens Portugueses, rodeados de todas as partes de contrarios. Desembarcaram na Vila Velha, onde aqueles homens estavam em tanto perigo, e arvoraram uma cruz em lugar alto e descoberto. Êste edificou a cidade da Baía onde agora está, e trase começaram de edificar igrejas entre os Indios e se deu prindencia, como conservou todo o tempo que governou.

Na éra de 1553 veio o segundo governador dom Duarte da Costa (364). No seu tempo se levantaram algumas aldeias dos Indios, ás quais deu guerra e tornou a pacificar e em seu tempo se começaram de edificar egrejas entre os Indios e se deu princípio mais de proposito á conversão (365).

Na éra de 1557 veio o terceiro governador Mem de Sá (366). Êste sujeitou quasi todo o Brasil, teve guerra com os Indios do Paraguaçú fronteiros da Baía e muito poderosos, em que lhes queimou 160 aldeias, matando muitos e os mais sujeitou. Aman-sou os dos Ilhéus que estavam levantados e tinham destruidas muitas fazendas e posta a capitania em grande apêrto. Dêstes houve muitas insignes vitórias até que ficaram sujeitos todos os Indios comarcãos da Baía desde Camamú até o Itapucurú, que são 40 leguas. Sujeitou á lei de Deus e os fez ajuntar e fazer egrejas e desta maneira foi em grandissimo aumento a conversão que foi começada em tempo de dom Duarte da Costa (367).

Na éra de 1560 foi ao Rio de Janeiro e destruiu a torre fortissima dos Franceses, que tinham aí edificada em uma ilha com muita artilharia e gente, e dali por deante perderam os Franceses

a esperança de poderem levar adeante seus propositos que eram pousar ali e fazerem-se senhores daquela terra e dali esperarem as naus da India na altura do cabo da Bôa Esperança ou da ilha de Santa Helena.

Na éra de 1566 tornou outra vez ao Rio de Janeiro que se começava a povoar por seu sobrinho Estacio de Sá, e com sua chegada se destruíram duas aldeias fortissimas que eram fronteiras e toda a confiança dos Tamoios e com essas vitórias se começaram a entregar e fazer pazes os outros que estavam espalhados por todo o Rio de Janeiro, sua terra possuida de tantos anos.

No ano de 1572 morreu na Baía, e em 14 anos que governou o Brasil sempre se confessou e comungou na Companhia e quatro ou cinco anos antes de sua morte o fazia cada oito dias e o mesmo dia que morreu se confessou geralmente com um dos nossos. Resava o Officio Divino, e todos os dias da semana por muitas tormentas e chuvas que fizesse não deixava de vir ao Colegio a ouvir missa ante manhã. Fez á sua custa a igreja do Colegio, na qual foi sepultado, e além disto lhe fez doação das suas terras do Camamú, que são 12 leguas em quadra com 8 aguas para engenhos de assucar (368).

A Mem de Sá succedeu Luiz de Brito de Almeida que foi no ano de 1573 (369). Este nunca consentiu fazerem-se vexações notaveis ás aldeias de doutrina que estão a cargo dos Padres, nem deixava tirar delas alguns Indios que lá se acolhiam dos que os Portugueses traziam enganados do sertão. No seu tempo, e indo ele lá em pessoa, se fez a guerra do rio Real, onde os Padres tinham edificado algumas igrejas e ajuntados muitos Indios nelas, como se verá largamente no papel que com êste vai (370).

Na éra 1574 veio o dr. Antonio Salema (371) com alçada a todo o Brasil e com titulo de governador geral das capitancias do sul, sc.: Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente (372), ordenando El-Rei D. Sebastião de boa memoria que se repartisse a governança do Brasil em duas partes. Depois de fazer seu officio da alçada em algumas partes da costa, se foi residir ao Rio com o dito titulo e poderes de governador em sua repartição. Ainda no seu tempo estavam em pé os Tamoios do Cabo Frio, grande

acolheita dos Franceses, donde vinham a fazer saltos dentro do mesmo Rio, pelo qual se determinou de lhes dar guerra e assim, com favor da capitania de São Vicente da qual veio o capitão Jeronimo Leitão, com a maior parte dos Portugueses e muitos Indios cristãos e gentios, e com esta ajuda cometeu a empreza e acabou de destruir toda a nação dos Tamoios, que ainda estava mui soberba e forte com muitas armas dos Franceses, espadas, adagas, montantes, arcabuzes e tiros grossos, sem lhe ficar aldeia que não sujeitasse até á ilha de Santa Ana, que é o cabo delas, que são algumas 30 leguas do Rio de Janeiro. Muitos dos Indios matou na primeira aldeia, que era a mais forte, e depois disto se lhe entregaram os outros quasi sem guerra, muitos dos quais se ajuntaram na aldeia dos indios cristãos, que eram dantes seus inimigos, e se batizaram e ainda alguns vivem.

Com esta nova vieram alguns Tamoios do sertão, moradores da Paraíba, a lhe pedir pazes e se juntarem com os outros. Com estas vitórias ficou toda aquela terra despovoada e tirado aos Franceses o principal porto que tinham para seus tratos que é o Cabo Frio. Acabou Antonio Salema sua governança vindo Lourenço da Veiga por governador e tornou a ficar a costa toda debaixo de um governador geral como dantes.

No principio do ano de 1578 veio por governador Lourenço da Veiga, o qual por si mesmo visitou as aldeias da doutrina que estão a cargo dos Padres, com muito gôsto e lagrimas de devoção, vendo as doutrinas, procissões, diciplinas e comunhões dos Indios e as missas officiadas em canto de órgão, com flautas, pelos filhos dos mesmos Indios. Favoreceu a cristandade no que pôde, mandando ir para as ditas aldeias dos Cristãos alguns Indios que os Portugueses trouxeram do sertão enganados e nunca os quis mandar entregar aos que os pretendiam por mais que nisto insistiram, e assim muitos deles morreram batizados e alguns vivem ainda e trabalhou sempre de conservar a liberdade de todos os Indios. Morreu na Baía no ano de 1581.

No ano de 1583 veio por governador Manuel Teles Barreto (373). Prazerá ao Senhor que ajudará muito a cristandade e fa-

vorecerá a liberdade dos Indios, como El-Rei Nosso Senhor muito lhe encomenda (374).

DOS CAPITÃES DAS OUTRAS CAPITANIAS

Da capitania de Pernambuco foi senhor e povoador Duarte Coelho. Nunca houve nela conversão de gentio; guerras muitas e alguns combates de Franceses em vida de Duarte Coelho, e muitas mais em tempo de seu filho Duarte Coelho, o qual deu tanta guerra aos Indios com favor de um clérigo que se tinha por nigromático (375) que destruiu toda a sua capitania e assim desde o rio de S. Francisco até lá, que são 50 leguas, não ha povoação de Indios, e fica agora sem nenhuma ajuda deles, e é agora aquela capitania com a de Itamaracá, que toda se reputa por uma, mui molestada dos Indios Pitiguaras, moradores do rio chamado Paraíba, onde têm grande comércio os Franceses por causa do pau de brasil, e os ajudam nas guerras e fazem muito mal por terra e por mar aos Portugueses, os quais não têm Indios amigos que os ajudem porque os destruíram todos.

Na capitania do Espirito Santo, que é de Vasco Fernandes Coutinho, houve muitas guerras com o gentio, em algumas das quais eles foram vencedores e mataram muitos Portugueses, mas também se vieram a sujeitar e agora estão pacíficos. Houve nela e ainda ha muita conversão.

Na de São Vicente, que é de Martim Afonso de Sousa (376), á qual ele mesmo foi ter com a armada, depois de haver nela alguns poucos e antigos moradores e acrescentou muito, houve capitães ordinariamente assim como nas mais capitánias postos pelos senhorios; nunca nela houve guerras com os Indios naturais que chamam Tupis, que sempre foram amigos dos Portugueses, salvo no ano de 1562, que uns poucos do sertão por sua maldade (ficando a maior parte amiga como dantes) deram guerra a Piratininga, vila de São Paulo, onde ha casa da Companhia, 10 leguas da povoação do mar de São Vicente, mas logo o segundo dia foram fugindo para suas terras pela resistencia que acharam nos

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

Portugueses e Indios cristãos que foram contra seus mesmos pais, filhos e irmãos em defesa da igreja. Daí a pouco tempo morreram os mais dêstes levantados e tornaram a ficar as pazes e amizades fixas como dantes.

Dos Tamoios do Rio de Janeiro, que são inimigos mortais dos Tupis, foi sempre combatida a capitania de São Vicente, em que lhe mataram muitos homens e levaram cativas as mulheres, filhas e filhos e escravos.

Pela grande opressão que êstes Tamoios davam, fizeram os Portugueses na barra da Bertioga, que é um dos portos daquela capitania e a principal entrada dos Tamoios, em que iam e vinham em canoas muito ligeiras, duas torres (377) á sua custa e com seus trabalhos, sem ficar nenhum que não trabalhasse nelas, e ficaram tão fortes que defenderam aquela entrada dos inimigos e dos Franceses, que ás vezes vinham com eles a os ajudar. Mas com tudo isto sempre eram salteados dos Tamoios por diversas partes, de maneira que já quasi desesperavam de se poder valer com eles: até que se povooou o Rio de Janeiro.

No ano de 1564 chegou Estacio de Sá, sobrinho do governador Mem de Sá, ao Rio de Janeiro, com a armada que trouxe de Portugal e muitos moradores do Brasil, assim Portugueses como Indios cristãos e não indo bem fornecida do necessario para aquella empresa, se foi a São Vicente onde esteve apercebendo-se de mantimentos e do mais necessario. E fez canôas ligeiras em que no Janeiro seguinte com muita gente de São Vicente, Portugueses, Mamalucos e Indios, tornou ao Rio de Janeiro com os mais navios da armada, e no princípio de Março (378) tomou logo terra ao longo do porto, que chamam Pão de Assucar, na entrada da barra, e fez casas de madeira e cêrca, onde se recolheu com parte da gente, ficando a outra nos navios, e dali com as canôas começou a conquistar os Tamoios e os foi levando pouco a pouco, havendo muito notaveis e milagrosas vitórias, lançando tambem fóra 150 Franceses que havia dentro em uma nau, aos quais deixou ir em paz por serem mercadores e ao parecer catolicos, que não vinham a povoar e depois houve outros encontros com naus que vieram de novo de França, e as fez tornar por fóra maltratadas.

E assim sustentou a povoação e guerra contínua dos Tamoios que de todas as partes se ajuntavam a lha dar, padecendo grandíssima fome por falta dos mantimentos até todo o ano de 1566, no fim do qual partiu o governador Mem de Sá da Baía com outra armada (379) que El-Rei lhe mandou, cujo capitão-mór era Cristovão de Barros, e chegou lá no Janeiro de 67, vespera de São Sebastião, cujo nome tinha tomado a pobre cidade que tinham feito á honra dêste santo martir e por respeito d'El-Rei D. Sebastião. Depois de destruir duas aldeias, como acima se apontou, em uma das quais morreu seu sobrinho Estacio de Sá de uma flechada, e então mudou a cidade ao lugar onde agora está, que sempre foi em crescimento ainda que por duas vezes teve combates das naus francezes e Tamoios do Cabo Frio que cuidaram levá-las nas unhas, mas foram lançados dali com ignominia e morte dos seus (379-A).

A capitania de Porto Seguro é do Duque de Aveiro. A dos Ilhéus é de Francisco Giraldes. Houve guerras com os Indios naturais em ambas; mas com as ajudas que tiveram dos Governadores da Baía se defenderam e estão agora em paz. Verdade é que se foi consumindo o gentio daquelas terras, chamado Tupiniquis, que era muito e mui guerreiro, parte com doenças, parte com o maltratamento dos Portugueses, como em todas as partes, salvo São Vicente, de maneira que ficaram sem gentio. E mandou-lhes Deus um açoute crudelissimo, que são uns selvagens do mato que chamam Aimurés, homens robustos e feros, aos quais, enquanto houve Indios amigos sempre lhes resistiram; mas faltando-lhes êstes, foram e são tão acossador dos selvagens, que já a capitania de Porto Seguro está meio despovoada e a dos Ilhéus em grandissimo apêrto, sem se poder defender deles nem dar-lhes guerra, porque sempre andam pelo mato, no qual 4 bastam para destruir um grande exercito, como já fizeram, quasi sem verdes quem vos mata, e já esta praga chega pelo Camamú até perto da Baía, de maneira que já os homens buscam ilhas em que fazer suas fazendas, porque não ousam estar na terra firme.

DOS BISPOS E PRELADOS DO BRASIL

O primeiro bispo do Brasil foi D. Pedro Fernandes, que servira já de provisor ou vigário geral da Índia. Este veio no ano de 1552 (380) á Baía, cujo bispo se intitula e comissario geral de toda a costa, e assim mesmõ todos os mais, e esteve nela até o de 1556, no qual se partiu para Portugal com licença d'El-Rei. E dando a nau com a tormenta á costa, entre o rio de S. Francisco e Pernambuco, foi morto pelos Indios com a maior parte da gente que com ele ia, em que entrou o primeiro provedor-mór desta provincia, Antonio Cardoso de Barros, que veio com o primeiro governador Tomé de Sousa. Na vacante dêste veio por visitador e comissario geral de toda a costa, o Dr. Francisco Fernandes, que regeu a igreja brasileira até á vinda de D. Pedro Leitão.

D. Pedro Leitão, tambem clérigo foi o segundo bispo e veio do ano de 1559 (381). Este visitou toda a costa do Brasil, crismando e dando ordens e muitas vezes visitando as aldeias dos Indios cristãos e batizava e casava muitos por si mesmo e lhes era muito afeiçoado, ajudando muito sua conversão e conservação. No seu tempo se fez um sínodo, no qual não se acharam senão os seus clérigos, nenhum dos quais era letrado. Algumas Constituições se fizeram nela, posto que em todo o Brasil sempre se guardaram as de Lisboa, ordenando alguns dias santos de novo. Morreu na Baía no ano de 1573 (382). Deixou uma livraria ao Collegio da Companhia, de que foi muito devoto e amigo.

O terceiro bispo, que agora rege a igreja do Brasil, é D. Antonio Barreiros, do habito de Aviz. Veiu no ano de 1575 (383); faz seu ofício como os passados, posto que não se mostre tão zelozo pela conversão dos Indios, nem faz muita conta da sua cristandade, tendo-os por gente boçal e de pouco entendimento, e contudo já foi visitar suas aldeias e crismou os que tinham necessidade dêste sacramento.

Com Lourenço da Veiga, governador, veio no ano de 1578 por Administrador o licenciado Bartolomeu Simões Pereira (384), clérigo, para residir na cidade de S. Sebastião no Rio de Janeiro,

com jurisdição separada do Bispo e com todos os poderes que ele, salvo dar ordens. A' sua jurisdição pertencem as quatro capitánias da banda do sul, *scilicet*: Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. As outras ficam á jurisdição do Bispo. Êste se mostra afeiçoado e zeloso da conversão dos Índios e acóde por eles muitas vezes onde falta justiça secular, por serem pessoas miseraveis e que têm particular necessidade da proteção do braço ecclesiastico. Tem visitadas por si mesmo todas as capitanias que estão a seu cargo.

Offício da Inquisição não houve até agora (385), posto que os Bispos usam dele quando é necessario por comissão que têm, mas dando apelação para o Santo Offício de Portugal, e com isso se queimou já na Baía um Francês herege (386). Agora tem o bispo D. Antonio Barreiros êste officio para com os Índios somente e é nomeado por seu coadjutor o Padre Luiz da Grã, da Companhia, que é agora reitor do Collegio de Pernambuco.

DA PRIMEIRA ENTRADA DOS FRANCESES NO BRASIL

Na éra de 1504 vieram os Franceses ao Brasil a primeira vez ao porto da Baía (387), e entraram em Paraguaçu, que está dentro da mesma Baía, e fizeram seus resgates e tornaram com boas novas á França, donde vieram depois três naus e estando no mesmo lugar em resgate, entraram quatro naus da armada de Portugal e queimaram-lhe duas naus e outra lhe tomaram com matar muita gente, alguma da qual todavia escapou em uma lancha e achou na ponta da Itapoama, 4 leguas da Baía, uma nau dos seus que se tornou para França, e nunca mais tornaram á Baía, até agora porque sempre foi crescendo com o trato dos assucares e naus que vêm de Portugal.

Os Franceses não desistiram do comércio do Brasil, e o principal foi no Cabo Frio e Rio de Janeiro, terra de Tamoios, os quais, sendo dantes muito amigos dos Portugueses se levantaram contra eles por grandes agravos e injustiças que lhes fizeram, e

receberam os Franceses, dos quais nenhum agravo receberam, e iam e vinham, e carregavam suas naus de pau do brasil, pimenta, passaros, bogios e outras cousas da terra, e davam roupa e todo o genero de armas aos Indios e os ajudavam contra os Portugueses e deixavam moços na terra que aprendessem a lingua dos Indios, e homens que fizessem ter prestes as mercadorias para quando viessem as naus (388).

Daí a muito tempo, que parece que foi no ano de 1557, começaram a fazer povoações no Rio de Janeiro, e então se fez aquella fortissima torre com baluartes e muita artilharia e casas de moradores, cujo autor foi Nicolau de Villegaignon (389), cavaleiro de Malta, e fundou-a em uma ilha que está á entrada da barra no princípio daquela baía, a qual ficou com o nome de Villegaignon. Esta lhe destruiu Mem de Sá no ano de 1560, como acima se disse, sendo o Villegaignon em França e com esta nova não tornou mais ao Brasil, senão alguns que se ficaram entre os Indios, tomando seus costumes e amancebando-se com as Indias, e faziam roçarias de pimenta e ajuntavam outras mercadorias da terra para dar aos seus quando viessem. Êstes depois se tomaram todos pouco e pouco nas guerras de Estacio de Sá.

A maior parte dos Franceses desta torre e povoação eram hereges de diversas seitas e os principais eram uns ministros de Calvino que prégavam e ensinavam. De Nicolau de Villegaignon afirmavam todos eles ser catolico e muito douto e grande cavalheiro; castigava mui rijamente e creio que com pena de morte os que pecavam com Indias pagãs; tambem trabalhava de resgatar os Portugueses que os Tamoios tomavam em seus saltos que davam em São Vicente. Era muito zeloso de se guardar a fé catolica, mas como não podia com tantos dissimulava até ver se podia fazer a sua. Tornou-se para França, dizem que chamado d'El-Rei para as guerras contra os hereges, em que morreu (390); e com autoridade d'El-Rei, posto que secretamente fazia aquella povoação e pretendia povoar a terra dos Tamoios e fazer ali naus e buscar minas de prata e ouro, em cujo rasto já andavam e assim lhe chamavam já a França Antartica. Sua ida para França parece que foi no ano de 1559, porque no de 1560, em que Mem de Sá

tomou a torre, já ele aí não estava por especial providencia divina, porque todos affirmam que, se ele estivera presente, não se tomara par ser mui grande cavalheiro, posto que sua tomada mais foi por especial ajuda divina que por forças humanas, como todos viram claramente no combate, e não foi a menor que tiveram de Deus ser-lhes tirado dali êste capitão.

Um dos moradores desta torre era um Joannes de Bolés, homem douto nas letras latinas, gregas, hebraicas e mui lido na escriptura sagrada, mas grande herege. Êste, com medo de Villegaignon que pretendia castigá-lo por suas heresias, fugiu com alguns outros para S. Vicente nas canoas dos Tamoios que iam lá á guerra com título de os ajudarem, e chegando á fortaleza da Bertioga se meteu nela com os seus e se ficou em S. Vicente. Ali começou logo a vomitar a peçonha de suas heresias, ao qual resistiu o padre Luiz da Grã e o fez mandar prêso á Baía e daí foi mandado pelo bispo D. Pedro Leitão a Portugal e de Portugal á India e nunca mais appareceu (391).

Não fica agora trato aos Franceses no Brasil senão no rio de Paraíba 18 leguas de Pernambuco para o norte, onde ajudam os Indios contra os Portugueses e lhes fazem muito mal como acima se notou.

DOS FRADES QUE ANTES E DEPOIS DA COMPANHIA VIERAM AO BRASIL

Os primeiros religiosos que vieram ao Brasil foram da ordem de S. Francisco, os quais aportaram a Porto Seguro não muito depois da povoação daquela capitania, e fizeram sua habitação com zêlo da conversão do gentio, e, ainda que não sabiam sua lingua, de um deles se diz que lhe lia o Evangelho e, como lhe dissessem os Portugueses que para que lho lia pois o não entendiam, respondia: “Palavra de Deus é ela, tem virtude para obrar neles”. Um deles na passagem dum rio se afogou donde lhe ficou o nome o rio do Frade; todos os mais mataram os Indios levantando-se contra os Portugueses. E depois, não sabendo o que passava, veio ter aí uma

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

nau, e os Índios vestidos nos hábitos com os breviários nas mãos passeavam pela praia como os Religiosos soiam fazer, para com isto fazer cilada aos do mar e matá-los, mas quis Deus que entenderam a falsidade e escaparam (392). Nunca mais vieram cá religiosos até que veio a Companhia.

No ano de 60 ou 61 segundo parece, vieram sete ou oito frades de hábitos brancos, Franceses, ao Rio de Janeiro depois da fortaleza destruída, porque, como Nicolau de Villegaignon era católico, tornando á França trabalhou de mandar religiosos ao Rio de Janeiro, assim para redução dos hereges como para conversão do gentio.

Com êste desejo se foi a um Collegio da Companhia em França onde, depois de confessado e comungado, pediu Padres para esta empresa, dizendo que tinha na India o Brasil 200 leguas de terras povoadas de gentio sujeito e pacífico: os Padres muito alvoroçados com esta nova, responderam que mandariam recado ao Padre Geral a pedir licença para isso e, como isto não se efetuou pela Companhia, trabalhou de mandar êstes outros religiosos como já disse.

Êstes, como se soube dos mesmos Tamoios, fizeram seu recolhimento entre eles mesmos, apartados dos Franceses, ensinavam alguns meninos do gentio e os traziam vestidos com seu hábito. Mas como Villegaignon, sabida a destruição de sua torre, não quis tornar ao Brasil, ficaram os religiosos sem amparo e não sòmente desfavorecidos mas perseguidos dos hereges. E um dia, queimando uma roça que faziam junto de sua casa para alguma horta, pegou-se-lhe o fogo á casa e queimou-lhe tudo, o qual depois contava um Francês herege não com pouco gôsto seu. Assim que, nêste mesmo ano ou no seguinte, os tornaram os Franceses a levar á França com a mais gente que ali ficou da fortaleza acolhida entre os Tamoios, e querem dizer que a nau fez naufragio no caminho ou que os hereges lançaram os Frades ao mar (393).

No ano de 1581 vieram em companhia de Frutuoso Barbosa, que vinha povoar o rio da Paraíba, três frades do Carmo e dois ou três de S. Bento a Pernambuco. Mas como não se povoou a Paraíba, não fizeram mais que prêgar e confessar sem fazer mosteiro.

Veu também em sua companhia um de S. Francisco que também prêgou algum tempo em Pernambuco e tornou-se para o reino.

No ano de 83 vieram dois de S. Bento com ordem de seu General. A êstes se deu um bom sítio na Baía e uma igreja de S. Sebastião e fazem já mosteiro: são três por todos até agora e começam a receber alguns outros a ordem (394).

Na mesma cidade, no mesmo ano, se deu sítio e casa a uns dois de S. Francisco, que vieram mandados por El-Rei para o rio da Prata com outros; mas êstes ficaram-se na capitania do Espirito Santo, como ficaram outros em S. Vicente, que vieram na armada do Estreito (394-A). Praza a Deus que todos vão adeante para sua glória.

DA VINDA DOS PADRES DA COMPANHIA AO BRASIL

No ano de 1549, o primeiro de Fevereiro, dia de S. Inacio martir, partiram de Belém (395) em companhia de Tomé de Sousa, o primeiro governador do Brasil, por mandado de El-Rei D. João III e por ordem de nosso Padre Inacio de Loiola, quatro padres da Companhia, *scilicet*: o padre Manuel da Nobrega, superior, o padre João de Aspilcueta Navarro, o padre Leonardo Nunes e o padre Antonio Pires e dois irmãos, *scilicet*: Diogo Jacome e Vicente Rodrigues. Todos êstes são mortos na Companhia em seus ministerios, salvo Vicente Rodrigues que ainda é vivo e sacerdote (396).

No ano seguinte de 1550 vieram quatro padres, *scilicet*: o Padre Salvador Rodrigues, que faleceu na Companhia no ano 1553 (397), dia da Assunção de Nossa Senhora, de que era muito devoto, e o padre Manuel de Paiva que faleceu no Espirito Santo a 21 de Dezembro de 84, os padres Afonso Braz e Francisco Pires que ainda vivem (398).

No ano de 1553 vieram seis (399) da Companhia com o segundo governador D. Duarte da Costa, *scilicet*: o padre Luiz da Grã, o padre Braz Lourenço e o irmão João Gonçalves, o qual morreu depois de sacerdote na Companhia com muita santidade (400), e

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

os irmãos Antonio Blasquez, Gregorio Serrão, José de Anchieta e todos os cinco ainda vivem, todos sacerdotes.

Depois dêstes por diversos anos vieram outros Padres e Irmãos que passariam de setenta (401), os mais deles já recebidos lá e outros para cá se receberem, entre os quais vinham muito bons latinos, outros filosofos, outros teologos e prègadores: entre êstes vinham Italianos, Espanhóis, Flamengos, Ingleses, Hibernios e os mais deles Portugueses. Muitos dêstes são ainda vivos na Companhia do Brasil e se occupam com fruto nos ministerios dela. Alguns faleceram nela com mostras de muita virtude. Outros muitos se receberam cá na Companhia assim dos que vinham de Portugal como dos nascidos na terra.

Antes da vinda dos Padres não havia cristandade nem quem prègasse o Evangelho no Brasil: eles o começaram a prègar de proposito, com que se fez muito fruto nas almas, como se vê pelo progresso da Companhia e conversão na Baía e mais capitancias da costa até êste presente ano de 1584, e na Baía foi a primeira entrada e casa dos Padres e princípio da propagação da Companhia e algum comêço da conversão do gentio, ao menos nos filhos dos Indios, porque os pais estavam ainda então muito duros e agrestes.

No mesmo ano de 1549 que chegou o padre Manuel da Nobrega ao Brasil, mandou o padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome á capitania de S. Vicente, que é a última da costa, onde foi recebido dos Portugueses como anjo ou apostolo de Deus e vivendo eles dantes tão mal ou peor que os Brasis, fizeram tão grande mudança de vida que ainda agora se enxerga naquela terra um *nescio quid* de mais virtude, devoção e afeição á Companhia que em toda a costa, porque tambem a vida do padre Leonardo Nunes era mui exemplar e convertia mais com obras que com palavras.

Aqui fizeram os moradores uma casa á Companhia, que foi a segunda que houve no Brasil. Aqui se receberam logo á Companhia o irmão Pedro Corrêa e o irmão Manuel de Chaves, homens antigos na terra e linguas, e com ajuda deles se começou a ensinar a doutrina na lingua do Brasil aos Mamalucos e Mamalucas, filhos dos Portugueses e aos escravos da terra, que havia muitos, com que começou de haver alguma luz no Brasil pelas muitas prègações que

o irmão Corrêa lhes fazia em sua lingua. Aqui finalmente se entendeu mais de proposito na conversão do gentio, o qual, como foi sempre muito amigo dos Portuguezes, deram muitos deles de boa vontade seus filhos ao Padre para que fossem ensinados, dos quais ajuntou muitos e os batizou, ensinando-os a falar Português, lêr e escrever, e sustentou do necessario para o corpo com grandissimo trabalho seu e dos irmãos até o ano de 1554, que foram passados ao campo de Piratininga onde ha muito mantimento.

Êste se póde chamar o primeiro colégio dos catecumenos que houve no Brasil, o qual o padre Manuel da Nobrega, indo áquela capitania no ano de 1553, levou por deante, ordenando que fosse confraria do Menino Jesus, juntando-lhe alguns dos moços órfãos que vieram de Portugal no tempo do padre Pedro Domenico e alguns mestiços da terra, onde todos eram doutrinados: e os de Portugal aprendiam a lingua da terra.

Esta maneira de confraria se ordenou também na Baía e na capitania do Espirito Santo, mas depois, vindo as Constituições e por ordem de Roma, se desfizeram, e tornou tudo o que tinham á Companhia na qual ficaram muitos dêstes órfãos que vieram de Portugal, e alguns dos de cá recolhidos que foram e ainda são grandes obreiros nela, ocupando-se na conversão do gentio com a lingua que sabem e o sacerdocio que receberam.

No ano de 1554, mudou o padre Manuel de Nobrega os filhos dos Indios ao campo, a uma povoação nova chamada Piratininga, que os Indios faziam por ordem do mesmo Padre para receberem a fé. Também mandou alguns 12 Irmãos (402) para que estudassem gramatica e juntamente servissem de intérpretes para os Indios, e assim aqui se começou o estudo da gramatica de proposito e a conversão do Brasil, porque naquela aldeia se ajuntaram muitos Indios daquela comarca e tinham doutrina ordinaria pela manhã e á tarde e missa aos dias santos, e a primeira se disse no dia da conversão de S. Paulo do mesmo ano e se começaram a batizar e casar e viver como cristãos, o qual até áquele tempo não se tinha feito nem na Baía nem em alguma outra parte da costa.

A conversão dêstes não cresceu tanto como a da Baía, porque nunca tiveram sujeição, que é a principal parte necessaria para

êste negócio, como houve depois na Baía em tempo do governador Mem de Sá (403). Mas, comtudo, perseveram até agora. E têm duas igrejas feitas em duas aldeias, onde cada domingo, *alternatim*, são visitados dos Padres, e são em certa maneira mais que louvar, porque tudo que dão de si é voluntario, sem medo de ninguém, porque ainda agora aquela gente está intacta, sem sentirem as tiranias dos Portugueses, nem creio que lhas quererão sofrer, porque têm grandissimo sertão onde facilmente se podem ir sem poderem ser molestados deles; mas, comtudo, como os Portugueses trabalham muito por conservar sua amizade, sempre estão fixos no começado e vivem como cristãos e trazem outros seus parentes do sertão a morar comsigo para que também recebam a fé.

Nêste ano de 1550 até 53 se fizeram casas da Companhia em Porto Seguro e no Espirito Santo. Em Porto Seguro, uma legua da povoação dos Portugueses, se fez a casa de Nossa Senhora d'Ajuda, onde milagrosamente ela deu uma fonte d'agua que parece procede de debaixo de seu altar, onde se fizeram e fazem continuamente muitos milagres e é casa de grandissima romaria e devoção, porque quasi quantos enfermos lá vão e se lavam com aquela agua saram, e os que não podem lá ir mandam por ela e bebendo-a faz o mesmo efeito (404).

Depois se fez a casa da Companhia dentro da mesma vila dos Portugueses e por ordem do nosso Padre Geral Everardo se deixou aquela igreja ao Bispo, mas ainda a Companhia tem lá uma casa onde se recolhem, indo todos os sabados lá a dizer missa e fazer alguma prègação dos louvores de Nossa Senhora, por continuar a devoção da gente, que tem já nela feita confraria com bons ornamentos.

Depois se fizeram casas em Pernambuco, Ilhéus e Rio de Janeiro, e assim em todas as Capitanias da costa ha residencia da Companhia e ela é a que acode a todas as necessidades espirituais, assim de Portugueses como de Indios, como mais miudamente se dirá no título seguinte.

DAS OCUPAÇÕES E TRABALHOS DA COMPANHIA

Para se entenderem as ocupações e trabalhos dos da Companhia no Brasil, apontar-se-ão brevemente as povoações de Portugueses e Indios que nele ha, a todas as quais os nossos acodem.

Na Capitania de Pernambuco, além da vila principal chamada Olinda, ha outra que se chama Igaruçu, que dista dela cinco leguas, onde está uma igreja de S. Cosme e Damião de grande devoção e se fazem nela muitos milagres pelos merecimentos destes Santos Martires. Daí a duas leguas está a ilha de Itamaracá com sua vila e igreja.

Item na dita Capitania de Pernambuco ha muitas fazendas e alguns 60 ou mais engenhos de assucar (405) a três, quatro, cinco e oito leguas por terra, cada um dos quais é uma boa povoação com muita gente branca, Negros de Guiné e Indios da terra. A todos estes acodem os da Companhia com prègações, doutrinas e confissões, passando as grandes calmas daquela terra.

Na Baía, além da cidade, ha nove freguezias (406) e alguns 40 engenhos (407) a 4, 8 e 12 leguas por mar e por terra, cheios de Portugueses, Indios da terra e Negros de Guiné, a que os Padres acodem com seus ministerios, porque, ainda que têm curas, não sabem a lingua da terra nem se matam muito por acudir aos de Guiné, nem são para poder prègar aos Portugueses. E isto além das aldeias dos Indios, de que têm particular cuidado os nossos em que sempre residem. Quatorze leguas da cidade para o norte se fez uma ermida da Conceição de Nossa Senhora, na fazenda de um homem dos antigos e principais da terra, mui perfeita e de muita devoção (408). Está em um alto sôbre o mar, onde se vê dos navegantes, e através pelo sertão tem a aldeia dos Indios chamada Santo António (409).

Na Capitania dos Ilhéus ha alguns engenhos (410) e fazendas a duas e mais leguas por mar e por terra, com Indios da terra e Portugueses, aos quais continuamente acodem os nossos.

Na de Porto Seguro, ha duas vilas de Portugueses quatro leguas uma da outra (411), e duas aldeias de Indios da doutrina a

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

cinco leguas, de que os nossos têm particular cuidado, e outras sete ou oito aldeiazinhas a quatro, cinco e seis leguas por terra e dois ou três engenhos de assucar (412) junto delas, ás quais acodem de quando em quando, e de Porto Seguro ao rio das Caravelas ha 20 leguas por mar, onde está outra povoação de Portuguezes que também os Padres visitam.

Na Capitania do Espirito Santo ha duas vilas de Portuguezes perto uma da outra meia legua por mar. Em uma delas, que está na barra e chamam Vila Velha por ser a primeira que ali se fez, está num monte mui alto e em um penedo grande uma ermida de abobada que se chama Nossa Senhora da Pena, que se vê longe do mar e é grande refrigerio e devoção dos navegantes e quasi todos vêm a ela em romaria, cumprindo as promessas que fazem nas tormentas, sentindo particular ajuda na Virgem Nossa Senhora, e diz-se nela missa muitas vezes. Esta ermida edificou-a um Castelhana com ordens sacras chamado frei Pedro, frade dos Capuchos, que cá veio com licença de seu Superior, homem de vida exemplar, o qual veio ao Brasil com zêlo da salvação das almas e com ele andava pelas aldeias da Baía em companhia dos Padres. Desejando de batizar alguns desamparados e como não sabia letras nem a lingua, porque êste seu zêlo não fosse, *non sine scientia*, batizando alguns adultos sem o aparelho necessario, admoestado dos Padres, lhes pediu em escrito algum aparelho na lingua da terra para poder batizar alguns que achasse sem remédio e os Padres não pudessem acudir e assim remediava muitos inocentes e alguns adultos. Com êste mesmo zêlo se foi á Capitania do Espirito Santo onde fez o mesmo algum tempo, confessando-se com os Padres e comungando a miudo, até que começou e acabou esta ermida de Nossa Senhora com ajuda dos devotos moradores, e ao pé dela fez uma cazinha pequenina á honra de S. Francisco, na qual morreu com mostras de muita santidade (413).

Ha mais nesta Capitania quatro ou cinco engenhos (414) a três e quatro leguas, por mar e por terra, com Indios. Ha ao longo da costa, 8 leguas para o Sul e outras 8 para o Norte, quatro ou cinco aldeias de Indios que os nossos visitam por mar e ás vezes por terra onde ha conversão e se batizam e casam ordinariamente. Além

destas tem duas aldeias muito populosas de Indios (415), algumas 3 leguas da vila por agua com suas igrejas, as quais ha muitos anos que sustentam e têm nelas residencia, e onde se têm ganhado e ganham muitas almas e sempre do sertão vêm Indios á fama delas a morar com seus parentes e fazer-se cristãos.

No Rio de Janeiro está a cidade e muitas fazendas pela baía dentro que deve ser de algumas 20 leguas em roda. Além dela têm os Padres duas aldeias de Indios (416), uma defronte da cidade em que têm residencia desde o princípio da povoação do Rio, e outra daí cinco leguas por terra e por mar que se visita a miudo.

Na Capitania de S. Vicente dentro da ilha que é a que primeiro se povoou, ha duas vilas de Portugueses (417), duas leguas uma da outra, por terra, e ha três ou quatro engenhos de assucar (418) e muitas fazendas pelo reconcavo daquela baía e três ou quatro leguas por mar. Item, em frente tem a ilha de Guaibe, no cabo da qual, para o Norte, tem uma barra com as fortalezas da Bertioga quatro e seis leguas das vilas, e da parte do Sul, que é a outra barra, tem o forte que agora se fez por Diogo Florez, general, com gente de guarnição (419), e dentro da mesma ilha estão moradores com a igreja de S. Amaro (420).

Ao longo da praia, na terra firme, nove ou dez leguas da vila de S. Vicente para o Sul, tem uma vila chamada Itanhaen de Portugueses e junto dela, da outra banda do rio como uma legua, tem duas aldeias pequenas de Indios cristãos. Nesta vila tem uma igreja de pedra e cal, na qual, quando se reedificou, o Administrador deitou a primeira pedra com toda a solenidade: é da Conceição de Nossa Senhora, onde de toda a capitania vão em romaria e a ter novenas, e fazem-se nela milagres.

Para o sertão, caminho do Noroeste, além de umas altissimas serras que estão sobre o mar, tem a vila de Piratininga ou de São Paulo, 14 ou 15 leguas da vila de S. Vicente, três por mar e as mais por terra, por uns dos mais trabalhosos caminhos que creio ha em muita parte do mundo (421). Este campo é mui fertil de mantimentos, criações de vacas, porcos, cavalos, aves, etc. Dá-se nele muito vinho, marmelos e outras frutas da Espanha e trigo e ce-

vada, posto que os homens não curam de o semear pela facilidade e bondade do mantimento da terra que chamam mandioca.

Esta vila antigamente era da invocação de S. André (422) e estava três leguas mais para o mar, na borda e entrada do campo, e no ano de 60 por mandado do governador Mem de Sá se mudou a Piratininga, porque não tinham cura e sómente dos Padres da Companhia era visitada e sacramentada, assim os Portugueses como os Indios seus escravos (423), como nem ainda agora têm outro cura senão os da Companhia que lhes ministram todos os sacramentos por caridade; onde temos casa e igreja da conversão de São Paulo, porque em tal dia se disse a primeira missa naquela terra numa pobre czinha, e em Piratininga, como acima se disse, se começou de proposito a conversão do Brasil, sendo esta a primeira igreja que se fez entre o gentio (424).

Junto desta vila, ao princípio havia 12 aldeias (425), não muito grandes, de Indios, a uma, duas e três leguas por agua e por terra, as quais eram continuamente visitadas pelos Padres e se ganharam muitas almas pelo batismo e outros sacramentos. Agorã estão quasi juntas todos em duas: uma está uma legua da vila, outra duas, cada uma das quais tem igreja e é visitada dos nossos como acima se disse (426). As fazendas dos Portugueses também estão da mesma maneira espalhadas a duas e três leguas e acodem os domingos e dias santos á missa.

Em todas as Capitanias ha Casas de Misericordia, que servem de hospitais, edificadas e sustentadas pelos moradores da terra com muita devoção, em que se dão muitas esmolas, assim em vida como em morte, e se casam muitas órfãs, curam os enfermos de toda a sorte e fazem outras obras pias, conforme a seu instituto e a possibilidade de cada uma e anda o regimento delas nos principais da terra. Ha também muitas confrarias em que se esmeram muito e trabalham de as levar adeante com muito cuidado e devoção.

A todas estas Capitanias desta maneira divididas acodem sempre os nossos com seus ministerios e quanto aos Portugueses eles levam *pondus diei et astus* nas prègações, confissões, doutrinas, etc., porque tirando a Baía e Pernambuco (posto que também nestas a maior parte das confissões e prègações é dos Padres) em todas

as mais quasi nunca ha prègação senão da Companhia e quasi toda a gente se confessa com ela e são notados os que com a Companhia se não confessam, de maneira que não têm os curas mais que fazer que dizer suas missas, batizar crianças e dar o sacramento da Eucaristia e Extrema Unção, enterrar e ainda nisto muitas vezes são relevados pelos nossos por eles não poderem acudir.

Quanto aos escravos dos Portugueses, Indios da terra, desde que o Brasil é povoado nunca se disse missa nem por cura nem por mandado do Bispo algum por respeito deles, antes em partes onde não ha casas da Companhia nunca a ouvem, nunca por cura foram confessados porque lhes não sabem a lingua, sinão algum agora nestes tempos que ha já algum mestiço sacerdote.

Nos batizados que se faziam, como não levavam nenhum apparelho nem conhecimento das cousas da Fé, nem arrependimento de pecados, não sòmente não recebiam graça, mas muitas vezes nem carater pela grande ignorancia deles que não sabiam o que recebiam e dos que lho davam sem lho dar a entender, e desta maneira viviam e vivem ainda agora muitos em perpétuas trevas sem terem mais que nomes de cristãos, de maneira que assim se haviam com eles e ainda agora se hão, como que não fossem suas ovelhas; nem os Bispos fazem muito caso disso, pois com os Indios livres visto está que se não faz diligência nenhuma no que toca a sua salvação, quasi como de gente que não tem alma racional nem foi criada e redimida para a Glória.

Toda esta carga tomou a Companhia a seus ombros, porque, desde que entrou no Brasil, logo ordenou que se dissesse cada domingo missa particular para os escravos e isto continuou até agora em toda a costa, doutrinando-os cada dia, instruindo-os para o Batismo, casando-os e confessando-os, nem se sabe em toda a terra chamar outrem para lhes acudir senão os nossos.

Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos lugares a que acodem, se podem conjecturar: perigos de cobras, de que ha grandissima cópia nesta terra, de diversas especies, que ordinariamente matam com sua peçonha, de que frequentissimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; perigos de onças ou tigres, que tambem são muitos pelos deser-

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

tos e matos por onde é necessario caminhar; perigos de inimigos de que algumas vezes por providência divina têm escapado; tormentas por mar e naufragios, passagens de rios caudalosos, tudo isso é ordinario; calmas muitas vezes excessivas que parece chegar um homem a ponto de morte, de que vêm a passar gravissimas enfermidades; frio principalmente na Capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam Indios mortos de frio e assim acontecia muitas vezes, ao menos aos princípios, a maior parte da noite não poder dormir de frio nos matos por falta de roupa e de fogo, porque nem calça nem sapato havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e contínuas, e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam aguas muito frias por longo espaço pela cinta e ás vezes pelos peitos; e todo o dia com chuva muito grossa e fria gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo sem haver outra que mudar. E contudo, nada disto se estima e muitas vezes por acudir a batizar ou confessar um escravo de um Português se andam seis e sete leguas a pé, e ás vezes sem comer; fomes, sêdes *et alia hujusmodi*; e finalmente, a nada disto se negam os nossos, mas sem diferença de tempos, noites nem dias, lhes acodem e muitas vezes sem ser chamados os andam a buscar pelas fazendas de seus senhores, onde estão desamparados. E quando ha doenças gerais, como houve cá muitas vezes de bexigas, priorizes, tabardilho, camaras de sangue, etc., não ha descansar, e nisto se gasta cá a vida dos nossos, com que se têm ganhado em todo o Brasil muitas almas ao Senhor.

Acompanharam algumas vezes nas guerras justas os governadores e capitães onde remedeiam as almas dos Portugueses e dos escravos Indios, batizando e confessando, e além disso por seu meio se têm alcançadas vitorias mui notaveis estando os Portugueses em evidentes perigos de ser destruidos, como se viu na guerra que fez António Salema ao Cabo Frio, onde na primeira aldeia que havia em toda a terra que estava ali junta, estavam já em grande tribulação e o Indio principal dela, ouvindo e conhecendo as palavras de um nosso Padre, se entregou a si e a toda a aldeia e dali se sujeitou todo o Cabo Frio sem trabalho (427).

O mesmo foi na Capitania do Espirito Santo: estando quasi

todos os moradores sôbre uma forte aldeia daí 30 leguas, já desconfiados e em perigo de se perder, pelas palavras de outro nosso Padre se entregou aquela aldeia e outras. E assim aconteceu noutras em S. Vicente, pois no Rio de Janeiro, temendo-se os Portugueses que estava o sertão alevantado acorreram-se aos Padres e assim pelo bem comum foi lá mandado um Padre lingua muito doente que havia muitos anos que lançava sangue pela boca e entrou muitas leguas pelo sertão, passando aquelas serras que são as maiores que ha no Brasil e esteve lá seis meses e pacificou o sertão e trouxe comsigo algumas 600 almas de Indios passando grandissimos trabalhos e perigos dos quais Indios se fez uma das aldeias do Rio e são já quasi todos cristãos.

O que os nossos têm feito e fazem na conversão dos Indios livres ver-se-á por outra informação, que com esta vai, que trata isso particularmente, dos quais Indios têm feito muitos capazes do Santissimo Sacramento, que recebem com muita devoção, — capazes, digo, quanto ao conhecimento dêste altissimo misterio, que, quanto á vida, não tenho dúvida que excede á maior parte dos Portugueses do Brasil, porque muito menos pecados cometem que eles, e os peores nesta parte são os que com eles têm mais trato e isto se lles pega de sua conversação e exemplo. Naquela mesma informação se verão os inconvenientes que houve e ha para sua conversão e poucas ajudas e as causas da sua diminuição: dela mesma se pôde coligir o número de cristãos que são feitos e mortos, posto que, além dos proprios das aldeias se tem feito outra grande multidão deles em missões e contínuas visitas, como acima se tem tocado, e bem creio que chegarão a cem mil (427-A).

DOS COLEGIOS DA COMPANHIA

A casa de S. Paulo de Piratininga como foi princípio de conversão, assim também o foi dos Colegios do Brasil. Esteve esta provincia creio que até ao ano de 1554 ou 1555 (428) subordinada a Portugal e neste mesmo ano foi nomeado por Provincial o Padre Manuel de Nobrega, no qual tempo indo a S. Vicente o Padre Luiz

da Grã, seu colateral, em Janeiro de 1556, com seu parecer e conselho fez o Padre Nobrega daquela casa collegio, applicando-lhe toda a fazenda movel e de raiz que havia na capitania de S. Vicente que pertencesse á Companhia.

Ali houve sempre estudo de latim para os Irmãos da Companhia e uma lição de casos que lhes lia o Padre Luiz da Grã até ao ano de 1561, no qual se mudou o estudo para a vila de S. Vicente, porque havia já lá moços de fóra que podiam estudar, dos quaes se juntaram uns poucos que estudaram; mas com as guerras que sobrevieram do gentio, não se pôde continuar senão até ao ano de 62, e contudo ficou a casa de S. Vicente com título de collegio mudado de S. Paulo para ali até á era de 1566, em que chegou lá o padre Inacio de Azevedo, martir (429), que vinha por Visitador e ordenou que dali por deante, se houvesse de haver collegio, se mudasse para o Rio de Janeiro, o qual se esperava que iria cada vez em maior aumento, por ser capitania d'El-Rei e terra mais rica e fertil como depois se fez.

Ao tempo que chegou o Padre Luiz da Grã a S. Vicente, no ano de 1556 (430), estava o Padre Manuel da Nobrega determinado de ir ao rio da Prata, em companhia de uns castelhanos que entravam pelo sertão, porque naquela terra havia grandissimas esperanças de grande conversão dos Indios Carijós, que são da corôa de Castela. Mas, com ajuda do Padre Luiz da Grã, que era seu colateral, se mudou o conselho, por ser aquele reino estranho, e, deixando o dito Padre em S. Vicente, em seu lugar, se foi á Baía, levando comsigo alguns Irmãos no ano de 56 (431), e dali por deante se começou ali o estudo da gramatica mais de proposito aos Irmãos da Companhia, e ordenou que aquella casa fosse collegio no ano de 1556, com algumas terras e vacas que tinha, o qual depois se dotou para 60 irmãos por el-rei D. Sebastião, no ano de 1565.

Este collegio foi o segundo da Companhia no Brasil, e como a cidade da Baía teve grandes aumentos nos engenhos de assucar e fazendas e muito trato de Portugueses, e como é o assento dos Governadores e Bispos, assim ele tambem cresceu muito, porque todos os Irmãos que eram mandados de Portugal vinham a ele e proseguiu seu estudo muito de proposito, abrindo-se escolas para todos

os de fóra. Nele ha de ordinario escola de lêr, escrever algarismo, duas classes de humanidade, leram-se já dois cursos de artes em que se fizeram alguns mestres de casa e de fóra, e agora se acaba terceiro. Ha lição ordinaria de casos de conciência, e, ás vezes, duas de teologia, donde saíram já alguns mancebos prègadores, de que o Bispo se aproveita para sua Sé, e alguns curas para as freguezias. A êste collegio estiveram subordinadas todas as casas das capitancias, até que houve outros collegios, e agora não são mais a ele subordinadas que as de Ilhéus e Porto Seguro.

O segundo collegio é o de Rio de Janeiro, que se fundou e dotou para cincoenta por El-Rei D. Sebastião no ano de 1567. Nele houve sempre escola de lêr, escrever e algarismo, uma classe de latim e lição de casos de conciência para toda a sorte de gente e para aqui, como dito é, se mudou o primeiro collegio que houve em S. Paulo e S. Vicente: a êste collegio estão subordinadas as casas de S. Vicente e S. Paulo de Piratininga e a do Espirito Santo.

O último collegio é o de Pernambuco e foi fundado e dotado para vinte por el-rei D. Sebastião no ano de 1576. Nele houve sempre escola de ler, escrever e algarismo, uma classe de latim, e uma lição de casos, de maneira que os collegios agora são três: o primeiro e principal é o da Baía, segundo o de Rio de Janeiro, terceiro o de Pernambuco, os quais têm suas rendas.

As mais casas vivem de esmola que lhes dão os moradores, fracamente, conforme a sua possibilidade, que é pouca; e porque eles não podem suprir a tudo por serem pobres, os collegios provêm as casas que lhes são subordinadas de vestido, vinho, azeite, farinha para ostias e outras cousas que não ha na terra e hão de vir necessariamente de Portugal. Em todas estas casas ha sempre escola de lêr, escrever e algarismo para os moços de fóra.

DOS PROVINCIAIS DO BRASIL E REITORES DOS COLEGIOS

O primeiro Provincial foi o Padre Manuel de Nobrega no ano de 1555, porque até então foi subordinada esta provincia á de Portugal; durou no cargo até ao ano de 1559 (432).

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

No de 1559 foi o segundo Provincial o Padre Luiz da Grã (433) até ao ano de 1570 em que vinha por Provincial o Padre Inacio de Azevedo, martir, que fica no terceiro lugar (434).

No quarto lugar foi outra vez nomeado o padre Manuel da Nobrega, mas era falecido no mesmo ano que o padre Inacio, martir, e portanto ficou por Vice-Provincial o Padre Antonio Pires, que era superintendente do Collegio da Baía, e isto por ordem que assim deixou o Padre Inacio, martir, em sua visita: teve este cargo nove meses e faleceu em Março de 1572. Depois de sua morte, pela mesma ordem do Padre Inacio, martir, ficou por Vice-Provincial o Padre Gregorio Serrão, reitor do Collegio da Baía: teve êste cargo um mês.

O quinto Provincial foi o Padre Inacio Tolosa, Espanhol (435), no ano de 1572 até ao ano de 1577.

O sexto Provincial o Padre José de Anchieta, Biscainho (436), o ano de 1577 e ainda tem o cargo nêste presente de 1584.

Reitores dos Collegios foram os seguintes: do da Baía foram algum tempo os Padres Francisco Pires, Manuel de Paiva, João de Melo (437), Portugueses, depois foi o Padre Gregorio Serrão, Português, que teve o offício alguns 20 anos; e sendo ele eleito por Procurador para ir a Roma, teve o cargo pouco tempo o Padre Luiz da Grã, Português, e depois o Padre Quiricio Caixa (438), Castelhana, dois anos, todo o tempo que o Padre Gregorio Serrão gastou na jornada, o qual veio de lá outra vez, com o mesmo cargo, e até ao presente ano de 1584 persevera nele, e por sua velhice e longa enfermidade foi eleito o Padre Luiz da Fonseca (439), Português, por vice-reitor, e já agora, porque o dito Padre Gregorio Serrão não pode fazer o seu offício, é reitor.

Do Collegio do Rio de Janeiro foi o primeiro o Padre Manuel de Nobrega que o começou *a fundamentis* e nele acabou a vida, depois de deixar toda aquella terra sujeita e pacífica, com os Indios Tamoios sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a El-Rei, sendo ele o que mais fez na povoação dela, porque com seu conselho, fervor e ajuda se começou, continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro. Depois lhe sucedeu o Padre Braz Lourenço, Português, alguns anos e a ele o Padre Pedro de Toledo, Castelhana (440), o qual primei-

JOSEPH DE ANCHIETA

ro foi vice-reitor e depois reitor. Agora tem o cargo de reitor o Padre Inacio de Tolosa.

Do Collegio de Pernambuco foi o Padre Agustin del Castilho, Castelhana (441), o qual aí mesmo morreu, e depois o Padre Luiz da Grã, que ainda agora tem o cargo.

DAS RELIQUIAS E INDULGÊNCIAS

Pela benignidade de Deus, dos Sumos Pontifices, da Imperatriz e de outros Senhores e Reis, vieram ao Brasil reliquias muito notaveis, a saber: o lenho da Cruz, seis cabeças das Onze Mil Virgens e as reliquias de S. Sebastião, S. Braz, S. Cristóvão, dos Martires Tebeus e de outros muitos santos, *Agnus Dei* e Contas bentas, que estão repartidas pelos Collegios e casas da Companhia, e com as quais se excitou muito a devoção dos moradores do Brasil e se tem feito muito proveito nas almas (442).

Assim mesmo muitas Indulgências plenarias e Jubileus que se ganham muito frequentemente, assim pelos Portugueses como pelos Indios, e é tanta a misericordia de Deus nesta parte e a liberalidade dos Sumos Pontifices seus vigarios que cada mês ha jubileu em nossos collegios, com grande frequencia de confissões e comunhões para a glória do mesmo Deus e proveito das almas e os mesmos soldados das armadas e marinheiros vão de cá enriquecidos com *Agnus Dei*, Contas bentas, e Indulgências plenarias que se lhes concedem pelos Padres da Companhia (443).

DOS COSTUMES DOS BRASIS

Desde o rio do Maranhão, que está além de Pernambuco para o Norte, até a terra dos Carijós, que se estende para o Sul desde a alagôa dos Patos até perto do rio que chamam de Martim Afonso, em que pode haver 800 leguas de costa, em todo o sertão dela que se estenderá com 200 ou 300 leguas, tirando o dos Carijós, que é muito maior e chega até ás serras do Perú, ha uma só lingua (444).

Todos êstes ordinariamente andam nús, ainda que os Carijós e alguns dali para avante, por ser terra muito fria, usam de peles de veados e outros animais que matam e comem, e as mulheres fazem umas como mantas de algodão que cobrem meio corpo (445).

Todos os da costa que têm uma mesma lingua comem carne humana, posto que alguns em particular nunca comeram e têm grandissimo nojo dela. Entre os Tapuias se acham muitas nações que não a comem, nem matam os inimigos senão no conflito da guerra.

A maior honra que têm é tomar algum contrário na guerra e disto fazem mais caso que de matar, porque muitos dos que o tomam os dão a matar a outros, para que fiquem com algum nome, o qual tomam de novo quando os matam, e tantos nomes têm quantos inimigos mataram, posto que os mais honrados e estimados e tidos por mais valentes são os que os tomam (446). Naturalmente são inclinados a matar, mas não são crueis (447): porque ordinariamente nenhum tormento dão aos inimigos, porque se os não matam no conflito da guerra, depois tratam-os muito bem, e contentam-se com lhes quebrar a cabeça com um pau, que é morte muito facil, porque ás vezes os matam de uma pancada ou ao menos com ela perdem logo os sentidos. Se de alguma crueldade usam, ainda que raramente, é com o exemplo dos Portugueses e Franceses.

Casamentos de ordinario não celebram entre si e assim um tem três e quatro mulheres, posto que muitos não têm mais do que uma só e, se é grande principal e valente, tem dez, doze e vinte (448). Tomam umas e deixam outras: verdade é que em muitos ha verdadeiros matrimonios *in lege naturæ*, e assim muitos mancebos até que casem, por ordem e conceito de seus pais servem ao sogro ou sogra que ha de ser, antes que lhe dêem a filha, e assim quem tem mais filhas é mais honrado pelos genros que com elas adquirem, que são sempre muito sujeitos a seus sogros e cunhados, os quais depois dos pais têm grandissimo poder sobre as irmãs e muito particular amor, como elas tambem toda a sujeição e amor aos irmãos com toda a honestidade. Todos os filhos e filhas de irmãos têm por filhos e assim os chamam; e desta maneira um homem de 50 anos chama pai a um menino de um dia, por ser irmão de seu pai e por esta ordem tem grande reverência a todas as mulheres que

vêm pela linha dos machos, não casando com elas de nenhuma maneira, ainda que sejam fóra do quarto grau. As sobrinhas, filhas de irmãs e *deinceps*, têm por verdadeiras mulheres, e comumente casam com elas, *sine discrimine* (449).

Os de uma nação são muito pacíficos entre si, e de maravilha pelejam senão de palavra e ás punhadas, e se alguma hora com a quentura demasiada do vinho vai a cousa muito avante, as mulheres logo lhes escondem as flechas e outras armas, até os tições de fogo, porque se não matem e firam, porque de uma morte destas ás vezes acontece dividir-se uma nação com guerra civil, e matarem-se e comerem-se e destruirem-se, como aconteceu no Rio de Janeiro.

São muito dados ao vinho, o qual fazem das raizes da mandioca que comem, e de milho e outras frutas. Êste vinho fazem as mulheres, e depois de cozidas as raizes ou o milho, o mastigam porque com isso dizem que lhe dão mais gôsto e o fazem ferver mais (450). Dêste enchem muitos e grandes potes, que somente servem disso e depois de ferver dois dias o bebem quasi quente, porque assim não lhes faz tanto mal nem os embebeda tanto, ainda que muitos deles, principalmente os velhos, por muito que bebem, de maravilha perdem o siso, ficam somente quentes e alegres. Com o vinho das frutas que é muito forte se embebedam muito e perdem o siso, mas deste bebem pouco, e sómente o tempo que elas duram; mas o vinho comum das raizes e milho bebem tanto que ás vezes andam dois dias com suas noites bebendo, e ás vezes mais, principalmente nas matanças de contrarios e todo êste tempo cantando e bailando sem cansar nem dormir. Êste vinho comumente o fazem grosso e basto, porque juntamente lhes serve de mantimento e quando bebem nenhuma outra cousa comem. E da mesma maneira quando comem não curam de ter vinho nem agua para beber, nem têm trabalho nisso e algumas vezes acabando de comer, se não têm agua em casa, se vão á fonte a beber, e ás vezes de noite com um tição de fogo na mão, principalmente os que não têm mulher, mãe, ou irmã que lhes traga agua. E nisto nenhum trabalho têm, e quasi não fazem diferença de boa ou má agua, com qualquer se contentam. Os moços pequenos não bebem aque-

les vinhos, e quando algum mancebo ha de começar a beber, fazem-lhe grandes festas, empenando-os e pintando-os como que então começam a ser homens.

Nenhuma creatura adoram por Deus, somente os trovões cuidam que são Deus, mas nem por isso lhes fazem honra alguma, nem comumente têm idolos nem sortes, nem comunicação com o demônio, posto que têm medo dele, porque ás vezes os mata nos matos a pancadas, ou nos rios, e, porque lhes não faça mal, em alguns lugares medonhos e infamados disso, quando passam por eles, lhe deixam alguma flecha ou penas ou outra cousa como por oferta (451).

O que mais crêm e de que lhes nasce muito mal é que em alguns tempos alguns de seus feiticeiros, que chamam Pagés, inventam uns bailes e cantares novos, de que êstes Indios são mui amigos, e entram com eles por toda a terra, e fazem ocupar os Indios em beber e bailar todo o dia e noite, sem cuidado de fazerem mantimentos, e com isto se tem destruido muita gente desta. Cada um dêstes feiticeiros (a que tambem chamam santidade) busca uma invenção com que lhe parece que ganhará mais, porque todo êste é seu intento, e assim um vem dizendo que o mantimento ha de crescer por si, sem fazerem plantados, e juntamente com as caças do mato se lhes hão de vir a meter em casa. Outros dizem que as velhas se hão de tornar moças e para isso fazem lavatorios de algumas ervas com que lavam; outros dizem que os que os não receberem se hão de tornar em passaros e outras invenções semelhantes. Além disto dizem que têm um espirito dentro de si (452), com o qual podem matar, e com isto metem medo e fazem muitos discipulos comunicando êste seu espirito a outros com os defumar e assoprar, e ás vezes é isto de maneira que o que recebe o tal espirito treme e súa grandissimamente. De modo que bem se pode crer que ali particularmente obra o demonio e entre neles, posto que comumente é ruindade, e tudo por lhes darem os Indios o que têm, como sempre fazem, ainda que muitos não crêm cousa nenhuma daquelas, e sabem que são mentiras.

Êstes tambem costumam pintar uns cabacos com olhos e bôca

e os têm com muita veneração escondidos em uma casa escura para que aí vão os Índios a levar suas ofertas.

Todas estas invenções por um vocábulo geral chamam *Caraiba*, que quer dizer como cousa santa, ou sobrenatural; e por esta causa puseram êste nome aos Portugueses, logo quando vieram, tendo-os por cousa grande, como do outro mundo, por virem de tão longe por cima das aguas (453). Êstes mesmos feiticeiros e outros que não chegam a tanto, costumam esfregar, chupar e defumar os doentes nas partes que têm lesas e dizem que com isto os saram e disto ha muito uso, porque com o desejo da saúde muitos se lhes dão a chupar, posto que os não crêm. Outros agouros e abusões têm em passaros e em raizes e finalmente em tudo, que são infinitos, mas tudo é cousa de pouco momento.

Têm alguma notícia do diluvio, mas muito confusa, por lhes ficar de mão em mão dos maiores e contam a história de diversas maneiras. Tambem lhes ficou dos antigos notícias de uns dois homens que andavam entre eles, um bom e outro mau, ao bom chamavam *Cumé*, que deve de ser o apóstolo S. Tomé, e êste dizem que lhes fazia boas obras mas não se lembram em particular de nada. Em algumas partes se acham pègadas de homens impressas em pedra, maximè em São Vicente, onde no cabo de uma praia, em uma penedia mui rija, em que bate continuamente o mar, estão muitas pègadas, como de duas pessoas diferentes, umas maiores, outras menores que parecem frescas como de pés que vinham cheios de areia, mas se verá elas estão impressas na mesma pedra. Estas é possível que fossem dêste Santo Apóstolo e algum seu discípulo (454).

O outro homem chamavam *Maira*, que dizem que lhes fazia mal e era contrário de *Cumé*; e por esta causa os que estão de guerra com os Portugueses, lhes chamam *Maira* (455). Êstes são os costumes mais de notar desta gente do Brasil, que para se fazer relação miudamente de todos era necessario um livro mui grande.

DOS IMPEDIMENTOS PARA A CONVERSÃO DOS BRASILEIROS, DEPOIS DE CONVERTIDOS, PARA O APROVEITAMENTO NOS COSTUMES E VIDA CRISTÃ

Os impedimentos que ha para a conversão e perseverar na vida cristã de parte dos Indios, são seus costumes inveterados, como em todas as outras nações, como o terem muitas mulheres; seus vinhos em que são muito continuos e em tirar-lhos ha ordinariamente mais dificuldade que em todo o mais, por ser como seu mantimento, e assim não lhos tiram os Padres de todo, senão o excesso que neles ha, porque assim moderado quasi nunca se embebedam nem fazem outros desatinos. Item as guerras em que pretendem vingança dos inimigos, e tomarem nomes novos, e titulos de honra; o serem naturalmente pouco constantes no começado, e sobretudo faltar-lhes temor e sujeição, porque, como em todos os homens, assim nestes muito mais *initium sapientiæ timor Domini est*, o qual lhes ha de entrar por temor da pena temporal, porque havendo isto tomam o jugo da lei de Deus e perseveram nele ao menos com muito menos pecados que os Portuguezes, pois já o tornarem atrás da fé de maravilha se viu neles, porque, como nada adoram, facilmente crêm o que se lhes diz que hão de crêr: mas por outra parte, como não têm muito discurso, facilmente se lhes meterá em cabeça qualquer cousa, ao menos de maus costumes. Ajunta-se a isto que são de uma natureza tão descansada que, se não forem sempre aguilhoados, pouco bastará para não irem á missa nem buscarem outros remedios para a sua salvação.

Todos êstes impedimentos e costumes são mui faceis de se tirar se houver temôr e sujeição, como se viu por experiencia desde do tempo do governador Mem de Sá até agora; porque com o os obrigar a se juntar e terem igreja, bastou para receberem a doutrina dos Padres e perseverar nela até agora, e assim será sempre, durando esta sujeição, havendo residencia de mestres com eles que os não deixem cair por sua natural frieza, e os incitem cada vez a maiores cousas, como se vê agora que são muito amigos de vir á missa todas as festas, e alguns pela semana, confessarem-se muitas vezes e serem muito capazes da Santissima Comu-

nhão, para a qual se aparelham com muita devoção, jejuando e disciplinando-se á vespera; e os que não têm ainda comungado trabalham muito de se aparelhar para isso, fazendo tudo que se lhes ordena.

Por aqui se vê que os maiores impedimentos nascem dos Portugueses, e o primeiro é não haver neles zêlo da salvação dos Indios, *etiam* naqueles *quibus incumbit ex officio*, antes os têm por selvagens, e, ao que mostram, lhes pesa de ouvir dizer que sabem eles alguma cousa da lei de Deus, e trabalham de persuadir que é assim; e com isto pouco se lhes dá aos senhores que têm escravos, que não ouçam missa, nem se confessem, e estêjam amancebados. E, se o fazem, é pelos continuos brados da Companhia, e logo se enxerga claro nos tementes a Deus que seus escravos vivem diferentemente pelo particular cuidado que têm deles.

Os que nesta parte mais padecem são os pobres escravos e os mais Indios livres que estão em poder dos Portugueses, que não podem ser muitas vezes doutrinados dos Padres, e assim o maior mal que se faz aos Indios da doutrina, quando vão ajudar os Portugueses em suas fazendas, é que alguns lhes dão as escravas, para com isso os prender mais tempo. Outros não os proibem, e desta maneira os que peor vivem são os que mais tratam com os Portugueses, ensinados de seu mau exemplo, e muitas vezes peor doutrina, em que os admoestam que não tenham dever com a doutrina dos Padres; posto que dêstes não são senão alguns desalmados, mas os de mau exemplo e pouco zêlo são muitos.

O que mais espanta aos Indios e os faz fugir dos Portugueses, e por consequencia das igrejas, são as tiranias que com eles usam obrigando-os a servir toda a sua vida como escravos, apartando mulheres de maridos, pais de filhos, ferrando-os, vendendo-os, etc., e se algum, usando de sua liberdade, se vai para as igrejas de seus parentes que são cristãos, não o consentem lá estar, de onde muitas vezes os Indios, por não tornarem ao seu poder, fogem pelos matos, e quando mais não podem, antes se vão dar a comer a seus contrarios; de maneira que estas injustiças e sem razões foram a causa da destruição das igrejas que estavam congregadas e o são agora de muita perdição dos que estão em seu poder.

NOTAS

(357) Pbl. na "Revista do Instituto Historico", VI, p. 404-35, segundo a cópia fornecida por Varnhagen do manuscrito em lingua portuguesa e letra do seculo XVI, existente na Biblioteca de Evora. Capistrano de Abreu, que obteve uma cópia mais fiel, publicou-a pela segunda vez no n. I dos *Materiais e Achêgas para a História e Geografia do Brasil* (Rio, Imprensa Nacional, 1886, p. 1-30), atribuindo-a a Anchieta. Essa autoria, já insinuada por Varnhagen na primeira edição da *História Geral* e sustentada por Candido Mendes de Almeida na "Rev. do Inst. Hist." (XLV, parte II, p. 191-2), se depreende antes de tudo, segundo Capistrano, da minuciosidade com que a *Informação* "se refere a S. Paulo, mencionando a guerra de 1562 com os Indios, que apenas durou dois dias, aludindo a um *nescio quid* de mais virtude, devoção e afeição á Companhia que se enxerga naquela terra, referindo-se á reedificação da igreja de Itanhaen, á penedia de São Vicente em que se notam pisadas de homens". Comparadas essas minúcias com o "modo breve por que se refere ao Norte", a conclusão será "que ao autor era muito mais familiar o Sul que o Norte", justamente o caso de Anchieta, que até o tempo de seu provincialato só duas vezes e por pouco tempo esteve na Baía. Ha, além disso, a referencia "a alguns fatos a que ele esteve presente e que vêm referidos e outros que só conhecemos por suas cartas, como a fundação do Rio de Janeiro; a tomada de uma nau francesa nesta ocasião; a história dos frades de hábito branco; a fundação de São Paulo com as doze aldeias primitivas que a cercavam e com o frio que sofreram os primeiros povoadores tão vividamente pintado; a viagem frustrada do padre Manuel da Nobrega ao rio da Prata". Finalmente, traz a *Informação* "em mais de uma parte o ano em que foi escrita — 1584" e menciona a morte do padre Manuel de Paiva, no Espirito Santo, a 21 de dezembro do mesmo ano, donde a conclusão de que foi escrita entre 21 e 31 de dezembro de 1584. Ora, escreve Capistrano, "graças a Fernão Cardim (*Narrativa epistolar*, p. 89-97) sabemos que neste tempo Anchieta estava no Rio de Janeiro, onde chegou com o padre Cristóvão de Gouvêa a 20 de dezembro depois de viagem acidentada. Foi á vista dos lugares em que tantas cenas se desenrolaram importantes, em que ele representou papel eminente, que suas recordações se avivaram e por isso entrou elle em particulares tão curiosos". Capistrano não conhecia ainda a *Breve narração das coisas relativas aos Colegios e residencias da Companhia nesta provincia Brasileira, no ano de 1584*, só publicada em 1897 pelos "Anais da Bibliotéca Nacional". E daí o unico reparo que se pode fazer á sua magistral argumentação. Porque esse documento, datado da Baía a 28 de dezembro de 1584, demonstra que Anchieta não se encontrava por essa época no Rio de Janeiro, como mais desenvolvidamente se verá na nota 545. — Seria a *Informação* datada dêsse mesmo dia? Em novembro, o navio do visitador Cristóvão de Gouvêa gastara sete dias na viagem da Baía ao Espirito Santo. Para que a *Informação* tivesse a data de 28, seria portanto preciso que a embarcação que levou á Baía a notícia da morte de Manuel de Paiva, ocorrida a 21, partisse nesse mesmo dia do Espirito Santo e percorresse tambem numa semana, no sentido contrario, as 120 leguas do trajeto. Mais provavel, porém, que a referencia á morte de Paiva tivesse sido acrescentada posteriormente, já em 1585, como parecem indicar os termos em que foi redigida: "... o padre Manuel de Paiva que faleceu no Espirito Santo a 21 de dezem-

JOSEPH DE ANCHIETA

bro de 84", e não, conforme escreve Anchieta linhas adiante e seria mais correto, "... a 21 de dezembro do *presente* ano de 84".

(358) Nota de Capistrano (*Mat. e Ach.*, I): "Aliás treze, o nome de cujos comandantes com pequenas divergencias trazem Castanheda, Gaspar Corrêa, Barros e outros". — V. nota de Rodolfo Garcia a Varnhagem (*Hist. Ger.*, 4ª ed., I, p. 85-6).

(359) Nota de Capistrano (l. c.): "Que a doação de Pero Lopes, donatario das Capitánias de Itamaracá e Santo Amaro, foi de 86 leguas demonstra o dr. M. Lopes Machado na "Revista do Instituto Arqueologico e Geografico Pernambucano", Recife, 1884, IV, p. 107-26".

(360) Demonstra Eugenio de Castro ser a ilha de Santo Amaro, "só assim conhecida em documentos oficiais posteriores a 1545", a ilha do Sol, em uma de cujas praias aferrou a nau de Martim Afonso de Sousa no dia 21 de janeiro de 1532 (*Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa*, Rio, 1927, I, p. 337-8). A ilha de Guaibe ou Guaimbé tomou o nome de Santo Amaro de uma capela dedicada a esse santo, ali edificada pelo capitão Jorge Ferreira e outros "habitantes principais" (frei Gaspar, *Mem.*, 3ª ed., pagina 282).

(361) As primeiras autoridades de Santo Amaro foram Gonçalo Afonso, no cargo de ouvidor, e Cristóvão de Aguiar de Altero, no de loco-tenente, ambos nomeados em 1542 por dona Isabel de Gamboa, tutora do donatario Pero Lopes. Morrendo este, Jorge Ferreira foi nomeado ouvidor e loco-tenente de Santo Amaro, acumulando assim os dois cargos. Em 1557 substituiu-o Antonio Rodrigues de Almeida. Por esse tempo a ilha se achava quasi completamente abandonada, pelos motivos que dá Anchieta. Só depois de firmadas as pazes com os Tamoios de Iperoig é que se reiniciou a povoação de Santo Amaro. Em 1578, Lourenço da Veiga, procurador dos sucessores do terceiro donatario Martim Afonso de Sousa, determinou ao ouvidor de São Vicente que "tomasse conhecimento das causas respetivas á Capitania dos seus constituintes" (frei Gaspar, o. c., p. 277-93). Daí o fato de Santo Amaro não ter "justiça particular" e tudo se reputar por São Vicente, como diz Anchieta.

(362) Refere-se Anchieta á estada de Edward Fenton em Santos, onde chegou com dois galeões de guerra a 19 de janeiro de 1583 (v. nota 233), e á luta que com ele, cinco dias depois, travou André Igino ou Eguino, commandando três naus da armada de Diogo Flores Valdez. Foi Igino quem fez construir e guarnecer "um forte na entrada da barra de São Vicente", obra essa que Valdez encampou como sua para compensar o desastre de sua expedição ao Estreito de Magalhães (Varnh., *Hist. Ger.*, 4ª ed., I, p. 473-4, e notas de Capistrano e R. Garcia). A construção do forte só se concluiu em 1590 (nota de R. Garcia a F. Cardim, *Trat.*, p. 413).

(362-A) Sobre as Tapuias em geral, ct. G. Soares (o. c., p. 315 e seg.); e, particularmente sobre os Aimorés, Gandavo (*Trat.*, p. 32-3, e *Hist.*, p. 142-4) e F. Cardim (o. c., p. 198-9).

(363) Francisco Pereira Coutinho já se encontrava na Baía em 20 de dezembro de 1536, data da carta de sesmaria a Diogo Alvares, transcrita por Varnhagem (o. c., I, p. 249-51). Em 1545, hostilizado pelos colonos e guerreado pelos tupinambás, recolheu-se a Porto Seguro, onde ficou mais de

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

um ano. Foi morto pelos Indios de Itaparica, em fins de 1546 ou principios de 1547, depois do naufragio do navio em que tornava á Baía (Capistrano, *Esclarecimentos*, nas *Inf. e Frag. Hist.*, p. 77-8, e notas a Varnhagen, o. c., I, p. 252 e 261-2).

(364) Nota de Capistrano (l. c.): “Na coleção de São Vicente, que existe manuscrita em Lisboa, encontrou Lino d’Assunção o seguinte apontamento inédito: “Armada em que foi d. Duarte. — Na armada em que foi d. Duarte firam quatro velas, *scilicet*: uma náu e três caravelas em que foram 260 pessoas e são mais no Brasil dois navios armados, um em que foi o Bispo e outro em que foi Manuel da Fonseca e levaram ambos 100 pessoas”. — Com. d. Duarte da Costa é que veio a missão jesuitica de que fazia parte Anchieta, chegando á Baía a 13 de julho de 1553.

(365) Durante o governo de d. Duarte da Costa, ergueram-se entre os Indios duas igrejas: a de S. Sebastião e a de Nossa Senhora no Rio Vermelho, ambas extintas mais tarde (V. *Inf. dos Prim. Aldeiam.*).

(366) Mem de Sá chegou á Baía a 28 de dezembro de 1557 (Capistrano, nota a Varnh., o. c., I, p. 378).

(367) V. *Carta XI*, nota 170, e *Inf. dos prim. aldeiam.*

(368) O testamento de Mem de Sá, que faleceu a 2 de março de 1572, foi pela primeira vez publicado por R. Garcia em nota a Varnhagen (o. c., I, p. 445-53).

(369) O conselheiro Luiz de Brito de Almeida chegou á Baía em maio de 1573.

(370) V. nota 456.

(371) O desembargador Antonio de Salema desde 1570 se encontrava em Pernambuco, onde recebeu sua nomeação para governador das Capitanias do Sul.

(372) Porto Seguro tambem fazia parte das Capitanias do Sul, sob o govêrno de Salema (Varnh., o. c., I, p. 456-7).

(373) Manuel Teles Barreto chegou á Baía em 9 de maio de 1583.

(374) E de fato assim aconteceu, pois Varnhagen (o. c., I, p. 496) attribui ás “informações e influência de Teles Barreto” a “lei repressiva acêrca do cativoiro dos Indios de 22 de agosto de 1587”.

(375) O clérigo nigromatico, a que se refere Anchieta, e que é o mesmo “clérigo português magico” de F. Cardim (o. c., p. 196) ou “Padre do Ouro” de frei Vicente do Salvador (*Hist.*, ed. 1918, p. 202), chamava-se Antonio de Gouvêa (Antonio de Gruca, lê-se na *Hist. dos Col.*, l. c., p. 86). A’ documentação que existe a seu respeito, citada por Capistrano (nota a Varnh., o. c., I, p. 453-4) e R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 276-7), deve-se acrescentar o que informa Baltazar Teles (*Cron.*, II, p. 263-7). Nascido em 1528 na Ilha Terceira, “depois de ordenado levou uma vida acidentada por diversos paises da Europa” (Capistrano). Em 1556 entrou na Companhia, sendo recebido no Collegio de Coimbra, de onde foi transferido para São Roque. Despedido logo da Companhia por suas práticas

de nigromancia, deu de difamar os jesuitas. Preso pelo Santo Ofício, foi condenado a galés perpétuas, de onde fugiu para o Brasil, segundo B. Teles. Dos processos de Gouvêa na Inquisição ("Arquivo Historico Português", Lisboa, 1905, III, p. 179-208 e 274-86, e "Rev. do Inst. Arqueil. e Geogr. Pernambucano", XIII, p. 171-211) vê-se entretanto que esteve preso de 1557 a 1564, tendo vindo degredado para o Brasil em 1567. Na Baía foi reintegrado nas ordens sacras pelo bispo d. Pedro Leitão e conquistou em Pernambuco a amizade do donatário Duarte Coelho de Albuquerque. Fazendo-se passar por alquimista e grande conhecedor de minas, guerreou os Índios e moveu uma campanha de difamação contra o jesuita padre Amaro Gonçalves, a quem acusava de herético. E "de tal maneira o acusou deante do juiz da vara da Capitania de Pernambuco, que o reverendo Vigário, enganado com a falsa alquimia deste embusteiro, excedendo seus poderes, quis entender com a Companhia". Afinal Antonio de Gouvêa, contra quem o provedor e vigário geral Silvestre Lourenço já instaurara um processo a 1 de outubro de 1569, foi preso a 25 de abril de 1561 na rua Nova de Olinda, morada do juiz ordinário Henrique Afonso. A ordem de prisão viera de Lisboa, mandando-a executar d. Pedro Leitão que com o padre Luiz da Grã chegara por essa época a Pernambuco (*Hist. dos Col.*). Remetido para Lisboa, deu entrada no carcere a 10 de setembro. Segundo B. Teles, avisados no Reino os Inquisidores "de como apparecera no Brasil o que se tinha feito invisível em Portugal, logo foi ordem pera o mandarem vir, juntamente com o Vigário da vara, que por ignorancia ou malicia dava ouvido a tão falsas acusações. Chegado ao Reino, foi outra vez entregue ao Santo Ofício, em cujos carceres acabou sua vida, sem sabermos o fim que lá teve". Informa ainda B. Teles que, intitulado-se alquimista, prometendo transformar prata em ouro, obteve um officio na Casa de Moeda de Lisboa, onde chegou a ter morada. Expulso, quando descoberto o seu embuste, propôs o negócio a Martim Afonso de Sousa, donatário de São Vicente e ex-governador da Índia, que se deixou embair pelo pretenso alquimista.

(376) Nota de Capistrano (l. c.): "Martim Afonso de Sousa, primeiro donatário, não era então vivo. Desde 1572, succedera-lhe seu filho Pero Lopes de Sousa, cuja doação e foral foram confirmados por d. Sebastião a 25 de julho de 1574. Por falecimento d'este segundo donatário, lhe succedeu na Capitania de São Vicente seu filho Lopo de Sousa, a quem el-rei d. Filipe confirmou a mesma doação e foral por carta passada a 8 de agosto de 1577 (Taques, "Rev. do Inst." IX, p. 151)". — O trabalho de Pedro Taques, citado por Capistrano, é a *História da Capitania de São Vicente*, publicada pela Comp. de Melhoramentos de S. Paulo, s. d., com um esboço biográfico do autor, por Afonso de E. Taunay.

(377) V. nota 224.

(378) V. nota 274. — Anchieta, que assistiu aos combates travados até 31 de março, descreve-os minuciosamente na *Carta XVI*.

(379) Na frota de Mem de Sá, Anchieta embarcou para o Sul com o visitador Inácio de Azevedo, Grã e outros.

(379-A) As duas aldeias ou tranqueiras destruidas foram as de Uruçumirim ou Ibiriguaçumirim e Paranapecú ou Paranapecuí, a primeira em terra firme, na fôz do ribeiro da Carioca, e a segunda na actual ilha do Governador. No ataque a Ibiriguaçumirim é que Estácio de Sá foi frechado, vindo

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

a morrer a 20 de fevereiro (S. de Vasc., *Vida de Anch.*, p. 118; Varnh., *Hist. Ger.*, I, p. 415-16 e nota 19 de Capistrano a R. Garcia).

(380) 22 de junho de 1552 (Nobr., *Cart.*, X, e nota de R. Garcia, p. 128; Candido Mendes de Almeida, *Notas para a História Pátria*, na "Rev. do Inst. Hist.", XL, 2ª. parte, p. 365; Capistrano, nota a Varnh., o. c., I, p. 332 e seg.).

(381) 9 de dezembro de 1559 (Varnh., o. c., I, p. 384).

(382) Em outubro (*Hist. dos Col.*, I, c., p. 98).

(383) 15 de agosto de 1576, segundo Varnhagem, na 2ª. ed., t. II da *Hist. Ger.*

(384) Sobre o administrador Bartolomeu Simões Pereira, v. R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 385). Prêgando nos funerais de Anchieta, foi quem pela primeira vez o chamou Apostolo do Brasil.

(385) A primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil, ordenada pelo cardeal arquiduque Alberto d'Austria, vice-rei de Portugal, só se deu em 1591, quando chegou à Baía o licenciado Heitor Furtado de Mendonça (V. nota 333).

(386) Foi queimado "por relapso" em 1573, condenado "em um ato que se fez da Inquisição (que foi o primeiro do Brasil), no qual prêgou um padre dos nossos", sendo também "ajudado pelos nossos até dar sua alma a Deus", informa o autor da *Hist. dos Col.* (I, c., p. 98). Não se conhecem o nome do herético e as circunstâncias de seu julgamento e morte, observando Capistrano que a expressão "com isso", usada por Anchieta, é ambígua: "pode significar por isso ou apesar disso" (pref. às *Conf. da Baía*, p. 4-5).

(387) Nota de Capistrano, (I, c.): "Este francês que esteve na Baía em 1504, pôde ter sido Binot Paul Mier, de Gonnevillle (D'Avesac, *Campagne du navire L'Espoir d'Honfleur*, Paris, 1869, p. 83) ou Jean Dénis, d'Honfleur, que andou pelo Brasil antes de 1508 (Ramuzio, *Viagi*, III, p. 354). Recentemente Ch. Bréard publicou alguns apontamentos sobre Binot Palmier (*Note sur la famille du Capitaine Gonnevillle, navigateur normand au XVI siècle*, Rouen, 1885), dos quais resultam que o navegador normando chamava-se Robinet le Paulmier, que não tinha o título de nobresa que lhe atribuíram seus descendentes, que é provavelmente o mesmo que em 1578 ocupou o cargo de escabino (*echevin*) na Confraria de Caridade fundada na igreja de Nossa Senhora d'Honfleur. Em tal caso, ao fazer sua viagem ao Brasil deveria ele ter cerca de 60 anos. Quanto a Jean Dénis de Honfleur, apenas se conhece o nome".

(388) Nota de Capistrano (I, c.): "As relações seguidas dos franceses com os brasis datam aproximadamente de 1525 (Gaffarel, *Brésil Français*, Paris, 1876, p. 445). Os maus tratos e sem razões feitas a eles, partiram ou da colonia deixada por Americo Vespuccio em 1504 no Cabo Frio, ou de outra que, segundo todas as probabilidades, houve no local da cidade do Rio de Janeiro. Resta saber se as duas naus não são a mesma".

(389) Nota de Capistrano (I, c.): "Villegaignon chegou ao Rio de Janeiro a 10 de novembro de 1555, como se vê da carta de Nicolas Barré (Gaffarel, o. c., p. 379)".

(390) Villegaignon não deixou o Rio de Janeiro pelo motivo apontado por Anchieta, mas para se defender na França das acusações quer dos católicos, quer dos calvinistas. Censuravam os primeiros as suas relações com a Igreja de Genebra, que a seu pedido enviara uma missão ao Forte de Coligny; e os segundos a sua atitude desleal nas disputas religiosas de que foi teatro a colônia e nas quais João de Bolés tomou parte destacada. Depois de participar das lutas contra os huguenotes, tendo sido ferido no ataque de Rouen, em 1562, pelo mesmo "coup de fauconneau" que atingiu o rei de Navarra e lhe causou a morte dias após, Villegaignon só veio a falecer em janeiro de 1571, na cidade de Beauvais, quando em viagem para a ilha de Malta, onde pretendia acabar seus dias (Gaffarel, o. c., p. 295 e s., 327-8 e 339-40).

(391) Nota de Capistrano (l. c.): "Candido Mendes com razão considera este trecho prova cabal de que não é exata a execução de J. Bolés por Anchieta, que os seus biografos lhe atribuem ("Rev. do Inst. Hist.", XLII, 2ª parte, p. 141-205). Que o João de Bolés de nossos cronistas era o Jean Cointa de Léry demonstraram-no o dr. Ramiz Galvão ("Revista Brasileira", I, Rio, 1879, p. 283) e Candido Mendes no trabalho citado". — V. Carta XI e nota 179.

(392) Em um dos *Esclarecimentos* do n. I dos *Mat. e Ach.*, depois de lembrar o trecho de uma carta de Aspilcueta Navarro (*Cart. Av.*, IV), que por engano atribui a Francisco Pires, trecho esse em que o jesuita se refere a "um rio em o qual ha pouco tempo se afogou um frade de Santo António", sem mencionar porém o "disfarce de que usaram os Indios", observa Capistrano: "Entretanto, a circumstancia do disfarce é narrada por outros historiadores, entre os quais frei Antonio da Piedade (*Crônica da Arrabida*, parte I, l. III, cap. 40, n. 603) e Jaboatão (*Orbe Serafico*, l. ante primo, c. IV), que colocam o fato em Porto Seguro, mas a data em 1503. Na segunda edição de sua *Hist. Ger.*, p. 87, diz Porto Seguro que não crê que os Arrabidos, a que se referem Piedade e Jaboatão, estivessem em 1503 em Porto Seguro. Porque, não o diz. Também sou desta opinião pelos seguintes motivos: desde que os frades eram Arrabidos, como afirmam os cronistas, é natural que se ligasse o nome deles a qualquer parte da terra, principalmente então que quasi toda estava por nomear. Ora, em mapas antigos aparece o nome de Santa Maria d'Arrabida, um pouco ao Norte do cabo de Santo Agostinho. Portanto é aí que se deve localizar seu primitivo estabelecimento". Fundamenta em seguida Capistrano a sua opinião de ser Santa Maria d'Arrabida a baía da Traição e assim conclui: "Admitidas estas idéas, temos pois que os Franciscanos vieram pelo menos duas vezes ao Brasil antes dos Jesuitas: a primeira em 1503, á Paraiba do Norte, como dizem os cronistas da Ordem; a segunda pouco antes de 1551 a Porto Seguro. E' a estes que se deve o nome de rio do Frade, como é aos primeiros que se prende o nome da baía da Traição, isto é, de Santa Maria d'Arrabida".

(393) V. carta XV. — Ao partir para a França, Villegaignon solenemente prometeu aos colonos do Forte de Coligny que voltaria o mais breve possível com grandes reforços. Mas, tornado á patria, entregou-se todo á luta, pela pena e pela espada, contra os huguenotes e esqueceu a colônia que no Brasil fundara. E' o que demonstra Gaffarel (o. c.), sem adiantar palavra a respeito do envio de religiosos, a que se refere Anchieta.

(394) Os beneditinos vieram ao Brasil pela primeira vez em 1581, durante o governo de Lourenço da Veiga, chefiando a missão frei Antonio Ventura (Ramiz Galvão, "Rev. do Inst. Hist.", XXXV, parte II, p. 294 e s.).

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

(394-A) Refere-se Anchieta á armada de Diogo Flores Valdez, que em fevereiro de 1583 chegou á entrada do estreito de Magalhães, de onde voltou para o Brasil.

(395) A chegada á Baía foi a 29 de março.

(396) Faleceu no Rio de Janeiro a 8 de junho de 1598 (v. nota 19).

(397) *Salvador Rodrigues*, já sacerdote, veio em 1550 na missão chefiada por Afonso Braz. Logo depois de sua chegada á Baía, onde tinha sob seu cuidado os meninos (Nobr., *Cart.*, X, e *Cart. Av.*, XIV) e andava pelas aldeias ensinando o gentio (*Cart. Av.*, XI), adoeceu de febres quartãs, vindo a falecer no dia 15 de agosto de 1553, primeiro da Companhia que deixou a vida no Brasil. Anchieta (*Frag. Hist.*) e S. de Vasconcelos (*Cron.*, l. 1, n. 138-9) referem-se á sua humildade, narrando que Salvador Rodrigues, moribundo, muito se affligia por lhe haver dito Nobrega, antes de partir para São Vicente: "Vossa Reverendissima não morra enquanto não voltar". Luiz da Grã, porém, chegado do Reino em julho de 1553, "lhe tirou o escrupulo", desobrigando-o "daquela obediencia, e com isso se determinou de morrer com muita alegria".

(398) Francisco Pires faleceu no Colegio da Baía em janeiro de 1586 (v. nota 18).

(399) Sete, e não seis, foram os jesuitas que vieram com d. Duarte da Costa, sendo Luiz da Grã superior. Anchieta omite o nome do padre Ambrosio Pires. E não é impossível que essa omissão seja proposital, em virtude de Ambrosio Pires haver deixado a Companhia no Reino, para onde seguiu com d. Duarte da Costa, em 1558, depois de três anos de missão no Brasil (v. nota 8).

(400) João Gonçalves faleceu na Baía, a 21 de dezembro de 1558 (v. nota 5).

(401) Precisamente setenta e cinco, de acôrdo com as relações de António Franco (*Synopsis*, nos *Apont.* de A. H. Leal, II) e A. Peixoto (*Cartas Avulsas*).

(402) O número dos jesuitas que compunham a missão fundadora de São Paulo é incertamente fixado em doze ou treze. E a incerteza aumenta quando se trata de identificá-los, só podendo ser indicados nove, com segurança (v. nota 33).

(403) V. carta XI e nota 170.

(404) Cf. *Frag. Hist.*; *Hist. dos Col.* (l. c., p. 104); Pero Rodrigues (*Vida de Anch.*, l. c., p. 193); F. Cardim (*Trat.*, p. 297, e nota de B. Garcia, p. 388); G. Soares (*Trat.*, p. 53); B. Teles (*Cron.*, I, p. 467-8); S. de Vasconcelos (*Cron.*, l. 2, n. 70-2); frei Vicente do Salvador (*Hist.*, ed. de 1918, p. 41); Jaboatão (*Orbe Seraf.*, I, p. 81).

(405) 66 engenhos, dizem a *Inf.* de 85 e F. Cardim (o. c., p. 334). Cerca de 1570 eram eles 23 e, em 1587, 60 (Gandavo, *Trat.*, ed. da Academia, p. 27 e nota 2) ou 50 (G. Soares, o. c., p. 23).

(406) 10 ou 12 freguezias, escreve F. Cardim (o. c., p. 288).

JOSEPH DE ANCHIETA

(407) 46 engenhos, segundo a *Inf.* de 85; e 36, nos quais “se faz o melhor assucar de toda a costa”, no dizer de F. Cardim (o. c., p. 288). — Ao tempo em que Gandavo escreveu o *Trat.*, não passavam de 18. G. Soares (o. c., p. 122 e s.) aponta um a um os que existiam em 1587, indicando a situação e os proprietários.

(408) Refere-se Anchieta a Garcia d’Avila, “dos mais ricos habitantes da Baía naquele tempo, possuidor de muitos currais de gado em toda a costa do rio Real até além de Tatuapára, com grandes edificios de vivendas, capelas e ermidas” (R. Garcia, nota a F. Cardim, o. c., p. 397). Na igreja da Conceição de Nossa Senhora, “mui ornada, toda de abobada”, tinha ele um capelão para lhe ministrar os sacramentos, segundo G. Soares (o. c., p. 37). Chegou ao Brasil em 1549, sendo “criado” de Tomé de Sousa, isto é, moço criado e educado pelo governador (R. Garcia, nota a Varnh., o. c., I, p. 330). Foi o fundador da casa da Torre, tendo adquirido as terras, base de sua grande fortuna, a Tomé de Sousa, que as houvera em 1563 por duas concessões reais (Varnh., o. c., I, p. 330, e nota de Capistrano, p. 339). Garcia d’Avila, de quem Nobrega (*Cart.*, XX) se queixava em 1559 a Tomé de Sousa, foi quem primeiro tentou a redução do gentio do rio Real, que Luiz de Brito d’Almeida veio a conseguir, fundando a vila de Santa Luzia e tornando assim possível a formação da Capitania de Sergipe (Varnh., o. c., I, p. 459-60, e nota de Capistrano; v. ainda a *Inf. dos Prim. Aldeiam.*, e nota 504). A 28 de julho de 1591, na qualidade de vereador mais velho da Camara da Baía, prestou “juramento público da fé na fôrma declarada no Regimento” trazido pelo visitador do Santo Officio (*Conf. da Baía*, p. 14-5). Morreu a 23 de maio de 1609, sendo sepultado na Sé da Baía (Jaboatão, *Catálogo Genealógico*, na “Rev. do Inst. Hist.”, LII, parte I, p. 89).

(409) Nas terras de Garcia d’Avila ficava a aldeia de Santo António, “de indios forros tupinambás”, possuindo os jesuitas perto dela “tres currais de vacas”. Além de “uma fermosa igreja”, havia na aldeia “um recolhimento onde estão sempre um padre de missa e um irmão, que doutrina estes indios na nossa santa fé católica, no que os padres trabalham todo o possível; mas por demais, porque é este gentio tão bárbaro, que até hoje não ha nenhum que viva como cristão, tanto que se apartam da conversação dos padres oito dias” (G. Soares, o. c., p. 37-8). Em Tatuapara, Luiz da Grã fundou em junho de 1561 uma aldeia “com invocação de Jesu” (S. de Vasc., *Cron.*, l. 2, n. 99).

(410) 6 engenhos, segundo a *Inf.* de 85; e 3, segundo F. Cardim (o. c., p. 296). — Por 1570 eram 8 (Gandavo, *Trat.*, p. 31). G. Soares (o. c., página 46) observa: “...deu nesta terra esta praga dos Aimorés de feição que não há aí já mais que seis engenhos, e estes não fazem assucar, nem ha morador que ouse plantar canas...”

(411) Ou melhor, três: Porto Seguro, Santo Amaro e Santa Cruz.

(412) Um único engenho de assucar, diz F. Cardim (o. c., p. 299); nenhum, segundo a *Inf.* de 85. Entretanto, ainda ao tempo do duque de Aveiro, chegaram a ser 5 (Gandavo, *Trat.*, p. 34) ou 7 e até 8, segundo G. Soares (o. c., p. 54). Como a de Ilhéus, a capitania de Porto Seguro se despovoava e arruinava por culpa dos aimorés.

(413) De uma nota de R. Garcia a F. Cardim (o. c., p. 406-7): “O servo de Deus frei Pedro de Palacios, ou do Rio Sêco, perto de Salamanca, na

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

Espanha, era leigo por profissão. Devia ter passado ao Brasil em 1558. Foi encontrado morto na capelinha de São Francisco em 2 de maio de 1570, e dado á sepultura no alpendre da ermida que fundára (Jaboatão, *Orbe Seraf.*, II, p. 44; *Agiologio Lusitano*, I, p. 465 e 469, e III, p. 28 e 39)". — Cf. frei Vicente do Salvador (o. c., 3ª ed., p. 97).

(414) Seis, dizem a *Inf.* de 85 e F. Cardim (o. c., p. 344). Na opinião de Gandavo, o unico engenho que em 1570 ou pouco antes existia no Espírito Santo, produzia "o melhor assucre que ha em todo o Brasil" (*Trat.*, p. 34). Anos mais tarde, F. Cardim dava a primazia ao baiano (V. nota 407).

(415) Nossa Senhora da Conceição e São João.

(416) São Lourenço, aldeia de Arariboia, e São Barnabé, fundada cêrca de 1578 no Cabuçú e mais tarde transferida para as vizinhanças do rio Macacú, onde Anchieta doutrinou algum tempo os indios quando voltava das pescarias de Maricá (R. Garcia, nota a F. Cardim, o. c., p. 409-10).

(417) São Vicente e Santos.

(418) Quatro, precisa a *Inf.* de 85. E êsse número de engenhos era sinal da acentuada decadência da Capitania. Frei Gaspar (*Mem.*, 3ª ed., p. 169 e s.), referindo-se tão sômente aos fabricados até 1557, menciona mais de dez nos termos de São Vicente e Santos. Cêrca de dez anos depois, já não passavam de 4 (Gandavo, *Trat.*, p. 37). Em 1587, eram 4 ou 5, destacando-se o "dos Esquertes de Frandes e o de José Adorno" (G. Soares, o. c., p. 85).

(419) V. notas 233 e 362.

(420) V. nota 361.

(421) V. notas 48 e 305.

(422) Santo André da Borda do Campo, o antigo arraial de João Ramalho, elevado a vila em 1553.

(423) Essa a razão, dada pelos jesuitas, da transferencia do foral de vila de Santo André para São Paulo de Piratininga. Entretanto, a destruição de Santo André é geralmente tida pelos historiadores paulistas como um golpe dos jesuitas contra João Ramalho e seus mamaluços, hostis á obra da catequese (A. de Alcantara Machado, *Anch. na Cap. de São Vicente*, p. 49-54). — Ver a respeito o estudo de Paulo Prado sôbre *O Patriarca* ("Revista Nova", I, p. 529-44).

(424) Segundo S. de Vasconcelos (*Cron.*, liv. I, n. 130), a primeira igreja construida entre o gentio no sertão vicentino foi a de Japiúba ou então Manicoba, a quarenta leguas mais ou menos da costa, aldeias essas que Teodoro Sampaio procurou localizar no mapa constante do volume das conferências do *Cent.* Edificou-a Nobrega em 1553, auxiliado pelo irmão Antônio Rodrigues e alguns catecúmenos de Piratininga.

(425) "Toledo Rendon no v. IV (p. 295-317) e Machado d'Oliveira no v. VIII (p. 204-54) da "Rev. do Inst. Hist.", estudaram os primitivos aldeamentos indigenas de São Vicente. Com os dados escassos que os registos antigos lhe forneceram, o autor do *Quadro Historico* organizou a seguinte lista, que compreende o período que vai de 1560 a 1600, mais ou menos: Pinheiros, ou Carapicuiaba, Baireri ou Mbarueri, São Miguel ou Ururai, Nossa Senhora da

JOSEPH DE ANCHIETA

Escada, Conceição dos Guarulhos, São João de Peroibe, Nossa Senhora da Ajuda de Itaquaquecetuba, Emboú ou Mboi, Itapeerica e Ceneção de Itanhaen. Além dessas, Machado d'Oliveira ainda cita as de São Xavier, Santo Inacio e Encarnação, que por essa época provavelmente existiam nas margens do rio Paranapanema" (A. de A. Machado, o. c., p. 56, nota 28). — Entre as primitivas aldeias de São Vicente figuravam ainda, além de outras, as de Piratininga (que Afonso de Freitas, nas *Tradições e Reminiscências Paulistas*, S. Paulo, 1921, p. 131-51, localizou na "paragem hoje ocupada pelos bairros dos Campos Elíseos, do Bom Retiro e da Luz, até a borda do Tietê"); Geribatiba ou Jaraibatiba (aldeia de Caiubi); Mairanhaia ou Marranhaia; Japiuba ou Jupiuba (S. de Vasc., *Cron.*, liv. I, n. 130), e Maniçoba (S. de Vasc., o. c., liv. I, n. 130 e 132) ou Manizola (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 125). Nas *Atas da Camara* (pbl. do Arquivo Municipal de São Paulo) e nos volumes de *Inventarios e Testamentos* (pbl. do Arquivo do Estado) ha inumeras referências a essas e outras aldeias, como por exemplo Ebirapuera, ou Bira-puera (atual Santo Amaro), que vêm citadas respetivamente por Ermelino A. de Leão ("O vilajo de Piratinim", "Revista Nova", II, p. 49-59) e Alcantara Machado (*Vida e Morte do Bandeirante*, 2ª ed., S. Paulo, 1930, páginas 269-78).

(426) São Miguel, 4 leguas ao Norte, na margem esquerda do Tietê, e Pinheiros, uma legua ao Sul, na margem direita do rio do mesmo nome, aldeias onde os indios de São Paulo se localizaram em 1560, quando, com a destruição de Santo André, a vila se foi enchendo de mamalucos e portugueses (Toledo Rendon, l. c.).

(427) O "indio principal" chamava-se Japuguassú e o padre da Companhia era Baltazar Alvares, que com outro jesuita partira do Rio de Janeiro, na expedição de Antonio Salema, a 27 de agosto de 1575. — Sôbre a guerra do Cabo Frio existe uma carta do padre Luiz da Fonseca (v. nota 324). Dela e de outros documentos se utilizou Capistrano de Abreu para reconstituir os successos da expedição. Dêsse estudo Rodolfo Garcia reproduz um trecho em nota a Varnhagen (o. c., I, p. 477-8).

(427-A) V. nota 456.

(428) A provincia do Brasil foi criada em julho de 1553, segundo carta de Loiola a Nobrega (*Monumenta Historica Societatis Jesu*, V, Madrid, 1907), reproduzida por Rodolfo Garcia em nota a Varnhagen (o. c., I, p. 364).

(429) Em 1567, e não 1566, Inacio de Azevedo visitou São Vicente, partindo do Rio (onde chegara em janeiro na frota do governador) depois da morte de Estacio de Sá.

(430) Luiz da Grã chegou a São Vicente a 15 de maio de 1555, no dia exato em que Nobrega pretendia partir "com alguns companheiros em canoa pelo rio abaixo, que retalhando aquele vasto sertão, vai a desembocar no rio Paraguai, e da Prata" (S. de Vasc., *Cron.*, liv. I, n. 199).

.. (431) Nobrega partiu de São Vicente a 3 de maio, com o padre Francisco Pires e os irmãos Antonio Rodrigues, Antonio de Sousa e Fabiano de Lucena, chegando á Baía no dia 4 de agosto.

(432) Nobrega foi nomeado provincial em julho de 1553, tendo por colateral o padre Luiz da Grã, e não dois anos depois, como diz Anchieta. Prova-o

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

a carta de Loiola, a que se refere a nota 428. Essa e a que indica Luiz da Grã para o cargo de colateral, reproduziu-as R. Garcia na 4ª ed. da *Hist. Ger. de Varnhagen* (I, p. 363-5).

(433) V. nota 4.

(434) Como é sabido, Inacio de Azevedo não chegou a assumir o provincialato, por ter sido martirizado com 39 companheiros a 15 de julho de 1570, quando viajava para o Brasil (v. nota 285).

(435) O padre *Inacio de Tolosa*, natural de Medina Cœli (Espanha), foi recebido na Companhia em Portugal. Doutor em teologia, lecionou em Coimbra essa disciplina. Com onze companheiros, a 23 de abril de 1572, depois de três meses de navegação, chegou ao Brasil nomeado para o cargo de provincial. Em princípio de julho seguiu com Luiz da Grã e outros para Pernambuco. A 20 de outubro tornou á Baía e a 20 de novembro daí partiu em visita às capitanias do Sul. Em Ilheus esteve três semanas, chegando em dezembro a Porto Seguro, onde um indio, misturando com falsidades “algumas coisas” aprendidas dos padres, andava pelas aldeias destruindo a obra da catequese (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 97). Ainda em dezembro embarcou para o Espirito Santo e daí para o Rio de Janeiro, onde chegou em janeiro de 1573. Um mês depois visitou as casas de São Vicente e Piratininga, voltando ao Rio em abril. Aí nomeou Brás Lourenço reitor do Colegio e embarcou para a Baía afim de realizar a congregação provincial que devia enviar procurador a Roma em 1574. De passagem, parou no Espirito Santo e a 28 de abril, dia em que aí embarcou, sofreu um naufragio em que quasi perdeu a vida. Tornou então á Vitória, onde chegou a 6 de maio e se demorou, por falta de embarcação, cêrca de cinco meses. Iniciou então a construção de uma nova igreja e incentivou grandemente a catequese. Só a 9 de outubro chegou á Baía, cujas aldeias visitou no ano seguinte. Defendeu ardorosamente a liberdade dos Indios e em 1577 deixou o cargo de provincial, sendo substituído por Anchieta. Sete anos mais tarde era reitor do Colegio do Rio de Janeiro, de onde em 1585 seguiu para a Baía com o visitador Cristóvão de Gouvêa. Aí morreu a 24 de maio de 1611.

(436) Porque seu pai era natural de Urrestilla, jurisdição de Azpeitia e provincia de Guipuscoa, é que Anchieta, nascido nas Canárias, se dizia biscaíno.

(437) O padre *João de Melo* chegou ao Brasil a 9 de dezembro de 1559, na missão que viajou com o bispo d. Pedro Leitão e trouxe a patente de provincial de Luiz da Grã. Logo em janeiro de 1560, Nobrega, partindo com Mem de Sá para o Sul, deixou João de Melo na aldeia do Espirito Santo (Baía). Tendo vindo doente de Portugal e não recobrando a saúde, tornou á cidade do Salvador poucos meses depois. Teve sob seu cuidado a Vila Velha e em 1562 substituiu Francisco Pires na reitoria do Colegio. Nêsse mesmo ano foi enviado a Pernambuco para assumir a direção da casa. Aí concluiu a igreja de Nossa Senhora da Graça e fez a reconciliação do donatario Diogo Coelho e seu tio Jeronimo de Albuquerque com o genro dêste Felipe Cavalcanti. A 4 de maio de 1568 recebeu do visitador Inacio de Azevedo o grau de coadjutor espiritual formado. Foi talvez por essa epoca novamente reitor do Colégio da Baía. Em novembro de 1572 partiu com Inacio de Tolosa para Ilhéus e daí seguiu em dezembro para Porto Seguro, onde o provincial o deixou como superior (*Cart. Av.*, XXXVIII, XLVIII e LII; *Hist. dos Col.*, l. c., p. 85-6, 91, 97, 104). Ao padre João de Melo refere-se Cristóvão Paes d'Alto em sua denúncia

JOSEPH DE ANCHIETA

perante o Santo Ofício (*Den. da Baía*, p. 558). Das *Cart. Av.* é sua a de n. XXXVIII.

(438) *Quirício Caixa* partiu de Lisboa com três companheiros a 15 de fevereiro e chegou ao Brasil a 1 de maio de 1563, começando logo a ler na Baía uma classe de gramática (*Cart. Av.*, LI; *S. de Vasc., Cron.*, l. 3, n. 3). No ano seguinte esteve presente ao jubileu realizado na aldeia de São Tiago (*Cart. Av.*, LIV). Prêgador dos mais ouvidos e apreciados quer na casa da Companhia quer na Sé da Baía, foi em 1565 escolhido por Grã para lecionar casos de consciência no Colégio, onde em 72 teve um curso de teologia. Dois anos mais tarde fez sua profissão solene dos 4 votos. De 1576 a 78 exerceu a reitoria, durante a ausencia de Gregorio Serrão, enviado procurador a Roma. Em 1584 acompanhou Cristóvão de Gouvêa na visita às aldeias da Baía, prêgando nas ermidas. Do volume das *Conf. da Baía* (p. 54 e 153) se depreende que residia em 1592 na cidade do Salvador. Há também várias referências a seu respeito no das *Den.* (p. 328, 339 e 383). Com informações dadas pelo provincial Pero Rodrigues, chegado ao Brasil em 1593, escreveu uma biografia de Anchieta, que Fernão Cardim levou para Roma em 1598 e cujo destino se ignora (R. Garcia, nota a F. Cardim, o. c., p. 391). Achava-se no Colégio da Baía quando aí chegou a notícia da morte de Anchieta (ocorrida em Beritiba a 9 de junho de 1597), tendo tomado parte "em umas conferências que de sua exemplar vida se fizeram" (Pero Rodrigues, *Vida de Anch.*, l. c., p. 238). Das *Cart. Av.* a de n. LVII é sua.

(439) V. notas 324 e 456.

(440) *Pero de Toledo* chegou ao Brasil em 1576, com três companheiros. Foi logo enviado para o Rio de Janeiro, onde durante sete anos exerceu os cargos de reitor e vice-reitor. A 30 de setembro de 1584, em Pernambuco, fez sua profissão solene dos 4 votos perante o visitador Cristóvão de Gouvêa (Fernão Cardim, o. c., p. 333). Em 1614, sendo provincial, enviou os padres Manuel Gomes e Diogo Nunes ao Maranhão, com o reforço comandado por Alexandre de Moura e a pedido do governador Gaspar de Sousa (padre José de Moraes, *História da Companhia de Jesus na extinta provincia do Maranhão e Pará*, Rio, 1860, p. 64-71).

(441) *Agustín del Castillo* veio para o Brasil em 1576, na missão de que fazia parte Pero de Toledo. Foi o primeiro reitor do Colégio de Pernambuco, fundado nesse mesmo ano, e aí faleceu, sendo substituído na reitoria por Luiz da Grã, como declara Anchieta.

(442) Segundo B. Teles (o. c., I, p. 150), em 1553 Luiz da Grã trouxe como reliquias alguns ossos de d. Rodrigo de Meneses, falecido em 1547, com cinco anos de Companhia. Com o visitador Cristóvão de Gouvêa, em 1583 vieram outras, numerosas, mencionadas por F. Cardim, que também se refere às que existiam por essa época nas casas da Baía, Pernambuco, Rio de Janeiro e S. Vicente (o. c., p. 287-8, 330, 336, 345 e 354). A's da Baía alude ainda Anchieta na *Inf.* de 85.

(443) Sobre os jubileus realizados na Baía encontram-se notícias nas *Cart. Av.* (LII LIII LIV e LIX).

(444) "Essa unidade de raça e de língua, desde Pernambuco até o porto dos Patos, e pelo outro lado quasi até às cabeceiras do Amazonas e desde São Vicente até os mais apartados sertões onde nascem varios afluentes do Prata,

XXIX. — INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS (1584)

facilitou o progresso das conquistas feitas pelos colonos do Brasil, que, onde a língua se lhes apresentou outra, não conseguiram tão facilmente passar" (Varnh., o. c., I, p. 16).

(445) Cf. Varnh. (o. c., I, p. 29) e A. Métraux (*La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani* Paris 1928, p. 120).

(446) Cf. *Cart. Av.* (LXI) e H. Staden (o. c., p. 149 e 152).

(447) Não é isso confirmado pelas descrições de Antônio Blasquez (*Cart. Av.*, XXII), H. Staden (o. c., p. 134 e 160-8) e Gandavo (*Trat.*, p. 53, e *Hist.*, p. 139-40), entre outros.

(448) Sôbre a poligamia entre os selvagens, v., além da *Informação dos casamentos dos Índios Nobrega* (*Cart.*, VII), *Cart. Av.* (IX e XLV), H. Staden, p. 151), Léry (*Hist. d'un Voyage*, II, p. 85 e s.), Yves d'Evreux (*Voyage*, p. 88) e o estudo de Machado d'Oliveira *Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas do Brasil?* ("Rev. do Inst. Hist.", IV, páginas 168-201). Em 1561, referindo-se aos índios das aldeias baianas, escrevia Antonio Blasquez (*Cart. Av.*, XLV): "Ha entre eles agora mui poucos que tenham duas mulheres, pelo que parece não haverá muito trabalho com eles".

(449) Como observa A. Peixoto (*Cart. Av.*, nota 177), entre os selvagens "era incestuosa a filiação agnatica e permitida a uterina dada a idéa que tinham da primazia do homem na concepção". V. a *Inf. dos Casam.*, Nobrega (o. c., IV e XIV), *Cart. Av.* (XLVI) e G. Soares (o. c., p. 287-8). Em contrario, Gandavo (*Hist.*, p. 128).

(450) Explica A. Peixoto (*Cart. Av.*, nota 20): "O mastigar por moças, dando mais gosto, não é galanteio indigena: a saliva ajuda á saccharificação do amido, pelo fermento; é este fermento que faz "ferver" a bebida, e não o fogo, como, inadvertidamente, se poderia supôr; ha produção de gases e elevação de temperatura, o que esquentava a bebida". — Cf. H. Staden (o. c., p. 145) e G. Soares (o. c., p. 289).

(451) V. Nobrega (*Cart.*, VII); *Cart. Av.* (XIII); a dissertação de Machado d'Oliveira ("Rev. do Inst. Hist.", VI, p. 133-55), baseada no depoimento de autores e viajantes até 1844; Couto de Magalhães (*O selvagem*, 2ª ed., p. 145 e s.) e A. Métraux (*La religion des tupinambá*, p. 7-78). — Na carta X, informa Anchieta que os índios deixavam penas e flechas nos caminhos, "como uma especie de oblação, rogando fervorosamente aos *curupiras* que não lhes façam mal".

(452) Cf. Nobrega (o. c., V e VII), *Cart. Av.* (XIII e L) e H. Staden (o. c., p. 153).

(453) V., sôbre as diferentes significações de *caraiba*, o *Vocabulario da Conquista* ("An. da Bibl. Nac.", VII, p. 69) e a nota a F. Cardim (o. c., p. 233-5) de Batista Caetano, bem como T. Sampaio (*O tupi na geogr. nac.*, 3ª edição).

(454) Cf. Nobrega (o. c., II e IV), *Cart. Av.* (XIV e XV), *A Nova Gazeta da Terra do Brasil* (tr. por C. Brandenburger, 1922), S. de Vasconcelos (*Cron.*, l. 2 das *Notícias*, n. 18 e s.), Jabotão (o. c., l. ante primo, IX, n. 30), e frei Gaspar (*Notícias dos anos em que se descobriu o Brasil*, nas *Mem.*, p. 362-6), entre outros. Sôbre o assunto existe um estudo do dr. C. Pas-

JOSEPH DE ANCHIETA

salaqua, *O apostolo S. Tomé na America* ("Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo", VIII, p. 138-49), também publicado em separata. — "Tumé ou Sumé é, segundo Batista Caetano, que cita Capistrano de Abreu, o absoluto *tubé de ubé* e pode, interpretar-se o *pai estrangeiro*" (A. Peixoto, *Cart. Av.*, nota 73). — V., ainda, T. Sampaio (o. c.) e A. Métraux (o. c., p. 7-30).

(455) Sôbre a significação do vocabulo *Mair*, que Anchieta explica erroneamente, v. o estudo de Candido Mendes de Almeida, *Porque razão os indígenas do nosso litoral chamavam aos franceses "Mair", e aos portugueses "Peró"?* ("Rev. do Inst. Hist.", XLI, parte II, p. 71-141), A. Métraux (o. c.) e T. Sampaio (o. c.). Do que escreve este último, reproduzimos o seguinte: "*Mair*, apelido dos franceses entre os tupis do Brasil. Os guaranis do Paraguai chamavam os espanhois — *mbai*. Os dois vocabulos *mair* e *mbai* são formas contratas de *mbae-ira*, que exprime — o apartado, o solitario, o que vive distante. De *mbae-ira* procedem: *mbaira*, *maira*, *mair*, *mbai*. Este apelido davam os indigenas aos franceses e espanhois, não só por virem de longe, como porque os equiparavam, pela sua superioridade, aos seus feiticeiros, chamados *pagés* ou *carahybas*, os quais levavam vida solitaria no recesso das matas, nas cavernas das montanhas distantes".

XXX

INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS DA BAÍA (456).

1. **N**o ano de 1549 mandou el-rei Dom João o 3º por governador destas partes do Brasil a Tomé de Sousa, e vieram em sua companhia por ordem do Padre Geral da Companhia de Jesus, a requerimento do dito rei, alguns Padres da dita Companhia para entenderem na conversão da gentilidade das ditas partes (457).

Tanto que chegaram ao Brasil, procuraram os ditos Padres com caridade e meios possíveis entender na dita conversão, e foram ajuntando alguns meninos do gentio com consentimento de seus pais e os foram domesticando e instruindo para serem batizados, e alguns adultos *in-extremis*. Isto faziam os Padres andando sempre por algumas aldeias desta comarca da Baía, ainda que muitas vezes a risco de sua vida, buscando todos os modos e maneiras que podiam para entrar com o gentio, e lhe prégarem a lei evangelica; e como isto era muito novo pera eles por não terem nenhuma notícia das cousas de Deus, não tinham efeito os desejos e boa vontade dos Padres, e por isso se contentavam e estimavam em se acharem em uma aldeia um menino e outro noutra dos acima ditos, que recolhiam a si, e traziam pera casa, onde os criavam com bons costumes, e os pais os vinham ali ver, e quando os pais iam a suas aldeias, os levavam comsigo, de que os pais folgavam muito, e era isto meio para que os outros, vendo aqueles, se viessem com eles, e daqui iam os Indios tomando conhecimento e amizade com os Padres, foram também os ditos Padres aprendendo a lingua do gentio (458) pera que sua conversão tivesse melhor efeito, porque até ali se ajudavam de alguns homens seus devotos e moços da terra, filhos de Portuguezes, que já cá havia, e assim procederam no tempo do dito gover-

nador Tomé de Sousa e de Dom Duarte da Costa, que succedeu no dito cargo e depois que os primeiros Padres vieram sempre pelo tempo em diante, vieram outros para entenderem neste ministério da conversão, que el-rei Dom João tanto encomendava em suas cartas e provisões ao governador; e os reis Dom Sebastião e Dom Henrique sempre o fizeram aos mais governadores, como adeante se verá.

No tempo de Dom Duarte se levantaram os Indios da Baía (459), ficando alguns de paz da banda dos Portugueses, e Dom Duarte deu guerra aos alevantados, a que os Indios, que da banda dos Portugueses se puseram, ajudaram muito bem contra os seus e depois de a guerra durar por algum tempo (460), os Indios desta Baía fizeram pazes com os Portugueses, as quais nunca mais quebraram, e neste tempo se fez a igreja de S. Sebastião entre os Indios, perto desta cidade, e outra de Nossa Senhora no Rio Vermelho, legua e meia desta cidade (461), onde os Padres da Companhia começaram a residir, e nelas se começou a prègar a lei de Deus publicamente, e já neste tempo os Padres tinham corrido as capitánias da costa e feito casa nas capitánias de São Vicente e Espirito Santo por causa do muito gentio (462).

2. Na éra de 1557 veio Mem de Sá por governador, que succedeu a Dom Duarte, e no seu tempo se dilatou muito a conversão dos Indios polo muito favor e ajuda que sempre nisto deu, porque, além de ser este officio proprio dos Padres da Companhia, ele o tinha por tanto seu como bem se enxergava nas obras, que fazia deste ministerio, porque ordenou logo, que os Indios que estavam perto desta cidade, que eram muitas aldeias, que se ajuntassem em algumas povoações, pera que os Padres com mais comodidade lhes prègassem a lei evangelica (463); então se mudaram as duas igrejas que se fizeram em tempo de Dom Duarte; a que estava no Rio Vermelho se veio meter com outras aldeias mais perto desta cidade, e ali se fez a igreja de São Paulo, a outra de S. Sebastião se passou arriba de Pirajá, ajuntando-se com outras, onde se fez a igreja de Santiago, e uma légua além desta se fez outra igreja de São João, e no rio de Joane se fez a igreja do Espirito Santo: puseram-

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

se estas igrejas em parte acomodadas para Indios, a saber, perto do mar, para se poderem manter com suas pescarias, e perto dos matos para poderem fazer seus mantimentos. Nestas igrejas residiram sempre Padres e Irmãos da Companhia.

3. Logo que Mem de Sá chegou a esta terra mandou socôrro á capitania do Espirito Santo, que estava em guerra com os Indios seus comarcãos, mandando por capitão seu filho Fernão de Sá e outros Portugueses e muitos Indios das igrejas em sua ajuda (464), e daí a pouco tempo se levantou o gentio Tupinaquin, vizinho dos Ilhéus, queimando e destruindo os engenhos e fazendas, que ali havia, a que logo acudiu o dito governador com alguns Portugueses desta cidade (465); e assim todo o gentio daquelas igrejas fez guerra aos Indios de Paraguaçu, desbaratando-os e destruindo suas aldeias, até que os mesmos Indios se lhes sujeitaram e vieram pedir paz, que lhes ele concedeu.

Na éra de 1560 (466) quis o governador Mem de Sá ir a primeira vez ao Rio de Janeiro tomar aquela fortaleza aos Franceses por mandado de el-rei, e quis levar comsigo algum gentio desta Baía pera o ajudarem, porque sabia para quanto era, polo ter já experimentado nas guerras passadas, e pera isto mandou chamar os Indios principais das igrejas, avisando-os que se aparelhassem para irem com ele, porque nenhuma guerra fez Mem de Sá, que não mandasse chamar os ditos Indios, e lhes dava conta do que queria fazer, e com esta brandura e amor os levava ele, porque sabia quanto eles nas guerras faziam e quão necessarios eram pera isso. Entre êstes principais a quem ele falou pera o acompanharem nesta guerra foi a Morrangao, principal da aldeia de S. João, Indio muito afamado por toda esta terra, por seu saber e esforço, o qual se não mostrou muito afeiçoado a esta ida ao Rio de Janeiro por estar sentido do governador Mem de Sá o ter algum tempo prêso depois de virem da guerra dos Ilhéus; mas contudo se aparelhou (467).

Estando o governador pera se partir, mandou avisar os Indios que com ele haviam de ir, que num dia certo se ajuntassem para se embarcarem; o que todos fizeram, senão êste Morrangao, que tardou

um dia, e vindo ele para se embarcar, chegando á ribeira do Pirajá, viu que o governador era já á véla, e vendo que o não podia alcançar se aposentou aquela noite no engenho de el-rei, que ali está, e outras fazendas, com toda sua gente. Não faltaram então homens portugueses que lhe disseram que se aparelhasse para a vinda do governador, porque o havia de pôr na bôca duma bombarda por não ir com ele, e que então pagaria o filho do Caramurú, que ele tinha morto havia muitos anos. O Índio como ouviu estas palavras e já estivera prêso, pareceu-lhe que assim havia de ser e não se atreveu aguardar o governador, e, tornando-se pera sua aldeia, fugia com toda sua gente sem serem sentidos, e se foram pola terra dentro, não muito longe dali, podia ser 3 ou 4 leguas, e ali esteve até que veio o governador. Nêste tempo se tornou quasi toda sua gente pera as igrejas, e assim dêste Índio se pôr ali, e não ir mais por deante, foi por esperar que o governador lhe mandasse perdão, e ainda que os Padres nisto intervieram, o governador não quis fazer caso do Índio; porque assim determinava de castigar, e esperava que o mesmo Índio lhe viesse pedir perdão, do qual o Índio desconfiado se foi para o rio de São Francisco com a mais gente que lhe ficou, e daí a alguns anos, em vida do mesmo governador, se tornou. Desta maneira se despovoou aquela igreja (468).

4. No mês de Agosto da dita éra veio o governador com a vitória alcançada do Rio de Janeiro, e veio com ele de São Vicente o Padre Luiz da Grã, Provincial da Companhia de Jesus (469), e logo no mês de Outubro se fez a igreja de S. António em Rembê (470), e como já as guerras dos Índios da Baía fossem acabadas, e eles estivessem todos em paz, assim uns com os outros, como com os Portugueses, foi Nosso Senhor servido de se abrir uma grande porta para sua conversão e salvação de suas almas tão desejada e pedida a Nosso Senhor, e por tantos meios buscada dos Padres e Irmãos da Companhia.

Logo no ano que veio de 1561 na quaresma se tornou a fundar a igreja de S. João, que dantes se despovoara, 6 leguas desta cidade (471), e se fundou a igreja de S. Cruz na ilha de Itaparica, 3 leguas desta cidade (472). Nestas 5 igrejas, que tinhamos nesta

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

Baía, se recolheu todo o gentio desta comarca, que pelo menos seriam 16.000 almas, a saber: S. Paulo, uma legua desta cidade, com 2.000 almas. O Espirito Santo, 5 leguas desta cidade, com 4.000 almas. S. António, 9 leguas desta cidade, com 2.000 almas. Estas três igrejas estavam ao longo do mar pela costa. Santiago, 4 leguas desta cidade, com 4.000 almas. S. João, 6 leguas desta cidade, com 4.000 almas. Estas duas igrejas estavam para o sertão, tinham por mar o da Baía, do qual estavam uma legua.

No mês de Junho do dito ano de 1561 se fez a igreja do Bom Jesus em Tatuapára, 12 leguas desta cidade, ao longo da costa, na qual se recolheu todo o gentio, que havia ao longo do rio, que se chama Jacuig, que eram 4.000 almas (473), e alguns mais que havia se recolheram em S. António. Vendo todo o mais gentio da banda do Tapuecurú, como as igrejas iam em crescimento, e como o governador Mem de Sá favorecia muito a todos os Indios, que se convertiam, e ajudava tanto a conversão, vieram muitos principais a visitá-lo, e ao Padre Luiz da Grã, Provincial, pedindo-lhe Padres, e importunando por isso, dizendo que se queriam juntar e fazer igrejas; de que o governador folgou muito, e os ajudou pera com o Padre Provincial e o Padre lhes deu esperanças disso. Indo o Padre visitar as igrejas já povoadas, como sempre fazia, passou do Bom Jesus por deante e chegou até Itapuecurú, que é um rio, que está desta cidade 40 leguas, cousa que até então os Portugueses não faziam, e fez o Padre Provincial pazes entre o gentio que estava no dito rio, que ficava atrás da banda de Tatuapára pera que não houvesse mais guerras entre eles, e os que se convertessem á nossa santa fé tivessem paz; e da volta que o Padre fez deixou dois lugares perto do mar pera duas igrejas, e disse aos Indios que se ajuntassem neles, e depois de juntos lhes daria Padres para os ensinarem; de que eles ficaram muito alegres (474).

Estando as cousas dos Indios nestes termos, e sua conversão indo tanto em crescimento que por todo o sertão eram já nomeadas as igrejas, e a lei do Senhor se divulgava, vieram alguns principais da banda de Camamú dar obediência ao governador, dizendo que eles queriam se fazer cristãos, pediam lhes déssem Padres para os doutrinar: remeteu-os o governador muito alegre com tão boa nova

ao Padre Provincial, o qual os despediu com esperanças de cedo os visitar, e levar-lhes Padres para os ensinar.

5. No mês de Novembro do dito ano mandou o Padre Provincial um Padre e um Irmão a povoar a igreja de S. Pedro, 10 leguas além do Bom Jesus, por estar já a gente junta (475), e mandou recado, que a outra que havia de ser de S. André (476) se fizesse outras 10 leguas além da de S. Pedro pera se povoar, quando fosse tempo, e ficava 30 leguas desta cidade, porque a que se havia de fazer no Itapucurú, que era além, havia de ser mais de vagar, por aquela gente não ter ainda comércio com os Portugueses, e ser gente de guerra. Povoou-se S. Pedro, e daí se ia a visitar S. André algumas vezes; tinham estas duas igrejas 8.000 almas, e o Padre Provincial se partiu no dito mês para banda do Camamú (477), a visitar os Indios acima ditos, levando consigo alguns Padres e Irmãos para deixar lá, se fossem necessarios; e chegando lá achou a gente tão disposta e apercebida, e com tanto desejo de sua salvação que lhe fundou duas igrejas, uma de S. Miguel em Taperaguá (478), que tinha 2.000 almas, e outra de Nossa Senhora d'Assunção em Tapepigtinga (479), que tinha 4.000 almas, deixando em cada uma delas um Padre e um Irmão. Ficando todos assim os nossos como os Indios muito contentes, se despediu deles, e se veio visitar as igrejas da Baía.

Tinhamos neste tempo, que era na éra de 1562, onze igrejas, as 10 delas povoadas com os nossos, a saber: S. Paulo, Espirito Santo, S. Antonio, Bom Jesus, São Pedro, S. André, S. Tiago, S. João, todas estas nesta Baía, Santa Cruz na ilha de Itaparica, S. Miguel em Taperaguá, Nossa Senhora em Tapepigtinga, terras do Camamú. Houve em todas estas igrejas muitos e mui solenes batismos, alguns que passavam de 1.000 almas, achando-se o bispo Dom Pedro Leitão a alguns deles, onde por sua mão batizava a muitos e crismava a todos, e depois casava em lei da graça os que eram pera isso, e duas vezes foi ás ditas igrejas, batizando os Indios, que para isso estavam aparelhados, e os que o não estavam, deixando as muitas mulheres, casavam com uma em lei da natureza, e as outras se casavam com outros Indios, e com estas cousas

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

vista do Padre se animavam e alegravam muito os Indios, vendo as festas que lhes o Padre em seus batismos fazia (480).

6. Nêste dito ano de 1562 estando todos os Indios com muita paz e quietação em suas igrejas, e fazendo-se muito fruto nas almas quis o governador Mem de Sá castigar os Indios do Caaeté, que estavam além do rio de São Francisco para Pernambuco, por terem morto o bispo Dom Pedro Fernandes, e outra muita gente que desta Baía partiu para o reino em uma nau (481), que ali foi lar á costa no ano de 1555 ou 1556 (482), e porque os moradores desta Baía diziam, que entre êste gentio daqui morador e o de Ciripe, donde está o engenho de Dom Fernando (483), e entre o gentio de Paraguaçu e Jaguarig havia muito gentio daquele do Caaeté, e que tinham entrada uns com os outros, pronunciou o dito governador sentença contra o dito gentio do Caaeté, que fossem escravos, onde quer que fossem achados sem fazer exceção nenhuma, nem advertir no mal que podia vir á terra (484).

Sendo a tal sentença dada daquela maneira, porque nas igrejas dos Padres havia muito gentio que procedia daquele, mas crioulos e nascidos nesta parte da Baía, que não viram nem foram em tais mortes, mas como o Demonio sabia, que era esta a melhor intenção que podia haver para destruir o que estava feito, e impedir que não fosse por diante a conversão do gentio, ajudou-se do desejo que os Portugueses tinham de haver escravos, tanto que em breves dias se despovoou toda a terra; porque vendo o gentio que lhe levavam suas mulheres e filhos, irmãs e irmãos, e salteados em suas aldeias, e pelos caminhos por onde andavam, e sendo nascidos e naturais da terra, se viam levar cativos sem nenhum remédio, por dizerem os Portugueses que eles tambem eram homicidas naquelas mortes; não sendo assim, porque entre êste gentio da Baía e o que matou o bispo havia outro gentio contrário dêste da Baía, que se metia no meio, e tinha pouco comércio um com o outro.

Vendo os Indios os insultos e agravos que os Portugueses lhes faziam em os cativar, assim os das igrejas mais principais que tinhamos, e todo o mais gentio que estava por esta terra, e polas falidades que os Portugueses por si e por seus escravos lhes diziam

da guerra que lhes haviam de dar, e eles viam pelo olho como eram salteados, se levantou parte do gentio de Paraguaçu e Cirigipe, indo-se pera o sertão; e das nossas igrejas, a saber: Santo António, Bom Jesus, S. Pedro, S. André, 12.000 almas, ficariam 1.000 pouco mais ou menos, e toda esta gente e a mais que tenho dito se foi meter por esses matos por escaparem aos agravos e sem razões, que lhes os Portugueses faziam.

Vendo o governador quão mal isto saíra, e quantos males e peccados daqui resultaram, que pagavam os inocentes polos culpados, e que a terra se destruiu em tão pouco espaço de tempo, revogou a sentença dos Caaetés, mas a tempo que já não havia remédio, porque como os homens andavam já tão metidos no saltear dos Indios, como ainda agora hoje em dia se vê, e vendo que o governador lhes atalhava o seu proposito, revogando a sentença dos Caaetés, usavam outra manha não menos perigosa, assim para as consciências, como para as vidas que alguns perderam neste officio, indo-se polos matos com resgates, onde os Indios se iam esconder por fugir deles, e faziam com eles que se vendessem uns aos outros, dizendo que eram Caaetés, isto tanto montava, que fossem das igrejas, que se despovoaram, como que fossem dos outros; e vendo o governador que isto não tinha remédio, fazia por haver ás mãos quantos Indios destes, assim trazidos, podia, e punha-os em sua liberdade, mandando-os pera as igrejas. Foi esta revolta grande perturbação pera os Indios cristãos, porque a uns levavam as mulheres, ás mulheres levavam os maridos, e a outros os filhos a vender por essas capitâneas.

7. No mesmo ano de 1562, por justos juizos de Deus, sobreveiu uma grande doença aos Indios e escravos dos Portugueses, e com isto grande fome, em que morreu muita gente (485), e dos que ficavam vivos muitos se vendiam e se iam meter por casa dos Portugueses a se fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha (486), e outros diziam, que lhes pusessem ferretes, que queriam ser escravos: foi tão grande a morte que deu neste gentio, que se dizia, que entre escravos e Indios forros morreriam 30.000 no espaço de 2 ou 3 meses. Ficaram então os Padres com cinco igrejas no termo

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

desta Baía, a saber: S. Paulo, Espirito Santo, S. Antonio, S. Tiago, S. João, e as três que tínhamos da banda dalém, ainda que estas três pouco duraram, porque naquele mesmo ano se despovoaram, porque não bastou ficarem eles desbaratados dos saltos que os Portugueses neles fizeram, dizendo que eram dos que mataram o bispo, nem das mortes e fome passada, mas estando esses poucos que ficaram em suas aldeias pacíficos, e os Padres com eles, como aquelas aldeias estavam em caminho pera os Indios, quem quer que passava pola praia e os encontrava, que vinham a suas pescarias, os esbulhavam do que tinham, não lhes deixando rede para dormir nem linha de pescar; outros lhes levavam os filhos e filhas sem poder dar remédio a isto. Ajuntou-se também, segundo diziam, um mamaluco, que com falsas palavras foi meter em cabeça ao gentio de Taperaguá, que o governador lhe queria dar guerra, que foi causa isto com o mais que lhe os Portugueses fizeram de se levantarem e darem rebate aos Indios de Tapepigtinga e os de Itaparica, e fugiram todos sem os Padres lhes poderem valer nem aquietar, porque como isto foi cousa secreta, que o mamaluco andava dizendo, eles também souberam fazer a sua tão secretamente que os Padres o não souberam, senão quando já iam de caminho, e assim se perderam estas três igrejas, as quais foram povoadas com 8.000 almas (487). Depois que fugiram, poucos escaparam que não fossem escravos, porque uns vendiam aos outros, outros se vendiam a si mesmos, introduzidos todos êstes costumes pelos Portugueses.

8 Vendo o governador que se gastava o gentio todo, por atalhar a que se não acabasse de consumir, fez uma lei, que nenhum Indio das igrejas se pudesse vender, e mandou, que qualquer escravo que se fosse de casa do senhor para as igrejas dos padres se não desse sem sua licença; isto fazia para saber, se os tais escravos eram das ditas igrejas, ou dos que os Portugueses tinham mal havidos para os pôr em liberdade, a qual lei ainda agora se guarda, e pôs nas igrejas capitães para ver se podia ter algum remédio de se não perderem (488).

Em S. Paulo, Sebastião Luiz; no Espirito Santo, Francisco de Moraes (489) e Francisco Barbudo (490); em S. Antonio, Gomes

Martins; em Bom Jesus, Braz Affonso; em S. Pedro, Pedro de Seabra; em Santa Cruz, Antonio Ribeiro (391); em S. Tiago, Gaspar Folgado; em S. João, João d'Araujo (492), cujo regimento era, que eles capitães os defendessem dos Portuguezes e lhes tirassem todos aqueles que se metessem com eles, pera que as igrejas se não despovoassem; mas tal foi o tempo, que nada teve efeito. Os capitães lá residiram nas povoações certos anos, deles mais, deles menos, e em seu tempo se acabaram de despovoar Bom Jesus, S. Pedro, Santa Cruz, polas causas acima ditas e pola experiencia que se viu, que nem os capitães tinham proveito, nem os Indios o favor e ajuda que se esperava, e assim com consentimento do governador deixaram os ditos cargos, e os Padres da Companhia ficaram residindo sempre nas ditas igrejas como dantes.

9. Nêste mesmo tempo deu a fome que tenho dito no gentio de Itapucurú e Rio Real, e sabendo os Portuguezes isto, acudiram logo para haver escravos, e não se atrevendo ir lá sós, levavam consigo muitos Indios das igrejas dos Padres pera seu valhacouto; e como êste gentio andava espalhado pelo mato buscando alguma cousa para comer, como fruita, raizes, e alguma outra cousa, davam os Portuguezes com os Indios que levavam sôbre eles, a uns que a fome tinha consumido acabavam de matar, aos outros que tinham mais fôrça traziam por escravos; mas nisto se via bem a justiça divina, que não queria, que eles gozassem de bens tão mal adquiridos, porque em eles cá chegando o gentio que traziam lhes morria, escapando mui pouco, e como êste gentio veio ter alguma sustentação, êsse pouco que ficou, assim da fome como da destruição que os Portuguezes neles tinham feito se começou a ajuntar em suas aldeias, e não querendo os Portuguezes desistir de seu proposito, senão i-los saltar, eles se começaram a defender, de maneira que com matarem 6 ou 7 Portuguezes e alguns Indios principais das igrejas, tomaram por partido não tornar lá mais. Tocou-se aqui nêstes Indios, ainda que isto não faz a nosso proposito, porque abaixo se há de falar deles.

Na dita éra de 1562 por um capítulo duma carta da rainha deu o governador terras de sesmaria aos Indios das ditas igrejas. Ven-

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

do quão proveitosos e necesarios elles eram a esta Baía, e que não se podiam sustentar sem terem terras em que pudessem lavrar, lhes deu perto do mar, assim da costa como do mar da Baía, pera seu sustentamento, de que têm suas cartas.

Em Janeiro de 1563 foi a grande morte das bexigas tão geral em todo o Brasil, de que morreu muito gentio, de que tambem levou muita parte de que havia nas igrejas em que os Padres residiam, e depois da doença ser passada, e os Indios se irem gastando pouco e pouco, com parecer do governador Mem de Sá, por a igreja de S. Paulo ter já pouca gente, se repartiu essa que havia polas outras, e assim não ficariam mais de 4, que se conservaram por alguns anos.

10. Sendo el-rei Dom Sebastião informado das cousas dêste estado, e como o gentio tinha a terra despovoada pelos agravos e aveações dos Portugueses, escreveu ao governador Mem de Sá e ao bispo Dom Pedro Leitão sôbre isto, cujo treslado das cartas é êste:

CARTA DEL-REI (493)

“Mem de Sá amigo. Eu el rei vos envio muito saudar. Porque o principal e primeiro intento, que tenho em todas as partes da minha conquista, é o aumento e conservação de nossa santa fé católica, e conversão dos gentios delas, vos encomendo muito, que dêste negócio tenhais nessas partes mui grande e especial cuidado, como de cousa a vós principalmente encomendada, porque com assim ser, e em tais obras se ter êste intento, se justifica o temporal que Nosso Senhor muitas vezes nega, quando há descuido no espiritual.

“Eu sou informado, que geralmente nessas partes se fazem cativinhos injustos, e correm os resgates com título de extrema necessidade, fazendo-se os vendedores pais dos que vendem, que são as cousas com que as tais vendas podiam ser licitas, conforme ao assento que se tomou.

“Não havendo as mais das vezes as ditas causas, antes pelo contrário intercedendo fôrça, manhas, enganos, com que os induzem facilmente a se venderem por ser gente barbara e ignorante, e por

êste negócio dos resgates e cativeiros injustos ser de tanta importância, e ao que convém prover com brevidade, vos encomendo que com o bispo e o Padre Provincial da Companhia, e o Padre Inacio de Azevedo e Manuel da Nobrega, e o ouvidor geral, que lá está (494) e o que ora vai, consulteis e pratiqueis, nêste caso, e o modo que se pode e deve se ter para atalhar aos tais resgates e cativeiros, e me escrevais miudamente como correm, e as desordens que neles há, e o remédio que póde haver para os tais injustos cativeiros se evitarem, de maneira que haja gente com que se grangeem as fazendas, e se cultive a terra, para com a dita informação se tomar determinação no dito caso, e ordenar o modo que nisso se deve ter, que será como parecer mais serviço de Nosso Senhor e meu, e emquanto não fôr recado meu, que será com ajuda de Nosso Senhor brevemente, se fará acêrca disso o que por todos fôr assentado.

“Muito vos encomendo, que aos novamente convertidos faço-reçais, e conserveis em seus bons propositos, e não consintais serem-lhes feitas avexações, nem desaguizados alguns, nem lançados das terras que possuirem, pera que com isso se animem a receber o sacramento do batismo, e se veja que se pretende mais sua salvação que sua fazenda, antes aos que as não tiverem provejais, e ordeneis com o se lhes dê de que comodamente possam viver, e sendo possivel dareis ordens como alguns Portugueses de boa vida e exemplo vivam nas aldeias entre os que se convertem, ainda que seja com lhes fazerdes algumas vantagens, pera com sua conversação e exemplo irem adeante em seus bons propositos.”

II. Depois que o governador viu esta carta, e que a carta do bispo Dom Pedro Leitão continha o mesmo, se ajuntou com o bispo, ouvidor geral e Padres da Companhia, e trataram sôbre as aldeias, cuja resolução foi a seguinte, a 30 de Julho de 1566 (495):

Porque ha muitos Indios mal resgatados e salteados, a quem o senhor governador pola obrigação que tem de os conservar e defender em justiça que acudir: Manda, que os que se acolherem ás aldeias em que residem os Padres não se entreguem a quem nelles pretender ter direito, nem os Padres sejam parte de os entre-

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

gar sem mostrarem escrito do Senhor governador ou ouvidor geral, pera que venham perante eles, e se examinar a causa. Mas que julgados uma vez por escravos, se depois se tornarem ás aldeias, que os Padres, constando-lhes disso, os possam livremente entregar a seus senhores. Esta lei foi renovar a que já tinha sido feita havia anos, como acima fica dito.

Ordenaram, que para os Padres procederem com mais quietação, e os brancos poderem mais facilmente haver justiça das peças que lhes fugirem, e os Indios serem mais desagradados das avexações que lhes forem feitas, e se aquietarem mais para não fugir, que o senhor ouvidor geral por serviço de Deus e de Sua Alteza e bem da terra vá em pessoa, de 4 em 4 meses, visitar as aldeias, para nelas fazer o que fôr justiça e devassar.

E porque a justiça dos Indios perece muitas vezes por falta de quem por eles procure, ordenaram, que se instituísse um procurador dos Indios com competente salario, e porque muitas vezes os Indios que vão servir os brancos, ou por quaisquer outros respeitos, se vão a suas casas os casam nelas com suas escravas, sendo muitos deles casados nas igrejas dos Padres, do que se seguem grandes inconvenientes, se ordenou, que o senhor bispo tome conhecimento dos tais casamentos, assim para repreensão dos curas, que os tais casamentos fizerem contra a proibição que sôbre isto tem feito, como para castigo dos senhores que os tais casamentos quizerem fazer.

Ainda que o foral permita aos moradores resgatarem os que a suas casas se lhes forem vender, todavia porque há muitas vendas que se não podem fazer licitamente, manda o senhor Governador, que os que quizerem comprar não o façam sem serem examinados, para ver se é justa a venda ou não, porque não pretende negar-lhes a licença, senão estorvar que se não faça injustiça nem agravo.

Ordenaram, que os Padres possam entregar a seus senhores sem escrito particular do Senhor governador nem ouvidor geral, os Indios que livremente confessarem ser escravos, não tendo alguma dúvida por onde o não possam ser, e assim lhes poderão dar os Indios forros que não forem das aldeias, querendo eles por sua

vontade ir para suas casas, e servi-los como forros, e não querendo, não consentirão, que os levem por fôrça.

Ordenaram, que se alguém tomasse por sua autoridade estes Indios litigiosos, que se acolheram ás aldeias dos Padres e seus limites, perca o direito que nós tais Indios tem.

Mem de Sá. O Bispo do Salvador. Braz Fragoso.

12. Esta foi a resolução, que se tomou sôbre a carta del-rei e não fala a dita resolução nas terras, que el-rei mandava dar aos Indios, porque já havia anos que o governador lhas tinha dado, como fica dito, e nem fala nos homens de boa vida e exemplo, porque já se tinha provido, como acima se disse.

Como o número dos Portugueses foi em crescimento, vindo muita gente do reino, começaram a ocupar as terras dos Indios; a isto acudiu Diogo Zorrilha (496), seu procurador, na éra de 1571, fazendo uma provisão ao governador sôbre as ditas terras. Cujo despacho é o seguinte:

“Lance-se prêgão, que nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja lavre nem faça benfeitorias nas terras, que foram dadas aos Indios nas igrejas e povoações de Espirito Santo, S. João, S. Tiago, S. Antonio e nas mais povoações, posto que tenham delle título dado por mim sob pena de perderem as benfeitorias, e todo direito que nelas pretenderem ter, e pagarem 50 cruzados, a metade pera quem os acusar, e metade pera as obras da fortaleza desta cidade, capitania do Salvador. Hoje 2 dias do mês de Maio de 1571 anos. Mem de Sá.”

Êste prêgão foi lançado, e disso se fez termo e auto, como é costume, que tudo está acostado á petição; mas como êstes Indios sejam pobres, e não há quem por suas necessidades olhe, se não são os Padres da Companhia, não houve execução o dito prêgão, nem se olhou mais por isso, e os Indios se foram afastando dos Portugueses, porque com seus currais e fazendas lhes foram ocupando suas terras. E ainda agora os não deixam lá onde estão.

13. Na dita éra de 1571 se levantou um reboliço na aldeia de S. João, pelo qual se fez a diligência seguinte:

**TRESLADO DE UM AUTO FEITO A REQUERIMENTO DO
PADRE ANTONIO PIRES, PROVINCIAL DA COMPANHIA
DE JESUS**

“Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1571 anos, em os nove dias do mês de Setembro, nesta cidade do Salvador, nas pousadas do Senhor governador geral Mem de Sá, pelo dito Senhor foi mandado chamar a mim tabelião para fazer êste auto, de um requerimento que o padre provincial Antonio Pires (497), e o Padre reitor Gregorio Serrão vieram fazer a Sua Senhoria, que aí presentes estavam, polos quais foi dito, que os dias passados disseram a ele Senhor governador em como Fernão Cabral (498), morador nesta cidade, tomara por fôrça, e mandara tomar seis Indios forros, entre machos e femeas, da aldeia e igreja de S. João, do que eu escrivão fiz logo um auto por mandado do dito Senhor governador, e é começado tirar devassa sobre êste caso, e que ontem 8 dias de Setembro, estando alguns Indios da dita povoação e igreja na fazenda de Eitor Antunes (499), e vindo-se embarcar, o dito Fernão Cabral os salteou, e tomou forçosamente, e os embarcou no seu barco, e levou pera sua fazenda, dizendo que não tinha que ver com Padres nem com governador, que maior era seu poder que todas as justiças; o que o dito Fernão Cabral fazia, por quanto lhe não davam uma India da terra, que ele dizia ser sua escrava, a qual os ditos Padres tinham mandado ao ouvidor geral á petição do dito Fernão Cabral, por estar assim determinado que nas aldeias se não dessem escravos fugidos de que houvesse dúvida sem primeiro se determinar por justiça, o que eles cumpriram na dita India, e a mandaram ao dito ouvidor geral, o qual esperou pelo dito Fernão Cabral que viesse, e lhe o mandou dizer, e o disse a seu sogro, o qual lhe rogou, que a tivesse até uma quinta-feira, e que se não viesse a tornasse a mandar, e o dito ouvidor geral a teve na cadeia até a dita quinta-feira, e mais oito dias, sem o dito Fernão Cabral vir a requerimento do alcaide Diogo Zorrilha, por não haver quem lhe desse na cadeia de comer a mandou soltar e tornar á aldeia de S. Antonio, donde a dita India era, e tendo estas diligências

todas feitas por parte da justiça o dito Fernão Cabral se queixou novamente dos ditos Padres, que lhe tinham a dita sua escrava, e escreveu uma carta ao padre Gaspar Lourenço que estava na povoação e igreja de S. Antonio, dizendo que pois lhe não mandava dar a dita sua escrava, que ele se integraria nos Indios de S. João e S. Tiago, que estavam mais perto, e escreveu outras cartas ao padre João Pereira, que estava na igreja de S. João, em que lhe dizia que não havia de mandar os ditos Indios, até lhe não mandarem a sua, como se pode ver pelas ditas cartas, e o dito Senhor requereu aos ditos Padres, que mandassem aqui acostar o treslado das ditas cartas, e logo apresentaram uma que Fernão Cabral escrevera ao Padre Antonio Blasquez, e que as outras, que escrevera ao Padre João Pereira, apresentariam, e a do Padre Gaspar Lourenço pera se tresladarem aqui, e que eles Padres estiveram no primeiro salto que Fernão Cabral fizera pera virem encampar as aldeias dos ditos Indios que tinham a cargo ao Senhor governador, e mais por ser a primeira e esperar que se fizesse cumprimento de justiça, o Padre Provincial não viera, e lhe o mandara dizer pelo Padre reitor Gregorio Serrão e pelo Padre João Pereira, dizendo que se não viesse fazer justiça sôbre êste caso, ele encamparia as ditas povoações e aldeias, e que agora se fizera êste segundo salto, e que não havia emenda nenhuma dêste caso, que ele Provincial vinha encampar as povoações e aldeias, como de feito encampava, e que havia de mandar vir aos Padres e Irmãos que nelas estavam, porquanto com êstes saltos eles se não atreviam estar nelas, porquanto os Indios estavam mui escandalizados de não verem restituição da tomada de seus parentes, que Fernão Cabral tinha tomado, e que haviam medo que pela dita causa os Indios fizessem algum desmancho, e se levantassem, e logo pelo Senhor governador foi dito, que ele estava muito prestes para fazer justiça, e fazer tornar os Indios, e que logo como lhe denunciaram ele mandou fazer auto disso por mim escrivão e o remeteu ao ouvidor geral para tirar testemunhas sôbre o caso, e o ouvidor geral tirou logo uma testemunha que estava na cidade, e mandou chamar as que estavam absentes para acabar de tirar, e sôbre isso fazer justiça, pelo qual ele até agora tinha feito toda a diligência,

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

que se por êste caso podia fazer, e acabado de tresladar as cartas de Fernão Cabral, e reconhecidas, e testemunhas tiradas, prove-rá ele Senhor governador como Sua Alteza e regimento manda, polo qual ele lhe não recebe a tal encampação das povoações, e igrejas, antes lhe requer da parte de Deus e de Sua Alteza, que ele tal não faça, pois da justiça se não pode até agora notar culpa de negligência, e fazendo o contrário ele lhe encampa a capita-nia e todo o Brasil, e que eles dêem conta disso a Deus e a Sua Alteza, por quão necessarias as aldeias são nesta terra, e estafem eles Padres nelas, e as governarem e sustentarem, assim pera dali se fazer diligência pera as guerras, como é notorio que ás que se fizeram no Brasil foi tão necessaria ajuda dos Indios como dos Portugueses, e pera nos sustentarem e defenderem dos Indios nos-sos contrarios, como cada dia fazem, e acabado de os eles ditos Padres soltarem, está claro, que os Indios se hão logo de ir das aldeias, e hão de ser os que nos hão de fazer guerra, e fazendo eles bastam para despovoar a terra, e quando a eles não fizessem o Senhor governador tem por mui certo, que os escravos dos Por-tugueses se hão de alevantar contra seus senhores, como fizeram o ano de 1568, que muito poucos escravos que se levantaram pu-seram a terra em balango de se perder, e mataram alguns Portu-gueses, e se não temeram os Indios das povoações e igrejas, se houveram de levantar todos os escravos, e que por estas causas e outras muitas que ele Senhor governador deixa de legar-lhes, pede e roga não queiram desamparar, antes lhes prèguem, que se não agastem, que o Senhor Governador lhes fará justiça, e lhes man-dará ir para suas casas, suas mulheres e filhos, porquanto se não podia o caso acabar tão breve por Fernão Cabral estar 5 leguas desta cidade na sua fazenda, e as testemunhas tambem ausentes; e polo Padre Provincial foi dito, que ele esperava alguns dias, até êste caso se acabar, polas razões que ditas são. E de todo mandou fazer êste auto, que assinaram. Diogo Ribeiro, tabelião que o escrevi (500). Mem de Sá. Antonio Pires. Gregorio Serrão."

A justiça houve os Indios assim salteados, e os mandou para sua povoação, e com isto se aquietaram os mais.

14. No ano de 1574, sendo governador Luiz de Brito, chegou a esta Baía Antonio Salema, governador do Rio de Janeiro, os quais ambos, por mandado del-rei Dom Sebastião, com os Padres da Companhia se tomou a seguinte resolução acêrca dos Indios e seus resgates.

ASSENTO QUE SE TOMOU SOBRE O REGATE DOS INDIOS
DO ESTADO DO BRASIL

“Luiz de Brito d’Almeida, governador nesta capitania e nas mais de sua repartição, e Antonio Salema, governador do Rio de Janeiro e nas mais de sua repartição, fazemos saber como por virtude de um capítulo de uma carta de Sua Altesa, que ao deante vai tresladado, tomamos assento, com parecer dos Padres da Companhia de Jesus, e informação do doutor Fernão da Silva, ouvidor geral e provedor mór da fazenda de Sua Alteza (501), sôbre o modo que se teria nos resgates dos Indios dêste estado do Brasil, e se assentou o seguinte:

TRESLADOS DOS CAPITULOS DA CARTA DE SUA ALTESA

“Os moradores das capitanias da costa do Brasil me enviaram também a dizer, que havendo-se de cumprir e dar execução á lei que fiz sôbre os cativeiros ilicitos dos gentios, que vós levas-tes e fizestes publicar, seria grande prejuizo dêsse estado e do povo dele, e se não poderiam sustentar nem grangear os engenhos e fazendas, e que além disso os gentios que entre si têm guerras, e se cativam uns aos outros, os comem segundo seu costume, e vendendo-se e resgatando-se, muitos se convertem á nossa santa fé, e por esta causa seria muito de serviço de Deus deixar de se fazer, pedindo-me que houvesse por bem, que nas ditas partes se não usasse da dita lei, e que se fizesse acêrca disso o que sempre se usou nas partes de Guiné.

“E porque estas cousas são muito graves e importantes, e para determinação delas é necessario mais particular informação, hei por bem, que vos ajunteis com Luiz de Brito, do meu conselho,

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

que ora mando por governador do estado da parte da Baía de Todos os Santos, e com o ouvidor geral pratiqueis miudamente sôbre as ditas cousas e convenientes delas, tomando acêrca disso as informações necessarias, assim de pessoas seculares, que tenham experiencia das cousas da terra, como dos religiosos da Companhia de Jesus, polo que toca á conversão e justificação da guerra e cativeiros que se fizeram, ordeneis e determineis nestas cousas o que parecer mais serviço de Deus e bem do estado, e o que acêrca disto pola dita maneira se assentar se cumprirá e dará á execução enquanto eu com informação vossa e do governador vos não enviar as provisões necessarias, a qual informação me enviareis assinada por ambos com toda a brevidade que puder ser. E no que toca ao resgate dos escravos se deve ter tal moderação que não se impida de todo o dito resgate pela necessidade, que as fazendas dele têm, nem se permitam resgates manifestamente injustos, e a devassidão que até agora nisso houve; e a determinação que tomardes se guardará por tempo de três anos, se eu primeiro não prover nisso.

15. DETERMINAÇÃO E ASSENTO QUE SE FEZ POR VIRTUDE DO CAPÍTULO ACIMA

“Mandam, que nenhum Indio nem India das aldeias, onde os Padres residem, e assim das mais aldeias, que estiverem junto de nossas povoações, e de pazes com os Portugueses, e postas de nossas mãos por ordem dos capitães, não haja resgates com suas pessoas por nenhum modo que seja, sómente haverá comércio, como se fosse entre Portugueses, vendendo e comprando, e resgatando mantimentos, e outras cousas necessarias que fizerem por seus trabalhos; o que se fará com licença de quem a puder dar, como até aqui se fez.

“Qualquer Indio ou India, que fugir das ditas aldeias para outro gentio, que não está de pazes com os Portugueses, e se deixar lá andar por espaço de um ano ou mais, êste tal poderá ser resgatado, como outro qualquer, e não lhe valerá o privilegio que tinha das aldeias.

“Nenhuns Indios e Indias poderão ser cativos e havidos por escravos, salvo aqueles que forem tomados em guerra licita, dada com a solenidade abaixo declarada, e assim serão escravos aqueles que os Indios tomarem em guerra, e os tiverem em seu poder por serem seus contrarios, e assim serão escravos os que por sua propria vontade se venderem, passando de 21 anos, declarando-lhes primeiro que cousa é ser escravo.

• “Não se fará resgate nem por mar nem por terra sem licença dos senhores governadores nas capitancias onde eles estiverem, e nas outras se fará por licença do capitão da tal capitania, e o exame do resgate, que se fizer por mar ou por terra, fará o provedor da fazenda de Sua Alteza na capitania onde fôr provedor, e com o provedor juntamente farão exame dois homens eleitos em camara, os quais se elegerão em princípio do ano, e serão tais e de tais conciencias que o façam como cumpre, e haverão juramento em camara; do que se fará assento assinado no livro dos acordos; e sendo posta suspeição a algum destes eleitos em camara, e sendo julgado por suspeito, se elegerá outro em camara, que o não seja, e os que fizerem êste exame poderão repartir os Indios mal resgatados, e os que forem julgados por forros e os escravos mandarão registrar e entregar á pessoa que os resgatou, e na repartição dos forros se terá conta com os pobres e pessoas necessitadas, e não haverá razão de parentesco nem outra amizade.

“Todas as vezes que houver notícia das pessoas que foram ao resgate, que fizeram excessos ou enganar, ou que usaram de manha ou fôrça, ou fizeram outra cousa contra as leis, regimentos e ordenações contra êste assento, será tirada devassa, e se procederá contra os culpados, sendo presos e da cadeia se livrarão por si sòmente, e procederá contra os culpados, dando apelação e agravo, e posto que não haja informação má, comtudo uma vez no ano, no mês de Janeiro, os provedores serão obrigados a tirar trinta testemunhas destes casos, e proceder contra os culpados.

“Serão obrigadas as pessoas que vierem do resgate, assim por mar como por terra, virem logo diretamente á alfandega, e não haverá mais detença que a distância do caminho, e não farão escala em parte alguma, nem deixarão Indio algum em outra parte,

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

e todos juntamente virão á alfandega, assim forros como cativos, nem ferrarão nenhum até lhes não serem julgados por escravos polo dito modo, e em tudo estarão á obediencia dos que fizerem os tais exames.

“Os escravos, que forem registrados e resgatados conforme a êste instituto, se fugirem e se acolherem ao gentio nosso contrário, ou com quem nós não tenhamos pazes, êstes tais, sendo depois tomados ou resgatados entre o proprio gentio, serão julgados aos primeiros senhores, e eles pagarão á pessoa que os trouxer mil réis por cada um de os trazer. Assim, além disto, algum resgate, se foi dado por eles.

“Declaramos, que os moradores poderão em sua casa resgatar alguns Indios, que lhes trouxerem por serem seus contrarios, e tomados em guerra, e assim que forem dos atrás declarados, porêm o provedor da fazenda de Sua Alteza com dois eleitos farão exame conforme a êste assento, e julgarão tais Indios por cativos, se o forem, e os farão registrar, e antes dêste exame os tais Indios serão sempre forros, e havidos por tais.

“Serão havidos por guerras justas as que fizerem, ou mandarem fazer os senhores governadores conforme a seus regimentos, e os capitães serão obrigados ao tempo que quizerem fazer guerras ajuntar-se com os officiais da camara e provedor da fazenda de Sua Alteza e algumas pessoas de experiencia, e com os Padres da Companhia de Jesus, e vigario da tal capitania, e praticarão todas as causas de tal guerra, e parecendo razão fazer-se, se fará; de que se farão autos por todos assinados, e o capitão que fizer guerra contra êste capítulo, se procederá contra ele, como fôr justiça, e os Indios que em elas forem tomados serão havidos por forros, além das penas abaixo declaradas, e será o capitão obrigado a entregar todos os Indios, que na tal guerra forem tomados; pera que os Senhores governadores disponham deles como lhes parecer. E qualquer pessoa ou pessoas de qualquer sorte e condição que sejam, que resgatar ou ferrar, ou cativar Indios ou Indias contra a forma dêste assento, ou usar de fôrça ou engano, ou malícia, ou sonegar alguns Indios, que trouxer consigo e com eles se vierem, ou sejam bem resgatados ou mal resgatados, cativos, ou

forros, posto que seja um sòmente sonegado, além das penas que têm pelos regimentos, leis e ordenações, sendo peão, será açoitado publicamente com o barão e prègão, e pagará de pena quarenta cruzados, e sendo de mais qualidade, pagará a dita pena a dinheiro, e será degredado para fóra das capitánias da governança, onde cometer o tal delito, por dois anos, e os Indios todos que vieram do tal resgate serão havidos por forros, e a metade destas penas serão pera as obras dos collegios, e a outra metade pera quem os acusar.

“O qual assento se tomou nesta cidade da Baía de Todos os Santos, e mandam, que em tudo se cumpra e guarde conforme a carta de Sua Alteza, e serão passadas cartas para as outras capitánias na forma acostumada, e assinaram aqui. Hoje 6 de Janeiro. Antonio da Costa o fez por nosso mando. Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1574 anos.

O governador Luiz de Brito d’Almeida. Antonio Salema” (502).

16. Na éra de 1575 passou el-rei Dom Sebastião a provisão que se segue:

“Eu el-rei faço saber aos mais governadores do estado e partes do Brasil, e aos ouvidores gerais das ditas partes, que ora são, e ao deante forem, que eu sou informado, que de os Indios cristãos forros e livres das ditas partes irem trabalhar nas fazendas, que estão fóra do termo e limite de suas povoações por mais de um mês, e de as pessoas cujas são as ditas fazendas lhes não pagarem logo seu jornal e trabalho por inteiro para se poderem tornar a suas casas e povoações, se seguem muitos inconvenientes, e prejuizo de suas consciencias e fazendas, porque, sendo sua ausencia maior, se descasam de suas mulheres, e se embaraçam com outras, e perdem a cristandade e a fazenda, e despovoam suas aldeias e povoações, que na guerra contra os infieis ajudam, e fazem muito com os Portugueses; e assim sou informado que alguns dos ditos Indios e Indias cristãos fogem de suas povoações para as fazendas dos Portugueses, e se deixam estar nelas por muito tempo, de que se seguem os mesmos inconvenientes; e porque cumpre a serviço de Nosso Senhor e meu prover-se nestes casos, em maneira

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

que os ditos Indios e Indias cristãos não tenham a ocasião de se distrair da cristandade nem desamparar suas roças e fazendas, hei por bem, e vos mando, que vos informeis dos ditos casos todas as vezes que vos parecer necessario, e provejais neles de maneira que cessem os inconvenientes, e a cristandade dos ditos Indios nem suas fazendas não possam por estas causas receber prejuizo algum. E este alvará se registrará no livro da chancelaria da ouvidoria geral e nos das camaras da cidade do Salvador, e das mais capitánias das ditas partes, para se assim haver de cumprir; o que hei por bem, que valha e tenha fôrça e vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assinada e passada por minha chancelaria, e posto que por ela não seja passado sem embargo das Ordenações do segundo livro título 24, que o contrário dispõe. Gaspar de Seixas o fez em Almeirim a 20 de Novembro de 1575 anos. Jorge da Costa o fez escrever. *Rei*. Como el-rei Nosso Senhor assim o manda, assim se cumpra. Hoje 30 de Junho de 1576. Luiz de Brito d'Almeida. Cumpra-se a provisão atrás. A 4 de Setembro de 1578. Lourenço da Veiga."

Todas estas provisões passou el-rei em favor dos Indios cristãos das igrejas da Baía e das mais capitánias, mas não têm effeito, porque os Indios não sabem requerer sua justiça, nem têm quem por eles a requeira, e por isso perecem.

17. Na éra de 1574, sendo governador Luiz de Brito, e o padre Inacio Toloza provincial, o gentio do Rio-Real, que estava 50 leguas desta cidade, e que sempre esteve de guerra com os Portuguezes pelos saltos e agravos que lhe tinham feito, donde tinham mortos alguns Portuguezes em sua defensão, como o tempo da salvação de muitos era chegado, vieram os principais daquela parte pedir padres, que lhes fossem prègar a lei de Deus. Detiveram-se aqueles Indios por alguns meses nas igrejas desta Baía pera ver se se entendia deles virem com algum mau proposito, por ser gente que tinha pouco comércio com os Portuguezes, mas entendendo-se isto ser chamamento de Deus, em janeiro de 1575 mandou o Padre Provincial com os ditos Indios o Padre Gaspar Lourenço e um Irmão (503), tendo-se esperança de grande conversão naquella par-

te, polo muito gentio que havia. Dali por deante mandou tambem o governador com o Padre um capitão com alguns Portugueses (504), para ver se naquela terra se podia fazer alguma povoação, porque diziam ter ele ali 10 leguas de terra, os quais Portugueses foram causa daquilo não ir por deante, e da guerra que se fez; porque pretendendo seu interesse, que são escravos, com enganos resolveram tudo.

Chegado o Padre ao Rio-Real, os Portugueses, que com ele iam, fizeram sua habitação na barra do rio, e o Padre passou por deante ás aldeias, que a primeira estava dali a seis leguas, e ás outras mais: foi o Padre recebido de todos os Indios com mostras de muito amor, mostrando o desejo que tinham de o ver e ouvir a palavra de Deus. Fez logo uma igreja de S. Tomé (505), e depois de estar com aquela gente, foi por deante visitar as outras aldeias, onde fez a igreja de Nossa Senhora da Esperança (506) e outra de S. Inacio na aldeia de Curubi (507), que era o principal de toda aquela terra, muito nomeado e temido entre os Portugueses. Estas três igrejas andava o Padre visitando com muita consolação e quietação dos Indios, até que Nosso Senhor desse outro remedio.

Daqui passou o Padre ao Cirigi, e pôs em paz todas aquelas aldeias, que por ali estavam, que eram 28, prègando a todos sua salvação: uns folgavam de o ouvir, outros tambem se escondiam polo não ver. Fez então o Padre entre êste gentio uma igreja de S. Paulo para os ir visitar algumas vezes, e os que quisessem ouvir as cousas de sua salvação o pudessem fazer; de que os Indios ficaram muito contentes, parecendo-lhes que com isto ficariam livres dos agravos, que lhes faziam os Portugueses, porque onde quer que os Padres foram prègar a lei de Deus entre o gentio, assim nesta Baía, como nas capitánias onde o houve, sempre tiveram contra si os Portugueses, como bem se tem mostrado no que tem sucedido.

18 Depois que o Padre pôs em paz toda esta terra, se tornou para a igreja de S. Tomé, e daí foi visitar os Portugueses, que estavam na barra e a confessá-los e dizer missas, e como o

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

Padre levava encomendado do governador, que lhe escrevesse que terra era aquela, o Padre lhe escreveu na verdade, porque tudo era areais e terra inutil, porque os Indios, que nela residiam, estão no sertão, mas como os Portugueses tinham outro intento, escreveram o contrário do que o Padre escrevia, que começou alvoroçar o ânimo de muitos que dali esperavam seu proveito. Entravam nisto alguns homens que lá tinham escravos fugidos, e porque apontei nestes escravos, direi a sua fugida, porque tambem o governador Mem de Sá aponta naquela fugida destes escravos, no encampamento que lhes fez o Padre Antonio Pires das aldeias no ano de 1571.

19. No ano de 1568, na semana santa, se levantou alguma da escravaria dos Portugueses, a saber, de Japacé, Paranámirim e outras fazendas, fugindo para o sertão, na qual fugida mataram alguns Portugueses, pondo fogo a algumas fazendas, roubando o que podiam. Eram êstes escravos daquele gentio, que os Portugueses houveram no tempo da fome, e daquela doença grande que veio, assim das nossas igrejas, e da sua comarca, e do Rio-Real, como acima vai dito, ilicitamente resgatados, os quais, depois que souberam, que cousa é ser escravo, polo terem bem experimentado em si, vendo que já não tinham nenhum remédio, imaginaram, que lhes vinha falar um santo, o qual lhes mandava, que se fossem para suas terras, e com isto se levantaram, como tenho dito.

Os que de toda esta gente se puderam salvar dos Portugueses e Indios das igrejas dos Padres, que foram após eles, tomaram muitos, se foram meter com o gentio do Rio-Real por serem dali naturais; e sendo isto na éra de 1568, estiveram seis ou sete anos sem seus senhores os irem buscar, nem pedirem aos governadores lbes dessem licença perà isso, nem os quererem haver por guerra nem por paz; e indo o Padre Gaspar Lourenço fazer aquelas três igrejas, como fica dito, achou lá êstes escravos, e vendo seus senhores que a terra estava de paz com a entrada do Padre nela, começaram a resolver os Indios, assim forros como os escravos, e a primeira revolta que houve foi esta.

20. Estava o gentio de Cirigi todo quieto com a paz que lhe o Padre tinha dado, e com a igreja que lhe tinha feito: tomou o Demonio para instrumento do que pretendia a um mamaluco, o qual se foi a algumas das ditas aldeias, dizendo-lhes que olhassem o que faziam, que o Padre os enganava, que não cressem o que lhes o Padre dizia, que os ajuntava para serem escravos, e que já no mar tinha alguma gente junta para os irem amarrar. Isto dizia o mamaluco pelos Portugueses, que estavam na barra do Rio, que foram com o Padre, e como esta gente facilmente crê o que lhe dizem, principalmente se é cousa de medo, e eles sabiam bem como os Portugueses tinham tratado a todos os vizinhos, e viam, que no mar estavam Portugueses, como lhes o mamaluco dizia, levantaram-se todos, e parte dos da igreja de S. Paulo, ficando alguns para verem o fim da cousa, e foi quererem os Portugueses ir dar guerra a um principal, que estava no sertão, que chamavam Apiripê (508), e segundo se entendeu depois, mais foi esta guerra com desejo de resolver os que estavam de paz, pera que mais facilmente houvessem escravos, que por outro respeito.

E indo os da guerra já de caminho, mandaram quatro Indios das igrejas dos Padres, que fossem deante ás aldeias apelar gente. Os Indios de Cirigi, como estavam já pervertidos com as palavras do mamaluco, as quais viam ser verdadeiras, cuidaram, que aqueles quatro Indios iam por espias, e mataram logo dois deles, e esta foi a ocasião de todas aquelas 28 aldeias se levantarem, tendo custado muito trabalho ao Padre Gaspar Lourenço fazer aquellas pazes, porque todos tiveram pera si, que os Portugueses iam á guerra a eles, e não ao Apiripê, e não sem causa suspeitaram isto, pois o mamaluco lhes o tinha dito.

Depois disto, como o Demonio não cessava de buscar manhas para destruir aquella obra, que se ali começava a fazer nas almas do gentio daquelas igrejas, tornou-as a acometer mais abertamente, e nasceu tambem doutros mamalucos, os quais, sabendo que o governador estava de caminho para ir á guerra ao Apiripê, lhes foram persuadir, que a guerra era contra eles, porque os Portugueses vinham buscar escravos; e que o Padre lhes não havia de valer que não tinha armas, nem tinha ninguem de sua parte, e

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

que se aparelhassem que não havia o governador de tardar muito. A isto se ajuntaram feros, que lhes faziam alguns Portugueses, que andavam entre eles daqueles que estavam na barra do rio, dizendo: "Vivam nossos parentes e nós nos vingaremos". Subitamente se alvorçou toda aquela gente de S. Tomé, e andava tão revôlta que parecia andar o Demonio entre eles. Prêgavam pelas ruas: Vamo-nos, vamo-nos antes que venham êstes Portugueses.

Vendo o Padre Gaspar Lourenço tal alvorço, fê-los ajuntar, falando com eles, dando-lhes a entender quão mal faziam em deixar a igreja por mentiras, que lhes diziam, e eles chorando respondiam: "Não fugimos da igreja nem de tua companhia, porque, se tu quiseses ir connosco, viveremos contigo no meio dêsses matos ou sertão, que bem vemos, que a lei de Deus é boa, mas êstes Portugueses não nos deixam estar quietos, e se tu vês que tão poucos que aqui andam entre nós tomam nossos irmãos, que podemos esperar, quando os mais vierem, senão que a nós, e as mulheres e filhos farão escravos?" mostrando alguns deles os pingos e agoi-tes que em casa dos Portugueses tinham recebido, e isto diziam com muitas lágrimas e sentimento (509).

Estando eles desta maneira mui quietos, foi um mamaluco á aldeia do Curubi, que era de S. Inacio, e tomou uma India, mulher de um principal, que diziam ser escrava dum Português, e levou-a escondidamente; logo se levantou toda aquela aldeia dizendo: Vamo-nos todos, e não esperemos mais, porque, se um mamaluco tem poder para nos fazer isto dentro em nossas casas, que fará o governador, quando vier?

O qual já a êste tempo estava muito perto; foi-se então êste principal com sua gente para outro lugar mais dentro do sertão, por onde alguns queriam dizer não irem fugidos, mas que se afastavam até ver a chegada do governador para ver como se havia com eles, porque além disto acontecer, tinha êste Curubi mortos alguns Portugueses, mas em sua defesa, em tempo que os iam saltear, como fica acima dito, e temia-se ainda, porque depois que tinha a igreja, não tratara ainda com Portugueses, posto que já tinha mandado um seu irmão a visitar o governador, e a confirmar a paz, que o Padre tinha feito.

21. Chegando o governador com a demais gente á igreja de S. Tomé (510), soube como Curubi era ido de sua aldeia; mandou logo após ele gente de guerra, o qual acharam com sua gente em um mato assentado, e sentindo ele que os Portugueses iam em sua busca, fez uma cêrca de ramos, que eles costumam fazer, quando andam por terras de contrarios: houve alguma escaramuça de flechas, e ali foi morto por desastre o Curubi com pelouro de uma espingarda, e os seus se deram, ainda que não faltam homens de boas consciencias, que digam que os tais se entregaram debaixo da palavra do capitão, dizendo que se entregassem por paz, e que os trariam para as igrejas, não lhes nomeando serem escravos, e com isto se entregaram, por onde os trouxeram todos cativos, e chegando á igreja de S. Tomé o governador fez carcere dela, em que mandou recolher toda aquela gente que traziam para dali serem repartidos, guardando-os sempre sem o Padre lhe o poder impedir; e tal ficou a igreja depois, que para nela dizerem missa foi necessario cavá-la um palmo, para tirar o mau cheiro e sujidade dela.

Não se pode dizer os agravos e medos, que foram feitos aos Indios de S. Tomé e de Nossa Senhora da Esperança em todo o tempo que o governador e mais portugueses ali estiveram, porque não ficou mantimento nem legumes, nem galinha, nem cousa alguma que não destruíssem, até lhes tomarem suas contas, que é toda sua riqueza, nem lhes ficava machado nem foice, que lhes não tomassem; e nisto parou aquela grande conversão, que se aparelhava naquela terra, e os Indios do Cirigi ficaram de guerra até agora.

Partiu-se o governador para esta cidade e mandou, que os Indios daquelas duas igrejas se viessem tambem, e se repartissem pelas quatro igrejas, que nesta Baía estão. Partindo-se todos para esta cidade, alguns Portugueses se deixavam ficar pelo caminho, e amarravam alguns Indios dos ditos, porque o Padre ora vinha atrás, ora adeante, por acudir a todas as partes, e chegou a cousa a tanto que os Indios, vendo-se tão perseguidos, amarraram um Português, e o tiveram desta maneira até que o Padre chegou, e

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

o mandou desamarrar; nem isto bastava para terem algum comedimento.

Chegou o Padre Gaspar Lourenço a estas igrejas da Baía com 1.200 almas, as quais se repartiram pelas quatro, que os Padres tinham; e como já o gentio delas se ia gastando, e agora pouco tempo há de seis anos a esta parte vieram duas grandes doenças, bexigas e sarampão, ficaram tão diminuidas que se tornaram em três, repartindo-se a gente de S. Tiago pelas outras com parecer do governador Lourenço da Veiga, as quais já de todo foram acabadas, se os Padres não andaram sôbre elas, como andam; porque por algumas vezes com parecer dos governadores mandaram os Padres Indios das igrejas, e foram eles em pessoa ao sertão a descer gente para as fornecer, por se não acabar o gentio delas, como foi na éra de 1562. Veiu Morrangão, que acima vai nomeado, e outros principais para as igrejas; depois disso foi o Padre Gaspar Lourenço ao Arabó (511), e trouxe outro golpe de gente; depois disso foi o Padre Diogo Nunes (512) á serra do Rari, e desceu tambem gente, a qual toda se desceu sem ajuda dos Portugueses, nem para isso darem nenhum favor pera sua despesa, mas antes sempre foram contra isso.

22. A gente que de 20 anos a esta parte é gastada nesta Baía, parece cousa, que se não pode crêr; porque nunca ninguém cuidou, que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo; porque nas 14 igrejas, que os Padres tiveram, se juntaram 40.000 almas, estas por conta, e ainda passaram delas com a gente, com que depois se forneceram, das quais se agora as três igrejas que há tiverem 3.500 almas será muita. Há 6 anos que um homem honrado desta cidade, e de boa consciencia, e official da camara que então era, disse, que eram descidas do sertão do Arabó naqueles dois anos atrás 20.000 almas por conta, e estas todas vieram para as fazendas dos Portugueses. Estas 20.000 com as 40.000 das igrejas fazem 60.000. De seis anos a esta parte, sempre os Portugueses desceram gente para suas fazendas, quem trazia 2.000 almas, quem 3.000, outros mais, outros menos: veja-se de seis anos a esta parte o que isto podia somar, se che-

gam ou passam de 80.000 almas. Vão ver agora os engenhos e fazendas da Baía, achá-los-ão cheios de negros de Guiné, e mui poucos da terra e se perguntarem por tanta gente, dirão que morreu, donde se bem mostra o grande castigo de Deus dado por tantos insultos como são feitos, e se fazem a êstes Indios, porque os Portugueses vão ao sertão, e enganam esta gente, dizendo-lhe que se venham com eles pera o mar, e que estarão em suas aldeias, como lá estão em sua terra, e que seriam seus vizinhos. Os Indios, crendo que é verdade, vêm-se com eles, e os Portugueses por se os Indios não arrependerem lhes desmancham logo todas suas roças, e assim os trazem, e chegando ao mar, os repartem entre si; uns levam as mulheres, outros os maridos, outros os filhos, e os vendem: outros Portugueses no sertão abalam os Indios, dizendo que os trazem para as igrejas dos Padres, e com isto se abalam de suas terras, porque já sabem por todo o sertão, que sômente gente que está nas igrejas, onde os Padres residem, tem liberdade, que toda a mais é cativa, e chegou a cousa a tanto que um Português, indo ao sertão buscar gente, fez a corôa como clerigo, e com isto dizia, que era o Padre, que os ia buscar para as igrejas. Acertou isto de ser em tempo que o Padre Gaspar Lourenço ia ao sertão, e encontrou esta gente no caminho, e quando ouviram dizer, que ia o Padre, disseram: "Como pode ser que êste que nos traz diz, que é Padre, e por isso nós viemos com ele?" E o Português, que trazia a corôa, se escondeu por não querer que o Padre o visse.

Vão os Portugueses 250 e 300 leguas buscar êste gentio por estar já mui longe, e como a terra está já despovoada, o mais dele lhes morre pelo caminho á fome, e alguns Portugueses houve que, tomando pelo caminho algum gentio contrário daqueles que trazem, o matam e lhes o dão a comer, para com isso os sustentarem. Todo êste gentio que tem chegado ao mar, vendo que lhe não guardam o que no sertão lhe dizem, mas antes são todos apartados uns dos outros, como acima vai dito, uns fogem, e se vão meter em matos, onde nunca mais aparecem, outros se deixam morrer de tristeza e enojo, vendo-se ser escravos, sendo eles livres.

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

23. Quanto seja necessario a esta cidade ter estas aldeias, onde os padres residem, e conservá-las que se não acabem, mas buscar ainda maneira para que haja outras, claro está, pois além das guerras que acima disse, em que eles ajudaram tanto, como se sabe, eles ajudaram a vencer todas as mais que se depois fizeram, como foi a do Bôca Torta (513). Duas vezes que se levantou o gentio de Paraguaçu, foram a ele, e o destruíram; a segunda vez com o governador ao Rio de Janeiro; depois disso com Antonio Ribeiro aos Indios do Campo-Grande, onde morreram com o dito Antonio Ribeiro muitos Indios da Baía; com Vasco Rodrigues de Caldas ao ouro (514); com Antonio Dias Adorno ao ouro (515); com Luiz de Brito governador á guerra do Apiripê; com Antonio Ferraz outra vez ao Paranaóba; com Luiz de Brito á Paraíba que não teve efeito por se tornarem de Pernambuco (516); e agora com a nau inglesa eles foram os primeiros que socorreram nesta cidade (517), e em todas estas guerras foram sempre á sua custa, com seus mantimentos e armas, onde morreram muitos, porque não tão somente pelejavam contra seus contrarios, mas serviam os Portugueses, e lhes buscavam de comer, sem por nenhuma cousa destas terem nenhum premio. Quando os negros de Guiné alevantados deram em casa de Cristóvão de Aguiar (518), e lhe mataram dois homens, e lhe roubaram sua fazenda, êstes Indios acompanharam a Cosmo Rangel (519) e a Diogo Dias da Veiga (520), que foram a eles, e os destruíram, matando alguns e tomando outros que deram a seus senhores, e depois disso por mandado do dito Cosmo Rangel andou um Português por nome Inofre Pinheiro (521) com Indios das igrejas buscando e espiando os negros de Guiné alevantados, que há por esta Baía, e deu neles, de que tomou muitos, que se deram depois a seus senhores, e onde quer que acham negros de Guiné fugidos, os tomam e trazem a seus donos; por onde os negros dizem, que se não foram os Indios das aldeias, que já eles foram forros, e a terra fôra sua, mas que os Indios os desbaratam.

Haverá em todas estas 3 igrejas, que os Padres têm a cargo, 800 homens de peleja pouco mais ou menos, dos quais não há mês do ano nenhum, que não andem em casas dos Portugueses cento

e muitas vezes mais, ajudando-os em suas fazendas, por onde se eles foram mais ajudaram, e como eles são poucos e têm suas roças pera fazer e outras necessidades, não podem acudir a todas as que os Portugueses têm, e há muitos que por andarem muito tempo em casa dos Portugueses, não têm que comer, e daí vem ficarem-se nelas pera sempre.

Quanto é aos Indios estarem longe dos Portugueses, bom fôra estarem mais perto, se pudera ser; mas os Portugueses lhes têm ocupado suas terras, que eles têm por cartas, com seus engenhos, como são as terras de Aontigi, outros com suas fazendas e currais, por onde os Indios não podem estar menos da distância que estão, porque nem ainda lá podem viver sem Portugueses, que se com eles vão meter, e seus gados lhes destroem suas roças.

Êste foi o successo das igrejas e gentio, que os Padres da Companhia tiveram a cargo, depois que veio Tomé de Sousa por governador até agora, que há 34 anos.

O modo que os Padres da Companhia tiveram sempre com êste gentio foi ajudá-los assim no temporal como no espirital; no temporal, eles os curam em suas doenças, e os sangram e lhes dão da pobreza, que êles têm, pola extrema necessidade que eles têm destas cousas, e tanto que em tempo das bexigas e outras doenças, que eles não podiam acudir uns aos outros, os Padres andavam com alguns moços polas casas dos Indios, lavando-os e alimpando-os; era tal a doença das bexigas que, curando-os desta maneira, muitas vezes lhes ficava a pele e carne dos doentes pegada nas mãos, e o cheiro era tal que se não podia sofrer; os Padres lhes acudiam com lenha e água, e andavam com os Indios sãos buscando e repartindo isto; e em casa dos que tinham mandavam fazer de comer pera os mais necessitados, e em alguma parte se fazia de comer cada dia para 60 e 70 pessoas, e se lhe os Padres faltavam com isto, faltava-lhes o remédio. De noite e de dia andavam os Padres ministrando-lhes os sacramentos da confissão e unção sem descansar, nem terem tempo pera resar suas horas, enterrando cada dia 10 e 12, ajudando-lhes a fazer as covas e trazê-los á igreja pera os encomendar e enterrá-los, e dos grandes trabalhos que nestas doenças os Padres tiveram com eles, vieram

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

a adoecer, de que estiveram muito mal: muitas vezes acontecia levantarem-se da mesa, para lhes acudir com o batismo, confissão e unção.

25. Ensinam-lhes os Padres todos os dias pela manhã a doutrina, esta geral, e lhes dizem missa pera os que a quizerem ouvir antes de irem pera suas roças; depois disto ficam os meninos na escola, onde aprendem a ler e escrever, contar e outros bons costumes pertencentes á polícia cristã: á tarde tem outra doutrina particular a gente, que toma o santissimo sacramento. Cada dia vão os Padres visitar os enfermos com alguns Indios deputados para isso, e se têm algumas necessidades particulares, lhes acodem a elas, sempre lhes ministram os sacramentos necessarios, e todas estas cousas se fazem puramente por amor de Deus sem nenhum interesse nem proveito, que deles tenham pois que o provimento que os padres têm lhes vai do collegio, e sòmente estão com eles por amor de suas almas pola extrema necessidade em que estão. Os Padres não se servem deles em fazendas, porque se o collegio tem necessidade de alguns Indios pera ajudar a alguma obra do collegio, e eles vêm ajudar, fazem isso por seu estipêndio, e como vão á casa dos outros Portugueses, e isto não com fôrça nenhuma, senão se eles querem por terem necessidade de vestido, ou ferramenta, porque ainda que seu natural seja andarem nus, já agora todos os que se criaram com a doutrina dos Padres andam vestidos, e têm pejo de andarem nus, mas não são os Padres senhores das aldeias, como se diz.

Quando os Portugueses vão ás aldeias buscar gente para seu serviço, os Padres que nelas estão os ajudam no que podem, mandando chamar algum principal, que vá com os Portugueses polas casas, e lhes mostre o resgate que leva a gente, pera que vão os que quizerem sem nisso haver nenhum impedimento, e se os Padres algumas vezes põem algum é, porque ás vezes os Indios não têm sua roça acabada, e é necessario, que a acabem pera remédio de sua mulher e filhos: outros há que tambem que são mal casados, e êstes nunca saem de casa dos Portugueses, e a êstes impede o Padre, pera que façam vida com suas mulheres, e êstes tais di-

zem os Portugueses, que os Padres não querem, que os Indios os vão ajudar, sendo estas as causas do tal impedimento, e não outras, como eles dizem.

O castigo que os Indios têm é dado por seus meirinhos (522) feitos polos governadores, e não há mais que quando fazem alguns delitos, o meirinho os manda meter em um tronco um dia ou dois, como ele quer, não tem correntes, nem outros ferros da justiça. Se alguns Indios, que vão trabalhar á casa dos Portugueses, se vão para a aldeia sem acabar seu tempo, o Padre os obriga a tornarem pera acabar o tempo que com eles ficaram; e se porventura é por alguma causa justa, que o Indio não pode ir, o Padre os concerta de maneira que fiquem contentes.

Os Padres incitam sempre os Indios, que façam sempre suas roças e mais mantimentos, pera que, se fôr necessario, ajudem com eles aos Portugueses por seu resgate, como é verdade, que muitos Portugueses comem das aldeias, por onde se pode dizer, que os Padres da Companhia são pais dos Indios assim das almas como dos corpos.

NOTAS

(456) Pbl. em 1894 na "Revista do Instituto Histórico" (LVII, parte I, p. 213-47) sob o título de *Trabalhos dos Primeiros Jesuitas no Brasil*, segundo cópia do manuscrito da Biblioteca de Evora, em cujo catálogo (I, p. 19, códice CXVI) vem intitulado *Breve noticia histórica das missões dos Jesuitas no Brasil*. Capistrano, que também possuía uma cópia, batizou-a de *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*, que é de fato o título que melhor convem ao documento e por isso o adotamos. Publicámo-lo agora entre os escritos de Anchieta, em seguida á *Informação do Brasil* de 1584, por nos parecer indiscutível que outro não é o papel a que ela se refere repetidamente. Lê-se, de fato, no capítulo *Dos Governadores e Capitães*: "No seu tempo (de Luiz de Brito de Almeida), e indo ele lá em pessoa, se fez a guerra do rio Real, onde os Padres tinham edificado algumas igrejas e ajuntado muitos Indios nelas, como se verá largamente no papel que com este vai". E no intitulado *Das occupaões e trabalhos da Companhia*: "O que os nossos têm feito e fazem na conversão dos Indios livres ver-se-á por outra informação, que com esta vai, que trata isso particularmente (...). Naquela mesma informação se verão os inconvenientes que houve e ha para sua conversão e poucas ajudas e as causas da sua diminuição: dela mesmo se pode coligir o número de cristãos que são feitos e mortos, posto que, além dos proprios das aldeias, se tem feito outra grande multidão deles em missões e continuas visitas, como acima se tem tocado, e bem creio que chegarão a sem mil". Em 1886, na *Introd. ás Inf. e Frag. Hist.* (l. c., p. IX),

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

Capistrano, antes de mais nada, achava necessário averiguar se o papel aludido nos trechos transcritos é o mesmo, o que não lhe parecia bastante claro. Entretanto, caso se tratasse realmente de um só, seria ele, segundo julgava, o manuscrito da Biblioteca de Évora, cujo título modificou para melhor. Trinta e dois anos depois, porém, quando escreveu os incomparáveis *Prolegomenos* aos cinco livros da *História do Brasil*, de frei Vicente do Salvador (3ª ed., revista por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, São Paulo, s/d), mudou o grande mestre de parecer. Lê-se, com efeito, nos *Proleg.* ao l. IV (p. 264): “Um jesuíta anônimo, provavelmente Luiz da Fonseca, escreveu em 1587 ou logo depois uma precisa relação, impressa na *R. T.*, 57, I, 213-47, sobre os primeiros trabalhos jesuíticos na Baía”. Assim, afastou Capistrano implicitamente a suposição por ele mesmo formulada em 1886: a *Informação dos primeiros aldeamentos*, escrita em 1587 ou pouco depois, não pode ser o papel mencionado na *Informação do Brasil* de 1584. Para fixar aproximativamente a data de 1587, baseou-se o autor dos *Proleg.*, nestas palavras da *Inf. dos prim. aldeiam.*: “...e agora com a nau inglesa eles (os índios) foram os primeiros que socorreram nesta cidade (do Salvador)...”. Viu aí Capistrano uma referência aos serviços que, graças ao visitador Gristóvão de Gouvêa, prestaram os índios aldeados da Baía em abril de 1587, quando a cidade foi atacada pelos corsários ingleses Withrington e Lister, conforme a narração de John Sarraçoll (Hakluyt, *Principal Navigations*, ed. de Glasgow, 1904, II, p. 202-27) e Fernão Guerreiro (*Relação annual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas missões* — 1600-1609, ed. de A. Viegas, Coimbra, 1930, I, p. 376-7), que o autor dos *Proleg.* cita na transcrição feita por Candido Mendes de Almeida (*Memórias para a História do extinto Estado do Maranhão*, Rio, 1874, II, p. 509-10). Com a opinião de Capistrano concorda o eminente Rodolfo Garcia, numa nota a Varnhagen (*Hist. Ger.*, 4ª ed., II, p. 79). Embora discordar de autoridades dêsse vulto, sem uma prova iniludível, certamente equivalha a errar, parece-nos que a *Informação do Brasil* de 1584 se refere efetivamente a um só papel, sendo este, de acordo com a suposição de Capistrano em 1886, a *Informação dos primeiros aldeamentos da Baía*. De fato, em que documento jesuítico, senão na *Inf.* em debate, vem “largamente” descrita a guerra do rio Real e detalhadamente historiada, desde os seus primórdios, a obra de catequese desenvolvida pela Companhia? A carta de Inácio de Tolosa, em parte reproduzida por Felisbello Freire numa nota de sua *História de Sergipe* (Rio, 1891, p. 6-13), trata somente dos acontecimentos do rio Real e é de época muito anterior (datou-a o então provincial “da Baía, 7 de setembro de 1575”), quando portanto não se havia declarado ainda a guerra, que se seguiu á fundação das aldeias pelo padre Gaspar Lourenço. E pouco importa o fato da *Informação* tratar notadamente da conversão dos índios da Baía, e não do Brasil em geral, porque os impedimentos para a obra da catequese, aí apontados, ocorriam em toda a Colônia e as medidas com que as autoridades, de acordo com os jesuítas, procuravam proteger o gentio não se restringiam á Baía. Ocupando-se em particular dos aldeamentos baianos, a *Informação* dá em verdade um apanhado da obra da catequese de Norte a Sul da provincia, com suas dificuldades e seus frutos (como indica aliás o título do manuscrito de Évora), aludindo ás guerras do Espírito Santo, Ilhéus, Rio de Janeiro e outras. Compare-se ainda o trecho da *Informação do Brasil* de 1584, em que Anchieta declara ser possível coligir do papel que a acompanhava, não só as causas da diminuição do gentio, como “o número de cristãos (índios cristãos) que são feitos e mortos”, com as indicações que dá a *Informação dos primeiros aldeamentos*

a esse proposito (“...nas 14 igrejas, que os Padres tiveram, se juntaram 40.000 almas... das quais se agora as três igrejas que há tiverem 3.500 almas será muita”), calculando o autor que de “seis anos a esta parte” subiram a 80.000 selvagens trazidos do sertão para morrer quasi todos no cativeiro. Convém notar, outrossim, que a *Breve Narração* de 28 de dezembro de 1584, igualmente enviada para a Europa com a *Informação do Brasil* segundo parece indicar sua data (v. nota 523), não diz palavra sobre os assuntos tratados no papel a que esta última se refere. E’ verdade que chegou até nós incompleta. Mas no seu contexto, todo ele relativo aos sucessos do ano, sobretudo á visitação do padre Cristóvão de Gouvêa, não caberia nenhuma alusão quer aos acontecimentos do rio Real, ocorridos dez anos antes, quer aos primeiros trabalhos da conversão no Brasil. — Por outro lado, a data da *Informação dos primeiros aldeamentos* vem indicada no texto: “Este foi o successo das igrejas e gentio, que os Padres da Companhia tiveram a seu cargo, depois que veio Tomé de Sousa até agora, que ha 34 anos”. Tendo Tomé de Sousa chegado ao Brasil em 1549, em 1583 se completaram os 34 anos. Ora, ainda que não se aceite como rigorosamente exato esse cômputo dos anos decorridos desde a vinda do primeiro governador, cômputo que frequentemente nos documentos coloniais é só aproximativo, parece muito pouco provavel, sobretudo em razão dos termos categoricos da *Informação*, que, sendo ela de 1587, a aproximação se estendesse a um periodo do 4 anos. Mesmo porque todas as demais datas indicadas no papel são absolutamente precisas. E mais um indicio veemente, até decisivo, de que a *Informação* foi escrita em 1583 é o fato dela só mencionar os sucessos ocorridos durante os govêrnos de Tomé de Sousa, Duarte da Costa, Mem de Sá, Luiz de Brito de Almeida-Antonio Salema, Lourenço da Veiga e o interino de Cosme Rangel. Quer dizer: entre 1549 e 1583, dos primeiros trabalhos de Nobrega á expedição de Onofre Pinheiro contra “os negros de Guiné alevantados”. Se a *Informação* tivesse sido escrita em 1587, forçosamente, indubitavelmente faria referencia á conquista da Paraíba, nesse mesmo ano concluida e da qual participaram os indios aldeados. Tanto mais quanto três jesuitas, padres Jeronimo Machado, Simão Tavares e Francisco Teixeira, foram testemunhas de boa parte da campanha. E é a um dos dois primeiros (pois Francisco Teixeira faleceu em 1587 em Pernambuco) que se deve o *Sumário das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do rio Paraíba* (“Rev. do Inst. Hist.”, XXXVI, parte I, p. 5-89), escrito a mandado do visitador Cristóvão de Gouvêa. Ao autor da *Informação dos primeiros aldeamentos* seria facil, portanto, completar a extensa e precisa narração de seu companheiro de hábito. Quem se ocupou tão minuciosamente de todos os acontecimentos importantes da Colonia, que direta ou indiretamente se relacionassem com a atividade da Companhia, a partir de 1560 sobretudo, não deixaria de dedicar longo trecho de sua *Informação* a successo de tal monta, ressaltando os serviços prestados na conquista da Paraíba pelos indios amigos e seus protectores jesuitas. Ademais, se tivesse sido escrita “em 1587 ou logo depois”, como diz Capistrano, a *Informação* não poderia omitir, antes a transcreveria integralmente como fez com as anteriores, a “lei repressiva acêrca do cativeiro dos indios de 22 de agosto de 1587”, que Varnhagen (o. c., I, página 496) attribuí ás “informações e influencia de Teles Barreto”. Tudo isso indica, portanto, que a data do papel é realmente aquela revelada pelo seu autor, quando calcula os anos decorridos desde a chegada do primeiro governador. A única dúvida possivel a respeito decorre da referencia aos indios aldeados que socorreram a Baía, quando aí esteve uma “nau inglesa”, pouco antes de redigida a *Informação*, ao que parece. Só havendo noticia, por essa época, do ataque dos corsarios ingleses Withrington e Lister em abril de 1587, Capistra-

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

no fixou no mesmo ano “ou logo depois”, como já vimos, a data da *Informação*. Antes de mais nada, porém, é de estranhar que o autor da memória fale numa nau apenas, quando de fato foram várias as embarcações com que os corsários em abril de 1587 surpreenderam a cidade do Salvador, ou, mais precisamente, “duas naus e uma zavra de ingleses com um patacho” tomado ao mercador espanhol Lopo Vaz, frota logo aumentada pelo aprisionamento no porto de outros navios (frei V. do Salvador, o. c., p. 331). A estranheza não teria cabimento se não se tratasse então de um fato recente, talvez recentíssimo, de acôrdo com a suposição de Capistrano. Depois, registrando os serviços prestados pelos índios, seria natural que o autor fizesse menção, ainda que ligeira, da atividade desenvolvida pelo visitador Cristóvão de Gouvêa, que foi quem, deante da covardia dos moradores, congregou e animou o gentio para a luta. E’ difícil admitir que a *Informação*, tendo por intuito destacar os benefícios que para a Colonia resultaram da obra da catequese, se limitasse a registrar em duas linhas vagas a defesa da cidade do Salvador contra o ataque de Withrington e Lister, precisamente o acontecimento, em que melhor se comprovaram, na epoca, aqueles benefícios. Essas as razões por que julgamos mais certo se refira a *Informação*, no trecho em debate, não ás naus de Withrington e Lister mas á que, durante o govêrno interino de Cosme Rangel, isto é, entre a segunda metade de 1581 e maio de 1583, “foi agazalhada na Baía”, onde “desembarcaram mais de trinta mil cruzados de mercadorias” (Varh., o. c., I, p. 473). Tendo sido a princípio tomada por inimiga, e dessa suspeita não escapavam as proprias naus portuguesas, ou sobrevivendo os motivos de desavença a que alude Varnhagen, Cosme Rangel, de acôrdo com os jesuitas, reuniu os índios aldeados para defesa da cidade contra um possível ataque dos mercadores ingleses. Ou então, hipótese muito menos provavel, trata-se do navio em que voltava para a Europa Lucas Ward, vice-almirante da armada de Edward Fenton. Sua presença nas costas do Norte, depois dos sucessos de Santos em janeiro de 1583, sobressaltou os moradores da cidade do Salvador, a ponto de apelarem para os índios aliados. Nêsse caso, a referencia da *Informação* confirmaria a “vaguissima indicação” de Lucas Ward na narrativa que fez da expedição, conforme se vê numa nota de Capistrano a Varnhagen (o. c., I, p. 481-2). Há ainda a considerar a hipótese, muito plausivel, de uma interpolação. Sem dúvida, qualquer dessas presunções é por si mesma fragilima. Deante, porém, do que vimos expondo, são as unicas que a data para nós indiscutivel da *Informação dos primeiros aldeamentos*, 1583, permite formular e robustece em consequência. Quanto á demora na remessa do papel para a Europa, ela se explica ou pela falta de embarcação segura que o levasse no ano em que foi escrito, ou, como pensamos, por haver sido elaborado para acompanhar a *Informação do Brasil*, só concluida nos ultimos dias de 1584. — Resta apurar a sua autoria. Declara Capistrano, na *Introd. ás Inf. e Frag. Hist.*, tê-la a princípio attribuido ao proprio Anchieta. Entretanto, não sendo bastantes para autorizar tal suposição as referencias da *Informação do Brasil*, um estudo mais detido do documento convenceu-o de que o autor deve ser ou Gregorio Serrão ou Luiz da Fonseca. Mais provavelmente o último, que por esse tempo substituiu Serrão, já gravemente enfermo, na reitoria do Colégio da Baía. Faleceu o grande amigo de Anchieta em dezembro de 1586 no Espirito Santo. De forma que Capistrano, nos *Proleg.* ao l. IV de frei Vicente do Salvador, julgando ser a *Informação dos primeiros aldeamentos* de 1587 ou pouco depois, passa a indicar, como seu provavel autor, o padre Luiz da Fonseca unicamente. Que o jesuita que escreveu a *Informação* não foi testemunha de todos os acontecimentos que narra, pode-se deduzir da omissão, no trecho relativo á guerra do rio Real, da ida á aldeia de São Tomé do padre Luiz da Grã e do irmão Fran-

cisco Pinto e ainda da substituição daquele pelo padre João Pereira. Esse exatamente o caso de Anchieta, que, depois de sua breve permanência de 1553 e até 1577, quando chegou do Sul com o provincial Inacio de Tolosa, só esteve na Baía em 1565-6. Luiz da Fonseca, vindo de Portugal em 1569, se conservou na Baía até os ultimos dias de 1592 ou primeiros de 1593. Não podia, portanto, ignorar a missão de Grã e os sucessos que determinaram sua substituição por João Pereira. Quanto a Gregorio Serrão, residiu na séde da Colonia de setembro de 1562 a fins de 1575, quando partiu para a Europa, eleito procurador a Roma, deixando bastante adeantados os trabalhos da conversão no rio Real, para onde Grã e Francisco Pinto já haviam seguido. Além disso, seu precario estado de saúde em 1583, e aqui repetimos Capistrano, não lhe permitiria escrever memoria tão longa e trabalhosa como é a *Informação dos primeiros aldeamentos*. Deante disso, e até prova melhor em contrário fornecida por qualquer documento ainda inédito, todas as probabilidades militam, segundo nos parece, a favor da autoria de Anchieta. Em todo o caso, se não é ele o autor, certamente a seu mandado e sob suas vistas foi escrita a *Informação dos primeiros aldeamentos* para servir de complemento á *Informação do Brasil*. E assim, ainda que venha a se verificar a improcedencia de nossa suposição, não ficará o papel deslocado entre os escritos do Taumaturgo.

(457) Sôbre as tratativas entre d. João III e a Companhia para a vinda dos missionarios ao Brasil, v. B. Teles (*Cron.*, p. 429 e s.) e S. de Vasconcelos (*Cron.*, ed. de 1865, l. 1, n. 1-7).

(458) "Trabalhamos de saber a lingua deles e nisso o padre Navarro nos leva vantagem a todos", escrevia Nobrega ao padre Simão Rodrigues (*Cart.*, I). Segundo Capistrano (nota a Varnh., *Hist. Ger.*, 4ª ed., I, p. 306), "Navarro encontrou facilidade em aprender a lingua da terra por ser conhecedor do euskara". E assim se explica tambem a rapidez com que Anchieta, de origem biscainha, se tornou mestre da lingua brasilica.

(459) Sôbre essa guerra dos indios da Baía, v. a carta de d. Duarte da Costa, de 10 de junho de 1555, pbl. na *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (III, p. 377-9) e repr. por R. Garcia em nota a Varnhagen (o. c., I, p. 367-71).

(460) No dizer de S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, n. 3), "teve fim esta molesta, mas bem afortunada guerra, no mês de Maio do ano do Senhor de 1556".

(461) "A primeira aldeia que assentaram os padres" foi a do Rio Vermelho (S. de Vase., o. c., l. 2, n. 5). Nela residiram os padres Antonio Rodrigues e Leonardo do Vale.

(462) Em 1556, além das casas da Baía, Espirito Santo e São Vicente, tinham os jesuitas a de Porto Seguro e já principiada a de Pernambuco.

(463) V. nota 170.

(464) Sôbre a guerra dos indios do Espirito Santo, na qual Fernão de Sá perdeu a vida, v. *Cart. Av.* (XXIII), frei Vicente do Salvador (*Hist.*, 3ª ed., p. 169-70) e Capistrano (nota a Varnh., o. c., I, p. 397).

(465) A guerra dos Ilhéus é pormenorizadamente descrita por Nobrega (*Cart. XV*). Já estava concluida em setembro de 1559 (*Cart. Av.*, XXIX, XXXIV e XXXVI; Capistrano, nota a Varnh., o. c., I, p. 398-9).

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

(466) Em 30 de novembro de 1559 chegou á Baía a armada enviada de Portugal para combater os franceses do Rio de Janeiro, sob o comando de Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha. Mem de Sá reforçou-a com auxílio dos índios e partiu a 16 de janeiro de 1560, chegando ao Rio a 21 de fevereiro. Constatava a frota de duas naus e oito embarcações menores (Varnh., o. c., I, páginas 384-5, e nota de Capistrano, p. 399).

(467) Este principal *Morrangao* (*Miranga*, escreve Varnh., o. c., I, p. 320) é o mesmo *Mirãgaoba* ou *Mirangaoba* a que alude Nóbrega em duas de suas *Cart.* (XIX e XX). Chefe da aldeia de São João, “índio mui sabio e mui estimado e por isso mui soberbo”, no dizer do grande jesuita, “foi prêso e humilhado” por estorvar a obra da catequese e desobedecer a Mem de Sá.

(468) Sôbre a retirada dos índios da aldeia de São João e ruína de sua igreja, escreve o padre Rui Pereira (*Cart. Av.*, XXXIX).

(469) Com Mem de Sá embarcaram em São Vicente, a 25 de junho de 1560, o provincial Luiz da Grã e os irmãos Gonçalo de Oliveira, Gaspar Lourenço, Antonio de Sousa e Baltazar Gonçalves. A chegada á Baía foi a 29 de agosto (*Cart. Av.*, XXXIX).

(470) Rembê ou Erembê, a nove leguas da cidade do Salvador (S. de Vasconcelos, o. c., l. 2, n. 90).

(471) Cf. *Cart. Av.* (XLV).

(472) A aldeia de Santa Cruz foi fundada em junho de 1561, passando a residir nela os padres Antonio Pires e Luiz Rodrigues, em companhia dos irmãos Manuel de Andrade e Paulo Rodrigues. Povoaram-a, em grande número, os índios das margens do rio Paraguaçu (*Cart. Av.*, XLV, e S. de Vasconcelos, o. c., l. 2, n. 99).

(473) A igreja do Bom Jesus ficou sob os cuidados do padre Antonio Rodrigues, auxiliado pelo irmão Paulo Rodrigues. A povoação era distante da cidade do Salvador “algumas 15 ou 16 leguas”, segundo Antonio Blasquez (*Cart. Av.*, XLV).

(474) O gentio do rio Itapicurú tinha por principal o índio *Acaraé* (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 99) ou *Aracaen* (*Cart. Av.*, XLVIII), “mui estimado e de grandissima fama”. Em razão de sua extrema velhice, “que dizem será de 120 anos e não ser já pera mandar nem fazer nada”, substituiu-o na qualidade de chefe seu sobrinho *Capij*. — As duas povoações mandadas principiar por Grã, de volta do Itapicurú, foram as de S. Pedro e Santo André, a que a *Inf.* alude linhas adiante.

(475) A igreja de São Pedro, distante da cidade do Salvador 22 leguas, povoou-se com o gentio das “aldeias chamadas de *Çaboyg*, naquele tempo numerosas, e outras mais pequenas” (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 99). — Cf. *Cart. Av.* (XLVIII).

(476) A igreja de Santo André foi feita “no sítio chamado *Anhébyg*” (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 99). — Cf. *Cart. Av.* (XLVIII).

(477) A partida para Camamú ou Macanamú, do lado de Ilhéus, não foi em novembro de 1561, como dizem a *Inf.* e S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, n. 100), mas alguns meses antes, pois em setembro já Leonardo do Vale (*Cart. Av.*, XLVI) noticiava a fundação da igreja de Nossa Senhora da Assunção.

JOSEPH DE ANCHIETA

(478) A igreja de São Miguel se construiu em um sítio “junto a Tinaré, chamado Taporaguá” (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 100).

(479) A igreja de Nossa Senhora da Assunção ficava distante da cidade do Salvador 30 leguas pouco mais ou menos, segundo Leonardo do Vale (*Cart. Av.*, XLVI), cálculo que é de se preferir ao de S. de Vasconcelos (o. c., livro 2, n. 100), para quem a distância era apenas de 16 leguas.

(480) Cf. *Cart. Av.* (XLVI e XLVIII).

(481) V. Varnhagen (o. c., I, nota do autor e de Capistrano, p. 366) e nota 88.

(482) O massacre do bispo e seus companheiros deu-se a 16 de junho de 1556.

(483) D. Fernando de Noronha, 3º conde de Linhares, casado com uma filha de Mem de Sá. O engenho, que fôra do governador e mais tarde veio a pertencer aos jesuitas, era conhecido por Sergipe do Conde (Varnh., o. c., I, p. 393, e nota de Capistrano). — *Ciriripe, Cirigi, Seregipe, Sirigipe*, etc., são alt. de *Sergipe*, de *ciri-gy-pe*, “no rio dos siris” (T. Sampaio, *O tupi na geograph. nac.*, 3ª ed.).

(484) Cf. *Cart. Av.* (XLVIII).

(485) A peste assolou a Baía em 1563, seguindo-se em 1564 “uma terrível fome”, segundo S. de Vasc. (o. c., l. 3, n. 38). — Cf. *Cart. Av.* (L e LIII).

(486) Levados pela fome, escreve S. de Vasc. (o. c., l. 3, n. 39 e 41-2), os índios, não só se vendiam a si mesmos e “se alugavam pera servir toda a vida ou parte dela”, como “vendiam aos proprios filhos que geraram” e até “aos que não geraram, fingindo os seus”. E como surgissem “grandes embaraços, dúvidas de consciencia, nos que compraram os Índios na forma acima referida”, consultou-se o Tribunal da Mesa da Conciencia, de Lisboa, e “dele veio a resolução seguinte”: “Que o pai podia em direito vender ao filho em caso de apertada necessidade: e que qualquer se podia vender a si mesmo pera gozar do preço”. Reunidos, em consulta, o bispo d. Pedro Leitão, o governador Mem de Sá, o ouvidor geral Braz Fragoso e o provincial Luiz da Grã, “pareceu bem que se publicasse ao povo a resolução da Mesa da Conciencia, por que com ela ficassem quietos os que compraram na forma conteúda, e os que foram comprados fóra dela se tivessem por livres”. Quanto aos índios vendidos “fora do direito por tios, e irmãos, e parentes, que não tinham dominio sobre eles, determinou-se que os tais eram livres”. Em razão, porém, das “grandes dificuldades que se alegavam de se largarem todos êstes Índios do serviço dos Portuguezes; e porque podiam ir outra vez meter-se entre os gentios, com dispendio de suas almas, e não sem perigo da republica, foi permitido que ficassem em casa dos que os tinham, com as condições seguintes: Que os ditos Índios assi mal havidos fossem avisados de sua liberdade; mas que como livres servissem áqueles que os resgataram em suas vidas, por evitar os inconvenientes que do contrário se podiam seguir: e que fugindo os tais Índios, os pudessem os amos mandar buscar, e castigar: e com condição que os amos, em reconhecimento de sua liberdade, lhes pagassem em cada um ano por seu serviço aquilo que justamente lhes fosse taxado: com declaração, que continuando eles a fugir pera o gentio, sendo depois da primeira vez, perdessem a sol-

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

dada de um ano, em recompensa do que os amos perderam em buscá-los. E outrosi, que os possuidores dos ditos Índios, os não poderiam vender, nem dar, nem trocar, nem levar fora do Brasil: e o que os não quisesse possuir com as condições apontadas, os pudesse tornar a dar aos que lhes venderam, sem título de dominio que tivesse sobre eles, e estes lhe tornassem o preço." Essas condições, entretanto, não "se guardaram nem a resolução serviu de mais que de cativarem mais Índios com capa de vendidos por si mesmos, ou por seus pais" — A' Mesa da Conciencia representaram também os moradores, contrariando o ponto de vista dos jesuitas favorável á liberdade dos indios. Alegavam, no dizer de Varnhagen (o. c., I, p. 421-3), que "bem considerado o caso" os proprios indios das aldeias da Companhia "eram verdadeiros servos, pois trabalhavam como tais, não só nos Colegios, como nas terras chamadas dos indios, que acabavam por ser fazendas e engenhos dos padres jesuitas" Dá-lhes razão Varnhagen, afirmando "que os jesuitas pregavam mais com a palavra do que com o exemplo" e não tinham "meios de provar aos colonos sua abnegação, quando a título de ordinária, cobravam soldos avultados das rendas da colonia". Essas acusações são rebatidas pela *Inf.*, páginas adeante.

(487) A aldeia de Santa Cruz de Itaparica se havia mudado para Jaguaripe, "por causa da fome, e por lhe meterem em cabeça seus feiticeiros, que procedia esta em castigo de se haverem sujeitado a Cristãos" (S. de Vasconcelos, o. c., l. 3, n. 39). — Quando procuravam impedir a debandada dos indios de Taperaguá e Tapepitanga, estiveram a pique de morrer ás mãos dos fugitivos os padres João Pereira, Adão Gonçalves, Jorge Rodrigues e um irmão.

(488) Em 1564, escrevia Antonio Blasquez ao provincial português (*Cart. Av.*, LIII): "As murmurações que o ano passado se haviam levantado, fundadas nos que pretendem os seus proprios interesses dos Indios, parecendo-lhes que nós impedimos as suas ganancias com eles, hão cessado com a boa ordem que teve o Padre Provincial para lhes desarraigarem esta opinião, acabando com o Governador que mandasse pôr em cada povoação um homem honrado que tivesse o nome de Capitão e fosse como que o protetor deles, defendendo-os das injúrias e agravos dos Cristãos. Estes, como testemunhas de vista, observando a nossa vigilância e cuidado que com eles se tem e por outra parte considerando os insultos e opressões que da parte dos Cristãos os Indios padecem, hão declarado e publicamente dizem ao povo a pouca razão e a muita culpa que tem em nos perseguir, e ajudar tão pouco nesta obra de tanto serviço do Senhor".

(489) E' com certeza o mesmo Francisco de Moraes que depôs na inquirição ordenada por Mem de Sá, em 1570, para justificar os serviços que prestou no govêrno (*Instrumento dos serviços de Mem de Sá*, nos "An. da Bibl. Nac.", XXVII, p. 153).

(490) Provavelmente Francisco Barbuda, proprietario de um engenho no Matoim, onde havia uma ermida sob a invocação de São Bento (G. Soares, ed. 1879, p. 125).

(491) Este Antonio Ribeiro deve ser o mesmo citado como partidario de d. Duarte da Costa na representação da Camara da Baía contra o governador, datada de 18 de dezembro de 1556, e ainda, conforme sugere Capistrano, o comandante da bandeira que, na administração de Mem de Sá, caiu numa cilada armada pelos indios (notas a Varnh., o. c., I, p. 366 e 425). Mais tarde, depois da segunda expedição de Mem de Sá ao Rio de Janeiro, combateu os

JOSEPH DE ANCHIETA

selvagens do Campo Grande, onde morreu com muitos aldeados da Baía, segundo narra esta mesma *Inf.*

(492) Certamente o mesmo que tomou parte na guerra dos índios da Baía durante o governo de d. Duarte da Costa (nomeando-o este, na carta de 10 de junho de 1555, "João d'Araujo, que foi Tesoureiro"), vem citado como partidário do governador na representação da Câmara da Baía de 18 de dezembro de 1556 e depôs em 1570 no *Instrumento dos serviços de Mem de Sá* ("An. da Bibl. Nac.", XXVII, p. 137; *Hist. da Colon. Port.*, III, p. 377-9; Capistrano, e R. Garcia, nota a Varnh., o. c., I, p. 366, 371 e 372).

(493) Varnhagen (o. c., I, p. 423-4) reproduz a carta régia ligeiramente modificada, sobretudo no final.

(494) Observa Capistrano (nota a Varnh., o. c., I, p. 424): "O ouvidor que aqui estava era ainda Braz Fragoso. Isso permite fixar a data da carta régia em 1566, pois já em 20 de novembro desse ano Fernão da Silva estava no Brasil: conf. Silva Lisboa, *Anais do Rio de Janeiro*, I, 313". — A carta foi recebida antes de julho, mês em que se tomaram as resoluções que a *Inf.* reproduz em seguida.

(495) Como diz Capistrano (l. c.), essa data indica que não se esperou para deliberar a vinda do padre Inácio de Azevedo e do novo ouvidor geral Fernão da Silva, de acordo com o que determinava a carta-régia.

(496) Diogo Zorrilha, castelhano, natural das Montanhas de Laredo, nasceu em 1530 mais ou menos e chegou ao Brasil em 1556. Além de procurador dos índios, foi alcaide do mar da cidade do Salvador e guarda-mór dos navios. A 21 de agosto de 1591, fez denúncia contra Alvaro Rodrigues e outros perante o Santo Offício. Era casado com Catarina Rios, de quem teve três filhas (*Den. da Baía*, p. 242, 282 e 389; Capistrano e R. Garcia, nota a Varnh., o. c., I, p. 425).

(497) Falecendo Nobrega em outubro de 1570, Antonio Pires exerceu interinamente o cargo de provincial, para o qual havia sido aquele nomeado pela segunda vez.

(498) Será este o mesmo Fernão Cabral de Taíde, fazendeiro em Jaguaripe, a que se refere Anchieta na carta XXVI? Confessando-se perante o Santo Offício, a 2 de agosto de 1591, declarou ter cinquenta anos de idade. Teria, portanto, trinta, em 1571. O fato da *Inf.* nomeá-lo simplesmente Fernão Cabral, e não Fernão Cabral de Taíde, nada importa: aludindo a Taíde, não só Anchieta como muitos dos que o denunciaram ao Santo Offício, omitem esse sobrenome (*Den. da Baía*, p. 280-3, 308-9, 340-2, 346-7, etc.). O requerimento do provincial alude ao sogro de Fernão Cabral. Portanto, na hipótese de ser Taíde o responsável pelo "rebolicho" da aldeia de São João, teria ele já contraído matrimônio em 1571. Ora, sua mulher Margarida da Costa declarou ao Santo Offício, em 1591, ser de idade de quarenta anos (*Conf. da Baía*, p. 101-2). Teria, assim, vinte em 71, idade em que as mulheres naquele tempo já se casavam tardiamente. A própria Margarida da Costa, aos quarenta anos, era sogra do desembargador Ambrosio Peixoto de Carvalho (l. c., p. 53). E, favorecendo a hipótese de que Taíde seja o Fernão Cabral da *Inf.*, há a identidade de temperamento, violento e desabusado, entre o que em 1571 enfrentou os jesuitas e o que anos depois mandou jogar na fogueira uma negra machada de comer terra. Além disso, o Fernão Cabral de 1571 devia ser ho-

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

mem bastante poderoso para desafiar as cóleras da Companhia e Taíde possuía em 91 uma das maiores fortunas da Baía. — V. nota 336.

(499) Para Capistrano (*Conf. da Baía*, pref., p. 21, nota 3), êste Heitor Antunes não pode ser o mesmo cristão novo que chegou ao Brasil em 1557 com Mem de Sá e depôs no *Instrumento* com que o governador justificou os serviços prestados á Colonia (notas a Varnh., o. c., I, p. 372 e 378), sendo já falecido ao tempo da primeira visitaçào do Santo Offício. Não pode, porque a *Inf.* se refere á “fazenda de Eitor Antunes” e o companheiro de Mem de Sá era mercador. Contrariando embora a opinião entre todas autorizada do insigne cearense, parece-nos que se trata de uma só pessoa. De fato, entre as inúmeras denúncias contra a familia de Heitor Antunes, existem três provando que o mercador se tornara fazendeiro no Matoim, desde 1571 pelo menos. Diz textualmente Diogo Dias (*Den. da Baía*, p. 473-6): “...que em Matoim nesta capitania tinha Heitor Antunes cristão novo mercador que fôra, e era senhor de engenho no dito Matoim em sua casa esnoga e toura...” E Custódia de Faria (l. c., p. 477-8): “...que haverá vinte anos pouco mais ou menos que estando em Matoim doente em cama Heitor Antunes cristão novo mercador que fôra e ora (talvez êrro de cópia, por “era”) senhor de engenho de Matoim...”. E Inez de Barros (l. c., p. 536-9): “...que Heitor Antunes cristão novo defundo morador que foi em Matoim tinha na sua fazenda uma casinha separada...”. Assim, o Heitor Nunes proprietario de engenho é o mesmo cristão novo mercador, vindo ao Brasil com Mem de Sá. Casara no Reino com Ana Roiz, cristã nova, de quem houve seis filhos, dois dos quais já eram falecidos em 1591 (Capistrano, l. c.). Ana Roiz, embora negasse firmemente as práticas judaicas de que era acusada e apesar de seus oitenta anos de idade, foi queimada pela Inquisição.

(500) Diogo Ribeiro foi quem lavrou o testamento em 1569 e três anos depois funcionou no inventário de Mem de Sá (R. Garcia, notas a Varnh., o. c., p. 440 e 445-53).

(501) O doutor Fernão da Silva assumiu o cargo de ouvidor-geral, em substituição a Braz Fragoso, na segunda metade de 1566. Falecido Mem de Sá a 2 de março de 1572, governou interinamente a Colonia até a posse de Luiz de Brito de Almeida. A mandado dêste, em 1575, seguiu para Pernambuco, onde reuniu alguma fôrça afim de combater o gentio da Paraíba. Foi, porém, infeliz nessa expedição, sendo obrigado a refugiar-se em Itamaracá (Varnh., o. c., I, p. 461, e notas de Capistrano e R. Garcia, p. 424, 440 e 457).

(592) Gandavo (*Hist.*, ed. da Acad., p. 146-7) testemunha os beneficios que resultaram das determinações dos dois governadores, nestes termos que R. Garcia transcreve em nota a Varnhagen (o. c., I, p. 469), sem entretanto indicar seu autor: “Mas já agora não ha esta desordem na terra, nem resgates como soia. Porque depois que os Padres viram a sem razão que com eles se usava, e pouco serviço de Deus que daqui se seguia, proveram neste negócio e vedaram, como digo, muitos saltos que faziam os mesmos Portugueses por esta costa, os quais encarregavam muito suas conciencias com cativarem muitos Indios contra direito, e moverem-lhe guerras injustas. E pera evitarem tudo isto, ordenaram os Padres, e fizeram com os Governadores, e Capitães da terra que não houvessem mais resgates daquela maneira, nem consentissem que fosse nenhum Português a suas aldeias sem licença do seu mesmo Capitão. E se algum faz o contrário, ou os agrava por qualquer via que seja ainda que vá com li-

cença pelo mesmo caso é mui bem castigado conforme a sua culpa. Além disto pera que nesta parte haja mais descengano, quantos escravos agora vêm novamente do sertão ou de umas Capitánias pera outras, todos levam primeiro á alfandega, e ali os examinam, e lhes fazem perguntas, quem os vendeu, ou como foram resgatados, porque ninguem os pode vender senão seus pais, se fôr ainda com extrema necessidade, ou aqueles que em justa guerra os cativavam: e os que acham mal adquiridos poem-nos em sua liberdade. E desta maneira quantos Índios se compram são bem resgatados, e os moradores da terra não deixam por isso de ir muito avante com suas fazendas". — Já no *Trat.* (ed. da Acad., p. 55-6), havia aludido Gandavo á "determinação e assento" de 1574, quasi que com as mesmas palavras.

(503) Com o padre Gaspar Lourenço seguiram o irmão João Solonio e vinte neófitos da aldeia de Santo Antonio (padre Inacio de Tolosa, carta de 7 de setembro de 1575, na *História de Sergipe*, de Felisbello Freire, Rio, 1891, nota, p. 6-13; F. Sacchino, *Historia Societatis Jesu*, nos *Apont.* de A. H. Leal, p. 150). Partiram, de acôrdo com a *Inf.*, em janeiro de 1575, precisando F. Sacchino que a chegada ao Rio Real foi na *5 kal. februarii* (28 de janeiro). Tolosa, porém, dá a partida da Baía em fevereiro e a chegada ao rio Real no dia 28 desse mês. — Na *Synopsis* de A. Franco (*Apont.* de A. H. Leal, p. 233) João Salono (*sic*), catalão, vem mencionado como padre já em 1574, ano de sua chegada ao Brasil.

(504) Esse capitão era Garcia d'Avila (G. Soares, o. c., p. 35, e frei V. do Salvador, o. c., ed. 1918, p. 213-4), que seguiu com uma companhia de vinte soldados (F. Freire, o. c., p. 5).

(505) A aldeia de São Tomé, segundo supõe F. Freire (o. c., nota, página 5), ficava "nas imediações do rio Piauí, afluente do Rio Real".

(506) No dizer de Sacchino, quem edificou a igreja de Nossa Senhora da Esperança, em substituição á de São Tomé, foi o padre Luiz da Grã. A ida deste ao rio Real é narrada por Tolosa, na carta citada. Declara o Provincial que, tendo chegado ao Governador Luiz de Brito várias queixas contra o padre Gaspar Lourenço, queixas essas enviadas pelos portugueses que haviam seguido com Garcia d'Avila, resolveu mandar Luiz da Grã, tendo por intérprete o irmão Francisco Pinto, afim de apurar a procedencia das acusações. Luiz da Grã escreveu logo desmentindo o que se dissera do padre Gaspar Lourenço. Sacchino informa que, após a revolta dos índios de São Tomé contra os portugueses, Inacio de Tolosa substituiu Grã pelo padre João Pereira.

(507) *Curubí* e *Surubí* (Tolosa, l. c.), *Surubim* (Sacchino, l. c.) ou *Soroby* (frei V. do Salvador, l. c.). A aldeia desse principal, no dizer de F. Freire (o. c., nota, p. 5) "ficava nas margens do rio Vazabarris, junto, ou talvez no lugar em que acha-se edificada a vila de Itaporanga, o que se vê pela carta de sesmaria de Sebastião da Silva, Francisco Rodrigues e Gaspar de Fontes". — *Surubim*, de *çob-r-oby*, significa "animal azulado, com laivos azues": é o nome do peixe chamado *jaú*, no Sul do Brasil (T. Sampaio, *O tupi na geogr. nac.*, 3ª ed.).

(508) *Apirepé* (Sacchino, l. c.) ou *Aperipé* (frei V. do Salvador, l. c.). Na reprodução da carta de Tolosa feita por F. Freire (l. c.), o nome desse principal figura como sendo *Pepita*, evidente erro de cópia.

(509) Isto se passou, segundo Sacchino, com o padre Luiz da Grã. — V. nota 506.

XXX. — INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS

(510) Luiz de Brito partiu para o rio Real em 1576. Aí desaprovou a localização do povoado que Garcia d'Avila iniciara e fundou a vila de Santa Luzia, que facilitou a formação da Companhia de Sergipe, no dizer de Varnhagen (o. c., I, p. 459, e nota de Capistrano, p. 461). Entretanto, G. Soares (o. c., p. 35) informa que se abandonou a povoação fundada por Luiz de Brito, "por se entender necessario fazer-se uma casa forte a custa de S. A., a qual Luiz de Brito não ordenou, por ser chegado a cabo de seu tempo, e succeder-lhe Lourenço da Veiga, que não buliu neste negócio pelos respeitos, que não são sabidos, para se aqui declararem". A respeito há uma nota de F. Freire (o. c., p. 5), segundo a qual o lugar em que acamparam os soldados de Garcia d'Avila "é onde está situada a vila de Santa Luzia".

(511) Ou Orobó.

(512) O padre Diogo Nunes acompanhou, em 1614, a expedição de Alexandre de Moura ao Maranhão, da qual participou também o padre Manuel Gomes. Deve ter entrado para a Companhia no Brasil, pois não vem mencionado na *Synopsis* de A. Franco.

(513) *Bôca Torta*, nome de um principal, cuja aldeia ficava a 18 leguas da cidade do Salvador. "Por estar de guerra e não querer deixar de comer carne humana", atacou-o Mem de Sá logo no principio de seu governo, "com muita gente a cavalo e de pé". A expedição não gastou "em ir e vir" mais que "dois dias e uma noite". A aldeia foi queimada e os indios confiados aos Padres da Companhia (*Instrumento dos serviços de Mem de Sá*, "An. da Bibliotheca Nac.", XXVII, p. 129 e s.).

(514) Vasco Rodrigues Caldas, que no governo de Mem de Sá chefiou a expedição que prendeu o principal Cururupeba, submeteu os indios do Paraguassú e combateu os de Ilheus, fez em 1561 uma entrada "com atoardas e esperanças que havia de ouro" (*Cart. Av.*, XLVIII), attingindo "a Chapada Diamantina e as nascentes do Paraguassú onde o desbarataram os Tupinâes obrigando-o a voltar" (A. d'E. Taunay, *Hist. Ger. das Band.*, I, p. 54). — V. nota de R. Garcia a Varnhagen (o. c., I, p. 403-4).

(515) A expedição de Antonio Dias Adorno, que se seguiu á de Sebastião Fernandes Tourinho, foi ordenada por Luiz de Brito de Almeida. Partiu á procura das minas de esmeraldas em fevereiro de 1574 (Tolosa, carta citada), tendo durado nove meses, segundo Paulo Adorno, que dela participou (*Conf. da Baía*, p. 216). Compunha-se de 150 portugueses e 400 indios e percorreu a região já devassada por Tourinho (A. d'E. Taunay, o. c., I, p. 54).

(516) O insucesso da expedição de Fernão da Silva contra os indios da Paraíba (v. nota 501), levou Luiz de Brito a reunir na Baía uma frota de doze navios, tendo por capitão-mór seu sobrinho Bernardo Pimentel d'Almeida. Nela embarcou o governador em setembro de 1575. A frota, porém, se dispersou por haver encontrado vento e mar desfavoráveis. O navio do governador, com outros, arribou á Baía. E o do capitão-mór a Pernambuco, de onde tornou á cidade do Salvador (Varnh., o. c., I, p. 461-2).

(517) V. nota 456.

(518) Com Tomé de Sousa veio para o Brasil um Cristóvão de Aguiar, nomeado almoxarife dos mantimentos. Mais tarde, tomou parte na guerra dos indios da Baía, ao lado de d. Alvaro da Costa. Em 1556, foi citado entre os

JOSEPH DE ANCHIETA

partidarios de d. Duarte da Costa na representação da Camara da Baía contra o governador (Varnh., o. c., I, p. 296, e notas de Capistrano, p. 336 e 371). Seria êsse o proprietario da fazenda a que se refere a *Inf.*? G. Soares (o. c., p. 121) alude ao engenho de "um morador dos principais da terra, que se chama Cristóvão de Aguiar de Altero", situado entre a cidade do Salvador e a ponta de Tapagipe. Nome esse do cavalheiro fidalgo que foi o primeiro juiz ordinario da vila de Santos e governou a Capitania de São Vicente de 1542 a 1545. Teria, porventura, transferido sua residencia para a Baía, sendo assim ele, e não o companheiro de Tomé de Sousa, o proprietario da casa que os negros da Guiné assaltaram?

(519) O ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo chegou ao Brasil em 1578, com o governador Lourenço da Veiga. Falecendo êste em 1581, assumiu Cosme Rangel a administração da Colonia, a princípio com o Bispo, depois sózinho, até a chegada de Manuel Teles Barreto, em maio de 1583. Foi mau administrador, indispondo-se com as autoridades e homens principais da terra e provocando o descontentamento dos moradores em geral.

(520) Ou, antes, Diogo Vaz da Veiga, que tomou parte, comandando dois navios portugueses, na expedição de Diogo Flores Valdez á Paraíba (Varnh., o. c., I, p. 491, e nota de Capistrano, p. 462).

(521) Onofre Pinheiro exercia na Baía as funções de mamposteiro, de acôrdo com o *Regimento* de 11 de maio 1560. Esclarece R. Garcia em nota a Varnhagen (o. c., I, p. 389): "*Mamposteiro dos cativos*, define Morais, *Dicionário*, é o que cobra o que pertence a seu resgate. Os mamposteiros foram extintos no reinado de d. José I".

(522) Em carta de 31 de março de 1560, escrita do Rio de Janeiro ao rei d. Sebastião ("An. da Bibl. Nac.", XXVII, p. 227-9), Mem de Sá communicava haver nomeado "um meirinho dos do gentio em cada vila porque folgam eles com estas honras e contentam-se com pouco, com se vestirem cada ano e ás mulheres uma camisa de algodão bastará e isto deve vossa alteza mandar que lhe dêm. Tambem mandei fazer tronco em cada vila e pelourinho por lhes mostrar que têm tudo o que os cristãos têm e para o meirinho meter os moços no tronco quando fogem da escola e para outros casos leves com autoridade (*de*) quem os ensina e reside na vila; são muito contentes e recebem melhor o castigo que nós". Por sua vez, Nobrega (*Cart.*, VIII) se refere a uma india meirinha, "a qual é tão diligente em chamar á doutrina que é para louvar a Nosso Senhor". — V. Varnhagen (o. c., I, p. 378).

XXXI

BREVE NARRAÇÃO DAS COISAS RELATIVAS AOS COLEGIOS E RESIDENCIAS DA COMPANHIA NESTA PROVINCIA BRASILICA, NO ANO DE 1584 (523).

EXISTEM nesta provincia três Colegios (524) e outras cinco residencias (525) da Companhia, que se sustentam de esmolas: contam-se 142 companheiros que habitam, quer os Colegios, quer as residencias, 70 Sacerdotes, e outros irmãos, dos quais 36 são estudantes, dêste número dois voaram êste ano para o céu (como piamente se póde acreditar) em lugar dos quais seis outros foram admitidos entre os nossos.

COLEGIO DA BAÍA

Residem presentemente nêste Colegio 62, incluindo aqueles que moram em três aldeias de Indios, dos quais 31 são sacerdotes; 4 professores de 4 votos; coadjutores espirituais formados:8; mestres: 5, um de questões de Teologia de Conciencia, outros em filosofia, dois de latinidade; o sexto finalmente de meninos.

De entre os irmãos 12 são estudantes. Coadjutores: 15, seis formados, os outros são noviços.

Todos empregam o mesmo cuidado, em ordem a se observarem diligentemente aquelas fórmulas e regras, nas quais se contém o instituto da nossa religião, sem omitirem um só ponto de seu ministério, para o que muito concorreram as conferências e as exortações particulares dos superiores, seis meses de confissões gerais, mortificação do corpo, com todos exercicios nos dias santificados, e a costumada renovação dos votos.

Não faltaram êste ano os enfermos, poucos porém nos anteriores, os quais arrancados das proprias fauces da morte pelos costumados remedios dos medicos, afinal recuperaram as antigas fôrças.

Terminou-se o sacrario (526) de todas as reliquias e foi colocado na capela, onde os Irmãos assistem aos exercicios quotidianos, pois o Padre Visitador (527) determinou que, no dia da invenção da Santa Cruz (528), no qual se expõe o santo lenho e outras reliquias, para serem visitadas em a nossa igreja, em solene procissão dos nossos, pelos corredores particulares do Collegio, forrados de ricos tapetes, ornados de várias imagens e de flores, todas as reliquias dos Santos fossem conduzidas e colocadas, com toda a publicidade, em sacrario distinto, em cofrezinhos, previamente ornados.

Celebrou-se em seguida uma devota cerimonia, acompanhando o órgão, as flautas, e o clavicordio e as citaras a modulação dos salmos.

Os nossos Padres revestidos de riquissimos paramentos, debaixo de um palio de sêda adamascada, desfilando em boa ordem, carregavam as imagens da Santissima Virgem e outros Santos, os noviços, porém, e outros irmãos, trajando vestes brancas, conduziam velas acesas, semelhantemente vestidos, outros agitavam fumegantes turibulos.

Todas estas cousas respiravam tanta piedade e devoção, que muitos fidalgos, que instantemente haviam solicitado permissão para assistir a esta trasladação, admirando esta perfeição da Companhia, e impulsionados por fervorosa devoção, derramaram abundantes lagrimas, e espalharam pela cidade entusiasticos elogios da Companhia (529).

Para a completa ornamentação desta capela, generosamente ofereceu certo Varão 23 covados de pelucia de seda, outro uma caixinha de prata, ainda outro deu uma boa porção de assucar, para com o seu produto se comprarem as coisas necessarias; as quais esmolas perfazem sôma superior a 657\$000 (530).

Vou agora tratar do que respeita a utilidade e proveito das almas, em cujo exercicio não faltou cuidado e diligência, para aumentar a glória do nome de Deus, nas contínuas assembléas que se reúnem, tanto em nossa igreja, como em a maior, e com a retirada

do Padre Visitador para outras Capitâneas e Colegios da Província (531), diminuiu o número de assistentes; nunca, porém, se restringiu o de assembleas, por que cada um individualmente se esforça, para que não falte êste remédio tão salutar e celeste alimento dos homens.

Pela Quaresma, porém, quatro vezes por semana se reuniu a assemblea, posto que com grande sacrificio por parte dos operarios, compensado com tudo, pelo bom fruto dos ouvintes, o qual a experiencia mostra que é proveitosissimo, quando procede da palavra de Deus.

Para as paróquias estabelecidas, e distantes daqui dezoito leguas, ou mais, são chamados os nossos, com o fim de desempenhar igual incumbencia; e algumas vezes é tão consideravel a série de pedidos, que se não pôde satisfazer ao desejo de todos.

Não menos abundante é a seara das confissões, na qual os nossos padres incessantemente labutam, nem menos louvavel é tal desejo, pelo qual os moradores desta cidade aspiram a esse sacramento, e como sejam muitos os que recorrem a esse antidoto, devotamente, de oito em oito dias, muitos mais para aqui vêm de outras aldeias longinquoas, confiando em os nossos, por cujo conselho e doutrina dizem que se lhes aquietam os escrúpulos da consciencia.

Por tanto, unicamente aqueles que, arrependidos, se aliviam do pêso de seus pecados, neste Colegio, e se confortam com o pão eucaristico, se elevam ao número de 5742.

Nos dias, porém, de festa, nos quais pelo Sumo Pontifice se concede o santo jubileu aos assistentes, contamos quatrocentos e quinhentos que se aproximam da sagrada mesa.

Tambem se não deve omitir esta vantagem, que as mais das vezes é apresentada pelos nossos, e vem a ser que as confissões determinam a muitos ouvintes e assistentes a restituição daqueles bens que não poderiam reter, ou possuir sem peccado, conciliam os que estavam separados pelo odio, alcançam o perdão das injúrias e socorrem com as esmolas que tiraram as mulheres, cuja honra e virtude correm perigo, acomodam muitas demandas e questões antigas, e muitos livram do perigo da morte, e muitas outras de não menor relevancia praticam, em honra de Deus e proveito do pro-

ximo, e todas elas se derivam, como de mananciais, das confissões e das assembleas.

Não precisarei de aduzir muitas provas dêste fato, bastarão algumas.

Uma ocasião, certo Padre, prègando em uma destas assembleas de fieis, veio a tratar do juizo de Deus e se referiu ás penas futuras. Então certa mulher abrazada em odio de morte, se impressionou tanto com as suas palavras, que mudou completamente de vida, e dissolvida a assemblea foi ter com um dos nossos Irmãos, e banhada em lagrimas, com a voz embargada pelos soluços, prorompeu, afinal, nestas palavras: "Tem compaixão de mim, ó Padre, porque sou a mais desgraçada das creaturas, mostra-me o caminho, por onde, sujeita ás leis cristãs, possa viver e livrar a minha alma dos tormentos." E o Padre benignamente a acolheu, admoestando-a que se não esquecesse do aviso divino, e que rendesse a Deus as devidas graças, por tamanho beneficio. Assim, immediatamente se reconciliou com o seu inimigo.

Daí resultou que se ouvissem 33 confissões gerais, com satisfação dos penitentes, nos quais se revelaram hediondos crimes que por muitos anos tinham ficado ocultos.

Corria perigo, tanto o corpo, como a alma, certa mulher, cujo marido planejava occultamente o seu assassinio; e como os nossos fossem os primeiros a ter informação dêsse projeto, procuraram meios de impedir a realização de um crime atroz.

Vítima de cruel injúria, resolvera outro não perdoar ao seu inimigo; antes, porém, tirar-lhe a vida. Mas, justamente nesse instante, interveiu um dos nossos Padres, e com favor de Deus, deixou incolume o perseguido.

Habilmente se empregaram meios, afim de impedir que dois individuos se suicidassem, por enforcamento, pois que eles meditavam a sua perdição, por um tão infame genero de morte.

Uma pobrezinha, por causa de sua miseria, se viu exposta a um grande perigo de sua honra, mas com o auxílio de alguns fidalgos se pôde unir em matrimonio.

Outra, de vida licenciosa, com auxílio e diligência dos nossos, se casou, e dá hoje notavel exemplo da mais honesta vida.

Ainda resultam outras vantagens do modesto costume dos nossos, em dar conselhos publicos e particulares, pois que fica provado perante todos que os nossos companheiros só têm em vista a glória e honra de Deus, e que unicamente procuram a paz e a salvação dos homens.

Agora me volto para as missões, das quais em toda a parte se colhe um fruto que não é para desprezar, pois que é certo e provado por experiencia diaria que os nossos nunca arredam pé do Collegio, sem que reconduzam para o bom Deus a muitos afastados do caminho da virtude.

Levado por essas razões, o Padre Visitador ordenou que, em quasi todo o correr do ano, dois padres designados para o desempenho dessa comissão, e considerados mais aptos, visitassem todas as fazendas, todos os engenhos de assucar, e todas as paróquias, situadas neste reconcavo, para exercer os ministerios da Companhia.

Deixo em silêncio os trabalhos que têm os nossos, por mar e por terra, nestas viagens porém isso não impede que menos alegremente partam a lançar as sementes, e ao voltarem, cheguem entusiasmados, carregando enormes feixes.

O metodo que se adota nestas missões, é ensinar e explicar a doutrina cristã aos Indios e Africanos reunidos em um lugar, baptizar, ouvir-lhes as confissões, separá-los das concubinas e sujeitá-los ás leis do matrimonio: o que nesta provincia é trabalho quotidiano, necessario e utilissimo á salvação das almas.

Não se deve deixar em silêncio os aplausos e as congratulações, com que todos fazem o elogio da Companhia; quando contemplam os irmãos fervorosos no zêlo, não só pela sua salvação e a dos que lhes pertencem e se applicam a suas vantagens espirituais, sem nenhuma especie de premio, ou recompensa; esperando unicamente aquella vida de bemaventurança que o Senhor promete aos trabalhadores da sua vinha.

Nem tal solicitude e cuidado passam despercebidos aos Portuguezes, pois que são testemunhas oculares dos beneficios que dia e noite daí auferem os Cristãos.

Assim os penitentes que ouviram nestas missões, não foram

menos de 5.402, purificaram-se nas águas do batismo 1359 entre inocentes e adultos, de conformidade com as leis cristãs 459 casamentos celebrados: todos êstes se reuniram áqueles que estão aptos a receber êstes sacramentos.

Agora, pouco direi dos Indios, confiados ao nosso cuidado e patrocínio, no que respeita ao espiritual, porque tudo é semelhante ao que escrevi já muitas vezes. Só isto acrescentarei de novo, e vem a ser que muitos foram admitidos êste ano á sagrada comunhão, tendo-lhes sido préviamente exposta a santidade daquele augusto e tremendo misterio. Os restantes perseveram nos bons costumes, mostram-se obedientes aos padres, o que é realmente digno de vêr nas tribus, em relação áqueles que refletindo sôbre a morte das mulheres, por persuasão e conselho do Padre desistiram do seu intento. A's sextas-feiras, vêm assistir ás costumadas rezas, trazendo consigo grande numero de flagelantes, em numero muito mais crescido na época do jejum da quaresma, durante o qual tão elevado sepulcro de N. S. Jesus Cristo se ergueu na igreja deles, que excedeu muito aos dos anos anteriores (532).

Aos Portugueses que ali concorreram se prêgou um sermão do mandato; aos Indios, porém, á noite, a respeito da dolorosissima paixão de N. S. Jesus Cristo, no meio de tamanho pranto e gemidos, que arrancariam lagrimas dos corações mais empedernidos.

Nessa época, aqui estava o Padre Visitador, que impulsionado pelo amor desta nova seára, quis celebrar os officios da semana santa e desejou levar do Collegio todas as cousas que fossem necessarias, para a solene celebração dos officios, e durante aqueles três dias, purificou pela confissão, por intermedio de um Irmão intérprete, uma boa parte dos Indios, que na festa da Pascoa se tinham de confortar no sagrado banquete do Corpo de Cristo.

As confissões que neste ano computamos nestas aldeias attingem a 1287: as comunhões chegam a 1.000, finalmente os batismos a 114.

Dois fatos referirei dignos de nota, nos quais claramente transparece quanto a fé ilumina esta gente, no que diz respeito aos sacramentos.

Como certa India, que não tinha recebido o batismo, se achasse ás portas da morte, e todos já houvessem perdido as esperanças de a salvar, instantemente pediu esse sacramento, e sendo diligentemente instruída para esse fim, e lhe sendo administrado cristãmente, imediatamente recuperou a saúde.

Um Indio recebera em um braço um grande ferimento, do qual saía muito sangue de uma veia rasgada, não havendo remédio com que se pudesse estancar. Frequentemente caía em deliquio, e como parecessem inúteis todos os auxílios humanos, depois de breve expiação de seus pecados, recebeu o santíssimo corpo de Cristo, e repentinamente estancou o sangue e o moribundo reviveu.

Por meio destes benefícios e outros semelhantes, costuma Deus onipotente e bondosíssimo irrigar estas searas novas, para que de dia em dia transpareça o aumento da fé, que receberam e conservam.

Quantas são neste Collegio as escolas primárias, facilmente se calculará pelo número de mestres, aos quais aludi no princípio desta informação, das quais quantas vantagens se alcançam para a salvação do proximo, facilmente se reconhecem, e tão claramente como a luz meridiana.

Essa vantagem se manifestou por intermedio dos primeiros sacerdotes deste bispado, instruindo em companhia dos nossos discípulos muita gente avêssa aos estudos, e por meio de sua ciencia e doutrina se dissipavam as trevas que envolviam esta cidade.

Eles têm preparado já a muitos para a confissão.

(Aqui continúa a p. 2 do manuscrito, faltando as ps. 3, 4, 5 e 6.

Juntando-se uma folha se obtêm as ps. 7 e 8, na qual do proprio punho assinou o seu nome José de Anchieta.) Segue-se (533):

... ajoelhassem inopinada e repentina dôr (melhor diria a propria morte) de tal modo assaltou ao Irmão Baltazar (534), procurador do Collegio, que o Padre reitor (535) o levantou do chão e imediatamente o carregou em braços, auxiliado por outro Irmão e o deitou na cama, não proferindo ele mais uma palavra. Este irmão era notavel exemplo de todas as virtudes, o que sua-

visou a tristeza que nos oprimiu, bem como aos estranhos, dos quais era estimadissimo. Todos nutrimos a esperaça de que o Senhor recompense com a patria celeste aquele a quem a morte encontrou preparadissimo, pela participação no jubileu do Espirito Santo.

De tal modo os nossos se dedicaram êste ano em ouvir confissões e convocar assembléas, que muitos de entre eles, por inspiração divina, adotaram uma vida muito diferente do que passavam antes.

Como no espaço de sete, ou oito meses partissem dêste porto para Lisbôa mais de quarenta navios carregados, houve entre nós grande concorrência de marinheiros, que, prèviamente confortados com os sacramentos, empreenderam a navegação.

Continuas excursões se fazem aos engenhos de assucar, que encerram grande quantidade de Africanos, e com o favor de Deus, ainda mais frequentes se farão, visto que foi admitido, êste ano, em o número dos Irmãos, certo rapaz habilissimo naquele idioma, e como o Padre Visitador o mandasse prègar publicamente no refeitório, tamanha energia e dextreza manifestou no seu discurso, que a todos encheu de admiração. Por meio dêsse intérprete e sendo ele seu mestre, grande será o fruto que se deverá colher das missões.

Nestas missões os nossos tinham batizado 190. Uniram em legítimo matrimonio 166, purificaram pela confissão a 5.307.

Em breve tocarei em notaveis exemplos, que decorrem da recepção dos sacramentos e das assembleas.

Por intervenção e diligencia de um Padre, succedeu que se extinguissem completamente as desinteligencias que existiam entre dois fidalgos.

Duas mulheres expostas ao perigo da deshonna, por meio de uma coleta, puderam contrair matrimonio.

Realizou-se a restituição de 591\$300 ao seu legítimo dono.

Certo fidalgo estava tão acostumado a jurar, que não podia proferir uma só palavra, sem fazer um juramento. Falando-lhe nisto um Padre e lhe expondo o perigo de consciencia, mudou-se em outro homem, de tal modo que mandando ao Colegio uma car-

ta afirmou que se mantinha firme em seu proposito; pelo que rendia a Deus infinitas graças, por isso que pela palavra de seu ministro obtivera tamanho bem espiritual.

Outro que, durante nove anos, com toda a segurança se não havia confessado, lançando-se aos pés de um dos nossos padres, pranteando e tremendo desvendou as chagas de sua consciencia enegrecida, como se despertasse de um profundo sono. “Deus misericordioso, — exclamou, — de que santa alegria sinto que minha alma se inunda! Quem me dera nunca mais ofender ao meu Deus!”

Havia um homem que estava doente na cama, e que era perseguido durante a noite por medonhos fantasmas (êste indivíduo era de costumes depravados) e de tal modo se via atormentado pelo demonio, que era continuamente lançado no desespero da salvação, convencendo-se de que de nada lhe valiam as confissões da sua vida passada e os sacramentos que recebera, assegurando-lhe o demonio que estava condenado. O homem mandando chamar um Padre, narra a visão, tomado de grande espanto. O Padre o aconselha a que deposite toda a sua confiança em Deus Senhor nosso, com auxílio de quem escapará de todas as ciladas do espirito mau. Depois mandando chamar todas as pessoas de casa e da vizinhança, exorta o enfermo a que faça um ato de fé catolica, em presença de todos. Fez o ato de fé, com as lagrimas nos olhos, no meio da maior consolação dos assistentes, e apagados os seus pecados pela confissão, pouco tempo depois faleceu.

Dona Beatriz de Albuquerque, governadora e quasi mãe deste povo, faleceu êste ano (536). O Padre Visitador frequentemente lhe prestou assistencia em vida, e a acompanhou depois de morta. Sempre foi benemerita da Companhia, e pouco antes da sua morte, nos fez a esmola de 821\$250. Por sua alma celebraram-se na igreja solenes exequias e o Reverendissimo Bispo (537), o qual nessa ocasião aqui estava, presidiu ás cerimoniaes com grande satisfação dos habitantes.

Por todo o tempo que durou a guerra da Paraíba, feita por Diogo Flores (538), comandante das tropas reais, os nossos Padres, todos os dias, em preces e ladainhas, rogavam a Deus onipotente a vitória dos Portuguezes. Por essas preces, a divina bon-

dade não só lhes concedeu a princípio a desejada vitória, como também mais duas, ou três vezes os animou com o mesmo triunfo. Continuando o ataque ao reino por parte da armada, com cerco tão apertado oprimiram o forte dos Cristãos, que quasi mortos de fome se viram obrigados a se alimentar de carne de cavalo. Com o favor de Deus, desta vez alcançaram a vitória (539).

Pouco direi dos estudos, visto que é diminuto o número de alunos: discutem-se casos de consciencia, ensinam-se os meninos, que observam o excelente costume de fazer a via-sacra na Quaresma, o que perfeitamente se ajusta com os estudantes de preparatorios: frequentemente recorrem ao sacramento da Eucaristia.

O Padre Visitador esteve êste ano, aqui no Colegio (540), e tendo ele tido próspera viagem por mar, foi recebido pelos nossos com extraordinaria alegria e com a sua presença correspondeu á expectativa de todos, excitando-os á prática das virtudes, por uma especie de estímulo. Alguns dias depois, os nossos Irmãos, na intimidade, festejaram a sua chegada, pronunciando, de uma tribuna, três discursos, com grande entusiasmo: um na lingua portuguesa; outro na brasilica; finalmente, outro, na latina. Esta satisfação e êstes aplausos não reinavam unicamente no coração dos Irmãos, senão também no dos estranhos (541).

O Senado da Camara, encorporado, veio cumprimentar o Padre, exhibindo uma carta em que o Rei recomendava a Companhia (542), afirmou que não precisavam daquela recomendação, visto que perfeitamente sabiam reconhecer e avaliar os beneficios que a Companhia lhes tinha prestado, pelos quais se consideravam penhorados, e finalmente prometeram todo o seu auxilio e proteção a todos os nossos negocios. Beijando os pés do Padre que lhes agradecia, retiraram-se muito satisfeitos da sua afabilidade e delicadeza.

Durante a permanencia do Padre no Colegio, oito dos nossos Irmãos foram promovidos á ordem de presbítero (543). Dois dos nossos (544) fizeram profissão dos quatro votos, e na presença de todo o povo outros dois foram criados coadjutores espirituais formados, e por êste espetaculo ficaram formando melhor idéa da Companhia.

Passam de 2.000 aqueles que, êste ano, foram pelos nossos arrancados á impiedade e purificados pelo batismo, em toda a provincia, se a eles se juntarem os trezentos que foram batizados no Collegio do Rio de Janeiro (como é grande a bondade divina!), não contando os que foram batizados em casas particulares e não puderam ser registrados.

Êstes são os frutos desta vinha que vos pude oferecer R.P.J., os quais para que se aumentem e se desenvolvam, eu desejaria que em vossas contínuas preces recomendasseis a Deus os nossos Padres e os nossos Irmãos.

Dada na Baía, a 28 de Dezembro de 1584 (545).

NOTAS

(523) Pbl. em latim, com a assinatura de Anchieta, nos "Anais da Biblioteca Nacional", XIX, p. 58-64, e, vertida para o português pelo prof. João Viera de Almeida, no fascículo *Carta fazendo a descrição das inúmeras coisas naturais que se encontram na provincia de S. Vicente, hoje S. Paulo, seguida de outras cartas inéditas escritas da Baía pelo veneravel Padre José de Anchieta*, S. Paulo, 1900, p. 56-69. Escrita au mesmo tempo que a *Informação do Brasil de 1584*, deve ter sido remetida com esta para a Europa, talvez como seu complemento, exclusivamente dedicado á actividade jesuítica naquele ano. Hipotese plausível ainda que seja a *Breve narração* o papel enviado em agosto de 1585, a que se refere Anchieta no final da *Informação da Provincia do Brasil* do mesmo ano, desde que a demora de oito meses na remessa se tivesse verificado por falta de embarcação segura para a Europa.

(524) Eram os da Baía, Rio de Janeiro e Pernambuco.

(525) Cinco residencias: Ihéus, Porto Seguro, Espirito Santo, São Vicente e São Paulo.

(526) Esse sacrario ou relicario, "de pau de cheiro de jacarandá, e outras madeiras de preço, de várias côres", contendo "dezeseis armarios com suas portas de vidraças, e no meio um grande para a imagem de Nossa Senhora de S. Lucas", todos forrados "de setim carmezim", foi feito por "um irmão da casa, insigne official", a mandado do visitador Cristóvão de Gouvêa. Obra avaliada, segundo F. Cardim (*Trat.*, p. 324), "sòmente das mãos, em cem cruzados".

(527) Padre Cristóvão de Gouvêa, nascido no Porto a 8 de janeiro de 1542, filho de Henrique Nunes de Gouvêa e Beatriz de Madureira. Segundo narra B. Teles (*Cron.*, I, p. 268-75), Henrique Nunes de Gouvêa, homem rico e de boa estirpe, movido em 1546 pela palavra do famoso prêgador jesuita Francisco Estrada, então em missão no Porto, abandonou os cargos pu-

JOSEPH DE ANCHIETA

blicos que exercia e passou a visitar os hospitais, curando os enfermos e socorrendo os pobres. Seus filhos, três homens e três mulheres, fizeram-se todos religiosos. Assim Cristóvão de Gouvêa, que era o mais velho, logo aos quatorze anos de idade entrou para a Companhia. Recebendo as ordens de presbítero em Évora, foi aí reitor do Collegio dos Porcionistas e mestre de noviços no da Companhia. Em 1572, foi transferido para Coimbra, onde teve o mesmo officio. Dirigiu em seguida os Collegios de Braga e de S. Antão de Lisboa, e, sendo colateral ou secretário do provincial Sebastião de Moraes, foi nomeado visitador do Brasil. Chegou á Baía com o governador Manuel Teles Barreto a 9 de maio de 1583. Visitou todos os Collegios e casas da Companhia e prestou inestimaveis serviços na defesa da Baía, em abril de 1587, contra o ataque dos corsarios ingleses Withrington e Lister. A 20 de maio de 1589 embarcou para a Europa, com escala por Pernambuco. Aprisionado a 6 de setembro por corsarios franceses, foi abandonado em alto mar, com o padre Francisco Soares, num pequeno barco que arribou á Biscaia. Em Portugal, onde exerceu ainda varios cargos de destaque, faleceu a 13 de fevereiro de 1622. Entre suas obras, figuram uma *História do Brasil, e costumes de seus habitantes* e o *Comentario das occupações que teve, e do que nelas fez* (F. Cardim, o. c., p. 281-372, e nota de R. Garcia, p. 373-6). — Seu irmão, padre João de Madureira, tambem se notabilizou na Companhia. Foi reitor do Collegio de S. Antão e preposito da casa professa de S. Roque. Morreu no mar, a 5 de outubro de 1601, prisioneiro de corsarios franceses quando vinha para o Brasil, com o cargo de visitador. Um de seus companheiros de viagem era o padre Fernão Cardim.

(528) 3 de maio.

(529) A cerimonia, missa cantada e procissão, é mais pormenorizada-mente descrita por F. Cardim (o. c., p. 323-5).

(530) V. igualmente F. Cardim (o. c., p. 325-6).

(531) No “fim de junho”, Cristóvão de Gouvêa partiu para Pernambuco, onde chegou a 14 de julho. Tornou á Baía no dia 20 de outubro e a 14 de novembro embarcou em visita ás Capitánias do Sul (F. Cardim, o. c., p. 326-7 e 336).

(532) Refere-se Anchieta neste trecho aos Indios da aldeia do Espirito Santo, onde o visitador “teve as endoenças” (F. Cardim, o. c., p. 322-3).

(533) O que se segue é referente ao Collegio de Pernambuco, narrando Anchieta o que ocorreu durante a visita de Cristóvão de Gouvêa, a quem não acompanhou por motivo de doença (F. Cardim, o. c., p. 326).

(534) Será Baltazar Gonçalves que Luiz da Grã levou em 1560 de São Vicente para a Baía, quando ainda noviço?

(535) Luiz da Grã.

(536) Dona Brites ou Beatriz de Albuquerque, como a chamam Anchieta e frei Vicente do Salvador, dama do Paço, filha de Lopo de Albuquerque, veio ao Brasil com seu marido Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario de Pernambuco. Com o falecimento dêste em 1554, assumiu o govêrno com seu irmão Jeronimo de Albuquerque. Mais tarde, o primogenito do primeiro donatario, Duarte Coelho de Albuquerque, tendo obtido mercê da sucessão por carta de 8 de novembro de 1560, veio de Portugal e governou a Capitania

até 1572, quando tornou para o Reino. Dona Beatriz assumiu então o governo. Pela narração de Anchieta, vê-se que faleceu durante a visita de Cristóvão de Gouvêa a Pernambuco, isto é, entre 14 de julho e 16 de outubro de 1584 (F. Cardim, o. c., p. 327 e 336; Varnh., *Hist. Ger.*, 3ª ed. int., I, nota de Capistrano e R. Garcia, p. 373).

(537) Frei Antonio Barreiros, terceiro bispo do Brasil.

(538) Depois do insucesso da expedição ao estreito de Magalhães, Diogo Flores Valdez aportou á Baía nos primeiros dias de junho de 1583, logo após a chegada da notícia do desbarato da segunda investida de Frutuoso Barbosa contra os franceses da Paraíba. Valdez demorou-se na Baía oito meses e, por ordem do governador Manuel Teles Barreto, partiu afim de combater os intrusos, comandando sete navios espanhois e dois portuguezes. Em Pernambuco deixou o bispo d. Antonio Barreiros e combinou a marcha do socorro que devia ir por terra. Seguiu depois para a Paraíba, onde incendiou cinco das naus francesas que ali se achavam e á foz do rio, em Cabedelo, edificou o forte de São Felipe, que confiou a Francisco Castejon. A 1 de maio de 1584, partiu para a Europa (Varnh., o. c., I, p. 486 e seg.).

(539) A tropa auxiliar que viera de Pernambuco, sob o comando de Frutuoso Barbosa e d. Felipe de Moura, se embrenhou pelo sertão, depois da partida de Flores e enquanto Castejon ultimava a construção do forte. Em Leritibe, numa cilada armada pelos Indios, morreram centenas de soldados, recolhendo-se o resto da expedição á fortaleza de São Felipe, que foi logo sitiada. Com a chegada do socorro comandado por Pedro Lopes, capitão de Itamaracá, Francisco Castejon queimou duas naus francesas no rio Mamanguape. E voltando á Paraíba dispersou os sitiantes. Pirajiba, porém, á frente de seus indios, pouco depois atacou a colonia, com a intenção de conquistar em seguida Itamaracá e Pernambuco. Estas duas Capitánias enviaram então forte auxilio sob o comando do ouvidor Martim Leitão, que, depois de dois encontros com os indios, conseguiu chegar ao forte de São Felipe. Encontrando-o completamente livre dos inimigos, a tropa voltou para Olinda já em 1585 (Varnh., o. c., I, p. 491 e seg.).

(540) Cristóvão de Gouvêa chegou a Pernambuco a 14 de julho e aí embarcou de volta á Baía a 16 de outubro, como já vimos na nota 531.

(541) V. Fernão Cardim (o. c., p. 328).

(542) “Trazia o padre visitador cartas d’el-rei para o capitão e camara”, diz mais claramente F. Cardim (o. c., p. 329).

(543) O bispo d. Antonio Barreiros ordenou a 15 de agosto “sete irmãos de missa, dando-lhes todas as ordens em nossa igreja”, informa F. Cardim (o. c., p. 333).

(544) Padres Leonardo Arminio e Pero de Toledo, que fizeram profissão dos 4 votos a 30 de setembro (F. Cardim, o. c., p. 333).

(545) “*Datum Bayæ 5 Kal. Januarii anni 1584*”, como reza o original, a *Narração* demonstra que Anchieta não acompanhou o visitador Cristóvão de Gouvêa, como sempre se supôs, em sua viagem ao Sul. Ou melhor: não fez parte da comitiva que com Cristóvão de Gouvêa embarcou na Baía a 14 de novembro de 1584 para a visita ao Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vi-

JOSEPH DE ANCHIETA

cente. A 28 de dezembro, quando Anchieta na Baía datava sua narração, Cristóvão de Gouvêa, Fernão Cardim e companheiros se encontravam no Rio de Janeiro, onde chegaram no dia 20 (F. Cardim, o. c., p. 345). A suposição de que Anchieta embarcara com o visitador vinha do fato de Cardim mencioná-lo entre os que em meados de 1585 partiram do Rio de Janeiro de volta á Baía. Aliás, Cardim, referindo-se á partida da Baía, contenta-se em escrever: "Aos 14 de novembro partimos para as partes do Sul oito padres e quatro irmãos" (o. c., p. 338). Se Anchieta figurasse entre eles, Cardim o teria certamente nomeado, como fez em outros passos de sua narrativa. — E' verdade que Simão de Vasconcelos (*Vida de Anch.*, l. 4, cap. IX, n. 4) cita entre os milagres atribuidos a Anchieta a cura do padre Fernão Cardim, que no Rio de Janeiro adoeceu gravemente, nas vespas de sua partida para São Vicente com o visitador Cristóvão de Gouvêa. Tendo os jesuitas embarcado logo depois da festa de Reis (6 de janeiro), as palavras de S. de Vasconcelos confirmariam a hipótese de que Anchieta partira da Baía para o Sul, com a comitiva do visitador, em novembro de 84. Mas, ainda que a data da *Breve narração* não provasse o contrario, a nenhuma segurança da informação de S. de Vasconcelos seria patente, pois no mesmo trecho ele fixa em 1583 a estada de Cristóvão de Gouvêa no Rio de Janeiro: "Adoeceu no Rio de Janeiro o Padre Fernão Cardim, companheiro do Padre Visitador Cristóvão de Gouvêa, no ano de 1583." O erro de data é manifesto. Com certeza a cura milagrosa de Fernão Cardim foi operada por Anchieta nas vespas da partida da comitiva para a Baía, em meados de 1585, depois de concluída a visitação de Cristóvão de Gouvêa ás partes do Sul.

XXXII

INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL PARA NOSSO PADRE — 1585 (546)

ESTA provincia do Brasil foi descoberta por acaso em o ano de 1500 por Pedro Alvares Cabral, que ia á India Oriental e arribou a esta terra a um porto que chamou Porto Seguro e em ele pôs um padrão por El-Rei de Portugal, e chamou a esta terra provincia de Santa Cruz (547).

Dista esta provincia de Lisboa 1500 leguas pouco mais ou menos. Divide-se em oito Capitánias, *scilicet*: Tamaracá, Pernambuco, Baía, Ilhéus, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. Todas são portos de mar e vilas de senhores particulares, exceto a Baía e Rio de Janeiro, que são cidades de Sua Magestade.

A Baía é cabeça e metrópole onde residem o Governador, Ouvidor geral, Provedor-mór, Tesoureiro e outros officiaes do Rei.

Tem um só bispo toda esta provincia, que tambem reside na Baía, e tem a seu cargo Tamaracá, Pernambuco, Baía e Ilhéus, e estas quatro Capitánias visita por si ou por outro. As outras quatro, *scilicet*: Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente, visita a um sacerdote administrador ecclesiastico, que é como o bispo nos poderes, mas não dá ordens, e reside de ordinario no Rio de Janeiro (548).

Os Padres da Companhia vieram por mandado do rei Dom João de boa memoria com o primeiro governador Tomé de Sousa, quando veiu povoar esta terra no ano de 1549.

Nesta provincia temos oito casas, *scilicet*: em Pernambuco, collegio; na Baía, collegio, escola e noviciado; nos Ilhéus, casa; em

JOSEPH DE ANCHIETA

Porto Seguro, casa; no Espirito Santo, casa; no Rio de Janeiro, collegio; em S. Vicente, casa; em Piratininga, casa. Vivem em todas elas dos nossos 140, *scilicet*: 68 Padres, 37 estudantes e 35 coadjutores.

TAMARACA'

Corre esta costa do Brasil do Norte a Sul e de Nordeste a Sudoeste, e começando do Norte, por sua ordem, a primeira Capitania é Tamaracá, vila de um André de Albuquerque (549).

Tem capitão que a rege sujeito ao governador da Baía; terá 50 vizinhos de Portugueses; tem seu vigario; é cousa pouca e pobre e vai se despovoando (549-A). Está a sete leguas de Pernambuco.

Aqui não temos casa; em missão vão lá os nossos muitas vezes, e se faz fruto com os moradores, e Indios cristãos que são poucos.

PERNAMBUCO

Pernambuco é capitania de um Jorge de Albuquerque; é vila chamada Olinda; tem capitão que a governa sujeito ao governador da Baía; dista da Equinocial oito graus e da Baía cinco; está situada em lugar eminente de bom prospeto para o Oriente, bem mui ruim porto, e as naus grandes quedam cêrca de uma legua da barra (550), por causa dos baixos e arrecifes; terá mil vizinhos com sua comarca de Portugueses (551), com seu vigario e outros clerigos seculares. Junto a ela cinco leguas está uma vileta que tem 110 vizinhos de brancos com seu vigario (551-A).

E' Pernambuco terra rica, de muitos moradores, trata com assucar e pau vermelho, o mais e melhor da costa, no comércio é uma nova Lusitania (552), e mui frequentada.

Tem 66 engenhos de assucar (553), e cada um é uma grande povoação e para serviço deles e das mais fazendas terá até 10.000 escravos de Guiné e Angola e de Indios da terra até 2.000.

COLEGIO DE PERNAMBUCO

O Collegio de Pernambuco está situado em lugar eminente, de bom prospecto. O edificio é velho, tem dezenove camaras de sobrado, as janelas ao mar para o Oriente, as oficinas pequenas e velhas e não tão acomodadas, a igreja pequena, mas ornada de bons ornamentos (554). Tem cêrca grande com uma fonte e um poço, e nela tem muitas parras de Portugal, muitos coqueiros, larançais e hortaliças; a cêrca ainda que grande está toda cercada de parede de tijolo.

Vivem neste Collegio dos nossos 20 de ordinario (555); 11 Padres, os demais Irmãos. Têm de dote para sua sustentação mil ducados que lhes ha dotado el-rei D. Sebastião; pagam-se bem em 900 arrobas de assucar, as 800 de assucar branco, mascavado, alto e malo, e as 100 em assucar negro de sinos ou retames, e pagam-se em certos engenhos que os Padres assinalam cada ano, como lhes parece, e se arrecadam por um homem de fóra. Vendidos na mesma terra importarão em 1.500 ducados, enviando-se a Portugal por nossos, e a nosso risco importarão, *deductis expensis*, quasi 2.000 ducados (556).

Têm a sete leguas da vila duas leguas de terra em quadro que não rendem nada por não estar aquele lugar ainda bem povoado e seguro por causa dos indios Pitiguaras que são contrarios (557).

Item algumas cabeças de bois e vacas de sua criação de que se sustentam, por não haver matadouro na vila, e se assim não o fizessem, não teriam que comer.

Para as obras do edificio futuro tem 166 ducados de esmola que lhe fez el-rei D. Sebastião, e por se pagar mal e por não haver tanta comodidade de officiais e cal, o edificio não se começa.

Além dos Irmãos, tem 30 pessoas de serviço, de escravos de Guiné e da terra; todos sustentam-se mediocrementemente ainda que com trabalho por as cousas valerem mui caras, e tresdôbro do que em Portugal.

Suas occupaões com os proximos são uma lição de casos que ouvem os nossos, e de fóra dois a três estudantes e ás vezes ne-

nhum; uma classe de gramatica que ouvem até 12 estudantes de fóra, e tambem os casos e gramatica estudam alguns de casa; escola de ler e escrever, que terá até 40 rapazes, filhos de Portugueses.

Item: prègam em nossa igreja de ordinario, e na matriz e em outras igrejas a miudo, confessam a maior parte de 8.000 Portugueses, que haverá naquela vila e comarca; são consultados frequentemente em casos de importancia por a terra ter muitos mercados e trato; andam em contínuas missões aos engenhos, que estão alguns a quatro, oito e quatorze leguas da vila; catequisam, batizam e acodem a outras necessidades extremas, não sòmente dos Portugueses, mas principalmente dos escravos que de Guiné serão até 10.000, e dos Indios da terra até 2.000, como acima se disse e como os clerigos não os entendem nem sabem sua lingua, os nossos os ajudam em tudo, e ensinam como se fossem seus curas e padecem nisso grandes trabalhos de caminhos que andam a pé, calores, chuvas, passando rios muito perigosos e outros muitos desconcomodos e perigos de cobras, porém de tudo se serve Deus Nosso Senhor e os Padres estão bem empregados e se dá remédio a tantas almas desamparadas, pelo que seja honra e glória a Sua Divina Magestade.

BAÍA

Dista a Baía da Equinocial 13 graus e meio, e de Pernambuco 100 leguas. E' intitulada a Cidade do Salvador, é cabeça e metrópole, nela residem o Governador e o Bispo.

Está mal situada em um monte, tem mui aprazivel prospeto para o mar ao Poente, e Oriente (558); a barra tem quasi três leguas de bôca, e faz uma enseada de 10 até 12 leguas cm extensão, em roda e contôrno quasi 30; tem algumas ilhas pelo meio que lhe dão graça; esta enseada se diz baía de Todos os Santos e nêste circuito e contôrno que faz o mar entram da terra muitos rios caudalosos, de grandes bosques e arvoredos, e notavel frescura.

Tem 46 engenhos de assucar com muitos canaviais do mesmo (559). A cidade não é mui grande, porque a maior parte da gente vive fóra em seus engenhos e fazendas: terá em toda sua comarca

quasi 2.000 vizinhos de Portugueses, dos quais haverá 10 ou 12.000 pessoas, e para o serviço dos engenhos e mais fazendas tem até 3.000 escravos de Guiné e de Indios cristãos da terra cêrca de 8.000 entre escravos e livres (560). Os de Guiné e escravos da terra vivem na cidade e nos engenhos e fazendas de seus senhores, e os Indios livres alguns em casas dos Portugueses e outros entre aldeias de que os nossos Padres têm cuidado e dali vão a servir os Portugueses, *scilicet* por seu estipêndio.

Nesta cidade temos Collegio, o maior e seminario da provincia, tem casa de provação junto ao Collegio, habitação distinta e escolas. Está situado em lugar mui amplo eminente ao mar, tem de novo feito um claustro de pedra e cal e no quarto da parte de Léste, fica a igreja e sacristia: a igreja é razoavel, bem acabada, com seu côro, é bastante por agora para a terra, e bem ornada de ricos ornamentos, cruz e turíbulo de prata com muitas reliquias encastoadas em prata, onde entram três cabeças das Onze Mil Virgens, e outras peças que tudo é grande consôlo para os desta terra, de casa e de fóra. O outro quarto da parte do Sul tem por cima capela e enfermaria de boa grandura, por debaixo despensa e adega.

O quarto da parte do Poente tem 19 camaras: nove por de cima e por debaixo dez com as janelas sôbre o mar, com três outras janelas grandes que fazem cruz nos corredores.

O quarto da parte de Nordéste tem sete camaras por de cima e seis por debaixo: todas são forradas de cedro, e amplas mais que as de Coimbra, os portais de cantaria, e é edificio bem acomodado, exceto que está por aperfeiçoar, e forrar os corredores e guarnecer. Não tem ainda oficinas novas, nem provação, nem escolas, por ser tudo velho de taipa, e vai tudo devagar por não se pagar bem as rendas, e cento e sessenta ducados de esmola que el-rei D. Sebastião fez para as obras, mas sempre se faz algo (561).

Vivem nêste Collegio sessenta dos nossos de ordinario. Êste Collegio ha dotado el-rei D. Sebastião com três mil ducados de renda para os sessenta em cada um ano que seus officiaes pagam mui mal, pelo que o Collegio está endividado.

Item: tem três quartos de meia legua da cidade, meia legua de terra da melhor da Baía, de muitas aguas e frescos bosques de ar-

voredos; nesta fazenda se fazem os mantimentos de farinha e beijús de mandioca para os Irmãos. Em uma parte tem um tanque grande de peixes, e ali vão nos assuetos ter recreação. Poderá render a roçaria que ali tem cem mil maravedis, *deductis expensis*, em cada um ano.

Item: doze leguas de terra em quadro no Camamú que dista 18 leguas por mar desta cidade, a qual terra com suas aguas deu de esmola o governador Mem de Sá (562); rende pouco e ainda se gasta muito nela com medições, e outros beneficios de que até agora se saca pouco fruto, por não estar povoada de Portugueses, e mesmo é cheia de uns Indios contrarios que chamam Guamuré, que são como selvagens, comem carne humana de ordinario e vivem pelos desertos, sem povoações como bichos e são mui temidos dos Portugueses por sua crueldade e ferocidade. Se esta terra fôra povoada, era cousa mui rica e quasi como a Baía, por ter uma barra de três leguas de bôca com bom porto, e faz uma enseada e contôrno de quasi vinte leguas em roda e circuito, e tem pelo meio mais de quarenta ilhas, ainda que são algumas pequenitas, todas de grande frescura e arvoredos. E nesta enseada entram muitos rios caudais, de muitos pescados, e mariscos em grande abundancia, e poderá ter até dez engenhos de agua de assucar, e as terras são mui ferteis, e em que se dão mui bem os caraviais e a mandioca.

Item: em Japacê, duas leguas de terra em quadro, que ainda não rendem nem estão povoadas.

Item: outros pedaços de terra que houveram de esmolas que rendem pouco.

Item: em certa terra de um amigo nosso que nos faz esta esmola algumas cabeças de vacas e bois de sua criação de que comem por não achar-se a comprar.

Item: além dos Irmãos, cento e cincoenta pessoas de serviço, entre escravos e escravas de Guiné, e alguns Indios e Indias da terra, escravos e livres, e quasi todos vivem casados na fazenda que está junto da cidade em uma povoação com sua igreja, onde os Padres lhes ensinam a doutrina e dizem missa e dali se repartem e vêm á casa trabalhar nas obras e em outros vários officios.

Tem este Collegio tanta gente por ser seminario, e nele se criam

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVÍNCIA DO BRASIL

os noviços, escolares, linguas, e estão os velhos, que ha muitos anos que trabalham, e quanto aos escravos são tantos porque muitos não fazem por um, e também são officiaes de vários officios, como pedreiros, carpinteiros, ferreiros, carreiros, boieiros e alfaiates, e é necessario comprar-lhes mulheres por não viverem em mau estado e para êste efeito na roça têm a dita povoação com suas mulheres e filhos, as quais tambem servem para plantar e fazer os mantimentos, lavar a roupa, anilar e serem costureiras, etc. Junto ao Collegio temos cêrca mui larga com muitas laranjas, limões, bananeiras e outras árvores de fruto, laranjal e hortalica, e por ela se vão os nossos embarcar em nosso porto quando vão para fóra, porque quasi todo o serviço desta Baía é por mar e a agua bate na parede da cêrca.

As occupações dos nossos com os proximos são: uma lição de teologia que ouvem dois ou três estudantes de fóra, outra de casos de consciência que ouvem outros tantos e uma e outra alguns de casa, um curso de artes que ouvem dez de fora e alguns de casa, escola de ler, escrever e contar que tem até setenta rapazes filhos dos Portugueses, duas classes de humanidades, na primeira aprendem trinta e na segunda quinze escolares de fóra e alguns de casa (563).

Os estudantes nesta terra, além de serem poucos, tambem sabem pouco, por falta dos engenhos e não estudarem com cuidado, nem a terra o dá de si por ser relaxada, remissa e melancolica, e tudo se leva em festas, cantar e folgar. Porém, por ser nesta terra, não se faz pouco fruto com eles e já há alguns casuistas que são vigarios, e alguns artistas mestres nelas, e dous ou três teólogos prégadores que prégam na cathedral desta cidade e conegos da igreja-mór, e vigarios das paroquias.

Prégam os nossos em nossas igrejas, na Sé e em outras paroquias, confessam as três partes da gente Portuguesa que são mais de dez mil pessoas, afóra as que vêm em armadas, que todo o ano se confessam com os nossos; são consultados em muitos casos de conciencia por ter a terra muitos tratos e mercadores; andam em contínuas missões aos engenhos e fazendas dos Portugueses a confessá-los, ensinar e batizar e casar os seus escravos, acudir-lhes em suas necessidades espirituais que são muitas e extremas, por não haver curas bastantes, e acontece estarem um e dous anos sem con-

fissão nem missa, até que os nossos por ali vão. Estas missões são não sòmente de grande edificação para todos, mas tambem de tanto fruto que quinze dias que por lá anda um Padre com um Irmão, faz de ordinario duzentos batismos de escravos adultos e inocentes, de Guiné e da terra, e até cem casamentos, sacando-os do mau estado, dando-lhes conhecimento do Criador e cousas de sua salvação, além de muitas confissões e comunhões que se fazem e de tudo se serve muito Sua Divina Magestade com grande consolo dos nossos e não pequena edificação de toda a terra.

Tem êste Collegio três aldeias de Indios cristãos livres a seu cargo, que terão duas mil e quinhentas pessoas, *scilicet*: Espirito Santo que dista sete leguas daqui, S. João que dista oito e Santo Antonio que dista quatorze; nelas residem de ordinario até oito dos nossos, dous ou quatro em cada uma.

Tem nelas suas casinhas, cobertas de palmas, bem acomodadas e igrejas capazes, onde ensinam aos Indios as cousas necessarias á sua salvação, lhes dizem missa e ensinam a doutrina cristã duas vezes cada dia, e tambem em cada uma ensinam aos filhos dos Indios a ler, escrever, contar e falar portugûês, que aprendem bem e falam com graça, ajudar as missas, e desta maneira os fazem polidos e homens. Em uma delas lhes ensinam a cantar e tem seu côro de canto e flautas para suas festas, e fazem suas dansas á portuguesa com tamboris e violas, com muita graça, como se fossem meninos portugûeses, e quando fazem estas danças põem uns diademas na cabeça de penas de passaros de várias côres, e desta sorte fazem tambem os arcos, empenam e pintam o corpo, e assim pintados e mui galantes a seu modo fazem suas festas muito apraziveis, que dão contento e causam devoção por serem feitas por gente tão indomita e barbara, mas, pela bondade divina e diligência dos nossos, feitos já homens politicos e cristãos.

RESIDENCIAS DA BAÍA

ILHÉUS

Tem o Collegio da Baía duas residencias: a primeira na Capitania dos Ilhéus que é de um Francisco Giraldes, tem capitão que a

governa sujeito ao Governador da Baía, da qual dista por mar 30 leguas e 15 graus da Equinocial. Está situada em lugar eminente sôbre um rio que quasi a cerca. E' de muito bom prospeto para o mar a Oriente, tem muito perigosa barra cheia de baixios e recifes, e as naus grandes ficam uma legua antes de chegar ao porto; terá 150 vizinhos de Portugueses com seu vigario, seis engenhos de assucar a uma e duas leguas da vila (564). Tem gente honrada, mas vive em apêrto por ser muito infestada de uns que chamam Guaimurés, que são como selvagens e vivem nos desertos sem casas, como bichos, comem carne humana, e por esta razão não se estendem os Portugueses ali pela terra dentro mais que meia ou uma legua; é terra abastada e de algum trato, por causa do assucar.

Aqui têm os nossos casa anexa á Baía onde residem de ordinario seis, três Padres e três Irmãos: vivem de esmola, ajudados do Colegio da Bahia, no que toca ao vestido, calçado, vinho, azeite, vinagre e outras cousas que não ha na terra. Têm quatro camaras assobradadas e forradas, suas oficinas acomodadas e igreja, ainda que pequena, bem acomodada de bons ornamentos. O sítio da casa é de bom prospeto para o mar, situada em lugar eminente, tem sua cerquinha com algumas árvores de fruto (565).

Suas occupaões com os proximos são: ensinar os meninos dos Portugueses a ler e escrever, prègar em nossa igreja e matriz, confessar os Portugueses, que serão quasi 1.000 pessoas, e os escravos e Indios que estão pelos engenhos e fazendas, e estão ali bem recebidos os nossos e fazem muito fruto.

PORTO SEGURO

E' Capitania e vila do Duque de Aveiro, dista da Baía para o sul 60 leguas e da Equinocial 16 graus e meio, tem capitão que a governa sujeito ao governador da Baía, é situada entre dois rios caudais de grandes bosques e arvoredos, em lugar eminente de bom prospeto para o mar a Oriente, tem uma planicie muito ampla e chã que poderá estar ali uma grande cidade, terá 50 vizinhos de Portugueses com seu vigario.

Antes desta vila quatro leguas na costa do mar, está uma po-

voação de Portugueses que se diz Santa Cruz, o primeiro porto que se descobriu nesta provincia; terá outros 50 vizinhos com seu vigario (566). E' terra pobre por não ter engenhos de assucar (567), ainda que é fertil de farinha e algodão e criação de cavalos, porém se vai cada dia despovoando, por estarem já as terras muito gastas e cansadas, e não se podem estender pela terra dentro por causa dos Guaimurés.

Aqui temos casa em que vivem de ordinario seis (568) dos nossos: três Padres e três Irmãos; vivem de esmolos ajudados da Baía, como a casa dos Ilhéus. O sítio é amplo de bom prospecto ao mar, tem quatro camaras terreas forradas e oficinas acomodadas. A igreja é pequena, bem acabada, ornada de bons ornamentos, tem sua cêrca grande com muitas laranjas, coqueiros, limões e outros frutos.

Suas occupações com os proximos: ensinar os rapazes a ler e escrever, prègar em nossa igreja matriz, confessar os Portugueses, ensinar e administrar os sacramentos aos escravos de Guiné e Indios da terra: têm a seu cargo duas aldeias de Indios, umas cinco leguas da vila para o Sul, outras quatro para o Norte; não residem nelas, mas visitam-as a miúdo e também visitam outras mais longe, que são de Cristãos e pagãos, com muitos trabalhos e perigos por causa dos calores e das chuvas e rios caudalosos que passam, e por causa dos Guaimurés. Não estão muito bem recebidos na terra por causa dos capitães e outros homens que não nos são muito benevolos, mas bem empregados, maximè em atender aos Indios, porque com os Portugueses não se tira muito fruto.

ESPIRITO SANTO

E' Capitania e vila de Vasco Fernandes Coutinho que reside nela e a rege, mas sujeito ao Governador da Baía. Dista dela 120 leguas e da Equinocial 20 graus; é porto de mar, situado em lugar baixo e pouco aprazivel, cercado de um rio caudal e de grandes montes; terá mais de 150 vizinhos de Portugueses com seu vigario (569); é terra rica de assucar, tem seis engenhos (570), muitos gados, fertil de algodão, tem muito balsamo, que se tira de umas

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

árvores grandes, e a gente é rica e honrada, e a terra frequentada de três ou quatro navios que cada ano vão ali de Portugal.

Aqui temos uma casa onde residem de ordinario oito, cinco Padres e três Irmãos. O sítio não é muito sadio nem aprazível por estar em lugar baixo; tem oito camaras assobradadas e oficinas bem acomodadas; a igreja é nova, mui capaz para a terra e bem ornada; tem tambem uma cerquilha com algumas árvores de fruto, como laranjas, limas doces, limões e outros frutos. Suas occupaões são: prègar, confessar, ensinar os meninos a ler e escrever, exercitar os mais ministerios do nosso Instituto com os Portugueses, escravos e Indios da terra, que são muitos e os mais domesticos da costa e ali são bem recebidos e fazem muito fruto. Têm, três ou quatro leguas da vila, por um rio muito ameno a riba, uma aldeia de Indios da invocação de Nossa Senhora da Conceição, e outra a meia legua desta que se diz de S. João: nelas haverá cêrca de 3.000 Indios cristãos; na da Conceição residem de ordinario dois dos nossos, e a de S. João visitam quasi cada dia.

Além destas visitam outras seis aldeias mais longe que são de Indios cristãos e pagãos, e terão até 1.500 almas, e com estas occupaões estão bem empregados, são amados do povo como tenho dito (571).

E' o Espirito Santo a terra mais acomodada e aparelhada para a conversão, que ha em toda a costa, por haver ainda muito gentio e não tão escandalizado dos Portugueses. Vivem os desta casa de esmolos, ajudados do Collegio do Rio de Janeiro, ao qual é anexa, no que toca a vestir, calçar, vinho e azeite, e outras cousas que não se dão em esmola.

RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro é Capitania de El-Rei, tem governador sujeito ao da Baía. E' cidade intitulada de S. Sebastião, que fundou el-rei D. Sebastião, de boa memoria, que ele determinava fazer muito nobre por ser de seu nome e a primeira que havia fundado. Dista do Espirito Santo 50 leguas e da Baía 180, e da Equinocial 23 graus e meio no Tropico austral.

E' porto de mar, a cidade não mui bem assentada em um monte, mas de muito bom prospeto ao mar, tem uma baía mui formosa e ampla, cheia pelo meio de muitas ilhas, não tão grandes como aprazíveis e é a mais airosa e amena baía que ha em todo o Brasil, tem um circuito mais de 20 leguas e o porto é tão fundo que as naus mui grandes estão com a prôa em terra em 14 braças.

Tem uma fortaleza cheia de muito boa artilharia, com outros três ou quatro fortes que a fazem muito defensavel; terá 150 vizinhos de Portugueses (572) e tem seu vigario com outro coadjutor semente, e aqui reside de ordinario o Administrador, que é como o bispo.

E' terra de grandes e altissimos montes e penedias, e ao entrar da barra tem uma pedra mui larga ao modo de um pão de assucar e assim se chama, e de mais de 100 braças em alto, que é cousa admiravel. Destas terras descem muitos rios caudais que se vêm despenhar e correr ao mar de duas e três leguas, e por estar debaixo do Tropico tem calores e frios quasi tão rijos como em Portugal. O inverno é mui aprazivel e como primavera na Europa, no verão chove muito e quasi cada dia; é terra rica, abastada de gados e farinhas e outros mantimentos, tem três engenhos de assucar; achou-se agora nela noz moscada e pau d'aquila, não tão fino como o da India Oriental mas de mui suave olor e em tão grande quantidade que fazem os navios dele; é abundante de cedros e árvores de sandalos brancos mui finos; dão-se nela uvas, trigo e outras cousas de Portugal; de pescado é mui abundante e o clima é muito saudavel.

Aqui temos collegio, está bem situado em lugar eminente, de bom prospeto ao mar, tem feito um quarto de edificio e parte do outro; os cubiculos que estão feitos são 10 a 12 assobradados e forrados de madeira de cedro, a igreja é pequena e velha, e as oficinas, ainda que estão bem acomodadas, são mui velhas (573). Sempre se faz algo no edificio, ainda que devagar por não haver tanta commodidade de cal e officiais, e por não se pagarem 166 ducados que El-Rei D. Sebastião lhe deu de esmola para as obras. Tem junto ao Collegio cêrca muito grande com tanque e fonte de agua salobra: nela têm uma vinha como em Portugal, e outras árvores de laranjas, limas, limões, bananeiras e outros frutos, é mui amena e de

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

grande recreação; defronte do Collegio está uma ilha que serve de recreação nos assuetos, vão a ela por mar e está do Colégio um quarto de meia legua (574).

Meia legua da cidade tem duas leguas de terra em quadro das melhores da terra; nelas se fazem mantimentos e roçaria e residem os escravos e Indios da casa que são mais de 100, de Guiné e Indios da terra com suas mulheres e filhos, e uma igreja em que lhes ensinam a doutrina cristã, e destes a maior parte grangeiam aquela fazenda e outra que têm a sete leguas da cidade, que é muito maior e mais fértil, de três leguas em largo e quatro para o sertão, e outros são carpinteiros, carreiros, etc. (575).

Vivem dos nossos neste Collegio de ordinario 24 (576): 10 Padres e os demais Irmãos. Tem de renda 2.500 cruzados que lhe dotou el-rei D. Sebastião para 50, e os 2.000 se pagam na Baía ainda que mal e tarde, e os quinhentos na Capitania do Espirito Santo, e com esta renda e com a roçaria que hei dito, e com algumas cabeças de bois e vacas que têm de sua criação, se sustentam muito bem e aos escravos que tem, e ajudam as residencias ao Collegio anexas.

As occupações dos nossos com os proximos são: uma lição de casos de conciencia que ouvem de ordinario um ou dois estudantes de fóra e ás vezes nenhum, mas sempre se lê aos de casa; uma classe de gramatica aonde estudam 10 ou 12 meninos e alguns de casa, escola de ler e escrever que tem cêrca de 30 meninos, filhos de Portugueses.

Item: prègam e confessam e, como ha poucos elerigos, os nossos confessam a maior parte dos Portugueses, e estão ali benquistos e fazem fruto.

Além disso têm a seu cargo duas aldeias de Indios cristãos: a primeira se diz S. Lourenço que está uma legua da cidade defronte do Collegio, vai-se a ela por mar e nela residem de contínuo três dos nossos, e todos são Padres; a outra é de S. Barnabé, dista da cidade sete leguas e por mar: esta visitam a miudo e entre ambas terão quasi 3.000 Indios (577).

JOSEPH DE ANCHIETA

SÃO VICENTE

E' Capitania de um Martim Afonso de Sousa; tem quatro vilas e capitão que a rege sujeito ao da Baía; a primeira e mais antiga, e que foi fundada primeiro que todas as cidades e vilas desta provincia, se diz Nossa Senhora da Assunção (578) e toma o nome comum de toda a Capitania, que é S. Vicente; dista do Rio 40 leguas, da Baía 220 e da Equinocial 24 graus menos alguns minutos, e do Rio de Janeiro corre a costa até S. Vicente de Léste a Oéste, e por isso ainda não cresce meio grau nas 40 leguas que dista do Rio.

E' situada em uma ilha que terá seis milhas em largo e nove em circuito; antigamente era porto de mar e nele entrou Martim Afonso de Sousa a primeira vez com sua frota, mas depois com a corrente das aguas e terra do monte se tem fechado o canal, nem podem chegar as embarcações por causa dos baixos e arrecifes; terá 50 fogos de Portugueses com seu vigario (579), e por estarem as terras gastas e não ter porto se vai despovoando pouco a pouco.

Nesta mesma ilha está outra vila que se diz Santos e é porto de mar, aonde entram as naus ainda grandes, tem 100 vizinhos (580) com seu vigario e para ela se vêm muitos dos moradores de S. Vicente, por ser mais rica e abastada e mais acomodada por causa do porto que tem para os seus tratos e ganancias. Ao entrar da barra, em um monte alto de outra ilha chamada Guaibe, em certa ponta fez o general de Sua Magestade (581) uma fortaleza e lhe deixou 100 soldados de guarnição com seu capitão e alcaide, e daí a quatro leguas para o Norte, na outra ponta desta mesma ilha de Guaibe, está uma fortaleza e em frente desta está outra situada na terra firme, muito mais forte e formosa, e ambas fundaram os moradores com ajuda de El-Rei de Portugal, para defender-se dos Franceses e Ingleses e dos Indios naturais, que punham em apêto aquella terra, principalmente a Santos, porque navegando pelo rio da Bertioga lhes tomavam os filhos e mulheres com muita crueldade.

Caminhando pela praia para o Sudoéste, 10 leguas de S. Vi-

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

cente está uma vileta chamada Itanhaen: terá 30 vizinhos de brancos (582), não tem vigário.

Todas estas três vilas são pobres, de poucos mantimentos e gado, porém abundantes em assucar. Em todas elas ha quatro engenhos de assucar (583), que é a mercadoria da terra.

Em S. Vicente temos casa, mas ha licença do padre Everardo (584), de boa memoria, para mudar-se para a vila de Santos que está, como tenho dito, seis milhas de S. Vicente, e agora o Padre Visitador Cristóvão de Gouvêa a pôs em execução a pedido dos moradores, para o que logo deram o sítio e a cadeia pública em uma parte de bom prospecto junto ao mar; e já se começa o edificio, para o qual dão suas esmolas e ajudas, com grande desejo de ter ali os nossos (585).

Residem de ordinario em S. Vicente sete dos nossos: cinco Padres e dois Irmãos (586). Suas occupaões são ensinar os meninos a ler e escrever, prègam, confessam os Portugueses e Indios; estão ali benevolos e fazem fruto, e, como não ha mais que um vigário, têm a maior parte do trabalho. Além disto visitam e vão em missão a Santos e a Itanhaen, aonde por não ter vigário lhes administram quasi todos os sacramentos. Visitam algumas das aldeias de Indios e pagãos que estão 10 e 12 leguas da vila. Êstes Padres se sustentam de esmolas com não pequeno trabalho por a terra ser pobre, e são ajudados do Colegio do Rio.

PIRATININGA

A quarta vila da Capitania de S. Vicente é Piratininga, que está 10 ou 12 leguas pelo sertão e terra a dentro. Vão por lá por umas serras tão altas que difficultosamente podem subir nenhuns animais, e os homens sobem com trabalho e ás vezes de gatinhas por não se despenharem e por ser o caminho tão mau e ter tão ruim serventia padecem os moradores e os nossos grande trabalho. E' intitulada vila de S. Paulo, situada junto a um rio caudal; terá 120 fogos de Portugueses (587); não tem cura nem ha outros sacerdotes senão os nossos, nem os Portugueses os querem aceitar; é terra de grandes campos, fertilissima de muitos pastos e gados, de bois,

porcos, cavalos, etc., e abastada de muitos mantimentos. Nelas se dão uvas e fazem vinho (588), marmelos em grande quantidade e se fazem muitas marmeladas (589), romãs e outras árvores de fruto da terra de Portugal (590).

Item: se dão rosas, cravinas, lírios brancos. E' terra muito saudavel e aonde vivem os homens muito, maximè os velhos (600).

Aqui residem seis dos nossos (601): Padres quatro e dois Irmãos: têm uma casa com oito camaras de sobrado forradas e suas oficinas bem acomodadas. Todo o edificio é novo, feito de taipa, a igreja não é muito grande. Tem cêrca cheia de frutos da terra e marmelos, rosas, cravinas, etc., e no claustro um poço de boa agua (602).

Suas occupaões são: confessar e prègar, ensinar os meninos a ler e escrever, e são como curas dos Portugueses e lhes administram todos os sacramentos, são mui amados de todos e como pais daquela gente. Têm duas aldeias de Indios a seu cargo: uma intitulada da Conceição de Nossa Senhora dos Pinheiros, que dista uma legua da vila, e outra intitulada de S. Miguel que dista duas leguas. Entre ambas terão 1.000 pessoas, e ha nesta terra muito bom aparelho para conversão por haver ainda grande número de gentio não muito longe.

Os nossos se sustentam de esmolos muito bem por a terra ser abastada, exceto que o vestido, vinho, azeite e farinha para hostias lhes dá o Colegio do Rio.

CLIMÁ

O clima desta provincia do Brasil é geralmente muito temperado, de bons e delicados ares e mui sadios, aonde os homens vivem muito, até oitenta, noventa e mais anos, e a terra está cheia de velhos. Não tem frios nem calores grandes, os céus são mui puros, maximè á noite; a lua é mui prejudicial á saúde e corrompe muito as cousas, as manhãs são salutíferas, tem pouco de crepusculo porque em amanhecendo logo sai o sol e em pondo-se anoitece.

O inverno começa cá em Março e acaba em Agosto; o verão começa em Setembro e acaba por fim de Fevereiro, e por isto •

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

Advento, e o Natal são em sumo estío. Das ferias gozam os estudantes em Dezembro e Janeiro. Os estudos começam em 4 de Fevereiro.

Os dias e noites são todo o ano quasi iguais. Chove muito no inverno com grande serenidade, sem tempestade nem torvelinhos e é tanta chuva que parece *rumpuntur cataractæ cæli et fontes abyssi*, porém não faz frio. O verão é algo quente, mas temperado e não ha mês em que não chova muitas vezes; todo o ano trazem os homens pouca roupa.

E' terra desleixada e remissa e algo melancolica e por esta causa os escravos e os Indios trabalham pouco e os Portugueses quasi nada e tudo se leva em festas, convivios e cantares, etc., e uns e outros são mui dados a vinhos e facilmente se tomam dele e os Portugueses não o têm por afronta e deshonra e os convivios que se dão nesta terra, além de serem muitos e ordinarios, são de grande custo e neles se fazem muitos excessos de comeres exquisitos, etc. (603).

E' terra humida, prejudicial á vista e ás feridas das pernas e não ficam bons delas tão cedo maximè se lhes chega o rocio da manhã. Para as cabeças é mui salutifera, e por mais feridas que uma pessoa tenha na cabeça logo fica sã.

Algumas terras são mais saudaveis que outras. Na Baía se criam mal os meninos e morrem muitos, mas os que chegam á idade perfeita vivem muito, mas não sem doenças por não ser tão sadia como as demais Capitánias.

Os nossos Padres e Irmãos de ordinario têm saúde, nem deitam de ordinario sangue pela bôca, nem têm catarros, dôr de pedra, colica, dôr de cabeça e de peitos, nem outras enfermidades que têm muitos dos nossos em Portugal, e se alguns as têm é de muitos trabalhos que hão passado ou muita velhice; de quentura são ás vezes enfermos, maximè na Baía.

No verão se levantam os nossos ás quatro e se deitam aos três quartos para as nove, e no inverno só levantam ás cinco e deitam-se aos três quartos para as dez. Comem o jantar no verão ás dez e ceia ás seis; e no inverno jantam ás onze e ceiam ás sete da noite.

COUSAS QUE PERTENCEM AD VESTITUM

As casas nesta terra algumas são de pedra e cal cobertas de telha, mas as comuns são de taipa cobertas de palma e de ervas e cascas de paus.

Para vestir ha muito algodão que se encontra em umas árvores frescas como sabugueiros e todos os anos dão uns folhelhos ou capuchos cheios de algodão. As mais cousas de vestir vem da Europa, isto é, veludos, razes, damascos, tafetás, panos finos e baixos de toda sorte, holandas e lenços de linho.

Os homens e mulheres portugueses, nesta terra se vestem limpamente de todas as sedas, veludos, damascos, razes e mais panos finos como em Portugal, e nisto se tratam com fausto, maximè as mulheres, que vestem muitas sedas e joias e creio que levam nisto vantagem, por não serem tão nobres, ás de Portugal (604) e todos, assim homens como mulheres como aqui vêm se fazem senhores e reis por terem muitos escravos e fazendas de assucar por onde reina o ocio e lascivia e o vício de murmuração geralmente.

Os Indios da terra de ordinario andam nus e quando muito vestem alguma roupa de algodão ou de pano baixo e nisto usam de primores a seu modo, porque um dia saem com gorro, carapuça ou chapéu na cabeça e o mais nú; outro dia com seus sapatos ou botas e o mais nú, outras vezes trazem uma roupa curta até á cintura sem mais outra cousa. Quando casam vão ás bodas vestidos e á tarde se vão passear sòmente com o gorro na cabeça sem outra roupa e lhes parece que vão assim mui galantes.

As mulheres trazem suas camisas de algodão sôltas até o calcanhar sem outra roupa e os cabelos e quando muito entrancados com uma trançadeira de fita de seda ou de algodão; mas homens e mulheres de ordinario andam nus e sempre descalços.

Os nossos Padres e Irmãos vestem e calçam propriamente como em Portugal dos mesmos panos que lá, mas faltam-lhes muitas vezes, mas não se amofinam, porque a terra não pede muita roupa e quanto mais leve e velha tanto é melhor e folgam com ela; e o andarem descalços é uso da terra e não lhes dá tanta pena e trabalho como

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

se fôra na Europa e desta maneira o fazem tambem os mui ricos e honrados da terra.

O QUE PERTENCE AD VICTUM

O pão comum desta terra é de raizes de mandioca. A mandioca é como árvore, cresce com os seus ramos e folhas á altura de 10 a 12 palmos. Para se plantar cortam grandes arvoredos e depois lhes põem fogo e plantam uns paus dos ramos de comprimento de um palmo; em seis ou nove meses deitam mui grandes raizes (605), as quais deitam de mólho até ficarem pôdres e as expremem e fazem farinha que fica como cuscús de farinha de trigo. Também cruas se ralam e expremem-se e fazem-se uns beijús que são como obreias do tamanho de um prato mas mui alvo; é mantimento de pouca sustancia, insipido, mas são e delicado.

Esta mandioca tem algumas cousas notaveis: os homens que a comem crua ou bebem sua agua arrebantam e morrem (606); os animais que a comem crua engordam com ela e é ordinario mantimento dos cavalos e outros animais. Os animais que bebem a agua que dela se expreme morrem logo. Se se põe ao fumo depois de pôdre, fica tão saudavel que bebida, em agua ou vinho, é remédio presentissimo contra peçonha e fazem-se dela certos calditos como de amido ou tisana de cevada até para os doentes e sãos, mas é cousa muito mais delicada e proveitosa para o peito e febres. Também se faz outro gênero de farinha que chamam de guerra para as armadas e gente de serviço e dura muito tempo (607).

Estas raizes de mandioca estão quatro, cinco ou seis anos dentro da terra e não são necessarios celeiros, como para o trigo, porque não tem mais que tirar da terra cada dia e comer-se a farinha e beijús frescos (608).

Tambem se faz farinha de outras raizes que chamam aipim; são como as de mandioca propriamente, mas não matam e também se comem assadas. Seu sabor é como de castanhas.

Ha outras raizes como batatas, cará (609), mangará (610). Estas se comem assadas e cozidas, são de bom gosto, servem de pão a quem não tem outro. Parece que não são estas raizes das que co-

JOSEPH DE ANCHIETA

miam os Santos Anacoretas no deserto, pois são tão boas e de tão boa substancia que sustentam sem milagre.

Alguns ricos comem pão de farinha de trigo de Portugal, maximè em Pernambuco e Baía, e de Portugal tambem lhes vem vinho, azeite, vinagre, azeitonas, queijo, conserva e outras cousas de comer.

Tem esta terra muitas e boas aguas e sadias. Para os enfermos não faltam regalos que se fazem de assucar, que ha muito, e assim fazem laranjada, cidrada, aboboradas e talos de alface e outras conservas. Em Piratininga se faz muita carne de marmelo ou cotonada (?) e assucar rosado alexandrino (611).

Os nossos comem da farinha da terra e dos vinhos e azeites de Portugal, que de lá lhes vem quando lhes vem, porque muitas vezes faltam estas cousas.

CARNES

Ha nesta terra abundancia de gados, como bois, porcos, galinhas, perús, patos, e carneiros e cabras, ainda que não muitos, porque começam agora e tudo isto veio do Reino. Da terra não faltam porcos monteses, os quais têm o umbigo nas costas, antas que são como vacas bravas, galinhas monteses, rôlas, faisões, avestruzes, garças, aguias, coelhos e perdizes em muitas partes e outras muitas caças em abundancia, etc., e ainda que isto de ordinario não se ache para comprar, todavia não falta na terra.

Os nossos comem de ordinario vaca, que é tenra e sadia, ainda que não muito gorda, por não ser a terra fertil de pastos. Os doentes comem galinha e carne de porco, que nesta terra todo o ano é melhor que galinha em saudavel e gôsto; porém os que são mais fracos e velhos padecem algo, porque galinhas e porcos não os ha para tantos e a vaca lhes faz mal.

PESCADOS

Como estas Capitánias todas sejam portos de mar, ha abundancia de pescado, tão bom e são que se come sôbre tudo e sôbre

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

leite, e ás vezes sem azeite nem vinagre e dá-se aos enfermos de febre como galinha ou outras aves. Entre êstes pescados ha muitos peixes de preço e reais, como baleias, tantas e tão grandes que é para ver. Aqui na Baía das janelas dos cubiculos as vemos andar saltando e por toda a costa ha muitas.

Nos rios caudais que entram no mar ha peixes-bois (612) que têm de pêso 20 e 30 arrobas. Dentro do cerebro dêstes se acha uma pedra mui medicinal para quem tem dôr de pedra e a carne é de preço, cozinha-se com couves e sabe á carne de vaca; se com especiaria, sabe a carneiro e tambem a porco e faz-se chacina muito boa. Outros que chamam meros (613) são tão grandes que alguns têm sete quintais de pêso.

Ha muitas tartarugas, que são como cágados. Tomou-se uma os dias passados que 20 homens não a podiam volver (614). Nêstes rios ha porcos dagua quasi da mesma maneira que os da terra (615). Junto á Baía três leguas, está um lago que tem cães marinhos (616) e está um bom pedaço longe do mar em lugar mui eminente, é de agua doce, mas enche e vasa com o mar Oceano. Além disto, ha muitos mariscos em toda a costa, como lagostins, ostras, carangueijos, breguihões (617), camarões, que são alguns de um palmo, e as ostras são em tanta quantidade que se acham ilhas cheias das cascas (618) e faz cal para os edificios que é tão boa como a de pedra.

Aos nossos de ordinario não falta pescado fresco e sêco, ainda que o sêco não seja tão bom nem de tanta sustancia como o sêco de Portugal; mas o fresco é muito mais leve e são e se dá aos doentes de febre, porém tudo vale caro, por falta de redes e pescadores.

FRUTOS

Nesta terra se dão bem árvores de espinho, que vieram de Portugal, como laranjeiras, cidreiras, limoeiros, limeiras e todo o ano têm frutos e bons sem ser regados; porque o céu tem êste cuidado e é a terra tão fertil destas árvores que se dão pelos montes e campos sem beneficio que se lhes faça.

Da terra ha muitos frutos e alguns de preço e que não dão vantagem ás peras melacotores de Portugal, *scilicet*: mangabas (619), que são como albicorques amarelos, não têm caroço senão umas pevides pequenas e são de bom gosto e mui sadias; mocujês (620), que são como peros bravos de Portugal, mas de grande gosto e preço e ao comer se sorvem como sorvas; acajús (621), que são como peros repinaldos e dão uma castanha no ôlho, melhor que as de Portugal; araticús (622), a árvore é como limoeiro, o fruto como pinha; naná (623), dão-se em uns como cardos e as folhas como erva babosa, o fruto é á moda de pinha, ainda que maior, dão-se todo o ano, é fruto de muito preço e real, sabem e cheiram a melões, mas são melhores e muito mais odoríferos e têm muito sumo, são bons para quem tem dôr de pedra; o vinho que os Indios fazem deles é muito forte e se toma a miudo dele; com as cascas se limpam as manchas de azeite e quando se os cortam fica a faca limpa e asseada.

Estes frutos dão nas hortas e pelos campos e bosques em grande abundancia e deles se fazem conservas, como laranjada, cidradas, limões, naná em conserva e outros, e cruas não faltam aos nossos para antepasto.

LEGUMES

Da terra ha poucos legumes, mas de Portugal ha muitos, *scilicet*, couves, rabãos, alfaces, pepinos, aboboras, gravanços (624), lentilhas, perexil (625) e erva boa e outros muitos e em Pernambuco e Rio de Janeiro muitos melões e da terra e Guiné ha muitas aboboras e favas, que são melhores que as de Portugal e são tão sãs como ervilhas, feijões e outros legumes, e todo o ano não faltam de ordinario aos nossos e muitos deles têm em suas roças.

BOSQUES

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo o ano árvore nem erva sêca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedade de especies. Muitos dão

bons frutos e o que lhes dá graça é que ha neles muitos passari-nhos de grande formosura e variedade e em seu canto não dão van-tagem aos rouxinóis, pintasilgos, colorinos, e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por êste caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo. Ha muitas ár-vores de cedro, aquila, sandalos e outros paus de bom olor e várias côres e tantas diferenças de folhas e flores que para a vista é gran-de recreação e pela muita variedade não se cansa de ver.

BICHOS

Ha nesta terra inumeraveis bichos e serpentes e muitos doles tão peçonhentos que metem espanto, *scilicet*: cobras de muitas cas-tas, umas tão grandes que tragam um homem ou veado inteiro, como por vezes se ha achado nelas (626), e outras tão ferozes que em vendo uma pessoa se atiram a ela para tragá-la e destas são muitas e de muitas castas. Outras que chamam jararacas (627), mais pequenas, tem um dentinho na bôca, ôco por dentro, cheio de peçonha; se morde em alguma pessoa, morre-se em 24 horas, e antes, se não lhe acodem com remedios, e destas ha tantas que estão pelas casas e caem dos telhados sôbre as camas, e quando os homens des-pertam se acham com elas enroscadas no pescoço e nas pernas e quando se vão a calçar pela manhã as acham nas botas.

Ha outras que têm na cauda um cascavel que tange (628) e tambem são venenosas, e algumas destas jararacas têm no ventre trinta e quarenta cobras que parem (629).

Ha muitos sevandijas como lagartos, assim da terra como da-gua; os da agua são tão grandes que matam um homem e o comem (630). Ha muitas lagartixas, em tamanha quantidade que andam pelos buracos das casas, inumeraveis como pardais em Portugal. Nas florestas ha muitas onças de grande ferocidade e tambem uns animalejos que chamam tatús (631); parecem-se com leitões e por de cima são cheios de umas conchas como cavalos armados e furam tanto pela terra que muitos homens a cavar não os podem tomar

e se lhes deitam agua na cova, logo os tomam e não podem mais cavar. Ha muitos monos e micos de muitas castas.

Outros animais que chamam quatis (631-A) parecem-se com raposas, mas fazem tanta festa e brincam como uns gatinhos ou cachorrinhos e tudo revolvem e furtam quanto acham e são muito travessos que não ha viver com eles, e são de estima por estas e outras habilidades que têm.

Ha outros que chamam preguiça do Brasil (632) e são muito nomeados por ser animal muito para ver; parecem-se com cães fel-pudos como os perdigueiros que ha em Portugal; são muito feios e a cara parece de mulher velha mal toucada, as mãos e pés curtos, têm grandes unhas e nelas andam com o peito pelo chão e com os filhos abraçados na barriga e andam tão devagar e com tanta preguiça que parece não se moverem e é necessario muito tempo para subirem numa árvore. Seu principal alimento são certas folhas de figueiras (633) e, como não as têm e pela grande melancolia natural, vivem mui pouco tempo em casa depois que os tomam.

Finalmente êste clima parece influir peçonha nos animais e serpentes e assim cria muitos imundos, como ratões, morcegos, aranhas muito peçonhosas.

As formigas que tem esta terra não se pode dizer, são inumeraveis e inumeras as castas e suas especies; são destruição desta terra, porque não ha viver com elas. Minam as casas, as igrejas, as camaras pelas paredes até o telhado. Toda a noite andam os lavradores com uns fachos de fogo á caça das formigas porque, se as deixam, em uma noite não fica folha nos roçados de mandioca e nas parras, laranjas, limões, e hortaliças de Portugal e nestas cousas acham tanto gôsto que não ha defender-lhes estas árvores e em uma noite tragam toda uma parra ou laranjeira e por esta causa não ha nesta terra vinhas e outros frutos de Portugal em abundancia e os que ha, principalmente na Baía, é com muito trabalho e com ter-lhes sempre agua ao pé e outros defensivos. Finalmente nos roçados de mandioca lhes dão os lavradores de comer, e nisto se ocupam muitas pessoas e o têm por mais barato que deixá-las comer e destruir as fazendas (634). Em algumas Capitanias são menos as formigas e não fazem tanto dano.

INDIOS

Os Indios desta provincia são inumeraveis pela terra a dentro, de várias nações e costumes e linguagem e muitos deles são como selvagens e não se lhes póde entender sua lingua e ha pouco remédio para sua salvação, exceto alguns inocentes ou adultos que se batizam *in extremis* e se vão para o céu.

Os mais politicos entre eles são os Tupinambás, senhores da Baía, e Tupinaquins e outros que se convertem, que dantes viviam pela costa do mar e ainda todos êstes são gente de mui pouca capacidade natural, se bem que para sua salvação têm juizo bastante e não são tão boçais e rudes como por lá se imagina.

Não têm escrita, nem caracteres, nem sabem contar, nem têm dinheiro; *commutatione rerum* compram uns aos outros; sua lingua é delicada, copiosa e elegante, tem muitas composições e sin-copas mais que os Gregos (635), os nomes são todos indeclinaveis, e os verbos têm suas conjugações e tempos. Na pronunciação são sub-tis, falam baixo que parece que não se entendem e tudo ouvem e penetram; em sua pronunciação não põem F, L, Z, S e RR (636), nem põem muta com liquida, como Bra, Craze.

Fazem muito caso entre si, como os Romanos, de bons linguas e lhes chamam senhores da fala e um bom lingua acaba com eles quanto quer e lhes fazem nas guerras que matem ou não matem e que vão a uma parte ou a outra, e é senhor de vida e morte e ouvem-no toda uma noite e ás vezes tambem o dia sem dormir nem comer e para experimentar se é bom lingua e eloquente, se põem muitos com ele toda uma noite para o vencer e cansar, e se não o fazem, o têm por grande homem e lingua.

Por isso ha prègadores entre eles muito estimados que os exortam a guerrear, matar homens e fazer outras façanhas desta sorte.

São como vermelhos de côr, de mediana estatura, a cara e os mais membros mui bem proporcionados; o cabelo é corredio de homens e mulheres, são grandes pescadores e como peixes no mar e vão ao fundo e estão lá de espaço até trazerem o que buscam.

Nos campos e florestas andam e rompem como bichos; são guer-

JOSEPH DE ANCHIETA

reiros e grandes frecheiros; basta ver um ôlho só descoberto a um homem para lhe pregar; são tão dextros que não lhes escapa passarinho que não matem, e a frechadas matam o peixe na agua; andam nús, são dados a vinhos que fazem a seu modo, são algo melancolicos e se querem morrer com apreender sòmente a morte na imaginação ou com comer terra; ou lhes digam que se hão de morrer ou lhes ponham medo morrem brevissimamente.

De dia e de noite fazem seus comeres, cantares e festas até a manhã, andam muitos dias sem comer se não o têm, mas quando o têm não descansam sem acabá-lo *et vicunt in diem*, não guardando as cousas para o outro, casam sem dote e ás vczes servem aos pais por casar com as filhas, como fez Jacob a Labão (637), amam muito os filhos, mas não procuram deixar-lhes heranças, dormem em rêdes de fio de algodão no ar, por causa das cobras, têm grande candura natural e com andar nús *non verecundant*, parece que representam o estado de inocencia.

Não têm juramentos nem idolos, alguns feiticeiros ha entre eles a que chamam Pagé. A êstes, para alcançar saúde, se dão a chupar e consentem que lhes façam outras cerimonias, mas não acreditam neles (638). Não são demandões, mas bemfazejos e caritativos; todos os que lhes entram em casa comem com eles sem lhes dizer nada.

Não casam de ordinario até que tomem ou matem algum homem e, se o matam, tomam por insignia sarjar-se o corpo por tal modo e artificio que ficam mui galantes e pintados e nisto têm grande primor. Vivem muitos juntos em umas casas mui grandes de palma que chamam ócas e com tanta paz que põem espanto, e com terem as casas sem portas e suas cousas sem chave por nenhum modo furtam uns aos outros.

E têm outras cousas e costumes mui notaveis que por brevidade deixo.

CONVERSÃO

A conversão nestas partes floresceu já muito, porque sòmente na Baía havia mais de 40 mil cristãos e agora não haverá 10 mil,

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

porque têm morrido de várias enfermidades e não se fazem tantos de novo, porque têm fugido pela terra a dentro por causa dos agravos que recebiam dos Portugueses, que os cativavam, ferravam, vendiam, apartando-os de suas mulheres e filhos com outras injúrias que eles sentem muito e agora não se acham daqui duzentas e trezentas leguas pelo sertão a dentro, que é grande detrimento para sua salvação e aumento de nossa Santa Fé, nem terá isto remédio se não vier a lei que pedimos a Sua Magestade que não sejam cativos nem os possa ninguém ferrar, nem vender.

Em todo o Brasil poderão ser batizados, desde que os Padres vieram a ele, mais de 100 mil pessoas e dêstes haverá até 20 mil. Depois de cristãos têm algumas cousas notaveis e a primeira é que são *tanquam tabula rasa* para imprimir-se-lhes todo o bem, nem ha dificuldade em tirar-lhes rito nem adoração de idolos porque não os têm e os costumes depravados de matar homens e comê-los, ter muitas mulheres e embriagar-se de ordinario com os vinhos e outros semelhantes, deixam-nos com facilidade e ficam mui sujeitos a nossos Padres como se fossem religiosos e lhes têm amor e respeito e não movem pé nem mão sem eles; compreendem mui bem a doutrina cristã e os misterios de nossa Fé, o catecismo e aparelho para a confissão e comunhão e sabem estas cousas tão bem ou melhor que muitos Portugueses.

Vivem nas aldeias de que os nossos têm cargo, como em comunidade, em umas casas mui grandes, com um principal de sua nação a que obedecem em algumas cousas, e com viverem juntas nestas casas cento e duzentas pessoas, maridos, mulheres e filhos, não ha entre eles todo o ano queixas nem falsidades e com andarem nús não ha homem que ponha o ôlho em mulher alheia. São mui modestos de seu natural e andam mui direitos e pelos caminhos sempre vão em fileiras, a mulher deante do marido, e andam á grande pressa. São devotos e os que comungam derramam muitas lagrimas quando o fazem, e nisto da comunhão ha algumas particularidades edificantes, porque, se acerta alguma pessoa dizer-lhes que tomem vingança de outro, respondem: "Sou da comunhão, não tenho de fazer isto", e antes da comunhão se disciplinam os homens e jejuam as mulheres um ou dois dias por sua devoção. Têm certo modo de

chorar quando chega algum parente seu de fóra e é que a parenta se lança a seus pés e as mãos postas nele ou os braços no pescoço do parente, choram em voz alta, de maneira que parece que lhe morreu o marido ou filho, e isto fazem de contentamento por festa e regalo (639).

Acabado o pranto, limpa logo as lagrimas e se põe muito alegre a falar, comer e beber como se não houvera chorado.

Ouvem missa cada dia sem falar, com modestia e devoção, e ora de joelhos, ora de pé, com as mãos sempre estendidas para o céu e são tão afeiçoados á igreja e culto divino que estariam ali todo o dia.

Os Padres lhes prégam nas festas principais e lhes ensinam a doutrina cristã duas vezes ao dia, pela manhã acabada a missa em português, e em sua lingua, e á tarde, acabados seus serviços, o diálogo da fé e aparelho da comunhão e confissão, e todos, solteiros e casados, mulheres e meninos, respondem ás perguntas com grande candura. Os filhos dos Índios aprendem com nossos Padres a lêr e escrever, contar, cantar e falar português e tudo tomam mui bem.

*

Por Agôsto passado enviei a Vossa Paternidade outra informação mais breve das casas e Colegios desta provincia (640), com o número dos Padres e Irmãos que vivem nela, mas, por não ser tão larga, me pareceu enviar agora esta com alguma notícia das cousas da terra, para que Vossa Paternidade tenha tudo presente e com maior luz e claridade entenda as cousas desta sua provincia, á qual pedimos deite de lá sua santa benção, tendo juntamente memoria em seus santos sacrificios dêstes seus indignos filhos, para que assim animados e consolados de Vossa Paternidade cheguemos á perfeição de nosso Instituto, á maior gloria da Divina Bondade e aumento de sua Santa Fé nestas partes.

Da Baía de Todos os Santos, o último de Dezembro de 1585.

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

NOTAS

(546) Trd. do manuscrito, em lingua espanhola e letra contemporanea do seculo 16, pertencente á Bibliotéca de Evora, e pbl. por Capistrano de Abreu no n. I dos *Materiais e Achêgas para a História e Geografia do Brasil* (*Informações e Fragmentos Historicos do Padre Joseph de Anchieta, S. J.*, p. 31-56). Embora o manuscrito não traga assinatura, a *Informação da Provincia do Brasil* é da autoria de Anchieta, conforme sustenta Capistrano (o. c., *Introd.*, p. VII). Em nota (p. 55-6), observa ainda que é falsa a data de 1583, dada no Catálogo dos Mss. de Evora á *Informação*, porque esta se refere “á mudança do Collegio de S. Vicente para Santos, por ordem do padre Cristóvão de Gouvêa, mudança que só se efetuou em março de 1585, como o atesta Cardim, que esteve presente” (*Trat.*, p. 359). E, na mesma nota, escreve, a proposito da flagrante semelhança da *Informação* de Anchieta, em vários trechos, com a *Narrativa epistolar* de F. Cardim: “Comparando a presente *Informação* com a de Fernão Cardim, notam-se muitas semelhanças nas descrições e é natural que se procure nela uma das fontes da *Narrativa epistolar*. Tal conclusão tem, porém, contra si o fato que a primeira carta de Cardim é anterior á presente *Informação*, pois que é datada de 16 de outubro de 1585. Daí podem tirar-se duas consequências, ambas plausíveis: ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e o tom alegre de Cardim, copiou-o insensivelmente, ou que ambos se apoiaram na informação mandada em Agôsto. Se nos lembrarmos que no *Treatise of Brasil written by a Portuguese wich has long lived there*, publicado por Purchas, em 1625, já se encontram muitas das comparações comuns a Cardim e Anchieta; se se conceder que aquela obra é de Fernão Cardim, como por mais de uma vez tenho procurado prová-lo, e que foi escrita em 1584, a primeira hipótese é muito mais verosímil”. Os escritos de Cardim publicados na coleção *Purchas his Pilgrimes* (Londres, 1625, IV, p. 1289-320) intitulam-se *Do Príncipe e Origem dos Indios do Brasil e de seus costumes e cerimoniaes* e *Do Clima e Terra do Brasil e de algumas coisas notaveis que se acham assi na terra como no mar*, e se encontram com a *Narrativa epistolar* no citado volume dos *Tratados da Terra e da Gente do Brasil* (Rio, 1925). Se, como parece indiscutível, a informação enviada em agosto de 1585, a que se refere Anchieta no final da presente, é a *Breve narração* de 28 de dezembro de 1584, por quaisquer circunstancias só remetida oito mezes mais tarde, a primeira hipótese formulada por Capistrano deve ser preferida. Realmente, a *Breve narração*, a julgar pela parte conhecida, pois chegou até nós incompleta, como já se viu, não podia servir de base a relatórios tão completos e minuciosos como são a *Informação da Provincia do Brasil* e a *Narrativa epistolar*. Além disso, não contém ela nada que pudesse servir de inspiração para Anchieta e Cardim em suas descrições. — Ainda a proposito da autoria das *Informações*, observa, caridosamente, o Padre Murilo Moutinho, S. J.: “Diz Capistrano: “Nenhuma traz o nome do autor. Apesar disso attribuo-as ao Padre Joseph de Anchieta e publico-as com seu nome, pelos seguintes motivos: A segunda das *Informações*, intitula-se *da Provincia do Brasil*, e é evidentemente escrita pelo Provincial — em primeiro lugar porque fala em nome dela, tanto que em seu nome pede a bênção do Geral, em segundo porque se refere á *Informação* anterior, que escrevera por força do seu cargo. Ora, neste tempo o Provincial do Brasil era Joseph de Anchieta”. Não nego serem as *Informações* de Anchieta, mas tambem por ora não posso afirmar até que se encontrem os originaes.

Minha tése é que *as razões de Capistrano são susceptíveis de critica*, e que as *Relações* embora talvez da lavra de Anchieta, mais provavelmente partiram do visitador Padre Gouvêa, oficialmente:

1º) Consta pela *Narrativa Epistolar* de Cardim que o Visitador do Brasil Padre Cristóvão de Gouvêa estava na Baía na época desta segunda *Informação* (31 de Dez. de 1585). Tinha voltado do Sul terminado a visita e andava em Consultas. Ora, os Visitadores da Companhia de Jesus principalmente nos tempos antigos por motivos da distancia, vinham munidos de uma autoridade plena e tomavam por assim dizer o monopólio das comunicações com o Padre Geral em Roma. A autoridade do Provincial como que diminuía: e quem lê com atenção a *Narrativa Epistolar* verá que no tempo da visita do Padre Gouvêa a autoridade do Provincial Anchieta se some que nem lua *coram sole*. E' portanto mais logico attribuir a *Informação* ao Visitador Gouvêa. Quanto a pedir a Bénção em nome da Provincia, com mais autoridade e precedencia fa-lo-ia o Visitador que o Provincial nesse caso.

2º) O segundo motivo de Capistrano é: "A 2ª *Informação* se refere á primeira que se intitula *da Provincia do Brasil*. Ora a primeira é de Anchieta porque escreve em força de seu cargo. Ora, neste tempo o Provincial era ele proprio Anchieta". Respondo primeiramente que o texto não diz em força de seu cargo *de Provincial*, mas só em força de seu cargo. Portanto se havia Visitador, cargo mais elevado que o de Provincial, vale o que já dissemos do 1º motivo. Entretanto Capistrano não reparou que referindo-se á primeira *Informação* pecou por anacronismo. Vejamos como ele se contradiz. Na *Introdução ás Informações* ele tenta provar que a primeira foi escrita no periodo de 21 a 31 de Dezembro de 1584, porque dá a morte do Padre Paiva a 21 de dezembro de 1584, e em varios lugares diz *neste ano de 1584*. Bem. Agora vem Capistrano dizer que a segunda *Informação* se refere á 1ª que mandou por força de seu cargo, e cita o lugar (pag. 55). Fui ver a citação: "Por *Agosto* passado enviei a Vossa Paternidade outra *Informação*". Ora sendo a data da segunda *Informação* o último de Dezembro de 1585, *Agosto* passado é *Agosto* de 1585, e não 21 a 31 de Dezembro de 1584. "*Quandoque bonus dormitat Homerus*."

Essa interpretação é tanto mais logica quanto notarmos que desde o primeiro ano da Visita 1583, a *Narrativa Epistolar*, fala de *Informações*, cartas, papeis, etc., enviados por Cristóvão de Gouvêa ao Geral (*Rev. do Inst. Hist.*, tomo 65, 1ª, pag. 24).

Meu humilde modo de vêr é que seria mais provavel ter sido uma e outra *Informação*, fornecida de fato por Anchieta, mas da responsabilidade do Visitador, a quem por razão de seu officio competia mais que a nenhum outro referir tudo ao Geral.

Destarte o Visitador, pessoa de fóra teria se servido de Anchieta; mas como Superior a todos, informaria Roma. Anchieta Redator da *Informação*, Gouvêa Informador official. Explicação não forçada. Longe de nós pensar que a pênha de Gouvêa era alheia a assuntos sobre Brasil. Escreveu nada menos que uma *Historia do Brasil*. Refere Barbosa Machado, I, 579, que no Colegio de Jesus de Coimbra havia no seu tempo *Manuscritos do P. Gouvêa*:

- 1º) *Historia do Brasil e costume dos seus habitantes.*
- 2º) *Comentario das occupações que teve, e do que nelas fez.*
- 3º) *Sumario das Armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista da Paraíba* (Ms. da Bibl. do Conde de Vimieiro e de D. José Barbosa)."

— A respeito da tése desenvolvida pelo illustre padre Murilo Moutinho, da

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVÍNCIA DO BRASIL

qual o anotador só teve notícia quando já compostos os originais dêste volume, convém aduzir as seguintes observações:

1ª) O fato de haver Capistrano pecado por anacronismo confundindo com a de 1584 a informação enviada em agosto de 1585, não tem importância nenhuma no caso. Não tem porque, onze anos depois de publicado o n. I dos *Materiais e Achêgas*, os “Anais da Biblioteca Nacional”, t. XIX, revelaram a *Breve narração das coisas relativas aos collegios e residencias da Companhia nesta provincia brasilica no ano de 1584* (sob n. XXI neste volume), papel esse que é positivamente o referido no final da *Informação* de 85. Aí se declara: “Por agosto passado enviei a Vossa Paternidade outra informação mais breve das casas e collegios desta provincia, com o número dos Padres e Irmãos que vivem nela, mas, por não ser tão larga, me pareceu agora enviar esta com alguma notícia das coisas da terra”, etc. De forma que o proprio título do documento em questão demonstra que é dele que se trata e não da *Informação* de 84, por ser, de fato, uma breve narrativa dos collegios e casas da Companhia no Brasil, declarando ainda o número de padres e irmãos existentes em cada uma das residencias. Ora, essa *Breve narração* é da autoria de Anchieta, que a assinou *manu propria* conforme declara uma nota do manuscrito. O que constituiu mais uma prova decisiva de que o Canarino é o autor da *Informação*. Nem se alegue que a *Breve narração* é datada de dezembro de 84 e que a *Informação* se refere a um papel enviado em agosto de 85. Não só a demora de muitos meses na remessa era então muito comum, como também parece pouco provavel que, ainda não concluido um ano, nova informação fôsse enviada sobre o mesmissimo assunto.

2ª) A *Narrativa epistolar*, cuja semelhança com a *Informação* Capistrano observou e procurou explicar, foi escrita pelo padre Fernão Cardim “por comissão do Padre Visitador Cristóvão de Gouvêa” a 16 de outubro de 1585. Valem ambas por um relatório completo acerca do estado da Provincia, seus collegios e residencias, descrevendo uma a uma as vilas da costa, com o número de habitantes, engenhos, etc. Ora, se a *Narrativa epistolar* foi redigida por comissão do visitador e como documento oficial de sua missão ao Brasil, não se compreende que dois meses depois repetisse Cristóvão de Gouvêa o que já detalhadamente mandara relatar por Fernão Cardim. E, o que é ainda mais estranho, repetisse alterando, entre outros, os dados referentes á população portuguesa e indígena das capitanias, ao número de padres e irmãos dos collegios e residencias e ao dos engenhos. Porque, assemelhando-se nas descrições á *Narrativa epistolar*, a *Informação* não raro dela difere no que diz respeito áqueles dados.

3ª) O trecho da *Narrativa epistolar*, citado pelo padre Murilo Moutinho, não alude a “informações”, mas a “papeis, cartas e avisos necessarios”, confiados ao padre Antonio Gomes, eleito procurador na congregação provincial de 8 de dezembro de 83, “para tratar em Roma e em Portugal” (*Trat.*, p. 302). Mas é natural que, além dos documentos levados pelo padre Antonio Gomes e da *Narrativa epistolar*, outros papeis tenha remetido o visitador a proposito de sua missão. O que parece menos certo é que, durante a estadia de Cristóvão de Gouvêa no Brasil, tivesse ele “o monopolio das comunicações com o Padre Geral em Roma”. A prova de que assim não era está na *Breve narração* de Anchieta, escrita em dezembro de 84.

4ª) Outro indício favoravel á autoria de Anchieta é o fato de haver sido a *Informação* de 85 redigida em espanhol.

5ª) Quanto á *Informação* de 84, é de estranhar que, sendo documento oficial do padre Cristóvão de Gouvêa, nenhuma referencia contenha á sua

JOSEPH DE ANCHIETA

missão no Brasil. Além disso, se se tratasse de uma informação do visitador, com certeza não se referiria a São Vicente, que Cristóvão de Gouvêa ainda não conhecia. E' natural que o Visitador, só depois de observar pessoalmente os trabalhos da catequese em toda a provincia, tratasse de informar o Geral. Achando-se ele no Rio de Janeiro, na data da *Informação*, certamente adiaria para depois de sua visita a São Vicente a remessa do papel, de forma a poder registrar as impressões recebidas no extremo sul da Provincia. Por tudo isso, é possível afirmar com pouca probabilidade de erro que foi a *Narrativa epistolar*, redigida por Fernão Cardim a seu mandado, a primeira relação completa dos negocios da Provincia enviada por Cristóvão de Gouvêa.

6*) Convem salientar finalmente que, mesmo no caso de ser verdadeira a hipótese aventada pelo padre Murilo Moutinho (Anchieta redator e Cristóvão de Gouvêa informador oficial), as duas *Informações* não podem deixar de figurar entre os escritos do Apostolo do Brasil.

(547) Nota de Capistrano (*Mat. e Ach.*, n. I): "Cabral, como se vê da carta de Caminha, pôs á terra o nome de Vera-Cruz. Nas instruções dadas em 1501 a João da Nova (Porto Seguro, *Hist. Ger.*, p. 77), a terra chama-se Ilha da Cruz. Na carta escrita por d. Manuel aos Reis Catolicos em 1501 chama-se de Santa Cruz (Navarrete, *Colec. de Viag.*, III, ps. 94 e s.); Em poli em 1504 chama-a Vera-Cruz ou Brasil (Ramusio, *Navig.*, I, p. 145). Desde este ano, o nome de Brasil aparece em documentos portuguezes e alemães e cada vez se generaliza mais (Wieser, *Magalhães-Strasse und Austral-Continent*, Innsbruck, 1881, ps. 93-94)". — A edição de Varnhagen citada por Capistrano é a 2ª, v. I.

(548) V. *Inf.* de 1584 e nota 384.

(549) Nota de Capistrano: "Falecendo Martim Afonso de Sousa, donatario da capitania de Santo Amaro e filho de Pedro Lopes de Sousa e d. Isabel de Gamboa, lhe succedeu na doação das 80 leguas sua irmã d. Jeronima de Albuquerque de Sousa, estando já viuva de seu marido d. Antonio de Lima, e tendo deste matrimonio a filha d. Isabel de Lima, mulher de André de Albuquerque, todos moradores na vila de Setubal (Taques, *Hist. da Cap. de S. Vicente*, Rev. do Inst., IX, 1847, p. 162)". — A *Hist. da Cap. de S. Vicente* foi publicada em volume, com um escôço biografico do autor por Afonso de E. Taunay (Cia. Melhoramentos de S. Paulo, s/data), figurando aí á pág. 86 o trecho transcritto por Capistrano. — Dona Isabel de Lima de Sousa e Miranda, quinta donataria das capitanias de Santo Amaro e Itamaracá, foi casada duas vezes: a primeira com dom Francisco Barreto de Lima e a segunda com dom André de Albuquerque (B. Calixto, *Capitanias Paulistas*, página 14).

(549-A) De fato, o cálculo de Gandavo (*Trat.*, p. 27) era de cêrca de 100 vizinhos, em 1570 ou pouco antes.

(550) "...deitámos ferro no arrecife de Pernambuco, que dista da vila uma boa legua", diz F. Cardim (*Trat.*, p. 327).

(551) "Tem passante de dois mil vizinhos entre vila e termo, com muita escravidaria de Guiné, que serão perto de dois mil escravos: os indios da terra são já poucos" (F. Cardim, *Trat.*, ns. 333-4).

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVÍNCIA DO BRASIL

(551-A) Guarassú (Gandavo, *Trat.*, p. 27), Igaruçú (G. Soares, o. c., p. 21) ou Igarassú, junto ao rio do mesmo nome, no limite com Itamaracá. Chamada também “vila de S. Cosme e Damião, pela igreja matriz, que tem dêste título e orago” ou “dos santos Cosmos” (fr. V. do Salvador, *Hist.*, 3ª ed., p. 108) ou ainda simplesmente Cosmos (G. Soares, l. c.). Em 1587 possuía cerca de 200 vizinhos.

(552) Nova Lusitania, aliás foi o nome que sem sucesso Duarte Coelho quis dar á capitania (Varnh., *Hist. Ger.*, 3ª ed., I, p. 213). F. Cardim escreve “Olinda da Nova Lusitania” (o. c., p. 330).

(553) V. *Inf.* de 84 e nota 405.

(554) Cf. F. Cardim (o. c., p. 335).

(555) Vinte e um jesuitas residiam no Collegio de Pernambuco, quando o padre Cristóvão de Gouvêa o visitou (F. Cardim, o. c., p. 335).

(556) Nota de Capistrano (l. c.): “Em carta escrita de Olinda em 18 de novembro de 1578 a el-rei de Portugal, diz Cristóvão de Barros então provedor-mór da fazenda: “Acho que devo advertir a Vossa Alteza de alguns inconvenientes que não fazem a bem da vossa fazenda, pelo que quis avisar do que me pareceu acomodado a vosso serviço, entre os quais entendi que uma provisão que Vossa Alteza passou aos padres da Companhia dêste Collegio de Olinda foi sem a informação que no caso se requeria, porque lhe dota Vossa Alteza mil cruzados cada um ano, os quais lhe serão pagos em assucar, assim como valeu por massa os anos passados que teve muito menos preço. Mas a razão que tenho para entender que estes mil cruzados não sejam pagos em assucar é que, arbitrados a como valeu em massa para os haverem de cobrar nos engenhos, conforme a provisão, é detrimento notavel da vossa fazenda, porque seguindo a informação que disto tomei perde Vossa Alteza em cada um ano mais de três mil cruzados, porque não haverá pessoa que queira arrendar com esta condição dos padres; por onde, se a tenção de Vossa Alteza é dotar aos padres mil cruzados que pelo respeito desta ordem fiquem mais avantajados visto os gastos e careza da terra, entendia eu que Vossa Alteza os devia melhorar em mais dinheiro, sendo servido, e não pela maneira que tanto custa” (Mss. do Inst. Hist., doc. 170, fl. 143-v., e 144-r.)”.

(557) Nota de Capistrano (l. c.): “Borges da Fonseca na sua *Nobiliarquia Pernambucana* diz que “no arquivo do Collegio de Olinda, que foi dos padres jesuitas, se achou uma carta de sesmaria, passada por dona Brites de Albuquerque, capitôa e governadora de Pernambuco, a 24 de julho de 1579, na qual confirma a data de uma legua de terra em Camaragibe que aos padres do dito Collegio de Olinda havia dado dom Cristóvão de Melo, quando foi governador”. (“Rev. do Inst. Arq. e Geogr. Pernambucano”, IV, p. 95). Provavelmente esta terra fazia parte das duas leguas a que se refere o autor”.

(558) Cf. F. Cardim (o. c., p. 287).

(559) V. *Inf.* de 84, nota 407.

(560) Segundo F. Cardim (o. c., p. 288), “terá a cidade com seu termo passante de três mil vizinhos portugueses, oito mil indios cristãos, e três ou quatro mil escravos de Guiné.” Em 1587, registrou G. Soares (o. c., página 109) “mais de dois mil vizinhos”. Em 1570, não passavam de mil e cem em toda a capitania (Gandavo, *Trat.*, p. 29).

JOSEPH DE ANCHIETA

- (561) Cf. F. Cardim (o. c., p. 288-9).
- (562) Cf. F. Cardim (o. c., p. 295) e G. Soares (*Trat.*, ed. de 1879, p. 44). Este fala em “dez leguas de costa” e não doze. — V. o testamento de Mem de Sá, que R. Garcia publicou em nota a Varnhagen (o. c., I, página 445-51).
- (563) Cf. F. Cardim (o. c., p. 290).
- (564) 50 vizinhos e três engenhos de assucar, segundo F. Cardim (o. c., p. 296). Cerca de 1570 possuía Ilhéus 200 vizinhos (Gandavo, o. c., página 31) e chegou a ter 400 ou 500, segundo G. Soares (o. c., p. 46).
- (565) Cf. F. Cardim (o. c., p. 296).
- (566) “...quarenta vizinhos com seu vigário” (F. Cardim, o. c., página 289). Quinze anos antes, havia 220 em toda a capitania (Gandavo, *Trat.*, página 34).
- (567) V. *Inf.* de 84 e nota 412.
- (568) Quatro (F. Cardim, o. c., p. 299). Em 1587, dez ou doze (Gabriel Soares, o. c., p. 54).
- (569) E’ o que também informa F. Cardim (o. c., p. 344).
- (570) V. *Inf.* de 84 e nota 414.
- (571) Cf. F. Cardim (o. c., p. 339).
- (572) E’ também o número dado por F. Cardim (o. c., p. 349).
- (573) Cf. F. Cardim (o. c., p. 350-1).
- (574) Nota de Capistrano (l. c.): “Provavelmente a ilha das Cobras, então chamada da Madeira (G. Soares, o. c., p. 74), vendida mais tarde aos beneditinos em 1579”
- (575) Nota de Capistrano (l. c.): “A terra a meia legua da cidade póde ser o Engenho Velho; a que fica a sete leguas com certeza não é Santa Cruz, em que os jesuitas só entraram em 1596. Em 1578 possuíam eles terras no rio Macacú (Norberto, *Aldeias de Índios no Rio de Janeiro*, na “Rev. Inst. Hist.”, VXII, p. 346). Talvez sejam estas”.
- (576) 28, diz F. Cardim (o. c., p. 350).
- (577) Nota de Capistrano (l. c.): “O lugar onde foi aldeia de São Lourenço ainda conserva este nome e fica junto a Niteroi; a de São Barnabé, fundada primeiro no Cabuçú, foi depois transferida nas vizinhanças do rio Macacú, próximo á capela de Itambi; expulsos os jesuitas, foi em 1573 elevada a vila, pelo marquês de Lavradio, com o nome de Vila Nova de São José D’El Rei; rebaixada a vila em 1834 pela Assembléa Provincial, faz hoje parte do municipio de Itaboraí (Norberto, l. c., XVVIII, p. 172-8).” — V. F. Cardim (o. c., p. 347, e notas de R. Garcia, p. 409-v.).
- (578) A igreja de Nossa Senhora da Assunção, edificada na praia de Itararé por Martin Afonso de Sousa, foi destruída pelo maremoto que sub-

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

mergiu a vila primitiva. Só em 1545 se levantou nova igreja, sob a invocação de Nossa Senhora da Praia (Frei Gaspar, *Mem.*, 3ª ed., p. 140-2; Brásilio Machado, *Maria Imaculada e o Brasil*, S. Paulo, 1904).

(579) Oitenta vizinhos, calculou F. Cardim (o. c., p. 358). Ao tempo em que Gandavo escreveu o *Trat.*, contava a capitania 500 vizinhos (p. 37).

(580) Oitenta vizinhos, segundo F. Cardim (o. c., p. 358).

(581) Diogo Flores Valdez.

(582) Cincoenta vizinhos, informa F. Cardim (o. c., p. 358).

(583) V. *Inf.* de 84 e nota 418.

(584) Everardo Mercuriano, quarto geral da Companhia de Jesus (1572-80).

(585) Anchieta, afirma Azevedo Marques (*Apont.*, I, p. 96), havia fundado em Santos “uma pequena casa”, que foi abandonada. Quando o visitador Cristóvão de Gouvêa chegou a Santos, já encontrou tratada pelo canarino a fundação de nova residência e igreja na vila de Brás Cubas, conforme consta da escritura de doação, feita aos jesuitas pelos camaristas, da casa do Conselho e Cadeia “para nelas morarem como cousa sua propria” (A. Marques, o. c., p. 97; J. J. Ribeiro, *Cronologia Paulista*, S. Paulo, 1899, I, p. 320). Necessitavam os padres do edificio da Camara porque, ficando no centro do sítio marcado pelo irmão Francisco Dias, em que devia ser levantada a nova residência, sem êle “não podiam fazer suas obras”. O sítio e as casas valiam quinhentos cruzados, segundo F. Cardim (o. c., p. 359). Consentindo nessa doação e contribuindo com suas esmolas para as obras, os moradores de Santos se comprometeram a fazer “outras casas de cadeia e conselho nos chãos que foram de João Fernandes de Brum”, conciliando-se assim os interesses da administração e da Companhia (A. de Alcantara Machado, o. c., p. 77). — Já em 1570, ou antes, mencionava Gandavo (*Trat.*, p. 37) um “mosteiro” da Companhia em Santos.

(586) Seis, diz F. Cardim (o. c., p. 358).

(587) Cento e vinte vizinhos, avalia tambem F. Cardim (o. c., p. 359).

(588) Escreve F. Cardim (o. c., p. 356): “Têm muitas vinhas, e fazem vinho, e o bebem antes de ferver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas, juntas, como vi nestas vinhas”. E G. Soares (o. c., p. 89): “...os moradores da vila de S. Paulo têm já muitas vinhas; e ha homens nela que colhem já duas pipas de vinho por ano, e por causa das plantas é muito verde, e para se não avinagrar lhe dão uma fervura no fogo”. O fabrico do vinho foi mais tarde proibido para não prejudicar o comércio de Portugal (A. de E. Taunay, *S. Paulo nos primeiros anos*, p. 141, e *Hist. Geral das Band.*, I, p. 29).

(589) Informa F. Cardim (o. c., p. 356): “...muitos marmeleiros, que dão quatro camadas, uma após outra, e ha homem que colhe doze mil marmelos, de que fazem muitas marmeladas”. E G. Soares (o. c., p. 89): “...os marmelos são tantos, que os fazem de conserva, e tanta marmelada que a levam a vender por as outras Capitania”. A exportação da marmelada era, realmente, uma das primeiras fontes de renda de Piratininga. Em 1599 a Camara uniformizou o “tipo exportado”, determinando que as caixetas fossem

JOSEPH DE ANCHIETA

“todas por uma medida”. Ainda nos fins do século 17, “fabricava o creso paraibano, padre Guilherme Pompeu de Almeida, milhares de caixinhas de marmelada que as suas caravanas de escravos às minas longinquo transportavam para ali as venderem, a cruzado a caixa, mais de uma grama de ouro, preço altissimo para o tempo” (A. de E. Taunay, *S. Paulo nos primeiros anos*, p. 133 e 140-4).

(590) Concluindo a descrição das árvores frutíferas, cereais e legumes de Piratininga, exclama F. Cardim (o. c., p. 357): “Enfim, esta terra parece um novo Portugal”.

(600) Diz F. Cardim (o. c., p. 355): “...é muito sadia, ha nela grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenários, porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos anos”. E G. Soares (o. c., p. 89): “Nestas Capitánias de S. Vicente e Santo Amaro são os ares frios e temperados como em Espanha, cuja terra é mui sadia”. E S. de Vasconcelos (*Cron.*, l. 1, n. 149): “Estes campos (de Piratininga) merecem nome de Elisios, ou bem afortunados; assi pela ventura que lhes coube de que fossem eles o primeiro Seminario da conversão da gentildade naquelas partes, e o maior de toda a Provincia: como porque partiu com eles a natureza do melhor do mundo. De toda a abundancia de cousas necessarias pera uso da vida humana são capazes; e ainda pera recreação, e delícia, a quem a procurar”

(601) “...seis ou sete dos nossos” (F. Cardim, o. c., p. 356).

(602) Cf. F. Cardim (o. c., p. 357).

(603) Cf. F. Cardim (o. c., p. 334-5), no que se refere a Pernambuco.

(604) São palavras de F. Cardim (o. c., p. 334): “Vestem-se (os moradores de Pernambuco), e as mulheres e filhos de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos”. Quanto aos da Baía, escreve G. Soares (o. c., p. 115): “...tratam suas pessoas mui honradamente, com muitos cavalos, criados e escravos, e com vestidos demasiados, especialmente as mulheres, porque não vestem senão sedas, por a terra não ser fria, no que fazem grandes despezas, mórmente entre a gente de menor condição; porque qualquer peão anda com calções e gibão de setim ou damasco, e trazem as mulheres com vasquinhas e gibões do mesmo, os quais, como tem qualquer possibilidade, têm suas casas mui bem concertadas e na sua mesa serviço de prata, e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de joias de ouro” Em São Paulo de Piratininga, terra isolada e pobre, esse luxo era desconhecido. Havia, quando Cardim a visitou (o. c., p. 356), “grande falta de vestido, porque não vão os navios a S. Vicente senão tarde e pouco”. Os piratininganos vestiam-se “de burel, e pelotes pardos e azues, de pertinas compridas, como antigamente se vestiam”, usando somente aos domingos “roupões ou bernéus de cacheira sem capa”. Essa pobreza do vestuario paulistano, que se estendia ao mobiliario e ao resto, é atestada pelos inventarios do tempo (Alcantara Machado, *Vida e morte do bandeirante*, 2ª ed., p. 50-85).

(605) “...cada estaca destas cria três ou quatro raizes e daí para cima (segundo a virtude da terra em que se planta) as quais põem nove ou dez meses em se criar: salvo em São Vicente que põem três anos por causa da terra ser mais fria” (Gandavo, *Hist.*, ed. da Acad., p. 94).

(606) “Certo genero de tapuias come a mandioca peçonhenta crua sem lhe fazer mal por serem criados nisso” (F. Cardim, o. c., p. 71).

XXXII. — INFORMAÇÃO DA PROVÍNCIA DO BRASIL

(607) Sobre a farinha de guerra, v. Gandavo (*Trat.*, p. 44, e *Hist.*, p. 95) e G. Soares (p. 158-9).

(608) Escreve F. Cardim (o. c., p. 69): "...conservam-se dentro na terra, três, quatro, e até oito anos, e não é necessario celeiro". Segundo Gandavo (*Hist.*, p. 95), "estão estas raizes cinco ou seis meses debaixo da terra em sua perfeição sem se danarem: e em São Vicente se conservam vinte, e trinta anos da mesma maneira". E G. Soares (o. c., p. 154): "...ha outras castas, ue chamam *taiacu* e *manaiburú*, que se querem comestas de um ano por diante, e duram estas raizes debaixo da terra sem apodrecerem três, quatro anos".

(609) 'Cará, nome comum a várias especies de Discoraceas indigenas, de tuberculos comestiveis.

(610) *Mangará*, nome comum a diversas especies de Aroideaceas, de tuberculos comestiveis. De *ybá-cará*, fruto redondo, segundo Batista Caetano (R. Garcia, nota a F. Cardim, o. c., p. 130).

(611) "...têm muitos rosais de Alexandria, e, porque não têm das outras rosas, das de Alexandria fazem assucar rosado para mezinha, e das mesmas comidas deitando-lhe a primeira agua fóra, fazem assucar rosado para comer e fica soffivel" (F. Cardim, o. c., p. 356).

(612) V. nota 93.

(613) Anchieta se refere ao *cunapú* de G. Soares (o. c., p. 259-60). — De *cú-apú*, lingua ruidosa. Era como designavam o méro (T. Sampaio, *O tupi na geogr. nac.*, 3ª ed.).

(614) Essa tartaruga, tão grande "que 20 homens não a podiam volver", é com certeza a mesma a que se refere F. Cardim (o. c., p. 85): "...uma se matou nesta costa tão grande que vinte homens a não podiam levantar do chão nem dar-lhe vento". R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c.,

p. 137) comenta: "Uma especie do genero *Thalassochelys* atinge a enormes proporções; talvez a essa se refira o texto, com evidente exagêro, quando diz que vinte homens não a podiam levantar do chão..."

(615) O porco dagua, a que Anchieta se refere, é a *capivara* (v. nota 99).

(616) O cão marinho deve ser o descrito por G. Soares com o nome de *arerã* (o. c., p. 230).

(617) *Breguigões* são moluscos da familia dos Venerideos. Em Cardim (o. c., p. 93), *berguigões*. Moraes registra: *berbigão*, *breguigão*, *bríbigão* e *briguigão*.

(618) Refere-se Anchieta aos sambaquis ou ostreiras.

(619) *Mangaba* (F. Cardim, o. c., p. 58, e G. Soares, o. c., p. 170), *mangaiba* e *mangahiba* (Piso e Maregrav), *mongaba* ou *manguaba*, árvore da familia das Apocinaceas (*Hancornia speciosa*, Gomez). "Arruda Camargo, que descreveu a árvore, denominou-a *Riberie sorsilis*, em honra ao padre

JOSEPH DE ANCHIETA

João Ribeiro, da revolução pernambucana de 1817" (R. Garcia, nota a F. Cardim, o. c., p. 122). — *Mangaba*, corr. *mongaba*, significa o grude, o visco, como alusão ao *latex* da planta (T. Sampaio, *O tupi na geogr. nac.*, 3ª edição).

(620) *Mocujê*, *mucuoé* (F. Cardim, p. 58), *mucuruje* (*Purchas his Pilgrimes*, IV, p. 1307), *macujê* (G. Soares, o. c., p. 173) ou *mucugê*, fruto e árvore da família das Apocinaceas (*Couma rigida*, Müll. Arg.). De etimo duvidoso, segundo R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 123).

(621) *Acajú* (F. Cardim, o. c., p. 57), *acaïou* (Léry, *Hist. d'un voyage*, II, p. 68), *cajú* (Gandavo, o. c. p. 46 e 97, e G. Soares, o. c., p. 166), fruto e árvore da família das Anacardiaceas (*Anacardium occidentale*, Linn.). Ensinava R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 122): "Ha outras especies. O nome *acajú* reserva-se hoje para a *Cedrela guyanensis*, J., da família das Meliaceas, que vegeta na Amazonia. — Do tupi *acã*, caroço, e sufixo *yu*, por *y-ub*, que dá, que tem. Segundo Batista Caetano, desconhecido no Sul e no Paraguai, e por isso só usado em dicionarios tupis, onde tambem designa estação, ano. — Ao vinho que faziam do sumo do *cajú* chamavam *cauim*, que Léry escreveu *caou-in* e Hans Staden *Kaawy*; a significação do vocabulo estende-se á bebida fermentada feita do milho mastigado".

(622) *Araticú* (F. Cardim, o. c., p. 60, G. Soares, o. c., p. 175) ou *araticum*, nome comum a várias Anonaceas dos generos *Anona* e *Rollinia*. De etimo incerto, segundo R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 123). T. Sampaio (o. c.) dá: "*Araticum*, s. c. *ara-ticú*, o fruto que reçuma; fruta rala, mole".

(623) *Naná* (F. Cardim, o. c., p. 71), *nana* (Thevet, *Singul.*, ed. Gaffarel, p. 235), *ananaz* (Gandavo, o. c., p. 97), *ananá* (Piso e Maregrav), *ananas* (Léry, o. c., II, p. 22), da família das Bromeliaceas (*Ananassa sativa* Lindl.). Escreve R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 130): "Se o vocabulo fôr tupi, vale por boa a etimologia de Batista Caetano: *na-nã*, cheira-cheira".

(624) *Gravango*, *garvanço* ou *ervanço* é o grão de bico, da família das Leguminosas (*Cicer arictinum vulgaris*).

(625) *Perexil* ou, melhor, *perrexil*, da família das Umbelíferas (*Crithmum maritimum* L.).

(626) Refere-se Anchieta ás *sucuris* (v. nota 97).

(627) V. nota 105.

(628) V. nota 106.

(629) V. nota 111.

(630) Refere-se Anchieta aos *jacarés* (v. nota 98).

(631) V. nota 129.

(631-A) *Quati*, *coati* (F. Cardim, o. c., p. 43), *coaty* (G. Soares, o. c., p. 227) e *cuati*, "carnivoro da família dos Procinídeos, da qual habita o Sul do Brasil o *Nasua narica*, Lin., e o Norte o *Nasua nasua*, Wied, bem pouco

XXXII — INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL

diferentes entre si. Batista Caetano explica o nome tupi por *áqua*, ponta, e *tĩ*, nariz: nariz de ponta, nariz pontudo, focinho" (R. Garcia, nota a F. Cardim, o. c., p. 114).

(632) V. nota 123.

(633) V. nota 124.

(634) Cf. G. Soares (o. c., p. 154).

(635) "...é facil (a lingua geral), e elegante, e suave, e copiosa, a difficuldade dela está em ter muitas composições" (F. Cardim, o. c., p. 194). — V. Teodoro Sampaio (o. c., cap. II).

(636) E' muito conhecida a passagem de Gandavo (o. c., p. 49 e 125), a respeito da ausencia das letras *f*, *l* e *r* dobrado na lingua geral: "...carece de três letras, convem a saber não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna despanto porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem peso, nem medida". Igualmente, a de C. Soares no mesmo sentido (o. c., p. 280-1). — Na realidade, o alfabeto tupi se compõe de 19 letras apenas, "não existindo *f*, *l*, *j*, *z*, nem *v*" (T. Sampaio (o. c., cap. II).

(637) Cf. G. Soares (o. c., p. 283).

(638) Escreve F. Cardim (o. c., p. 162): "Usam de alguns feiticeiros, não porque creiam neles, nem os adorem, mas sòmente se dão a chupar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saúde, mas não por lhes parecer que ha neles divindade, e mais o fazem por receber saúde que por outro algum respeito". Segundo Nobrega (*Cart.*, V), os indios, não só recorriam aos feiticeiros em casos de doença, como também com eles se aconselhavam "em suas guerras". Portanto, criam nos Pagés, ao contrário do que afirmam Anchieta e Cardim. E nem de outro modo se justifica o mal que á catequese causava a presença dos feiticeiros nas aldeias, conforme relata o proprio Anchieta. — Sôbre os *pagés* e, em geral, sôbre a religião dos indios brasileiros, v. A. Métraux (*La religion des tupinambá*, Paris, 1928).

(639) Sôbre a saudação lacrimosa dos indios, v. R. Garcia (nota a F. Cardim, o. c., p. 395), que nomeia os autores que entre nós a observaram, indicando aos que se interessam pelo assunto os estudos de Georg Friederici (*Der Tränengruss der Indianer*, "Globus", Bd. XXXIX, n. 2, Braunschweig, 1906), Rodolfo R. Schuller (*El origen de los Charrúa*, "Anales de la Universidad de Chile", CXVIII, Santiago, 1906) e Alfredo de Carvalho (*A saudação lacrimosa dos indios*, "Rev. do Inst. Arq. e Geogr. Pernambucano", XI). — V., ainda, A. Métraux (o. c., p. 180-8).

(640) V. nota 523.

XXXIII

INFORMAÇÃO DOS CASAMENTOS DOS INDIOS DO BRASIL (641):

Os Indios do Brasil parece que nunca têm ânimo de se obrigar, nem o marido á mulher, nem a mulher ao marido, quando se casam: e por isso a mulher nunca se agasta porque o marido tome outra ou outras, reste com elas muito ou pouco tempo, sem ter conversação com ela, ainda que seja a primeira; e ainda que a deixe de todo, não faz caso disso, porque se é ainda moça, ela toma outro, e se é velha assim fica sem êsse sentimento, sem lhe parecer que o varão lhe faz injúria nisso, sobretudo se isso o serve e lhe dá de comer, etc. E de ordinario tem paz com suas comborças, porque tanto as têm por mulheres de seus maridos como a si mesmas (642). Em Piratininga, da Capitania de São Vicente, *Cay Obiy* (643), velho de muitos anos, deixou uma de sua nação, tambem muito velha, da qual tinha um filho homem muito principal, e muitas filhas casadas, segundo seu modo, com Indios principais de toda a aldeia de Jeribatiba, com muitos netos, e sem embargo disso casou com outra, que era *Guayamã* das do mato, sua escrava tomada em guerra, a qual tinha por mulher, e dela tinha quatro filhos, e esta trazia comsigo, e com ela estava e conversava, e depois recebeu *in lege gratiæ*, sem a primeira mulher nem os filhos e genros fazerem por isso sentimento algum.

O mesmo fez *Araguaçú*, Indio tambem principal e velho, que casou com uma sua escrava Tamoia, que havia muito pouco tomára em guerra, sem fazerem caso disso nem o tomarem por afronta outras duas mulheres que tinha, e filhos já homens, e uma filha já mulher casada. E se algumas mulheres mostram sentimento disso,

é pelo amor carnal que lhes têm e pela conversação de muito tempo, ou por eles serem principais; mas logo se lhes passa, porque ou se contentam com os filhos que têm, ou se casam com outros: e algumas há que dizem aos maridos que as deixem, que lhes bastam seus filhos, e que eles tomem outra qual quiserem.

E se a mulher acerta ser varonil ou virago, também elas deixam o marido, e toma outro, como me contaram que fez a principal mulher de *Cunhãbêba* (644), que era o principal mais estimado dos Tamoios que havia na comarca de Iperuig, do qual tinha já um filho e uma filha casadouros, e com tudo isso deixou, por ele ter outras, ou pelo que quis, e se casou ou amancebou com outro: e outras fazem o mesmo sem sentimento dos maridos; e assim nunca vi, nem ouvi, que com o sentimento de adulterio algum Indio matasse alguma de suas mulheres; quando muito espancam o adúltero (645), se podem, e ele tem paciência pelo que sabe que tem feito, salvo se é algum grande principal, e a mulher não tem pai ou irmãos valentes de que ele tenha medo: como me contaram de *Ambirem* (646), um grande principal do Rio de Janeiro, naturalmente cruelissimo e carniceiro, e grande amigo dos Franceses, o qual dalgumas vinte mulheres que tinha, por lhe fazer uma adulterio, a mandou atar a um pau, e abrir com um manchil pela barriga: e o adúltero, que era um seu sobrinho, andou algum tempo ausentado dele, com medo de ser morto; mas isto bem parece que foi lição dos Franceses, os quais costumam dar semelhantes mortes, porque nunca Indio do Brasil tal fez, nem tal morte deu. O mesmo, e peor, e com maior facilidade fazem outros ás mancebas; por onde parece não é o sentimento pelas terem por legítimas mulheres, senão haveria ciumes, como fez *Tamandiba*, grande principal de Piratininga, que enforcou uma sua manceba, que era sua escrava tomada em guerra; e o outro Indio da aldeia de *Marranhaya* a outra sua manceba escrava da mesma maneira (se bem me lembra), quebrou a cabeça com uma fouce, ou por elas andarem com outros, ou ao menos pelo supôrem.

Agoaçã (647), que é o nome comum a homem e mulher, significa barregão ou manceba comum a qualquer homem ou mulher, ainda que não tivesse com ele ou com ela mais que um só

congresso; e com as tais andam ás escondidas (como se faz em todo o mundo), e por isso ao tal ato chamam também *mandaró* sc. *furtum* (648); e se algum filho hão desta maneira, chamam-lhe filho de meu barregão ou de minha manceba, ou *mandaró á guera* sc. *furtum meum* (649). E isto têm por mal, e assim respondem todos quando se examinam para o batismo.

Mas se as têm de sua mão, de maneira que elas não andam com outro (*nisi fortè furtim*), andam no mesmo foro que as que chamam *Temirecô*, sc. *uxores* (650), e parece que com o mesmo ânimo se ajuntam com elas que com as mulheres, sem fazerem diferença nisso, e tão pouco sentimento têm de andarem com elas como com as mulheres; e assim quando os examinam para o batismo, dizem que tantas ou tantas vezes se furtaram delas (*ut ipso verbo utamur*) e andaram ás escondidas com outras, como o dizem daquelas a que chamam *Temirecô*, e tão depressa e tão sem pêjo estão com elas como com as mulheres; ainda que destas poucas vi nos Indios, contudo de *agoaçã*, porque comumente a todos chamam *Temirecô*, e com êste nome têm diversas em diferentes aldeias, e todas no mesmo fôro que aquelas que têm consigò mais de assento em sua propria aldeia.

Os mancebos batizados em pequeno em Piratininga, como não estavam sujeitos quando cresciam, e outros Indios cristãos, viuvos, tomavam moças gentias ou cristãs, e as tinham em seus laços como mulheres com filhos sem nota alguma, e a estas tais lhes costumavam chamar os outros a mulher de N., sabendo muito bem que o não eram por serem eles cristãos, e não as terem recebido na igreja; e se algum dêstes mancebos se ia ao sertão, e lá se amancebava (como muitos faziam), diziam os pais, já N. tem mulher no sertão, usando todos êstes do nome de *Temirecô*.

Temirecô chamam as contrárias que tomam na guerra com as quais se amancebam, e ainda que sejam cristãs, como eram muitas escravas dos Portugueses, que tomavam os Tamoios em saltos, e as mesmas mestiças filhas dos Portugueses, as quais tinham por mulheres como as suas proprias de sua nação.

Temirecô chamavam ás indias mancebas dos Portugueses, e com êste título lhas davam antigamente os pais e irmãos quando iam a

XXXIII. — INFORMAÇÃO DOS CASAMENTOS DOS INDIOS

resgatar ás suas terras, como os Tamoios e Temiminôs do Rio de Janeiro e de Espirito Santo, os Tupis de S. Vicente, os Tupinambás da Baía, e finalmente todos da costa e sertão do Brasil, dizendo-lhes leva esta para tua mulher, com saberem que muitos daqueles Portugueses eram casados; e ainda que os Portugueses as tinham por mancebas, contudo as tinham de praça nas aldeias dos Indios, ou fóra delas, com mulher, filhos e filhas, porque para os Indios não era isso pêjo nem vergonha, e lhes chamavam *Temirecô* a mulher de N., e a eles genros, e os Portugueses aos pais e mãis delas sogros e sogras, e aos irmãos cunhados, e lhes davam resgates, ferramentas, roupas, etc., como a tais, como os Indios a quem chamam genros lhes vão a roçar ou pescar algumas vezes, por onde não parece serem êstes suficientes sinais de matrimonio nem da parte dos que se amancebam com elas, nem dos pais ou irmãos que lhas dão.

O nome *Temirecô etê*, sc. *Uxor vera*, creio que o tomaram dos Padres, que lhes queriam dar a entender a perpetuidade do matrimonio, e qual é a mulher legítima, porque dêste vocabulo *etê*, que quer dizer legítimo, usam eles nas coisas naturais da sua terra, e assim a seu vinho chamam *cãoy etê* (651), vinho legítimo verdadeiro, á diferença do nosso a que chamam *cãoy áyà*, vinho agro (652). A suas antas chamam *tapiüretê*, verdadeira, e ás nossas vacas á sua semelhança chamam *tapyruçú*, vacas grandes, etc. Mas na materia de parentesco nunca usam dêste vocabulo *etê*, porque chamando pais aos irmãos de seus pais, e filhos aos filhos de seus irmãos, e irmãos aos filhos dos tios irmãos dos pais, para declararem quem é seu pai, ou filho verdadeiro, etc., nunca dizem *xerûbetê*, meu pai verdadeiro, senão *xerûba xemonhangára*, meu pai *qui me genuit*, e ao filho *xeraîra xeremimonhanga*, meu filho *quem genui* (653); e assim nunca ouvi a Indio chamar á sua mulher *xeremirecô etê*, senão *xeremerecô* (*simpliciter*) ou *xeraicig*, mãe de meus filhos; nem a mulher ao marido *xemenetê*, *maritus verus* (654), senão *xemêna* (*simpliciter*) ou *xemenbira rûba*, pai de meus filhos, do qual tanto usam para o marido, como para o barregão; e se alguma hora o marido chamar alguma de suas mulheres *xeremirecô etê* (655), quer dizer mulher mais estimada ou mais querida, a qual muitas vezes é a última que tomou, porque *etê* tambem quer dizer fino ou esti-

mado, como *caá etê* (656), mato fino, de boa madeira, *igbîra etê* (657), pau fino, rijo, etc.

A's filhas das irmãs não chamam *temericô etê*, nem por tais as têm; porque muitos Indios com terem muitas sobrinhas, e muitas gentis mulheres, não usam delas; mas como os irmãos têm tanto poder sobre as irmãs, têm para si que lhes pertencem as sobrinhas, para as poderem ter por mulheres, e usar delas *ad libitum* se quiserem, assim como as mesmas irmãs, dão a uns e tiram a outros. *Taragoaj*, Indio muito principal na aldeia de Jaribatiba, que é no campo de S. Vicente, tinha duas mulheres, e uma delas era sua sobrinha, filha de sua irmã; e quando se batizou, deixou a sobrinha, ainda que era mais moça, e casou com a outra.

O terem respeito ás filhas dos irmãos é porque lhes chamam filhas, e nessa conta as têm; e assim *neque fornicarie* as conhecem, porque têm para si o parentesco verdadeiro vem pela parte dos pais, que são os agentes; e que as mãis não são mais que uns sacos, em respeito dos pais, em que se criam as crianças, e por esta causa os filhos dos pais, posto que sejam havidos de escravas e contrárias cativas, são sempre livres e tão estimados como os outros; e os filhos das femeas, se são filhos de cativos, os têm por escravos e os vendem, e ás vezes matam e comem, ainda que sejam seus netos filhos de suas filhas, e por isso também usam das filhas das irmãs sem nenhum pejo *ad copulam*, mas não que haja obrigação nem costume universal de as terem por mulheres verdadeiras, mais que as outras, como dito é. E por esta causa os Padres as casam agora com seus tios, irmãos das mãis, se as partes são contentes, pelo poder que têm de dispensar com eles, o qual até agora se não fez com sobrinha filha de irmão, nem ainda em outros graus mais afastados que vem pela linha dos pais, porque entre os Indios se tem isto por muito estranho (658).

Os que têm muitas mulheres a que chamam *Temirecô*, não é possível saber-se com qual delas se juntaram com ânimo marital, porque nem eles entendem quanto importa falar nisto verdade, nem o sabem dizer realmente, porque para com todas tiveram o mesmo ânimo. E muitas vezes querem mais a segunda, terceira, quarta, e ainda a última que as outras, e por serem ou mais moças ou mais

XXXIII. — INFORMAÇÃO DOS CASAMENTOS DOS INDIOS

fecundas, ou filhas de principais. E não ha certeza para que *cæteris paribus* se haja de presumir em favor da primeira, antes muitas vezes nestas ha menos dúvida e mais probabilidade que não tiveram ânimo de se obrigar a elas, porque como então são mancebas, ás vezes tomam alguma velha de que não esperam filhos, porque não acham outra, sòmente para que lhes faça de comer, porque se acertam de não terem mãe ou irmãs, que tenham cuidado deles, são coitados, e contentam-se por então com qualquer velha, com que estão bem agazalhados, sempre com ôlho em tomarem outras de que tenham filhos, como depois fazem, ou deixando a primeira, ou re-tendo-a, se ela quer, para o efeito sobredito: e como entre os Indios ha muito poucas mulheres meretrizes e devassas, e a carne aperta com os moços, tomam qualquer que acham, ou velha ou moça, ainda que não seja muito a seu gôsto, porque por então não podem mais, esperando e tendo quasi por certo que terão depois outras, como acontece principalmente se são valentes nas guerras ou filhos de grandes principais, porque então os pais lhes dão as filhas, e os irmãos as irmãs, e a estas se afeioam mais que á primeira, a qual parece que não tomaram senão *ad tempus*, nem têm ânimo de se obrigar a elas, nem elas a eles, porque já elas sabem que eles hão de tomar outras quando acharem ocasião e as hão de deixar.

Dos que têm uma só mulher de que houveram filhos, com a qual perseveraram até á velhice, pode haver mais dúvida, porque parece que êstes têm diferente afeição e ânimo marital, não porque ao princípio o tivessem tal, porque todos se ajuntam com elas duma mesma maneira, e também êstes, como todos os outros, *in preparatione animi* têm muitas, e se as não tomaram, foi não por se terem por obrigados áquelas, senão porque houveram filhos delas, e os serviram bem, e lhes foram leais, e não tiveram poder para ter outras; porque a êstes mesmo acontece no cabo da vida tomarem outra moça, quando a acham, maximè sendo eles principais; mas se não têm tomado outra pela amizade e conversação de longo tempo com as primeiras, lhes vêm a tomar êste amor. E quando os querem batizar dizem que aquelas tiveram de pequenas, e com elas cresceram, e que as não hão de deixar; e o mesmo dizem outros, posto que sejam mancebos ao tempo do batismo, porque se acham já com

aquela, e lhe querem bem, porque não tiveram outra nem ao presente têm poder para a achar, e se acertaram de vir a poder dos Portugueses, têm medo que lhas tomem seus senhores, e eles se ficam sem mulher; mas se lhes dão alguma mais jeitosa, facilmente deixam a primeira; e assim acontece não raro que êstes mesmos se ao tempo do batismo têm tomado alguma de novo, ou algum principal lhes quer dar alguma filha, ou irmão, facilmente deixam a outra, e não querem se casar senão com a derradeira. E as outras, ou se ficam assim se são velhas e têm filhos, ou se casam com outros (como se disse ao princípio) sem muito sentimento.

NOTAS

(641) Pbl. na "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", VIII, p. 254-62. A cópia foi oferecida ao Instituto por Varnhagen, em 1844. Na carta com que acompanhou a oferta, depois de se referir ao estudo de J. J. Machado d'Oliveira, *Qual era a condição social do sexo feminino entre os indígenas do Brasil?* ("Rev. do Inst. Hist.", p. 168-201), escreveu o autor da *História Geral*: "Em um precioso livro, com 215 folhas, de varios papeis tocantes aos jesuitas do Brasil, nos fins do seculo 16, de letra contemporanea, encadernado em pergaminho, e que hoje é da Bibliotéca Eborense, encontrámos á folha 130 uma memoria sôbre o mencionado assunto, a qual ocupa seis páginas, e se diz á margem, no mesmo caracter de letra, ter sido escrita por Joseph de Anchieta." Dela enviava ao Instituto uma cópia, para que "a história com o seu aspeto sisudo, superior a todas as simpatias" a recebesse "como prova ao julgamento no seu tribunal de justiça", ao lado das "belas e consoladoras doutrinas" de Machado d'Oliveira na sua "excelente dissertação". — As observações de Rodolfo Garcia sôbre os vocabulos tupis da *Informação*, abaixo transcritas, foram feitas pelo eminente mestre a pedido do anotador.

(642) O depoimento de Gabriel Soares, a proposito das relações das comboças entre si, é contraditorio, ora contestando, ora confirmando o de Anchieta. Com efeito, diz o autor do *Trat.* (p. 282-3): "A mulher verdadeira dos tupinambás é a primeira que o homem teve e conversou, e não têm em seus casamentos outra cerimonia mais que dar o pai a filha a seu genro, e como têm ajuntamento carnal, ficam casados; e os indios principais têm mais de uma mulher, e o que mais mulheres tem, se tem por mais honrado e estimado; rias elas dão todas a obediencia á mais antiga, e todas a servem, a qual tem armada sua rede junto da do marido, e entre uma e outra tem sempre fogo aceso; e as outras mulheres têm as suas redes, em que dormem, mais afastadas, e fogo entre cada duas redes; e quando o marido se quer ajuntar com qualquer delas, vai-se lançar com ela na rede, onde se detem só aquele espaço dêste contentamento, e torna-se para o seu lugar; e sempre ha entre estas mulheres ciumes, mormente a mulher primeira, porque pela mór parte são mais velhas que as outras, e de menos gentileza, o qual ajuntamento é público deante de todos". Em outro trecho do *Trat.*, porém, confirma Gabriel Soares a obser-

XXXIII. — INFORMAÇÃO DOS CASAMENTOS DOS INDIOS

vação de Anchieta, dizendo ainda a proposito dos tupinambás (p. 287): “E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhe moças com que eles se desenfadem, as quais lhe levam á rêde onde dormem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos, e as peitam para isso; cousa que não faz nenhuma nação de gente, senão êstes barbaros”. Tambem Jean de Léry e Claude D’Abbeville notam a ausencia de qualquer sentimento de ciume entre as indias. Diz o primeiro (*Histoire d’un Voyage*, ed. Gaffarel, II, p. 86): “Et ce qui est esmerveillable en ceste multitude de femmes, encore qu’il y en ait une tousiours mieux aimée du mari, tant y a neantmoins que pour cela les autres n’en seront point ialouses, ny n’en murmureront, au moins n’en monstrent aucun semblant: tellement que s’occupans toutes à faire le mesnage, tistre leurs liets de cotton, à aller aux iardins, & planter les racines, elles vivent ensemble en une paix la nonpareille”. Por sua vez, Claude D’Abbeville escreve, quasi com as mesmas palavras de Léry (*Hist. da Missão*, Paris, 1922, fl. 279-80): “Et bien qu’il y ait plusieurs femmes avec un mesme mari demeurant toutes ensembles dans un mesme quartier des susdites loges; si est-ce qu’il y en a tousiours une qui est la mieux aymée, laquelle commande aux autres, comme la maitresse à toutes les servantes. Et ce qui est admirable, est qu’elles vivent toutes en paix et en grande union, sans envie, riottes, ny ialousie, obeis-sant toutes ensembles au mari, s’employant fidellement à travailler & à faire leur mesnage, sans querelle ny division quelconque”.

(643) *Caubí*, principal de Jeribatiba. “*Caubí* vem de *caá*, herva, planta, folha, e *oby*, verde” (R. Garcia, nota a Varnh., *Hist. Ger.*, 4ª ed., I, página 345).

(644) V. nota 236.

(645) Ou a adúltera, como afirma G. Soares (o. c., p. 287): “Os machos dêstes Tupinambás não são ciosos; e ainda que achem outrem com as mulheres, não matam a ninguém por isso, e quando muito espancam as mulheres pelo caso”. Thevet, Léry e D’Abbeville não observaram essa indiferença por parte dos maridos enganados. Escreve Thevet (*Singularitez*, ed. Gaffarel, p. 212): “Vray est qu’apres qu’une femme est mariée il ne faut qu’elle se ioüe ailleurs: car si elle est surprise en adultère, son mary ne se fera faute de la tuer: car ils ont cela en grand horreur”. E Jean de Léry (o. c., II, p. 86-7): “...l’adultère du costé des femmes leur est en tel horreur, que sans qu’ils ayent autre loy que celle de nature, si quelqu’une mariée s’abandonne à autre qu’à son mary, il a puissance de la tuer, ou pour le moins de la repudier & renvoyer avec honte”. E D’Abbeville (o. c., fl. 328), a proposito dos tupinambás: “Si l’une de leurs femmes est trouvée en adultère: il faut qu’elle se resoude à la mort, ou au moins d’estre vendue pour esclave”. Aliás, o proprio Anchieta (carta I), escreve, referindo-se aos ibirajaras: “...se a mulher cai em adulterio, o marido mata-a”. — Na verdade, a attitude dos índios deante da infidelidade das mulheres varia de nação a nação, conforme se pode ver mais facilmente em D’Orbigny (*Voyage dans les deux Amériques*, Paris, 1836, p. 1148, 170, 172, 189, etc.), que resume as observações de Spix e Martius, Neuwied, Saint-Hilaire e outros.

(646) V. carta XV e nota 232.

(647) Observação de Rodolfo Garcia: “*Agoaçã* é êrro por *agoaçá* ou *aguaçá*, como se encontra nos dicionarios da lingua tupí. E’ nome comum a homem e mulher, e significa amigo ou amiga de amancebamento, barregão ou

JOSEPH DE ANCHIETA

manceba, como explicam o proprio Anchieta e o padre Antonio de Araujo, *Catecismo Brasilico*, 268, ed. Platzmann”.

(648) Observação de Rodolfo Garcia: “*Mandarô*, melhor *mondarô*, deriva do verbo *mondar*, furtar”.

(649) Observação de R. Garcia: “*Mondarô-aguera*, com o significado de furto pela cousa furtada, ocorre no *Vocabulario da lingua Brasilica*, concluido em Piratininga aos 22 de agosto, oitava da Assunção de Nossa Senhora, de 1622, de provavel autoria do padre Pero de Castilho, no original que o erudito Felix Pacheco possui”.

(650) Observação de R. Garcia: “*Temirecô*, uxor, mulher legítima do varão, de modo geral, segundo Araujo, *Catecismo* citado, 272. E’ de se preferir, porém, a significação dada mais adeante por Anchieta, melhor informante: os indios chamavam assim as contrárias, que tomavam na guerra, com as quais se amancebavam, designando pelo mesmo nome as indias mancebas dos portugueses. O étimo deve ser o que dá Batista Caetano, *Vocabulario da Conquista*, p. 506: de *tcm̃bi-erēcô*, aquilo que se tem, o que é tido, conduzido, mantido, ou, como tambem se diz, teúda e manteúda”.

(651) Observação de R. Garcia: “*Cãoy, cauí, cauim*, vinho, de *acayú* = *acajú* = *cajú*, e *y*, agua, liquido: vinho de cajú, ou simplesmente vinho. E’ interessante notar que no Sul e no Paraguai, onde não existe o anacardio, se tem o vacabulo *cauí* ou *cauim* para designar a bebida fermentada feita com o milho mastigado”.

(652) Observação de R. Garcia: “*Cãoy áyá* (êrro por *áya* ou *ái*): *cauim* agro, azêdo, amargo. Ao vinho do Reino chamavam os tupís *cauim-piranga* (*Dicionario Português-Brasilião*, sub voce *vinho*).”

(653) Observação de R. Garcia: “O verbo *monhang* significa propriamente fazer, e *monhangára*, o que faz, o fazedor, o autor. O sufixo *ára* ou *gára* serve para formar os substantivos verbais”.

(654) Observação de R. Garcia: “*Xemenetê* (êrro por *xemüetê*): meu parente verdadeiro, segundo Araujo, *Catecismo* citado, p. 270.”

(655) Observação de R. Garcia: “Entre os dois termos, *xeremirecô* e *xeremirecô-etê*, dá-se, como explica Anchieta a proposito de *temirecô* e *temirecô-etê*, o mesmo caso que ocorre entre *tapira*, boi ou vaca, e *tapiretê*, a anta (*Tapirus*), que tomou o sufixo para diferencar-se do gado bovino, só conhecido dos indios depois da conquista. Note-se que na composição (*temirecô* para *xe-remirecô*), o *t* se muda em *r*, conforme a lição de Batista Caetano, o. c., p. 466.”

(656) *Caá-etê*, mato real ou de grandes árvores (B. Caetano, o. c.); o mato virgem, a floresta primitiva (T. Sampaio, *O Tupi na Geogr. Nac.*, 3ª edição).

(657) *Igbîra, ybirá, ibirá*, madeira, pau, árvore. Significa tambem: tronco, tóro, viga, vara (T. Sampaio, o. c.).

(658) V. nota 449.

XXXIV

INFORMAÇÃO (659) DO PADRE GONÇALO DE OLIVEIRA (660).*

J^{ESUS}.

O que Vossa Reverendissima me mandou que lhe apontasse por lembrança.

Pera se informar de Padre Joseph no Espirito Santo o seguinte:

Primeiramente, tratando de entrar na Companhia com o Padre Joseph, sempre lhe disse que o que tinha não houvera de dar a outrem senão aos Padres e Irmãos, mas por doação que não havia de ser senão depois de admitido nela por profissão ou coadjutor (661).

Mandando-me que viesse certo dia ao Colegio, vi sôbre ele ter tratado sôbre o negócio com o Padre Visitador (662), que me houve por recebido, e, sem se tratar sôbre a disposição da fazenda então, mandou vir escrivão que fizesse logo a escritura; no que, o Padre Joseph, vendo-me enleado, me disse que me fiasse seguramente do Padre Visitador, no que não repliquei, cuidando ter com ele tratado o necessario.

Dali a três ou quatro dias, indo o mesmo Padre Joseph, o Padre Luiz da Fonseca, Reitor (663), com escrivão tomar posse, disse-lhe que não estava nada satisfeito de muitas condições, que o Padre Visitador pusera na escritura que se fizera, e em especial daquela que expressara tanto, *scilicet*: que sendo caso que a Companhia me despedisse, que não seria obrigada a me tornar cousa alguma do meu; sendo o contrario do que sempre com ele tratara, *scilicet*: que não houvera de doar o meu senão depois de professo,

e que, se acertasse de me despedir antes disso, se me tornasse e não ficasse perdido. E que por esta causa reclamava contra a escritura e condições que nela iam e que, no auto da posse, havia de declarar como nunca entendêra, nem fôra minha intenção doar o meu por escritura, e dar posse dele que fosse valiosa, depois de fazer profissão, como já tinha dito; e que, assim, com esta declaração assinaria a posse e de outra maneira não.

Padre Joseph me respondeu estas formais palavras, acabando por me confessar com ele haver tratado o que tenho dito, *scilicet*: que não pusesse a tal declaração nem condição na posse e que, dentro em 3 meses, eu seria admitido a votos de coadjutor. Repliquei-lhe sôbre isso, dizendo que olhasse Sua Reverendissima bem o que me dizia e prometia, e que tomava suas palavras por escritura pública, e que lhe declarava que outros nenhuns votos havia de fazer, e que, se me não cumpria o que me dizia, que seria me atar e desinquietar. Ele me respondeu que não haveria nisso falta alguma. Disse-lhe: Pois olhe Vossa Reverendissima que me confio de suas palavras, e com isso assino o auto de posse sem declaração nenhuma. E assinara sete mil escrituras outras de mais importancia sôbre sua palavra, que sempre cri e a que sempre tive muito crédito.

Item, em minha casa lhe disse que tinha necessidade de um moço pera me servir. Disse-me que, quando um não bastasse, que seriam dois. E dois levei comigo. O que serviu 3 anos melhor, depois que fomos pera o Rio de Janeiro, casaram-o os Padres lá e da Capitania do Espirito Santo o tornou o Padre Joseph a mandar pera sua mulher. E mandou vir o segundo que mandou comigo, por ver a extrema necessidade que dele tinha, que é êste que digo que Vossa Reverendissima e o Padre Visitador e o Reitor me tiraram, tirando-me com isso a vida juntamente.

Item, pedi ao Padre que me não entregasse a Superior que me desinquietasse, e, em especial, ao Padre Inacio Tolosa (664), não por sua pessoa, que ele é homem santo, mas por amor das informações do Padre Martim da Rocha (665), etc.

Item que não havia de me apartar de si e de sua companhia. Ele me disse que, enquanto vivessemos, estaríamos ambos respeitantes.

XXXIV. — INFORMAÇÃO DO P. GONÇALO DE OLIVEIRA

do minha quietação e bem espiritual, por me haver criado e eu lhe ter sempre amor de pai verdadeiro (666).

Isto é e disto se poderá Vossa Reverendissima se informar, que eu creio que o Padre Joseph dirá deante de Deus o que nisto passa, pois é verdade e importa a quietação minha na Companhia. Que, pera bem, já que eu vinha pera onde ele me mandava e deixava logo, eu me houvera de prover de papel seu, pera que, sucedendo as cousas como sucederam, me valer dele, mas até nisso fui confiado e fiz mal a mim mesmo.

NOTAS

(659) Pbl. nos "Anais da Biblioteca Nacional", XIX, p. 64-5.

(660) No l. 2, n. 89, de sua *Cronica* (ed. de 1865), diz Simão de Vasconcelos que, depois da expedição de Mem de Sá ao Rio de Janeiro em 1560 e sua estada em São Vicente, seguiu com a armada, de volta á Baía, o provincial Luiz da Grã "levando consigo dois Irmãos grandes linguas do Brasil, Gonçalo de Oliveira e Gaspar Lourenço". Por outro lado, o padre Rui Pereira (*Cart. Av.*, XXXIX) noticiá a chegada do Provincial á cidade do Salvador no dia 29 de agosto, esclarecendo que, além dos jesuitas nomeados por S. de Vasconcelos, viajaram com Luiz da Grã mais o irmão Antonio de Sousa, os noviços Baltazar Gonçalves, Antonio de Melo e Pero Peneda "e outro moço que, por ser pequeno, não é ainda recebido". Gonçalo de Oliveira, Gaspar Lourenço e Antonio de Sousa (acrescenta Rui Pereira) "estão agora pera se ordenar, pera que com ambos os talentos aproveitem melhor ao proximo". Em outubro do mesmo ano de 1560, Gonçalo de Oliveira, já ordenado de missa, Rui Pereira e João Dicio foram enviados para Pernambuco afim de estabelecer definitivamente a residencia da Companhia, iniciada anos antes por Antonio Pires. Chegados a 19 de janeiro de 1561, depois de uma viagem acidentada (arrastado por ventos contrários, o navio por duas vezes arribou a Ilhéus), instalaram-se os jesuitas em Olinda (*Cart. Av.*, XLI), onde Gonçalo de Oliveira foi incumbido de fazer a doutrina "aos rudes, Indios, e Angolas" (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 91-2). Em Pernambuco, permaneceram os padres dois anos, voltando á Baía "a chamado dos Superiores, pera depois tornarem com mais cópia de obreiros a tão grande seara", informa ainda S. de Vasconcelos. Se Gonçalo de Oliveira tornou ou não a Pernambuco, não o diz o cronista. Mas o fato é que em 1565 se achava em São Vicente, talvez chegado com a armada de Estacio de Sá, e seguiu, em companhia de Anchieta, á frente dos indios e mestiços que tomaram parte na luta e fundação do Rio de Janeiro (P. Rodrigues, *Vida de Anch.*, l. c., p. 213; S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 72). No Rio, Gonçalo de Oliveira, prestando bons serviços, esteve presente a todos os combates (*Cart. Av.*, LVI, e S. de Vasc., o. c., l. 3, n. 75, 82 e 86). Em 1567 residia novamente em São Vicente, tendo Anchieta como superior. No ano seguinte, já tornado ao Rio de Janeiro, se encontrava com o padre Baltasar Alvares no aldeamento de São Lourenço, quando Arariboia

JOSEPH DE ANCHIETA

venceu os tamoios do Cabo Frio, aliados aos franceses (S. de Vasc., o. c., liv. 3, n. 132). Cinco anos mais tarde, em novembro de 1573, assinou como testemunha, sendo então procurador do Collegio, o auto de posse da sesmaria dada a Arariboia ("Rev. do Inst. Hist.", XVII, p. 307). Quando Nobrega, em 1570, faleceu no Rio de Janeiro, por indicação sua Gonçalo de Oliveira ficou como Superior do Collegio, cargo que deve ter exercido até abril de 1573, quando, por ordem do Provincial Inacio de Tolosa, voltou a ser procurador, sendo substituído na direção pelo padre Braz Lourenço (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 129-131). Ainda em 1573, acompanhou o reitor á aldeia de São Lourenço, onde os padres, procurando casar os amancebados, passaram perigo de morte (o. c., p. 136). Segundo parece, entre 1573 e 1583 foi Gonçalo de Oliveira despedido da Companhia. É quasi certo, como sugere Rodolfo Garcia, que tenha sido ele o "sacerdote devoto da Companhia" que a 3 de janeiro de 1584 agasalhou em sua casa na Baía durante a noite, o visitador Cristóvão de Gouvêa, que se dirigia á aldeia do Espirito Santo (F. Cardim, *Trat.*, p. 302, e nota da p. 393), pois Anchieta na *Resposta* que se segue fala que o auto da posse de sua fazenda, por parte da Companhia, foi lavrado em Ipitanga, paróquia que pertenceu ao municipio de Abrantes (Alfredo M. Pinto, *Apontamentos para o Dicionario Geografico do Brasil*, Rio, 1894, II, p. 189) e Abrantes é a antiga aldeia do Espirito Santo (R. Garcia, nota a F. Cardim, o. c., p. 382). Da mesma forma pode-se ter por certo que é ainda a Gonçalo de Oliveira que Cardim se refere (o. c., p. 337-8), quando diz que, dias antes da partida do visitador Cristóvão de Gouvêa para o Sul (14 de novembro de 1584), "foi admitido na Companhia um sacerdote já homem de dias que nela tinha vivido perto de 30 anos", o qual, "havendo um ano que o padre visitador o dilatava, não querendo aceitar sua fazenda, nunca quis entrar sem fazer primeiro a doação pública ao Collegio de toda a sua fazenda, escravaria, terras, vacas e movel que valeria tudo passante de oito mil cruzados; e não quis aceitar ser provisor e adaião da Sé, que o senhor bispo lhe mandou aceitasse sob pena d'excomunhão". Sacerdote abastado e, por isso mesmo talvez, julgando-se bastante poderoso para desobedecer a uma ordem do bispo, cêrea de trinta anos vivera na Companhia, diz Cardim. E, como acima vimos, S. de Vasconcelos, aludindo a Gonçalo de Oliveira, o dá como irmão já em 1560. Confrontando-se as palavras de Cardim com as declarações de Anchieta e do proprio Gonçalo de Oliveira, verifica-se que êste, novamente recebido na Companhia nos ultimos dias de outubro ou primeiros de novembro de 1584, partiu a seguir com o visitador, Anchieta, Cardim e outros jesuitas para o Sul. Quando a comitiva esteve pela segunda vez no Rio de Janeiro de volta de São Vicente, Gonçalo de Oliveira fez os votos simples, conforme relata Anchieta na *Resposta*. Aí passou alguns anos, tornando em seguida á Baía, onde escreveu sua *Informação*, destinada certamente ao padre Marçal Belliarde, que era por essa epoca o provincial.

(661) B. Teles (*Cron.*, I, p. 119-24) dá uma explicação dos vários estados ou graduações da Companhia. O primeiro é o de professo. Isto é: do que faz a chamada profissão dos 4 votos, acrescentando aos de pobreza, castidade e obediencia (comuns aos demais religiosos) o "de especial obediencia ao Sumo Pontifice, pera por seu mandado ir a qualquer parte do mundo, e andar entre fieis e infieis, em serviço e bem da Cristandade", voto que "quis fazer a Companhia, pera maior veneração da Sé apostolica e confusão de herejes, que nestes tempos pretendem apartar a gente da obediencia e sujeição do Pontifice Romano". A' profissão dos 4 votos, principal estado da Companhia, só se admitem padres "mui provados em virtude, e mui aprovados em letras; a

XXXIV. — INFORMAÇÃO DO P. GONÇALO DE OLIVEIRA

satisfação da virtude dão os Superiores ao Preposito Geral, que reside em Roma, por informações, que lhe mandam, depois de várias experiencias, e de largas provações, que ordinariamente passam de vinte anos; e só o padre geral pode admitir religiosos a esta profissão solene. A abonação das letras se manda ao mesmo Preposito Geral, dada por quatro examinadores mestres de teologia, que na informação que mandam, com grande segredo, hão de jurar que aquelle religioso, a quem aprovam, pode com satisfação lêr teologia na Companhia, e este é o modo ordinario. Estes professores da profissão solene de 4 votos não podem ser despedidos da Companhia, senão pelo Padre Geral, nos casos em que tambem os podem despedir nas outras Religiões aprovadas (conforme nossas constituições). Dêstes professores se elegem o Preposito Geral e seus assistententes, os Provinciaes, Visitadores, e Prepositos das casas profesas: eles têm direito de entrar nas congregações gerais, e provinciaes,* o que não têm os demais, se não é por razão de officio de Reitores, ou Procuradores Gerais de toda a Provincia: são incapazes de toda a herança e beneficios ecclesiasticos". O professo, segundo determinou Loiola para cortar as ambições e vaidades, faz "juntamente o voto de não procurar, nem directamente, nem indirectamente, dignidade alguma na Companhia, ou fóra dela, e descobrir a quem souber que a pretende." O segundo estado é o de Coadjutor espirital, que ajuda "aos professores no ministerio espirital das almas", sendo que "por isso tal estado pede sacerdotes virtuosos, zelosos, prudentes, instruidos em teologia moral". Incorporam-se ás Companhias por votos publicos que, embóra revogaveis, são aceitos pela Santa Sé em forma de solenes e irrevogaveis, tendo, não só "força para irritar o matrimonio, mas tambem fazem aos ditos Coadjutores incapazes de toda herança, e dominio temporal, e deter beneficios ecclesiasticos". Só são despedidos por ordem do Geral e por causas gravíssimas. Podem ser Procuradores e exercer officios de confiança, como os de Reitor, e participar das congregações gerais, tendo aí voto em tudo, salvo na eleição do Preposito Geral. A esse estado "se reduzem alguns, que ainda não sabem teologia e filosofia, contudo não podem ser aprovados para ler estas faculdades com satisfação". O terceiro estado é o dos coadjutores temporais formados, que fazem os mesmos votos dos espirituais e são na Companhia o que eram na "primitiva Igreja, entre os apostolos, os sete diaconos (...) escolhidos pera dispensar as esmolas e prover de remédio temporal ás viúvas, afim de desocuparem os apostolos". Irmãos coadjutores, como foram chamados pelos papas Paulo III e Gregorio XIII. "Com o trabalho corporal ajudam o espirital; e occupando-se em acudir á comunidade desocupam os professores e mais religiosos". Prêgam, confessam, ensinam, batizam e convertem. Os demais religiosos, depois de dois anos de noviciado, fazem votos simples, ficando incorporados á Companhia e "inhabeis para contrair matrimonio", conforme a Bula de Gregorio XIII que confirmou a Companhia. Quando despedidos, ficam desobrigados dos votos.

(662) Padre Cristóvão de Gouvêa.

(663) Em 1584, substituindo a Gregorio Serrão, assumiu Luiz da Fonseca a reitoria do Collegio da Baía, cargo que exerceu até ser eleito procurador a Roma (v. nota 324).

(664) Gonçalo de Oliveira com certeza esteve sujeito ao padre Inacio de Tolosa, quando este foi reitor do Collegio do Rio de Janeiro. Aí chegou, em companhia de Anchieta, na primeira metade do ano de 1585.

(665) O padre Martim ou Martinho da Rocha chegou ao Brasil, na leva

JOSEPH DE ANCHIETA

do provincial Inacio de Tolosa, a 23 de abril de 1572. Em novembro do ano seguinte, foi enviado para o Rio de Janeiro, com o cargo de ministro do Collegio, em companhia dos padres Antonio Ferreira, Baltazar Alvares e cinco irmãos (*Hist. dos Col.*, l. c., p. 93, 99 e 137).

(666) Gonçalo de Oliveira foi discipulo de Anchieta, em São Vicente. Nos *Frag. Hist.*, traçando a biografia de Nobrega, escreve o canarino: "Estava ele (Nobrega) muito determinado, quando se começou a povoação do Rio de Janeiro, de mandar um Padre (Gonçalo de Oliveira) e com ele um Irmão (Anchieta) por superior; dissimulou o Irmão com isso por alguns dias e depois de encomendar a cousa a Deus, disse ao Padre Nobrega que não devia mandá-lo por superior por algumas razões que lhe deu. Ouviu-o o Padre e cuidando nisso mudou logo o parecer e despachando-os para aquela missão, juntos os mais de casa, disse: O Padre, por ser sacerdote, será superior; mas lembrar-se-á, pois o Irmão foi seu mestre, do respeito e reverência que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos". — V. carta XVI.

XXXV

RESPOSTA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA AO PADRE GONÇALO DE OLIVEIRA (667).

JESUS.

O Padre Gonçalo d'Oliveira muito tempo me importunou pera entrar na Companhia e eu o diverti disto quanto pude, por me parecer, ou quasi ter por certo, que teria as inquietações e trabalhos que agora tem. O mesmo pediu por si, e por mim e pelo Padre Luiz da Fonseca, ao Padre Visitador, o qual lhe disse por vezes que dêsse primeiro fazenda *a se ut parentes* ou a outros pobres e que com isso o receberia, e como ele instasse que a não havia de dar senão aos pobres da Companhia (668): *tandem* foi admitido sem nenhuma condição de se lhe haver de dar profissão nem votos de coadjutor espiritual, e posto que ele isto pedia pera ficar mais atado e não poder depois qualquer Provincial despedi-lo e ele ficar perdido e sem fazenda, o assegurei que entrasse liberalmente que daí a três meses, querendo fazer, que facilmente e dali a pouco tempo lhe concederia o Padre Visitador votos de coadjutor espiritual que bastava pera o que ele queria (669).

Tratando o Padre Visitador de seu recebimento com os Consultores, a todos pareceu bem que se recebesse e que se lhe podia conceder o que pedia, pois fazia tão grande mudança, mas não acertando-lhe essa condição, como de fato não se lhe acertou, mas dando-lhe esperanças, como se lhe deram, pelo Padre Visitador mandando-o vir ao cubiculo, onde, depois de tratar tudo isto com ele deante dos Consultores, o recebeu e se fez logo escritura de doação, consentindo ele em todas as clausulas que nela se puseram.

Fez-se dali a 2 ou 3 dias o auto da posse em Ipitanga, a qual ele deu mui liberal e alegremente, dizendo ao escrivão que, antes de tudo, o entregasse a ele á Companhia. E, quanto ao que diz da reclamação, respondo que não sou lembrado das palavras formais que passámos, mas tenho por certo que me dizia, porque essa e muitas vezes repetiu o mesmo, não se atrevendo a largar o seu sem certa esperança do que pedia. Mas, assegurando-se em minha palavra, concedeu tudo sem condição alguma nem reclamação, mas de tal maneira que, senão tivera esta esperança certa, creio sem dúvida alguma que nunca fizera a tal doação, porque (como ele diz) tinha minhas palavras por tão fixas como escritura pública e com esta segura confiança se entregou com quanto tinha (670).

Dali a pouco tempo partimos pera o Rio de Janeiro, onde, dia de S. Pedro e S. Paulo (671), estando ele presente á renovação dos votos, lhe meteu o padre Ministro Alardo da Rocha (672) o papel deles na mão, cuidando singelamente que tambem ele havia de renovar. O qual causou ao Padre Oliveira grande perturbação, dizendo que lhe queriam lançar o laço na garganta, tendo ele dito muitas vezes (como é verdade) que nenhuns outros votos havia de fazer senão de profissão ou, pelo menos, de coadjutor espiritual.

Dando ele então conta ao Padre Visitador e tratando sôbre sua profissão, lhe disse o Padre Visitador que, se fizesse votos de coadjutor, *nunquam* passaria dali e que ele esperava de lhe haver licença, pera profissão, do Padre Geral e que, entretanto, fizesse os votos simples. Confiado ele nisto, ainda que sempre arrecesoso, os fez logo por ordem do dito Padre, dia da Visitação de Nossa Senhora (673), dizendo eu a missa e estando o Padre Fernão Cardim sòmente presente, e isto *in ordine ad professionem*, porque sem isso não os houvera de fazer.

Isto concluido, me mandou o Padre Visitador fazer uma informação dos merecimentos do Padre Gonçalo Oliveira na Companhia, assim do tempo que esteve nela como depois de despedido, etc., a qual se fez larga, e sôbre ela tomou os pareceres dos Consultores se se pediria ao Padre Geral profissão de três votos pera ele; e, parecendo a todos que sim, vista sua grande mudança e conversão, o assinaram.

O dar-se-lhe esperança de o tratar conforme a necessidade de

XXXV. — RESPOSTA AO P. GONÇALO DE OLIVEIRA

suas enfermidades, e que o não deixariam em poder de Superior que o desinquietasse, importa pouco, pois na Companhia se usa isso com todos, e onde se lhe dava tão certa esperança do principal também se lhe deu destas e se lhe cumpriu, quanto foi possível conforme as Constituições da Companhia, todo o tempo que esteve por estas partes do Rio de Janeiro até que tornou á Baía.

Brasil, 1590.

NOTAS

(667) Pbl. nos "Anais da Bibliothéca Nacional", XIX, p. 65-7.

(668) Cf. as palavras de Fernão Cardim, reproduzidas na nota 660, escritas logo depois da readmissão de Gonçalo de Oliveira na Companhia, quando portanto nenhuma dúvida ainda havia sido levantada a respeito.

(669) Bastava, porque o coadjutor espiritual, como o professo, só podia ser despedido da Companhia "por ordem do Geral e por causas gravissimas", conforme já se viu na nota 661.

(670) Nêste e nos periodos que se seguem, Anchieta confirma o alegado por Gonçalo de Oliveira.

(671) 29 de junho.

(672) Deve ser êrro de cópia, referindo-se com certeza Anchieta ao padre ministro Martim da Rocha (v. nota 665).

(673) 2 de julho.

Fragmentos Historicos

XXXVI

FRAGMENTOS HISTORICOS (674)

PADRE MANUEL DA NOBREGA

A VIDA do padre Manuel de Nobrega foi insigne e tanto mais quanto menos conhecida dos homens, os quais ele amava intimamente, desejando e procurando a salvação de todos para a glória de Deus, que ele, cheio de seu amor, sobretudo tinha deante dos olhos; para dilatação do qual e conhecimento de seu nome, todo o Brasil lhe parecia pouco, o qual, como dava pouco de si ao princípio, pretendia que fosse sua fé prègoada por outras regiões que pareciam dar mais de si. Fazendo, porém, grande caso do que tinha entre mãos, nisso se empregava todo, e além do principal, que era a conversão dos brasis, em particular acudia a todas as necessidades espirituais e temporais dos proximos com quanto podia, como se viu claramente em dar sua vida pela de muitos, pondo-a nas mãos dos Tamoios, confiando muito que a Divina Providência tiraria disso para os Portugueses e Brasis muito fruto que depois se seguiu.

Era pai de desamparados, fazendo casar muitas órfãs com esmolos que lhes havia (675) e tirando dentre os Indios alguns filhos e filhas dos Portugueses, que lá andavam perdidos do tempo antigo, e dando-lhes vida, além dos pequenos que tirava com tempo e os fazia criar por pessoas virtuosas. Tinha mui especial caridade com os enfermos, acudindo-lhes com a pobreza que havia em casa e quando os visitava parecia que se derretia com piedade, principalmente com os pobres Brasis. Uma noite, vindo chamar um Padre

JOSEPH DE ANCHIETA

para um homem que estava quasi morto ás estocadas e sem fala, ele mesmo lhe foi acudir e fazendo-lhe coser as tripas que tinha rotas, começando o ferido a falar, tomou o Padre juramento de segrêdo ao cirurgião e a outro que lho ajudava a curar e logo deante deles o confessou, curando-lhe a alma, enquanto eles curavam o corpo, o qual depois viveu.

Disse-lhe uma vez um moço de casa que na vila de Santos, duas leguas de S. Vicente, havia pranto: cuidou o Padre Nobrega, que seria falecido um homem honrado e rico, que de ordinario andava mal disposto, o qual, posto que nos fazia algumas caridades, contudo no tocante á sua consciencia era pouco nosso devoto e mui afastado da confissão. Logo no outro dia lhe fez um officio de defunto de nove lições com muita solenidade. Indo lá um homem da dita vila, perguntava quem morrera, por quem faziam aquele officio? E ouvindo que por aquele homem, disse ele: “Agora o deixo eu vivo e são em sua casa”. Foi-lhe dizer o que o padre Nobrega fizera. Ao que ele respondeu: “Quem isso me faz cuidando ser eu morto, sendo eu vivo, não quer herdar minha fazenda, mas deseja a salvação de minha alma”.

Dali por deante deu tal volta á vida que foi um exemplo para todos: tomou particular cuidado de prover os Padres quando iam prègar e confessar áquella vila; ainda que se detivessem lá muitos dias, continuamente lhes mandava jantar e a ceia de sua casa mui bem concertada e ás vezes por sua propria mão, porque era solteiro. Quando lhe pareciam que eram horas, mandava logo um escravo, que espreitasse os Padres quando vinham da igreja de confessar, para logo vir a provisão.

.....

Por morte deixou parte de sua fazenda para nossa igreja, que ali então se edificava; parte á Misericordia e a outra parte aos pobres. Houve neste homem, enquanto se não deu a Deus, soltura no vício da luxuria; mas por respeito de Nossa Senhora nunca quis pecar com mulher que tivesse o nome de Maria.

Com esta caridade e benignidade com que abraçava a todos,

era mui amado dos bons e mui severo e rigoroso contra os vícios e pecados.

Os publicos publicamente os repreendia, assim nas prègações como em particular. Achou-se uma vez em uma grande tormenta no mar e um marinheiro, tomando a vela, começou: “Apesar de São Lourenço”. Ouviu o Padre e saindo do camarote o repreendeu asperamente falando-lhe por tu; e virando-se ao Santo, posto de joelhos, lhe disse: “Bendito sejais vós, Senhor S. Lourenço, rogai a Deus que não nos castigue pelas blasfemias que disse contra vós êste maldito”. Com o que o homem ficou castigado e os mais que o ouviram amedrontados e acudiu S. Lourenço á pressa em que estava com bonança.

Tendo avisado por vezes a um clérigo escandaloso, como se não emendasse, sabendo o Padre estar com a ocasião do seu pecado, se foi á porta da casa, gritando a grandes vozes que acudisse gente, que estavam ali crucificando a Cristo. Acudiu gente e ficaram tão espantados os dois pecadores que se apartaram e cessou o escandalo.

Era acerrimo defensor da liberdade dos Brasis, sem querer admitir á confissão algum que nisso fosse culpado. Sentia sumamente os roubos e assaltos que se faziam neles; chorava-os, bradava sôbre isso publicamente e para remediar o que podia da sua parte, se meteu com os Tamoios, como dito é, para fazer pazes com eles e aplacar a justa ira de Deus contra os Portugueses, pelos muitos roubos e mortes que tinham feito neles. Com êste zêlo, prègando deante do capitão-mór Estacio de Sá e de toda sua armada, que ele exortava a povoar em o Rio de Janeiro e aplacarem com penitencia a ira de Deus pelos roubos feitos aos Indios da Baía, que foram gravissimos, cativando-os e vendendo-os, trouxe a história dos Gabonitas, que pediam sete da geração de Saul, para enforcarem e com isso se aplacar a ira de Deus (676); concluiu com grande veemencia: “Se agora tomassem sete dêsses ladrões salteadores que têm destruido os pobres Indios da Baía e de toda a costa, Nosso Senhor se aplacaria e seria favoravel para esta emprêza que queremos fazer”.

Estas e outras semelhantes repreensões sabiam mal aos culpados e cubiçosos, principalmente porque em nenhuma maneira queria consentir em nenhum modo de cativeiro dos Brasis, salvo nos

que fossem tomados com guerra justa. E assim dizia muitas vezes: “Não posso acabar com minha ciencia e consciencia aprovar os remedios que se buscam para cativar os Brasis, ainda que venha da Mesa da Conciencia, porque lá não são informados na verdade. Porque nunca se achou que pai no Brasil vendesse filho verdadeiro, porque os amam grandissimamente. Os que dizem que se vendem a si mesmos, fazem-no ou porque não entendem que cousa é vender a liberdade, ou induzidos com mentiras e enganos e ás vezes com muitos açoites (como confessam os mesmos linguas do Brasil) e assim os pobres, achando-se alcançados, fogem e antes querem ir a morrer por esses matos e a mãos de inimigos que sofrerem grave cativoiro que têm (677). Pois obrigá-los a servir toda a vida com o título de livres, é verdadeiro cativoiro, porque não tem mais que o nome de liberdade, pois os deixam em testamento aos filhos que os sirvam toda a sua vida e assim os avaliam e vendem como escravos, com título de lhes venderem sòmente o serviço”.

Equidquid sit de jure, dizia ele que *de facto* constava o contrário: pois os homens pervertiam os remedios que se lhe buscavam, usando deles para sua perdição, e, se dous timoratos cumpriam as condições que se punham, a maior parte não guardava, e finalmente os Padres letrados nisso se vêm a resolver, ensinados pela experiencia.

Contudo isto não deixava o Padre de buscar todo o remédio possível a algumas pessoas que lhe pediam para restituição e satisfação do passado.

Porém para o futuro nunca de sua parte quis abrir porta para se usar de semelhantes remedios, que se buscavam para os homens poderem ter serviços com boa consciencia, comprando e vendendo Indios livres, dos quais remedios dizia muitas vezes: “Praza a Deus que por remediar os homens não nos vamos nós com eles ao inferno”.

Era tão inteiro que, como se fundava deante de Deus em uma verdade, bem se podia pôr todo o mundo contra ele, como foi nisto da liberdade dos Brasis, em defender as fazendas dos Colegios, por serem bens da Igreja, sôbre o qual era muitas vezes afrontado por palavras e escritos em resposta de feitos muito feitos, que ele deixava passar sem nem um sentimento, prosseguindo com muita paz

a justiça dos Colegios e orando pelos injuriadores e tratando-os com muito amor; em fazer com o governador Mem de Sá, que usasse de força com os Indios da Baía para se ajuntarem em aldeias grandes e igrejas para ouvirem a palavra de Deus, contra o parecer e vontade de todos os moradores, o qual depois se estendeu por toda a costa (678), que foi meio unico de salvação de tantas almas e propagação da Fé e na constancia da povoação do Rio de Janeiro, que a experiencia tem mostrado ser ele movido com o espirito de Deus e puro zêlo de seu serviço e salvação das almas.

Para estas cousas procurava o remédio com Deus por contínua oração e dos reis, principalmente d'El-Rei D. João o Terceiro e de sua mulher D. Catarina, por cartas, e El-Rei lhe escrevia mui familiarmente, encomendando-lhe a conversão dos gentios e o mais tocante ao bom govêrno do Brasil e que o avisasse de tudo, e assim mais faziam por uma carta do padre Nobrega que por tantas outras informações e instrumentos.

Por êste seu grande zêlo e constancia era dos que mal viviam murmurado, perseguido e tido por tirano, e algumas vezes afrontado com palavras, em ausencia e presença de pessoas ainda baixas e vis. Em um certo tempo, porque o Padre estranhava muito em particular e em público um caso feio de um poderoso e então Ouvidor da Capitania, que tinha tomado a mulher a um pobre, comparando-o com o caso de Herodes, houve muito provavel suspeita e indicios que se lhe maquinava a morte, e assim dizia ele aos Irmãos: "Eu, se houver de ser martir, ha de ser á mão de nossos Portugueses cristãos e não dos Brasis".

Com tudo isso, a todos acudia em suas necessidades, quando havia mistér sua ajuda. Entre êstes, foi o sobredito poderoso, que, estando prêso e indo-se já o Padre de Santos para S. Vicente, despedido do governador Mem de Sá, que se embarcara e o deixava por alguns casos em poder do capitão da terra, de que ele, com razão, muito se temia, movido de compaixão, tornou do caminho e acabou com o governador que lhe dêsse remédio, que depois de sua partida nenhum lhe ficava senão ser muito vexado do Capitão (679).

Ao grande zêlo da conversão dos Brasis ajuntava outro que lhe era consequente, convem a saber: grandissimo cuidado e dili-

gências de criar Irmãos da Companhia que pudessem ser instrumento desta conversão.

Por esta causa ajuntava em casa moços pequenos mestiços e outros de todo Portugueses, nascidos na terra, por serem linguas. E trabalhava pelos fazer chegar até onde alcançasse sua habilidade, assim no espirito como no estudo, e por não deixar cousa por intentar para êste fim, determinava mandar a Portugal alguns de maior indole e habilidade, para que de lá viessem feitos bons obreiros, como em efeito mandou dois que morreram na Companhia, no Colegio de Coimbra (680).

Era para com os Irmãos muito benigno e piedoso e pelas entranhas de amor com que os amava, sempre conservou a santa sinceridade antiga de Coimbra, falando a todos por vós; e além de lhe ser muito trabalho só de pronunciar êste nome Padre, pelo impedimento da lingua, parece que o nome de Irmão lhe exercitava mais amor e assim aos mesmos Padres falava por êstes termos dizendo: "Irmão, vós tal e tal". E posto que os homens de fóra cuidavam que tratava com os Irmãos asperamente, pelo zêlo que nele conheciam, contudo a benignidade passava sempre pela severidade para com eles, assim nas repreensões e penitências como nas práticas espirituais, que fazia a miudo com muita suavidade e lagrimas.

Com as mesmas entranhas de caridade procurava todo o possível de conservar um na Companhia depois de admitido, ainda que não tivesse tantas partes e outros tivessem diverso parecer, confiando sempre em que não estava abreviada a mão de Deus. Um moço de boa habilidade tinha ele admitido quando chegou a S. Vicente o Padre Visitador Inacio de Azevedo, o qual querendo-o despedir com parecer do Padre Provincial e de outros, com tudo o padre Nobrega com sua caridade intercedeu por ele, resignado, porém, na vontade e parecer do Padre Visitador, e tratou com ele que o levasse para a Baía, porque lhe dava Nosso Senhor particularmente boas esperanças dele. E assim foi, que procedeu sempre muito bem em tudo, assim na virtude como nas letras, chegando a ouvir o curso e alguma teologia e neste tempo lhe deu

XXXVI. — FRAGMENTOS HISTÓRICOS

Nosso Senhor bom fim na Companhia com edificação, consolação e sentimento de todos (681).

Procurava que houvesse muito exercício de oração mental e vocal e mortificação. Aos estudantes fazia rezar o Offício Divino. Aos pequenos não faltavam disciplinas quando era necessário, que lhes mandava dar, as quais aceitavam com muita humildade, e com ser a pobreza muita e o comer muito fraco, fazia-os jejuar os dias que a Igreja manda e ainda toda a quaresma e para tudo lhes dava força Nosso Senhor. Com o grande desejo que tinha de acrescentar a Companhia no Brasil, deitando os olhos ao longe com grande espirito de providência, logo em chegando á Baía houve terras e algumas vacas para fundação de collegios e o mesmo fez em S. Vicente e depois no Rio de Janeiro (682), e ainda que a alguns dos nossos parecia sobeja solicitude por serem poucos os Irmãos da-quele tempo, dizia: “Não sabeis, Irmãos, o que dizeis: eu faço isto para os que hão de vir, porque ainda ha de haver grande multidão de Padres e Irmãos no Brasil que ajudem as almas”.

E bem se pode cuidar que além do espirito de providência foi isto mais particular lume de Deus, com quem ele conversava muito na oração, como também se viu em outras cousas, principalmente no cumprimento do que disse aos Tamoios que, se quebravam as pazes, haviam de ser todos destruidos. Tendo o padre Vicente Rodrigues grandissimas e quasi contínuas dôres de cabeça, muitos anos sem remédio algum, lhe disse o Padre Nobrega: “Vós, Irmão, não haveis de sarar senão quando vos faltar todo o necessario e então vos cairão os dentes”. E assim se cumpriu, porque na missão em que veio acudir ao Rio de Janeiro no princípio, onde se padeceu grandissima fome e falta de tudo, sarou da cabeça e começou a perder os dentes sem lhe ficar senão dous ou três.

De maneira que com a certeza que tinha da multiplicação dos Irmãos no Brasil, no princípio em Piratininga ainda que se padecia muita fome, mui raramente mandava matar alguma rez, enquanto eram poucas as vacas, para que multiplicassem para os vindouros. Bem mostra a experiencia o espirito de Deus que o movia, porque ainda que os Collegios da Baía e Rio têm fundação d’El-Rei, contudo era impossivel sustentarem-se com ela, se não foram as

terras e vacas que o Padre Nobrega com tanta caridade foi grangeando, que é a melhor sustentação que agora têm, com que se criam tantos Irmãos que fazem tantos serviços a Deus no Brasil.

No culto divino, ainda que faltavam ornamentos ricos, procurava houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solenidade, com canto de órgão e frautas, por amor dos Índios, cujos filhos as ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pés aos Irmãos á quinta-feira santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se prègar sempre a palavra de Deus que até aos Irmãos que lhe pareciam para isso, fazia prègar em português e brasil, ainda que não fossem sacerdotes. Por êste fim e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez um ano com os principais da terra que deixassem de representar um que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um Irmão, a que ele chamava *Prègação Universal*, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta ocasião se confessavam e comungavam, em particular em S. Vicente á fama dele, por ser parte na lingua do Brasil se ajuntou quasi toda a Capitania vespera da Circuncisão, e estando se representando á noite no adro da igreja, sobreveiu uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sôbre o teatro e começou a lançar umas gotas de água muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silêncio e todos se recolheram quietamente a suas casas e então descarregou com grandissima tormenta de vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileu, que era o principal intento da obra (683).

Dizia sempre missa e como era muito gago, gastava de ordinario nela uma hora e ali se lhe comunicava muito Nosso Senhor. Era mui solícito no rezar do Officio Divino, no qual usava sempre do companheiro pelo mesmo impedimento da lingua; mas não bastava isso para deixar o officio da prègação, o qual exercitava visitando as povoações dos Portugueses a miudo, ouvindo juntamente suas confissões e remediando a todos; e as de suas mulheres, filhos, escravos e Índios livres ouvia por intérprete, enquanto os Irmãos linguas não eram sacerdotes.

Era na prègação muito fervente e suave, e por uma parte movia muito á compaixão os ouvintes pelo trabalho que nela tinha, por outra á devoção. E não era muito abranger aos outros, pois nele era tanta, que bém se lhe sentia nas palavras afetuosas, nos suspiros e colloquios com Nosso Senhor e lagrimas, as quais, assim quando tratava com ele, como compadecendo-se dos proximos em suas aflições, facilmente derramava.

Algumas vezes, estando em Piratininga com poucos Irmãos, mais afastado de negocios, se metia na sacristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola ás portas fechadas, e ele entretanto se estava desfazendo em lagrimas com muita serenidade. Quando deixou o Irmão companheiro (684) entre os Tamoios, indo-se para São Vicente, os Tamoios que lá estavam muito quietos, uma noite por lhes meter um escravo em cabeça que os queriam matar os Portugueses, fugiram todos para suas terras. Sabendo-o o padre Nobrega, temendo-se que lhe matariam lá o Irmão, teve tanto sentimento e lagrimas que fez um grande pranto cheio de devoção deante de Nosso Senhor e dos Irmãos, arremessado sôbre um leito, dizendo entre outras cousas: “Ah! meu Irmão, que vos deixei só entre inimigos e não fui eu merecedor de morrer convosco por amor de Cristo”. Isto era com tanta desconsolação que não bastara a o consolar senão o mesmo Deus, que ordenou que daquela fugida se tornassem alguns principais para S. Vicente, com o qual se assegurou a vida do Irmão, e contudo lhe escreveu uma carta sôbre isso, cujo princípio era: “Irmão, se ainda estais vivo”.

Nos derradeiros anos que andava já muito fraco em S. Vicente, com as muitas doenças que levou da Baía (685), dormia um pouco á noite e o mais dela gastava em oração, rezar o Offício Divino, em cuidar e traçar as cousas do govêrno, não sômente as tocantes á Companhia mas de tudo o que entendia pertencer ao bem comum, pretendendo em tudo o aumento da cristandade e salvação das almas, e assim diziam dele pessoas graves que era para governar todo o mundo.

No tocante ao voto de castidade tinha especialissima vigilância, engrandecendo muito a integridade e pureza da Companhia, tão conhecida e louvada de todos nesta parte, e assim dizia muitas

vezes com grande sentimento: “Mal aventurado será aquele por quem se quebrar o sêlo virginal da castidade da Companhia”. Achan-do-se uma vez no mar em uma grave tormenta, dizia que uma das cousas que mais o consolavam naquele perigo era a guarda do voto de castidade. Nisso todo resguardo lhe parecia pouco, procurando que toda a especie de mal, ainda em cousas minimas, se evitasse. E com isto fez e faz Nosso Senhor mui especiais mercês aos verdadeiros filhos da Companhia nesta parte, com não pequena admiração e louvor dos seculares.

O padre Inacio de Azevedo, vendo as muitas e mui propinquas ocasiões pelas quais, quasi por fogo e água, passam os nossos por amor das almas com vitória pela graça divina, dizia que era milagre a castidade dos da Companhia no Brasil.

.....

Como os Padres sacerdotes não sabiam a lingua da terra, serviam os Irmãos de intérpretes para as doutrinas e prêgações e confissões, ainda dos mestiços, mulheres e filhos dos Portuguezes, principalmente nas confissões gerais, para melhor se darem a entender e ficarem satisfeitos. Aconteceu que uma mulher casada das mais graves da vila, que fazia uma confissão geral com um Irmão que só então ali havia e tinha cargo da doutrina, veio um domingo á tarde perguntar algumas dúvidas no confessorio e estando as tratando com ele, passou o marido pela igreja, acompanhado de muitos da vila, a tratar alguns negocios da república com o Padre Nobrega, e indo-se para fóra lhe disse o que o acompanhara: “Senhor, como consentis que vossa mulher esteja falando com um mancebo no confessorio?” Como o crédito do Irmão era mui grande para com todos não fez caso disto. Com tudo deu disso conta á sua mulher, ficando muito satisfeito com sua resposta. Ela contou o que passára ao mesmo Irmão e o Irmão sem mais detença ao Padre Nobrega. Posto que ele tinha tanta satisfação do Irmão nisto e em tudo o mais, como de sua propria pessoa (686), contudo, pelo grande zêlo que tinha da limpeza da Companhia nesta parte, alegrou-se muito e disse-lhe: “O’ Irmão, veio-nos Deus a ver com êste aviso, não faleis

mais com ela nem com outra no confissãoario, senão presente o sacerdote ou em público na igreja, como costumais a falar e a ensinar a todos”.

Finalmente não sofria nesta parte cousa, por pequena que fosse, procurando, conforme a perfeição que ele nisto tinha, que vivessem os Irmãos com tanto resguardo quanto demanda a castidade evangelica que nosso padre S. Inacio de Loiola pede nas Constituições.

Não tinha menos zelo e cuidado que a obediencia dos subditos para com os superiores fosse exata em tudo e de sua parte ensinava com o exemplo. Em cousas graves esperava, quanto era possível, resposta de Roma ou Portugal, ainda que lhe parecesse que as podia determinar por si. Quando, depois de muito tempo encomendar o negócio a Deus, se resolveu de ir ao rio da Prata por terra, estava tão dependurado de querer a vontade de nosso padre S. Inacio de Loiola, que esperava lhe seria clara com o parecer do padre Luiz da Grã, seu colateral, que estava ausente, que tinha prometido 20 missas de alviçaras a quem lhe dêsse novas de sua chegada a S. Vicente, e posto que estava já para se partir, por não perder a ocasião boa, que então tinha daquela gente castelhana, principalmente para que com sua presença e autoridade que tinha com os Índios, os ajudar a passar para suas terras a salvamento, contudo deixava ordenado que se chegasse o padre Luiz da Grã o fossem chamar a muita pressa, ainda que fosse muitas leguas pelo sertão a dentro. Como Nosso Senhor ordenou que no mesmo dia que estava para partir lhe chegasse a nova, logo desistiu de tudo, até se ver com ele. E chegando-lhe o recado a Piratininga ás 9 ou 10 horas antes do meio dia, logo no mesmo dia se partiu para o mar, sem querer deixar descansar o Irmão, que lho levava, e chegando a uma vila daí a três leguas a pousar (687), lhe mandou fazer a doutrina aos Índios da terra. Ao seguinte dia andou mui grande e aspero caminho a pé e mais do que pareciam sofrer sua fôrças e chegando quasi noite ao mar se embarcou em uma pequena canôa de casca, para passar umas três leguas que havia até a vila. Sobreveiu a noite com grande escuridade, tormentas e chuva e foi forçado a recolher-se á terra. Estava ali um homem poderoso pouco bem afeto ao Padre Nobrega e que então de fresco estava mui indignado contra ele; á casa dêste se

recolheu, atinando com a porta ás apalpadelas, confiando em Deus de o ganhar com isto e torná-lo a reconciliar e disse ao Irmão seu companheiro: “Ide vós adeante e dizei-lhe que estou aqui e faça ele o que quiser”. O homem ouvindo o recado, esquecido de seus agravos, saiu logo acompanhado de seus escravos com muito lume e levou o Padre nos braços e o vestiu com seus proprios vestidos e o mesmo fez ao Irmão, agasalhando-os com muita caridade e queixando-se por querer passar o Padre com tal tempo, estando ali sua casa, e dali por deante ficou grande amigo do Padre e da Companhia, na qual depois o mesmo Padre lhe recebeu um filho. Finalmente não descansou até o outro dia se ver com o Padre Grã e tratando com ele o negócio, desfez logo toda a traça e seguiu o do Padre que logo se persuadiu seria mais conforme á vontade de nosso Padre Santo Inacio (688).

Ao Padre Luiz da Grã, seu colateral, tratava com tanto respeito e reverência como se fôra seu superior, não fazendo cousa de importancia sem seu parecer e conselho, o qual facilmente tomava e seguia. Depois que o Padre foi provincial, a todos dava exemplo de obediencia. Para ele bastava a minima significação da vontade de padre Luiz da Grã, provincial. Desejou muito e procurou que um Irmão prègasse em português: o Irmão excusava-se; finalmente vendo-se apertado, lhe respondeu: “O Padre Luiz da Grã me disse á sua partida que não era nada dos Irmãos prègarem sem ordens por falta de autoridade”. Com isto se calou o Padre Nobrega, sem insistir mais, como que fôra obediencia expressa, posto que tinha para si que nada faltava ao Irmão para isso. Daí a algum tempo foi necessario acudir o mesmo Irmão a prègar uma paixão, ao qual depois de a prègar, disse o Padre: “Vós haveis de dar conta a Deus, porque não quisestes prègar até agora”. E contudo nunca mais o convidou para isso, pelo que tinha dito do padre Luiz da Grã.

Não era muito ter ele esta obediencia aos superiores, porque era tão humilde que aos mesmos subditos se sujeitava facilmente, seguindo o parecer deles, quando lhe davam boa razão, e deixando o proprio. Estava ele muito determinado, quando se começou a povoação do Rio de Janeiro, de mandar um Padre e com ele um Irmão por superior; dissimulou o Irmão com isso por alguns dias e depois

de encomendar a cousa a Deus, disse ao padre Nobrega que não devia mandá-lo por superior por algumas razões que lhe deu. Ouviu-o o Padre e cuidando nisso mudou logo o parecer e despachando-os para aquela missão, juntos os mais de casa, disse: “O Padre, por ser sacerdote será superior; mas lembrar-se-á, pois o Irmão foi seu mestre, do respeito e reverência que lhe deve ter e de tomar seus conselhos” (689).

Tomava muito bem e folgava que os Irmãos fossem avisados de outros Padres e Irmãos, que lhe parecia o podiam fazer, ainda que fosse deante dele mesmo. Uma vez, queixando-se o Irmão mestre de gramática (690) de si mesmo, porque deante dele os reprendia algumas vezes, respondeu-lhe o Padre: “Fazei-o assim, Irmão, fazei, folgo muito que nisso me ajudais”. Quando se achava alguns tempos só sem sacerdote, confessava-se com algum Irmão, desejando descobrir suas faltas, e ser repreendido e recebia dele a absolvição geral da missa. Uma vez com êste espirito de humildade praticando com os Padres e Irmãos em um repouso, disse: “Daqui por deante quero ter dois confessores, um Padre que me absolva e um Irmão que me repreenda”.

No tratamento pessoal era necessario terem cuidado dele, porque ele o não tinha de si. Seguia sempre a comunidade sem singularidade alguma, salvo para mais estreiteza. Era de pouco comer; e ainda que de compleição delicada, nenhum trabalho receiava, como andar sempre a pé por caminhos muito asperos de matos e serras, com grandes frios, chuvas e alagadiços. E ás vezes, por não poder com o pêso da roupeta, caminhava sem ela, por excusar ser levado ás costas alheias. Seu vestido era o peor e não podia trazer roupa nova, senão velha e remendada e sem uso de mantéu, porque então pela muita pobreza o não havia.

Quando andava fóra de casa, de toda a pessoa que lhe oferecia a pousada a aceitava de boa vontade e jantava e dormia aí todo o tempo que era necessario, assim por ser esmola, como porque com isso ganhava as vontades a todos; a uns para se tirarem do mau estado e a outros para no seu viverem conforme a lei de Deus e serem mais prontos para boas obras. Em especial usava disto com um vigário muito velho e honrado, que conformava pouco com o

JOSEPH DE ANCHIETA

proceder da Companhia no govêrno de suas ovelhas, que achavam nele refúgio para suas consciencias, com pouco escrupulo da verdade que dos Padres ouviam e criam. Com êste pousava muitas vezes e recebia suas esmolos, advertindo-o do que tocava á sua consciencia e de suas ovelhas. E tendo ele alguns tempos impedimentos de enfermidade e outros, supria o Padre Nobrega por si e pelos Padres nas missas e em tudo mais por ele e depois pondo-lhe embargo em sua paga pelos officiais d'El-Rei lhe fez pagar tudo. Com estas boas obras o vigario se chegava cada vez mais aos Padres, até que já no cabo da vida fez uma confissão geral com um deles e por seu conselho deixou muitos meses de dizer missa, por ser trêmulo pela muita velhice e fazer o mais do seu officio, deixando tudo aos Padres, e com isto acabou em paz, com muita edificação de todas suas ovelhas, que com esta ocasião se deixavam tambem reger pelos da Companhia.

Era o Padre Nobrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca occupação e trabalho aos Irmãos e como sua última idade foi uma contínua doença, esta passou alguns anos com muita falta de remedios temporais. E abraçado com esta pobreza deu com muita paz seu espirito ao Senhor (691).

(A. Franco, o. c., II, p. 183-92).

PADRE DIOGO JACOME

Viveu sempre em toda a sujeição e obediencia, exercitando os officios baixos da Companhia, e entre eles foi fazer um tórno de pé por mandado da santa obediencia, sem nunca ter aprendido aquele officio; e fazia nele muitos rosarios de contas, que se repar-tiam pelos Cristãos para se encomendarem a Deus e á Virgem Nossa Senhora.

Era isto mui comum naqueles tempos trabalharem os Irmãos de saberem alguns officios proveitosos para a comunidade. E assim o dito Padre e outros Irmãos aprenderam a fazer alpargatas, por-

XXXVI. — FRAGMENTOS HISTORICOS

que então não havia sapato nem meia. Faziam muitos nos tempos que furtavam ao estudo da gramatica e outras mais graves occupa-
ções, de que usavam nos caminhos, que são muito asperos de mon-
tes e serras e grandes alagadiços: a materia dêstes alpargotes é
como linho mui rijo tirado de uns cardos, que os mesmos Irmãos
tiravam do mato e deitavam na agua, até que a cabo de quinze
ou vinte dias apodreciam e lhes tiravam o linho.

Com o mesmo desejo de servir aos Irmãos, um Padre de mis-
sa (692) começou a fazer um banco sem nunca aprender officio de
carpinteiro, e pouco a pouco se fez official, de maneira que por suas
mãos fez as casas e igrejas de Piratininga, S. Vicente e parte das
do Rio de Janeiro, sem deixar por isso de acudir continuamente a
missões e confissões, até que pela muita velhice não pôde trabalhar.

Viu-se sempre no dito Padre Diogo Jacome um grande zêlo da
salvação dos Brasis, e por esta causa, ordenando-lho a Obediencia,
estudou alguns anos gramatica com muita diligência e trabalho,
posto que pouco ajudado de engenho e memoria, para poder ser sa-
cerdote e ajudar os Indios. Posto que nêste estudo trabalhou muito,
contudo muito mais trabalhava por saber a lingua da terra, e as-
sim soube dela o que bastava para ensinar os Indios e aparelhá-los
para o batismo e ouvir suas confissões.

Depois de ordenado sacerdote, foi posto pela Obediencia na Ca-
pitania do Espirito Santo, onde havia duas aldeias de Indios com
suas igrejas, uma das quais (693) teve a seu cargo muito tempo,
exercitando com eles sua caridade, curando-os corporal e espiritual-
mente até á morte.

Esta se lhe gerou de uma grave doença de febres, em que pa-
deceu muito por falta do necessario. Foi recolhido á casa da Com-
panhia, que está na vila com os Portugueses, e parecendo que já
convalescia o tornou a mandar o Superior á sua igreja. E posto que
ele sentia em si muita fraqueza e receiava que na aldeia tornaria a
recaír de maneira que se lhe seguisse a morte, e assim o significou e
propôs, contudo, obedecendo com toda a prontidão e alegria, se foi
lá, e logo recaíu de tal maneira que daí a cinco ou seis dias, tor-
nando-o a trazer para casa, acabou, como obediente e verdadeiro fi-

JOSEPH DE ANCHIETA

lho da Companhia, em Abril de 1565, e está enterrado na nossa igreja de S. Tiago daquela residencia do Espirito Santo (694).

(A. Franco, o. c., II, p. 203-4).

PADRE MANUEL DE PAIVA

O padre Manuel de Paiva entrou já sacerdote de boa idade em Coimbra. Foi homem muito chão e candido em sua conversação, guardando sempre uma perpetua paz. Estando nos exercicios logo em entrando (como então era costume), o Irmão que o servia neles esqueceu-se dois ou tres dias de o prover, e o Padre não curou de lho lembrar, cuidando que ou assim era regra da Companhia, ou que o não havia no Colegio por ser pobre. Finalmente com êste último pensamento o lembrou ao Irmão dando-lhe umas luvas que comprasse alguma cousa de comer, já que o Colegio não o tinha. O Irmão dissimulou e teve melhor cuidado dali por deante.

Em chegando á Baía, como a pobreza era muita, o Padre Nobrega, com êste pretexto, como era muito fervente no espirito da mortificação, tão exercitado dos Irmãos em Portugal, mandou vender o Padre Paiva, entregando-o a um porteiro que o prègoasse pela cidade, se havia quem o quisesse comprar, e foi a cousa tão de siso que se persuadiam todos ser verdade, e que por falta do necessario o vendiam, e não faltava quem dêsse cem e mais cruzados por ele, para o ter por seu capelão, espantados da obediencia e humildade do Padre Paiva, o qual tambem se persuadia que de verdade o mandavam vender, e dizia aos homens que o comprassem, que os serviria muito bem. Até que daí a alguns dias que o porteiro andou nisto, dando recado ao padre Nobrega do que passava e quanto subia o preço que davam por ele, entenderam o negócio, ficando todos mui edificados da maneira da Companhia.

Foi cura de almas antes que entrasse na Companhia; não sabia muito latim, cousa de que naquele tempo se fazia pouco caso e exame com os clerigos; mas depois que veio ao Brasil trabalhou

muito nisso, especialmente ao princípio, que se começou o estudo de Piratininga, onde ele era Superior dos Irmãos, e com acudir a todas as necessidades dos proximos e ás mais obrigações de seu offício, estudava com eles, deixando de dormir muita parte da noite, depois de todos dormirem; e ás vezes alta noite acordava o mestre (695) para lhe declarar o que não entendia, e assim saiu com seu intento de tal maneira que depois, estando na residencia do Espirito Santo, ensinou muitos moços com grandissimo zêlo e diligência, alguns dos quais continuaram depois os estudos no Collegio da Baía, até ouvirem o curso e teologia. Com a muita caridade que tinha era nisto incansavel, por dar algum lume aos moços nascidos no Brasil, de que eles pouco curaram, e com isso desafeiçoá-los dos costumes dos Brasis, a que são tão afeiçoados.

Posto que não era letrado, contudo estava muito bem nos casos de consciencia, que com a mesma diligência estudava por si e perguntando. Tinha grande pulpito, não tanto de letras como de fervor e desejo de aproveitar ás almas, e assim a gente comum do povo lhe era muito afeiçoada, e se aproveitava muito de suas prègações, as quais ele fazia acudindo a pé a umas e outras povoações, oito e dez leguas. Era tal sua devoção, que uma vez prègou a Paixão não sei quantas horas de joelhos. Trabalhou por saber a lingua dos Indios, mas não chegou a mais que a saber ensinar a doutrina por escrito, ajudando os naturais por intérprete com práticas e confissões com muito zêlo.

Com êste zêlo das almas trabalhava muito de as ajudar e tirar do pecado, ainda que alguns Portugueses que viviam mal se offendessem disso, por ser ele causa de se lhes tirarem os cumplices do pecado, não faltando ameaças e injúrias, nas quais ele guardava sua costumada paz e quietação, como que se lhe não fizessem nada. Um homem casado, a quem ele com suas admoestações tinha tirado uma manceba, por respeito da qual dava má vida á sua mulher, e posta em bom estado de matrimonio, e por esta causa andava inchado contra ele, o encontrou só em um caminho e o começou a afrontar e a empunhar da espada todo enfiado; mas o Padre, sem se mover, lhe disse com muita paz: “A mim, fulano? a mim?” Isto bastou para o outro ficar atado e deixá-lo ir em paz seu caminho. Depois entrou

em si e folgou de lhe ser tirada a ocasião do mal e pecado em que estava.

Outro que tinha cargo de justiça principal na Capitania, injuriou um dia ao Padre no meio da rua, deante de pessoas, com palavras feias e mui irado, ao qual ele nada respondeu, antes se foi muito quietamente passeando e ouvindo o que o vinha injuriando até se recolher na igreja. Chegou a desordem do outro a tanto que fez um auto do Padre com testemunhas, dizendo que lhe queria mal, mas com a paciencia do Padre se curou tudo. Da mesma maneira curou outra pessoa principal que o maltratava de palavras publicamente deante de muitos, dizendo-lhe que se não fôra Padre lhe houvera de fazer e acontecer. A isto o Padre respondeu: "Dai graças a Deus por que o sou". Com o qual o outro ficou não sòmente confuso, mas também cheio de temor e não sem causa, porque o Padre (posto que disse nenhum caso fazia) era homem de grande esforço de ânimo e fôrças e conhecido de todos por tal, mas sua paciencia e paz interior com que isto curava era maior.

Era intrépido para todo o perigo corporal, especialmente se intervinha obediencia, na qual era prontissimo; tanto que um dia, indo por um monte abaixo muito íngreme com o Padre Nobrega, lhe mandou o Padre que se deitasse por ele a rodar, o qual ele fez logo sem nenhuma dilação, indo a tombos pelo monte abaixo, até que lhe disseram que bastava (696).

Ordenaram os capitães de S. Vicente duas guerras contra os Tamoios; foi necessario mandar o Padre Nobrega em sua companhia ao Padre Paiva, o qual todo o caminho, que foi largo, lhes disse missa e prègou sempre, esforçando os Portugueses e confessando-os e acudindo juntamente aos Indios cristãos com o Irmão Gregorio Serrão, que era o lingua que levava. Em uma guerra e em outra foi sempre o Padre Paiva sem medo com cruz na mão deante até á cêrca das aldeias, uma das quais foi rendida de todo, e com o esforço do Padre se salvaram muitos dos nossos, que estavam a ponto de fugir com perigo certo das vidas; os quais o Padre fez esperar até que de todos se renderam os inimigos, de que havia ainda boa cópia recolhidos em uma casa forte, e se sentiram covardia nos nossos, houveram de sair e matar muitos nas canôas, em que se queriam

ir com pouca ordem e com muitos já frechados. Pelo grande perigo em que estavam, se pôs o Padre Paiva sem medo algum de frente daquela casa, donde se tiravam muitas frechadas, até que se tomaram os inimigos ás mãos e os nossos ficaram salvos.

A outra aldeia não foi rendida, antes muitos dos nossos feridos, os quais o Padre Paiva ajudava a tirar do perigo presente de os acabarem de matar, e recolhendo-se todos para as canôas, ele foi o último que ficou no mato; porque, além dele ser homem velho e pesado, quis que todos fossem deante, e achando-o menos no porto, um Indio cristão o veio buscar e, encontrando-o no mato já perto, o acompanhou até o embarcar com toda a gente.

Nêste combate nunca o Padre Paiva se apartou da cêrca com a Cruz em a mão animando a todos, e depois os Tamoios nos perguntavam: “Quem era aquele de uma roupa longa, que estava com uma cruz perto da cêrca, porque lhe tiravamos muitas frechadas e nunca o pudemos acertar?” Desta maneira guardou Nosso Senhor por sua misericórdia por meio do Padre Paiva os nossos; e não quis que se destruísse aquela aldeia, porque depois esteve nela o Padre Nobrega fazendo pazes com os Tamoios, muitos dos quais são agora cristãos.

Finalmente o padre Paiva, que era na idade o mais velho dos da Companhia do Brasil, depois de muitos anos de serviço de Nosso Senhor, estando na capitania do Espirito Santo, enfermou de uma doença prolongada, sem dar com ela trabalho a ninguem, e mandando-o a Obediencia que se fosse á casa de um homem muito nosso devoto a outra vila, para ver se se achava melhor, ele com a saudade da conversação dos Irmãos e desejo de outro recolhimento maior e mais necessario para tal tempo, não pôde lá aturar senão dois dias e se veio para casa, e carregando a enfermidade em que teve grandissimo trabalho e paciencia, se foi para o Senhor dia de S. Tomé, Apostolo, no ano de 1584, e jaz sepultado na nossa igreja (697).

(A. Franco, o. c., II, p. 212-4).

JOSEPH DE ANCHIETA

PADRE SALVADOR RODRIGUES

No ano de 1550 vieram de Portugal quatro Padres, três dos quais são já falecidos (698). O primeiro que foi o padre Salvador Rodrigues, foi homem de muita simplicidade e obediencia. Partindo o Padre Manuel de Nobrega da Baía para S. Vicente, o deixou enfermo e lhe disse que não morresse até sua tornada. Recebeu ele isto como mandado da Obediencia e estando depois á morte parecia-lhe que não podia morrer contra aquele mandado; até que o Padre Luiz da Grã lhe tirou o escrúpulo e lhe disse que bem podia, porque ele o desobrigava daquela obediencia, e com isso se determinou de morrer com muita alegria. Ele só era sacerdote, e contudo ficou debaixo da obediencia do Irmão Vicente Rodrigues, e dilatou-lhe Nosso Senhor a vida, até que chegou o Padre Luiz da Grã com seus companheiros que suprissem por ele. Era em particular devotissimo da Assunção da Senhora, tanto que Ascensão e Assunção tudo na sua bôca era Assunção; e ainda que muitas vezes avisado, contudo, pela muita devoção que lhe tinha, confundia os vocabulos e assim quis Nossa Senhora levá-lo no mesmo dia, porque depois de estar em cama vinte e tantos dias com muita paciencia, recebidos os sacramentos, expirou em dando meia noite, princípio do dia da Assunção de 1553. Foi o primeiro que morreu da Companhia no Brasil (699).

(A. Franco, o. c., II, p. 215).

PADRE FRANCISCO PIRES

O padre Francisco Pires sempre viveu na Companhia como todo exemplo de virtude, ocupado com o proximo em confissões, prêgações, ensinar meninos, e outros ministerios da Companhia com muito fruto. Não soube a lingua da terra, posto que lhe não faltou diligência para aprendê-la; contudo por intérprete ajudou muito os

XXXVI. — FRAGMENTOS HISTORICOS

naturais em doutrinas e principalmente em ouvir confissões, em que era mui contínuo.

Foi Superior em muitas residencias da costa e residindo em Porto Seguro, logo no princípio de sua vinda, na ermida de Nossa Senhora, que é da Companhia, que por sua ordem e de seus companheiros se fez, lhes fez Nossa Senhora mercê de abrir milagrosamente aquela fonte tão afamada por toda a costa do Brasil; em que se fizeram e fazem muitos milagres, sarando muitos de diversas enfermidades, onde vão de algumas partes da costa em romaria a buscar saúde e a acham e outros para o mesmo efeito mandam buscar água dela.

Alguns anos nos principios do Collegio da Baía foi Reitor dele e depois de andar por todas as residencias da costa exercitando os ministerios da Companhia com muita satisfação, foi ehamado de uma para o dito Collegio, e enfermou no caminho lançando sangue pela bôca, por ser já velho, fraco e consumido de trabalhos. Depois de muitos dias, que esteve com esta enfermidade no Collegio com muita paciencia e alegria e com muitos colloquios com Nossa Senhora, de que era devotissimo, morreu deixando muito edificados e consolados os Irmãos no ano de 1586 em Janeiro (700).

(A. Franco, o. c., II, p. 215-6).

PADRE GREGORIO SERRÃO

Um dos companheiros do Padre Manuel de Nobrega, que ajudaram a edificar em seus principios a casa de Piratininga, foi o Padre Gregorio Serrão, o qual entrou na Companhia em Coimbra o ano de 1550. Foi enfermeiro muito tempo com grande satisfação de todos, de muita diligência, caridade e alegria para com os enfermos, e por serem conhecidas estas partes e outras virtudes nele, o escolheu o Padre Mirão para enfermeiro do santo Padre Mestre Gonçalo (ainda que bem o sentiram os enfermos do Collegio) e companheiro de uma última peregrinação que fez a S. Gonçalo de Ama-

rante, donde tornou a Lisboa. Foi curado dele com singular diligência e caridade, até que expirou (701).

Teve depois disto Gregorio Serrão muitas enfermidades, e como lhe aproveitassem pouco os muitos remedios que se lhe faziam, por parecer dos medicos foi mandado quasi por incuravel ao Brasil em companhia do Padre Luiz da Grã o ano de cincoenta e três. Quasi toda a viagem foi enfermo, mas contudo muita parte dela teve cuidado de servir e ministrar aos Padres. Da Baía foi logo mandado a Porto Seguro, onde esteve alguns cinco meses mui enfermo na casa de Nossa Senhora da Ajuda e no cabo deles, ainda muito fraco, foi passado para S. Vicente, onde continuou com suas enfermidades algum tempo. Dando-lhe Nosso Senhor alguma melhoria, começou a ser participante dos trabalhos de Piratininga, nos quais era dos deanteiros: teve quasi sempre o cuidado de soto-ministro, cozinheiro, dispenseiro e finalmente de toda a casa. E com isso estudava latim com toda a diligência sem faltar em nada e a lingua do Brasil, a qual soube de maneira que podia ensinar a doutrina, instruir para batizar, confessar e ainda prègar.

Residiu em uma aldeia muito tempo, que se ajuntou duas leguas de Piratininga (702) com o Irmão Manuel de Chaves, aprendendo ali a lingua e ensinando os meninos da escola, passando muito frio e fome. Pela muita pobreza que então havia de mantimento e vestido, nunca trouxe mais naquele tempo que a roupeta velha sôbre camisa e ceroulas, dormindo em uma rede, tendo o fogo por cobertor. Aos domingos e dias santos lhes acudia um Padre de Piratininga a os confessar e dizer missa e algumas vezes vinham eles entre semana a ver os Indios. Nestas idas e vindas aprendia as regras da arte da lingua com grande cuidado e gôsto, para poder com ela ajudar as almas, como sempre ajudou, visitando os Indios por suas aldeias e as vilas dos Portugueses com seus escravos, prègando em portugûês, que tinha para isso grande talento, e sendo intérprete nas confissões dos escravos e das mestiças suas senhoras, e ensinando a doutrina.

Passados alguns anos nestes exercicios, foi mandado á Baía, onde tomou ordens sacerdotais e empregou seu talento com grande fruto das almas. Prègava de contínuo com grande satisfação. Foi

Reitor do Collegio muitos anos, o qual acrescentou muito no temporal com sua grande indústria e modo de tratar com os seculares, cujos animos atraía com sua caritativa conversação e afabilidade de maneira, que lhe davam muitas e grossas esmolas com que sustentava o Collegio. Era muito inteiro no seu ofício, fazendo guardar as regras e Constituições com suavidade, não se esquecendo a seus tempos da severidade. Era verdadeiramente escravo e ministro com todos. Não se satisfazia quando alguns haviam de ir fora com os mandar aviar, mas ele por sua mão lhes aviava todo o necessário, nem se esquecia de sua amada cozinha, antes muitas vezes a visitava e temperava o comer por sua mão e particularmente o fazia para os enfermos. Tinha particular cuidado de prover os Irmãos, que tratavam na conversão, visitava-os a eles e aos Indios, ajudando-os tambem a catequisar e aparelhar para o batismo. E assim de uns e de outros dos nossos e dos de fóra era amado como verdadeiro pai.

Foi eleito por Procurador para Roma no tempo do nosso Padre Everardo, o qual officio fez com muita prudencia, diligência e edificação. Por ver nosso Padre tantas partes nele o tornou a mandar ao Brasil com o cargo de Reitor do Collegio da Baía, no qual perseverou muitos anos, cada vez com mais exação de diligência e caridade, assim para os nossos como para os de fora, aos quais acudia com muita benignidade em seus negocios e necessidades, buscando remédio para os pobres e principalmente para casar órfãs, para o qual ajudavam os ricos devotos com muita liberalidade.

Tinha muita autoridade para com os Governadores e assim por seu respeito tinham muita conta com favorecer o Collegio, e o negocio da conversão e liberdade dos Indios. Finalmente em tudo os achava benevolos, cuja amizade e autoridade e dos Bispos e mais Justiças ele por todas as vias trabalhava de conservar.

Andando assim occupado nestes officios e indo uma noite em um barco a fazer uma obra de serviço de Deus e misericordia como costumava, lhe deu o ar na cabeça, de que começou a enfermar, e pouco a pouco se foi alienando, mas nunca deixou de fazer seu ofício, até que pareceu bem ao Padre Cristóvão de Gouvêa, que então era Visitador, que tinha necessidade de ajuda, a qual lhe deu substitui-

JOSEPH DE ANCHIETA

do-lhe um Padre (703), ficando ele ainda com título de Reitor; mas como a enfermidade não tinha melhoria, antes cada dia se agravava mais, o aliviou de todo.

Era ele muito escrupuloso para consigo (ainda que para os outros escrupuloso largo) e nêstes tempos que não governava tudo era entender consigo, e expedir-se de cousas passadas no mundo, muito miudas, confessando-se muitas vezes, e porque já não podia dizer missa comungando, até que lhe deu Nosso Senhor muita paz interior e ficou muito sossegado em seu espirito e de todo alienado junto com outras enfermidades velhas, que se lhe renovaram, mas sempre andou em pé conversando com os Irmãos.

Parecendo aos Superiores que se acharia melhor na banda do Sul, por ser aquela terra melhor, determinaram de o mandar ao Rio de Janeiro com esperanças de convalescer, porque ainda tinha boas fôrças. Dando-lhe o Provincial (704) a nova, respondeu ele: "Sabe Vossa Reverência como eu estou?" E dizendo-lhe: "Sim", aceitou a ida de muito boa vontade, como que estivera em todo seu siso, despedindo-se dos Padres e Irmãos com lagrimas e embarcado em companhia de outros Padres e Irmãos, foi ter á Capitania do Espirito Santo, e esperando ali por tempo para cumprir sua viagem, quis Nosso Senhor que cumprisse primeiro a de sua peregrinação, dando-lhe uma febre, a concluiu brevemente em um dia ou dois, acabando com muita paz a 25 de Novembro de 1586, tendo 36 anos de Companhia e 33 do Brasil. Jaz sepultado na nossa igreja de São-Tiago da mesma Capitania (705).

(A. Franco, o. c., II, p. 217-9).

NOTAS

(674) Pbl. no n. I dos *Materiais e Achêgas para a História e Geografia do Brasil (Informações e Fragmentos Historicos do Padre Joseph de Anchieta, S. J., p. 56-76)*, com a seguinte nota de Capistrano de Abreu: "Na *Cronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* refere-se muitas vezes o padre Simão de Vasconcelos a uns *Apontamentos* de Anchieta que serviram-lhe na confeção de seu livro. Os lugares em que os cita são: livro I, § 83, 95, 136, 169, 171, 176, 180, 184; livro II, § 25, 48, 72; livro III, § 5, 32, 71, 80, 105, 127; livro IV, § 118, 134, 135, 140, 144 e 145. Talvez ha outros que es-

capassem. Nos §§ 83 e 136, ele cita a p. 32, livro II, e p. 37 e 38 dos *Apontamentos*. Quer isto dizer que o trabalho era bastante volumoso, pois que então costumavam escrever em papel de folha, sem margens, com as palavras em breve. Na *Vida do Padre João de Almeida* diz-nos o mesmo autor que Anchieta ocupava-se de Nobrega, Leonardo Nunes, Pero Corrêa, João de Sousa, Manuel de Chaves, Gaspar Lourenço, Francisco Pires, Manuel de Paiva, Simão Gonçalves, Manuel Viegas, Gregorio Serrão e Fernão Luiz. Depois de Simão de Vasconcelos, menciona os mesmos *Apontamentos* o padre Antonio Franco em diversas passagens da *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Collegio de Coimbra*. Daí as transcrevemos, deixando de fazer o mesmo com os fragmentos publicados por Simão de Vasconcelos, por serem insignificantes umas vezes, e outras não ser facil saber-se se as citações são tiradas dos *Apontamentos* ou se de outros escritos. Segundo Franco, foi levado de Fernão Cardim o exemplar que ali encontrou (o. c., II, p. 192)". Os *Apontamentos*, como observa ainda Capistrano, são de data posterior a 25 de novembro de 1586, pois noticiam a morte, nesse dia, do padre Gregorio Serrão.

(675) Cf Nobrega (*Cart.*, VI): "Se El-Rei determina aumentar o povo nestas regiões, é necessario que venham para se casar aqui muitas órfãs e quaisquer mulheres ainda que sejam erradas, pois tambem aqui ha várias sortes de homens, porque os bons e ricos darão o dote ás órfãs". Sôbre as que vieram com Mem de Sá e Estacio de Sá, e no Brasil se casaram, há várias referencias no *Instr. de serviços* do terceiro governador ("An. da Bibl. Nac.", XXVII, p. 129 e s.). — A Gregorio Serrão attribui tambem Anchieta o casamento de muitas órfãs.

(676) *Livros dos Reis*, II, cap. XXI.

(677) Cf. *Inf. dos prim. aldeiam*.

(678) Cf. carta XI e nota 170.

(679) E' difficil identificar o "poderoso", ouvidor da capitania, a que se refere Anchieta. O capitão-mór, ao tempo da estada de Mem de Sá em São Vicente (1560), era Francisco de Moraes Barreto (B. Calixto, *Capitan. Paul.*, p. 182 e 186).

(680) Devem ser os que Nobrega, em carta de 1552 ao provincial português (o. c., XI), prometia enviar no ano seguinte com o governador Tomé de Sousa.

(681) Narra S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, n. 79-80) que, em 1560, depois da primeira luta do Rio de Janeiro, entrou para a Companhia um morador de São Vicente, que muito se havia distinguido combatendo os francezes. O filho, Bartolomeu Adão, recebido em São Vicente por Manuel da Nobrega, "estudou gramatica, entrou na Companhia, perseverou na Religião até o fim do curso da Filosofia, e acabado este concluiu o da vida, com alguns principios já da Teologia, e com venturosos sinais da sua salvação". Faleceu na Baía, quando seu pai Adão Gonçalves e Anchieta se encontravam no Rio de Janeiro. E' possivel, pois que seja Bartolomeu Adão o "moço de boa habilidade", a que se refere o canarino.

(682) Cf. Nobrega (o. c., X e XV). Ao Collegio de São Vicente fez o irmão Pero Corrêa doação de terras e vacas, em 1553. — Quando reitor da

JOSEPH DE ANCHIETA

Baía, Gregorio Serrão igualmente angariou “muitas e grossas esmolas” para sustento do Collegio.

(683) O auto da *Prêgação universal* foi escrito por Anchieta para ser representado em São Vicente, a 31 de dezembro, véspera da Circuncisão. O caso da nuvem, que pairou sobre o local do espetáculo sem deixar cair uma só gota enquanto este não terminou, é citado entre os milagres do canarino (P. Rodrigues, *Vida de Anch.*, l. c., p. 210; *Primeiras Letras*, pbl. da Academia Brasileira, Rio, 1923, pref. de Afranio Peixoto, p. 17).

(684) O proprio Anchieta, como já se viu na carta XV.

(685) V. carta XI.

(686) Dessas palavras de Anchieta pode-se deduzir que era ele proprio o irmão com quem se passou o caso narrado.

(687) Santo André da Borda do Campo, só mudada para Piratininga em 1560.

(688) Cf. S. de Vasconcelos (o. c., l. 1, n. 198-200). Grã chegou a São Vicente em 15 de Maio de 1555.

(689) Anchieta se refere á sua ida com o padre Gonçalo de Oliveira de São Vicente para o Rio de Janeiro, em 1567, no refôrço de indios e mamalucos enviado com a frota de Estacio de Sá. — V. nota 666.

(690) Anchieta, certamente.

(691) Manuel da Nobrega faleceu no Collegio do Rio de Janeiro a 18 de outubro de 1570. O padre Antonio Franco, na *Imag. da virt. em o novio. da C. de J. no Col. de Coimbra*, foi quem melhor traçou a biografia do grande jesuita. Pode ser lida nas *Cartas do Brasil* cit., p. 21-69.

(692) Padre Afonso Braz.

(693) Aldeia de Nossa Senhora da Conceição.

(694) Sobre Diogo Jacome, v. nota 22.

(695) Anchieta.

(696) Caso ocorrido, na Baía, logo depois da chegada de Paiva ao Brasil, em 1550 (S. de Vasc., o. c., l. 1, n. 83).

(697) Sobre Manuel de Paiva, v. nota 17.

(698) Com a armada de Simão da Gama, chegaram á Baía em 1550 os padres Afonso Braz, Salvador Rodrigues (falecido em 1553), Manuel de Paiva (falecido em 1584) e Francisco Pires (falecido em janeiro de 1586). Assim, ao tempo em que Anchieta escreveu os *Apontamentos*, só o primeiro era ainda vivo.

(699) Sobre o padre Salvador Rodrigues, v. nota 397.

(700) Sobre o padre Francisco Pires, v. nota 18.

XXXVI. — FRAGMENTOS HISTORICOS

(701) Refere-se Anchieta ao padre mestre Gonçalo de Medeiros, que morreu na casa de Santo Antão de Lisboa, em abril de 1552.

(702) Jeribatiba, aldeia do principal Caubí.

(703) Luiz da Fonseca.

(704) Anchieta, que era então o provincial, profetizou a sua sepultura na igreja de São Tiago do Espirito Santo, ao lado da de Gregorio Serrão, quando se despediu dêste na Baía. P. Rodrigues (*Vida de Anch.*, l. c., página 225), narra assim o caso: "Muitos anos antes sendo (Anchieta) Provincial, estando no Collegio da Baía, avisou ao padre Gregorio Serrão que havia de ir para o Rio de Janeiro. Disse o padre, por estar doente: "Sabe Vossa Reverência como eu ando?" Respondeu o padre José: "Se sei". "Contudo isso me manda". Respondeu: "Sim". Acrescentou o padre: "Bota-me de si". Acudiu o padre José: "Isso não. *Vade frater quia postea locus, nos conjunget*". E assim aconteceu, que o padre Gregorio Serrão faleceu na casa do Espirito Santo, e está enterrado na capela junto dele, cova com cova".

(705) Sobre Gregorio Serrão, v. nota 23.

Sermões

XXXVII

SERMÃO DE 1567 (706)

Dominga 20 post Pent. 26-X-1567
— Sancti Vincenti.

JESUS, Maria.

Domine descende, priusquam moriatur filius meus.

Ha um pai rico e poderoso, que tem um filho que muito ama, a quem ha de deixar por herdeiro de seus bens, o qual pretende que seja virtuoso e saiba estimar a fazenda, que lhe tem ganhada e empregá-la bem em boas obras e chegar a ser homem, que saiba reger casa e familia com siso e prudencia; se vê que o muito mimo lhe faz mal e a muita fartura e abastança de riquezas e boa vida que tem com ele, é cousa de se perder, manda-o fóra a terras estranhas, onde padeça fomes, trabalhos e muitas necessidades, pelos quais venha a conhecer e sentir a falta que lhe faz seu pai, e quanto lhe custou ganhar-lhe fazenda, e deseje tornar a ele.

Deus Nosso Senhor, pai nosso tão rico e tão poderoso, tinha um filho, que muito amava, que é o homem, ao qual havia de fazer herdeiro de todos os seus bens na glória, que é dar-se-lhe a si mesmo, que é todo o bem. Tinha-o posto em muito mimo no estado de innocencia, dando-lhe toda a abastança de riquezas temporais, sujeitando-lhe todas as coisas ao seu mandado e fazendo que todas lhe obedecessem; dando-lhe todas as graças e dons espirituais, com que soubesse reger-se a si e a todos os que dele haviam de vir. Não soube este filho aproveitar-se de tanto mimo e riquezas, que tinha naquele estado; antes deitou-se a perder, ensoberbecendo-se com elas. Que remédio? Manda-o Deus a terras estranhas, lança-o fora daqueles

mimos que tinha no paraíso terreal, para que *in sudore vultus sui* com esse seu pão, e a terra *spinas et tribulos germinaret*, e comesse a sentir fome e sede, frio, calmaria e outras necessidades, para que, já que naquele primeiro estado, com a muita fartura não soube conhecer a grande liberalidade e bondade de seu pai, agora com as muitas necessidades e trabalhos conheça a mingua, que lhe faz, e sinta de verdade que sem ele não pode viver e trabalhe por se pegar a ele em tudo.

Por aqui poderemos entender quão grande é o proveito, que causam os trabalhos e necessidades aos amigos de Deus, pois os fazem chegar-se mais para ele; porque, ainda que é verdade que todos os trabalhos e misérias, que padecemos nesta vida, nos vieram pelo pecado de Adão, que foi a primeira causa dele, e depois pelos nossos, que foram a causa de se acrescentarem, todavia Deus Nosso Senhor, como é autor de todo o bem e *non secundum peccata nostra fecit nobis*, ao menos enquanto vivemos, porque sempre nos espera a penitência, todos estes males e penas nos converte em bem, dando-nos para por eles nos livrar do mal maior de todos, que é o pecado, e da pena do inferno, que por ele justamente se merece.

No qual claramente nos mostra suas misericordiosas entranhas o amor de pai, como ele mesmo nos diz na Sapiência: *Quis est filius, quem non corripit pater: ac si diceret*: Sabeis homens porque vos castigo? porque vos tenho por filhos, criados á minha imagem e semelhança, e sou vosso verdadeiro pai, que vos amo eternamente. É este amor, que vos tenho vos amostrado em vos castigar e dar trabalhos nesta vida, *quia ego quos arguo et castigo*. Aos que amo e tenho guardados para minha glória, a estes repreendo eu de seus vícios e pecados; a estes dou eu açoites e castigos, mas porém é castigo de pai para filhos, que tudo procede de amor; e não pretende matar-nos, mas dar-nos vida eterna. *Percutiam et ego sanabo*, diz ele; ferirei e eu mesmo sararei.

Sabeis, meus irmãos, para que vos fere Nosso Senhor? Para vos sarar. Fere-vos com perdas temporais da fazenda, para que trabalheis por não perder os bens eternos, de que vos quer fazer herdeiros no céu; permite que sejais afrontados e vos venha alguma deshonra, para que não vos fieis das honras do mundo, que é falso,

e honra para deshonrar e cuideis quanta maior deshonra será serem descobertos todos os nossos pecados diante de todo o céu e a terra no dia do juízo e dali virdes ter aquela deshonra eterna do inferno, e ser pisados debaixo dos pés dos demonios. E com medo disto, como diz David, *imple facies eorum ignominia et quaerent nomen tuum, Domine*, vendo-vos afrontados do mundo e com o rosto cheio de vergonha, busqueis o nome e honra de Deus Nosso Senhor, guardando seus mandamentos, que é a verdadeira honra e caminho certo para alcançar a honra eterna do céu. *

Fere-vos com enfermidades e doenças para que escapeis daquela doença incurável do inferno, *ubi nulla est redemptio*, onde não ha mézinha nem remédio, para que vendo-vos enfermos, cercados de dôres e angústias e cheios de chagas, cuideis nas chagas, que têm feito os pecados em vossa alma e comeceis a gritar com dôres de contrição e arrependimento deles, *miserere mei Domine quoniam infirmus sum, sana me Domine*; e corraís a buscar o remédio deles a Cristo Nosso Senhor; que para isso vos deu esta doença, para que, já que não sabeis conhecer o bem, que tendes quando vos dá saúde, antes usais dela para ofensa do Senhor, que vo-la dá, ao menos na doença vos saibais tornar a ele e alcançar perdão de vossos pecados, e dali em diante tragais sempre na mente o que ele disse a um enfermo, *ecce jam sanus factus est, noli amplius peccare, ne tibi aliquid deterius contingat*. Não te torne a dar outra doença de que não mais te alevantes, deixando-te encher de chagas ou outra coisa semelhante e o que é mais para sentir, não vos dar contigo naquele poço de doenças e abismo de misérias e penas infinitas para sempre.

Finalmente todos os trabalhos e necessidades de qualquer maneira, que sejam, que vos permite vir nesta vida, são feridos de sua piedosa mão, que procedem do infinito amor, que nos tem e desejo de nos salvar, para que por elas conheçamos as feridas da alma e tratemos de as curar, chegando-nos a Cristo Nosso Senhor, verdadeiro médico e pai nosso, que, ainda que seja a poder de pancadas e de nos dar muitas feridas, nos quer levar á glória e dar-nos a eterna saúde. Como um cirurgião, que dá um botão de fogo a seu filho, ou lhe corta uma mão em que entram érpes, o qual, ainda que pareça crueldade, não é senão grande misericórdia e amor, pois com

aquela ferida lhe sara todo o corpo e de maneira que os trabalhos e misérias desta vida, doenças, perdas e outros castigos de Deus para nosso bem nos são dados e mostras são do amor, que nos tem Nosso Senhor se queremos ser seus verdadeiros filhos e com semelhantes castigos entrar em nós, deixando os pecados, que Deus aborrece e tornarmo-nos a ele de verdade, guardando seus mandamentos, como fizeram muitos, Esequias, Manassés, Jonas, etc., os quais *appropinquaverunt usque ad portas mortis et clamaverunt ad Dominum*, etc.

Mas tomemos o exemplo, que temos entre as mãos, dêste régulo do qual diz o Evangelho *quod venit ad Jesum et deprecabatur eum ut descenderet et sanaret filium ejus, incipiebat enim mori*. Muitos dias havia que êste régulo tinha ouvido a fama de Cristo Nosso Senhor e que tinha feito o milagre do vinho nas bodas e outras coisas, que se prêgoavam de suas grandes virtudes, *quia exierat opinio ejus in universam Syriam*, que era uma região tão grande. Mas nada disto afastou para o trazer deante de Cristo Nosso Senhor, ainda que cria que era algum profeta. E, porém, como se viu ferido, vendo seu filho á morte, logo correu a Cristo pelo remédio.

No qual se nos dá a entender que muitos cristãos ha no mundo ou por melhor dizer, a maior parte deles *et ex nobis* os quais muito tempo ha que têm ouvido a fama de Cristo Nosso Senhor, pois desde a sua meninice beberam a fé com o leite, que mamaram, e sem saber que é ele Deus verdadeiro feito homem por seu amor, bem sabem que morreu na cruz com grandissimos tormentos polos salvar, bem sabem que é o paraíso para os bons e inferno para os maus, bem ouvem contar os seus milagres e vida nos pulpitos, e porém estão tão descuidados que cuidam que não lhes toca isto nem falam com eles; e deixam-se estar em pecado um ano, e dez e vinte e mais, sem se chegarem a Deus Nosso Senhor, sem cuidarem de amar sua bondade, tão imensa e tão digna de ser amada, sem lançarem mão de seus santos mandamentos para os guardar e com eles honrar a sua divina magestade, até que lhes dá Nosso Senhor um açoite, acham-se numa doença perigosa, vêm-se ás portas da morte, então se chegam e vêm correndo a Cristo Nosso Senhor, a pedir-lhe remédio para seus males e perdão de seus pecados; então determinam de mudar de vida, e viver como homens, que hão

de morrer e ir viver no céu ou morrer no inferno para sempre.

Mas aviso-vos, irmãos, que assim como isto é grande misericórdia de Cristo Nosso Senhor, que usa convosco, assim é grandíssima ingratidão do pecador, que se esquece dela e se torna á sua má vida. E' logo necessario e mui grande remédio para isto lembrarmo-nos sempre do *incipiebat enim mori*. E' necessario que cada um de nós se ponha a cuidar no tempo em que Deus Nosso Senhor lhe deu algum agoite dêstes com que o fez tornar a si. Quando eu estive á morte de tal doença, em que já não fazia conta da vida, quando me achei em tal tormenta ou perigo no mar, em que já estava com alma no papo e tudo dava já por acabado, quando em tal guerra estava cercado e quasi tomado dos inimigos sem esperança de poder escapar, quão grande sentimento tinha de me ver cheio de pecados e vazio de boas obras, quão grande dor tinha de haver vivido mal, com quão grandes e verdadeiros propositos estava de me emendar e viver bem, se Nosso Senhor me livrasse daquella trago, *incipiebam enim mori*, pois porque me esqueço agora daquella tempo e daqueles tão bons propositos, pois sou certo que me hei de tornar a achar em outros tais, pois que um dia ou outro hei de morrer, pois porque me não confesso, porque não faço agora boas obras e trabalho de estar sempre em graça e amizade com Deus que me ha então de valer mais que todo mundo!

Incipiebam mori. Grande mercê de Deus dar a conhecer a uma alma que começa já a morrer e ditosa quando o conhece todalas vezes que Nosso Senhor dá conhecimento de um mau caminho, que levavamos, em que vamos perto de fazer algum pecado mortal ou receber algum dano notavel, tantas vezes me dá a entender isto, *incipiebat mori*. E é de grande misericórdia sua. Quantas vezes acontece a uma alma temente a Deus *incipiebat mori, quia initium vitae est initium mortis* que trabalha por guardar seus mandamentos e antes morrer que quebrantar nenhum deles quantas vezes lhe acontece descuidar-se de Deus e fazer pouco caso das coisas pequenas, senão quando se acha quasi quasi nas grandes. Exemplo: começa a tomar conversação com uma mulher ainda que seja com mui boa intenção e sem nenhum mal; senão quando ele por descuido e pouco caso que fez disso, começa a sentir em si maus pen-

samentos, começa já a olhá-la ou ela para ele com olhos pouco castos, começa a desmandar-se em risos e palavras; e o diabo atiga por sua parte quanto pôde; a carne pela sua. Todavia como ele traz o tento de sua alma posto em não fazer nenhum pecado mortal, torna em si pela bondade do Senhor e larga a tal conversação, dizendo comsigo, *incipiebam mori*, eu já começava a morrer, perto estava de fazer algum grande mal ou pelo menos consentir num pecado mortal e dar escandalo com minha muita conversação. *Nisi quia Dominus adiuvit me paulo minus habitasset in inferno anima mea. Incipiebam enim mori.*

A um religioso que deve de fiar ainda mais delgado, que deve de trazer o tento não sòmente em não pecar mortalmente mas também em andar dependendo da vontade de Deus, desatado de toda a afeição da terra e atado com ele sòmente, muitas vezes cuidara que tudo estava em paz dentro de sua alma e que não mora nela nenhuma outra afeição senão o amor de Deus. E, porém, ele estava afeiçãoado a se confessar ou prègar e ser conhecido do povo. Mandado-o seu superior á cozinha e que não entenda mais em confissões (707). Então sente a ferida e lhe dói muito tirarem-no do fôro em que estava posto e então conhece o laço que lhe tinha sua soberbia armado de dentro e começa a dizer *incipiebam mori*. E ele estava afeiçãoado e tinha lançadas raizes na terra com devotos e amigos. Mandam-no mudar para outra parte. Sente nisso trabalho; e então conhece que nem tudo era Deus; torna em si, dizendo, *incipiebam enim mori*. Tinha dentro de si criado um desgosto de um seu irmão; não o tinha ora em tanta conta; não lhe pareciam muito bem as suas coisas. Ordena a divina providência que lho façam seu Superior. Começam então a descobrir-se os desgostos que antes não se sentiam; faz-se-lhe de mal sujeitar-se a ele; parece-lhe desordenado e de má condição, e que basta para fazer perder o siso aos outros e dar com eles fóra da religião. Então cai na conta e conhece quão longe estava da verdadeira humildade e caridade e começa a dizer: *incipiebam mori*, etc., e corre com grande pressa a Cristo Nosso Senhor, cuidando de raiz em suas grandes virtudes e abraçando-se com ele, dizendo-lhe com David, *quia mihi est in cælo et a te quid volui super terram?* Ah, triste de mim, quão enganado vivia,

que cuidava que não havia outra coisa em minha alma senão o vosso amor, meu Deus, e que todo estava já metido no céu, e, porém agora vejo que *quid mihi est in cælo!* Vejo que não tenho lá nada, pois não vos amo a vós puramente sem outra mistura das criaturas e de meu proprio amor: *Et a te quid volui super terram?* Que coisas andava eu amando sôbre a terra, sem vós e fóra de vós, pois me traziam roubado meu amor e meus apetites e afeições; estava namorado da minha soberbia e propria estimação e cuidava que vós só ereis o amor de meu coração, que o tinheis todo ocupado. *Incipiebam mori*, meu Senhor, se me não acudíreis com a vossa divina graça.

Desta maneira se acolhem a Cristo Nosso Senhor os que se sentem em semelhantes necessidades, como fez êste régulo, vendo seu filho á morte. Mas vejamos que lhe respondeu Nosso Senhor, em que lhe acudiu.

Nisi signa et prodigia videritis, non creditis. Dixit in illa. Nosso Senhor com ele, e mudou-lhe a prática; e enfim não quer ir com ele a curar-lhe o filho, mas de cá lho sara, dizendo-lhe: *Vade, filius tuus vivit*. Do centurio escreve S. Mateus, que indo pedir remédio para um seu criado, que estava doente, logo se ofereceu Nosso Senhor: *Ego veniam, et curabo eum*. E era a êste régulo, que era uma pessoa tão poderosa, que lhe pedia que fosse sarar seu filho, não quer ir.

Usou Nosso Senhor com cada um dêstes segundo a fé, que tinha. Ao centurio, porque cria, bastou uma só palavra de Cristo, como ele disse: *Domine, non sum dignus*, etc., oferece-se para ir com ele a sua casa, porque sua grande fé o merecia. E ao régulo, porque cria que Nosso Senhor não podia sara, se não estivesse presente, porque o não tinha mais que por um homem santo, não quer ir com ele, mas de cá lho sara, para que creia que é verdadeiro Deus, que em todas as partes está presente. E assim foi que com isto acabou aquele de crer, vendo que naquela mesma hora sarara, em que lhe disse Nosso Senhor: *Vade, filius tuus vivit. Credidit ipse et domus ejus tota*.

Outra causa por que Nosso Senhor se houve desta maneira com

êstes dois homens, (como diz S. Gregorio) é porque nos quis ensinar a ser humildes e que não desprezemos os baixos. Como quer que Cristo, filho de Deus, venha a abaixar a soberbia dos homens e dar-lhes exemplo de toda a humildade em si mesmo, em tudo lhe quis dar, a um filho de um régulo, um homem tão poderoso, que lhe estava pedindo, não quer ir; e a um servo do centurio, que era um homem muito mais baixo, oferece-se de muito boa vontade, *quia excelsus Dominus et humilia respicit et alta a longe cognoscit*. Altissimo é o Senhor e olha para os baixos e folga de conversar com eles e servi-los; e os altos, os que cá na reputação do mundo são tidos por grandes, *a longe cognoscit*; de longe, não cura muito da sua conversação. Para que entendam os homens sua grande soberbia e se envergonhem deante de Deus; pois sendo tão baixos como são, que não são mais que *pulvis et cinis*, se querem subir sobre eles, *egentes, angustiat, afflicti, quibus non erat mundus*, diz S. Paulo. Não merecem os mundanos, não são dignos mundanos soberbos, de ter em sua companhia aos pobres necessitados, angustiados, afligidos com fomes e trabalhos, porque êstes são mui grandes e de muita estima aos olhos de Deus.

Outra causa vos direi eu porque de tão boa vontade se oferece ao servo e não quer ir ao filho do régulo. Sabeis qual é? Porque *omne animal diligit simile sibi*; porque era seu semelhante, era servo como ele. Semelhante era Cristo Nosso Senhor a êste filho do régulo, pois era verdadeiro e natural filho de Deus Padre, Rei dos céus, *cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo*. Mas, porém, depois que tomou carne humana, depois que por amor do homem, que era escravo do diabo, se abaixou tanto que *exinanivit semetipsum formam servi accipiens*, todo o tempo que andou neste mundo encobrindo a forma de filho de Deus, não se tratando como Rei nem como filho de Deus, que era; e mostrou sempre por fóra a forma e semelhança de escravo, que tinha tomada, tratando-se como escravo, servindo como escravo, sujeitando-se a todos como escravo, *quia filius hominis non venit ministrari sed ministrare*, dizia ele. Eu que sou verdadeiro homem e filho de mulher, não vim ao mundo a tratar-me como Deus e ser servido como filho de Deus, essa imagem e forma de filho de Deus a tenho, e não uso agora dela, não vim

senão a servir e a tratar como escravo, pois tomei forma de escravo, por fazer senhor ao homem, que era escravo do pecado.

Esta é a causa porque Cristo Nosso Senhor deixou de ir curar o filho do rei e se ofereceu tão liberalmente para ir sarar o escravo, para condenar a negligência dos homens do Brasil que tão pouco caso fazem de seus escravos, que os deixam estar amancebados e morrer ás vezes sem batismo e sem confissão, e para que saibamos estimar as coisas segundo seu valor, não olhando no escravo, que é boçal e bestial e que me custou meu dinheiro, senão vendo nele representada a imagem de Cristo Nosso Senhor, que se fez escravo para salvar este escravo e me servir como escravo trinta e três anos, por me salvar a mim, que era escravo do diabo, para que eu também me faça agora seu escravo, trabalhando por seu serviço, em salvar-me a mim e a alma do meu escravo.

De maneira que por estas causas todas se estava Nosso Senhor excusando de ir com êste régulo a sarar seu filho, e também para que ele o desejasse mais e o pedisse com maior efficacia, como fez, dizendo-lhe: *descende prius quam moriatur filius meus*.

O' que petição esta tão justa e tão necessaria para nosso remédio e saude! Vai-nos tanto em descer Cristo Nosso Senhor, que sem isso não podemos sarar. Vejamos, pois, quem é êste régulo e seu filho e como desceu o Senhor a o sarar.

Êste régulo é nosso primeiro padre, Adão, o qual foi criado no estado de inocencia, como rei e senhor de todas as coisas corporais, e cheio de todas as graças espirituais. E porém chama-se régulo em comparação dos anjos, *quia minuisti eum paulo minus ab angelis*. Seu filho é todo o genero humano que dele procedeu. Não se contentou com ser régulo; quis ser não sòmente tão grande como os anjos, mas ainda igual ao mesmo Deus. *Ecce Adam, factus est quasi alter ex nobis*, etc. Caiu e foi causa que caisse todo o gênero humano, e enfermasse êste seu filho..

E sabeis quem lhe fez êste mal? Outro régulo como ele, Lucifer, que sendo um anjo tão excelente, não se contentou com isso, mas ensoberbecido, quis se levantar e ser *similis altissimo*. E caiu; e de rei que era, ficou régulo, ficou feito cobra e basilisco peçonhen-

to, que isto quer dizer régulo, do qual se diz no Genese *coluber in vias, regulus in semita (juxta translationem D. Jeronymi, juxta Vulgatam et) mordens ungulas equi ut cadat ascensus ejus retro. Salutare tuum expectabo Domine, etc.*

Esse cavalo é nosso padre Adão, o qual como é um cavalo poderoso e gordo, cheio de todos os dons e virtudes foi posto por mão de Deus no paraíso terreal. O cavaleiro, que andava em riba dele, era todo o gênero humano, o qual andava sobre seu pai, porque toda nossa substância estava ainda nos lombos de Adão, pois dele havíamos de proceder e ser gerados. Vendo-o aquele maldito régulo e basilisco de Lucifer tão poderoso, e que era criado para lhe suceder nas cadeiras, que ele perdeu no céu, cheio de inveja e peçonha infernal, vai-se ao caminho, *coluber in vias, et regulus in semita*, a lhe fazer cilada, para o morder.

Êste caminho era o mandamento, que lhe Deus tinha posto, *ex ligno scientiae boni et mali non comedes*, pelo que Adão havia de andar para poder chegar á glória. A êste caminho vai o diabo esperar para lho fazer traspassar e dar com ele d'avêssô, para que não possa ir adeante até á gloria; *mordens ungulas equi*, dá-lhe uma dentada nos pés de suas afeições e desejos. E sabeis que dentada? *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum*. Move-o a desejar de ser maior e querer ser semelhante a Deus. Com a dôr desta dentada, com o desejo de subir e ser grande, com esta peçonha que lhe deu logo no coração, deu um salto tão grande e tão descompassado êste cavalo de nosso primeiro padre, que passou fóra do caminho, quebranta o mandamento de Deus, *et cadit ascensor ejus retro*, dá com o cavaleiro no chão, perdendo a graça, e dando causa que seu filho, o gênero humano, ficasse sem ela. E ficou tão maltratado desta quéda que não teve outro remédio para sarar, senão *salutare tuum expectabo Domine*. Bradaram tanto tempo os santos Padres por êste Salvador, estavam-lhe sempre dizendo: *Domine descende, priusquam moriatur filius meus*. Assim que foi forçado a descer a o salvar.

E para que vejais mais claro como desceu, ouvi uma história que se escreve no 4º livro dos Reis, do Eliseu e Sulamite. *Venit ad viam Dei in montem, et apprehendens pedes ejus, non dimittam te. Incubuit super puerum et posuit os suum super os ejus, et oculos suos*

super oculos ejus, et manus suas super manus ejus et incurvavit se super eum etc. Caput meum, caput meum.

Este menino inocente é o gênero humano, o qual sem culpa propria estava morto e privado da graça divina e da entrada da gloria, o qual bem sentia ele, que se queixava na *caput meum, caput meum*, dando a entender que a doença da cabeça lhe procedia de nosso padre Adão, que dessa cabeça nos veio todo o nosso mal, pois que por seu pecado morremos todos. A cobra mordeu a ele e a peçonha espalhou-se por todos os membros do corpo.

Está morto o menino; vai-se sua mãe ao monte, ao profeta Eliseu *et apprehendit pedes ejus etc.*

Estava morto o gênero humano por culpa de seu pai Adão; os santos Patriarcas e profetas, que foram como uma mãe que o criaram sempre com o leite da doutrina e conhecimento de Deus vão-se ao monte do céu e lançados aos pés do filho de Deus, verdadeiro Eliseu, outra coisa faziam senão rogar-lhe que descesse já a o sarar, estando sempre repetindo com grandes desejos, *Salutare tuum expectabo, Domine*, até se chegar ao tempo da gloriosa Virgem Maria, a qual como nossa verdadeira mãe, que nos havia de parir com tantas dôres ao pé da cruz, quando lhe havia de dizer: *Mulier, ecce filius tuus*, que havia de ser muito mais que todos os Padres antigos continuamente ao alto monte do céu, e *apprehendens pedes ejus*, abraçada aos pés da Divina Misericórdia, vendo que o régulo e basilisco tinha mordido a Adão nos pés, enchendo-o de soberba e por ali o tinha empeçonhento a ele e á sua geração, faz-se a mais humilde e mais baixa mulher do mundo, pedindo a Deus misericórdia e dizendo-lhe: *Descende, priusquam moriatur filius, non dimittam te*; até que desçais a lhe dar remédio. Tanto chorou a Santíssima Virgem, tanto se humilhou esta nossa piedosa mãe, até que *respexit humilitatem ancillae suæ*, e desce a salvar o gênero humano.

Entra Eliseu em casa daquela mulher, fecha a camara, põe-se sobre o menino boca a boca, *et incurvavit se*, etc. Desce o filho de Deus do monte do céu e entra em casa da gloriosa Virgem que lhe estava importunando, fecha a camara de seu sacratissimo ventre, sendo concebido nela sem corrupção de sua pureza virginal, ficando sempre fechadas as portas da sua virgindade: *Et incubuit su-*

per puerim, deita-se sôbre o menino, que estava morto, fazendo-se menino pequenissimo, encerrando-se e encolhendo-se todo sôbre ele, de maneira que, assim como Eliseu ficou tão pequenino como o menino que se deitou sôbre ele e o menino ficou tão grande como o Eliseu, assim tomando Deus carne humana ficou Deus tão pequeno como o homem e o homem tamanho como Deus, pois ficou concebido Cristo Nosso Senhor, Deus e homem, homem e Deus.

E ainda isto pareceu pouco á sua imensa bondade e misericórdia para sarar êste enfermo e ressuscitar êste morto, mas além disso põe seus olhos sôbre os olhos do menino e cobrindo com seus misericordiosos olhos os pecados que o gênero humano tinha cometido com os seus e cobrissem com um pano de Caifaz, põe sua divina bôca sôbre a bôca do menino, não sômente bafejando-lhe nela o bafo de sua doutrina, que é palavra de vida e dando-lhe seu santo e divino amor, mas também encobrimdo com ela as muitas blasfemias e pecados que haviam saído pela bôca dos homens, bebendo o fel e vinagre de tantas e tantas amarguras que eles mereciam padecer, põe suas divinas e inocentes mãos sôbre as mãos do menino, encobrimdo os muitos e grandes pecados que o gênero humano tinha feito com as suas, fazendo ele a penitência, com aqueles duros pregos, que lhas traspassaram com grandissima dôr e crueldade. Finalmente ficou David, *scuto circumdabit te veritas ejus*. Deus, que é verdade eterno como um escudo, recebendo em si todos os golpes e feridas, que houveram de cair sôbre nós, do qual escudo tinha já profetizado David, *sento circumdabit te veritas ejus*. Deus, que é verdade eterna, que não pode mentir, que tem prometido de salvar o gênero humano, ele te cobrirá com um escudo, e dando-lhe seu proprio Filho, o qual como escudo grande e fortissimo receberá sôbre si todos os golpes que tu haverás de levar por teus pecados, *et scapulis suis obumbrabit tibi*; far-te-á sombra com suas costas para refrigerio de tua febre, guardando-te do sol e quentura da divina justiça, que te houvera de queimar para sempre, recebendo ele sôbre elas todos os açoites e castigos para te acabar de sarar, *quia ejus livore sanati sumus*.

Vêdes aqui o régulo, que pede saúde para seu filho doente; vêdes aqui Adão, que não se contentou com ser régulo e quis-se

fazer maior rei e semelhante a Deus; vedes aqui o cavalo gordo, mordido daquele régulo e basilisco infernal, que deu com o cavaleiro no chão, *et cecidit ascensor ejus retro*; vedes aqui *salutare tuum expectabo, Domine*. Já chegou o Salvador nosso, o nosso salvar; já desceu Eliseu do monte a se pôr sôbre o menino, tomando carne humana para nos ressuscitar da morte; já o sarou com os seus açoites e tormentos. *Hora septima reliquit eum febris* ao filho do régulo, que é uma depois do meio dia até ás 3, porque aquelas horas esteve Cristo Nosso Senhor dependurado na cruz, por salvar o gênero humano. E fica posto sôbre ele, como escudo, para o amparar e defender.

E contudo não se pode deixar de ter grande mágua e sentimentos e devera eu de dizer isto com muitas lágrimas e dôr de meu coração, ver sua cegueira e ingratidão, os quais ás abenças dêste escudo cuidam que podem fazer todos os males, sem por isto lhes vir nenhum mal, ás abenças da paixão de Cristo Nosso Senhor, não fazem senão pecar dizendo, pelos pecadores morreu Cristo, sempre está como os braços abertos esperando a penitência; bom escudo tenho sôbre minhas costas para me defender dos golpes da ira de Deus.

Ai, irmão que te engana o diabo! Mordeduras são essas da-quele régulo e basilisco infernal, com que tem sua alma cheia de peçonha. Olha que Cristo Nosso Senhor, ainda que morreu por todos, não ha de salvar a todos, *quia positus est in ruinam et resurrectionem multorum?* para ressurreição dos que dela se quiserem aproveitar e para quêda dos que ás abenças dela não fazem senão pecar. Afirma-se em verdade, irmão, creia-me porque te digo com totalas entranhas de meu coração pela paixão de Cristo Nosso Senhor, quanto mais tempo te espera a penitência tanto mais gravemente te ha de castigar se a não fizeres; afirmo-te em verdade que ainda que sempre está com os braços abertos, muitas vezes não quer dar ajuda ao pecador, e o deixa viver e morrer em seus pecados, porque não é justo que Cristo Nosso Senhor com a sua paixão ajude e haja misericórdia daqueles que ás abenças dela lhe estão fazendo mil injúrias. Olha, irmão, que êste escudo não se ha de durar mais que nesta vida e que depois da morte to hão

de tirar, e então *gladius meus devorabit carnes de cruore occisorum et de captivitate mundati inimicorum capitis*, diz Deus. Minha espada tragará carne de pecadores e se fartará do sangue dos mortos e cortará á sua vontade pela cabeça descoberta e nua dos meus inimigos. Então terão os maus a cabeça descoberta porque todos os seus pecados que agora a misericórdia cobre com o escudo da sua paixão então serão manifestos a todo o mundo. Terão a cabeça descoberta, porque não os ha de então cobrir a paixão de Cristo Nosso Senhor, nem lhes ha de valer. E eles vos apontarão nela os crueis golpes da espada da ira de Deus, que os despedaçará para sempre com tormentos infinitos, que é a pena. Então terão a cabeça descoberta, porque o diabo, que cá nessa vida tiveram por sua cabeça e por seu senhor, então estará sempre diante de seus olhos, espantando-os com sua terrível figura, e Cristo Nosso Senhor verdadeira cabeça dos escolhidos, se lhes esconderá e perderão a vista de sua face e carecerão dele para sempre, que é a *pena Domini*, que chamam os teólogos, que será remate de todos os seus males.

Nisto vêm parar os pecadores, que agora pecam mui soltamente ás abengas do escudo da paixão e misericórdia de Cristo Nosso Senhor. Pois quê remédio? Não havemos de confiar em sua paixão? Dessa maneira desesperaremos se nos faltar esta confiança. Confiai muito embora, que sem ela não teremos vida nem saúde; mas seja como fizerdes isto, que pede o régulo: *Descende, priusquam moriatur filius meus*.

Queres, irmão, que te aproveite a paixão de Cristo Nosso Senhor? *Descende, priusquam moriatur filius tuus*, antes da morte, antes que morra êste teu corpo, que tens mimoso como filho. Desce da tua soberba, humilhando-se aos mandamentos de Deus, desce de teus pecados, em que anda alevantado e ensoberbecido, porque em todos os pecados ha soberba, porque em todos eles se levanta um homem com a menagem e se ensoberbece, desacatando a Deus e a suas leis.

Queres, irmão, que a paixão de Cristo seja *in resurrectionem et non in ruinam tuam*? *Descende priusquam moriatur filius tuus*; desce enquanto tens vida, á consideração de tua baixeza, e olha que não és outra coisa senão *pulvis et cinis*, terra e cinza sem proveito;

e humilha-te diante dos olhos daquela suma Magestade, dizendo-te a ti mesmo, *quid superbit, terra et cinis?* De que te ensoberbeces até alevantar contra os mandamentos de Deus; *quia qui se humiliat exaltabitur.*

Descende a outra consideração de tua baixeza considerando que pelos pecados, que cometeste, te fizeste a mais vil e baixa criatura do mundo, fazendo-te de filho de Deus, que eras, escravo do Diabo. E, vendo-te tal, bradarás a Deus dizendo: *Vide, Domine, et considera quoniam factus sum vilis*; olhai, Senhor, para mim e vêde Quão vil e baixo me fiz por meus pecados; dai-me graça, com que me aparte deles e torne a cobrar a honra perdida de ser vosso filho.

Queres, irmão, que se cubra a paixão de Cristo Nosso Senhor como escudo e não te fira a espada de sua justiça e dê contigo no inferno? *Descende priusquam moriatur filius tuus*; desce agora, enquanto vives ao inferno como te aconselha David, *descende in infernum vivens*; vai-te agora enquanto vives a considerar a graveza daqueles tormentos; desce a cuidar que por um só pecado mortal, com que te ache Deus á hora da morte, por uma só mentira, por leve que seja que afirmasses, com juramento, por um breve deleite, que não te durou mais que um momento por levatares os olhos com má intenção á mulher do teu proximo, por um só pensamento mau em que consentires, te ha de lançar no inferno para sempre, onde todos os membros do teu corpo de dentro e de fóra hão de ser atormentados com penas crudelissimas, enquanto Deus for Deus.

Queres, irmão, escapar de todos êstes males? *Descende priusquam moriatur filius tuus*: desce á confissão, antes que morra essa tua alma, que deves amar mais que a todos os teus filhos; confessa-te muitas vezes antes que morra esse teu filho em algum pecado mortal; não queiras como muitos outros ignorantes e bestiais, que esperam que caiam em pecados mortais para os confessar. Não esperes por isso, irmão, *antequam moriatur filius*; confessa-te muitas vezes, por que não morra tua alma, que a virtude da confissão muito mais se mostra em guardar nossas almas que não pequem mortalmente, que em livrá-las depois de haverem pecado. Descende muitas vezes a confessar os pecados veniais e faz muito caso deles, guardando-te deles quanto puderes, *priusquam moriatur filius tuus*,

porque eles são como postos da morte, porque abrem a vontade e a fazem mais prestes para receberem em si o pecado mortal, que é a morte dêste nosso filho tão amado, pelo qual o filho de Deus morreu.

Queres finalmente que te receba Deus Nosso Senhor em seus braços? *Descende priusquam*, etc., desce a considerar a grandíssima baixeza e humildade do mesmo Senhor, que com tão infame gênero de morte quis morrer por teus pecados; e esta consideração te guardará de pecar. E sabeis de que morreu? De peçonha, mordido de cobras. Veiu o filho de Deus ao mundo a tomar todas as nossas enfermidades sôbre si para as curar; estamos todos empeçonhados da mordedura que deu a cobra e régulo infernal a nosso padre Adão no horto do paraíso terreal. Era necessario que também Cristo Nosso Senhor tomasse sôbre si esta doença para a curar, e assim o fez, bebendo a peçonha de nossos pecados, deixando-se morder doutro régulo e basilisco tal como aquele.

Êste foi o ladrão de Judas, de quem está escrito em Isaías, *de radice colubri egredietur regulus*. A primeira cobra tinha mordido a Adão da paixão. Nasce de sua raiz outro régulo peor, que foi Judas; *cum diabolus misisset in cor, ut traderet eum Judas Himonis Iscariotes* para morder a Cristo Nosso Senhor, segundo Adão, no horto. *Coluber in via, regulus in semita, mordens ungulas equi ut cadât ascensor ejus retro*. Cobra peçonhenta e régulo traidor que vai a Jesus caminho do horto, acompanhado de grande multidão de cobras, que eram os algozes e homens d'armas, a fazer cilada áquela sacratíssima humanidade de Cristo Nosso Senhor, cavalo da divindade, chega-se a ele e dá-lhe a primeira dentada, beijando-o no seu divino rosto com aquela bôca peçonhenta. Acodem as outras cobras dos algozes, *et injiciunt manus in Jesum*. Deixa-se o Senhor morder deles, dizendo-lhes: *Hæc est hora vostra et potestas tenebrarum*. Mordei-me, que esta é a hora, em que é dado poder a todas as cobras do inferno e a vós outros para me morderdes e matardes, á vossa vontade.

Começam aqueles crueis basiliscos a morder naquele sacratíssimo corpo do filho de Deus, dando-lhe bofetadas e coices e cuspin-do em seu divino rosto; levam-no de casa em casa mordendo-o e despedaçando-o, porque cada um dos açoites e pancadas, que lhe de-

ram, era uma dentada daquelas cobras; até que o prègaram na cruz onde das muitas feridas, que lhe deram, ficou como homem mordido de muitas cobras, todo rilhado, *vulnus et livor et plaga tumens, non est circumligata, nec curata medicamine nec fota oleo*. Não tinha outra triaga que beber senão o fel e vinagre; não teve outra mezinha, com que resistir a esta peçonha senão o grandissimo amor, que nos tinha, sem ter outro azeite com que untar as suas chagas senão sua infinita misericórdia, com que morria por nós, com a qual temperava a grandeza das dôres. Lavrava a peçonha das dentadas daquelas crueis cobras por fóra em todo o seu corpo. Lavrava a peçonha de todos os nossos pecados, que tinha bebido, por dentro até que chegou ao coração, *et expiravit cadit ascensor ejus retro*; cai sua santissima alma, que é o cavaleiro, para trás, dando consigo no limbo dos santos Padres, e ainda depois de morto lhe deram outra dentada, abrindo com a cruel lança seu sagrado lado e divino coração. E porém *salutare tuum expectabo Domine; quia tertia die resurgit gloriosus*.

Deixa-se Nosso Senhor morder de cobras, para que escapes das dentadas das cobras infernais, morre de peçonha de teus pecados, para que tu não morras com ela. *Descende priusquam moriatur filius tuus*. Desce-te, irmão, da soberba e dos mais pecados e não te deixes mais morder com nenhum pecado mortal. *Descende priusquam moriatur filius tuus*. Desce-te, irmão, da soberba e dos mais pecados e não te deixes mais morder com nenhum pecado mortal. Desce vivo ao inferno a cuidar nos tormentos, que se dão por um pecado, desce á confissão muitas vezes, para que não peques; desce a cuidar na extrema humildade e baixeza do filho de Deus com que quis morrer por teu amor e humilha-te a seus santos mandamentos, *priusquam moriatur filius tuus*, enquanto estás nesta vida. E desta maneira terás segura confiança na sagrada paixão de Cristo Nosso Senhor. Cobrir-te-á como escudo sem te deixar ferir de seus inimigos. *Et sub pennis ejus sperabis*, e debaixo de suas asas esperarás de alcançar misericórdia e graça nesta vida; e estarei dizendo, *salutare tuum expectabo, Domine*; espero, Senhor, por vós, que sois meu salvador; espero que desçais a me sarar; espero que venhais por mim, *antequam moriatur filius meus*, antes que torne a fazer pecado, com

JOSEPH DE ANCHIETA

que morra êste meu filho; antes que morra esta minha alma, pela qual morrestes. *Salutare tuum expectabo, Domine*; espero, Senhor, pelo dia, em que verei vosso divino rosto, que é verdadeira salvação e vida eterna, á qual por vossa misericórdia nos queirais levar, *qui cum Padre et Spiritu Sancto vivis et regnas in secula seculorum. Amen.*

NOTAS

(706) Inedito, agora publicado por grande caridade do Padre Luiz Gonzaga Cabral, S. J., autor dos *Jesuitas no Brasil*, a quem a memória de Anchieta já deve relevantes provas de devoção. Traslado do Padre Cabral, de cópias fotograficas por ele tomadas do original autógrafo, que se encontra em Bruxelas, nos "Archives Générales du Royaume" (Archives Jésuitiques, Province Flandro-Belge, carton n. 1431-1437). Consta de um caderno de 14 fl. in-4º, 15,5×25, papel de linho, do tempo, com o título: "*Concio B. P. Josephi Anchieta, ipsius manu scripta. Missa ex Brasilia Baya, 7 Januarii 1629 et recepta Montibus m. Aprilis 1631*" ("Sermão do Bemaventurado Padre José de Anchieta, escrito de seu proprio punho. Mandado do Brasil a 7 de Janeiro de 1629 e recebido em Mons no mês de Abril de 1631").

(707) Exatamente o caso de Ambrosio Pires (v. nota 8), que, entretanto, não conheceu "o laço que lhe tinha sua soberbia armado de dentro". O exemplo, pois, é tirado da realidade e vale talvez como alusão e advertencia.

XXXVIII

SERMÃO DA CONVERSÃO DE S. PAULO (708)

— 1568 —

JESUS

*In die conversionis S. Pauli. 1568.
Vas electionis est mihi iste. Act. 9.*

Nos desafios de pessoas grandes, como de príncipes e senhores que entram em desafio sôbre alguma grande emprêza, como sôbre um reino, condado, soe haver grande concurso de gente de parte a parte, desejando cada uma delas que seu príncipe saia com a vitória; e comumente os homens guerreiros e valentes folgam e gostam muito de vir a achar-se presentes em semelhantes espetáculos.

Ora, somos chamados todos a um negócio semelhante; temos deante dos olhos um notavel desafio e batalha, que se faz entre duas pessoas mui notaveis, que são Jesus e S. Paulo: ha mui grande concurso de gente de parte a parte; de parte de Jesus estão todos os córos angelicos e os santos, de parte do santo estão todos os exercitos infernais dos diabos e dos fariseus, desejando uns e outros ter a vitória de sua parte.

Se somos guerreiros, como devemos ser, pois *militia est vita homini super terram*; se somos esforçados, como devemos ser, pois somos cristãos, e cristão não quer dizer outra coisa senão homem de Cristo, nosso verdadeiro e valentissimo capitão, o qual, ungido com o oleo da graça *præ consortibus suis*, nos ungiu tambem a nós, para

sermos valentes e esforçados lutadores e guerreiros contra o Diabo e a Carne, devemos de gostar muito de vêr êste tão grande desafio para nele aprendermos a vencer e ser vencedor, porque uma cousa e outra nos é necessaria; vencer o Diabo, Mundo e Carne, que continuamente contra nós pelejam e trabalham por nos vencer; e deixarmo-nos vencer de Jesus, contra o qual trazemos contínua guerra, dando-lhe continuos combates com os nossos pecados, porque o sermos vencidos dele eis a mais gloriosa vitória, que podemos alcançar.

E para que entendamos alguma cousa desta batalha de Cristo com Paulo, e a maneira de pelejar de um e doutro, ponho deante dos olhos um lobo crudelissimo e mui faminto, desejoso de se fartar de sangue, e de outra parte um cordeiro mansissimo, que não faz mais do que defender-se, com padecer e sofrer os bocados e dentadas que lhe dá o lobo, Paulo lobo cruel, Jesus manso cordeiro. Ouvi a S. Lucas o que vos conta desta batalha: *Saulus autem devastabat ecclesiam, intrans per domos et trahens viros ac mulieres, tradebat in custodiam.*

Paulo, como lobo faminto e desejoso de se fartar de carne e sangue dos cristãos, depois de se ter cevado no sangue do glorioso martir Santo Estevão, guardando as vestiduras dos que o apedrejavam, não sòmente consentindo em sua morte, mas tambem apedrejando-o com as mãos de todos eles, pois todas as pedradas que eles lhe deram com as mãos, lhe deu ele com o coração, folgando e gostando de o vêr assim apedrejar. Não contente com isto entrava pelas casas e tirava delas a rasto os homens e mulheres, com grande crueldade, e fazia-os encarcerar e açoitar, e em cada um dos cristãos, que assim perseguia, encarcerava e açoitava o mesmo Cristo. Era Jesus Cristo pacientissimo; com incrível paciencia e mansidão estava sofrendo todos aqueles golpes, e ainda que lhe davam muito trabalho e dôr, *laborabat sustinens*, trabalhava e sofria e vencia a ira de sua divina justiça, *recordatus misericordiæ suæ*, lembrando-se daquela grandissima misericordia, que o constrangeu a tomar forma de cordeiro, e como tal ser esfolado e morto na cruz. E não contente com isto e em ter já dito a seu Padre Eterno: *Pater, agnoces illis, quia nesciunt quod faciunt*, está incitando a seu martir S. Estevão, que

faça o mesmo e rogue pelo lobo que o está despedaçando, dizendo: *Domine, ne statuas illis hoc peccatum, quia nesciunt quid faciunt, ac si diceret*, peço-vos, Senhor Jesus, cordeiro mansíssimo, que por todos morrestes na cruz, que não acoimeis êste pecado a S. Paulo, que me apedreja, porque não sabe o que faz; vencei, Senhor, com vossa paciência sua ira, vencei com vossa mansidão sua fereza, vencei com vossa misericórdia sua crueldade, *quia nescit quid facit, quia ignorans feci in incredulitate mea*, como ele confessou depois de convertido.

Vêdes aqui travada a peleja de parte a parte, e tanto mais maravilhosa da parte de Cristo quanto menos usada no mundo; agora cuidam os homens, que não poderão vencer seus inimigos, senão dando e matando; cuidam, que se não vingam uma injúria que logo ficam afrontados e deshonrados; têm-se persuadido, ensinados de Satanaz, mestre infernal, que se uma palavrinha, que se soltou a seu proximo, se lhes passa sem responderem vinte, e sem fazerem grandes autos e papeladas sôbre ela, que perdem todo o seu crédito, e lhes cuspiram os outros no rosto. E não olhando a seu capitão Jesus Cristo, que peleja sofrendo e vence padecendo, seguiam a Paulo, lobo cruel, querendo como ele, vencer e sopear seus irmãos a poder de dentadas; os ricos roendo aos pobres e os grandes aos pequenos, e os que se tem por sabios aos simples e ignorantes. O' irmão, que não sabes pelejar, e onde cuidas que vences, ficas vencido, porque no ponto que desprezas a teu proximo, te despreza Deus; no ponto que sopeias a teu irmão, te sopeia a ti o Diabo; ficas vencido de tua ira e do pecado, que é o mais baixo e vil senhor a que te podias sujeitar, como fazia Paulo. Mas tornemos á batalha de Paulo com Jesus.

Andava Paulo como lobo já encarniçado no sangue dos cristãos, mansos cordeiros, ou para melhor dizer, no sangue do mesmo Jesus Cristo, cordeiro pacientíssimo, o qual com sua grandíssima paciência o ia amolentando e vencendo pouco a pouco, porque, se ela não fôra tanta e tão grande (como diz S. Cipriano), não tivera hoje a igreja a S. Paulo, que andava de casa em casa, com grande quadrilha de gente, arrastando os homens, e dando com eles nas cadeias.

E tudo isto era pouco para fartar a grande fome e sêde dêste lobo tragador, de quem tinha já profetizado aquele grande patriar-

ca Jacob: *Benjamin, lupus rapax, mane comedet prædam et vespere dividet spolia, vel justa aliam translationem, vespere dividet escas*, o qual *ad literam* declara S. Agostinho de S. Paulo, que diz de si mesmo, que era da tribu de Benjamin: *Circumcisis octavo die ex genere Israel, de tribu Benjamin, Hebræus ex Hebræis*.

Pois êste Saulo, da tribu de Benjamin, *lupus rapax*, lobo voraz e tragador, não farto com o sangue dos cristãos que fazia prender em Jerusalém, ouvindo que em a cidade de Damasco havia homens, que criam em Jesus e confessavam seu santo nome, determina de se ir lá fartar, e assim diz o texto: *Saulus adhuc spirans minarum et cædis in discipulos Domini*, Saulo ainda com a bôca aberta, cheia de ameaças contra os discipulos do Senhor e desejoso de se encarniçar em sua matança, vai-se ao príncipe dos sacerdotes e pede-lhe cartas para a cidade de Damasco, que quer dizer *potus sanguinis*, onde determinava de se fartar de seu sangue, fazendo-os prender e maltratar, e fazendo que o nome de Jesus nem em Jerusalém, nem em alguma outra parte fosse nomeado.

Cristo Jesus, que até aquele tempo como homem verdadeiro e cordeiro mansuetíssimo, filho da Virgem sacratíssima, ovelha sem mácula, e crucificado pelos homens, esteve esperando a Saulo, com grandíssima paciência e misericórdia, enquanto andava pela cidade de Jerusalém perseguindo aos cristãos, vendo que já saia do campo como homem, que sai ao desafio, e se ia a outras cidades a o perseguir, determina deixar por um pouco a paciência e fraqueza de cordeiro e usar da fortaleza de leão, mostrando o poder de sua divindade, e sair com ele ao campo do desafio para o acabar de vencer: *Catulus leonis Juda ad prædam ascendisti, lilii mei, quasi leo*.

Sai aquele grande leão da tribu de Judá, Cristo Jesus, da geração de Judá e de David, *catulus leonis*, filho de outro leão, que é o Padre Eterno, sai com o poder de sua divindade *ad prædam*, sai ao encontro de Saulo, que era sua prêsa e enviara, que ele andava para arrebatá-lo; encontram-se no caminho Saulo, lobo rapace, da tribu de Benjamim, e Cristo Jesus, leão da tribu de Judá, e porque muito maior vantagem, sem nenhuma comparação, levava Cristo a Saulo, do que leva um grande leão real a um lobo, não houve mister andar aos golpes naquele desafio, mas em arregalan-

do os olhos o leão contra o lobo, em mostrando Cristo a Saulo uma farsa dos olhos de sua divindade, que fazia aquele resplendor, *quo subito circumfulsit eum lux de caelo, cecidit in terram*, cai o lobo no chão vencido, *et vicit leo de tribu Juda, radix David*, cai Saulo no chão vencido e fica Cristo vencedor. E ainda que vença como leão com o poder de sua divindade, todavia faz pelos merecimentos de sua paixão, que padeceu como verdadeiro homem e da geração de David, porque a sua incrível paciência e mansidão de cordeiro, com que sofreu a Saulo, aplacou a ira da divina justiça e fez que não somente lhe perdoasse, mas também o convencesse com um tão novo e tão estranho genero de conversão.

E notai, que é proprio do leão real e generoso contentar-se com o vencer, sem querer despedaçar nem tragar como lobo. Assim Cristo, nosso senhor, fortissimo leão e rei eterno, não quer tragar a Saulo, e entregá-lo aos lobos infernais, como mereciam suas obras, mas contenta-se com o ter vencido; não quer mais do que despedaçar-lhe o coração, e abri-lo para se lhe meter dentro, e para esse efeito lhe começa a dizer: *Saule, Saule, quid me persequeris?* Que males viste em mim, que más obras te tenho feito, Saulo, para que me persigas como a inimigo mortal?

Quem cuidas que sou? Não me conheces, Saulo? Maior bem te quero eu a ti do que tu queres mal a mim: *Quid me persequeris? Et Saulus: Qui es, Domine?*

Sabes quem sou? *Ego sum Jesus, quem tu persequeris*. Eu sou Jesus, teu salvador, que para te salvar desci do céu á terra, e tu andas me perseguindo; eu sou Jesus verdadeiro homem e filho da mulher, que andei trinta e três anos no mundo, buscando-te a ti, que andavas perdido, para te dar glória, e tu andas me buscando para me deshonrar.

Eu sou Jesus, que como manso cordeiro *coram me tondente non aperui os meum* para me queixar, ainda que sempre a tive aberta para por ti a meu padre rogar, e tu andas como lobo com a bôca aberta para me engulir e fazer para que não seja o meu nome conhecido no mundo. Eu sou aquele Jesus, que viste com tanta deshonra num pau entre dois ladrões, como homem fraco, que não tinha poder para se defender, e como tal me persegues agora, cui-

dando que não sou mais do que homem. E porém *durum est tibi contra stimulum calcitrare*, rija cousa é, mui trabalhosa para ti, dares coices contra o agulhão de minha divindade; sabe, que sou mais do que homem, sou Deus verdadeiro, que tenho poder para pôr debaixo de meus pés a todos os meus inimigos. Como homem passei pelo agulhão da morte, e porém como verdadeiro e poderoso Deus tenho o agulhão da justiça divina em minha mão para aguilhoar os pecadores, que como bois e brutos animais não sabem mais do que seguir aos apetites de seus sentidos e ofender-me.

Durum est tibi contra stimulam calcitrare, trabalhosa cousa te é dares coices contra o agulhão da minha morte e paixão; por demais é queres tu com tua perseguição, que me fazes, vencer a grande paciência e misericórdia, que mostrei á minha paixão; porque quando me lembro, que aqueles duros agulhões dos pregos transpassaram minhas mãos e pés, que ainda agora estão abertos; quando vejo êste lado e coração aberto com o duro agulhão da lança cruel; quando olho, que minha sagrada cabeça foi tão aguilhoada com agudos agulhões dos espinhos por amor dos pecadores, não me posso deixar vencer de teus pecados, ainda que por eles justamente merecias o inferno, antes com o mesmo agulhão da minha morte te quero aguilhoar e vencer, usando contigo de misericórdia, e fazer-te *vas electionis*, vaso escolhido, em que eu infunda minha graça, e fazer-te meu prègador, *os portet nomem meum coram gentibus et regibus et filiis Israel*, para que por tua prègação se convertam os pecadores, e picados com o agulhão da minha morte alcancem o fruto de minha paixão, que é a salvação de suas almas, castigando seus corpos com o agulhão da penitência, e assim escapem do agulhão de minha divina justiça: *Durum est tibi*.

Saulo, com tais cousas, que vos parece, que faria? Vendo-se derrubado no chão tão subitamente, que cuidaria? que responderia a tais palavras, que lhe penetravam o coração? Ele só sabe o que sente, ainda que o não pode declarar, porque *ibi Benjamin adolescentulus in mentis excessu*, ali aquele mancebinho doido e soberbo, da tribo de Benjamin, todo transportado e arrebatado em Deus, todo aguilhoado em suas entranhas com as palavras de Cristo, que o tinha derrubado a seus pés, já não como mancebinho doido e sem

siso, senão como velho cheio da sabedoria divina, não como lobo soberbo e roubador, senão como humilde e manso cordeiro, *stupens ac tremens* responde a Jesus: *Domine, quid me vis facere?* Senhor, que me mandais, que faça? Não tenho necessidade, que me digais quem sois, porque já vos conheço. Já sei, que sois Deus e Homem verdadeiro; vencestes a dureza de meu coração com a brandura de vossa misericórdia, vencido sou do vosso amor, aguilhoado estou com o aguilhão do vosso poder divino, traspassada está minha alma com o duro aguilhão de vossa paixão. *Quid me vis facere?* Mandai, Senhor, que eu farei; mandai-me padecer, que eu padecerei, mandai-me morrer, que eu morrerei; porque daqui por diante *absit mihi gloriari, nisi in cruce domini mei Jesu Christi, omnia ut stercorea arbitrabor, ut Christum lucrificiam: mihi vivere Christus erit et mori lucrum.*

Não descansarei até pôr minha vida por vós, pois com tanta misericórdia me chamais depois de terdes posto vossa vida por mim. Eis aqui concluído o desafio de Saulo com Jesus. Êste é o fim desta batalha; vencedor fica Jesus, e Saulo vencido; tal vencimento viesse ora por nós, com que nos acharemos derrubados aos pés de Jesus, dizendo: *Domine, quid me vis facere?* E porque vos disse ao princípio, que o Diabo traz guerra conosco, e nós com Cristo, e que é necessario, que vençamos a um, e nos deixemos vencer do outro, quero vos dizer isto mais de raiz, para que vos deixeis vencer de Cristo, porque com isto vencereis o Diabo.

Sabeis, que cousa é a vida de um pecador? E' um contínuo desafio, que traz com Cristo, nosso senhor, com que sempre o anda desafiando e provocando que tome a espada de sua ira, e se meta em campo com ele. Que vos parece, que faz um pecador, quando tão sem temor de Deus está fazendo um e dois e vinte pecados mortais? Está desafiando a Cristo, está dizendo com más obras que não é poderoso Cristo, para vingar suas injúrias, pois fazendo-lhe tantas em suas barbas, não sai por elas: *Irritat adversarius nomen tuum in finem.*

Cada pecado mortal, que comete, é um cartel de desafio, com que o está incitando a ira, e motejando de homem para pouco, pois tal sofre e dissimula, e tanto mais cresce êste desavergonhamento

de um pecador, quanto menos atenta Cristo por suas injúrias, *et dissimulat peccata hominum propter pœnitentiam. Tentaverunt me principes vestri probaverunt et viderunt opera mea.*

Cristo, nosso senhor, para não se tomar com uma pulga e menos que pulga, e com um cão morto, que é o pecador, que ainda que ladre e rôa, morto é e abominavel deante de Deus, e a ninguem faz mal senão a si mesmo, matando sua alma e empeçonhendo com o mau cheiro de sua vida a seus proximos e vizinhos: *Ne persequar pulicem unam et canem mortuum*, dissimula com o pecador e faz que não atente para as suas injúrias, e em lugar de lançar mão da espada da sua injustiça e dar com ele no inferno, lança mão da sua misericórdia e aceita o desafio, não para o matar, sim para o converter e fazer seu amigo.

E para mais clareza entendei, que Jesus, nosso senhor, converte os pecadores de duas maneiras: uma é violenta e forçosa, porque ainda que criasse a vontade do homem livre para poder dela fazer o que quiser, e escolher o bem e o mal, todavia fica-lhe a Deus poder, como todos os teologos concluem, para arrebatá-lhe a vontade e fazê-la querer o que ele quer, de maneira que pode Deus fazer por fôrça a um homem, que aborreça o pecado e ame a virtude, e que de nenhuma maneira possa querer pecar. Desta maneira converteu hoje a Saulo, que foi grandissimo e especialissimo privilegio arrebatando-lhe a vontade e mudando-lhe o mal em bem sem ele poder a isto resistir, e da mesma maneira usou com S. Mateus, segundo S. Jeronimo, o qual diz, que, em chamando-o Cristo, viu nele alguma cousa grande e mostra de sua virtude divina; com o que não pôde fazer outra cousa senão segui-lo.

Por esta maneira, irmão, não esperes tu, que não ha mais que um S. Paulo e S. Mateus.

Outra maneira de converter é ordinária e comum a todos os pecadores, da qual, diz o sabio, *reliquit Deus hominem in manu concilii sui, adjecit mandata, apposuit ignem et aquam ad quod voluerit manum suam extendat.*

O pecador desventurado, deixando de lançar mão dos mandamentos de Deus e guardá-los, deixando de quentar-se ao fogo do amor divino, mete-se na agua das deleitações do mundo e da carne,

XXXVIII. — SERMÃO DA CONVERSÃO DE S. PAULO (1568)

e assim se anda ofendendo a Deus e desafiando com os seus pecados.

Cristo, nosso senhor, para o converter, dá-lhe tanta graça quanta lhe basta para ele mudar sua vontade do pecado em que está á virtude, e mete-se com ele aos golpes para derrubar e vencer, se o pecador deixasse de lhe resistir. Ora, lhe dá um golpe com a lembrança da morte, lembrando-lhe que pouco ha de viver nesta vida, ah! triste de mim, em que ando, que amanhã morrerei, e cá me hão de ficar todas minhas vaidades e torpezas, em que ando amontãoando, com tanto perigo de minha alma e carrêgo de consciencia.

Outras vezes lhe dá um revés de fortuna, dando-lhe perda da fazenda, dando-lhe doenças, trabalhos e morte de filhos. Outras vezes fere com o temor do juizo e inferno, a que hei de estar a juizo deante de Deus, onde todos os meus pecados, que agora trago encobertos, hão de ser manifestos deante de Deus e de seus anjos e de todo o mundo, onde hei de ser envergonhado e deshonorado, e sôbre tudo lançado no inferno em perpétua deshonor e tormentos infinitos. Outras vezes lhe dá uma estocada com a espada do amor divino, trazendo-lhe á memoria quanto deve a Deus, que tanto o ama. Oh! desventurado de mim, como ofendi a Deus, que é meu pai verdadeiro, que me criou á sua imagem e semelhança! Como me não lembro, que se fez homem por amor de mim, e viveu trinta e três anos com tanto trabalho, e por derradeiro foi morto em uma cruz por amor de mim!

Finalmente quantas prêgações ouve um pecador, quantos exemplos vê de virtuosos, quantos bons conselhos lhe dá seu amigo, quantos momentos de tempo lhe dilata Deus a vida e o espera a penitência, tantos golpes lhe dá neste desafio, para o vencer e converter e fazer seu amigo.

Pois que esperas pecador? Porque te arredas de Deus?

Porque lhe pões deante êste coração mais duro que a pedra e mais rijo que o escudo de aço, em que recebes todos êstes golpes sem sentir nenhum?

Deixa-te ferir de Cristo, que não fere senão para sarar; deixa-te derrubar dele, que não derruba senão para alevantar; deixa-te

vencer dele, que não vence senão para coroar e fazer-te vencedor de teus inimigos.

Não esperes, que tome a espada de sua ira, *et acuat duram iram in lanceam* contra ti; não esperes, que lance mão do seu rigoroso e justo poder *et arcum conterat et confringat arma et scuta comburat igni*; não esperes, que esmiuça esse arco de tua obstinação e pertinencia, que tens sempre armado contra ele; não esperes, que faça pedaços todos os sentidos e membros do teu corpo, que *sunt arma iniquitatis*, com que pelejas contra Deus, e ofendes sem cessar, e te dê uma morte subitanea, quando estiveres mais descuidado, e que por derradeiro *scutum comburat igni*, queime com êste fogo infernal êste teu coração mais rijo que escudo de aço, que não se molenta senão a poder do fogo e marteladas dos diabos, ferreiros infernais.

E se porventura me dizes, irmão, que tu não persegues a Cristo como Saulo, como suspeito, que estás dizendo em teu coração, êste é ainda maior mal, e é sinal, que estás já no cabo; êrpes tens nas feridas, pois estando tão chagado não o sentes.

Porventura Saulo perseguia a Cristo em sua pessoa? Não, que já estava no céu glorioso, e Cristo está lhe dizendo: *Saule, Saule, quid me persequeris?* Porque perseguis aos cristãos, que são seus membros e ele tem dito no Evangelho: *Quod uni ex minoribus fratribus meis fecistis, mihi fecistis, sive in bonum sive in malum.*

Dou-te um desengano, irmão, sabe que todas as vezes que pccas, persegues a Cristo e pisas o seu precioso sangue, que por ti derramou; todas as vezes que injurias e queres mal a teu proximo, injurias e queres mal a Deus, que é seu irmão; todas as vezes que o avexas e persegues com o poder de tua vara e teus cargos, a Cristo persegues; todas as vezes que andas subtilizando maneiras, com que lhe leves o seu ou lhe tires o ganho que podia haver cristãmente, a Cristo persegues e roubas todo o tempo; todas as vezes que tens a fazenda do pobre órfão e não lha queres pagar, podendo, a Cristo persegues, e lhe bebes o sangue, como lobo faminto; todas as vezes que olhas para a mulher do teu proximo e a queres des-honrar, persegues a Cristo, seu verdadeiro esposo e marido muito mais cioso de sua honra do que seu marido; todas as vezes que mo-

ves a pobre negra a pecar ou por fôrça ou por vontade, ou consentes em seu pecado, quando ela te busca, a Cristo persegues, que é o seu verdadeiro senhor e pai, que para a salvar e tirar do peccado quis tomar fôrma de pecador neste mundo e ser condenado á morte de cruz; finalmente qualquer pecado, que cometes contra tua alma, perseguição é que levantas contra Cristo, mais verdadeiro senhor dela do que tu mesmo.

Ouve, surdo pecador, ouve a voz de Cristo, que está bradando: Pecador, pecador, porque me persegues? *Ego sum Jesus quem tu persequeris*, eu sou Jesus, a quem persegues, quando pecas; eu sou Jesus, a quem outra vez crucificas em teu coração, quando cometes um pecado mortal; eu sou Jesus, teu salvador, a quem ainda persegues e injurias, e ainda estou aparelhado para te salvar, se tu deixares de pecar.

Abre, irmão, as orelhas dalma, e ouve estas tão piedosas palavras do teu pai; abre o coração e deixa-o ferir com a espada do amor e misericórdia de Cristo, deixa-te derrubar a seus pés, diz-lhe: *Domine, quid me vis facere? Et sua serva mandata*, se queres entrar na vida eterna; e para o melhor fazeres, derruba-te aos pés do confessor muitas vezes, dizendo-lhe: *Domine, quid me vis facere?* Senhor, e confessor, e pai, que estais em lugar de meu senhor e meu Deus, que quereis, que faça para tornar em graça com ele? Vêde-me aqui a vossos pés, mandai, que eu farei, cortai por mim e tirai-me as érpes, de que já quasi estava comido sem sentir meu mal; aparelhado estou para fazer o que mandardes para salvação de minha alma. Desta maneira te converterá Deus e te fará seu amigo, como fez hoje a Saulo, o qual, derrubado no chão do cavallo de sua soberba, de Saulo, soberbo que era se tornou S. Paulo, que quer dizer pequeno, humilde e obediente, e como tal perguntou logo: *Domine, quid me vis facere?*

Responde-lhe Cristo, nosso senhor: *Procedere civitatem et dicebo tibi te oporteat facere*, onde notas, que a ninguem ensina Cristo o caminho da sua salvação, nem se pode salvar, se primeiro não entra na cidade da santa Igreja, sujeitando-se á santa fé catolica e aos prelados dela, como é o papa, bispos, vigarios e seus superiores seculares, como são capitães, ouvidores e juizes, quando

mandam o que é justo; porque nesta santa Igreja, que é cidade de Deus, tudo se rege e governa por obediencia, *et sicut non est aliud nomem sub cælo nisi Jesus, ita nec alia ecclesia nisi Romana, sponsa Jesu, in qua oporteat nos salvos fieri.*

Levanta-se S. Paulo do chão cego na vista do corpo, mas dentro dalma todo cheio de sabedoria celestial, e alumiado com o resplendor da fé, entra na cidade de Damasco, já não a beber sangue dos cristãos como lobo cruel, mas a banhar-se todo no sangue de Jesus Cristo como manso cordeiro, e lavar com água do santo batismo o muito sangue, que tinha derramado, com que sua alma estava ensanguentada; está orando três dias *in mentis excessu*, onde ouviu *arcana verba quæ non licet homini loqui*, e aprendeu o Evangelho *per revelationem Jesu Christi.*

Vai Ananias, por mandado do Senhor, a batizá-lo, com o que sua alma, que estava rubra *sicut vermiculus* pelo muito sangue dos cristãos, que tinha feito derramar, ficou *alba sicut nix*, lavada no mar cristalino do santo batismo.

Dali a poucos dias *ingressus synagogas confundebat Judeos et predicabat Jesum, quoniam hic est Christus filius Dei*, e o mesmo fez por todo o mundo, prégando e advertindo os gentios, e assim o bom de S. Paulo, de roubador que antes era, se faz guardador, de lobo pastor, de perseguidor pregador e doutor das gentes; e acabou-se de cumprir a profecia. Benjamim, *lupus rapax, mane comedit prædam et vespere dividet escas vel espolia*. S. Paulo, da tribu de Benjamim, pela manhã, que foi em sua mocidade e no principio de sua vida como lobo tragador, andava comendo a prêsa, perseguindo os cristãos e fartando-se em suas carnes, *et vespere dividet escas*, e logo á tarde, que foi depois da sua conversão, anda a repartir manjares, apascentando as ovelhas de Cristo como pastor da palavra divina e ensinando e repetindo os misterios da fé com os gentios, que são verdadeiros manjares dalma, como ele diz de si mesmo: *Sic nos existimet homo sicut ministrus Christi et dispensatores mysteriorum Dei. Vespere dividet spolia*, á tarde reparte os despojos, convertendo muitos á fé e despojando o Diabo, que os tinha cativos na mão e pondo-os na mão de Cristo e debaixo de sua obediencia, entregando-lhes como despojos tomados na guerra com

a espada da palavra divina, que ele prégava, *qui penetrabilior omni gladio ancipiti*, dos quais despojos lhe cantaria a santa Igreja: *Deus, qui multitudinem gentium beati Pauli apostoli predicatione docuisti*.

Este é, irmão, nosso mancebinho Benjamim figurado no outro Benjamim, filho do patriarca Jacob e muito mais excelente que ele. Dos filhos de Jacob (como sabeis) o mais pequeno foi Benjamim, gerado já na velhice do pai e nascido no caminho, vindo para Belém. Dos filhos do nosso verdadeiro Jacob, Cristo, que são os apóstolos, Paulo foi o derradeiro convertido depois de Cristo subir ao céu e nascido na cidade de Damasco.

E ainda que na verdade não era o mais pequeno dos apóstolos senão porque se converteu por derradeiro de todos, porém nos trabalhos e perseguições por amor de Cristo ele era dos primeiros, pois *abundantius omnibus laboravit*, e assim como Jacob amava muito ternamente a S. Paulo, comunicando-lhe grandíssima abundância de graça, da qual ele diz: *Gratia Dei sum id quod sum et gratia ejus in me vacua non fuit*, tanto que *omnia possum in eo qui me confortat*.

E ainda que tudo isto é verdade, com tudo era tão grande sua humildade que se tinha por o mais pequeno dos apóstolos e indigno de ser chamado apóstolo: *Ego sum minimus apostolorum, qui non sum dignus vocari apostolus, quia persecutus sum ecclesiam Dei*.

E como quer que ele trazia deante dos olhos dalma a estremada humildade de Cristo, seu pai e senhor, de quem dizia: *libenter gloriabor in infirmitatibus meis, ut inhabitet in me virtus Christi*, o qual se tinha feito e chamado *vermis et non homo, opprobrium hominis et abjectio plebis*, e porque o proprio dos bichinhos é andar nos monturos, fazia-se S. Paulo monturo e estêrco do mundo, não sómente tendo-se por um monturo de pecados, chamando-se a si mesmo *persecutor et blasphemus*, mas também sendo tido do mundo por tal, e gloriando-se que o tivessem e tratassem todos como tal: *facti sumus tamquam purgamenta hujus mundi, omnium peripsema usque ad huc*, e nisto me glorio, por que more em mim a humildade de nosso senhor Jesus Cristo, que se fez bichinho por amor de mim.

Benjamim nasceu com grande dôr e trabalho da sua mãe Raquel e quasi abortivo e movido, e ela em nascendo lhe chamou Bennomim, que quer dizer *filius doloris mei*.

São Paulo nasceu com grandissimo trabalho e dôr de sua mãe a santa Igreja, e ele se chama a si mesmo abortivo e quasi movido: *Novissimo omnium tamquam abortivo, cujus est mihi*. E sua mãe lhe chama *Bennomin filius doloris mei*, filho de minha dôr, que tantas dores me causaste primeiro que te parisse, fazendo prender e maltratar a tantos de meus filhos.

Benjamim em certa maneira foi matador de sua mãe Raquel, porque de seu parto morreu ela; S. Paulo foi matador e destruidor de sua mãe a sinagoga, porque nenhum dos apostolos tanto trabalhou por desarraigar as cerimonias da lei velha como ele para edificar a nossa e a fé de Cristo, nosso senhor, soffrendo muitos trabalhos e perseguições, até ser muitas vezes açoitado e derramar seu sangue para desfazer a sinagoga e suas cerimonias, que já não aproveitavam para a salvação, como se vê em muitos lugares de suas epistolas, e imprimir nos corações dos homens a liberdade dos filhos de Deus e a graça da lei evangelica.

E com razão lhe chama ela *Benjamim*, pois tão grande dôr e raiva lhe causava, vendo que por suas prègações se desfaziam suas cerimonias e se aumentava a fé de Jesus Cristo, cujo nome ela desejava totalmente tirar do mundo.

E ainda que Raquel chama seu filho *Bennomin*, porém seu pai Jacob lhe chama Benjamim, *filius dextræ*, ainda que a sinagoga e a igreja chamam a S. Paulo filho da minha dôr, todavia seu pai Cristo lhe chama *filius dextræ*, porque a mão direita e favor e graça de Cristo, nosso senhor, o trazia sempre debaixo de seu amparo, como se vê em todo o decurso de sua vida; *filius dextræ*, porque com o poder da mão direita de Cristo vencia a reis e tiranos, prègando deante deles a fé sem nenhum temor, e fazia muitos milagres, virtudes que *non quaelibet faciebat Dominus per manus Pauli*; *filius dextræ*, porque ele andou prègando por todo o mundo o poder da mão de Cristo, nosso senhor, e da sua divindade, fazendo que tanta multidão de gente se sujeitasse e pusesse debaixo de sua mão; finalmente *filius dextræ*, porque no dia do juizo ha de estar

à sua mão direita, não como qualquer dos escolhidos, senão com mui especial privilegio sentado numa cadeira como juiz, *judicando duodecim tribus Israel.*

Êste é o nome, que põe Cristo a êste seu filho, que hoje lhe nasceu, que é o que hoje lhe chamei, dizendo: *Vas electionis est mihi iste*, vaso escolhido, vaso d'ouro lavrado com muitas pedras preciosas de virtudes, vaso tão puro e limpo, em que Cristo, nosso senhor, infundia tanta abundancia do suavissimo licôr de sua graça, vaso sagrado, que tantos milhares d'almas recebeu em si e pôs na mesa de Cristo.

E porque não vos pareça novo êste nome de vaso escolhido, que Cristo, nosso senhor, põe a S. Paulo, ouvi e entendereis.

Havéis de imaginar, como é verdade, que Deus é uma fonte viva e perenal de misericórdia e justiça, que é impossivel exgotar-se; e todas quantas almas criou e ha de criar são vasos, em que ele ha de infundir êste licôr. E como diz o mesmo S. Paulo, assim como *in magna domo non solum sunt vasa aurea et argentea, sed et lignea et fictilia, et aliud quidem in honorem, aliud sunt in contumeliam*; assim, nesta grande casa de Deus, rei eterno, ha vasos de ouro e prata, que S. Paulo com os outros apóstolos, martires e santos *qui tanquam aurum in fornace probati et examinati sunt sicut argentum*, dignos de ser postos na mesa de Cristo para neles ele comer e beber grande mutidão de almas, que se converteram, que é seu verdadeiro manjar, *quia sicut cibus meus ut faciam voluntatem patris mei, que in cælis est*, assim o meu verdadeiro manjar são os que fazem a vontade de meu padre. Ha tambem outros vasos de pau e de cobre e outros metais, que são os que trabalham por guardar os mandamentos de Deus e a poder de machadadas e marteladas da penitência e confissões e boas obras se lavram para receber em si o licôr da misericórdia e graça divina. E todos êstes vasos são vasos *in honorem et gloriam eternam* escolhidos.

E dos pecadores que diremos? Lastima é grande e mágua dizê-los, mas di-lo Jeremias, com grandes suspiros e dôr de seu coração: *Reputati sunt in vasa testea, opus manuum figuli*. São vasos de barro, obras das mãos do oleiro infernal; enquanto são homens, verdade é, que são obra de Cristo, nosso senhor, soberano

mestre e criador, que *omnes homines vult salvos fieri*, e porém eles, por seus pecados fizeram-se obra das mãos do oleiro infernal, que é o Diabo, feitos na roda do pecado, da qual diz Daniel: *In circuitu impij ambulant*. Os maus e pecadores andam sempre na roda como vasos de barro postos na mão do oleiro, sempre andam na roda do pecado, acabando donde começaram, e começando donde acabaram, tão maus no princípio da vida como no cabo dela, tão maus na velhice como na mocidade, sem nunca acabarem de dar voltas nesta roda e irem caminho direito da glória. Verdadeiramente *sunt vasa testea*, pois podendo com a graça divina, que nunca falta, fazer boa obra, e ser vasos escolhidos *in honorem*, eles por seus pecados se fazer recolher em si toda a sujidade do mundo e com ela serem lançados á perpetua deshonra do inferno.

Êste é o pregão, que Jeremias dá ao pecador. Quereis ainda ouvir outro? Dir-vo-lo-ei. Não sómente é vaso de barro, mas também esburacado e fendido, que lança fóra de si quanto lhe lançam dentro; tantos buracos e fendas tem a quantos vícios e peccados é sujeito.

Deseja Deus, nosso senhor, fonte divina, que nunca se exgota, infundir no pecador o suave licor e oleo de sua misericordia pelos canos de seus mandamentos e salvá-lo; e o pecador derrama-o pelos buracos de seus vícios e condena-se; quer Deus derramar no pecador o oleo de sua misericordia, dizendo-lhe: *Non assumes nomen Dei tui in vanum*, e o pecador lança fóra de si pelo buraco de sua bôca infernal, jurando e perjurando, mentindo e blasfemando o nome de Deus e de seus santos.

Quer Deus lançar no pecador o licor de sua misericordia pelo cano do amor do proximo, dizendo-lhe: *Non occides, non furtum facies, non falsum testimonium dices*. E o pecador derrama pelos buracos da sua ira e avareza, a inveja, tendo-lhe odio, e perseguindo-o, furtando-lhe a fazenda e roubando-o, pesando-lhe com seu bem e folgando com seu mal, infamando-o e mexericando-o, e fazendo que os outros também o roam. *Vasa iniquitatis bellantia in concilium eorum non ineret anima mea, quia in furore suo occiderunt virum, maledictus furor eorum, quia pertinax, dividam eos in Jacob et disperdam in Israel*. Vasos de maldade e injustiça, que

nunca andam senão buscando guerras e discordias com seus proximos, e por faltar o apetite de sua ira matam com a lingua e com o coração a seus irmãos; não entre minha alma no ajuntamento dêstes. Livre-me Deus de tão má companhia. Maldito é e será de Deus seu furor e ira, pois com pertinacia e sem razão perseguem a seu proximo; e o castigo dêstes, sabeis qual será? *Dividam eos in Jacob.*

Apartá-los-á Deus da companhia dos vasos escolhidos de Cristo, verdadeiro Jacob, e não terão quinhão na gloria com os filhos de Israel, mas serão espalhados no caminho do Inferno: *Quia qui non diligit, manet in morte.*

Quer Deus infundir no pecador o oleo de sua misericordia, pelo cano da castidade dizendo: *Non fornicaberis*, e ele lança-o fora pelos buracos de sua luxuria. *Meretrix ut stercus conculcabitur in via transeuntibus*; a mulher, deshonesta e desavergonhada, não ha dúvida, que é senão um vaso de sujudade posto no caminho para ser sujado e enxovalhado de todos os que passam, e a alma de um luxurioso e sem vergonha é outra tal, vaso é de estêrco posto no caminho dêste mundo, onde os porcos infernais se revolvem, deleitam-se e fazem sua morada.

Quer Deus infundir no pecador o licor de sua misericordia, dizendo-lhe: *Sabbata santifices*, e ele derrama fora pelos buracos de sua cobiça, estando quinze, vinte dias e um mês e mais na sua roça, e queira Deus, que não seja trabalhando os dias santos, por princípio do trabalho, que ha de ter no inferno, se se não emendar, e de pouco cuidado, que tem de sua alma, vem não ter conta com sua gente; não lhe dá nada, que seu escravo não se converta á doutrina ou missa, antes ele mesmo os não deixa vir; não lhe dá nada, que sua negra cristã esteja amancebada com o indio infiel; não tem de vêr de que seu escravo não conheça a Deus e as cousas da fé para se salvar, e que morra sem confissão; não ha de gostar das prègações e missas e confissões, nas quais infunde Deus o oleo de sua graça e misericordia; se em alguma hora se tapam êstes buracos com a confissão e com um jubileu como êste, logo se tornam a destapar com os pecados, não cumprindo o que ficam com os confessores.

Per estes buracos se tem coado e derramado todo o licor da antiga devoção dêste povo. *P. P.* (709) *quis te fascinavit?* Muita devoção e virtude havia em ti; que olhos de bruxas infernais te enfeitçaram e te lançaram a perder! *Bene currebas*, vila de São Paulo, para caminho dos mandamentos de Deus para seres vaso escolhido como ele. Quem te esburacou e fendeu e fez entornar o licor da graça, que tinhas? O' pecador desventurado, morador do Brasil, vaso de barro esburacado e fendido com mil vícios e pecados, que não podes guardar em ti o oleo da misericórdia divina, de que Deus quer usar contigo, que esperas senão seres feito vaso de ira cheio de borra? E porque assim como por um vaso fendido ainda que se cõe o licor subtil e delgado, todavia lhe fica dentro a borra, que é grossa, assim tu, que és vaso fendido, lanças fóra o licor subtil da misericórdia e graça de Deus e ficas cheio da borra de teus pecados, com a qual se mistura a borra da ira de Deus, a qual não se pode coar, *quia fex ejus non est exinanita*, diz David; a borra da ira de Deus não se pode adelgaçar nem coar; e sabes por quê? Porque não se cõe a de teus pecados; entesouras a borra de pecados, também *thesaurisas tibi iram*, fartas-te da borra dos pecados, também te has de fartar da borra da ira de Deus, ainda que te pese, *quia bibere omnes peccatores terræ*: e sabes que borra é? *Ignis et sulphur et spiritus procellarum pars calicis eorum*. Desta te has de fartar, se te não emendas; e sabes quando? Quando Cristo, nosso senhor, com a vara de ferro da sua justiça, *tamquam vas figuli confringet te*, dando contigo no inferno para sempre.

Mas porque a paciencia e misericórdia de Cristo, nosso senhor, é tão grande que inspirou a Paulo, tão grande perseguidor, e o converteu e fez vaso escolhido, também podes confiar, que te inspirará a ti, se tomares o remédio, que a ele lhe deram, que foi *ingredere civitatem*.

Já que nesta cidade da santa Igreja tens entrado por fé, pois és cristão e batizado, entra também nela por caridade *et serva mandata* como bom cristão, que sem isto por demais esperas. E para que isto melhor possa-se fazer, dar-te-ei outro remédio mui singular, e é *ingredere civitatem*, entra na cidade da glória, para a qual foste criado, cuidando nela muitas vezes.

Queres, irmão, não embarçar-te nos deleites e tratos dêste mundo? *Ingrederere civitatem*, entra com tua consideração na cidade do céu, lembrando-te que *non habes hic permanentem civitatem, sed futuram inquiris*, lembrando-te que és hospede e degradado neste mundo, e que no céu está tua propria natureza, e a cidade em que has de morar para sempre.

Queres, irmão, não sentir o trabalho dos mandamentos de Deus e da penitência? *Ingrederere civitatem*, entra na cidade da glória, cuidando que ainda tu só poderás sofrer os trabalhos desta vida juntos muitos mil anos com um só momento, que te dêsem entrada naquella gloriosa cidade, te pagarão muito mais do que merecias, *quia non sunt condignæ passionēs hujus temporis*.

Queres, irmão, ser vaso escolhido de Deus? *Ingrederere civitatem*, entra na cidade da glória, lembrando-te que a poder de marteladas e pancadas se lavram os vasos, que lá entram, e com isto te parecerá suave o pêso da obediencia, pobreza, castidade, fome, sede e trabalhos que padeces.

Queres finalmente não pecar? *Ingrederere civitatem*, entra na cidade da glória, lembrando-te que diz S. João, que lá *nihil coinquinatum introibit*, não entra lá a soberba, nem a inveja, nem outro pecado, não entram lá olhos deshonestos nem orelhas aparelhadas a ouvir mexericos, nem lingua maldizente, nem mãos que obram maldade. *Ingrederere civitatem*, irmão, desejando de ver já a formosura da glória, e dize como David: *Gloriosa die dicent de te civitas Dei, et concupiscit anima mea in atria Domini*.

E se queres ainda remédio para entrar nesta cidade, dou-te o mesmo: *Ingrederere civitatem*, entra na sacratissima humildade de Cristo, que é cidade da divindade, cuidando nas estremadas virtudes, de que é edificada, e lembrando-te que trinta e três anos padeceu o destêrro neste mundo para ensinar o caminho desta cidade da glória, e abriu suas mãos e pés e o coração para te abrir a porta do céu.

Desceu o filho de Deus ao mundo a tomar nossas enfermidades sobre si para as curar, *vere languores nostros ipse tulit*, fez-se pobre, faminto, hidropico, leproso e paralitico. Estavamos degrada-

dos do paraíso pelo pecado; era necessário para remédio de nosso degredo, que tomasse também esta pena sobre si.

Desterra-se o filho de Deus daquela sua santa cidade da glória trinta e três anos, tão desconhecido como um estrangeiro peregrino: *Extraneus factus sum fratribus meis et peregrinus*, tão degradado e desconhecido que posto no horto com o suor de sangue, desconsolado e desamparado como estrangeiro, te está cavando o pão, com que te sustenta no caminho desta cidade. Tão degradado e desconhecido que, posto na cruz, está bradando com Barrabraz *ad dexteram et videbam et non erat qui cognosceret me*, porque ainda que á sua mão direita estava a Virgem Santíssima, sua mãe, que muito bem o conhecia, todavia estava posto em tão grande estrêmo de miséria e deshonra e tão desfigurado que muito bem pudera desconhecê-lo; pois via o rei da glória posto entre dois ladrões, e aquele que *est speciosus forma pro filiis hominum in quem desiderant angeli prospicere*, tão afeiado que *non est ei aspectus neque decor*, e parecia um leproso *et percussus a Deo*; e aquele a quem *decies centena millia angelorum expectant in caelo* era desamparado na terra de seus discipulos e cercado de inimigos.

Pouco é o que digo para o muito que o nosso bom Jesus padece por nosso amor. Está tão desconhecido e desterrado naquela cruz, que nem seu pai celestial o conhece e nem lhe acode, pois bradando ele: *Deus meus, Deus meus, quid dereliquisti me?* dissimula com ele, e faz que o não ouve, como quem diz: Pois se fez tão amigo dos degradados que se quis fazer degradado como eles, que morra como degradado e desamparado na cruz.

E morre o filho de Deus e despojára-se aquela cidade de sua humanidade, apartando-se a alma do corpo para romper os muros da cidade celestial, por onde tu entres.

Rompe tu também, irmão, este teu duro coração, para que entre Cristo nele; deixa de pecar, pois vês, que na cidade do céu não entra o pecado. Deixa-te vencer de Cristo, sujeitando-te a seus mandamentos, que poderoso é ele com sua graça para de vaso de barro que és fazer-te vaso de ouro e de prata escolhido, e posto á sua mesa celestial: *Ad quam*.

NOTAS

(708) Pbl., com uma nota explicativa de T. Alencar Araripe, na "Revista do Instituto Historico", LIV, p. 109-30, segundo a reprodução fotografica do original, existente no Colegio de Notre Dame de Antuerpia, oferecida ao Instituto pelo barão do Rio-Branco. No alto da primeira página, ha a seguinte nota em que se declara ser o original do proprio punho de Anchieta: "*Concio hæc scripta est manu B. P. Josephi Anchieta, Apti Brasilia, dono me missa ex ipsa Bahia de Todos os Santos et recepta mensis April 25 Laur. Wens.*" Foi o sermão proferido em São Paulo de Piratininga, em algum jubileu comemorativo da fundação da casa e da vila, a 25 de janeiro de 1568.

(709) Nota do tradutor: "*Populus, populus*, é o que devem significar estas palavras".

Posfacio

POSFACIO

VIDA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA

Em Guipuzcoa, uma das três provincias bascas da Espanha, durante os seculos 14 e 15, duas grandes facções encarniçadamente se combateram: a dos Gamboa e a dos Oñaz. A cada uma delas pertenciam várias familias, cujos chefes *Aide Nagusiác* (ou, em espanhol, *Parientes Mayores*) por tal forma desorganizaram guerreando a vida da provincia, que oito cidades contra eles se levantaram. O que forçou a união dos Gamboa e Oñaz para a defesa comum. Em 1456 lançaram um desafio aos habitantes das cidades aliadas, desafio tremendo, de “guerra cruel”, á maneira espanhola. Mas Enrique IV, rei de Castela, interveiu e em 1457 baniu de Guipuzcoa, por algum tempo, os principais *Aide Nagusiác*.

Entre eles figurava Juan Perez de Loyola, cuja familia assumira por herança a chefia da facção dos Oñaz, juntando-se os dois nomes pela forma que Adolphe Coster explica: “le nom de Loyola ne venait qu’après celui d’Oñaz et presque comme un nom de lieu” (I).

A’ facção dos Oñaz de Loyola, como vassallos, pertenciam os Anchieta. Eram nobres, como aliás todos os naturais de Guipuzcoa, e tinham seus dois solares em Urrestilla, burgo distante dois quilometros de Loyola, no vale primitivamente chamado de Iraurgui.

Em 1460, segundo supõe Coster (II), Urtayzaga de Loyola casou-se com Martim Garcia de Anchieta, donde o parentesco entre as duas familias apontado por alguns biografos do Canarino. O casal teve três filhos de que se guardou memoria. Um deles, Juan de Anchieta, seguiu a carreira sacerdotal, ganhou notoriedade como compositor e cantor, foi nomeado em 1489 capelão e chantre dos

(I) *Juan de Anchieta et la famille de Loyola*, Paris, Libr. C. Klincksieck, 1930, p. 50.

(II) *O. c.*, p. 54.

reis catolicos Fernando e Isabel e manteve de 1515 até 1523, ano de sua morte, uma luta irritante e complicada contra os Oñaz de Loyola. De um dos episodios dela, o mais violento, participou o futuro Santo Inacio.

Por aquella epoca, fins do seculo 15 e principios do seguinte, tiveram os Oñaz como chefe a Beltran Yanez, pai do fundador da Companhia de Jesus e primo-irmão de Juan de Anchieta. A principio amigos, Juan de Anchieta favoreceu o casamento de Martim, filho de Beltran, com uma dama de honra de Isabel a Catolica. E a recompensa ele a teve com o reitorado da igreja paroquial de Azpeitia, sob a invocação de San Sebastian de Soreasu, de que era patrão, com direito aos dizimos, Beltran Yanez de Oñaz. Em 1503 Juan de Anchieta esteve em Azpeitia e conheceu então o filho mais moço de Beltran, Inacio, por quem parece se ter interessado, obtendo a sua inclusão entre os coristas da Capela Real (III).

Em 1507, com a morte de Beltran, succedeu-lhe como patrão de San Sebastian de Soreasu seu filho Martim Garcia. Oito anos mais tarde, Juan de Anchieta voltou para a terra natal. E começou a sua luta contra os Loyola, sobremodo irritando seus primos quando tratou de assegurar a um sobrinho a sucessão do reitorado, o que contrariava os projetos de Pedro Lopez, irmão de Martim e Inacio, que a ela se julgava com direito, como sacerdote e Oñaz. Foi então que para intimidar Juan de Anchieta e levá-lo assim a desistir de seu proposito, Pedro Lopez e Inacio, na terça-feira de carnaval de 1515, lhe armaram uma cilada, de que não se conhecem os detalhes, salvo que não teve o resultado pretendido pelos agressores. Das consequencias dessa façanha Pedro Lopez se livrou invocando sua qualidade de sacerdote, fóra portanto da alçada da justiça civil. O futuro Santo Inacio, esse, se viu obrigado a fugir, alcançando Pamplune, onde alegou haver recebido a tonsura e foi recolhido á prisão eclesiastica. Houve processo de que se ignora a conclusão. Em todo o caso, com a morte de Fernando o Catolico em janeiro de 1516, recobrou Inacio a liberdade.

Quer isso dizer que o nome dos Anchieta já estava ligado á vida de Loyola, antes que o do Canarino viesse ilustrar a história da Companhia.

*
* *

(III) Coster, o. c., ps. 73-4.

VIDA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA

Nascido em Urrestilla e homônimo do reitor de San Sebastian de Soreasu, seria o pai de Anchieta, como sugere Afranio Peixoto, o mesmo Juan contemplado como filho no testamento do sacerdote? Tudo indicaria se não fôsse a afirmação de Baltasar de Anchieta de que o pai do Canarino deixou a Biscaia “por el año de 1522” (IV). Porque, sendo o testamento do ano seguinte, 1523, é pouco provável que o reitor de San Sebastian deixasse ao filho quatrocentos ducados de ouro “para que con que se crie y tenga con qual estudiar e para su casamiento” (V), se esse filho já se encontrava nas Canárias como colono, senhor portanto dos seus atos, buscando sózinho a fortuna longe da pátria.

E ainda a proposito da chegada do pai do Apostolo ás Canárias, escreve Baltasar de Anchieta em outro trecho de seu livro: “Passó el dicho Juan de Anchieta à la Isla de Tenerife con la oca-sion que dirè: avia estado en servicio de los Reyes en Granada, y continuava en el al tiempo, que conquistada dicha Isla, passavan muchos à avenzidar-se en ella, movidos de la fama de su fertilidad. Parientes suyos, que estavam en servicio de los mismos Reyes, le movieron passase à Tenerife en cuya Ciudad se casò” (VI).

De palavras tão vagas nada se pode concluir de positivo. Mas se, como parece, o pai do Taumaturgo esteve a serviço dos reis catolicos em Granada, isso só podia ter sido antes de 1516, ano do falecimento de Fernando. E, como o capelão e chantre só em 1515 se fixou definitivamente em Azpeitia, não é impossivel que a ele se refira o autor do *Compendio* quando fala nos parentes que teriam aconselhado o biscaino a tentar fortuna nas Canárias.

Era ele natural de Urrestilla. E para a Guipuzcoa, como já se disse, o reitor de San Sebastian só voltou em 1515. Nascido cêrca de 1462, deixou ainda menino a terra natal para estudar música na Universidade de Salamanca provavelmente (VII). E, antes de 1515, em Azpeitia só passou quatro meses no ano de 1503. De forma que sua ligação com Maria Martinez de Esquerrategui, moradora em Azpeitia e “muger suelta” como ele diz no testamento, não seria anterior a 1515, tendo seu filho em 1523 oito anos no maximo e justificando-se assim o cuidado do reitor em assegurar com quatrocentos ducados a sua criação e educação. Ora, segundo Baltasar de Anchieta, o pai do Veneravel, por essa epoca, já se encontrava em Te-

(IV) *Compendio de la vida de el Apostol del Brasil*, etc., Xerez de la Frontera, 1677, p. 39.

(V) Coster, o. c., p. 290.

(VI) O. c., p. 25.

(VII) Coster, o. c., p. 59.

nerife, depois de haver servido os reis em Granada. Não podia portanto ser um menino.

Mas por outro lado, robustecendo a hipótese aventada por Afrânio Peixoto, é significativo que o autor do *Compendio*, tão empenhado em evidenciar a prole fidalga do Apostolo, mencionando os avós maternos, silencie quanto aos paternos. De forma que, incompletas como são os dados fornecido por Baltasar de Anchieta e Coster, a questão permanece em suspenso.

*
* *

Em Tenerife, provavelmente no ano de 1531, Juan de Anchieta casou-se com Mencia Diaz de Clavijo y Llarena, “natural de la Gran Canaria, cabeça de las Islas Afortunadas, de noble sangre y gruesa hazienda, descendiente de la casa de Fernão de Llarena, que passou a la conquista de Tenerife por capitán de acaballo, y tuvo en ella mucha parte” (VIII). Mencia Diaz era viúva do bacharel Nuno Nunez de Villavicencio, de quem teve dois filhos.

Do casal de Juan de Anchieta nasceram dez: Teresa de Selayaran, que faleceu solteira; Ana Martin, que se casou e deixou descendência; José, o Apostolo do Brasil; Juan, que contraiu matrimonio tendo três filhos; Baltasar, nascido em 1539, casado em 1566, pai de quatro filhos, dois dos quais tomaram hábitos religiosos; Gaspar, que se casou duas vezes e deixou seis filhos; Melchor, que morreu sem descendência; Beatriz, que se conservou solteira; Cristoval, conego presbitero, falecido na cidade de Laguna em 1580; e Bartolomé, que morreu solteiro.

Juan de Anchieta, que exerceu em Tenerife varios cargos, inclusive o de procurador do Cabido, faleceu entre fevereiro de 1553 e março do ano seguinte. Sua mulher viveu ainda longos anos, deixando testamento datado de 1584. Então, dos filhos do casal, eram vivos seis: Teresa, Ana, José, Juan, Baltasar e Gaspar.

*
* *

Terceiro dos dez, José de Anchieta nasceu na cidade de São Cristóvão da Laguna, capital da ilha de Tenerife, a 19 de março de 1534, dia de São José, e foi batizado a 7 de abril seguinte na igreja

(VIII) Baltasar de Anchieta, o. c., p. 28.

paroquial de Nossa Senhora dos Remedios, sendo "sus padrinos Domenigo Rizo y Don Alonso", conforme consta do registro transcrito por Baltasar de Anchieta (IX).

Em Laguna, na casa de seus pais, Plaza de el Adelantado, aprendeu as primeiras letras. Pertencendo a uma familia de crentes, onde eram numerosos os sacerdotes, é provavel que desde cedo se manifestasse nele a vocação religiosa.

Em 1550, partiu para Coimbra afim de cursar a Universidade. Em seu testamento, Juan de Anchieta se refere a "cierta cedula que Cristoval Moreno (...) me diò para mi hijo Ioseph para Coimbra, que fueron veinte ducados" (X). A escolha de Portugal e não de Espanha é ponto ainda não suficientemente esclarecido.

Em sua companhia, segundo uma recordação de familia recolhida por Baltasar de Anchieta (XI), teriam seguido dois irmãos seus, que de Coimbra passaram para Flandres, onde serviram na milícia real e morreram sem descendencia, antes de 1584. O fato é discutivel porque esses dois irmãos só poderiam ser Melchor e Bartolomè, que em 1550 não contariam mais de 9 e 6 anos de idade respetivamente. Pouco provavel assim que com tão pouca idade deixassem a casa paterna, embarcando com Anchieta para Portugal. Possivelmente a viagem se realizou mais tarde, havendo aí uma confusão de datas. Quanto á informação de Pero Rodrigues (XII), para quem Anchieta seguiu em companhia de um irmão mais velho, é menos exata, pois o Apostolo era o primeiro filho varão de Juan de Anchieta.

Em Coimbra, o Canarino "ouviu dialetica e parte de filosofia (...) juntamente com as letras" (XIII). A applicação aos estudos, o talento literario e o fervor religioso distinguiram-o na Universidade. "Tal era l'armonia, e dolcezza del suo comporre in versi latini, che in grazia di essi era chiamato il Canario, alludendo con gracioso escherzo e alla patria di lui, e agli angeletti di tal nome tanto celebri apresso tutti per la soavità del canto", escreve Longaro Degli Ondi (XIV).

Querem ainda os primeiros biografos de Anchieta tenha ele, por essa epoca, posto de joelhos deante de uma imagem de Nossa Senhora, na Sé de Coimbra, feito voto de perpétua castidade.

(IX) O. c., p. 63.

(X) Baltasar de Anchieta, o. c., p. 62.

(XI) O. c., p. 30-1.

(XII) *Vida do Padre José de Anchieta*, nos "Anais da Biblioteca Nacional", Rio de Janeiro, XXIX, p. 197.

(XIII) P. Rodrigues, o. c., p. 197.

(XIV) *Vita del venerabil servo di Dio P. Giuseppe Anchieta*, Roma, 1738, p. 8.

Tamanho ardor religioso não poderia deixar de encaminhá-lo para a Igreja. E naquele tempo nenhuma congregação seria capaz de atrair tanto quanto a Companhia de Jesus os que a serviço da religião desejassem se entregar de corpo e alma, dispostos a todos os sacrifícios e capazes de todos os heroísmos “ad majorem Dei gloriam”.

No Collegio de Coimbra, onde foi Anchieta recebido a 1 de maio de 1551, o jovem padre Antonio Corrêa, mestre de noviços, com uma severidade que chegou a parecer excessiva a D. João Mirão, apesar de rispido também, formava os missionários para as emprezas arriscadas da Asia, Africa e America. Dois anos antes, Nóbrega partira para o Brasil em companhia de Tomé de Sousa, chefiando a primeira missão catequizadora. E em 1550 mais quatro jesuitas haviam seguido na armada de Simão da Gama de Andrade. O ambiente era de trabalho, de rude disciplina e absoluta submissão aos superiores. A Companhia de Jesus, reagindo contra a dissolução dos costumes eclesiásticos e disposta a enfrentar junto aos reis e no meio do povo, entre civilizados e selvagens, os inimigos de Roma, os de fóra como os de dentro, assentava na castidade e na confissão, na disciplina corporal e nos exercícios espirituais, no ascetismo, na humildade, na obediência e na educação da vontade, no espirito de caridade e sacrificio, a imensa obra de evangelização planejada por Loyola. “Convem ser santo para ser irmão da Companhia”, diria mais tarde Anchieta (XV).

No noviciado de Coimbra as longas orações, as vigílias e as disciplinas enfraqueceram ainda mais o organismo naturalmente debil do Canarino. Além disso, sofreu serio accidente, uma escada caindo-lhe com violencia nas costas. Daí resultou, segundo seus biógrafos, ficar corcovado para o resto da vida. Mais de dez anos depois, relatando os sucessos de Iperoig, aludiria ele á sua molestia: “como minhas costelas ainda cansem, e doem como soiam e têm mui poucas fôrças...” (XVI).

Enquanto Anchieta, sem esperança de cura, era tratado no Collegio de Coimbra, chegavam do Brasil, com os pedidos insistentes de novos missionários, os louvores á salubridade da terra. De forma que “por conselho dos médicos” (XVII) não só Anchieta como outro irmão, enfermo como ele, Gregorio Serrão, foram incluídos na terceira leva enviada ao Brasil.

Na frota de d. Duarte da Costa, nomeado segundo governador-

(XV) Carta II.

(XVI) Carta XV.

(XVII) P. Rodrigues, o. c., p. 198.

geral, embarcaram em Lisboa a 8 de maio de 1553 sete jesuitas: os padres Luiz da Grã (logo depois indicado para colateral de Nobrega na direção da provincia, criada nesse mesmo ano), Braz Lourenço e Ambrosio Pires e os irmãos José de Anchieta, Gregorio Serrão, João Gonçalves e Antonio Blasquez. Chegados á Baía a 13 de julho, foram recebidos na casa da Companhia pelo padre Salvador Rodrigues (falecido a 15 de agosto seguinte) e irmãos Vicente Rodrigues e Domingos Pecorela. Nobrega achava-se em São Vicente, para onde havia seguido com Tomé de Sousa, desesperançado de “fazer fruto” na Baía, “nem com Cristãos, nem com Gentio” (XVIII), tais os escandalos de que era teatro a séde do govêrno e diocese, por culpa e exemplo do clero e fraqueza do bispo d. Pedro Fernandes Sardinha.

Na capitania vicentina, o grande jesuita tinha resolvido fundar uma povoação nos campos de Piratininga, pelas razões que dá Capistrano (XIX).. Ali reuniu três aldeias de indios, que visitou a 29 de agosto de 53, guiado por um filho de João Ramalho. E, a seu mandado, Leonardo Nunes seguiu para a Baía com a incumbencia de trazer os jesuitas para a nova casa.

Ao desembarcar na Baía, o Avarêbêbê já encontrou os inacinos recém-chegados entregues aos trabalhos da catequese. E em outubro voltou para São Vicente trazendo em sua companhia os padres Vicente Rodrigues (pouco antes ordenado), e Braz Lourenço e os irmãos Serrão e Anchieta. A viagem foi acidentada. Surpreendidos por uma tempestade nos Abrolhos, a 20 de novembro, os jesuitas, com o navio “meio despedaçado”, conseguiram alcançar a terra, conforme narra Anchieta na carta X. Oito dias depois tornaram a embarcar demandando o Espirito Santo, onde ficou Braz Lourenço e Afonso Braz se incorporou á comitiva, com certeza por serem necessarios os seus serviços de mestre de obra e carpinteiro na edificação da casa de Piratininga.

A 24 de dezembro, chegaram os jesuitas a São Vicente. E em janeiro de 1554, passada a Epifania, a missão fundadora galgou a serra de Paranapiacaba, “por um dos mais trabalhosos caminhos que (...) ha em muita parte do mundo” (XX), e deixando a mata acampou no local escolhido por Nobrega, entre os riachos Tamanduateí e Anhangabaú. Aí levantaram os indios de Tibiriçá e Caubí a “pauperrima e estreitissima casinha” em que se disse a primeira missa, a 25 de janeiro, dia da conversão do apostolo São Paulo e “por isso (explica Anchieta) a ele dedicámos a nossa casa” (XXI).

(XVIII) *Cartas do Brasil*, ed. da Acad., Rio, 1931, XX.

(XIX) Artigo reproduzido neste volume.

(XX) *Informação* de 84.

(XXI) Carta I.

VIDA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA

A missão se compunha, ao que parece, de treze jesuitas (XXII) e era chefiada pelo padre Manuel de Paiva. A Anchieta, como único sabedor de latim, coube a regencia da escola de gramatica. Lecionava em três classes diferentes, contando entre seus alunos os proprios companheiros de hábito, inclusive o superior. Com vinte anos incompletos, era ele assim a cabeça da casa, que se iniciava com uma escola no meio barbaro. Ensinando os brasis, com eles procurou logo aprender a lingua da terra. Em poucos meses já entendia “quasi todo seu modo” (XXIII) e sem perda de tempo compôs arte e vocabulario, que por exemplares manuscritos foram adotados em Piratininga a partir de 1555 e desde 1560 na Baía.

Ainda em 1554 esteve com Nobrega em São Vicente, onde também se encontrava em março de 55. Viera doente de Portugal. E no Brasil, onde “as medicinas são trabalhos” (XXIV), longas caminhadas, ofícios grosseiros, assistencia penosa aos indios, recuperara logo a saúde.

Sua superioridade de letrado, “destro em quatro linguas, portuguesa, castelhana, latina e brasilica” (XXV), sua piedade, sua conformação com a disciplina de ferro da Companhia, seu espirito de devotamento e o calor de sua fé deram-lhe logo, apesar de simples irmão, um lugar de evidência na comunidade vicentina. E Nobrega não podia deixar de se utilizar, em todas as oportunidades, de tanta inteligencia e tanto zelo, fazendo do Canarino o seu auxiliar predileto nos trabalhos da catequese.

A falta de recursos, vivendo a casa quasi que exclusivamente do que lhe davam os indios em troca do trabalho de ferreiro de Mateus Nogueira, não permitiu desde logo a transformação da escola de meninos em collegio da Companhia, como era projeto de Nobrega. Só em fins de 1555, de acôrdo com o incansavel Luiz da Grã, ficou resolvido “formar em perfeito collegio o que só era inchoadado em Piratininga”, tendo “princípio a execução desta solenidade nos primeiros de janeiro do ano seguinte de 1556” (XXVI). Em Piratininga permaneceu o collegio até 1561, quando se transferiu para São Vicente. Mas, por falta de mantimentos na vila da costa, a classe de gramatica em novembro do mesmo ano foi de novo instalada no planalto.

(XXII) V. nota 33.

(XXIII) Carta II.

(XIV) Carta II.

(XXV) S. de Vasconcelos, *Cronica da Companhia de Jesu*, Lisboa, ed. de 1865, liv. I, n. 157.

(XXVI) Id., liv. I, n. 202.

VIDA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA

As necessidades da catequese e do ensino dividiam a atividade de Anchieta entre as vilas do mar e São Paulo: em maio e junho de 60 se encontrava em São Vicente; na quaresma de 61 esteve em Piratininga, tendo assistido á partida da expedição contra os índios, de que participaram Manuel de Paiva e Serrão; em junho dêsse ano escreveu de São Vicente a carta XII; em novembro tornou para Piratininga, onde se encontrava ainda em julho de 62, pelo que se depreende da carta XIV, em que descreve o ataque dos índios sublevados contra a povoação; em dezembro dêsse mesmo ano visitou Itanhaen, para onde voltou na quaresma de 63, depois de uma estada de quinze dias na vila de Santos; e a 16 de abril datava de São Vicente a já citada carta XIV.

As incursões tamoias ameaçavam despovoar e arruinar a capitania. E Nobrega, realizando um projeto antigo, resolveu ir até Iperoig, para tentar as pazes, levando Anchieta como intérprete. A 18 de abril partiram os dois jesuitas, “como homens *morti destinatos*, não tendo mais conta com morte nem vida” (XXVII). Detiveram-se na Bertioga cinco dias e a 23 embarcaram na canoa de José Adorno. Nobrega rezou missa a 1 de maio na ilha de São Sebastião. No dia seguinte prosseguiram viagem e a 5 alcançaram Iperoig. Num altar improvisado, o grande jesuita disse missa no dia 9 e a 14 conseguiram os inácinos hospedagem em uma das aldeias. Os tamoios preparavam então uma forte investida contra São Vicente, tanto mais perigosa quanto era evidente “a pouca indústria que os Cristãos têm em se defender” (XXVIII). A 23 chegou o principal Pindobuçú com duas canoas e quatro dias depois Aimbiré com mais dez. José Adorno, que partira para o Rio de Janeiro afim de se entender com os tamoios e franceses dali, encontrou-se na viagem com um genro de Aimbiré, a quem confiou as cartas que levava, tornando para Iperoig a seu conselho. Chegado a 27 de maio, embarcou em seguida para São Vicente. A 9 de junho, estando os jesuitas na praia, surgiu uma canoa em que vinha Paranápucú, filho do principal Pindobuçú. Nobrega e Anchieta, diante da atitude hostil dos índios, trataram de fugir e perseguidos de perto por pouco não perderam a vida. Assim, bebendo “muitos tragos de morte” e ouvindo as justas queixas dos tamoios contra os portugueses, continuaram os jesuitas as tratativas de paz.

A 10 visitaram a aldeia de Cunhambeba. E dez dias depois chegou a Iperoig o bergantim enviado de São Vicente para transportar de volta os jesuitas. Nobrega relutou em embarcar, esperan-

(XXVII) Carta XIV.

(XXVIII) Carta XV, á qual pertencem também as citações seguintes.

do, escreve Anchieta, "que ainda nos poderia caber alguma boa sorte de ser comidos por amor do Senhor". Mas a sua presença em São Vicente era necessaria. De forma que embarcou no dia seguinte, deixando Anchieta em companhia de Antonio Dias, pedreiro de profissão, que até Iperoig se aventurara com o intuito de resgatar sua mulher e filhos, tomados em um dos assaltos ás povoações da costa.

A 25, os tamoios mataram e comeram um escravo de Antonio Dias, apesar dos esforços desesperados de Anchieta para salvá-lo. Afligindo-lhe a "carne com continuos temores", como ele proprio singelamente confessa, por mal sofrer o demonio, no dizer de Pero Rodrigues (XXIX), "ver a um mancebo metido nas chamas de Babilonia e não se lhe chamuscar nem um cabelo", socorreu-se o canarino "da intercessão da Virgem Nossa Senhora" e "prometeu de lhe compôr sua vida, para que o livrasse no corpo e alma de todo o perigo de pecado". Esse poema, ele o compôs passeando na praia e "valendo-se sòmente de sua rara habilidade e memoria extraordinaria", para escrevê-lo alguns meses mais tarde em São Vicente.

A 1 de julho chegaram mais cinco canoas do Rio e no dia seguinte tornou Anchieta a beber "trago de morte". No dia 5, nova dificuldade: fugidas de São Vicente surgiram em Iperoig seis canoas. Certo indio intrigante convencera os tamoios, que em São Vicente se achavam, de que Domingos de Braga havia morto um selvagem que de Iperoig desaparecera por aquele tempo. E se não fosse a intervenção de Pindobuçu e Cunhambeba, então na Bertioça, a debandada teria sido completa, comprometendo o armistício. No dia seguinte, mais dez canoas do Rio surgiram em Iperoig. E appareceu o indio que se tinha por morto, desfazendo-se assim a intriga.

Enquanto isso Nobrega reconciliava tamoios e tupis na igreja de Itanhaen. E em Piratininga eram recebidos amistosamente os tamoios do Paraíba. De forma que as negociações de paz chegaram a bom termo.

Em Iperoig, entretanto, a situação não melhorava, passando Antonio Dias a ser ameaçado de morte pelos tamoios chegados do Rio. Nem com a notícia da paz firmada em Itanhaen, trazida a 14 de agosto por Cunhambeba, deixou a indiada de planejar a morte do pedreiro. Tratou assim Anchieta de embarcá-lo quanto antes, o que conseguiu depois de muita dificuldade a 5 de setembro.

Chegara finalmente o momento de pensar também o Canarino em seu regresso. Seu amigo Cunhambeba, a quem procurou para combinar a viagem, não se mostrou muito disposto, só cedendo de an-

(XXIX) O. c., p. 207.

te dos rogos da mulher. E Anchieta com ele embarcou a 14 de setembro, atingindo a Bertioga e daí prosseguindo pela praia até São Vicente, que alcançou no dia seguinte.

Estavam salvas as povoações vicentinas. Mas era preciso povoar ainda com gente portuguesa o Rio de Janeiro. De forma que pôde o Canarino com verdade afirmar, rematando a narrativa de sua missão a Iperoig, que “o fim desta paz foi de fato fim de guerra e princípio de outra”.

A 6 de fevereiro de 1564, com os reforços obtidos na Baía e no Espirito Santo, chegava ao Rio de Janeiro a frota enviada de Portugal, sob o comando de Estacio de Sá, muito jovem ainda, que já participara da expedição de 1560. E a chamado do capitão-mór, Nobrega e Anchieta (que já haviam estado em Piratininga, onde haviam sido solicitados os seus serviços de habil cirurgião, afim de socorrer os índios que a variola dizimava) deixaram São Vicente a 19 de março. De passagem visitaram os tamoiós de Iperoig e na noite de 31 entraram barra a dentro. A frota já não se encontrava na baía desde dois dias. Forçada, porém, pelos ventos contrários na manhã de 1 de abril voltou, encontrando os jesuitas em situação crítica, sem possibilidade de fuga e sem meios de defesa contra qualquer ataque dos índios. Dia 2, domingo de Pascoa, foi rezada missa na ilha de Villegaignon. E por se achar a frota “mui desbaratada”, seguiu para São Vicente afim de “se refazer” (XXX).

Começou então Estacio de Sá a “experimentar graves dificuldades acêrca da empreza, movidas por várias pessoas da mesma armada, ás quais não parecia bem acometer em tal ocasião de tempo” (XXXI). Mas Nobrega, auxiliado por Anchieta, tudo providenciou para o exito da expedição. Convencido da vitória, quebrou a resistencia dos covardes e remissos. Para agradá-los, conta Simões de Vasconcelos, “levou-os a recrear á nossa casa de São Vicente por alguns dias, e á vila de Piratininga outros”. Correu as aldeias, aliciando soldados. Facilitou os aprestos da armada. Arranjou mantimentos. Voluntarioso, habil, tenaz e incansavel, o insigne jesuita foi assim o animador da expedição. Mais um serviço que ele prestava á Corôa vencendo a indolência e o descaso de seus agentes.

Assim, graças a Nobrega, pôde Estacio de Sá partir na capitânia a 22 de janeiro de 65, para a conquista e povoação do Rio de Janeiro. Alcançando no mesmo dia a ilha de São Sebastião, aí ficou á espera do resto da armada. A 27, finalmente, seguiram cinco navios pequenos, sendo três de remos, e oito canoas com os mama-

(XXX) Carta XV.

(XXXI) S. de Vasconcelos, o. c., liv. 3, n. 60.

VIDA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA

lucos de São Vicente, índios do Espírito Santo e Cananéa e discípulos de Piratininga, tendo os tamoiros de Iperoig se recusado a combater os parentes do Rio. Com o refôrço enviou Nobrega o padre Gonçalo de Oliveira e Anchieta.

Reunida a frota na ilha de São Sebastião, os navios pequenos e as canoas partiram a 1 de fevereiro para a ilha Grande, aí chegando dia 4 ou 5. A 10 os mamalucos desembarcaram numas ilhas, a uma legua da barra. Cançados de tanta demora, já se preparavam para regressar a São Vicente abandonando a emprêza, quando a 15 chegou a capitânia. Sòmente seis dias depois, surgiram os outros navios. Para contentar a impaciencia de índios e mamalucos e ao mesmo tempo remediar a falta de mantimentos estabelecendo-se em lugar em que fosse possivel fazer plantações, os capitães dos navios sugeriram a entrada immediata na baía. A situação se agravava cada vez mais e parecia insolúvel quando a 27, providencialmente, chegou das vilas do norte um navio carregado de mantimentos, sob o comando de João de Andrade. E a frota logo no dia seguinte entrou na barra. A 1 de março começaram os homens da expedição a roçar em terra, no istmo da península de São João, entre o morro Cara de Cão e os penedos do Pão de Assucar e Urca. José Adorno e Pero Martins Namorado, êste nomeado mais tarde juiz ordinario, construíram um poço.

No dia 6 houve o primeiro combate contra quatro canoas tamoiros. A 10 avistou-se uma nau francesa a legua e meia da cêrca. Atacada no dia seguinte, caiu em poder dos portugueses. Nessa mesma ocasião, aproveitando a ausencia de Estacio de Sá, quarenta e oito canoas de índios tentaram tomar a tranqueira. Os franceses da nau, que se diziam mercadores e catholicos, tiveram permissão de voltar para a Europa, o que fizeram sem demora deixando aos patricios do Rio cartas em que os aconselhavam a abandonar os índios, reunindo-se aos portugueses. Ainda a nau se encontrava na Baía quando os tamoiros, incansaveis, desferiram novo ataque com vinte e sete canoas.

A 31 de março deixou Anchieta o Rio de Janeiro, partindo com João de Andrade para a Baía, afim de receber as ordens sacras. No Espírito Santo interrompeu a viagem visitando, a mandado de Nobrega, a casa da Companhia e as aldeias dos índios.

Recebido na Baía pelo provincial Luiz da Grã, foi Anchieta ordenado pelo bispo d. Pedro Leitão. Quando deixara o Rio, preparavam os tamoiros com o auxílio de três naus francesas novo ataque á cêrca portuguesa, que levaram a efeito nos primeiros dias de junho. A situação era desfavoravel. Sem receber novos reforços, desprovidos de mantimentos, isolados e cercados, os reinos não podiam

resistir por muito tempo. De forma que não disfarçavam os vicentinos o proposito de "ir-se para suas casas, como é razão", collocando os officiaes deante da seguinte alternativa: "se os não deixam ir, perdem-se suas fazendas, e se os deixam ir fica a povoação desamparada" (XXXII). Foi o que Anchieta expôs a Mem de Sá, demonstrando a necessidade de enviar uma armada ao Rio, bastante forte para dominar de vez a baía e fundar a povoação projetada.

Com a vinda do reino de três galeões, sob o comando de Cristóvão de Barros, preparou Mem de Sá a expedição, com mais dois navios e seis caravelões. E á frente da armada deixou a Baía em novembro, embarcando em sua companhia o bispo d. Pedro Leitão, o visitador Inacio de Azevedo (chegado a 24 de agosto), o provincial Luiz da Grã e os padres Antonio Rodrigues, Baltasar Fernandes, Antonio da Rocha e Anchieta.

A 18 ou 19 de janeiro de 1567 chegou a frota ao Rio de Janeiro. A 20, dia de São Sebastião, foram assaltadas e tomadas as duas tranqueiras tamboas. Depois da morte de Estacio de Sá, frechado no ataque de Ibiriguaçumirim, em fins de fevereiro portanto, o bispo e os jesuitas seguiram para São Vicente, onde os esperava Manuel da Nobrega. Visitada a casa de Piratininga e resolvida, extinguindo-se o de São Vicente, a fundação de um collegio no Rio de Janeiro, para lá embarcaram d. Pedro Leitão, Inacio de Azevedo, Nobrega e Anchieta. Na Bertioga deixaram o navio que os conduzia por uma canoa afim de atingir a terra, onde pretendiam rezar uma missa. A embarcação foi então perseguida por uma baleia e a salvação dos jesuitas tida por milagrosa. No dia de São Tiago celebraram missa solene em ação de graças e prosseguiram viagem.

No Rio de Janeiro, como auxiliar de Nobrega na direção do Collegio, a que ficaram subordinadas as casas de Espirito Santo, São Vicente e Piratininga, permaneceu Anchieta muito pouco tempo. Em outubro já se encontrava de novo em São Vicente, com o cargo de superior.

Substituído ao Collegio do Rio, as duas casas da capitania já não tinham a importancia de quinze anos antes, quando abrigavam maior número de irmãos que quaisquer outras espalhadas pela provincia. Os trabalhos da catequese prosseguiam entretanto sem desfalecimentos, dentro do limite do possível. "Trabalhamos por nos conformar, quanto o permite a terra, com o que nos deixou ordenado", escrevia Anchieta em julho de 70 referindo-se ás instruções deixadas pelo visitador Inacio de Azevedo.

Nesse mesmo ano de 70 dois moradores de São Paulo, "um

(XXXII) Carta XVI.

deles nobre e conhecido, por nome Domingos Luiz Grom, ambos casados e ambos com familia”, tendo cometido um assassinato, fugiram com os seus para o sertão, “metendo-se de companhia com os barbaros, que estavam com os nossos em guerra, estimulando-os a que acometessem e pondo em assombro e medo toda a capitania”. Anchieta resolveu intervir, conjurando o perigo. Obteve dos camaristas “salvo conduto e perdão áqueles delinquentes” e, em companhia do padre Salvador Rodrigues, do secular Manuel Veloso e alguns indios, desceu o Anhembí. A canoa, proximo do lugar onde se achavam os dois portugueses, “caiu “de repente do alto de uma cachoeira, que tinha o rio, fazendo-se em pedaços e sepultando a todos o profundo das aguas” (XXXIII), donde a suposição de Machado d’Oliveira de que a expedição tenha navegado o Tietê além de Porto Feliz, por existir pouco abaixo dessa cidade a cachoeira Avaremandoava, “que quer dizer *cachoeira do padre* e, segundo a tradição, esta denominação significa o fato de haver ali naufragado a canoa em que ia Anchieta” (XXXIV). Salvo pelo indio Araguaçú, em circunstancias consideradas milagrosas, o Canarino alcançou a habitação dos portugueses e com eles tornou para Piratininga deixando os indios sossegados.

Data tambem do periodo em que dirigiu as casas da capitania vicentina a conversão dos tapuias maramomis. Na Bertioga, ao acaso de uma de suas peregrinações ou com o proposito deliberado de tratar com os reinois, surgiram varios indios dessa nação. Levados á presença do capitão-mór e logo depois aos jesuitas, reconheceu Anchieta um dos maramomis, por ele salvo da morte vinte anos antes em Piratininga, o que fixa a data da conversão, não anterior a 1574. Depois de alguns dias deixaram os indios as povoações da costa, em-

(XXXIII) S. de Vasconcelos, *Vida do veneravel padre Ioseph de Anchieta*, Lisboa, 1672, liv. 3, cap. VI.

(XXXIV) *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, 2ª ed., S. Paulo, 1897, p. 49. Machado d’Oliveira, entretanto, refere-se ao naufragio como tendo ocorrido durante uma expedição ordenada por Mem de Sá em 1560, data que Capistrano corrige para 1561 (nota a Varnhagen, *História geral do Brasil*, 3ª ed. int., I, p. 387), expedição de que participou Anchieta como intérprete, segundo geralmente se sustenta. Entretanto, confrontando as informações contidas na carta XII com o que diz Baltasar Teles (*Cronica da Companhia de Jesu da provincia de Portugal*, Lisboa, 1647, I, p. 494) e ainda o proprio Canarino na biografia que traçou de Manuel de Paiva, na expedição partida pela quaresma de 1561 seguiu esse padre tendo por companheiro e intérprete Gregorio Serrão e não Anchieta. Como S. de Vasconcelos, Pero Rodrigues (o. c., p. 219-20) narra o naufragio, quando se refere á entrada feita pelo Apostolo para levar o perdão aos dois portugueses criminosos, que se haviam metido entre os indios.

brenhando-se nos matos. Mas logo depois tornaram em maior número. Localizados os maramomis na Bertioga, Anchieta e seu companheiro de hábito Manuel Viegas entre eles se demoraram quinze dias, “edificando-lhes igreja e ensinando-os, segundo pedia por então sua rustica capacidade” (XXXV). Nesse breve espaço de tempo, o Canarino valendo-se de um intérprete “fez um pedaço de vocabulario e tambem o princípio da arte” (XXXVI). Como suas obrigações o chamavam para São Vicente, deixou na Bertioga o padre Manuel Viegas, que vencendo a opposição de seculares e religiosos, para quem parecia trabalho inutil a conversão dos maramomis, “aprendeu sua lingua com grande diligência e nela tresladou toda a doutrina que o padre Joseph tinha composta, pera os da lingua da Costa, fez vocabulario copioso, e com sua ajuda se compôs arte da gramatica” (XXXVII). Mais tarde foram os maramomis reunidos em aldeias nos campos de Piratininga e no Rio de Janeiro, junto a São Barnabé.

Embora eleito em 73 reitor do collegio do Rio de Janeiro, Anchieta foi conservado pelo provincial Inacio de Tolosa na direção de São Vicente, “por se assentar que era importante e mais do serviço de Deus sua assistencia em São Vicente” (XXXVIII). Só em 75 ou 76 deixou ele esse cargo, embarcando em 77 para a Baía com Inacio de Tolosa. Aí prestou a profissão solene dos quatro votos e recebeu patente de reitor do collegio. Não chegou porém a exercer o cargo, por ter sido nomeado provincial logo depois, em 1578.

Elevado á suprema dignidade da Companhia no Brasil, na brandura e na humildade, então maiores do que nunca, disfarçou aos olhos de todos a autoridade de seu cargo. Nas viagens por mar, “vigia toda a noite para que os outros dormissem descansados” e em terra não abandonou “seu antigo costume de andar a pé, descalço, com o bordão na mão” (XXXIX). No desempenho de suas novas atribuições, percorreu mais de uma vez as residencias da provincia. Depois de visitar Pernambuco, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente, em novembro de 79 encontrava-se na casa de Piratininga, tornando logo depois ao Rio, onde assistiu em março de 82 á chegada de Diogo Flores Valdez e recebeu na Companhia um carpinteiro da frota, Francisco de Escalante.

Fernão Cardim não menciona o Canarino entre os religiosos que na Baía receberam o visitador Cristóvão de Gouvêa a 9 de maio de

(XXXV) S. de Vasconcelos, o. c., liv. 3, cap. IX.

(XXXVI) P. Rodrigues, o. c., p. 200.

(XXXVII) S. de Vasconcelos, o. c., liv. 3, cap. IX.

(XXXVIII) S. de Vasconcelos, o. c., liv. 3, cap. I.

(XXXIX) P. Rodrigues, o. c., p. 222.

1583. E' provavel, pois, que se encontrasse ele entãc, por deveres de seu cargo, em visita a outra residencia da Companhia. Certo é, porêr, que a 18 de agosto embarcou com Cristóvão de Gouvêa, destinando-se os jesuitas a Pernambuco. Mas no dia seguinte o navio tornou á Baía, impellido pelos ventos contrarios. A 20 deram á vela novamente, lançando ancora na barra do Camamú, em terras do collegio da Baía e dele distanets 18 leguas. Persistindo os ventos desfavoraveis, aí ficaram oito dias. Tentada novamente a viagem, foram obrigados a aportar na capitania de Ilhéus, onde se detiveram mais oito dias. A 21 de setembro partiram, deixando-os o vento no dia seguinte em Porto-Seguro. Depois de visitadas as aldeias dos indios e adiada para epoca mais favoravel a ida a Pernambuco, a 2 de outubro voltaram para a Baía.

Na séde da colonia esteve Anchieta presente á congregação provincial realizada a 8 de dezembro. E a 3 de janeiro de 84 acompanhou Cristóvão de Gouvêa na visita ás aldeias de Espirito Santo, Santo Antonio e São João. A 20 de fevereiro encontrava-se de novo na Baía. Seriamente enfermo, não lhe foi possivel, em fins de junho, seguir com o visitador para Pernambuco.

Retido certamente pelos deveres de seu cargo, inclusive a redação da *Informação* e da *Breve narrativa* de 84, tambem deixou de embarcar em companhia de Cristóvão de Gouvêa, a 14 de novembro, na missão ás capitancias do sul. Ao que parece, só deixou a Baía, afim de se reunir á comitiva do visitador, nos primeiros meses de 85, levando consigo o padre Gonçalo d'Oliveira, readmitido pouco antes na Companhia. E do Rio, juntamente com o visitador, tornou para a Baía, onde já se encontravam os jesuitas nos primeiros dias de outubro.

Nesse mesmo ano de 85 ou em princípios do seguinte, depôs nas mãos do visitador o fardo do provincialato. Mas, "coluna grande desta provincia", no dizer de Fernão Cardim (XL), apesar de doente e cansado, abandonando voluntariamente o provincialato não encerrou a sua atividade missionaria. A Companhia necessitava ainda de seus serviços. E junto dele, á sombra de sua piedade, desejavam viver os jesuitas, seus discipulos.

De forma que ainda em 86, provavelmente, Anchieta foi enviado ao Rio de Janeiro e do Rio, entre junho e dezembro de 87, ao Espirito Santo.

Em 1592, assistiu na Baía á congregação provincial que elegeu o padre Luiz da Fonseca procurador a Roma. Até o embarque des-

(XL) *Tratados da terra e gente do Brasil*, Rio, ed. J. Leite, 1925, página 298.

te, auxiliando-o nos preparativos de sua missão, deve ter Anchieta permanecido na Baía. Trabalhavam no sentido de encaminhá-lo para Pernambuco. Mas, cumprindo a promessa feita ao capitão Miguel de Azeredo, o provincial Marçal Belliarte tornou a enviar o Canarino para o Espirito Santo, como companheiro do padre Diogo Fernandes, na doutrina dos índios de Reritiba. Um ano depois, ainda a mandado de Belliarte, inspecionou as casas do Rio de Janeiro e São Vicente, voltando em seguida para o Espirito Santo. Achava-se ele em Reritiba quando foi nomeado superior da casa da capitania, cargo que exerceu até 95. Teve então como discípulo o famoso João de Almeida, vindo em 93 da Baía e recebido na Companhia um ano antes.

Deixando a direção da casa, partiu para Reritiba “levado a ombros de quatro índios” (XLI), por determinação dos jesuitas da vila e em atenção á sua idade avançada e á sua pouca saúde. Em meio da viagem, porém, despediu os índios e alcançou Reritiba a pé. Aí se ocupou em escrever a biografia dos jesuitas mortos no Brasil. Gravemente enfermo, foi chamado á casa da vila. Acompanhado até a aldeia de Goaraparí por Jeronimo Rodrigues, dali seguiu viagem com o padre Manuel Dias. Confiaram-lhe então, mais uma vez, a direção da casa e residências do Espirito Santo. Cinco ou seis meses, enquanto se esperava o padre Pedro Soares, nomeado superior, arcou Anchieta com as responsabilidades do cargo, vencendo a idade e os achaques.

E tornou para Reritiba. Então adoeceu para morrer. Sofreu seis meses e novamente, por ordem do superior, esteve na vila. Mas, sentindo-se peor, voltou para a aldeia. E três semanas depois, num domingo, 9 de junho de 1597, morreu cercado por cinco religiosos, seus companheiros e discípulos. Tinha 63 anos de idade, 46 de Companhia e 44 de missão no Brasil.

Colocado o corpo num caixão de madeira, formou-se o cortejo, tendo á frente a Cruz alçada, para vencer as dezoito leguas de Reritiba á vila do Espirito Santo. Acompanhando o caixão, transportado nos ombros dos índios (Não pesa, não pesa — diziam eles) seguiram o padre João Fernandes, revestido de alva e estola, e os habitantes da aldeia, “postos em ordem e em canto funebre (XLII). O padre Pedro Soares se incorporou ao cortejo em meio do caminho. Na vila esperavam o corpo o capitão Miguel de Azevedo, o prelado administrador Bartolomeu Simões Pereira, o clero, os

(XLI) S. de Vasconcelos, o. c., liv. 5, cap. XV.

(XLII) Esta e as citações seguintes são igualmente da biografia escrita por S. de Vasconcelos, liv. 5, cap. XV.

SACRA RITVVM
CONGREGATIONE

Emo, & Rmo D. Card.

IMPERIALI

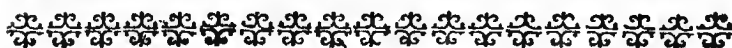
Brafilien., feù Bahyen.

Beatificationis, & Canonizationis

VEN. SERVI DEI

P. IOSEPHI
DE ANCHIETA

Sacerdotis Professi Societatis Iesu.



POSITIO

SVPER DV B IO.

*An conflet de Virtutibus Theologalibus Fide, Spe, & Cbaritate
erga Deum, & Proximum; Et de Cardinalibus, Prudentia,
Iustitia, Fortitudine, & Temperantia, earumque
annexis in gradu heroico, in casu, & ad
effectum de quo agitur.*



ROMÆ, M. DCC. XXXIII.

Ex Typographia Reuerendæ Cameræ Apostolicæ
Superiorum facultate.

*Reprodução fac-similar reduzida de livro documentar para a bea-
tificação e canonização de Joseph de Anchieta (Coleção do
Museu Paulista)*

BRASILIENSIS, SEU BAHYENSIS

Beatificationis, & Canonizationis

VENERABILIS SERVI DEI

JOSEPHI DE ANCHIETA

Sacerdotis Professi Societatis JESU.

Feria Tertia 31. Julii 1736.

Coram Sanctissimo D. N. CLEMENTE PAPA XII. habita fuit Congregatio Generalis Sacrorum Rituum, cui interfuere sexdecim Eñi, ac Rñi D. D. Cardinales. Decem Illñi, ac Rñi DD. Patriarchæ, Episcopi, & Prælati, & decem, & octo Consultores; & proposito per Eñum, ac Rñum D. Cardinalem Imperiali Ponentem, seu Relatorem, dubio: *An constaret de Virtutibus, tum Theologalibus, tum Cardinalibus Ven. Servi Dei JOSEPHI DE ANCHIETA, in casu, & ad effectum, de quo agitur.* Omnes unanimi voto, & nemine discrepante, affirmativè responderunt; Sanctissimus verò, ut in re tanti momenti maturè procederetur, decrevit: *Dilata, & fiant preces*: quæ cum per integrum novendium præcedens festum S. Laurentii, cujus nomen Sanctissimus habebat antequam ad Summi Pontificatus apicem conscenderet; tam a Sanctitate Sua, quàm à quamplurimis Religiosis, & Monialibus ejus jussu factæ fuissent, die decima Augusti publicari mandavit decretum tenoris sequentis:

DECRETUM

Coram Sanctissimo D. N. CLEMENTE PP. XII. die 31. Julii currentis anni 1736. habita fuit Congregatio Generalis Saer. Rituum, in qua per Rñum D. Card. Imperiali Ponentem, seu Relatorem proposta fuit Causa Brasiliensis, seu Bahyensis Beatificationis, & Canonizationis Ven. Servi Dei JOSEPHI DE ANCHIETA Sacerdotis Professi Societatis JESU. In ea verò super Dubio: *An constet de Virtutibus, tum Theologalibus, tum Cardinalibus ipsius Ven. Servi Dei, in casu, & ad effectum, de quo agitur*: Sanctitas Sua, auditis Votis DD. Consultorum, nec non Rñorum DD. Cardinalium: Resolutionem ea ipsa die de more differre censuit, ut nimirum, prius tum suis, tum aliorum precibus peculiarem à Patre, luminum opem, & auxilium imploraret. Id autem cum jam peregerit, tandem infra-scripta die, Divo Laurentio Sacra, accitis coram se R. P. Ludovico de Valentibus Fidei Promotore, & me infra-scripto Secretario, super proposito Dubio publicari mandavit responsum affirmativum, videlicet: *Constare de Virtutibus Venerabilis Servi Dei JOSEPHI DE ANCHIETA, tam Theologalibus, scilicet, Fide, Spe, & Charitate, quàm Cardinalibus, Prudentia, Justitia, Fortitudine, & Temperantia, earumque respectivè annexis in gradu heroico, in casu, & ad effectum, de quo agitur*: Et ita &c. die 10. Augusti 1736.

A. F. Cardinalis Zondadari Pro-Præfatus.

Loco ✠ Sigilli

Tb. Patriarcha Hierosolymitanus S.R.C. Secret.

Reprodução fac-similar reduzida de página do livro, a que se refere a figura anterior, com o decreto de S. P. Clemente XII, da beatificação do Pe. Joseph de Anchieta.

VIDA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA

frades franciscanos, a Irmandade da Misericórdia com “andas ricamente ornadas”, as confrarias de todas as igrejas com tochas acesas e os moradores da vila, “porque tocava a todos a obrigação e sentimento”. Depositado o corpo na igreja da Companhia, no dia seguinte, quinta-feira, 13, celebrou-se missa cantada, prègando o administrador que então e pela primeira vez proclamou em José de Anchieta o Apostolo do Brasil.

Em seguida foi o corpo sepultado junto ao túmulo de Gregório Serrão, na capela de São Tiago, cumprida assim a profecia a que se referem os primeiros biographos (XLIII).

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO.

(XLIII) Os processos informativos para a beatificação e canonização foram logo feitos em Olinda, Baía, Rio de Janeiro, São Paulo e Evora. Iniciado o exame deles a 22 de abril de 1624 e instaurados a 7 de outubro do mesmo ano os processos apostolicos, só em 10 de agosto de 1736 decretou Clemente XII a beatificação de José de Anchieta, pelo reconhecimento da heroicidade de suas virtudes theologais e cardeais. — Em 1611, por ordem do geral Claudio Aquaviva, parte das reliquias seguiu para a Baía, sendo colocada na igreja do Collegio ao lado do altar-mór, de onde a transportaram para outro lugar, quando promulgado breve *Non cultu* de Urbano VIII. Segundo informa S. de Vasconcelos (*Vida de Anch.*, liv. 5, cap. XV), “destas reliquias foi uma a Roma”, ainda por ordem de Aquaviva.

INDICE

NOTA PRELIMINAR, de Afranio Peixoto	5 — 11
A OBRA DE ANCHIETA NO BRASIL, de Capistrano de Abreu	11 — 15
INTRODUÇÃO, de Afranio Peixoto	17 — 25
BIBLIOGRAFIA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA, S. J.	27 — 31
I. QUADRIMESTRE DE MAIO A SETEMBRO DE 1554, DE PIRATININGA	
Partida do Padre Leonardo Nunes. — Resi- dencias da Companhia no Brasil. — Padres Ma- nuel da Nobrega, Luiz da Grã, Antonio Pires e Ir- mão João Gonçalves. — Morte de Domingos Peco- rella. — Porto Seguro. — Padre Ambrosio Pires e Irmão Antonio Blasquez. — Espirito Santo. — Padre Braz Lourenço e Irmão Simão Gonçalves. — São Vicente. — Padres Manuel da Nobrega, Manuel de Paiva, Francisco Pires, Vicente Rodri- gues, Afonso Braz, Leonardo Nunes, e Irmãos Dio- go Jacome, Gregorio Serrão, Pero Corrêa, Antonio Rodrigues, Manuel de Chaves, Fabiano, Antonio, Mateus Nogueira, João de Sousa e Gonçalo An- tonio. — Trabalhos e frutos da catequese em Pi- ratininga. — Carijós. — Guerras do gentio. — Os mamalucos de João Ramalho. — Ida de Pero Corrêa e mais dois Irmãos á terra dos Ibirajáras. — Espera do Padre Luiz da Grã.	35 — 61
II. AOS IRMÃOS ENFERMOS DE COIMBRA, DE S. VICENTE (1554)	
Partida do Padre Leonardo Nunes. — Saúde de Anchieta. — Notícias de Gregorio Serrão e Ma- nuel da Nobrega. — Estudos da lingua geral. — Trabalhos dos missionarios no Brasil.	62 — 66

INDICE

III.	AO PADRE MESTRE INACIO DE LOIOLA, PREPOSITO GERAL DA COMPANHIA DE JESUS, DE PIRATININGA, JULHO DE 1554	67 — 70
	Meninos órfãos. — Luxuria das Indias. — Troca de mestiços da terra por Irmãos de Coimbra. — Ida do Padre Leonardo Nunes. — A expedição de que participou Azpilcueta Navarro.	
IV.	AOS PADRES E IRMÃOS DA COMPANHIA DE JESUS EM PORTUGAL, DE PIRATININGA, 1555	71 — 78
	Residencias da Companhia no Brasil. — A catequese em Piratininga. — Guerras do Gentio. — Os Pagés. — Carijós. — Expedição do Padre Azpilcueta Navarro. — Missão dos Irmãos Pero Corrêa, João de Sousa e Fabiano de Lucena aos Ibirajáras. — Volta de Fabiano de Lucena. — Morte de Pero Corrêa e João de Sousa.	
V.	DE S. VICENTE, A 15 DE MARÇO DE 1555	79 — 84
	A escola de Piratininga. — Projetada missão de Nobrega aos Carijós. — Padre Luiz da Grã. — Morte de Pero Corrêa e João de Sousa.	
VI.	CÓPIA DE OUTRA, OU COMPLEMENTO DA ANTERIOR, DA MESMA DATA	85 — 86
	Grande escola de meninos em Piratininga. — Vinda de um principal Carijó.	
VII.	TRIMENSAL DE MAIO A AGOSTO DE 1556, DE PIRATININGA	87 — 91
	Doutrinação dos Indios. — Assistencia aos doentes. — Instrução dos meninos. — Notícias de Jeribatiba. — Padre Luiz da Grã.	
VIII.	DE PIRATININGA, FIM DE DEZEMBRO DE 1556	92 — 96
	Trabalhos e frutos da catequese. — Inauguração da igreja nova. — Padre Afonso Braz. — Doenças do Padre Luiz da Grã e Irmão Gregorio Serrão. — Jaraibatiba.	
IX.	QUADRIMESTRE DE SETEMBRO ATÉ O FIM DE DEZEMBRO DE 1556, DE PIRATININGA, ABRIL DE 1557 ..	97 — 102
	Doutrinação dos meninos. — Ida do Padre Luiz da Grã ás vilas do mar. — Notícias dos catecumenos. — Os pagés. — Ataque dos Indios. —	

INDICE

Destruição de três aldeias pelos castelhanos do Paraguai. — Entrada para a Companhia de um Irmão intérprete.

- X. Ao PADRE GERAL, DE S. VICENTE, AO ULTIMO DE MAIO DE 1560 103 — 143

Descrição das coisas naturais da Capitania de São Vicente. — Divisão das partes do ano. — Tempestades. — Disputa com um feiticeiro. — Enchentes dos rios. — Saída dos peixes. — Boi marinho. — Narração de uma tempestade no mar. — Entrada dos peixes. — Sucuriuba. — Jacaré. — Capivara. — Lontras. — Caranguejos. — Modo indigena de curar o cancro. — Jararaca, cascavel, coral e outras serpentes. — Piolho de cobra. — Aranhas. — Tatoranas. — Panteras. — Tamanduá. — Anta. — Preguiça. — Gambá. — Ouriços. — Macacos. — Tatú. — Veados. — Gatos monteses, gamos e javalis. — Lhama do Perú. — Bicho da taquara. — Formigas. — Abelhas. — Moscas e mosquitos. — Papagaios, beija-flores e outros passaros. — Guará e outras aves marinhas. — Aves de rapina. — Anhima. — Galinhas silvestres. — Mandioca e “Yeticopê”. — Erva viva. — Arvores medicinais. — Pinheiros. — Raizes medicinais. — Pedra elastica. — Conchas e perolas. — Espectros noturnos ou demonios. — Raras deformidades entre os Brasis. — Criança monstruosa. — Um porco hermafrodita.

- XI. Ao PADRE GERAL, DE S. VICENTE, A 1 DE JUNHO DE 1560 144 — 164

Resistencia dos Brasis á catequese. — Conversões na hora da morte. — Padre Afonso Braz e Irmão Gaspar Lourenço. — Visitas ás povoações. — Práticas abortivas entre o Gentio. — Irmão Diogo Jacome. — Officios dos Jesuitas. — Castidade das Indias Cristãs. — Padre Luiz da Grã. — Chuva de granizo. — Irmão Manuel de Chaves. — Batismo de dois cativos condenados á morte. — Irmão Gonçalo d'Oliveira. — Guerras com os Indios do sertão. — Os Franceses do Rio de Janeiro. — Jean des Boulez em São Vicente. — Sua disputa com Luiz da Grã e partida, prêso,

INDICE

	para a Baía. — Expedição de Mem de Sá contra os Franceses do Rio. — Socorro enviado de São Vicente. — A tomada do forte de Coligny. — Vinda de Nobrega. — Grã recebe a patente de Provincial.	
XII.	Ao PADRE GERAL DIOGO LAINEZ, DE S. VICENTE, A 12 DE JUNHO DE 1561	165 — 176
	Partida do Padre Luiz da Grã para a Baía. — Nobrega em Piratininga. — O caminho de Paranapiacaba. — Visita ás aldeias dos antigos discipulos. — Morte de Caiubi e de um seu filho. — Notícias de Santos e Itanhaen. — Substituição do capitão-mór. — Mudança de Santo André da Borda do Campo para Piratininga. — Gregorio Serrão. — Assaltos dos Indios e desfôrço dos Portuguezes. — Pestilencia de camaras de sangue. — Morte do Irmão Mateus Nogueira.	
XIII.	Ao GERAL DIOGO LAINEZ, DE PIRATININGA, MARÇO DE 1562, RECEBIDA EM LISBOA A 20 DE SETEMBRO DO DITO ANO	177 — 180
	Grandes trabalhos e pouco fruto da catequese. — Atividade de Nobrega, apesar de gravemente enfermo. — Transferencia da aula de gramatica de São Vicente para Piratininga. — Perversão dos antigos discipulos.	
XIV.	Ao GERAL DIOGO LAINEZ, DE S. VICENTE, A 16 DE ABRIL DE 1563	181 — 195
	Ataque dos Indios contra Piratininga. — Fidelidade de Tibiriçá. — Assaltos pelos caminhos. — Bens que resultaram da guerra. — Morte de Tibiriçá. — Padre Manuel da Nobrega. — Missão a Santos e Itanhaen. — Batismo de um Indio centenário. — Notícias dos Tamoios. — Nobrega e Anchieta se preparam para a viagem a Iperoig.	
XV.	Ao GERAL DIOGO LAINEZ, DE S. VICENTE, JANEIRO DE 1565	196 — 244
	Missão de Nobrega e Anchieta a Iperoig. — Paradas na Bertioiga e na ilha de S. Sebastião. — Chegada a Iperoig. — A razão por que os Tamoios queriam a paz. — Partida de refens para S. Vicente. — Doutrinação dos meninos. — Pro-	

INDICE

jetado ataque dos Tamoios ás povoações portuguezas. — Chegada de Pindobuçú. — José Adorno. — Chegada de Aimbiré e de um Francês luterano. — Notícias dos Franceses do Rio de Janeiro. — Partida de Adorno e alguns Tamoios para S. Vicente. — Chegada de um filho de Pindobuçú. — Visita á aldeia de Cunhambeba. — Nobrega volta para S. Vicente. — Domingos de Braga. — Batismo de um marabá. — Amizade de Pindobuçú. — Padre Francisco Cardoso. — Nobrega e Cunhambeba assentam as pazes com os Tupis. — Ida a Piratininga dos Tamoios do Paraíba. — Anchieta socorre os enfermos. — Chegada de Cunhambeba e partida de Domingos de Braga. — Cunhambeba e Anchieta embarcam para S. Vicente. — Assaltos dos Tamoios do Rio de Janeiro. — A armada de Estacio de Sá chega ao Rio. — Nobrega e Anchieta seguem ao seu encontro. — Vinda da armada a S. Vicente. — Peste de variolas. — Anchieta em Piratininga.

- | | | |
|--------|--|-----------|
| XVI. | AO PADRE DIOGO MIRÃO, DA BAÍA, A 9 DE JULHO DE 1565 | 245 — 256 |
| | <p style="margin-left: 40px;">A armada de Estacio de Sá em S. Vicente. — Partida para o Rio de Janeiro. — Sucessos da viagem. — Vinda de três navios da Baía. — Desembarque no Rio de Janeiro. — Construção da cerca. — Ciladas dos Tamoios. — Tomada de uma nau francesa. — Partida de Anchieta para a Baía. — Padre Gonçalo d'Oliveira. — Elogio de Estacio de Sá. — Necessidade de auxiliar os combatentes do Rio de Janeiro.</p> | |
| XVII. | AO GERAL PADRE FRANCISCO DE BORJA, DE S. VICENTE, A 10 DE JULHO DE 1570 | 257 — 260 |
| | <p style="margin-left: 40px;">Padre Inacio de Azevedo. — Missionarios da Companhia. — Em S. Vicente: Padres Afonso Braz, Adão Gonçalves, Baltazar Fernandes, Manuel Viegas e Anchieta. — Em Piratininga: Padres Vicente Rodrigues, Manuel de Chaves, Simão, Antonio Gonçalves e Irmão João de Sousa.</p> | |
| XVIII. | A UM SACERDOTE RECEM-ORDENADO, TODA DE PALAVRAS DA SAGRADA ESCRITURA | 261 — 264 |

INDICE

XIX.	DA BAÍA, EM 7 DE JUNHO DE 1578, A GASPAR SCHET, EM ANTUERPIA	265 — 267
	Projctada viagem a São Vicente. — Pesames pelo falecimento de Melchior Schet. — Notícias do Engenho dos Erasmos e seus feitores.	
XX.	DE PIRATININGA, EM 15 DE NOVEMBRO DE 1579, AO CAPITÃO JERONIMO LEITÃO, EM S. VICENTE	268 — 270
	Preparativos de viagem. — A igreja de Do- mingos Luiz. Os indios de Arariboia e o pa- dre Antonio Gonçalves.	
XXI.	SUMA DE OUTRA, AO IRMÃO ANTONIO RIBEIRO	271
XXII.	AO IRMÃO ANTONIO RIBEIRO, DO RIO DE JANEIRÃO, A 5 DE JUNHO DE 1587	272 — 274
XXIII.	DO ESPIRITO SANTO, EM 9 DE DEZEMBRO DE 1587, AO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE	275 — 276
XXIV.	AO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE, DO ESPIRITO SANTO, A 7 DE JULHO DE 1591	277 — 278
XXV.	AO IRMÃO FRANCISCO DE ESCALANTE, DO ESPIRITO SANTO	279
XXVI.	AO CAPITÃO MIGUEL DE AZEVEDO, DA BAÍA, A 1 DE DEZEMBRO DE 1592	280 — 289
	Chegada de naus do Reino. — Padre João Pereira. Congregação provincial. — Eleição do Padre Luiz da Fonseca para procurador a Roma. — Padre Fernão Cardim. — Negocios do Espirito Santo. — Atentado contra a vida do Inquisidor. — Partida do Padre Luiz da Fonseca para o Rei- no. — Padre Marçal Belliarte. — Padres Ga- vriel e Pedro Soares.	
XXVII.	AO GERAL PADRE CLAUDIO AQUAVIVA, DO ESPIRITO SANTO, A 7 DE SETEMBRO DE 1594	290 — 293
	Padre Marçal. Belliarte. — Missão de An- chieta ás Capitanias do Sul. — Jesuitas despedi- dos da Companhia. — Padre Melchior de Acosta, — Notícias do Rio de Janeiro. — Padres Fran- cisco Soares e João Pereira. — Espera do novo provincial Pero Rodrigues. — Notícias de São Vi- cente. — Padres Pero Soares e Domingos Fer-	

INDICE

reira. — Ataque dos piratas ingleses e insurrei- ção dos Indios. — Notícias do Espírito Santo. — Espera do padre Luiz da Fonseca.	
XXVIII. CARTA AO IRMÃO EMANUEL	294 — 298
XXIX. INFORMAÇÃO DO BRASIL E DE SUAS CAPITANIAS — (1584)	301 — 348
XXX. INFORMAÇÃO DOS PRIMEIROS ALDEIAMENTOS DA BAÍA	349 — 394
XXXI. BREVE NARRAÇÃO DAS COISAS RELATIVAS AOS Co- LEGIOS E RESIDENCIAS DA COMPANHIA NESTA PRO- VINCIA BRASÍLICA, NO ANO DE 1584	395 — 408
XXXII. INFORMAÇÃO DA PROVINCIA DO BRASIL PARA NOSSO PADRE — (1585)	409 — 447
XXXIII. INFORMAÇÃO DOS CASAMENTOS DOS INDIOS DO BRASIL	448 — 456
XXXIV. INFORMAÇÃO DO PADRE GONÇALO DE OLIVEIRA ...	457 — 462
XXXV. RESPOSTA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA AO PADRE GONÇALO DE OLIVEIRA	463 — 465
XXXVI. FRAGMENTOS HISTORICOS	469 — 495
XXXVII. SERMÃO DE 1567	499 — 516
XXXVIII. " DA CONVERSÃO DE S. PAULO (1568)	517 — 537
VIDA DO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA, de António de Alcantara Machado	541 — 560



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).